R.
5862

PALAVRA DE DEOS

DESATADA

Em Diſcurſos concionatorios

De Doutrinas Euangelicas, Moraes, & Politicas.

SEGVNDA PARTE

OFFERECIDA

AO GRANDE APOSTOLO DO ORIENTE

S. FRANCISCO XAVIER

Por ſeu Author

O P. FRANCISCO DE MATTOS,
da Companhia de JESVS, Meſtre dos
Noviços no Collegio da Bahia.

LISBOA,
Na Officina Real DESLANDESIANA.

M. DCCXII.
Com todas as licenças neceſſarias.

A Introducçaõ, & intençaõ do Author deſte Livro: a ſua Dedicatoria, & Prologo, eſtaõ no principio da Primeyra Parte.

TABOA

Dos Diſcurſos deſta Segunda Parte.

Comprehende dez letras do Alfabeto, & naõ tem mais nota, que a dos numeros.

DISCURSOS DA LETRA M.

I. Mal. O Da culpa taõ nocivo he depois de jà crecido; como em quanto vay crecendo. num. 1.

Mundo. He mais liberal para a vida, q̃ para o goſto. n. 3.

Morte. A lembrança da que eſtà por vir, naõ he menos importante, que a memoria da que jà veyo. num. 5.

Monſtro. O do peccado mortal, tanto ſe deve temer ao longe, como ao perto. num. 7.

Maõ. A de Deos tanto ha de ſer temida dos ſeus favorecidos, como dos ſeus caſtigados. num. 10.

Mãy. Naõ póde ſer adoptiva, a que ſe naõ parecer com a natural. num. 11.

Mortos. Os que jà o ſaõ para o mundo, tambem para elle devem ſer enterrados, ſenaõ quizerem aſſugentar os vivos. num. 13.

Mandato. Amor deſvelado, & no meſmo tempo deſcançado.num.14.

Morte. Tanto a dà quem tira a vida, como quem a naõ guarda.num.16.

Mudez. He enfermidade, & póde ſer ſaude. num.17.

Mantimentos. Os do demonio, ou ſaõ os de q̃ elle come, ou os que outros comem por elle; ou os q̃ elle de ſi meſmo faz, para ſe dar a comer a outros.n.21.

Medicina. Póde ſer para morte contingente, ſendo antes preparada para remedio certo.num.22.

Mercancia. Muytas vezes naõ he de muyto preço, ainda ſendo a couſa comprada muyto precioſa.num.24.

Merces. As que devem ſer mais eſtimadas, ſaõ as que naõ ſe devem.num.25.

DISCURSOS DA LETRA N.

II. Nome. QUanto mais grãde, mais cuſtoſo. n.1.

Naufragios. Dos improviſos tanto ſe livra, quanto ſe temem.num.8.

Nobreza. Quanto mais alta, mais arriſcada; ou a cair, ou a ſe deſluſtrar.num.11.

Nodoas. Aſſim como fazem cegueyra, tambem daõ viſta.num.12.

Nada. Tambem no meſmo tempo he tudo: & o que he tudo, no meſmo tempo he tambem nada.n.19.

Nuvens. Taes haõ de ſer, & naõ haõ de ſer os Grandes do mundo.num.21.

Negociaçaõ. Tambem traz lucro na perda; ſe da alma he o negocio.num.22.

Numero.

Numero. He mais importante o dos annos futuros, q̃ o dos paſſados.n.23.

DISCURSOS DA LETRA O.

III.Obras. A Conſideraçaõ das chegadas à morte, he a que melhor ordena as da vida. num.1.

Obediencia. Deyxar de a fazer cumprir, he o mais rigoroſo modo de caſtigar. num.5.

Obrigaçaõ. A que ſe faz a Deos, ſempre he mais premiada, que cuſtoſa. num.6.

Olhos. Os do inimigo ſaõ no meſmo tempo cegos, & lynces.num.8.

Obediencia. Tanto perſuade ſendo exemplo,como preceyto.num.11.

Obras. Sendo muytas,& naõ boas todas; ou ſendo hũa ſó, & naõ de todo boa; naõ daõ valor à virtude,nem direyto ao premio.num.13. *Vide num.XII.*

Ondas. Das do mar das culpas, tambem naõ livraõ os que naõ nadaõ. num.25.

Odio. He filho de boa mãy, & inimigo do melhor irmaõ.num.26.

Oraçaõ. Grande obſequio para Deos; mas a ſua liçaõ ainda mayor obſequio. num.28.

DISCURSOS DA LETRA P.

IV.Pena. A Do Delator malevolo, he a ſua meſma maldade.num.1.

Peccado. Ainda quãdo parece caſual,póde ter cauſa.n.3.

Prelados. Em zelar merecimentos devem ſer promptos:

& em os premiar, vagarosos. num. 4.

Prégador. Se o seu Sermaõ, assim como for alto, tambem naõ for claro; naõ será como elle o quer, nem como nòs o queremos. num. 5.

Póße. Ainda depois de lograda, ha de ser appetecida. n. 6.

Pastor. O mais vigilante he o que naõ perde a ovelha, ainda depois de perdida num. 7.

Peccados. Sendo o seu mar taõ tormentoso, daõ nelle fundo os seus navegantes muyto sossegados. n. 8.

Payxaõ. Tanto se condena a demasiada do louvor, como a do vituperio leve. n. 16.

Paciencia. Assim como he despojo do corpo, he póße da alma. n 17.

Palavra. He vocabulo da oraçaõ, & nella productivo de outros vocabulos. n. 19.

DISCURSOS DA LETRA Q.

V. Queda. QUem se levanta da primeyra, ha de fugir da segunda, se quizer livrar de muytas. n. 1.

Quaresma. O melhor, & o peyor tempo do anno. n. 5.

Questões. Naõ só as de Deos se propõem aos homens; mas tambem as dos homens saõ propostas a Deos. n. 6. *Vide num. XIII*

DISCURSOS DA LETRA R.

VI. Respeyto. NEm por ser muyto grande, he por isso sempre o melhor. n. 1.

Razaõ. Mais a admitte o odio, quando vista, do que quando examinada. num. 2.

Repre-

Reprehenſões. As de Deos no meſmo tempo, em que ſaõ caſtigos, ſaõ tambem favores.n.3.
Razaõ. He a melhor medida da honra: & naõ he o amor o que melhor a mede.n.4.
Rey. Nome muytas vezes mais cuſtoſo, q̃ venerado.n.5.
Rayo. Teme-ſe, quando ſe naõ ha de temer. n. 6.
Religioſo. Figura viva do predeſtinado, quando para o mundo morto.n.9.
Reyno. He hũa ſemelhança da vida, & mais da morte. n. 14. *Vide num. XIV.*
Remedio. Tambem ſe ſegura hum com outro.n.25.
Rumor. He como o veneno occulto, que mata ſem ſer ſentido.n.26.
Rainha. A Santiſſima, & ſoberaniſſima dos Anjos, naõ ſeria taõ grãde, ſe o naõ foſſe tãbem dos homẽs.n.28.

DISCURSOS DA LETRA S.

VII. Superiores. NAõ ſó haõ de eſperar dos ſubditos o exercicio das ſuas virtudes; mas tambem elles os haõ de ajudar com o exemplo das ſuas. n.1.
Sentença. Dada com juſtiça, he coroa de quẽ a deo. n. 2.
Suſtento. Tanto dano póde fazer o demaſiado, como o diminuto.n.3.
Solidaõ. Ainda que para ella poſſa haver alivio; para o ſolitario o naõ póde haver.n.4.
Sinal. Póde ſignificar menos do que diz; & ſer mayor o ſignificado, que o final.n.7.
Segredos. Mais depreſſa ſe pódem ſaber fechados no co-

raçaõ,do que proferidos pela boca.n.9.

Soberbos. Os occultos naõ pódem fugir ao caſtigo; & os deſcubertos pódem ter no caſtigo remedio. n.12.

Sacramento. Theatro do amor queyxoſo.n.13.

Silencio. Ha de fazer cegos,para que faça mudos. n.17.

Semelhança. A mais nobre,he a mais cõmunicada.n.19.

Soledade. Quem a padece,deſcança cõ a padecer. n. 22.

DISCURSOS DA LETRA T.

VIII. Teſtemunhas. Naõ provaõ melhor a verdade as mais em numero, ſenaõ as mais calificadas, ainda que ſejaõ menos. n. 1.

Trabalhos. Mais proveytoſos ſaõ os que Deos nos dà, do que os deſcanços, que nòs tomamos.n.2.

Traidor. Pouco diſta de vil.n.5.

Tentaçaõ. Tambem ſe vence com palavras,aſſim como com palavras ſe arma.n.8.

Tempo. Ainda que voa,pàra; ſe o que nelle ſe faz pàra, & naõ voa. n.10.

Tribunaes. He parecido o da Fé com o de Deos. n.11.

Theſouro. Nem por ſer mayor, he para ſeu dono a mayor riqueza. n.23.

Tribunal. O daconciencia propria he hum paraiſo: & tambem poderà ſer hum inferno.n.24.

DISCURSOS DA LETRA V.

IX. Virtudes. Mais ſe obra com hũa verdadeyra,q̃ com muytas ſuppoſtas.n.1.

Validos. Naõ ſaõ os mayores, os que mais mandaõ; ſenaõ os que mais obedecem.n.3.

Verdade.

Verdade. Quando ſe naõ abraça, naõ he porque ſe naõ diz; nem, porque ſe naõ ouve; nem, porque ſe naõ crè: he, porque ſe naõ ama. n. 5.

Vingança. Tanto ſatisfaz, como deſacredita. n. 8.

Verdade. Mais attençaõ ha de ter quem a diz, que quem a ouve. n. 10.

Vocaçaõ. A que he de Deos, conhece-ſe pelo que ſe deyxa. n. 12.

Vingativo. Quem o pudeſſe ſer com razaõ; mais razaõ teria para o naõ ſer. n. 16.

Vicios. Ainda que a preſença de Deos ſempre os eſtà arguindo; nem por iſſo os ſeus Authores os emendaõ ſempre. n. 18.

Vaidade. O mayor inimigo, & o da mayor amizade. n. 21

Viſtas. Tambem dizem verdades: & naõ ſe crem as verdades, que ellas dizem. n. 23.

DISCURSOS DA LETRA Z.

X. Zelo comedor. O Puro, & verdadeyro, ſó he cuſtoſo ao zelador, & naõ ao zelado. n. 1.

Zelo irado. Aſſim como no zelo comedor póde haver bom, & mao zelo; no zelo irado pódem os affectos ſer maos, & bons. n. 5.

Zelo vingativo. Ao zelo irado he ſemelhante o vingativo. n. 8.

Zelo invejoſo. Naõ he menos nocivo o vingativo, que o invejoſo. n. 10.

Zelo odiado. Ha zelos, que por ſerem maos, ſaõ odiados:

&

& ha zelos odiados, porque saõ bons. n.12.
Zelo do nada. Tambem do nada se póde ter mao zelo, ou bom.n.13.
Algũas das sentenças desta Segunda Parte, & tambem da Primeyra, comprehendem diversos Discursos, que aqui apontamos separados dos outros.
Discursos na Primeyra Parte, da letra D, incluidos no titulo da Doutrina.
XI. Doutrina do Prégador.n.28.
Doutrina do Conselheiro. n.29.
Doutrina do Exemplo.n.31.
Doutrina do Livro. n.34.
Doutrina da Pintura.n.36.
Discursos na Segunda Parte, da letra O, incluidos no titulo das Obras.
XII. Obras dos ricos do mundo.n.14.
Obras dos arriscados a perder a alma por se renderem aos appetites do corpo.n.15.
Obras dos amadores de honras.n.18.
Obras dos prezados de nobreza.n.20.
Obras dos que tem deyxado o mundo.n.22.
Discursos nesta mesma Segunda Parte, da letra Q, incluidos no titulo das Questões.
XIII. Questaõ das desculpas, q a Deos daõ os homẽs.n.6
Questaõ do que Deos obra.n.7.
Questaõ dos que parecem descuydos de Deos.n.13.
Questaõ do preço da alma. n.16.
Questaõ da verdade de Deos,& incredulidade dos homens.n.22.

Questaõ

Queſtaõ dos juizos dos homens, n. 27.
Diſcurſos neſta ſegunda Parte, da letra R, incluidos no titulo do Reyno.
Retrato do Reyno na vida. n. 14.
Retrato do Reyno na morte. n. 16.
Retrato do Reyno na alma. n. 18.
Retrato do Reyno no corpo. n. 21.



LICENCAS DA ORDEM.

Cenſura do Padre Joaõ de Marîs, da Companhia de Jeſus.

POr ordem do Padre Mattheos de Moura da Companhia de Jeſus, Provincial neſta Provincia do Braſil, li com empenhada attençaõ eſte Segundo Tomo da *Palavra de Deos deſatada*, que compoz o P. Franciſco de Mattos da meſma Cõpanhia, Provincial que foy tambem neſta Provincia, & agora actualmente Meſtre dos Noviços neſte Collegio da Bahia. E quanto mais hia lendo o deſatado dos aſſumptos; mais ſentia enleada a vontade, mais prezo o diſcurſo no ſuave de ſeus conceytos: aſſim como ſe ſoltava tambem mais o juizo em admirações do fino de ſuas ponderações. Donde me vim a perſuadir, que eſte taõ deſtro, como Religioſo Author, acertou com a traça de pòr em praxe o dictame do Poeta: *Omne tulit punctum, qui miſcuit utile dulci.* Aſſim diſcorre, aſſim reſolve; que o ſeu Alfabeto he a medulla da ſuprema doutrina Biblica, he o primor da eloquencia Predicatoria. Seus conceytos ſaõ partos

Horat. in Art. Poet.

da

da mais delgada agudeza: ſua agudeza, ſobre affavel, a mais douta: ſua doutrina, ſobre ponderoſa, elegante: ſua elegancia, em tudo ſuaviſſima. De ſorte, que ſe vè eſte Livro compoſto de quatro verdadeyras graças; para imitaçaõ, ou para emenda das tres antigas fabuloſas: porque aqui ſaõ perpetuas calidades deſte compoſto, a Eloquencia, Sutileza, Doutrina, & Suavidade: muy unidas, & reciprocas entre ſi; ſem embargo do deſatado da ordem das materias. Aqui vemos deſatada a eloquencia em ſutilezas: as ſutilezas abũdaõ em mares de muy delgados conceytos, para luſtre, & firmeza dos diſcurſos predicatorios: a doutrina avulta no ſolto rocio de documentos para a piedade, que aqui corre livre, & liberal, para inſinuarſe nos coraçõens humanos: a ſuavidade ſe oſtenta affavel, para convidar, & deter deſde logo o palato mais repugnante. Aſſim attrahe benigna, aſſim convida alegre, aſſim modeſta deleyta. Iſto ſinto, iſto julgo. E por iſſo me parece eſte Livro digniſſimo de que ſe dè à eſtampa: pois, ſobre as calidades referidas, nelle ſe naõ diviſa couſa algũa, que encontre a pura inteyreza de noſſa Santa Fé, & bons coſtumes. Collegio da Bahia 14. de Mayo de 1709.

Joaõ de Marîs.

CEN-

CENSURA DO P. MANOEL DIAS da Companhia de Jesus.

PADRE PROVINCIAL.

VI por mandado de V. R. eſte Livro intitulado: *Palavra de Deos deſatada, Segunda Parte*, Author o P. M. Franciſco de Mattos de noſſa Companhia, Meſtre que he dos Noviços, & Provincial que foy deſta noſſa Provincia do Braſil: & naõ achey couſa, que encontre a noſſa Santa Fé, & bons coſtumes. Antes naõ ha letra (por muda que ſeja) neſta, aſſim como na Primeyra Parte, que animada por taõ douta penna, & illuſtrada com taõ vivas cores, naõ dè moſtras da piedade, zelo, eſpirito, & erudiçaõ, com que neſte Ceo da Igreja, deſde o Oriente de hum Noviciado da Religiaõ, reſplandece o ſeu Author: podendo-ſe bem dizer das ſuas letras (que em bom anagramma ſaõ eſtrellas) o que jà diſſe, como deſcrevendo as meſmas letras, outra ſublime penna:

Dan. 12. 3. *Qui docti fuerint, fulgebunt quaſi ſplendor firmamenti: & qui ad juſtitiam erudiunt multos, quaſi ſtellæ.* Naõ faltou quem jà erradamente diſſeſſe, q as Eſtrellas eraõ animadas. Animadas, commuyto acerto, podemos dizer, que ſaõ as letras, ou as eſtrellas deſte Livro: aſſim pelo eſpirito, que recebem,

bem, communicado de ſeu Author; como pelo novo eſpirito, que infundem em ſeus leytores, movendo, enſinando, recreando: que eraõ as tres couſas, que deſejava Caſſiodoro no perfeyto Orador. Move a vontade, enſina o entendimento: a hum, & outro recrea: a hum, & outro inclina, & em certo modo neceſſita a ſeguir a virtude, a fugir o vicio. Para todos he igualmente util, & neceſſario eſte Livro: nelle acharáõ os vindouros muyto que aprender: acharáõ tambem os doutos naõ pouco que admirar: no breve o claro, no amplo o compendioſo, no desligado o nexo, no dividido a ordem, no deſatado o diſcreto. Até agora andavaõ em guerra os dous eſtylos, Laconico, & Aſiatico, diſputando ſobre a primazia: já eſtaõ em paz, já ſe daõ as mãos (para ſatisfaçaõ de diverſos goſtos) como bem ſe deyxa ver neſte Livro, digno por todos os titulos de andar ſempre nas mãos, & diante dos olhos; & por iſſo digniſſimo de ſahir à luz, para a haver de dar no meſmo tempo, que a receber. Eſte he o meu parecer. Collegio da Bahia 7. de Junho de 1709.

Manoel Dias.

CEN-

CENSURA DO P. FILIPPE COELHO da Companhia de Jesus.

PADRE PROVINCIAL.

MAndame V.R. ver este Livro intitulado: *Segunda Parte da Palavra de Deos desatada*, composto pelo P. Francisco de Mattos, Provincial que foy desta Provincia do Brasil, & Mestre hoje de Noviços neste Collegio da Bahia: & que interpondo o meu juizo, diga o meu parecer. Os livros, diz Sidonio Apollinar, saõ como os espelhos: o espelho mostra as feyções de quem se vè nelle: o livro descobre as prendas de seu Author: *Ita mens patet in libro, veluti vultus in speculo.* Daqui veyo a dizer Drexellio, que quem naõ vio de rosto a S. Bernardo, nos seus livros o póde ver: *Bernardi effigiem videre cupis? Scripta intuere.* Differem com tudo os livros dos espelhos, em q̃ o retrato, que o espelho mostra, esquece logo, como diz Santiago: *Consideravit enim se, & statim oblitus est qualis fuerit.* Porèm o que se estampa no livro, permanece sempre. Por isso Job, que queria permanentes na lembrança as suas calamidades, só em hum livro as desejou estampadas: *Quis mihi tribuat, ut scribantur sermones mei? Quis mihi det, ut exarentur in libro?* Esta só razaõ bastava, quando naõ sobràraõ outras, para este

Sidon. Apoll. lib. 7. Ep 18.

Drexel. in auriſ part. 2. cap. 7.

Jacob. 1. 24.

Job 19. 23.

eſte Livro ſair à luz por meyo da eſtampa: porque, ſe eſta ſe inventou no mundo para remedio do eſquecimento; razaõ he, que logrem os vindouros eſta copia, de que nòs vemos o original. Neſte retrato do Author veráõ o meſmo, que nòs veneramos hoje: a fecundidade de ſeu engenho, o profundo de ſeus penſamentos, a vaſtidaõ de ſuas noticias, a copia de ſua erudiçaõ, a ſegurança de ſua doutrina; eſtribando tudo o que diz no verdadeyro, & ſolido da Eſcritura, & na authoridade irrefragavel dos Santos Padres, & Expoſitores ſagrados. Iſto he o que ſinto do Livro. E de ſeu Author ſinto o que diſſe Symmacho: *Supervacanei laboris eſt commendare conſpicuos.* Collegio da Bahia 18. de Junho de 1709. Symmach. lib. 3. cap. 48.

Filippe Coelho.

LICENÇA DO REVERENDISSIMO Padre Provincial.

MAttheos de Moura da Companhia de Jesus, Provincial da Provincia do Brasil, por commissaõ especial, que tenho do nosso M. R. P. Miguel Angelo Tamburino, Prepósito Géral, dou licença, para que se possa imprimir a Segunda Parte do livro intitulado, *Palavra de Deos desatada*, composto pelo Padre Francisco de Mattos da mesma Companhia de Jesus; o qual foy visto, & approvado por Religiosos doutos da mesma Companhia, por Nòs deputados para isso. E em testemunho da verdade dey esta, subscripta com o meu final, & sellada com o sello do meu Officio. Bahia 1709.

Mattheos de Moura.

Do Santo Officio.

APPROVAÇAM.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

VI a Segunda Parte do livro intitulado, *Palavra de Deos deſatada*, de que he Author o M.R.P.M.Franciſco de Mattos, da ſagrada Cõpanhia de Jeſus: & me parece he em tudo irmaõ, & igual aos muytos livros, que eſte douto Meſtre tem dado à eſtampa, aſſim no puro do eſtylo, & ſolido das doutrinas, como em naõ ter couſa contra a Fé, & bons coſtumes. V.Illuſtriſſima ordenarà o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa 2. de Outubro de 1711.

Fr.Manoel Guilherme.

APPROVAÇAM.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr ordem de V.Illuſtriſſima li eſte ſegundo tomo da *Palavra de Deos deſatada*, q̃ compoz o M.R.P.M.Franciſco de Mattos, Religioſo da muyto, & ſempre eſclarecida Religiaõ da Cõpanhia de Jeſus, Provincial que foy na Provincia da Bahia, & agora digniſſimo Meſtre dos Novi-

 ços

ços em o meſmo Collegio da Bahia; & nelle naõ achey couſa, que encontre a inteyreza de noſſa Santa Fé, & bons coſtumes; antes me parece obra muyto util para todos os que o lerem, & que naõ ſerà de pouco fruto concederlhe V. Illuſtriſſima a licença, para ſe dar à eſtampa. Trindade em o Convento de N. Senhora do Livramento 16. de Outubro de 1711.

Fr. Antonio das Chagas.

VIſtas as informações, póde-ſe imprimir o livro intitulado, *Palavra de Deos deſatada*, & impreſſo tornarà para ſe conferir, & dar licença para correr, & ſem ella naõ correrà. Lisboa 20. de Outubro de 1711.

Moniz. Haſſe. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

Do Ordinario.

PÓde-ſe imprimir o livro de que faz menção eſta petiçaõ, & impreſſo torne para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ correrà. Lisboa 2. de Novembro de 1711.

M. Biſpo de Tagaſte.

Do

Do Deſembargo do Paço.

APPROVAÇAM.

SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade vi a Segunda Parte da *Palavra de Deos deſatada*, que compoz o M.R.P.Franciſco de Mattos, Meſtre dos Noviços no Collegio da Bahia, & Provincial, que foy daquella Provincia, digniſſimo filho da ſempre ſabia, ſanta, & eſclarecida Religiaõ da Companhia de Jeſus, fecunda mãy de tantos inclytos Heroes, quantos ſaõ os que com continua eſtudioſa fadiga, fazem ſuar os Prelos, venerar os Pulpitos, illuſtrar as Cadeyras, firmar, & eſtender a Fé, eſmaltando com glorioſa derramada Purpura, o que eſcrevèraõ com douta, & elegante tinta; a quem hũa, & outra erudiçaõ ſe confeſſaõ devedoras, ou jà nas Hiſtorias de lhe indagar as origens, conſervar as memorias, & perẽnizar as noticias; ou jà nas Politicas de lhe apurar os dictames, qualificar as regras, & fazer perceptiveis as mais elevadas maximas. Occupando em taõ reſpeytado numero meritiſſimo lugar eſte Author, tendo-o ſido de muytas, & differentes obras; ſem que a diverſidade das idéas lhe confunda as elegancias, nem a variedade dos aſſumptos

lhe empobreça os cabedaes ; conſeguindo na traducçaõ os acertos , como teſtemunhaõ os innegaveis com que fez a da vida do Sereniſſimo Principe o Senhor Dom Filippe Wilhelmo , Conde Palatino do Rheno, pay da Auguſtiſſima Rainha, que para eterna gloria, & vaidade noſſa, nos deu a V. Mageſtade , em cuja lamentavel falta ſoube eſte grande Meſtre ponderar a màgoa dos noſſos corações, com expreſſões taõ vivas da noſſa dôr , que lhe naõ pode deſcobrir, nem conſolaçaõ para a diminuir , nem lenitivo para a mitigar ; obra em que eſte grande engenho moſtrou o muyto de que Deos o dotàra ; naõ reluzindo menos nas em que tomou por empreza atar, & deſatar a palavra de Deos. Atada no la communicou jà em vàrios Sermões , nos quaes levando para ſi os mais altos aſſombros, nos deyxou para nòs os mais importantes documentos. Deſatada no la participa neſta Obra , que dividio em duas partes , de que eſta he em quanto ao numero a ſegunda, podendo ſer pelo merecimento juſtamente a primeyra. Nella naõ vejo couſa, que encontre o Real ſerviço de V. Mageſtade , nem o haver de ſe lhe dar a licença que pretende. V. Mageſtade mandarà o que for ſervido. S. Vicente 18. de Dezembro de 1711.

Dom Antonio de Santa Elena,
Procurador Géral.

Que

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impreſſo tornará à Meſa, para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correrá. Lisboa 9. de Janeyro de 1712.

Duque P. Lacerda. Coſta. Andrade. Botelho.

VIſto eſtar conforme com ſeu original, póde correr. Lisboa 2. de Setembro de 1712.

Moniz. Haſſe. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

POde correr. Lisboa 3. de Setembro de 1712.

M. Biſpo de Tagaſte.

TAxaõ eſte livro em ſete toſtões. Lisboa 3. de Setembro de 1712.

Coſta. Andrade. Botelho. Pereyra. Baracho.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará a Mesa, para se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrá. Lisboa 9. de Janeyro de 1712.

Duque P. Lacerda. Costa. Andrade. Botelho.

Visto estar conforme com seu original, póde correr. Lisboa 2. de Setembro de 1712.

Moniz. Hasse. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

Póde correr. Lisboa 3. de Setembro de 1712.

M. Bispo de Tagaste.

Taxaõ este livro em sete tostões. Lisboa 3. de Setembro de 1712.

Costa. Andrade. Botelho. Pereyra. Baracho.

PALAVRA DE DEOS Desatada.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

M

MAL.

§. I.

1 MAl da culpa, taõ nocivo he depois de jà crecido; como em quanto vay crecendo: depois de crecido; para os q o fazem; & em quanto vay crecendo, tambem para os q o vem. He como a sizania da Parabola semeada entre o trigo, que na consideraçaõ de muytos: *Est omne impurum semetem vitians, & adulterans.* Com dano para quem a semeou; porq Plur. cõ Com. n Euang.

a pena da ſua maldade havia de ſer de fogo: Matth. 13.30. *Colligite ea ad comburẽdum.* E com dano para o trigo ſemeado; porque eſtava em riſco de ſer com a fizania colhido: Ibid. *Sinite utraque creſcere uſque ad meſſem: ne fortè colligentes zizania, eradicetis ſimul cum eis & triticum.* Em quanto na alma crece a culpa, he mal para os que a vem crecer; pelo mao exemplo que lhes dà: aſſim como o era a fizania para o trigo, em quanto crecia na ſeàra; pela companhia ruim, que lhe fazia. E depois da culpa jà crecida, he mal para o que a commetteo; porque a ha de vingar o caſtigo: aſſim como ſeria caſtigada a do ſemeador da fizania ao tempo da vingança. Quem dà mao exemplo aos que o vem, tema ir vivendo para a pena futura: aſſim como foy crecendo para o fogo a fizania, que havia feyto mà companhia ao trigo: *Colligite ea ad comburendum.* E quem ſe deyxa levar do mao exemplo, tema logo o perigo preſente: aſſim como o teve o trigo, de ſer juntamente arrancado com a fizania: *Ne fortè ſimul cum eis eradicetis triticum.* A ruim planta, a fizania: ainda que creça junto com a boa, junto com o trigo; tem a certeza de ſer queymada: & iſto deve temer, o que dà mao exemplo. A planta boa, o trigo: porque crece junto

junto com a ruim, junto com a ſizania; tem a contingencia de ſer arrancada: & iſto deve temer, o que ſe deyxa ir com o mao exẽplar: *Utraque creſcere.*

2 O dono deſta ſeára teve duas advertencias, quando lhe requerèraõ, que a ſizania foſſe logo colhida: *Vis imus, & colligimus ea.* Hũa, de ſe queymar a ſizania: & outra, de ſe livrar o trigo. Para a ſizania ſer queymada, deyxou-a creſcer até o fim: até o tempo da queyma: *Ad comburendum.* E para ſer livre o trigo, acudiolhe logo ao principio: *Ne eradicetis triticum.* He muyto importante eſta doutrina para todo o cultivador da ſeàra do eſpirito. Com tantos olhos deve de andar ſobre a boa, como ſobre a mà planta: tanto ſobre o mal acompanhado, como ſobre a mà companhia. Sobre eſta planta; para que naõ ſeja nociva à outra: & ſobre a outra; para que ſe naõ deyxe inficionar deſta. O conſentimento de crecerem ambas jũtas: *Sinite utraque creſcere*: ha de ter duas attenções. Hũa, de naõ ſe perder logo a boa; por eſtar de companhia cõ a ruim. E outra, de ſe cortar a ruim; quando jà naõ corre o perigo a boa. Ha de deſvelarſe, para que nunca a ſizania ſeja cauſa de ſe perder o trigo: nem no principio, nem no fim da lavoura. No princi-

Ibid. 28.

pio; para que o trigo ſe naõ colha junto com a ſizania: *Ne colligentes zizania, eradicetis triticum.* E no fim; para que a ſizania ſe queyme ſeparada do trigo: Ibid 30 *Colligite zizania ad comburendum: triticum congregate in horreum.*

Mundo.

§. II.

3 HE mais liberal para a vida, que para o goſto: menos ſe apreſſa a impedir o viver, que o gozar. E he eſta verdade taõ antigua, que logo ſe deyxou ver, quando começou a ſua creaçaõ: Gen 1.1 *In principio creavit Deus &c.* Aſſim como o mundo teve principio; entrou nelle Adam para viver muytos centos de annos: & para ſofrer a amargura do primeyro bocado; logo nos primeyros dias. A prohibiçaõ, que teve, naõ foy de comer da arvore da vida: podia comer do ſeu fruto, quanto quizeſſe: Gen. 2. 16. *Ex omni ligno paradiſi comede.* Podia comer tanto: que, ſe naõ peccaſſe, ficaria immortal por particular conſervaçaõ de Deos. He Theologia ſem cõtroverſia. Ainda que da ſua natureza compoſta dos elementos era Adam mortal; com tudo: *Habuit in Paradiſo poſſe non mori, quia poterat non peccare.* Foy ſó a ſua prohibiçaõ para naõ comer da arvore da ciencia: ſó do ſeu S. Aug. lib. 1. de Peccat. merit. cap. 2. Magiſt. Sent. in 2. diſt. 19.

fruto

fruto naõ podia comer: Gen. 2 *De ligno autem ſcientiæ ne comedas.* E com tal preceyto: que, ſe delle comeſſe, morreria: *Morieris:* jà entaõ naõ Ibid. teria o *non poſſe mori.* De maneyra, que da duraçaõ da vida, toda a largueza: *Comede.* E do goſto do ſaber, nenhũa: *Ne comedas.* Sendo pois eſte o mundo logo no ſeu principio; por herãça, ou por natureza participaõ ſeus filhos a ſua continuaçaõ: haõ de ter mais vida, que prazeres. Ha de viver Iſmael em caſa de Sara mais tempo alimentado, que goſtoſo: naõ lhe ha de durar a fortuna de ſe criar junto com Iſaac; mais que em quanto quizer Sara. O meſmo foy parecerlhe mal, que Iſmael filho de Agar herdaſſe eſte goſto em cõpanhia de Iſaac ſeu filho; que dizer logo a Abraham, foſſe Iſmael deſterrado, para nunca mais ſer admittido: *Eji-* Gen. 21. *ce ancillam hanc, & filium ejus; non enim erit heres filius ancillæ cum filio meo Iſaac.* E aſſim havia de ſer: ſe a Iſmael lhe vinha por herãça de Adam ter mais tempo para viver, que para goſtar; naõ podia herdar neſte mundo tãtos annos de goſto, como de vida: *Non erit heres filius ancillæ cum filio meo.*

4 Deſta ſorte ſaõ herdados os filhos de Adam, & os do mundo, que vem a ſer os meſmos filhos: logo

no tempo da receyta da vida lhes deſtinaõ a pena. Ou ſe acaſo ſe lhes daõ mais annos para viverem; he para padecerem mais. Hum dos que no mundo tiveraõ mais vida, foy Lazaro em Bethania: depois de ter vivido até morrer, tornou a viver mais, depois de reſuſcitar. E o meſmo foy ter vida acrecentada, q̃ perſeguida: logo os q̃ o viraõ tornar a viver, o quizeraõ matar. Vieraõ para ver vivo a quẽ Chriſto reſuſcitou de entre os mortos: *Ut viderent quem ſuſcitavit à mortuis:* & tambem para o tornarem a ver entre elles: *Cogitaverunt, ut & Lazarum interficerent.* Tanto como iſto ſe lhe apreſſava a Lazaro o fim deſte grande goſto: depois da ſua mayor vida, naõ menos pena. Duas vidas teve Lazaro neſte mundo: a primeyra, q̃ acabou, quando elle morreo: a ſegunda, que lhe queriaõ acabar, depois que reſuſcitou. E a mais perſeguida; porque logo lha quizeraõ tirar: *Cogitaverunt, ut interficerent:* foy a ſegunda, que era a vida acrecentada: que era a mayor vida. Da primeyra, que lhe durou até o tempo da morte, naõ houve quem lhe quizeſſe cortar a medida: viveo, & morreo Lazaro, como todos vivem, & morrem. E a razaõ deſta differença, he a do fundamento deſte diſcurſo: he, porq̃ o mun-

Joan. 12. 9.

Ibid. 10.

o mundo mais nos conſente a vida, que o goſto: anda mais apreſſado em nos dar penas, que em nos contar annos. E eſte he o bem, q̃ tãto deſejamos no mũdo: mais vida, para mais penas. Eſta he a ſua liberalidade: dà mais annos, que goſtos. Se hum Lazaro reſuſcita, logo ha, quem o deſeja outra vez morto: *Cogitaverunt, ut interficerent.* Naõ ſe prometta logo a ſi ſegura felicidade o peccador repreſentado em Lazaro morto; por ſe ver com a ſua emenda outra vez vivo. Advirta, que vive no mundo: & que agora depois de reſuſcitado para nova vida, ha de ſer perſeguido de novo. Quando cuydar, que o mundo o deyxa viver; entenda, q̃ he para ainda o perſeguir. Tome o exemplo em Chriſto, depois que reſuſcitou a Lazaro. No meſmo tempo, em que o ſeguia o mũdo todo; foy mayor motivo da ſua morte, eſſe ſeguimento do mũdo. *Nihil proficimus*: diſſeraõ os que logo tratàraõ de lhe tirar a vida, & jà antes lha queriaõ tirar; porque o viraõ taõ acclamado de todos: *Ecce mundus totus poſt eum abijt.* O applauſo, que era indicio, de que no mundo ſe deſejava a Chriſto vivo: *Mundus poſt eum abijt*: foy motivo, para muyto cedo ſer pelo meſmo mundo morto: *Nihil proficimus.* Faça-

Joan. 12. 19.

Ibid.

mos, o que jà deviamos ter feyto: diſcorre Cornelio com S. Cyrillo, & outros. *Quantò ſatiùs feciſſemus; ſi nuper, cùm decrevimus eum occidere, ſtatim occidiſſemus.* Tal ſe deve conſiderar o peccador com a ſua emẽda reſuſcitado: naõ ſe fie da nova vida, que parece lhe conſente o mundo. Crea, que eſte inimigo da ſua alma, porque ainda lhe deſeja a morte, & eſtà ſentido de lha naõ ter jà dado; ſempre diz: *Nihil proficio.* Naõ tenho feyto nada: *Quantò ſatiùs feciſſem, ſi nuper ſtatim eum occidiſſem.*

S. Cyril. Euthy. apud Cornel. hic.

Morte.

§. III.

5 A Lembrança da que eſtà por vir, naõ he menos importante, que a que jà veyo. A primeyra, faz temer a ignorancia da morte, de que havemos de morrer. E a ſegunda, dà-nos a ver a certeza da que tiveraõ os que jà morrèraõ. He como a carta de marear, que nos moſtra os bayxos, em que muytos naufragàraõ; para que naõ cheguemos nòs a naufragar, como elles. O temor da morte futura imprimio Deos em ſó duas clauſulas: *Pulvis es, & in pulverem revertêris.* E a Igreja, quando

Gen. 3. 19.

quando muyto lhe acrecentou mais hũa: *Memento homo.* O temor porèm, que cauſa a morte paſſada, eſtà advertido em tantos naufragios, quantos ſaõ os caſos funeſtos dos q̃ nelles acabàraõ. E ſe he para muyto temida a morte, que poderà ſer hũa vez; naõ menos, ou ainda mais, o deve ſer a que jà em tantos mortos ſe vio. Eſta advertencia, & conſelho he de Santo Agoſtinho, quando nos diz: *Quia terra es, & in terram ibis; circumſpice eos, qui ante te ſplendoribus fulſêre.* Os que luzem no mundo, & haõ de ſer pó, vejaõ aos que primeyro que elles jà foraõ pó, & tambem luzîraõ. Deyxemos nòs de os contar, porque ſabemos q̃ ſaõ innumeraveis; & tambem porque agora o noſſo intento naõ he ponderar os perigos da morte do corpo: he por ſua ſemelhança paſſar aos da morte da alma. He fazermos o q̃ Ruperto diz, que fez Deos, quãdo ſentenciou a Adam à morte do corpo. Diz, que o ſentenciàra aſſim Deos; para que naõ ignoraſſe a morte da alma: *Ne malam mortem animæ ſuæ homo neſciret.* E para que nos naõ deſculpemos nòs com a meſma ignorancia; entendamos, que ſe muyto nos importa o temor da morte da alma ainda futura; outro tanto, ou mais nos ha de aproveytar a lembrança

S. Aug. in Sent. ſent. ult.

Rupert. lib. 3. cap. 24.

brança da paſſada. Aſſim como o temor deſta morte futura ſó nos faz advertir, que poderemos morrer na alma, perdendo a graça por cauſa do peccado: o temor da meſma morte paſſada nos obriga a olhar para os muytos, que jà aſſim morrèrão, porque peccàrão. Levados nòs da primeyra reflexão, havemos de ſuppor, que nos diz Deos olhando agora eſpecialmente para a nobreza da alma, o que no Paraiſo diſſe a Adam attendendo à fragilidade do corpo. Diſſe Deos a Adam: Lembrate que es pò, & que has de acabar desfeyto em pò. E attendendo à outra reflexão, conſideremos, que nos diz: Lembrate, que te dey hũa alma com a minha ſemelhança; & q̃ perdida eſta por tuas culpas; aſſim ha de ficar, como era, quando ſe perder: eſpirito immortal. Eſta noſſa cõſideração não he violenta: mas antes muyto natural. Aſſim como Adam era hum todo compoſto de hũa parte, que era pò; tãbem ſe compunha de outra parte, que era eſpirito: tinha corpo, & tinha alma. E poſto q̃ Deos, quando o ſentenciou, ſó exprimio a morte do corpo, parte daquelle todo; fallou direytamente com todo o cõpoſto: fallou com Adam, que não ſó como pò, mas como pò animado o tinha offẽdido:

Pulvis

Pulvis es. Eſte modo de ſentenciar Deos o homem todo, exprimindo ſó hũa parte, & ſuppondo a outra expreſſa; bem o temos repreſentado na Parabola daquelle Rico, onde a ſua ſentença comprehendendo a todo elle, tanto o corpo, como a alma, ſó a alma ſe exprimio: *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt à te.* Fallando cõ o eſtulto todo: *Stulte*: a ſentença ſó fez menção de hũa ſua parte: *Animam tuam.* Luc 12. 20.

6 Suppoſta eſta cõſideraçaõ, bem podemos accommodar à alma o *memento* do corpo. Se Deos lembrou ao primeyro homem o que era pela parte do corpo; boa he a lembrança do que ſaõ os ſeus deſcendentes pela parte da alma. Lembreſe pois qualquer delles, que he alma, a que tem no corpo; & que depois de morrer, ainda ha de ficar a meſma alma, que tem. Tanto ao corpo, como à alma ſe póde dizer o que ſaõ, o que haõ de ſer, & o que jà foraõ. A' alma ſe póde dizer, que he agora, & ha de ſer depois eſpirito: aſſim como ao corpo ſe diz, que he, & ha de ſer pó: *Pulvis es, & in pulverem revertêris.* E à alma depois de paſſar de morta pelo peccado a ſer pela graça reſuſcitada, tambem ſe póde dizer o q̃ ao corpo ſe poderia applicar depois de reſuſcitado, havendo primeyro Gen. 3. 19.

meyro ſido morto. A' alma : lembrate, que foſte eſpirito ; & que eſpirito ficaſte ſendo. Aſſim como ao corpo : lembrate que foſte pò ; & que pò tornas a ficar : *Pulvis eras, pulvis es.* Quando à alma, depois da emenda da vida ſe diz que foy, & ainda he eſpirito ; ficaſelhe advertindo a eternidade, que poderà ter, ou de gloria, ou de pena. E quando depois da meſma emenda ſe diz ao corpo, que taõ pò ficou, como era ; deyxaſe intimidado, para naõ tornar a cair, aſſim como jà cahio. Hũa, & outra couſa ſe podia dizer a Lazaro, depois que reſuſcitou. Podia dizerſe, que a alma, que jà tivera ; eſſa meſma outra vez tinha. E que o meſmo pò, que tinha ſido; eſſe outra vez era. E que bom ponto de meditaçaõ para os que morrèraõ pela culpa, & reſuſcitàraõ pela emenda! Conſiderarem, que a alma, que tornaõ a ter, he a meſma, que jà perdèraõ ; & que ainda ſe póde perder. Aſſim como o pò, em que jà hũa vez ſe reſolvèraõ, he o meſmo, em que ſe haõ de tornar a reſolver : *In pulverem jam reverſi, iterùm in pulverem revertendi.* Se a Igreja determinaſſe hũ dia para dizer ao homem o q̃ he pela parte da alma ; em lugar do *memento* do pó, lhe havia de ler o do eſpirito: *Memento homo, quia ſpiritus es.* Eſta havia de

ſer

ſer a cinza, que lhe poria na lembrança: a duraçaõ da ſua eternidade. Do meſmo modo, que lhe faz annual advertencia do que elle he pela parte do corpo, moſtrandolhe em cinzas desfeytas a fragilidade da ſua vida: *Memento, quia pulvis es.* E ſe nòs diſcorreſſemos, qual deſtes mementos ſe deve temer mais: ſe o memento do fim da vida, ſe o da vida eterna, que naõ tem fim: diriamos coherentes ao que imos ponderando, que o memento da eternidade era para ſer mais temido: aquelle, que ſe ſegue à morte da alma. A razaõ, que damos, he a que Job propunha a Deos nas ſuas lamentações, para que delle ſe doeſſe. *Memento, quia ventus eſt vita mea:* que he o meſmo que dizer: Lembrayvos, Senhor, que a minha alma he eſpirito: cõmenta Caietano cõ a letra Hebrea: *Dicit animam ſuam eſſe ſpiritum.* Vendoſe atormẽtado no corpo, que era o que pela morte temporal havia de ſer pò; ſó attendia à morte eterna, que poderia padecer a ſua alma, por ſer eſpirito. Eſte era o memento, que lhe dava mais cuydado: *Animã ſuam eſſe ſpiritum.* Por iſſo continùa o meſmo commento: *Vana eſſet ſupplicatio pro ſpiritu ſuo ſeparato; niſi ſpiritus ſeparatus puniendus, vel beandus eſſet.* Sabermos nòs, que a noſſa alma he

Job 7. 7.

Caiet. hîc.

Idem Caiet. ibid.

he eſpirito : & naõ olharmos para a eternidade, que póde ter, ou de pena, ou de gloria, pedindo a Deos ſe cõpadeça de vivermos aſſim arriſcados; he cuydado vaõ : *Vana eſt ſupplicatio.*

Monſtro.

§. IV.

7 O Do peccado mortal, tanto ſe deve temer ao longe, como ao perto : naõ menos quando ſe repreſenta, que quando ſe abraça. He como o bayxo, em que perigaõ os que navegaõ : tanto para temido, quando o vem ainda diſtantes; como quando a elle jà chegados. Igualmente era para ſe temer o Filiſteo Goliat (figura do peccado na conſideraçaõ de muytos) quando deſafiava de longe, & quando de perto cõtendia no deſafio : taõ gigante era em hum tempo, como no outro. E tal he o peccado : em todo o tempo ſempre horrivel monſtro. E para ſe temer, antes de ſe commetter ; ha de olharſe para o tempo, em que jà ſe commetteo. Depois de viſta a cara de monſtro taõ horrendo ; entaõ nos havemos deſvelar, para a naõ tornarmos a ver. Iſto he o que advertimos na Eſcritura, quãdo nos deſcreve as medidas, & as armas do Filiſteo depois de morto por David. Primeyro nos diz o que elle era;

S. Aug. S. Amb. S. G... & alii ap. Tirin. in lib. 1. Reg. cap. 17.

&

& depois nos conta como morrèra: ſendo q primeyro elle morreo; & entaõ depois ſe me-
1. Reg. 17.4. dio: *Altitudinis ſex cubitorum, & palmi*: & toda a ſua armatura ſe
Ibid. 5. 6. & 7. regiſtou: *Caſſis ærea ſuper caput ejus, & lorica ſquamata induebatur: clypeus æreus tegebat humeros ejus: ferrum haſtæ ejus ſexcentos ſiclos habebat ferri.* De maneyra, que depois de viſto de perto o vaſtiſſimo corpo deſte Gigante, & tomado o pezo a todas as ſuas armas; entaõ o deſcreve o ſagrado Texto, & o repreſenta formidavel aos que o lem. E iſto meſmo ſe deve fazer depois de viſta a fealdade do peccado: ha de deſcreverſe a ſua medida, & tomarſe o ſeu pezo, para ficar temido. Quando actualmente combate eſte mortal inimigo; emprega as ſuas armas de perto, & naõ tem tanto vigor a noſſa reſiſtẽcia. E quãdo primeyro ſe aviſa como elle póde combater; obra mais a noſſa prevençaõ contra a ſua potencia; porque ao longe ſe lhe cortaõ as forças. No actual combate, como jà chega a lutar, & apertar; he mais difficultoſo ſoltarlhe os braços, & deſatarlhe as ligaduras. E no combate futuro, o mais que faz eſte monſtro, ou eſte Gigante, he provocar, he deſafiar; & entaõ he mais facil o rebater. Hũ dos peccados mais monſtruoſos

truoſos do mundo ſoy a venda de Chriſto: & ſe o vendedor olhàra de longe para o ſeu horrivel aſpecto, quãdo lhe começou a apparecer na fanteſia dà ſua ambiçaõ: *Ut quid perditio iſta; poterat enim unguentum iſtud venumdari*: naõ o deyxàra chegar taõ perto; nem lhe cahira no laço: *Laqueo ſe ſuſpendit.*

Marc. 14 4 & 5. Joan. 12. 5. Matth. 27. 5.

8 Se David naõ derribàra de longe ao Filiſteo; naõ o degollàra de perto: o tiro da pedra ſegurou o golpe da eſpada. E para nòs fazermos ao peccado o q̃ David fez ao Filiſteo: para nos empenharmos a derriballo ao longe; havemos de o medir, & pezar, antes que com as ſuas armas nos ganhe as noſſas de perto. Aſſim como a Eſcritura nos diz o tamanho do Gigante: *Sex cubitorum, & palmi*: & nos dà a pezar o ferro das ſuas armas: *Caſſis ærea, lorica ſquamata, clypeus æreus, ferrum haſtæ*: nos devemos prevenir contra o peccado com a virtude das noſſas: *Lorica juſtitiæ, ſcutum fidei, galea ſalutis, gladius ſpiritûs.* Medidas aſſim as noſſas armas com as ſuas, fica elle medido por armas, & por eſfera. Digo por eſfera; porque o ſeu corpo he mayor que o do Filiſteo, ſua figura: occupa mayor lugar, & moveſe ſem ſe mover. A medida do Filiſteo naõ paſſava de tantos palmos, & de lugar terminado:

Ephes. 6. 14. 16. & 17.

nado : *Sex cubitorum, & palmi.* A medida do peccado,& do lugar , a que ſe eſtende , he taõ dilatada,que para qualquer parte que o peccador ſe vire, & para onde quer que ſe mova , ſempre o peccado ſe lhe põem defronte , como experimentava David : Pſ.50.5 *Peccatum meum contra me eſt ſemper :* & como diz hum Commento : Geneb. hic. *Mihi ſemper obverſatur ob oculos.* E o movimento, que de hum lugar para outro faz o peccado, naõ he movimento ſeu , he do peccador. O que ſe movia, era David : & para onde hia David, hia o ſeu peccado : *Peccatũ contra me ſemper.* Nem he ſó eſta a medida, que ſe deve tomar ao peccado de longe,para ſe naõ contender com elle de perto. Naõ he ſó a do ſeu lugar , quando elle ſe move, aſſim como ſe move o peccador : he tambem porque o andar do peccador he eſtar: & o ſeu eſtar he andar. Andar,& eſtar em peccado , tudo vem a ſer o meſmo : & hũa,& outra couſa coſtumamos dizer. E eſte havia de ſer o movimento do peccador,para em tudo ſer monſtro o peccado: havia de eſtar , quando anda ; & andar , quando eſtà ; como advertio Santo Agoſtinho , combinando o que do peccador diz Deos por Iſaias : *Populus, qui ambulabat in tenebris* : & o que Chriſto diz do meſmo peccador : *Populus,* Iſai.9.2. Matth. 4.16.

qui ſedebat in tenebris. Aſſim he monſtruoſo o peccado, diz com muyta energia o ſagrado Doutor: *In peccatore culpis obnoxio, quoad æternam ſalutem idem eſt operari, ac otiari.* Tãto monta o ſeu mover, como o ſeu parar: no meſmo tempo o faz andar, & eſtar cego: *Ambulare, & ſedere in tenebris.*

S. Aug. hìc.

9 Eſte he o peccado medido em ſi, & no lugar: como he, & como ſe move. E quãdo ſe cõſidera pezado, naõ he menos monſtruoſo, q̃ quando medido. Aſſim como dizemos, que ſe move ſem ſe mover; tãbem podemos dizer, q̃ ſem pezar, péza. Quando chega a vencer ao peccador, péza ſobre elle vencido: & porq̃ no meſmo tempo naõ ſente o peccador eſtar vencido delle, parece que naõ péza. E ſaõ as razões, porque o peccado ſe conſidera ſer monſtro, & fóra da ordem da natureza: porque no meſmo tempo tem, & naõ tem movimento: tem, & naõ tẽ pezo. Eſtando o peccador opprimido, & debayxo do pezo do peccado: *Ambulat*: & parecendolhe no meſmo tempo, que anda folgado, & livre do ſeu pezo: *Sedet.* Hũa repreſentaçaõ do circulo da roda, para o centro do ſeu exo: na caſa da occaſiaõ do peccado, onde o peccador tem o ſeu cẽtro; fixo, & ſem delle ſe apartar: & pelos caminhos,

minhos, que faz em circulo da caſa; inquieto, & em hũa roda viva. Por iſſo bem lhe podemos accommodar com fundamẽto o moral daquelle Texto de Da-
Pſ. 11. 9. vid : *In circuitu impij ambulant.* Pezando para o centro, que naõ devia ſer ſeu ; & fóra do ſeu centro, q̃ he Deos, como nota Cayetano :
Caiet. apvd Le blanc hîc. *Impij in circuitu ambulant, quia ad centrum non tendunt, nempe Deũ.* E arrebatados do deſordenado appetite, rodando pelos ſeus circulos, como advertio Ricar-
Richar. t. 1. de ſtatu interior. homin. cap. 34. do : *In circuitu impij ambulant, dum animus ſemper ex carnis impetu, turbinis more huc, illucque impellitur.* Eſta he a medida, & o pezo do peccado pelo que em ſi he : & pelo que cuſtou ao Redemptor dos peccadores, ainda eſte monſtro avulta muyto mais, & muyto mais péza. A noſſa redempçaõ cõſummouſe na Cruz, a qual he vara myſtica, figurada na de Moyſes por conſideraçaõ de S. Agoſtinho, formãdo-a nos dous golpes com q̃ ferio a pedra : *Gemina percuſſio duo ligna Crucis ſignificat.* S. Aug. hîc. E tambem he balança por authoridade da Igreja : *Statêra facta corporis ; tulitque prædam Tartari.* Hymn. Eccleſ. Por eſta vara, & neſta balança ſe medio, & pezou o peccado, monſtro taõ grande, quanto a Chriſto lhe foy cuſtoſa a vara ; & taõ pezado, quanto o foy o preço do ſangue, que ſe

lançou na balãça. Qual ſerà pois aquelle que olhando para eſte mõſtro de longe; & vendo quanto cuſtou a ſua medida, & importou o ſeu pezo ao Author da redempçaõ; o deyxe chegar a contender de perto com o riſco de perder outra gloria, como a de David, que medindo primeyro ao Gigante, figura deſte monſtro, & ponderando a horribilidade das ſuas armas, indices do ſeu pezo: *Prævaluit adverſùm Philiſthæum?* 1.Reg. 17.50.

caſtigados. E he o que Job naõ diſſe, quando ſe dava por livre do mal de todas as mãos, ſó por viver junto a Deos: *Pone me juxta te, & cujuſvis manus pugnet contra me.* Havia de excluir deſta ſua ſentẽça univerſal a maõ, que elle mais devia temer: havia de excluir a maõ de Deos; da qual elle meſmo diz, que ninguẽ póde livrar: *Cùm ſit nemo, qui de manu tua poſſit eruere.* E muyto mais, depois de ter elle experimentado, que hũ ſó toque daquella maõ: *Manus Domini tetigit me*: baſtou para o chegar a ferir no coraçaõ: *Deus mollivit cor meũ.* Nem por muyto favorecido da maõ de Deos havia de confiar tanto da Job 17. 3. Job 10. 7. Job 19. 21. Job 23. 16.

Maõ.

§. V.

10 A De Deos, tãto ha de ſer temida dos ſeus favorecidos, como dos ſeus

da ſua immunidade, q̃ nunca pudeſſe ſer delle caſtigado. Na creaçaõ do primeyro homem tinha elle exemplo, para fazer a exceyçaõ, q̃ aqui lhe advertimos: vendo, que da meſma maõ, que lhe dera a vida, lhe viera logo a ſẽtença de morte: *Morte morieris*. E texto lemos nòs muyto antigo, para entendermos agora, que a maõ de Deos tanto eſtà chea de clemencia, como de juſtiça: *Juſtitiâ plena eſt dextera tua*. A meſma razaõ, em que tanto ſe ſegurava Job, ainda olhando para os rigores da maõ de Deos, por ſe conſiderar junto ao ſeu lado: *Pone me juxta te*: eſſa o havia de fazer mais temeroſo da ſua maõ, & dos ſeus rigores. Como entaõ eſtava mais chegado a Deos; tambem para lhe temer mais a maõ, lhe ficava mais à viſta dos olhos; o que David naõ queria: *Averte faciem tuã à peccatis meis*. Quem por eſtar mais junto a Deos, lhe fica mais à maõ da ſua juſtiça: *Juſtitiâ plena dextera*: & tem ſobre ſi o exame dos ſeus olhos, que ſaõ os que inquirem as culpas: *Palpebræ ejus interrogant filios hominum*: naõ ſe ha de dar por livre dos ſeus caſtigos. Ha de exceptuar a maõ de Deos, quando diz, que por eſtar junto delle: *Juxta te*: naõ teme todas as outras mãos: *Cujuſvis manus pugnet*. No meſmo

Gen. 2. 17.
Pſ. 47. 11.
Pſ. 50. 11.
Pſ. 105.

mo tempo, em que S. Pedro eſtava favorecido da maõ de Deos, quando o affogavaõ as ondas: *Extendens manum, apprehendit eum:* foy por elle meſmo arguîdo de ſaltar à fé, & naõ confiar nelle: *Modicæ fidei.* No meſmo tempo, em que os dous Diſcipulos caminhantes para Emmaûs hiaõ ao lado de Chriſto taõ chegados: *Ieſus appropinquans ibat cum illis:* tambem foraõ ſentenciados por incredulos: *O' ſtulti, & tardi corde ad credendum* O outro ſeu diſcipulo tambem muyto chegado, por ſer o do deſcanço do peyto: *Recubuit ſuper pectus:* naõ livrou em hũa occaſiaõ da nota de menos advertido: *Neſcitis quid petatis;* & em outra de demaſiadamẽte zeloſo: *Neſcitis cujus ſpiritus eſtis.* Aſſim deve ſer temida a maõ de Deos, ainda dos ſeus mais chegados: quanto mais proximos à ſua preſença, mais à maõ do ſeu caſtigo: *Iuſtitiâ plena dextera.* Mas, para applicarmos a nòs a verdade da propoſiçaõ do Santo Job, fallamos com eſta diſtinçaõ. Os que ſó ſaõ chegados a Deos, & naõ com elle unidos, em quanto viãdantes do mundo, ainda vivem temeroſos da ſua maõ: & naõ os ſeus chegados, & unidos na Patria dos Bemaventurados; porque dos temores da meſma maõ, jà eſtes eſtaõ livres. E dos chegados a Deos neſte

Matth. 14.31.

Ibid.

Luc.24. 15.

Ibid.25.

Joan. 21.20.

Matth 20.22.

Luc.9. 55.

neſte mundo, & taõ unidos com Deos, como podemos conſiderar ao Santo Job, tambem podemos dizer o meſmo: tambem eſtes ſaõ os que naõ temem maõ algũa, ainda que ſejaõ as que muyto ſe devẽ temer, quaes ſaõ, diz o cõmento de Hugo, a do Mundo, a da Carne, & a do Demonio: *Manus mundi, manus carnis, manus dæmonis.* Naõ poderia pois offender ao Santo Job, chegado, & unido a Deos, a maõ do mundo: porque naõ teme eſta maõ, quem como Paulo eſtà abraçado cõ Deos, & tem dado de maõ ao mundo, tendo-lhe voltado as coſtas: *Crucifixus mundo.* Naõ o poderia offender a maõ da Carne; porque naõ teme eſta maõ, quẽ como Joſeph lhe deyxa nella a capa, & foge para Deos: *Relicto pallio, fugit.* E nem o poderia offender a maõ do Demonio; porque naõ teme eſta maõ hũ Job fortalecido com a maõ de Deos, ainda tendo na maõ do Demonio com licença de Deos os ſeus bens todos: *Ecce, universa quæ habet, in manu tua ſunt.*

Hug. in Job hic.

Ad Gal. 6. 14.

Gen. 39. 12.

Job 1. 12.

Mãy.

§. VI.

11 NAõ póde ſer adoptiva, a que ſe naõ parecer com a natural: ſe hũa ſe acredita de Mãy no amor dos filhos naturaes; o amor dos adop-

tivos faz reconhecer por Mãy a outra. Nem ſe ha de negar a muyta ſemelhança, que devem ter eſtas filiaçõeſ: a natural, & a adoptiva; em ambas ha conceyçaõ, & geraçaõ. Aſſim como as Mãys naturaes concebendo, & gerando os ſeus filhos no ventre, lhes daõ nelle o ſer da natureza; as Mãys adoptivas concebem, & geraõ no coraçaõ aos ſeus, & alli lhes daõ o ſer por amor. Eſta foy a filiaçaõ adoptiva do menino Moyſes, quando chegou a ſer viſto da Princeſa de Faraò. Em lhe põdo ella os olhos, o concebeo, & gerou no coraçaõ, & ficou ſendo filho ſeu: *Adoptavit in locum filij.* E ainda S. Paulo por conceyçaõ mais myſterioſa, pois tambem he cõparto, ſe conſiderava Mãy dos filhos da ſua doutrina: *Filioli mei, quos iterùm parturio.* Iſto aſſim advertido, Mãy adoptiva he de todos os ſeus devotos a Puriſſima Virgem: ſe o Eſpirito Santo eſſencialmente Amor a fez Mãy de Deos: *Quod in ea natum eſt, de Spiritu Sãcto eſt*: o amor dos ſeus devotos a faz tambem Mãy dos homens. *Mater miſericordiæ, ad te clamamus exules filij Hevæ*: lhe dizemos todos neſta ſaudaçaõ: Os que ſomos filhos naturaes de Heva: *Filij Hevæ*, nos confeſſamos filhos adoptivos voſſos: *Mater miſericordiæ.* E com aventajadas excellẽcias ſobre

Exod. 2. 10.

Ad Gal. 4. 19.

Matth. 1. 20.

Salut. Eccleſ. Salve Regina, Mater miſericordiæ.

ſobre as maternidades adoptivas das outras Mays. Eſtas naõ geraõ aos ſeus filhos adoptivos ſemelhantes a ſi; daõlhes a filiaçaõ; mas naõ a ſemelhança. E faz ſingulares ſemelhãtes ſeus aos filhos do ſeu amor a Puriſſima Virgem, por hũa bem fundada razaõ. Porque a Mãy he miſericordioſa: *Mater miſericordiæ*; & miſericordioſos ficaõ ſendo os filhos por conſelho da Mãy: *Eſtote miſericordes, ſicut mater veſtra miſericors eſt.* Nem he violenta eſta ſemelhança accõmodada aos filhos adoptivos deſta Mãy; ouvindo nòs, que os filhos adoptivos de Deos tãbem por ſeu conſelho pódem ſer miſericordioſos, como he o Pay: *Eſtote miſericordes, ſicut & Pater veſter miſericors eſt.* Luc. 6. 36. E ſe a diſcreta, & pia curioſidade dos que iſto lerem nos perguntar; porq̃ mais accommodamos eſta adopçaõ à Mãy de Deos, em quanto miſericordioſa: *Mater miſericordiæ*, do que em quanto Mãy do Redemptor: *Mater Salvatoris*, ou em quanto Mãy admiravel: *Mater admirabilis*, & de outras invocações ſemelhantes, ſendo em todas reconhecida por Mãy? Diremos ſem torcer a reposta: porque ſó quando ſe acha invocada a Mãy de Deos: *Mater miſericordiæ*: vem os ſeus devotos nomeados filhos

ſeus:

ſeus: *Ad te clamamus filii Hevæ*, filhos de Heva, naturaes; & da Mãy de Deos, adoptivos. Em quanto filhos naturaes de Heva, chorando o deſterro a que ella os condenou: *Exules filij Hevæ*. E em quanto filhos adoptivos da Mãy de Deos, filhos da miſericordia, q̃ eſta Mãy lhes mereceo: *Mater miſericordiæ*. De taõ ſingularizada adopçaõ dos filhos de Maria Sãtiſſima, devemos inferir a obrigaçaõ que elles tem de naõ degenerar de filhos de tal Mãy; de naõ deyxarem de ſer miſericordioſos; aſſim como a Mãy he de miſericordia. E entaõ, viſtos eſtes filhos adoptivos, ſe louvarà nelles a Mãy; aſſim como ſe louvou a meſma Mãy, viſto, & ouvido o ſeu Filho natural. *Beatus venter, qui te portavit*, Luc 11. 27. diſſeraõ a Chriſto, quãdo compadecido, & miſericordioſo tinha lançado do corpo de hum energumeno ao demonio mudo: *Mira Chriſti miſericordia, qua hominem poſſeſſum à dæmonio, ad preces dumtaxat offerentium eum, ſanitati reſtituit.* Corn. in Matth. 9. 32. E iſto meſmo ſe poderà dizer aos filhos adoptivos da Mãy de miſericordia, quando os virem entre ſi miſericordioſos; tambem louvando-ſe nelles a Mãy, lhes diráõ: *Beatus venter, qui vos portavit.* Como tambem, ouvido eſte primeyro louvor, chegaráõ a ouvir o ſegundo: aſſim como

como na meſma occaſiaõ o ouvio Chriſto: *Et ubera, quæ ſuxiſti.* Se na miſericordia do Filho natural da Puriſſima Virgem foy louvada a Mãy miſericordioſa, que havia dado o leyte a eſte Filho; do meſmo modo ſe louvarà a meſma Mãy na miſericordia dos ſeus filhos adoptivos, quando elles compadecidos, & miſericordioſos na ſuſtentaçaõ da ſua eſmola tambem daõ leyte ao neceſſitado, dignamente ſe lhes poderà entaõ dizer: *Beata ubera, quæ ſuxiſtis.* Dar o ſuſtento ao faminto, tambem he dar leyte, ſem haver peytos para o dar: aſſim como ſem que os tiveſſe S. Paulo; no ſuſtento eſpiritual, que elle dava aos diſcipulos, lhes vinha a dar leyte: *Lac vobis potum dedi.* Sendo pois miſericordioſos os filhos adoptivos da Mãy de miſericordia: bem podemos entender, que nelles he louvada a Mãy, tanto por concebidos na adopçaõ do ſeu amor: *Beatus venter, qui vos portavit,* como por alimẽtados com o leyte da ſua miſericordia: *Et ubera, quæ ſuxiſtis.*

Luc. 11. 27.

1. ad Cor. 3. 2.

12 Poderáõ cõ tudo fazer duvidoſas eſtas noſſas ponderações, os que diſſerem, que todos os devotos da Mãy de Deos ſaõ ſeus filhos adoptivos; & que naõ ſó os da ſingularidade de miſericordioſos haõ de ſer os dignos deſta filiaçaõ. E nòs, ſem negarmos

garmos o fundamento da duvida; porque certamente a adopçaõ de Maria Sãtiſſima he cõmua a todos os que a merecem, & por tal a reconhecem; reſponderemos, que os filhos adoptivos da Mãy de Deos por geraçaõ adoptiva a mais propria, ſaõ os miſericordioſos. Filhos adoptivos da Sãtiſſima Virgem eraõ os ſagrados Apoſtolos; pois a todos amava Chriſto como irmãos: Matth. 12.49. *Ecce fratres mei.* Mas naõ eraõ filhos aſſim nomeados: o que entre todos elles mereceo eſta nomeaçaõ, & ficou filhado no amor da Sãtiſſima Mãy, foy S. Joaõ, quando Chriſto na Cruz teſtava dos ſeus bens acquiridos, & o chamou para a herãça deſte filhamento, mandando, que a ſua propria Mãy foſſe tãbem Mãy de Joaõ: *Ecce filius tuus.* Joan. 19 26. E porque eſta nomeaçaõ foy feyta na hora da mayor miſericordia de Deos, qual era a noſſa Redẽpçaõ: & ficou S. Joaõ ſendo filho da Mãy de miſericordia, & irmaõ do Redemptor miſericordioſo; temos fundamento para o conſiderarmos filho da adopçaõ miſericordioſa. Os mais diſcipulos de Chriſto, filhos adoptivos da Mãy de Deos ſim eraõ; porèm o ſeu eſpecial filho adoptivo, era S. Joaõ. Era aquelle que foy concebido no coraçaõ da Mãy de miſericordia, & na hora da

da Redempçaõ miſericordioſa : *Dicit Jeſus Matri ſuæ : ecce filius tuus.* Tambem todos os homens ſaõ filhos adoptivos de Deos : todos o reconhecem Pay: *Pater noſter, qui es in cælis.* Mas ſaõ filhos eſpeciaes deſta adopçaõ Divina ; porque o ſaõ da miſericordia Chriſtãa. Como taes haõ de ſer chamados todos no ultimo dia do mundo para a gloria, que haõ de herdar com o dircyto da ſua filiaçaõ : haõ de ſer publicados miſericordioſos , & reconhecidos filhos : *Venite benedicti Patris mei.* Vinde, ſe lhes dirà, a poſſuir o Reyno para vòs, & por voſſo Pay deſtinado : *Poſſidete paratum vobis Regnum.*

Matth. 6.9.

Matth. 25.34.

Ibid.

Porque ſendo vòs filhos : *Si enim filij*, coherdeyros ſois adoptivos de Deos ; aſſim como Chriſto he o herdeyro natural : *Heredes Dei, coheredes Chriſti.* E iſto porque ? Porque ſuſtentaſtes os famintos, veſtiſtes os neceſſitados, curaſtes os enfermos, & viſitaſtes os encarcerados : *Venite benedicti &c.* E aſſim, que ſendo filhos de Deos adoptivos os Apoſtolos, os Martyres, os Confeſſores, os Anacoretas, os Virgens, & os Innocentes ; a ſua miſericordia os ha de ſingularizar filhos daquella adopçaõ. Todos elles, filhos adoptivos de Deos ; mas ſingularmente filhos adoptados ſeus ; por ſerem miſericor-

Ad Roman 8. 17.

Ibid.

Matth. 25.35. ricordioſos : *Quia dediſtis manducare &c.* Antes daquella univerſal canonizaçaõ : *Venite benedicti ;* as ſuas virtudes ſaõ os indices das adopçõẽs de cada hum ; a diviſa da adopçaõ de hum , naõ he a adopçaõ do outro. Porèm quando a virtude, que perfilha os adoptivos de Deos, he a miſericordia ; eſta he adopçaõ de todos : *Venite miſericordes : dediſtis enim manducare &c.* E he o que diſſe S. Hippolyto Martyr, diſcorrendo por todas as ordens dos filhos adoptivos de Deos ; depois de as nomear todas : *Venite Prophetæ , venite Patriarchæ &c.* conclue, conſiderando o q̃ temos dito : *Venite, qui charitatem meam ſervaſtis.* Querem pois ſaber, qual he o ſingular filho adoptivo de Maria Santiſſima ? He Joaõ , por ſer filho ſeu, quando era irmaõ do Miſericordioſo , & filho da Mãy de miſericordia : *Ecce filius tuus.* E querem ſaber quaes ſaõ os filhos adoptivos de Deos ? Saõ os mais parecidos com elle. Moſtrem-nos a hũ miſericordioſo , & nòs logo diremos, de quem he filho : *Miſericors filius ; quia Pater miſericors.*

S. Hippol tr. de conſumm. ſæculi.

Mortos.

§. VII.

13 OS que jà o ſaõ para o mundo , tambem para elle devem ſer enterrados, ſe

ſe naõ quizerem afugentar os vivos. O que deyxa ao mundo, eſſe he o que chamamos ao mundo morto: aſſim como S. Paulo, dando as coſtas ao mundo, era para o mundo crucificado: *Crucifixus mundo.* E o que depois de morto ao mundo ſe retira, ou eſconde do ar do mundo: o que foge de tudo aquillo, com q̃ o mundo ainda póde corromper a quem jà morreo para elle; eſte he o que entaõ conſideramos enterrado. Enterrar, & eſconder, tudo vem a ſer o meſmo, diz S. Gregorio: *Nihil aliud eſt ſepelire, quàm abſcondere.* Por iſſo, o que ſe deyxa corromper do ar do mundo, depois que para elle morreo, ainda para elle ſe naõ enterrou: & por cõſequencia cheyra mal, & faz fugir. Faz o meſmo que o corpo morto, & naõ enterrado; o ar o corrompe, & por ſe fugir do ſeu mao cheyro, o enterraõ, ou o eſcondem: *Sepelire, eſt abſcondere.* Continuando agora eſta meſma moralidade, ainda dizemos mais: ainda temos que diſcorrer a differença do corpo morto naõ enterrado antes, & deſenterrado depois. Aquelle morto ao mundo, & para elle tambem enterrado; ſe outra vez ſe deſenterrou: iſto he, ſe lhe tornou a dar o ar do mundo; tornou tambem a ſe corromper, & ainda mais nocivo voltou para

Ad Gal. 6. 14.

S Greg. lib. 4. Moral.

ra afugentar. He como o corpo morto, q̃ ainda ſe vè, & ainda ſe toca, antes de enterrado; mas naõ, ſe por caſo ſe deſenterrou; entaõ, como a contagioſo, naõ o aguarda nenhum vizinho. As irmãas de Lazaro, ainda o tiveraõ em ſua cõpanhia morto por todo o tempo q̃ precedeo ao ſeu entero. Mas quando Chriſto o quiz deſenterrar, logo lhe propuzeraõ o aſco, que haviaõ de ter: Joan. 11.39. *Jam fœtet, quatriduanus eſt enim.* A Lazaro morto, ainda ſe lhe póde chegar; como tambem ao que jà he ao mundo morto, em quãto o naõ corrompe o ſeu ar. Porèm a Lazaro deſenterrado, como tãbem ao que morreo, & ſe enterrou para o mũdo, & outra vez ſe deſenterrou; jà ſe não póde eſtar junto delles: *Iam fœtent.* Poderáõ cõ tudo dizer, tomando argumento do meſmo Lazaro deſenterrado, que naõ obſtante o eſtar taõ aſqueroſo, ainda ſe conſentio no ſeu deſenterro. E que naõ he o meſmo, tornar outra vez ao ar do mundo, o que jà para elle eſtava enterrado, ſe por caſo ſe deſenterrou; q̃ logo afugentar, & naõ haver quẽ a elle ſe poſſa chegar: ainda antes de o corromper outra vez o ar do mundo, o póde preſervar o arrependimento, & conſervar a emenda. Lazaro depois de enterrado tornou ao ar do mundo, & ainda

ſe

ſe conſervou aſſim deſenterrado. Aſſim he, reſpondemos a eſte reparo; mas foy neceſſaria hũa reſurreyçaõ milagroſa, para Lazaro deſẽterrado naõ ſair aſqueroſo. E melhor he a quem jà morreo, & ſe enterrou para o mũdo, deyxarſe eſtar aſſim enterrado, do que para naõ ſer nocivo cõ o ſeu contagio, depender de hum milagre: eſtar deſenterrado, & ferido outra vez do ar infectivo da virtude; & no meſmo tempo naõ eſcandalizar, deſedificar, & afugentar. Melhor lhe fora a Judas, depois de morto ao mundo, & tambem para elle enterrado, quando o deyxou todo, & ſe deſpojou de tudo, ſair delle ſem nada, aſſim como ſem nada delle todos himos para à ſepultura; do q̃ tornar ao ar do mundo ambicioſo dos ſeus bẽs, buſcando outra vez a quẽ lhos déſſe: *Quid vultis mihi dare.* Porque como lhe faltou o milagre, que deſenterrou a Lazaro: vindo outra vez ao ar do mundo, como elle, naõ teve como elle a ſua ſorte. Lazaro deſenterrouſe para acabar Santo; & Judas para acabar, *Laqueo ſuſpenſus*. E ſe delle ſe diſſe, que melhor lhe ſeria naõ ſer nacido; pela razaõ que himos ponderando; tambem lhe ſeria melhor, naõ ſer deſenterrado: *Melius illi eſſet*. A eſtes, & outros juizos ſe ex-

Matth. 26.15.

põem os deſenterrados de eſpirito; os que deyxando o mundo, morrèraõ, & ſe enterràraõ para elle; & depois voltando a elle, os ferio outra vez o ſeu ar, & delle adoecèraõ. Nem ſe poderáõ queyxar de os julgarem antes do tempo; pois jà eſtaõ deſenterrados: nem tambem diráõ com o Apoſtolo, que naõ temem ſer julgados por homens, como lhe cõmentaõ aquella ſua ſentença: *Mihi pro minimo eſt, ut judicer ab humano die*; ſe entre elles ſe deſenterraõ, aſſim como ſe tinhaõ enterrado entre elles. Os mortos, & enterrados para o mundo por virtude do eſpirito, & que por falta delle ſe deſenterraõ, & voltaõ ao ar do mundo; naõ ſe julgaõ antes do tempo, ſe jà ſe deſenterràraõ: & neſſe tempo juſtamente devem temer ſer julgados; pois ſó os mortos, & enterrados para o mundo, como S. Paulo, pódem dizer: *Mihi pro minimo eſt, ut judicer.*

1. ad Corint. 4. 3. Vide Corn. hìc.

Mandato.

§. VIII.

14 AMor deſvelado, & no meſmo tempo deſcançado. Deſvelado, quando Chriſto ſabia a hora de morrer: *Sciens quia venit hora ejus*; & a de ſe auſentar dos meſmos por quem morria: *Ut tranſeat ex hoc mundo.* E deſcãçado na meſma hora; porque nella detido

Joan. 11. 1.

Ibid.

tido em lavar os pés aos
amados, de quem ſe au-
ſentava: porque quan-
do morria, & ſe auſen-
tava, que era a hora do
mayor deſvelo; neſſa
entaõ ſe detinha, & a
tomava com deſcanço:
Ibid. 5. *Cœpit lavare pedes di-
ſcipulorum.* Eſtes ſaõ os
mayores extremos do
amor: hum, morrer
pelo amado, & auſen-
tarſe amando; outro,
no meſmo tempo de ſe
auſentar amando, de-
terſe com o amado.
Convirem na meſma
hora o morrer, & o
amar: *Sciens quia venit
hora: in finem dilexit;* &
tambem o auſentar, &
o deter: *Hora, ut tranſ-
eat: cœpit lavare pedes.*
O extremo mayor do
morrer, & auſentar, já
eſtá julgado naquella
affirmativa: *Maiorem* In Offic Apoſt.
*charitatem nemo habet,
ut animam ſuam ponat
quis pro amicis ſuis.* Naõ
póde eſtar a fineza de
morrer pelo amado,
ſem ſe auſentar o amã-
te: ſe, porque amou,
morreo; porque mor-
reo, auſentouſe. O ou-
tro extremo tambem
dos mayores, auſentar,
& deterſe; a Fé o moſ-
tra provado no Divi-
niſſimo Sacramento:
Vado ad Patrem: vo- Joan.
biſcum ſum. Ficou alli o 14.28. Matth.
amante com o amado, 28.20.
ainda depois de auſen-
te; porque quando ſe
auſentava: *Vado ad
Patrem*, entaõ ſe dey-
xou ficar: *Vobiſcũ ſum.*
De tudo iſto temos re-
trato expreſſo nas fine-
zas do Divino Eſpoſo,
& da Alma Santa Eſ-

poſa ſua. Temos na meſma hora o deſvelo, & o deſcanço, ouvindo o que diz a Eſpoſa : Cant. 5. 2. *Ego dormio* ; eis-ahi o Ibid. deſcanço : *cor meum vigilat*; eis-ahi o deſvelo. E ſe o dormir he figura do morrer ; & he figura do viver, o deſvelar; ahi eſtaõ convindo em hum meſmo tempo o ſignificativo do viver no amor deſvelado : *Cor vigilat* ; & o ſignificativo do morrer , no amor deſcançado : *Ego dormio.* E temos tãbem, ouvindo outra vez a Eſpoſa , o auſentar , & o deter na meſma hora: o auſentar , quando lhe Cant. 8. 14. diz : *Fuge dilecte mi*; & o deter , quando diz Cant. 1. 3. tambem : *Trahe me, poſt te curremus.* Se quando o Eſpoſo ſe auſenta, naõ deyxa de ir com elle a Eſpoſa ; a meſma hora de auſencia : *Fuge dilecte*, he tambem hora de companhia : *Trahe me.* Conferindo nòs agora eſtas noſſas conſiderações com outras de Santo Agoſtinho , deſcobrimos hũa combinaçaõ do noſſo diſcurſo com o ſeu. Do deſvelo, & deſcanço de Chriſto na hora da ſua morte, & da ſua auſencia : *Sciens quia venit hora, ut tranſeat : cœpit lavare pedes diſcipulorum* ; com o deſcanço, & deſvelo de Agoſtinho , accommodados por elle meſmo ao deſcançar , & deſvelar da Eſpoſa : *Ego dormio, cor meum vigilat.*

15 Que outra couſa he, pergunta eſta ſubli-

me

S. Aug. in. 17. me Aguia, aquelle *Dormio, & cor vigilat*, da Eſpoſa, ſenaõ hum deſvelo, & hum deſcãço, como o meu? Senaõ o ſocego, que eu tenho no deſvelo do ſaber, quando entaõ *Otium meum impenditur percipiendæ ſapientiæ?* Entaõ parecendo que durmo, eſtou ouvindo, & eſtou vendo: *Ita quieſco, ut audiam:* entaõ elevado eu na ciencia do que he Deos: *Vaco, & video, quoniam tu es Dominus.* E taes ſaõ os deſvelos da Eſpoſa: *Cor vigilat*, na meſma hora do ſeu deſcanço: *Ego dormio*, diſcorrendo nòs com Agoſtinho em ſeu nome huns deſvelos a outros; os ſeus aos da Eſpoſa. Faço, diz elle, (ou por elle dizemos nòs) deſvelandome com Deos na hora, em que ſey o que elle he: *Quoniam tu es Dominus*, o meſmo que faz a Eſpoſa, quando deſvelada pelo Eſpoſo, experimẽta, que nas horas do deſcanço ſe deſvela: *Ita quieſcit, ut audiat vocem dilecti pulſantis.* Quando na meſma hora: *Dormit, & vigilat: vacat, & videt.* E que outra couſa era (pergũtemos nòs, aſſim como pergunta Santo Agoſtinho) aquelle *Sciens Ieſus, quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc mundo: cœpit lavare pedes diſcipulorum*; ſenaõ ſaber a hora da morte, & da auſencia: *Sciens quia venit hora, ut tranſeat*; & eſſa meſma hora ſer de deſcanço,

ço, & de ſocego: *Cœpit lavare pedes?* Se Agoſtinho dizia no tempo daquelle ſeu deſvelo, & deſcanço: *Scribo ſapientiam in tempore otij*; que outra couſa fazia Chriſto na hora do ſeu deſvelar, & deſcançar, ſenaõ: *In tempore otij ſcire horam mortis?* Se aquelle era o *Ego dormio, & cor vigilat* de Agoſtinho, deſvelarſe com a ciencia, que no meſmo tẽpo era deſcanço; tambem a ciencia de Chriſto, que era deſcanço, & deſvelo na meſma hora, vinha a ſer o ſeu *Ego dormio, & cor vigilat.* Naõ ſe ſeparava na meſma hora o deſvelo de ſaber, que era chegada a hora da morte: *Sciens quia venit hora*, daquella amoroſa detença: *Cœpit lavare pedes diſcipulorum.* No meſmo tempo, em que ajoelhado era amante, que ſe detinha na preſença dos amados; o deſvelava a certeza de ſe ver delles auſente. O meſmo amor, que o prendia aos ſeus pés, o hia tirando da viſta dos olhos. Naõ ponderamos as pauſas deſta detença com os deſvelos daquella auſencia: o apreſſarſe para ir a morrer, & o deterſe com Pedro, em quanto ſe naõ deyxa lavar: o deſvelarſe na auſencia dos que amava, & o deterſe com Judas, que o vendia: o emprender a ſubida aos braços da Cruz, & o deterſe aos pés dos Diſcipulos: o

voar

voar como Sol ao ſeu occidente, & o deter os voos, que levava aonde teve o oriente. Naõ diſcorremos, digo, eſtas, & outras ponderações do auſentar, & deter de Chriſto na meſma hora do morrer, & do amar: *Sciens quia venit hora: in finem dilexit*; que ſaõ muytas, & todas de amor deſvelado, & deſcançado; porque os noſſos diſcurſos mais ſaõ homilias, que panegyricos. Eſtes poderáõ fazer os Oradores Euangelicos, que como imitadores, de Agoſtinho tem os deſvelos das ciencias: *In tempore otij.*

Morte.

§. IX.

16 TAnto a dà, quem tira a vida, como quem a naõ guarda: matar por querer matar, ou por naõ querer guardar da morte, tudo vem a ſer o meſmo. E naõ he iſto muyto, quãdo ſe achaõ em dous matadores ſeparados eſtes dous modos de matar: em hũ, porque matòu, & em outro, porq̃ naõ guardou da morte; ſe em hum meſmo matador vemos nòs dar a morte de ambos os modos juntos. Caim, que ſe negava de ſer guarda de ſeu irmaõ Abel: *Num cuſtos fratris mei ſum ego*; porque o naõ Gen. 4. 9.

guardou, o matou de hum deſtes dous modos: ſe elle o guardàra, naõ o matàra. E porq̃ lhe tirou a vida: *Interfecit eum*, o matou do outro modo: matou-o, querendo-o matar. Aſſim como com diverſa ſorte; porque os irmãos de Joſeph o guardàraõ, por iſſo o naõ matàraõ; & em lhe deſviarem a morte, o deyxàraõ com vida. E naõ ſem o myſterio, q̃ bem podemos conſiderar, achamos eſtes exemplos em hũs irmãos para outros. Em Caim para com Abel; que porque o naõ guardou, o matou. E nos outros irmãos para com Joſeph, que o naõ matàraõ, porque o reſguardàraõ da morte. Taõ arriſcados, como temos viſto aos q̃ ſaõ irmãos por natureza, andaõ os que ſaõ irmãos por adopçaõ a padecer eſte mal da morte. Naõ a q̃ ſepàra a alma do corpo, qual he a que reſulta do homicidio; mas a que tira a graça da alma; & he a morte, que faz a tentaçaõ. Quem podendo livrar ao ſeu irmaõ do mal deſta morte, o naõ faz, & o deyxa ir morrendo; eſſe o mata, porque o naõ guarda; porque ſe deſobriga de ſer *Cuſtos fratris ſui.* Se o guardar deſta morte, certamente o naõ matarà: *Non interficiet.* E o que dizemos do mal da morte, tambem o queremos dizer do mal da murmuraçaõ, que

Ibid. 8.

por

por matar com a lingua, tambem por ſeu modo mata: *Mors in manu linguæ.* Aſſim como o que murmura, he o que mata, por querer matar; o que podendo divertir a murmuraçaõ, a naõ diverte, he o que mata, por naõ deſviar daquella morte. Tambem eſte, por que deyxou morrer do mal da lingua ao ſeu irmaõ; porque o naõ guardou daquella morte: *Non fuit cuſtos fratris ſui*, por eſte modo o matou: *Interfecit eũ.* E pelo que a murmuraçaõ tem de venda, & compra; porque o que murmura he o vendedor, & he o compiador o que ouve a murmuraçaõ, & o murmurado he o vendido; tambem o que conſentio na murmuraçaõ do ſeu irmaõ, por eſte modo o vendeo. A todos tres conſideramos prejudicados neſta venda; porque aos meſmos, diz S. Bernardo, offende a murmuraçaõ: *Loquentem, audientem, & terſtium, cujus fama detrahitur.* Para confirmaçaõ do que temos ponderado, ainda eſtamos nos irmãos de Joſeph, que o naõ livràraõ da venda, havendo-o guardado da morte: entre os quaes huns foraõ os authores da venda, & outros os conſentidores della. E aſſim como os authores da venda o entregàraõ ao cativeyro; porque foraõ os q o quizeraõ vender: os conſentidores da meſma

Prov. 18. 21.

S. Bern. apud Corn. in Prov. cap. 18. v. 21.

ma venda, porque o naõ guardàraõ de ſer cativo, tãbem por eſte modo o vẽdèraõ: *Vẽdiderunt eum Iſmaelitis.* Gen. 37. 28.

Mudez.

§. X.

17 HE enfermidade, & póde ſer ſaude: enfermidade nos que ſe callaõ por ſua culpa; & ſaude nos que por virtude ſe callaõ. Entende-ſe o q̃ logo diſcorreremos, da ſaude, & enfermidade do eſpirito, & naõ do corpo: fallamos daquelle que deve dizer o bem, & ſe calla; & do que ſe calla, por naõ dizer o mal. O primeyro emmudece, porq̃ quer; & entaõ he a mudez enfermidade. O ſegundo, tambem porque quer, emmudece; & entaõ he ſaude a mudez. Ambos mudos; mas hum enfermo, & outro naõ. Enfermo o que peccou em callar; & eſta ſua culpa foy a ſua enfermidade: & naõ enfermo o que callou por naõ peccar; & eſta ſua virtude foy a ſua ſaude. Quando o declamador, ou zelador publico com os olhos no bem dos que o ouvem, os diverte do mal de q̃ adoecem, com ſingular prudencia, & doutrina commua, curandolhes a enfermidade ſem a deſcobrir, & as feridas ſem as aggravar; eſta ſua virtuoſa cautela he a ſaude da mudez. Como ha de ſer eſta, o moſtrava Chriſto nas

ſuas

ſuas prégações: eſperava a emenda das culpas, ou a cura das enfermidades dos que ſó o entendeſſem; & naõ para ſe deyxar entender de todos. Entendaõme os que ſe devem curar, ſem que outros entendaõ o mal, de que elles ſe curaõ; he o q̃ entaõ dizia: *Qui poteſt capere, capiat* Matth. 19.12. E quando pelo çontrario o publico declamador por algũ reſpeyto oppoſto à ſua obrigaçaõ calla o bem que deve dizer; o meſmo tempo do ſeu ſilencio, he o da ſua culpa, & por conſequẽcia o da ſua enfermidade. Tal ſe vio Iſaias doendo-ſe deſta mudez, & confeſſando nella a ſua culpa: *Væ mihi, quia tacui:* Iſai. 6. 5. ſentindo-ſe (cõmentaõ a ſua confiſſaõ) por naõ reprehender os peccados dos Grandes, & principalmente hum ſacrilegio do Rey Ozias: *Quòd peccata Procerum, vel tædio, vel metu victus, inſectari deſiterit: ac nominatim, quòd Oziam regem non corripuerit.* S Hier. S. Cyril. apud Cornel. hic. Naõ porq̃ emmudeceſſe a ſua voz; mas porq̃ a ſua obrigaçaõ emmudeceo: *Peccatum Iſaiæ, non tam locutionis, quam taciturnitatis.* Se o que deve reprehender, ou aconſelhar, emmudece por reſpeytos: *Vel tædio, vel metu,* naõ ſe diga delle, que adoeceo da mudez da lingua: *Peccatum non locutionis*; diga-ſe, que a ſua enfermidade foy mudez do zelo: *Peccatum taciturnitatis.*

Os

Os mudos do corpo naõ ſe doem, porque ſe callaõ ; pois ainda ſe ouvem , poſto q̃ ſe naõ entendaõ : a ſua dor he porque naõ fallaõ, quãdo aſſim ſe ouvem. Os mudos porèm do eſpirito : os q̃ emmudecẽ, porque naõ zelaõ ; naõ ſe devem doer , porque naõ fallaõ: doaõſe, porque ainda fallando ſe callaõ : *Væ mihi , quia tacui.* Entre o naõ fallar do mudo, & o callar do eloquente , ha eſta differença. o mudo naõ falla, porque naõ póde; & a ſua mudez naõ he enfermidade por ſua culpa : & o eloquente calla-ſe, porque quer ; & por ſua culpa he enfermidade a ſua mudez: *Peccatum taciturnitatis.* He porèm hũa tal enfermidade , taõ facil de ſe curar , que por naõ ſer mal do corpo , mas do eſpirito; baſta a eſte tal mudo abrir a boca : *Os meum aperui* , para recuperar a ſaude : *Et attraxi ſpiritum.* Ou eſta boca ſeja a da alma: *Os mentis , quæ attrahit gratiam*, no ſentido metaforico de Genebrardo ; ou ſeja a do corpo por accõmodaçaõ noſſa : *Os corporis*, que no noſſo ſentido , quando ſe abre para fallar do eſpirito tambem *Attrahit gratiam.*

Pſ. 118. 131. Ibid.

Genebr. in Pſal. hìc.

18 E naõ ſeria taõ pouco cuſtoſa a cura daquella mudez , que parecendo no que falla, ſegredo do mal dos ouvintes ; na ſua meſma locuçaõ foſſe deſcobrindo o ſeu mal : daquelle

quelle que ouvindo-ſe a ſua eloquencia, como medicina para obrar por dentro, & por iſſo muda ; brotaſſe fóra, como veneno encuberto no coraçaõ, & revendo pela lingua. Eſte mudo , que affectaſſe callar o mal, & déſſe a ver o mal que callava , neceſſitaria de cura muyto fóra da ordinaria. Certamente naõ baſtaria para a enfermidade deſte mudo a agua milagroſa da Piſcina ; dependeria a ſua cura de outro milagre mayor. Os que ſe curavaõ naquella agua, tinhaõ enfermidades conhecidas : *Multitudo cæcorum , claudorum , aridorum.* Naõ eraõ cegos, parecendo q̃ viaõ ; naõ eraõ coxos , parecendo que andavaõ ; & naõ eraõ tolhidos , parecendo que ſe moviaõ. E ſe alli ſe curavaõ enfermidades manifeſtas: a mudez daquelle enfermo, ou a enfermidade daquelle mudo, que ſuppomos ſeria juntamente eloquencia do meſmo mal, de que era ſegredo; demãdava outra virtude eſpecialmẽte milagroſa. Poderoſas eraõ as mãos dos diſcipulos de Chriſto para lançar demonios por virtude a elles delegada : *Dedit illis poteſtatem ejiciendi dæmonia.* E com tudo, foraõ neceſſarias as mãos de ſeu Divino Meſtre para a expulſaõ do demonio do Lunatico. Elles *Non potuerunt curare eum,* & ouvida a

Joan. 5. 3.

Marc. 3 15.

Matth. 17. 15.

voz

Ibid 17. voz de Chriſto: *Exijt dæmonium.* Aſſim como nem todos os demonios ſe lançaõ pela meſma ſorte de milagres; tambem poderemos dizer, que ſe naõ cura do meſmo modo toda a ſorte de mudos. A muytos demonios lançou Chriſto, pronunciada ſó hũa palavra ſua; para ſair porèm eſte demonio do Lunatico, applicou ſingular empenho da ſua omnipo-
Marc. 9. 24. tencia: *Comminatus eſt ſpiritui, dicens: Ego præcipio tibi, exi ab eo.* E ainda diſſe, que os demonios daquella eſpecie naõ deyxavaõ os corpos em que entraõ, ſem muyto cuſto de quem os manda ſair:
Ibid 28. *Hoc genus in nullo poteſt exire, niſi in oratione, & jejunio.* O meſmo ſe diria tambem daquelle mudo, que hi-mos ſuppondo: a ſua mudez naõ ſeria como as outras, ſẽdo no meſmo tempo mudez, & locuçaõ: eloquencia do meſmo mal, de que parecia ſer ſilencio. E por iſſo ſem outra ſingular virtude milagroſa: *Illud genus in nullo poterat curari.* Jà ſe entaõ ſe diſſeſſe, que aquelle demonio por ſer mudo de outra eſpecie: aſſim como era de outra eſpecie de demonios, fora neceſſaria aquella mayor commi-naçaõ de Chriſto; naõ ſeria conſideraçaõ forçada. E mais vendo-ſe, que contra a ſua mudez começàra Chriſto a fa-
Ibid. 24. zer o milagre: *Mute ſpi-*

ſpiritus, ego præcipio tibi &c. Pois, ſe para ſair eſte mão eſpirito mudo, foy neceſſario taõ efficaz imperio no milagroſo: naõ ſeria liberdade do juizo, ſe entendeſſemos, q para a cura daquelle mayor mudo do eſpirito naõ baſtaria a agua milagroſa da Piſcina: ſe diſſeſſemos: *Illud tale genus mutorum*, ſó por algũa eſpecial virtude *Curari poterat*. E ainda ficarà mais deſculpado eſte encarecimento, depois de moſtrarmos o mal daquella mudez eloquente: melhor ſe deyxarà ver como naõ ſeria proporcionada a virtude daquella agua para a cura de taõ grãde mal: daquella mudez, q parecẽdo cautela das enfermidades dos ouvintes [das ſuas culpas entendemos) foſſe no meſmo tẽpo o indice de muytas. As enfermidades, q ſe curavaõ naquella milagroſa agua, nella ſe cõſumiaõ; & nós podemos dizer, nella ſe callavaõ. Iſto he o que deve fazer todo o declamador Chriſtaõ, & zeloſo callado: receytar o bem da ſaude, & fazer deſapparecer o mal da enfermidade: comer, ou conſumir a culpa, que he o mal do enfermo; & dar a comer o remedio, que he a ſua ſaude. Fazer o que do Ceo ſe mandou dizer a S. Pedro para curar as enfermidades da alma (das quaes fallamos) repreſentadas nos animaes, que lhe mandàraõ

Act. 10. 13. dàraõ mataſſe: *Occîde, & manduca.* Que as conſumiſſe, lhe mandàraõ dizer; & naõ que as publicaſſe: aſſim cõmentaõ aquelle texto. Vide Corn. hîc. Eſta ſanta politica ſe via praticada na cura dos enfermos da Piſcina: aſſim como a ſua agua curava as enfermidades, as lavava. O que naõ faria aquella mudez, que tambem foſſe locuçaõ; ſe aos taes enfermos naõ alimpava. Mal poderia comer enfermidades o zelo, ou conſelho daquelle eloquente mudo; ſe elle antes as havia de dar a goſtar, & ainda a comer: ſe a elle lhe naõ haviaõ dito: *Occîde, & manduca.*

19 Até aqui a mudez enfermidade; a q̃ na boca do que a quizeſſe curar, parecendo antidoto que a divertiſſe, foſſe veneno que a aggravaſſe. Agora a mudez ſaude: a virtude do que por naõ dizer o mal, ſe calla. Eſte he o que havendo de fallar em culpas alheyas, ou nas enfermidades, que ellas repreſentaõ, ha de parecer, que as eſtà callando. He o que imita a Chriſto, quando pergũtado ſe a cegueyra do cego de nacimẽto fora peccado ſeu, ſe dos pays: reſpondeo, que nem dos pays, nem ſeu; mas antes que havia ſido, para gloria de Deos: *Neque hic peccavit, neque parentes ejus: ſed ut manifeſtentur opera Dei in illo.* Aquella cegueyra era enfermidade Joan. 9. 3.

dade

dade do corpo, que em ſentido moral ſe conſidera enfermidade da alma; & para os zeladores do eſpirito fallarem em ſemelhantes enfermidades com pretexto de lhes encaminharem a cura; mais ſe haõ de moſtrar mudos, que oradores. Haõ de fallar taõ ſilenciarios naquellas enfermidades, que a ſua locuçaõ mais ſeja para ſe glorificar a Deos, que para afrontar aos homens: pareça mais virtude delles, ꝙ culpa do cego. Entenda-ſe embora, que ſe cura algũa enfermidade; mas naõ ſe ouça dizer quem he o enfermo, que della ſe cura: *Neque hic, nec parentes ejus.* Advirta-ſe no que Chriſto diſſe de Lazaro morto, outra figura da enfermidade mortal dos homens, quando o foy a reſuſcitar. Lazaro dorme, he o que diſſe: *Lazarus amicus noſter dormit;* & naõ diſſe: he morto Lazaro; eſtãdo elle certamente morto, & não dormindo. Digaõ pois os reſuſcitadores dos Lazaros, ou dos mortos do mal das ſuas culpas, quando os querem ver melhorados na vida; que a ſua enfermidade he ſono, & naõ morte, ainda que verdadeyramente ſeja morte, & naõ ſono: *Dormit.* E os que ouvem bradar cõtra eſtes mortos, naõ ſaybaõ aonde elles eſtaõ ſepultados, ainda ꝙ o eſtejaõ no ſono do peccado. Creaõ, que os Joan. 11. 11.

eſtaõ perſuadindo a ſair da ſepultura ; mas naõ vejaõ de que ſepultura
Ibid.43. ſaem : ouçaõ ſó dizer : *Lazare, veni foras.* Naõ he mais proveytoſa a cura deſtas enfermidades, por ſe fazer aos enfermos mais publica : o ſegredo cõ q̃ ſe lhes deve applicar , tanto ſegura o remedio , como a melhoria. Jonas, quãdo foy prégar a Ninive, naõ bradou contra as ſuas culpas : ſó fez publico o ſeu caſtigo :
Jon. 3. 4. *Ninive ſubvertetur.* E com eſtas duas palavras ſem mais eſtrondo de vozes , os peccadores foraõ todos convertidos, & as ſuas enfermi-
Ibid.5. dades curadas : *Crediderunt viri Ninivitæ in Deum : & veſtiti ſunt ſaccis à maiore uſque ad minorem.*

20 Poſto porèm , que a mudez virtude naõ foſſe a cauſa principal da ſaude deſtes enfermos ; bem podemos dizer , que o ſerà naquelles , que alterados pelas payxões do animo, & por iſſo tambem enfermos por ſua cauſa ; mais emmudecendo, que fallando , livraõ deſtas ſuas enfermidades. Entaõ ſe vè, como por ſe naõ adoecer (tomemos por exemplo) do peccado da ira , que he grande enfermidade ; fica ſendo a mudez virtude , & que o ſilencio da boca he indicante da ſaude da alma. E he o que deſcobrio S. Agoſtinho , diſcorrendo a mudez , com que Chriſto fez callar o mar naquella tor-

tormẽta,em q̃ fluctuavaõ arriſcados os ſeus diſcipulos. *Tace, obmutesce*, lhe diſſe: *Et facta eſt tranquillitas magna.* Diz pois Agoſtinho a cada hum de nòs, ſuppondonos lidando com as ondas de algũa tempeſtade do eſpirito: que façamos o q̃ Chriſto fez, quando entaõ amanſou as do mar: *Audiſti convitium? Fluctus eſt.* Combate-te algũa injuria, ou algũa afronta? Eis ahi o mar tempeſtuoſo. Aſſim como no outro mar naufragaõ os que o navegaõ; neſte, que contra ti ſe levanta, póde tambem perigar o teu ſofrimento: *Fluctu ſurgente, periclitatur cor tuum.* E o remedio para te ſalvares, & naõ naufragares nas ondas da vingança, quando *Audito convitio, vindicari deſideras*, he mandar a eſte mar, que emmudeça: *Tace, obmutesce.* He valerte da Divina Omnipotencia, que deves deſpertar em Chriſto dormindo no meſmo tempo da tormẽta: *Excita Chriſtum, recordare Chriſtum*; & logo ſerà amaynada a tormenta: *Facta tranquillitas.* Se Chriſto deſte modo enfreou aquelle mar; eu confiado na ſua virtude, pódes dizer, hey de amanſar eſte, refreandome a mim: *Compeſcam me ab iracundia mea, & redibo ad quietem cordis mei.* E ſenaõ queres aſſim emmudecer, & te ſatisfazes com o mal de quẽ

Marc. 4. 39. Ibid.

S. Agoſt.

dizes foy origem da tormenta que padeces; ſuppõem que te tens vingado: *Vindicatus es*; mas tambem entende, que entaõ perigaſte: *Malo alieno cedens, feciſti naufragium.* Admiravel exhortaçaõ! Mas nòs com licença do ſeu Author, mais nos havemos valer do remedio, que nos receyta contra o mar das noſſas payxões, dizendo cada hum de nòs a ſi meſmo: *Compeſcam me*, do que mandando a eſte mar: *Tace, obmuteſce.* Os mudos havemos de ſer nòs, & naõ aquellas ondas. Havemos de imitar os ſagrados Apoſtolos no meſmo exemplo, com que Santo Agoſtinho as pretende abonançar. Elles naõ praguejàraõ as ondas, nem amaldiçoàraõ o mar, ainda vendo, que a tempeſtade os ſumergia. Naõ excitàraõ ao mar tormentoſo: excitáraõ a Chriſto dormindo: *Suſcitaverunt eum.* Pois a nós, & naõ ao mar das noſſas payxões, nos havemos de excitar, recorrendo a Chriſto: *Ut fiat tranquillitas.* Nòs meſmos ſomos aquelle mar, & as noſſas payxões ſaõ aquellas ondas; & poſto q̃ Chriſto lhes diga a ellas, & mais a elle: *Tace*, comvoſco falla; & a nòs nos manda, que emmudeçamos: *Obmuteſce.* Quãdo elle lãçou o demonio mudo do corpo do Lunatico, chamandolhe mudo: *Mute ſpiritus*, o Lunatico, & naõ

Luc. 8. 24.

Marc. 9. 24.

naõ o demonio, era o mudo. Naõ ſó he verſaõ Syriaca: *Obtulerunt ei mutum, in quo erat dæmonium*; mas na fraſe Grega iſſo quer dizer: *Dæmoniacus*; & na intelligencia commua o meſmo ſe diz dos Energumenos mudos: os demonios ſaõ os que effectivamente os emmudecem a elles. E do meſmo modo, que ſendo o Lunatico o mudo, Chriſto fallava cõ o demonio, como ſe o foſſe: com-noſco, que ſomos os motores das noſſas payxões, & por iſſo tambem da tormẽta, que ellas levantaõ, devemos nòs fallar, como ſe foſſemos o meſmo mar tormentoſo, & dizer cada hum de nòs a ſi meſmo: *Tace, obmuteſce.* E conſideradas as meſmas moçõe, ou payxões interiores, como enfermidades noſſas; naõ a ellas, mas a nòs, que ſomos os enfermos, havemos de fazer a cura. Ha de verſe nellas o effeyto da ſaude: & em nòs ha de eſtar, como em ſua cauſa, a mudez virtude. Para ellas naõ bradarem cõtra nòs, como fazem os peccados, que ſaõ o ſignificativo de todas: *Peccatũ contra nos ſemper*, cada hum de nòs ſe ha de emmudecer, ou refrear a ſi: *Compeſcam me.*

Syr. apud Corn. hîc.

Mantimentos.

§. XI.

21 OS do demonio, ou ſaõ os

os de que elle come: ou os que outros comem por elle: ou os que elle de ſi meſmo faz para ſe dar a comer a outros. E ou comendo elle, ou dando elle de comer a outros, ou dando-ſe a ſi meſmo a comer; ſempre o demonio he negociante de mantimentos, & aſtuto Aſſentiſta de viveres; mas eſſes mortaes. Jà no Paraiſo começou elle a armar eſta negociaçaõ: logo com o primeyro mantimento fez morrer aos primeyros, que o comèraõ, Adam, & Heva; depois de lhes ſegurar naquelle alimẽto muyta vida: *Nequaquam moriemini.* O mantimẽto, que elle come, he o que lhe daõ os manjares da gula: os peccados deſtes comedores ſaõ o ſeu comer delle. Como elle he o que tenta no comer, & faz que o tentado coma; a iguaria, que eſte guiza para ſi, he prato, que faz para o demonio: ſendo ſuſtẽto para elle, tambem o fica ſendo do demonio, pois he para hũa divindade tal, como elle, repreſentada no ſeu ventre: *Quorum deus venter eſt.* E quãto mais nobres ſaõ os que comendo lhe daõ de comer, (porque a toda a ſorte de comedentes admitte elle na ſua meſa) tanto mais he de ſeu goſto a iguaria, que ſe lhe adminiſtra, diſſe hũ Profeta: *Cibus ejus electus:* & diz quem o cõmenta: *Cibus diaboli, negatores Dei ſunt.* E ſe

Gen. 3. 4.

Ad Philip. 3. 19

Habac. 1. 16.

S. Theophyl. Alexand. Epiſt. 2. Paſch.

para

para ſe dizer, que o demonio come, baſta que os comedores comaõ: menos ſe duvidarà dizer, que ſe dà de comer ao demonio naquelles que comem, por terem quem os ſuſtenta; & ſer tambem eſſe prato para elle, *Cibus electus.* E com iſto naõ ſe condena, nem reprova a meſa delicioſa; porque eſta jà tem approvaçaõ publica de licita, quãdo naõ he eſcandaloſa: quando naõ he, a que ſendo de mantimento do corpo, he veneno para a alma: *Anima, comede, bibe, epulare.* O mantimento dos que comem pelo demonio; ou daquelles, aos quaes o demonio dà de comer; he o grangeado por tratos illicitos, negociações condenadas, & meyos doloſos. Como o demonio he o author deſtas ganancias; elle he o que por ſua maõ lhes dà de comer, ou o meyo, para que elles comaõ. O idolo Bel, que tambem nelle comia o demonio, como diſſeraõ a Daniel: *Non vides quanta comedat, & bibat quotidie*: os ſeus ſacerdotes eraõ os que comiaõ delle: *Fecerant ſub menſa abſconditum introitum, & per illum ingrediebantur ſemper, & devorabant ea.* Elles comiaõ as offertas do idolo: & as offertas comidas por elles, eraõ o que o demonio no idolo lhes dava a comer. Naõ comendo o idolo Bel, fazia o demonio, que

Luc. 12. 19.

Dan. 14. 5.

Ibid. 12.

aquelles ſacerdotes comeſſem por elle: tudo o que ſe offertava ao idolo, para elle comer, era mantimento do demonio, que elles comiaõ: *Devorabant ea.* Dan.14. 12. O mantimento, que de ſi meſmo faz o demonio, para ſe dar a comer a outros, he o que ſuſtenta aos que pelo ſeu peccado ſaõ morada do demonio: aos q̃ vivendo do peccado, apoſentaõ ao demonio na alma. Naõ ſó entaõ lhes dà de comer; mas no comer que lhes dà, tambem vay elle, como para ſer comido. O mãtimento vay para o corpo; mas o demonio vay no meſmo mantimento para a alma. O prato de que Judas comeo com Chriſto, quãdo ſabedor jà da ſua venda: *Qui intingit mecum manum in paropſide, hic me tradet*; era de mantimento corporeo para Judas, no qual hia o demonio, como alimento incorporeo da ſua alma. Iſto ſe vem a entender do que diz o Euangeliſta: *Cùm diabolus jam miſiſſet in cor.* Joan. 13.2. Como o demonio (diz Cornelio) jà tiveſſe entrado em Judas, & o animaſſe para a entrega de Chriſto: *Cùm Chriſtus jam prodendus eſſet a Juda ſuaſu diaboli.* Cornel. hic E aſſim havia de ſer, jà que Judas era mantimento do demonio: *Cibus ejus electus*, por ſer *negator Dei.* Tãbem a meſma perfidia de negador de Chriſto, & por conſequencia Matth. 26.23.

quencia

quencia de ſeu vendedor, havia de fazer ao demonio mantimento de Judas: como he para muytos por ſentença do ſagrado Expoſitor jà allegado: *Cibus omnium impiorum execrabilis ipſe diabolus.* E he o que ſe vio repreſentado, quãdo Moyſes deu a comer aos idolatras do deſerto o idolo, que adorãraõ por deos. Quem adora a hum idolo, & nelle ao demonio, & niſſo lhe dà o ſeu comer: *Cibus ejus*, ſeja o meſmo demonio, & o meſmo idolo mantimento ſeu, & eſſes adoradores o comaõ a elle: *Moyſes arripiens vitulum, combuſſit, & contrivit uſque ad pulverem, quem ſparſit in aquam, & dedit ex eo potũ filijs Iſrael.*

S. Theophyl. Alexand.

Exod. 32. 20.

Medicina.

§. XII.

22 POde ſer para morte contingente, ſendo antes preparada como remedio certo; ou por mà indiſpoſiçaõ do que a toma, ou por erro de quem a dà. A indiſpoſiçaõ do que a toma, naõ he culpa ſua; o erro de quem a dà, bem o poderà ſer. E para iſſo, baſta prever elle de algum modo a contingencia mortal: & por deſprezar eſſa contingencia, acabar o enfermo morto. Tal he tambem a morte contingente da alma, deſprezando-ſe o ſeu perigo: ſenaõ previſto na ſua certeza; na ſua con-

contingencia. De hum, & outro modo previo S. Paulo a queda da ſua negaçaõ, muyto antes do cair : no perigo certo, profetizado por
Matth. 26.34. Chriſto : *Antequàm gallus cantet, ter me negabis*; & no contingente, advertido por elle meſmo, em ir andando
Ibid.58. ao longe do negar : *Sequebatur à longè*. Quantos paſſos encurtava, para ſe afaſtar do perto do peccado ; tantos eraõ os aviſos, que hia tendo do perigo. E porque confiou de ſi : & olhando para a contingencia do que lhe ſuccedeo, a naõ temeo ; por iſſo negou, & jurou:
Ibid.72 *Negavit cum juramẽto.* Iſto he o que importaõ as attenções do que poderà ſucceder : admittir, & naõ lançar fóra as advertencias do futuro, he querer perigar no mal contingente ; ou eſte ſeja de enfermidades do corpo, ou da alma. Fallando das do corpo, diz S. Gregorio, que as havemos de conſiderar, como correyos da morte, que vem diante, & dizem que ella eſtà perto : *Eſſe vicinam.* E entre eſtes correyos, ou aviſos bem podemos reconhecer por ſemelhantes as contingencias advertidas; porque ellas tãbem dizem aos que curaõ deſtas enfermidades; que vay arriſcada a cura, & que vem chegando a morte ; tãbem ellas por ſeu modo fazem advertir, *Mortem eſſe vicinam.*
S. Greg. Homil. 13. in Euang.

E fallando das enfermidades da alma, tãbem com S. Gregorio podemos dizer o meſmo, accõmodando à morte da alma (que he a ſeparaçaõ da graça, q̃ nella faz o peccado) o que elle diſcorre dos correyos da morte do corpo. Diz elle, que bate Deos à porta do corpo enfermo: *Pulſat Dominus*, quando diante da morte vem as enfermidades: *Cùm per ægritudinis moleſtias eſſe mortem vicinã deſignat.* E tãbem Deos faz iſto meſmo, quando pelos deſalentos do eſpirito bate à porta da alma, & pelos aviſos contingentes da ſua morte, *Eſſe illam vicinam deſignat.* Eſta vem a ſer a razaõ, porque muytas almas teraõ jà perigado nas ſuas enfermidades, por naõ darem entrada a eſtes correyos da ſua morte; por ſe divertirem dos aviſos da ſua contingencia, & confiarem na certeza de q̃ vaõ livres do ſeu perigo. Exponhamos hum ſó exemplo, por ſer entre todos muyto ſingular, & baſtar eſte por todos. A fundiçaõ do vitulo (queremos dizer) feyta por Aram no deſerto, peccado graviſſimo ſeu, por ſer diſpoſiçaõ da idolatria do povo, & por iſſo morte da ſua alma, & morte tambem das almas de todos aquelles idolatras. Para divertir a furia com que elles pediaõ a Aram hũ deos, que ſuppriſſe a auſẽcia de

Exod. 32.1. de Moyſes: *Fac nobis deos, qui nos præcedant*, pareceolhe remedio certo, a fundiçaõ do ouro, q̃ lhes fez ajuntar: *Tollite inaures aureas &c.* Ibid. 2. & 4. *quas formavit opere fuſorio &c.* E principalmente porq̃ entendeo, que o amor do ſeu ouro lhes ataria as mãos, para ſe naõ deſpojarem delle: *Hac poſtulatione* Cornel. hic. *divertere conatus eſt flagitando inaures &c.*

23 Porèm o effeyto deſte remedio, ao parecer de Aram certo, & ſeguro; foy ſair o vitulo para ſer adorado, & contingentemente formado, como elle diſſe, ſem o cuydar, nẽ prever: *Projeci illud in* Exod. 32.24. *ignem, egreſſuſque eſt hic vitulus.* E morrèraõ do modo que dizemos, todas eſtas almas; porque os correyos, & aviſos do peccado, de que havia de morrer a de Aram, & por conſequencia as daquelle povo, lhe diziaõ, *Mortem eſſe vicinam*; & elle os naõ ouvia bem, nem lhes dava entrada. Hũ deſtes aviſos lhe advertia, que naquella fundiçaõ dava elle ao povo hum deos de metal; porque hum deos foy o que lhe pediraõ: *Fac nobis deos*; & elle do ouro, que lhe trouxeraõ, lhes vinha a fabricar hum deos, que por tal o acclamàraõ: *Hi* Ibid. 4. *ſunt dij tui Iſrael.* Outro aviſo lhe advertia, que elle cooperava para o peccado da idolatria do povo; porque ao deos que ſahiſſe fundido

dido daquelle ouro, haviaõ render adoraçõeſ de divindade; como depois o fizeraõ, conſagrandolhe o meſmo
Ibid. 5. Araõ altar: *Ædificavit Aaron altare coram eo*; & ſeguindo-ſe logo as ſolemnidades do cul-
Ibid. to: *Solemnitas Domini eſt.* Outro aviſo lhe advertia, que naõ duvidaſſe de vir Deos a ſer aſſim offendido: porq̃ aquelle povo de ſua natureza era inclinado a errar, como o diſſe o meſmo Araõ a Moyſes, quando o arguhio de ter ſido a cauſa do
Ibid 22. peccado do povo: *Tu noſti populum iſtum, quòd pronus ſit ad malum.* E a todos eſtes aviſos, que como advertencias do que depois aconteceo, deſpertavaõ a Araõ, para temer tantos danos, & a morte futura de tantas almas, ſua, & de todo aquelle povo; naõ deu elle as attenções que devia, & fundio o idolo: *Fecit vitulum conflatilem.* [Ibid. 4.] A deſculpa que deo a Moyſes, foy em ſubſtancia a meſma, que coſtumaõ dar os que naõ temem as contingencias do ſeu peccado. Naõ querendo cõfeſſar, q̃ elle fora o fũdidor daquelle idolo; diſſe, que naõ fizera mais, que lançar o ouro no fogo: *Projeci illud in ignem*; & que improviſamente ſahira o idolo fundido: *Egreſſus eſt hic vitulus.* E foy o meſmo que dizer: Eu o naõ fiz: elle ſahio feyto: *Egreſſus eſt.* Mas ainda que ſe l[illegible]

tiſſe a deſculpa ao fazer da fundiçaõ (porque nem ainda entaõ a deſculpa o abſolve) quem depois da fundiçaõ acabada, & de apparecer o idolo feyto , o fez adorar , ſenaõ o meſmo Araõ: *Ædificavit altare coram eo?* Aquelles que adoraõ aos idolos vivos deſte mundo, idolos jà feytos,naõ ſaõ tambem por ſeu modo ſeus idolatras ? Deſculpa-os por ventura , naõ ſer para os fazerem a elles, o ouro que lhes daõ , tambem ſemelhãte ao do vitulo: *Inaures aureas ?* Tambem eſtes naõ fazem mais , que botar aquelle ouro no fogo da ſua concupiſcencia ; mas as adorações aos idolos , elles as fazem. E naõ deyxaõ de ſe deſcobrirem ſeus adoradores ; ainda que certos de naõ ſerem elles os ſeus authores. Debayxo de toda eſta certeza encontraõ elles com a contingencia do ſeu mal todo: *Ædificant coram eis altare ſuum.*

Ibid. 2.

Mercancia.

§. XIII.

24 MUytas vezes naõ he de muyto preço ; ainda ſendo a couſa cõprada muyto precioſa. Sendo o que Judas vẽdeo, & lhe compràraõ, de preço infinito ; a Igreja lhe chama muyto mao mercador: *Mercator peſſimus.* Foy mercancia taõ peſſima para elle o vendedor ; como

In Offic. hebd. Sanctæ.

mo para os ſeus compradores; nem elles ficàraõ ſenhores do que compràraõ, nem Judas ſenhor do dinheyro, q̃ lhe deraõ: & todos ficàraõ muyto maos mercadores. E nem ainda depois de Judas reſtituir o dinheyro, os compradores o quizeraõ recolher: foy deſtinado para os defuntos, que o naõ haviaõ de agradecer: *Emerunt ex illis agrum figuli, in ſepulturam peregrinorũ.* Maldito intereſſe o das mercancias peſſimas! Quando parece que he do comprador, & do vendedor; nenhũ delles o logra; & nem ainda ſe guarda: *Non licet mittere in córbonam*, que era o meſmo que theſouro: *Significat ærarium, ſive gazophylaciũ.* Ou quando por caſo ſe depoſita no theſouro dos mortos do corpo, vay para o dos mortos do eſquecimento, quaes podemos conſiderar, q̃ ſaõ aquelles que crendo tem nelle o ſeu dinheyro, parece naõ ſerem lembrados, nem delle donos; como ſe foſſe para algũa ſepultura: *In ſepulturam;* & ainda eſſa, de eſtranhos: *Peregrinorum.* E eſta he a unica exceyçaõ daquella regra: *Ubi eſt theſaurus tuus, ibi eſt & cor tuum*; porque ainda que eſtes là tem o ſeu coraçaõ; o ſeu theſouro parece que naõ eſtà là; pois ſe lhes pergũta: *Quæ autem paraſti, cujus erunt?* Tanto trato, tanta compra, tanta venda

Matth. 27.7.

Ibid. 6.

Corn. hic.

Matth. 6.21.

Luc. 12. 20.

venda de mercancia peſſima, ainda que algũa vez ſeja de mercadoria precioſa; là vay parar tudo em hũ theſouro, como ſepultura: *In ſepulturam.* Só reparo no motivo, de naõ ſer licito depoſitar o preço daquella venda, por ſer do valor do ſangue vendido: *Quia pretium ſanguinis eſt.* Antes parece que por iſſo meſmo devia ſer bem guardado o dinheyro, que ſe deo pelo valor do tal ſangue. Porque ainda preſcindindo de ſer aquelle ſangue de infinito valor; & por valer tanto, convinha muyto fazer delle theſouro; todo o intereſſe, que chega a cuſtar gottas de ſangue, que ainda he mais, que o ſuor do roſto, deve ſer bem arrecadado. Mas iſſo he, quando o ſuor do ſangue, ou do roſto correm depois da venda licita; & naõ da peſſima, ainda que a couſa vendida ſeja precioſiſſima. Eſte preço, ou eſte intereſſe, naõ convèm ſeja depoſitado, como emolumento licito: *Non licet mittere in córbonam:* enterre-ſe, & và para hum theſouro parecido com a ſepultura: *In ſepulturam.* Oh quanto devem temer os de mercancia illicita, que todos os ſeus emolumentos, & intereſſes, naõ ſó naõ cheguem a filhos, & netos, como diz o vulgo; mas que deſappareçaõ deſeytos, como os ſeus mercantes o haõ de

Math. 27.6.

de ſer no pó da ſepultura! Cuſtoulhes o ſuor do ſangue, & o do roſto; & o valor de preço taõ cuſtoſo, para onde foy? *In ſepulturam.* Temos contra eſte diſcurſo a venda, que de Joſeph fizeraõ ſeus
G:n.37. 28. irmãos: *Vendiderunt eum*, que tambem foy illicita, tambem do ſãgue, que corria pelas veas de todos; porque vendido Joſeph, tambem o ſeu ſangue hia vendido. E com tudo là veyo tempo, em que aquelle meſmo ſangue, que elles vendèraõ, lhes valeo, & deo a vida, que hiaõ perdendo mortos de fome. E naõ ſó intereſſáraõ neſſa venda (ainda ſendo peſſima) os irmãos vendedores; mas tambem o ſeu meſmo pay, a ſua caſa toda, & chegaria a ſer bõ a filhos, & netos, ſe os houveſſe. Supponho ſabida a hiſtoria, & reſpondo ao argumento, que ſó prova, q̃ aquelle ſangue vendido valeo, & foy bom a tantos; o q̃ cõcedemos. Mas naõ prova, que o preço da venda valeſſe aos irmãos vendedores: pois do ſeu intereſſe naõ tiveraõ com que livraſſem de famintos. Tambem o ſangue de Chriſto vendido valeo, & ainda val a todos os remidos com elle: porèm o preço do ſangue (que deſſe he o de que nòs fallamos) nem ao vendedor, nem aos compradores valeo: conſumio-ſe em hũa ſepultura: *Emerunt agrum*,

in ſepulturam peregrinorum.

Merces.

§. XIV.

25 AS que devem ſer mais eſtimadas, ſaõ as que ſe naõ devem : as que antes de ſe fazerem, jà ſaõ devidas; quando ſe fazem, ſaõ premios: naõ ſaõ merces. E a merce, ha de ſer liberalidade, & naõ obrigaçaõ: graça, & naõ paga. Como a juſtiça he a que dà os premios; & he a liberalidade a que faz as merces; naõ faz merce algũa, quem no premio que dà, paga o que deve; & ſó a faz, quem na ſua liberalidade dà o que quer. Mas he o mundo taõ avarento de merces, que chegaõ a ſe eſtimarem por liberalidades, as q̃ ſe devem por juſtiça: tendo ellas legitimos acredores; entendem, que fazem muyta merce (ainda quando a fazem) os que dellas ſaõ devedores. E niſto meſmo conſentem tambem aquelles que as aceytaõ, & por ellas beijaõ a maõ a quem as faz: tambem lhes chamaõ merces, ſendo dividas; & as reputaõ por liberalidades, ſendo premios. Nem pàra ſó aqui a impropriedade deſtas merces, ainda por ſer o ſeu cuſto dobrado; o nome de merce lhes vẽ improprio. Sobre terem cuſtado o que val o merecimento, o ſeu requerimento ainda depois

pois vem a ter outro cuſto; hum ſuor para ſe requerer, precedendo jà outro para ſe merecer; & ainda aſſim lhe chamaõ merce. Duas ſaõ as principaes ſortes de merces pretendidas no mundo; de honras, hũa; & de riquezas, outra: ou ſer mais, ou ter mais, ou hũa couſa, & mais outra, ſaõ os cuydados dos pretendentes de merces. E entre todas ſempre devem preferir na eſtimaçaõ as que ſe fazem ſem ſe deverem: as que naõ eraõ devidas, antes de lhes chamarem merces. Excluimos deſta ſerie as que ſe naõ merecem, & quando feytas, mais ſaõ afrontas, que merces; porque eſtas nem ſaõ merces, nem dividas: ſaõ indices da indignidade dos que as recebem: o meſmo he entaõ hũa deſtas merces, que hũa afrontoſa diviſa. Se a merecida he como o eſmalte no ouro, a que ſe naõ merece, naõ aſſenta em metal para eſmalte; havendo de dar eſplendor, cobre de ſombras. E naõ ſó cauſa eſte deſar a merce das honras naõ merecida: tambem a das riquezas, que ſe naõ merece, faz os meſmos eclipſes. E ſe diſſermos, que eſtes ſaõ mais notados, que os das merces das honras, naõ ſerà encarecimento ſem razaõ; porque mais ſaõ os olhos, que obſervaõ as enchentes dos bens da fortuna, do que os

graos honorificos da nobreza: menos eclipſaõ eſtas alturas, que aquellas abundancias. Que eſte viva mais elevado pelas merces do valimento, naõ deſafia tanto a inveja, como o outro, que avulta pelas que mais valem. Eſtas merces daõ valor à caſa dos que as gozaõ; & as outras, ſó o daõ à eſtimaçaõ dos que as pezaõ. Mas hũas, & outras ſempre para mais prezadas as que não ſaõ devidas: as que ſe fazem por liberalidade, & não por pagamento.

26 Não ſendo pois legitima merce, a que he devida; ouçanos a nòs (depois de ouvir ao engenhoſo, & diſcreto Meſtre das politicas Chriſtãas) quem ſe houver de queyxar, ou conſolar na falta dos premios merecidos: & irà vendo nas noſſas razões hũa groza das ſuas, todas ao meſmo intento, & com diverſo fundamento todas. E diz elle aſſim dando a primeyra, que nòs, como tambem as que ſe vaõ ſeguindo, lançamos aqui em ſubſtancia, por evitar muyta eſcritura. *O premio das acções heroycas, ellas o tem em ſi, & o levaõ logo comſigo: ſaõ ſatisfaçaõ de ſi meſmas. No dia em que as fizeſtes, vos ſatisfizeſtes.* E nòs dizemos, que naõ ſe queyxe o pretendente, ſe lhe naõ fizeraõ merce, de lhe negarem nella hũa divida: porque ſe era divida, naõ era merce. Nem tãbem P. Vieyr. in Serm. petit. filior. Zebed. t. 1.

ſe

ſe conſole na ſua falta; por entender, que o ſeu meſmo merecimẽto he o ſeu premio. Porque ſe o que lhe negàraõ naõ era merce, por ſer divida; o merecimento, que lhe fica por premio, (& naõ he o mais nobre) he de divida, & naõ he de merce, que he o premio mais elevado. Eſte he o que as acções heroycas tem em ſi, & comſigo: & ſaõ ſatisfaçaõ de ſi meſmas, as que reſpeytaõ a merce liberal, & naõ a devida. O dia da mais nobre ſatisfaçaõ, he o da merce, & naõ o da paga. E iſto ſe ha de entender, quando tambem a merce retardada, ou eſquecida for de bẽs da fortuna, & naõ ſó da honra: do meſmo modo, por ſer merce de divida, & naõ de liberalidade; naõ tome o pretendente por conſolaçaõ na falta deſtes bens, o havellos merecido; pois deve advertir, que lhos negaõ, como pagamento, & naõ como beneficio. *Se fóra de vòs meſmos eſperaveis outro premio; cõtentayvos com o da opiniaõ, & da honra. Se voſſos ſerviços ſaõ mal premiados, baſtevos ſaber, que ſaõ bem conhecidos: & eſte premio, ninguem vo lo póde tirar, nem diminuir.* Aſſim he: mas a melhor opiniaõ, he a q̃ ſe tem da merce, que naõ he divida: como tambem a mayor honra, he a do premio dado, & naõ pago. He entenderem todos,

que os ſerviços de hum pretendẽte ſó ſaõ acredores da merce, & naõ do jornal: merecedores, & naõ mendicantes. *Que importa, que ſubais mal conſultado dos Miniſtros, ſe eſtais bem julgado da fama? Que importa, que ſahiſſeis eſcuſado do Tribunal, ſe o Tribunal fica accuſado?* Nada diſto importa, ſendo a merce liberalidade: & importa muyto, que ſendo ella divida, naõ ſe ouça dizer ao pretendente, que foy mal conſultado, nem mal julgado. Quem conſidera a merce, como merce, & naõ como paga; naõ tem acçaõ de queyxa contra Miniſtros, nem Tribunaes. E ſó ſendo publica a fidalguia deſte timbre, luſtrarà o ſeu premio mais naſ azas da fama, que nos aſſentos dos deſpachos. Aſſim ficará livrando de andar por Tribunaes, pedindo pagas; pois ſó traz as attenções em merces: & tambem de arguir Miniſtros de juſtiça; quando na merce ſó eſpera graça. *Paſſay pela chancellaria eſſe deſpacho, deixay-o por braſaõ a voſſos deſcendentes, & ſereis duas vezes glorioſo.* Não livrará porèm eſte legado da nota de ſe depender de pagas, ſe as merces ſaõ dividas: offerecendoſe por ellas merecimentos, como quem lhes taxa os preços. E iſto não ſerá illuſtre braſaõ para os que hão de herdar da ſua aſcendencia

dencia ſervir para merecer, & naõ para ſe pagar. *Se ſerviſtes à Patria, que vos foy ingrata; vòs fizeſtes o que devieis, ella o que coſtuma. A paga mayor para hum coraçaõ honrado, he ter feyto o que devia: & entaõ elle meſmo ſe paga, quando faz o que deve.* Mas ha de ſer, ſem que por modo algum ſe chame a ſatiſfaçaõ paga: ſó ſe ha de chamar merce. E jà ſe delvia da nobreza da merce o pretendente, que aſſenta comſigo eſtar jà pago, porque fez o que devia. E muyto mais, ſe ſe queyxar das ingratidões da Patria, por lhe naõ pagar o que lhe deve; ſe elle ſó aſpira a merces, que ſe lhe naõ devem, como paga. E ainda naõ faz o q̃ deve, quem ſe queyxa de naõ eſtar pago; quando o que deve fazer, he ſó moſtrar, que tem merecido. *Notavel ſentença he aquella, em que lemos, que depois de termos feyto tudo; havemos dizer, que ſomos ſervos inuteis. E aſſim como he notavel, he tambem verdadeyra: porque ſe naõ ha de entender da utilidade, que recebe o ſenhor; ſenaõ da utilidade, que naõ recebe o ſervo: o qual por ſer obrigado a ſervir, conſidera, que naõ deve receber utilidade do ſeu ſerviço. E aſſim ha de ſervir, quem ſerve generoſamente: fazer o que deve, & naõ ſe queyxar de ſe ver ſem premio pelo que faz, ſe o deve.* Se

aquelle he o melhor ſervo, que depois de fazer tudo o que devia, ſe ha de conſiderar ſem a utilidade do ſerviço por elle feyto; ſó ha de olhar para a merce, que eſpera, como liberalidade, & naõ como paga. Quem faz o que deve fazer, naõ ha de pôr os olhos na merce, como paga do que fez, ſenaõ como quem faz ſem paga. E ſó aſſim, ainda depois de fazer tudo, he ſervo inutil; porque naõ pretende tirar da merce mais utilidade, que o preço do ſeu ſerviço, que elle em ſi jà tem. *Quem fez o que devia, devia o que fez: & ninguem eſpera paga de fazer o que deve. Se ſervî, fiz o que devia ao Rey, & o que devia a mim meſmo: & quem ſe deſempenhou de tamanhas dividas, naõ ha de eſperar outra paga.* Iſto he o que nòs tambem dizemos: ſervir, & naõ eſperar na merce ver os ſerviços pagos. Jà naõ attende ao que ſe deve a ſi meſmo, quem reputandoſe merecedor de merces, nellas ſe quer pagar do que fez. Moſtra entaõ, que a ſi ſe naõ devia nada: porque depois de ſervir como devedor a ſi meſmo; eſtẽde a maõ para a merce, como ſe ſerviſſe ſẽ dever ſervir. *Alguns haõ deſvanecidos, que cuydaõ que fizeraõ mais do que deviaõ. Enganaõſe. Quem mais he, & mais póde; mais deve. Os que ſe prezaõ de*

filhos

filhos do Sol, & taõ illuſtres como as Eſtrellas; não ſe abatem a mendigar outra paga, mais que a de fazer o que devem. Eſta meſma he a razaõ, porque a merce naõ ha de ſer paga, nem conſiderarſe como premio devido, ſenaõ liberalmente dado. Naõ ſendo aſſim, abatemſe os benemeritos mais nobres a pedir como neceſſitados, ſe requerem merces como paõ ganhado com ſuor. *Não pretendo com iſto eſcuſar aos que vòs accuſais. Porque vòs ſois benemerito; não devem elles ſer injuſtos. Mas, porque ainda com o pouco, que podem, faltão ao agradecimento; quero eu, que vos não falte a conſolação. Deixay perguntar ao mundo, & admirarſe de vos não ver premiado: porque eſſa pergunta, & eſſa admiração, he o mayor, & o melhor de todos os premios. Aſſim como a mais honorifica Eſtatua de Catão, era não ſe ver ella entre as mais Eſtatuas do Capitolio Romano: a pergunta, porque ella alli faltava; era a mayor Eſtatua de todas. Naõ deis logo queyxas ao deſagradecimento; daylhe graças.* Nòs tãbem culpamos muyto mais aos deſagradecidos, ſe elles quando faltaõ com o agradecimento, entendem que faltaõ com a merce, q̃ he paga, aos que naõ querem paga na merce. E os que depois de os ſervirem, cuydaõ, que pagaõ

pagão ao benemerito cõ a merce, q̃ fazẽ; cõpraõlhe o merecimento, & daõlhe a merce por moeda. E entaõ, que he o que lhe ficaõ dando, ſe elles havendo de dar, compraõ? E que credito he do merecedor, ſe no meſmo tempo, em vez de receber, vende? Sejaõ logo ingratos deſte modo os deſagradecidos: & entendaõ os do muyto merecimento, que toda aquella ingratidaõ he naõ pagar o que devem: naõ a elles; pois naõ pretendem merce, que ſeja paga. Se entre as Eſtatuas dos Romanos ſe viſſe a de Cataõ, jà o ſeu merecimento ſe acclamava pago: & as ſuas acções mais ſatisfeytas ficavaõ, no-meadas alli na fama, q̃ pagas na Eſtatua, ſe nella lhe haviaõ de fazer pagamento da virtude. *Dirmeheis, que vedes differentemente premiados os que fizerão menos, ou não fizerão nada: dor verdadeyramente grande! Mas eſſa meſma injuſtiça vos deve ſervir de conſolação, entendendo, q̃ quando as merces não ſaõ prova de ſer homem, ſenão de ter homem; ſó ſignificão valia, & não valor: & pouca injuria ſe faz a quem ſe não fazem. E he a razão, porque dizia Tullio, que as merces feytas a indignos não honrão os homens, afrontão as honras.* Se havemos de crer, que as merces mais ſaõ prova de ter homem, que de

ſer

ſer homem: & q̃ mais ſignificão valia, que valor; he pelas razões, que himos dando. He, porque procurar homem, que faça dar a merce; he o meſmo q̃ buſcar quem por ella lhe compre o ſeu merecimento. E os beneméritos mais illuſtres não vendem merecimentos, nem comprão merces: não querem ter mais homem, que a ſi meſmos para merecer, & não depender de outro homem. que lhes haja de pagar o que merecem. Por iſſo havemos de louvar muyto a ſentença de Tullio, quando diz, que as merces feytas a indignos, mais afrontão as honras, do que honrão aos homens. He a ſua ſentença hũa confirmação da noſſa: o meſmo he hum indigno da merce, que hum afrontado com ella: & tanto monta ſer premiado cõ merce, que he paga; como ſer apontado por indigno da que he liberalidade. *Finalmente, ſe os Reys vos não dão o que pódem; contentay-vos cõ que vos deo Deos o que não pódem dar os Reys. Os Reys pódem dar titulos, rendas, & eſtados: mas animo, valor, fortaleza, & deſprezo da vida, não pódem. E ſe Deos vos fez eſtas merces; fazey pouco caſo das outras, que nenhũa val o que cuſtão.* Tudo iſto ſe ha de entender com a reflexão, q̃ ſempre himos advertindo: ha de ſer conſiderando,

que

que as meſmas merces Reaes, quando ſaõ dividas, naõ honrão tanto, como as que ſão liberalidades. Deſtas não ſaõ elles, nem devem ſer acredores; porque ſe dão livres, ſem preceder requerimento, q̃ parece judicial. Das outras porèm, que ſaõ dividas; bem o pódem ſer; porque tem direyto a ellas. Mas eſte meſmo direyto, pelo que tem de dependencia, de rogo, de paga, & tal vez de neceſſidade; não chega a honrar cõ o luſtre das outras, que ſem eſtas ſombras dão nobiliſſimo eſplendor aos ſeus benemeritos. *Se não beijaſtes a mão Real pelas merces, que vos não fez; beijay a mão da voſſa eſpada, que vos fez digno dellas. Olhe o Rey para vòs, como hum perpetuo acredor: & gloriayvos, de que ſe não poſſa negar de devedor voſſo o que he ſenhor de tudo. Se tiveſtes animo para dar o ſangue, & arriſcar a vida; moſtray que tambem vos não falta para o ſofrimento. Então batalhaſtes com os inimigos: agora he tẽpo de vos vencer a vòs. Se o Soldado ſe vè deſpido; folgue de deſcobrir as feridas, & envergonhar com ellas a Patria, por quem as recebeo. Se depois de tantas cavallarias ſe vè a pé; tenha eſſa pela mais illuſtre carroça de ſeus triunfos. E ſe emfim ſe vè morrer a fome; deyxe-ſe morrer, & vingue-ſe.* Todos eſtes judicioſos

ſos conſelhos ſaõ conſolações para os beneméritos, que dependẽ das merces devidas: tẽ a ellas direyto, & as pódem requerer. Mas naõ para os que ſó reputaõ por merces, as que ſe naõ devem: as que os buſcaõ a elles, & naõ as que elles buſcaõ, ainda que as mereçaõ. Ainda que os faça beneméritos a maõ da ſua eſpada; o ſangue que derramàraõ; o ſofrimento que tiveraõ; & ainda que ſe vejaõ deſpidos, a pé, & morrendo de fome. Como os ſeus olhos ſó eſtaõ nas que ſaõ legitimas merces: nas q̃ ſaõ premios, & naõ pagas; naõ attendẽ mais à merce, que ao merecimento, & naõ cõmutão merecimẽtos pelas merces.

27 Até aqui ſem fallarmos nas merces da mão de Deos, que fazem claſſe muyto diverſa das que faz a maõ dos homens. A muyto grande, & muyto ſingular merce da mayoria dos nacidos, feyta ao Bautiſta, foy ſem elle a ter pedido; porque foy muyto antes do tẽpo, em que a pudeſſe pedir: foy antes de nacer: *Inter natos mulierum non ſurrexit maior.* Matth. 11. 11. E ſemelhante foy tambem a merce, que fez a Moyſes, de hum Vice-Deos na terra: *Conſtitui te Deum Pharaonis.* Exod 7. 1. Tambem, aſſim como o Bautiſta, elle a não pedio: foraõ ambas as merces, liberalidades da mão de Deos, & não por requerimentos dos homens:

homens: foraõ graças, & não pagas. Nem he ſó eſta a diverſidade, q̃ cõſideramos entre merces, & merces: entre as de Deos, por ſerem liberalidades; & as dos homens, quando ſaõ pagas. Mas he tambem, porque ſaõ legitimas merces as da mão de Deos pelas meſmas razões, que moſtrão não ſerem ſempre legitimas as da mão dos homens. Deſtas temos nòs dito, que perdem os quilates de verdadeyras merces; ſe ſão pagas: ſe ſão dividas: ſe ſão demandadas: ſe não ſão liberalidades: ſe não ſão graças: & ſe não ſão premios ſem requerimentos. E quer Deos, que tudo iſto ſejão as merces da ſua mão: quer que ſejão pedidas: *Petite, & dabitur vobis: quærite, & invenietis: pulſate, & aperietur vobis.* E tão certamente concedidas, por ſerem rogadas, que para decer do ſeu Tribunal o deſpacho, quer que ſuba a petição: *Aſcendit precatio, & deſcendit Dei miſeratio.* E ainda mais que iſto, quer Deos, que façõ os pretendẽtes das ſuas merces: quer q̃ o cheguem a demandar por ellas. E he o que fez S. Paulo, depois de receber da liberal mão de Deos a merce da ſua eleyção: *Vas electionis eſt mihi iſte:* merce tambem ſem precedencia de ſupplica. Tanto que ſe conſiderou merecedor pelo que trabalhou em

Matth. 7.7.

S. Aug. lib. de Salutar. monit. cap. 28.

Actor. Apoſt. 9.15.

em ſeu ſerviço: *Curſum conſummavi, fidem ſervavi:* logo, por entender, que iſſo quer Deos, requereo no Tribunal da ſua juſtiça a merce da coroa: *Repoſita eſt mihi corona juſtitiæ.* E que deſtas Divinas merces, tão liberalmente franqueadas, nem façamos por merecer as que ſão graças, nem obremos tão fieis no ſerviço de Deos, q cheguemos a demandar as que ſão por ſua mão pagas! Mas antes pelas que ſão pagas das mãos dos homens, & não liberalidades das ſuas mãos; por eſſas ſe derrame o ſangue, & ſe arriſque a vida: ſendo tão menos cuſtoſas as da mão de Deos, que baſta ſó o pedir, para alcançar: *Aſcendit precatio, deſcendit miſeratio!*

2. ad Tim. 4.7.

Ibid. 8.



PA-

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

N

Nome.

§. I.

1 QUãto mais grãde, mais cuſtoſo: & não acredita ao ſugeyto, que nomea, ſem lhe lembrar a obrigação, em que o põem. O mayor nome, que ſe ouvio no mundo, foy o de Salvador dado a Chriſto no nome de JESUS: *Nomen ſuper omne nomen.* Philip. 2. 9. Nome, ao qual adora o Ceo, a terra, & o inferno: *Omne genu flectatur cæleſtium, terreſtriũ, & infernorum.* Ibid. 10. E no meſmo tempo, em que ſe deo a Chriſto tão grande nome, logo lhe cuſtou ſangue: *Ut circumcideretur, vocatum eſt nomen Jeſus.* Luc. 2. 21. Logo o ſeu

ſeu nome lhe ficou dizendo, que ſalvar almas, & padecer o Salvador, era hũa meſma obrigaçaõ. E taõ inſeparavel o padecer do ſalvar no nome Salvador; que baſtou darſe a S. Paulo o cuydado de o levar a ſer conhecido: *Vas electionis, ut portet nomen meum*: para ficar obrigado a hum, & outro cuſto. A padecer pelo nome do Salvador: *Oſtendam illi, quanta oporteat eum pro nomine meo pati*: & tambem pela ſalvaçaõ das almas: *Omnia ſuſtineo propter electos, ut & ipſi ſalutem conſequantur.*

Act. 9. 15.

Ibid. 16.

2. ad Timot. 2. 10.

2 Aſſim obrigaõ a correſponder os nomes grandes aos ſeus nomeados: ha de obrar cada hum conforme o ſignificado do ſeu nome. Se o nome for de amante, hum dos grandes nomes no mundo, & do qual Deos ſe préza muyto: *Ego diligentes me diligo*: tambem o ſeu ſignificado he hũa obrigaçaõ do ſeu cuſto: ha de ſervir todo o que chegou a amar. O meſmo Deos, porq̃ amou, ſervio: *Formam ſervi accipiens*. E junto com as lições, que dava aos ſeus Diſcipulos por palavra, & exemplo, para ſerem amantes; tãbem lhes lia as poſtillas de ſervos. Naõ repetio S. Pedro em hũa occaſiaõ tres vezes a liçaõ de o amar: *Tu ſcis, quia amo te*: ſem que o Divino Meſtre o obrigaſſe a ſervir: *Paſce oves meas.*

Prov. 8. 17.

Philip. 2. 7.

Joan. 21. 15. 16. & 17.

Ibid. 17.

A eſſe taõ fino : *Amote :* ha de correſponder eſte cuſtoſo: *Paſce oves:* a eſſe amar, eſte ſervir. Naõ convinha,que faltaſſe eſta fineza ao amor de Deos, ſendo ella taõ praticada no dos homens : naõ amando Jacob a Raquel, ſem ſervir a Labam : *Serviam tibi pro Rachel.* O amor,que obrigou a Jacob a querer, eſſe o poz a ſervir : & porque naõ ſó Labam, ſenaõ tambem Raquel, eraõ os ſugeytos ſervidos ; por hũa obrigaçaõ de amante, ficou Jacob cõ dũas de ſervo : de ſervo de Labam : *Serviam tibi :* & de ſervo de Raquel : *Pro Rachel.*

Geneſ. 29.18.

3 E ſe o nome he de Superior, nome tãbem grande,& tranſcẽdente por Seculares, & Eccleſiaſticos ; aſſim como honra,cuſta : no meſmo tempo diz quãto levanta, & quanto péza. Adam,o primeyro mayor dos homens, junto com o ſuperiorado ſecular de toda a terra : *Subjicite eam,& dominamini univerſis animantibus* : logo teve a lembrança, do que lhe havia de cuſtar taõ alto dominio, ſe comeſſe do fruto, que ſe lhe prohibio : *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.* Taõ grande governo junto cõ taõ carregada pena: de hũa parte ſoberano imperio ; & da outra horrores da morte. E lembrar Deos a Adam eſte ſeu cuſto de futuro : *Morieris :* foy moſtrarlhe a obri-

Gen. 1. 28.

Gen. 2. 17.

obrigaçaõ que tinha de olhar para o que lhe podia ſucceder : adver-tencia , que ha de ter todo o Superior : ha de ſer tal a ſua vigilancia , que chegue com ella até ao que eſtà por vir. 1. Reg. 10.6. *Prophetabis :* mandou Deos dizer a Saul, quãdo o elegia para Rey: olharàs para o futuro (dizem os que cõmentaõ eſta eleyçaõ) juntamente com aquelles Profetas : *Prophetabis cum eis* : que olhando para o ſeculo vindouro profetizavaõ : *De præmio juſtorum, & de pœna impiorum.* Os mais ſó profetizaráõ , como Profetas : & tu , como Rey , que ſempre deve trazer os olhos no premio, ou caſtigo, que ha de vir a dar. E eſte foy o erro de Adam : olhar ſó para a fermoſura do fruto preſente: *Pulchrũ oculis, aſpectuque delectabile* ; & naõ para a pena, que lhe prognoſticava aquelle *Morieris.* Os olhos na doçura do fruto prohibido : *Bonum ad veſcendum* ; & naõ antever no temor o cuſto do ſuſtento da vida : *In ſudore vultûs tui veſcêris pane.* Deſta ſorte vio Adam a grandeza, & o cuſto do ſeu nome : de hũ nome, q̃ no meſmo tempo lhe dizia a obrigaçaõ de Superior em toda a terra : *Faciamus hominem : & præſit univerſæ terræ :* & moſtrava a meſma terra o que lhe havia de cuſtar eſſe nome : *Spinas germinabit tibi.* E parecendo , que abun-

Auct. quæſt. Hebr. Rupert. Hugo Cardin. apud Mend. hic.

Geneſ. 3. 6.

Ibid.

Ibid. 19

Gen. 1. 26.

Gen. 3. 18.

daria a ſua meſa, como meſa de Principe, & adminiſtrada pela libe=
Gen. 1. 29. ralidade de Deos: *Dedi vobis omnem herbam afferentem ſemen, & univerſa ligna, quæ habent ſementem generis ſui, ut ſint vobis in eſcam*; cuſtar a quem tinha taõ grande nome, o ſuſtento neceſſario para viver, o ſuor do roſto: *In ſudore vultûs veſcêris.*

4 Do meſmo modo dizia a obrigaçaõ de Superior, & prognoſticava o cuſto deſta obrigaçaõ, o nome de Principe Eccleſiaſtico dado a S. Pedro. No nome *Pedra*, onde ſe lhe deo o de Cabeça da Igreja, depois de Chriſto; logo lhe diſſeraõ, que ſobre elle havia de carregar a fabrica da meſma Igreja: *Super hanc petram ædificabo Eccleſiam meam.* Matth. 16. 18. Na meſma pedra ſe ajuntàraõ a honra, & o cuſto do ſeu ſuperiorado; pedra para fundamento de taõ alto edificio; & pedra, para pezar ſobre ella o edificio todo: *Super hanc petram.* Tambem a eſte grande Superior da Igreja, S. Pedro, aſſim como ao primeyro do mundo, Adam, lhe foy moſtrada a meſa, de que ſe havia de ſuſtentar, quando apertado da fome: *Cùm eſuriret*, vio o que lhe vinha do Ceo, para a ſatisfazer. Act. 10. 10. Quando vio: *Cælum apertum, & deſcendẽs vas quoddam, velut linteum magnum, in quo erant omnia* Ibid. 11. 12. & 13.

qua=

quadrupedia, & ſerpentia terræ, & volatilia cæli. Et facta eſt vox: Surge Petre, occîde, & manduca. Santo Agoſtinho, & outros Expoſitores ſagrados deſcobrem neſta myſterioſa viſaõ a Igreja repreſentada: *Hæc enim eſt vas lineum, ideſt purum propter incorruptibilitatem, veritatem, & fidem.* Nos animaes da meſma viſaõ conſideraõ outros com S. Baſilio a diverſidade de peccadores, ou peccados: *Volatilia denotant ſuperbos, & ambitioſos: ſerpentia invidos, & iracundos: quadrupedia avaros, guloſos, & lubricos.* E S. Jeronymo entende, que os Sacerdotes, quando ataõ, ou deſataõ eſtes peccados, & peccadores: *Quodcumque ligaveris: quodcumque ſolveris*, ſaõ os que mataõ, & comem aquelles animaes; & os convertem em mẽbros da Igreja. Por iſſo *Petro dictum eſſe: macta, & manduca; & in corpus Eccleſiæ, ac ſua membra converte.* Aſſim ſe avinculàraõ os cuſtos do ſuſtento aos grãdes nomes deſtes dous Principes, Adam, & Pedro. A meſa de hum havia de ſer de trabalhos, & eſpinhos: *Spinas, & tribulos*, & ainda eſſes tirados da terra com o ſuor do roſto: *In ſudore vultûs.* E a meſa de outro havia de ſer de ſerpentes: *Quadrupedia, & ſerpentia terræ*; & ſobre ſerem os pratos taõ aſqueroſos,

S. Aug. apud Corn. hîc.

S. Baſil. Lyran. Cornel. hîc.

Matth. 16. 17.

S. Hier. in Thre. cap. 3.

Gen. 3. 18.

ſos, haviaõ de ſer comidos, & tragados: *Occîde,& manduca.*

5 De todas eſtas verdades taõ ſolidas, & taõ fundadas devem tomar para ſi importantes documentos, os que no mundo tem o nome de Pay; nome taõ grãde, que foy o primeyro, que Deos tomou para ſi na geraçaõ eterna do Pſ. 2. 7. Filho: *Ego hodie genui te.* Saõ indignos deſte nome, os que naõ correſpondem ao que elle diz, nem fazem o que elle cuſta. O nome de Pay naõ ſó diz a obrigaçaõ de ſuſtentar os filhos; mas tambem o cuydado de os doutrinar. Ha de dar aos filhos hũas, & outras forças, todo o que for Pay; as do alimento proprio, & as da obſervancia da Ley de Deos. Iſto meſmo nos enſinou Chriſto naquella Oraçaõ, em que nos deo a conhecer o Pay, de que eramos filhos. Alli nos enſinou a pedirmos a eſte Pay o noſſo paõ: *Panem noſtrum da nobis*; & a guardarmos os ſeus preceytos, fazendolhe a ſua vontade: *Fiat voluntas tua.* Moſtrounos Chriſto, como neſte amoroſo Pay eraõ inſeparaveis eſtas duas providencias: a providencia de nos ſuſtentar com o paõ; & a providencia de nos ſugeytar aos ſeus preceytos. No meſmo tempo alimentados com o ſuſtento, & obſervantes da Ley: *Da nobis panem: fiat voluntas tua.* Eſta meſma Matth. 6. 11. Ibid. 10.

meſma obrigaçaõ ha de ſer a de hum Pay, quãdo o conſideramos cuydadoſo de veſtir aos filhos : tambem ha de attender tanto ao cuydado de os trazer veſtidos, como doutrinados; naõ menos obſervantes, que cubertos. E porque o naõ fez aſſim Adam, ſendo o primeyro Pay; porque faltou a eſtas duas obrigações, de tanto ſuſtentar, & veſtir os filhos, como de os doutrinar, logo naõ ſoube ſer Pay. Adam, (bem podemos fazer aqui eſtas duas ponderações) Adam teve dous cuydados no Paraiſo: hum cuydado, quando tomou o fruto para comer; outro cuydado, quando tomou a cobertura das folhas, para ſe veſtir. No primeyro cuydado, como em profecia, inſinuava aos filhos a neceſſidade, que haviaõ de ter do ſuſtento; & no ſegundo cuydado, por figura, ou prognoſtico, lhes dava a ver, como haviaõ de neceſſitar do veſtido. Mas porque cõ o cuydado do comer, & o cuydado do veſtir, naõ teve o cuydado de guardar o preceyto de Deos; perdeo-ſe a ſi, & fez perder os filhos. Logo no primeyro bocado, & no primeyro córte do veſtido, porque naõ obſervou o primeyro preceyto, deyxou aos filhos cançados pelo ſuſtento, & neceſſitados do veſtido. Aos filhos depois; porque elle primeyro: elle, o primeyro

cançado pelo ſuſtento: *In ſudore vultûs veſcêris*; & tambem o primeyro neceſſitado do veſtido: *Conſuerunt folia ficûs, & fecerunt ſibi perizomata.* Gen. 3. 7.

6 Naõ ſaõ menos neceſſarias as advertencias deſta doutrina para o que no mundo tem o nome de Sacerdote, do que ſaõ importantes as jà ponderadas para os que tem o de Pay. O grande nome de Sacerdote tambem foy nome de Chriſto: *Tu es Sacerdos in æternum*; tambem do modo que podia ſer, quiz Deos obrigarſe ao ſignificativo deſte nome. E a obrigaçaõ, que elle diz aos ſeus nomeados, naõ póde ſer mais cuſtoſa: he o deſvelo para ſaber abrir, & fechar as portas do Ceo participado no uſo daquellas chaves: *Tibi dabo claves Regni Cælorum: quodcumque ligaveris, erit ligatum: quodcumque ſolveris, erit ſolutũ*, que o Summo Sacerdote Chriſto deyxou aos ſeus ſucceſſores. E ſe os que tem eſta obrigaçaõ, advertiraõ jà no que a faz pezada; acharaõ, que o ſeu principal cuſto entre os mais, era o da ciencia neceſſaria para abrir, ou fechar eſtas portas. Sabem bater a ellas ruſticos, & ignorantes: *Surgunt indocti, & Cælum rapiunt Dei*, diz Santo Agoſtinho. Mas abrir, ou fechar eſtas portas, naõ ſabem todos: & nem ainda todos os q cuydaõ

Pſ. 109. 4.

Matth. 16. 19.

S. Aug. lib. 8. Conf. cap. 8.

cuydaõ que ſabem. Para a ciencia do bater, baſtou a Dimas a luz, com que encaminhou
Luc.23.42. o ſeu memorial: *Memento mei, cùm veneris in Regnum tuum.* No meſmo tempo, em que bateo, ſe lhe abrio:
Ibid.43. *Hodie mecum eris in Paradiſo.* Para a ignorancia do meſmo bater, baſtou às Virgens do Euangelho o deſcuydo de prepararem as ſuas
Matth.25.3. luzes: *Non ſumpſerunt oleum ſecum.* Depois de baterem, & pedirem:
Ibid.11. *Domine, aperi nobis,* ouviraõ o deſengano de
Ibid.10. entrarem: *Clauſa eſt janua;* porque naõ ſouberaõ o tempo de ba-
Ibid.13. ter: *Quia neſcitis.* E ſe naõ ſendo neceſſaria ciẽcia para bater àquellas portas, como experimentou Dimas; ainda eſtas Virgẽs naõ ſouberaõ bater: o Sacerdote, q̃ as ha de abrir, & fechar, que ciencia deve ter, & quanto deve temer a ſua ignorancia? O que bate às portas do Ceo para entrar, ſó deve ſaber o que lhe baſta, para ſer bem julgado. E o Sacerdote, q̃ as ha de abrir, ou fechar, he obrigado a ter a ciencia neceſſaria, para ſaber bem julgar. E quem duvîda, que mais ciencia he neceſſaria, para ſaber bem julgar, que para ſaber ſer julgado? Para ſaber ſer julgado, baſta prevenir de boas obras ſignificadas no oleo, como lemos na expoſiçaõ da Parabola das Virgens: *Oleum ſunt bona opera.* Cornel. hîc.

Eſta

Eſta prevençaõ baſta, para entrar no Ceo, como entràraõ as que aſſim ſe prevenîraõ: *Intraverunt ad nuptias.* E para ſaber bem julgar, he neceſſario mais: he neceſſario ſaber, como obrou, ou naõ obrou bem, o que ha de ſer julgado. Ha de ſaber eſte julgador Sacerdote (oh que pezada obrigaçaõ!) Ha de ſaber quem fechar, ou abrir eſtas portas, o q̃ ignoraõ aquelles, que as chegaõ a bater; porque do ſeu tribunal vaõ para outro, onde tudo iſto ſe ſabe, & he obrigado a ſaber todo o Delegado do *Solvere, & ligare.*

Matth. 25. 10.

7 No dia do Juizo, dia ultimo, em que ſe haõ de abrir, & fechar aquellas portas; veremos o que eſtamos advertindo. Veremos a Chriſto abrindo-as, & fechando-as, por motivos que naõ ſabiaõ os eſcolhidos para entrarem de dentro, nem os reprovados para ficarem de fóra. Ha de abrir Chriſto as portas do Ceo aos que neſte mundo o alimentàraõ, & veſtiraõ: *Venite benedicti, poſſidete paratum vobis Regnum: quia eſurivi, & dediſtis mihi manducare: nudus erã, & cooperuiſtis me*, ſem que elles ſoubeſſem haver alimentado, ou veſtido a Chriſto; porq̃ lhe haõ de reſponder, & perguntar: *Quando te vidimus eſurientem, & pavimus te: aut nudum, & cooperuimus te?* E ha de fechar as meſmas

Matth. 25. 34. 35. 36.

Ibid. 37 & 38.

mas portas aos que nẽ o alimentáraõ, nem
Ibid. 41. 42. & 43. veſtîraõ: *Diſcedite à me maledicti in ignem æternum: eſurivi enim, & non dediſtis mihi manducare: nudus eram, & non cooperuiſtis me*; ſem que elles ſoubeſſem haverlhe negado o ſuſtẽto, ou o veſtido; porque tambem lhe haõ de reſponder, & per-
Ibid. 44. guntar: *Quando te vidimus eſurientem, aut nudum, & non miniſtravimus tibi?* De maneyra, que os que haõ de bater às portas do Ceo, para ſerem julgados; baſta ſaber o bem, & o mal, que obráraõ; que deraõ, ou negàraõ a eſmola ao pobre. Porèm o que as ha de abrir julgando, ha de ſaber da boa, & mà obra dos que julga; & tambem das circunſtancias, que mais poderáõ augmentar, ou diminuir o merecimento das meſmas obras. Ha de ſaber, que na eſmola que deraõ, ſuſtentàraõ, & veſtiraõ a Chriſto; & na que negàraõ, o deyxàraõ faminto, & deſpido. E poderà haver nos que tem o exercicio deſte abrir, & fechar, alguns deſcuydos graves no ſaber? Pois, ſuppondo eſtes deſcuydos, (& que fatal deſgraça ſeria!) ſuppondo eſtes deſcuydos, pódem elles temer, que quando forẽ a entrar, tambem entaõ lhes digaõ: *Clauſa eſt janua*; porque naõ ſoubeſtes abrir, nem fechar; aſſim como ſe diſſe das Virgens, que Ibid. 10.

naõ

naõ ſouberaõ bater : Ibid. 13. *Quia neſcitis.*

Naufragios.

§. II.

8 DOs improviſos tanto ſe livra, quanto ſe temem: quem ainda na hora de os naõ temer, os naõ divertio, naõ livrou. E nem por mais occultos os baxos, onde elles ſe fazem, ſaõ menos certos os caſos, em q̃ afogaõ. Como em todo o tempo ſe póde naufragar; mais ſe haõ de ſuppor os baxos viſtos, que encubertos: & taõ proximos, como elles, os naufragios. O baxo em q̃ S. Pedro naufragou: a ſua pouca fé, queremos dizer, reprehendida por Matth. 14. 31. Chriſto: *Modicæ fidei, quare dubitaſti*, tanto lhe ficava eſcondido, quanto elle o tinha debaxo da agua cuberto; a firmeza, que lhe ſegurava os pés por cima, naõ o livrou de o levarem as ondas debaxo. E por iſſo veyo a cair do levantado da ſua fé no baxo daquella deſconfiança: *Modicæ fidei.* E poſto que livrou deſte naufragio ſoccorrido por Chriſto: *Jeſus extendens manum, apprehendit eum*: naõ livrou de outro taõ improviſo, como eſte; là foy naufragar no outro baxo mais fundo da ſua negaçaõ: *Neſcio quid dicis.* Mal cuydava S. Pedro, que elle hia taõ perto deſte baxo, quanto hia longe de Chriſto: *Sequebatur eũ à lõgè.* Ibid. Ibid. Matth. 26. 70. Ibid. 58.

Aſſim

Aſſim ſaõ improviſos, & ſucceſſivos ſemelhãtes naufragios: perigaſe tal vez nos que vieraõ depois; havẽdoſe livrado dos q̃ tinhaõ vindo antes. Por iſſo naõ foy o meſmo livrar aquelle diſcipulo deChriſto do baxo da pouca fé: *Modicæ fidei*, que ficar com ſeguro, para ſalvar o da infidelidade: *Negavit cum juramento.* Muytos dos animaes, que eſcapàraõ das aguas do Diluvio, depois de tomarem terra, naõ livràraõ do ferro do ſacrificio. Hũa vez nos ſalvamos em hũa taboa, como ſalvou a poucos a Arca de Noè: *Octo animæ ſalvæ factæ ſunt.* E em outra nos naõ valerà o ſagrado; como naõ valeo aos muytos a companhia da Arca do Teſtamento: ainda q̃ a levàraõ para ſeu ſoccorro, naõ livràraõ da morte: *Ceciderunt de Iſrael triginta millia.* Jà ſuppomos entendida a metafora dos baxos, & naufragios, de que fallamos: damos a ver hũa ſemelhança dos verdadeyros na comparaçaõ com os conſiderados: deſcrevemos com Iſaías no mar das ondas o mar das culpas: *Impij quaſi mare fervens.* Os peccadores deſte mundo, ſaõ os que fazem aquelle mar: elles meſmos ſaõ as ondas; porque a ſi ſe inquietaõ: elles meſmos ſaõ os baxos; porque huns fazem arriſcar os outros: delles meſmos ſe levantaõ as tempeſtades; porque a deſ-

Ibid. 72.

1. Petr. 3. 20.

1. Reg. 4. 10.

Iſai. 57. 20.

deſordem das ſuas payxões he toda a ſua tormenta; & entre elles meſmos ſe fazem os naufragios; porq̃ quanto peccaõ, tanto perigaõ: *Impij mare.* Nem he alluſaõ forçada, ou allegoria violenta, conſideramos nòs aos homens como mar; vendo que Santo Agoſtinho os deſcreve terra. Aquella terra, diz elle, de que falla Chriſto: *Vos eſtis ſal terræ;* naõ he eſta, que pizamos cõ os pés: *Non iſta accipienda eſt, quam pedimus calcamus*; os homens, & principalmente quando offendem a Deos, ſaõ aquella terra: *Sed homines, vel etiam peccatores, qui in terra habitant.* E ſe os homens, como peccadores, ſaõ a terra, que ſe corrige, & tempéra com a doutrina Euangelica, que he o ſal para eſta terra diſtribuido por ſeus Prégadores: *Vos eſtis ſal terræ;* os meſmos peccadores ſaõ o tormentoſo mar dos ſeus naufragios. E com muyta razaõ, por ſerem elles meſmos as ondas, & os baxos: elles meſmos os que excitaõ as tormentas, & os naufragados nellas; & elles meſmos todo eſte mar inquietiſſimo: *Impij mare fervens.*

Matth. 5. 13.

S. Aug. lib. 1. de Serm. Dom. cap 6. tom. 4.

9 Suppoſto pois q̃ no mundo ha eſte mar: *Impij mare,* muyto nos devemos doer do pouco que temem eſtes baxos os que navegaõ taõ tormentoſo mar: *Qui perpetuo æſtu cupiditatũ,* Cornel. hic.

&

& afflatu dæmonum agitantur. Aquelles que neſte mar vaõ dar nos ſeus baxos, por ſe deyxarem ir com as ſuas ondas: *Impij æſtu cupiditatum, & afflatu dæmonum agitati.* E de taõ longe traz eſte mar o ſeu nacimento, que os ſeus primeyros naufragados, foraõ os dous primeyros peccadores do mundo, Adam, & Heva, como ondas deſte mar: *Impij mare.* Logo entaõ começàraõ a enſoberbecerſe, & a levantarſe taõ altas eſtas ondas, que chegàraõ até o Ceo na preſumpçaõ de empare-
Gen 3.5 lharem com Deos: *Eritis ſicut Dij.* E naufragou Adam, pouco depois de ter naufragado Heva no baxo da ſoberba; porque aſſim como no mar verdadeyro ſeguem hũas ondas as outras, & todas arrebentaõ no baxo; ſeguio Adam a Heva, ambos ondas deſte mar metaforico; & levados para o baxo do ſeu naufragio, deraõ em terra deſfeytos ambos: *In pulverem reverſi.* Chamo à ſoberba baxo, ainda que por natureza levanta para o alto; porque naõ ſó péza para baxo, ainda ſendo ar, proſtrando por terra os Filiſteos, & as eſtatuas dos Nabucos; mas tãbem porque naõ ha baxo, poſto que de terra, que naõ levante para cima: & quãto he mais alto, tanto tem de mais nocivo baxo. E digo, que para eſte baxo foy

Adam

Adam ſeguindo a Heva, como ſeguem no mar hũas ondas a outras ondas; porque Heva foy a que levada da ſua ſoberba, o levou a elle attrahido da meſma: *Æſtu cupiditatis, & afflatu dæmonum agitati.* Iſto meſmo he o que fazem hoje o Adam, & mais a Heva, que naufragaõ neſte mar do mundo: *Impij mare*: leva hum a outro para o baxo, parecendo ondas levadas hũas por outras para o porto. E ainda que ambos ſaõ da meſma natureza, naõ deyxa hum de ſer a onda do outro; hum a onda que leva, & outro a onda que he levada; & ambos para o baxo, onde ſe perde hum, por ſe perder o outro. Aſſim o diz jà ha muyto tempo o antigo proverbio: *Homo homini leo*: O que parece homem, que encaminha, he leaõ, que traga. Naõ vè o Adam levado pela Heva, que o leva; q̃ por ſe haver rendido ao humano, ſe entrega ao ferino. E dizemos, que naõ vè; porque como eſte mar todo he de cegos do peccado: *Impij mare*, deyxaõſe ir huns levados dos outros: *Cæcus cæcum ducit*, & todos ſe perdem no baxo da cegueyra: *Ambo in foveam cadunt.* Parecendo ondas, que correm por cima deſte mar; todas levaõ a meter no fundo: *In foveam.* Dos homens, de que ſe cõpõem eſte mar: *Impij*, podemos ſingularmẽte

Prov. antiq.

Luc. 6. 39.

Ibid.

en-

entender aquelle con-
Matth. 10.17. ſelho de Chriſto *Cave-te ab hominibus*: Acau-telayvos daquelles que parecendo ondas, que deſviaõ do bayxo, le-vaõ para elle; buſca-dos como homens para guias; huns para os ou-tros, ou ſaõ cegos: *Ho-mo homini cæcus*, ou leões: *Homo homini leo.*

10 Naõ he aſſim o mar das virtudes, ou dos virtuoſos; aquelle que por alluſaõ ao mar dos peccados, ou dos peccadores: *Impij ma-re*, bem ſe póde dizer mar dos Santos: *Ma-re pij*. Porque ainda q̃ tambem he mar tor-mẽtoſo, & o alteraõ vẽ-tos contrarios; os que nelle naufragaõ, che-gando a perder a vida, naõ perdem a alma. Poderáõ conſiderarſe naufragados no mar das dores (porque tam-bem eſtas fazem mar para naufragios) como ouvimos dizer a Job fallando com Deos: *Numquid mare ego ſum,* Job 7. 12. *quia circumdediſti me carcere?* Aſſim me ten-des, Senhor, cercado de dores: *Tot plagis, tot* Tyrin. in lib. Job hic. *doloribus circumdediſti,* do meſmo modo, que rodeais ao mar de ter-ras: *Littoribus circum-das, & coerces?* Mas naõ chegaráõ a lamen-tarſe mortos nas ſuas ondas: poſto que Job, & os ſeus imitadores aſſim naufragados, nũ-ca perdidos. Tocando nos baxos deſte mar, q̃ ſaõ as dores; iſſo ſim: porèm, naõ deſtroça-dos, nem ſubmergidos

ſem remedio,& ſempre ſalvos. Qual ſe vio Chriſto, como o conſidera David fallando com o Eterno Pay.

Pſalm. 68.2. *Salvum me fac Deus: quoniam intraverunt aquæ uſque ad animam meam:* livrayme do profundo deſte mar, pois tenho dado nos ſeus baxos: *Infixus ſum in limo profundi: veni in altitudinem maris,& tempeſtas demerſit me.* Neſte mar dos Santos, *Mare pij*, naõ ſaõ elles os baxos, em que ſe naufraga; nem as ondas, q̃ levaõ para os baxos; porque eſſas *Afflatu dæmonum non agitantur.* Póde-os ſubmergir o mar das dores; porque as tempeſtades deſte mar tambem metem no fundo: *Tempeſtas demerſit: infixus ſum in limo profundi.* Naõ os devoraõ porèm as tormentas do mar das culpas; porque dos ſeus baxos ſabem elles deſviarſe: & ſe querem, pódem rebater os embates das ſuas ondas,& tomar aquelle ſeguro porto, onde diz S. Chryſoſtomo: *Non poſſunt metuere naufragium.* He verdade, que na conſideraçaõ de Sãto Ambroſio, em cada hum delles, por alluſaõ á Arca, em que ſe ſalvàraõ aquellas almas: *Octo animæ ſalvæ factæ ſunt,* ha hũa ſemelhança de embarcaçaõ, na qual a alma lutando cõ o tormentoſo mar das culpas, aſſim como a Arca com as aguas do Diluvio, naõ deyxa de andar

Ibid. 3.

S. Chryſoſt. in Orat. de S. Philog. t. 3.

1. Petr. 3. 20.

andar atemorizada, poſto que ſeja ſoccorrida. E accommodando a eſta arca do corpo humano o que Deos mãdou a Noè, que accommodaſſe na outra: *Manſiunculas in arca facies*, diz em ſentido myſtico, intervindo a noſſa accommodaçaõ: *Nidos in ea facies*, tantos locillos, ou apoſentos, como tantos ſentidos do corpo. Para cada ſentido ſeu apoſento; cujas portas, ſe andaõ fechadas, nada a arca ſobre as ondas; mas, ſe andaõ abertas, metem as ondas no fundo a arca. Diz pois a eloquencia de Ambroſio: *Nidi ſunt oculi noſtri, quibus ſe viſus inſerit*: eis-ahi accommodado o ſentido do ver: *Nidi ſunt noſtrarum ſinus aurium, per quos auditus ſe infundit*; & eis-ahi accõmodado o ſentido do ouvir: *Nidus, ſinus narium, qui ad ſe odorem trahit*; & eis-ahi accõmodado o ſentido do olfacto: *Nidus, hiatus oris, in quo nutritur, donec adoleſcat, ſapor*; & eis-ahi accommodado o ſentido do goſto: *Sanguinis autem & ſpiritûs nidus eſt cor*: do ſangue finalmente, & eſpirito, ſem o qual nẽ o corpo ſente a aſpereza das dores, nem a carne ſe deleyta com as delicias da brandura, he o ſeu apoſento o coraçaõ; & eis-ahi accõmodado o ſentido do tacto. Veráõ agora os zeloſos da ſalvaçaõ das almas, ſe os primeyros

Geneſ. 6.14.

S Amb. lib. de Noe c.6

ſenhores deſtes ſentidos, Adam, & Heva, logo no Paraiſo, & nos breves eſpaços, que tinhaõ de vida, naufragáraõ no mar das culpas. Entenderáõ, como logo nos primeyros corpos humanos ſe perdèraõ as almas nelles embarcadas, entrando-os eſte mar por tantas portas, quantos ſentidos. Elles vîraõ, elles tocàraõ, elles goſtàraõ, elles naõ deyxariaõ de recrear o olfacto com a ſuavidade do fruto prohibido, & elles ouvîraõ os enganos da Serpente. E porque os ſeus deſcendentes tambem ſe perdem, como elles ſe perdèraõ; deviamos por fim deſte diſcurſo moſtrar a todos nos ſentidos do corpo o riſco da ſalvaçaõ da alma. Mas, como naõ prégamos, nem declamamos; aos que o puderem fazer, o encommendamos: *Impij mare fervens.*

Nobreza.

§. III.

11 QUanto mais alta, mais ariſcada; ou a cair, ou a ſe deſluſtrar. Naõ tirando à nobreza a ſua elevaçaõ, diſcorremos agora o ſeu perigo: naõ, porque delle naõ poſſa livrar; mas, porque naõ póde deyxar de o ter. Exceptuamos a Divina, que nem póde perigar, nem cair; poſto que jà houve quem a quiz eſcurecer. Tanto

ſeguem,

ſeguem, ou perſeguem as ſombras ao eſplendor da nobreza, que até a de Deos teve quẽ ſe lhe atreveo. *Si Filius Dei es*, diſſe o demonio a Chriſto no monte: *mitte te deorſum. Si Filius Dei es*, lhe diſſeraõ os homens no Calvario: *deſcende de Cruce.* E aſſim o demonio, como os homens, lhe quizeraõ eclipſar a nobreza da ſua aſcendencia; ainda que com diverſidade nos motivos. O demonio, tentando-o com a vaidade: moſtre que he Filho de Deos, precipitando-ſe, & naõ morrendo: *Mitte te deorſum.* E os homens, duvidandolhe o poder: ſe he Filho de Deos, livre-ſe do tormento que agora padece no mundo: *Deſcende de Cruce.* E todos, demonio, & homens, fazendolhe o tiro ao conhecimento, que elle tinha da ſua nobreza. Veja, que he Filho de Deos: & como tal, bẽ ſe póde deſvanecer de o ſer, ou moſtrar q̃ o he: triunfe da morte no precipicio do monte; & vença aos tormentos na decida da Cruz: *Mitte te deorſum: Deſcende de Cruce.* Grande riſco de cahirem nobrezas, he o meſmo conhecimento dellas: & naõ ſó, quando conhecidas de invejoſos; mas tambem, quando pelos meſmos ennobrecidos conhecidas. A nobreza dos Anjos perdidos naõ cahio do que era, por ſerem huns conhe-

Matth. 4.6.

Matth. 27.40.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

cidos dos outros: deſcahio, por ſe conhecerem elles a ſi meſmos: o ſeu olhar para ſi, foy o ſeu mao olhado. Se nos Anjos houveſſe cegueyra de creaçaõ, aſſim como ha homens cegos de nacimento, poderiaõ naõ cair; por naõ verem até onde a ſua ſorte os chegava a levar. Mas como ſe viraõ grandes, logo aſpiraraõ a ſer mayores: *Similis ero Altiſſimo.* A demaſiada luz tambem cega, & ao ſeu cegar ſegue-ſe o cair: & quanto mayor he a luz, tanto a cegueyra he mayor, & tambem mayor a queda. Foy experiencia nos Anjos, que cahiraõ do alto do Ceo ao profundo do inferno: deraõ taõ grande queda; porque ſe cegàraõ com a grande luz da ſua creaçaõ. Eſta os cegou, & eſta os precipitou: naõ, porque a ſua luz tiveſſe por natureza o cegar; mas, porque elles ſe quizeraõ cegar com a luz, que viaõ ſer ſua. O deſvanecido cõ a viſta do eſpelho, he o que ſe cega, vendo-ſe a ſi nelle: naõ he a luz do eſpelho a que o cega a elle. Se os Anjos naõ viſſem em ſi tanto eſplẽdor, hũa cegueyra os livraria de outra: a cegueyra de naõ terem viſto antes a luz da ſua nobreza, os livraria da cegueyra, que os fez cair, depois de ſer delles viſta. De maneyra, que os cegos na nobreza, elles ſaõ os que a ſi meſmos

Iſai. 14. 14.

meſmos ſe cegaõ : do meſmo modo, que o tẽtado, he o que a ſi ſe tenta: *Unuſquiſque tentatur à concupiſcentia ſua abſtractus, & illectus.* E como a tentaçaõ he cegueyra, & o deſvanecimento da nobreza he tentaçaõ : aquelle que com a nobreza ſe deſvanece, eſſe a ſi meſmo ſe cega : *A nobilitate ſua abſtractus, & illectus.* Tudo eſtà na diverſidade de olhos, com que ſe olha para a nobreza; ſe quizermos que a ſua luz naõ faça cegos : aſſim como eſtà tudo na diverſidade das viſtas do eſpelho; ſe nos havemos de ver a elle, para nelle nos naõ cegarmos. E para iſſo, diz Cornelio, que he muyto importante hũa liçaõ dos modos de ſe ver ao eſpelho : *Multum intereſt, quo ſitu, qualibuſve oculis ſpeculum intuearis.* Hũ modo he o da viſta direyta do eſpelho : *Aliter videbis rem in ſpeculo, ſi rectè, & æquâ diſtantiâ illud inſpexeris.* E eſte he tambem hum dos modos de ſe olhar para a nobreza : com recta intençaõ, & proporcionada diſtancia : *Rectè, & æquâ diſtantiâ.* O que naõ fez o Anjo, quando olhou para a ſua, & elle a quiz levar fóra das ſuas medidas : *Aſcendam ſuper altitudinem nubium.* Outro modo da viſta do eſpelho : *Rurſum aliter videbis*, he, ſe os olhos do que ſe vay a ver a elle, ſaõ olhos torcidos :

Jac. 1. 14.

Corn. in Ep. S. Jac. 1. 24.

Iſai. 14. 14.

Si obliquis, averſis oculis illud intuearis. E tãbem eſte he outro modo de ſe olhar para a nobreza: com olhos mal inclinados, & deſprezadores da nobreza, que parece menos elevada: *Obliquis, averſis oculis.* Taes foraõ os olhos do Fariſeo, que foy fazer oraçaõ ao templo: poſtos em ſi, & tambem no Publicano, que junto com elle foy para a meſma oraçaõ; faziaõ ao Fariſeo de mais exemplar virtude, (que tambem he das mais illuſtres nobrezas) & o inclinavaõ a deſprezar ao Publicano, que conſiderava ſem virtude, & por conſequencia ſem nobreza algũa: *Non ſũ velut hic publicanus.* Dos que ouvem a palavra de Deos, que por ter as propriedades de alumiar, tambem hè eſpelho: *Intuere ſpeculum, putà Dei verbum, in eoque Deum ipſum, & viciſſim ille te aſpiciat*: huns cegaõ olhãdo para a luz deſte eſpelho, & outros aclaraõ a viſta nelle. Os que cegaõ, ſaõ os que a elle ſe vem *obliquis oculis*; os que ouvem a Divina palavra ſem diſpoſiçaõ de obrar nelles o que ouvem. E os que aclaraõ as viſtas, ſaõ os que ſe viraõ no meſmo eſpelho *rectis oculis*; os que ouviraõ a palavra de Deos com as attenções, que a guardaõ: *Qui audiunt, & cuſtodiunt illud.*

Luc. 18. 11.

Luc. 11. 28.

Nodoas.

Nodoas.

§. IV.

12 ASsim como fazem cegueyra, tambem daõ viſta; primeyro as nodoas proprias, & as alheas depois. Entendemos aqui por nodoas, as maculas, que deſluſtraõ a virtude, & afeaõ a alma: aquellas, das quaes David taõ repetidamente nos moſtra, q̃ ſe deſejava alimpar, lavar, & purificar. Pſ 50 3. 4. & 9. *Dele iniquitatem meam: amplius lava me ab iniquitate mea: à peccato meo munda me: lavabis me, & ſuper nivem dealbabor.* Deſtas nodoas, diremos primeyro, como fazem cegueyra; & depois, como daõ viſta: & tambem como eſta cegueyra, & eſta viſta ſaõ as da alma, & naõ as do corpo. Ser nodoa, & fazer cegueyra, he experiencia vulgar: ſó ſeria maravilha, naõ fazer cegueyra, ſendo nodoa. Seria a daquella trave atraveſſada em olhos proprios; & ainda aſſim deyxando-os com viſta, para deſcobrirem o argueyro alheyo: *Sine ejiciam feſtucam de oculo tuo.* Matth. 7. 4. E porque eſtas nodoas, & maculas, ou ſaõ proprias de cada hum, ou ſaõ alheas, & dos outros: todas comprehende o noſſo diſcurſo, como tambem os modos com que ellas tiraõ a viſta. Hũa das nodoas, ou hum dos modos de pôr nodoas nos outros,

he

he, quando no meſmo tempo ſe aponta para as alheas, & ſe encobrẽ as proprias. He, quando o Fariſeo orador do tẽplo ſe eſtà alimpando de todas as ſuas màs nodoas : *Non ſum ſicut* Luc. 18. 11. *cæteri hominum : raptores, injuſti, adulteri,* & as impõem ao Publicano : *Velut hic Publicanus.* Ibid. Naõ, porque certamente elle as tiveſſe, ou as querermos nòs impor nelle: naõ pretẽdemos levantarlhe eſte teſtemunho. Mas, porque o vemos taõ deſvanecido na opiniaõ de ſi meſmo, quanto eſtà desfazendo na do Publicano; tiramos deſte exemplo a ſemelhança de muytos: a de haver quem faz ao outro hũ roubador, para ſe fazer a ſi hum Santo : *Non ſum velut hic.* E no cabo, elle ficou como os outros, & o Publicano naõ ficou como elle : *Deſcendit juſtificatus.* Ibid. 14. E he o que ſuccede aos q̃ querem tirar as virtudes aos outros, desfazendo nelles, para as accommodarem, & porem em ſi : elles ſempre ficaõ viciados ; & os outros ſempre virtuoſos. Quaes as ſete vaccas magras, & macilentas, que em ſonhos vio Faraò engolir as ſete cheas, & groſſas ; & depois de comidas eſtas : *Devoratis priori-* Gen 41. 20. *bus,* ficàraõ aquellas, como eraõ antes : *Si-* Ibid. 21. *mili macie torpebant.* Parecia, que tiravaõ das cheas, para ſe encherem a ſi : & taõ vazias ſe

ſe achàraõ, como eraõ: *Similimacie.* Se aquelles emulos da virtude, (empreſtemoslhes agora eſte vocabulo) ſe aquelles emulos da virtude as tiraſſem dos outros por imitaçaõ, para as porem em ſi por exemplo, mereceriaõ louvor. Porque entaõ naõ desfaziaõ no virtuoſo: retratavaõ em ſi as virtudes. Tomavaõ o conſelho de S. Paulo: *Imitatores mei eſtote*, & intereſſando muyto merecimento: *Rapinam arbitrati eſſent, eſſe ſe illis æquales.* Porèm elles naõ fazem iſſo; desfazem na virtude alhea, & naõ fica virtude, que lhes ſeja propria: implica, poderem tomar para ſi as virtudes, que desfazem nos outros.

1. ad Cor. 4. 16.

Quando vaõ a veſtirſe (ponhamos eſte exemplo) da humildade, de que querem deſpir o outro: dizendo comſigo hum: Eu naõ ſou humilde, como aquelle cuyda que he, ſou como ſe deve ſer; elle he o que fica deſpido da virtude, & o outro com ella veſtido: *Juſtificatus.* A verdadeyra humildade ſeria, desfazer elle os defeytos no outro, encobrindo-os, deſculpando-os, & accommodando-os a ſi: tirando por eſte modo as nodoas alheas, & fazendo-as proprias. Imitaria aſſim ao Filho de Deos, que para nos lavar da nodoa do peccado, poz em ſi os ſinaes da nodoa: as chagas, queremos dizer: *His plagatus*

Zachar. 13 6.

plagatus ſum. As cicatrizes de hum corpo antes ferido, bem podemos dizer, que ſaõ as ſuas nodoas; & taõ afrontoſas vem a ficar eſtas nodoas, como foraõ as feridas. Conſervar pois o noſſo Redemptor os ſinaes das feridas, que lhe abrio no ſeu corpo a noſſa afrontoſa culpa, foy pôr em ſi os ſinaes da noſſa afronta. E ainda foy mais: foy prezarſe de parecer afrontado, por nòs ficarmos remidos. E bem podemos conſiderar, que o naõ querer elle, que S. Pedro continuaſſe em ferir aos que o foraõ a prender; foy dizerlhe, que elle vinha ao mundo a ſer ferido por amor de nòs, & naõ a conſentir, que nòs foſſemos feridos por amor delle. Implicava, diz Santo Ambroſio, que Chriſto *Voluiſſet vulnere defendi, qui voluit vulnere ſanare.* E naõ diremos ſem fundamento, ſe acrecentarmos, que nem final ficou daquella ferida: (como devemos ſuppor para mayoria do milagre) porque naõ convinha, que de tal ferida ainda ficaſſe nodoa, ſe Chriſto naõ conſentio na ferida. Havia de apagar naquelle homem a nodoa da ſua culpa, quem em ſi quiz pôr os ſinaes das noſſas nodoas: aſſim como quiz, que daquella ferida lhe naõ ficaſſe final; por ter vindo ao mundo a curarnos com a ſua ferida:

S. Amb. in Luc. cap. 22.

Qui

Qui voluit ſuo vulnere ſanare.

13 Chriſto Redemptor noſſo, por vir a curar feridas da culpa, ou a tirar as ſuas nodoas; naõ quiz defenderſe ferindo a culpados, nem deyxando-os com as nodoas ſinalados. E nòs naõ reparamos em ferir, ou manchar a outros; ſe nos parece que com iſſo livramos de ſer feridos, ou manchados. E he outro modo de pôr nodoas, impor as que ſaõ noſſas nos outros. Fazer o que fizeraõ os irmãos de Joſeph, quando por naõ ficarem ſinalados com o ſeu ſangue, ſe matando-o lho tiraſſem das ſuas veas; o tiràraõ de outras:

Gen. 37 31. *Tulerunt tunicam ejus, & in ſanguine hœdi, quẽ occiderant, tinxerunt.* Naõ nos convèm, diziaõ elles, pormos maculas nas noſſas mãos com o ſangue de hum irmaõ noſſo. *Quid nobis prodeſt, ſi occiderimus fratrem noſtrum, & celaverimus ſanguinem ipſius? Manus noſtræ non polluantur.* Ibid. 26. & 27. Entenda porèm noſſo pay, que o matàraõ, dandolhe nòs outro matador: & cõ o ſangue deſte ficaremos córando a ficçaõ do derramamento do ſeu. Duas vezes ſe vio repreſentado neſta tramoya, o que aqui diſcorremos: hũa vez, impondo elles a morte, q̃ lhe queriaõ dar, a quem a naõ deo; & outra, enſanguentando as ſuas mãos cõ ſangue alheyo, que-

querendo elles manchallas com o que era proprio. Naõ advertîraõ no engano, que entaõ os cegava, em lhes parecer, que eſte os livrava de ſinalados com o ſangue do irmaõ, ſuppondo outro morto por elle. Ainda que os naõ veriaõ aſſim manchados os que naõ ſoubeſſem da ſua culpa; elles meſmos haviaõ de ver huns nos outros a ſua infame nodoa: nelles ficava; porque elles em ſi a punhaõ. Haviaõ de ficar, como os que derramàraõ o ſangue de Chriſto na ſua Payxaõ: porque elles lho tiràraõ, ſobre elles ficou. E elles meſmos ſe puzeraõ a ſi a nodoa, querendo ſobre ſi o ſãgue: *Sanguis ejus ſuper nos.* Matth. 27.25.

14 Taõ enganados ficàraõ eſtes ſacrilegos, como os irmãos de Joſeph: huns, & outros, quando diligentes em ſe alimparem das nodoas de ſuas culpas; entaõ elles meſmos os indices demoſtradores de todas; & ſobre todos elles tambem indice demoſtrador o ſãgue, que os divizava aggreſſores: *Sanguis ſuper nos.* Naõ era iſto, mas antes era o ſeu cõtrario, o que deſejava David, quando ſe conſiderava ſinalado com algũa deſtas maculas, que nòs temos chamado nodoas: pedia a Deos, que lha tiraſſe, chamando a eſta ſua nodoa, o ſeu opprobrio: *Amputa opprobriũ meũ, quod ſuſpicatus ſum.* Pſ. 118. 39. He con=

Gloſſ. hic. conſideraçaõ de muytos; & ſendo agora tãbem noſſa; he bem, q̃ a ponderemos cõ mais outras reflexões. A nodoa de que fallamos, he a que fica do defeyto, que a deyxou: & ſendo opprobrio por eſta conſideraçaõ de David: *Opprobrium meum*, he deshonra na reflexaõ de Symmacho: *Opprobriũ in hoc loco, dedecus.* A qual nodoa, & deſhonra, em ſi a poz, & a ſi a fez, o que ſuſpeytou mal do outro; porq̃ no ſeu opprobrio a contrahio em ſi: *Opprobrium meũ: dedecus meum.* E ainda podemos dizer, que ſe a honra feyta a outro, tambem fica honrando a quem a faz: *Honor eſt in honorante*, a deshonra da mà ſuſpeyta do outro, toda he, & toda fica no deſhonrador; porq̃ aquelle opprobrio todo he ſeu: *Opprobrium meũ.* A ſuſpeyta do defeyto alheyo, porque he de nodoa, que naõ ha no ſugeyto ſuſpeytado; he hũa idéa, que ſó eſtà no entendimento, que cõcebeo aquelle defeyto: & qual he a fealdade do mal concebido, tal he a da ſua conceyçaõ. E que nos pareceriaõ todas as idéas de quãtos innocentes tiveſſe condenado no ſeu juizo o author de ſemelhantes ſuſpeytas, ſe Deos correſſe a cortina, & nos revelaſſe o interior daquelle entendimento? Oh Deos nos livre! Quantos innocentes ſe veriaõ nelle mal julgados?

Symmach. ibid.

dos? E ſe por iſſo nòs lhe chamaſſemos inferno de penas injuſtas para os ſeus condenados; naõ diſcorreriamos contra a razaõ. No inferno deſtinado para vingança de culpas, naõ padecem innocentes os ſeus tormentos: & neſte entendimento, que nòs conſideramos inferno; innocentes ſaõ os atormentados: aquelles, q̃ ſó por ſuſpeytas ſaõ ſentenciados. Inferno chamava Job à ſua caſa, ſó por exercitar nella actos da ſua paciencia: ſe eu as houver de ſofrer ſem limite: *Si ſuſtinuero*, viverey em hum inferno: *Infernus domus mea eſt.* E ſe he inferno aquella caſa, onde hum ſó (& eſſe hum Job) he o paciente de penas, ou o atormentado na paciẽcia: aquelle entendimento, onde tantos pacientes ſofrem as impoſturas da ſuſpeyta, juſtamente: *Infernus eſt.* Naõ porque o author das ſuſpeytas ſeja o que como hum Job, padece aquellas penas; mas porq̃ os ſeus mal ſentenciados ſaõ os que no ſeu entendimento padecem, ſem elle perdoar, nem a hum Job. E he a razaõ, porque bẽ poderemos dizer, q̃ ainda neſte inferno he muyto mayor a deſordem, do que a advertida pelo meſmo Job no outro: *Ubi nullus ordo inhabitat.* Neſte inferno padece quem naõ tem mais culpa, que a ſuſ-

Job 17. 13.

Tyren. hîc.

Job 10. 22.

ſuſpeytada : & no outro, quem a teve certa. Neſte inferno, he condenado, quem naõ foy cõvencido do mal, que delle ſe ſuſpeytou : & no outro, naõ padecem os cõdenados, ſem que por ſuas culpas ſejaõ julgados. Neſte inferno, he o odio do ſuſpeytante o que aggrava a culpa, & dà a pena : & no outro, he a juſtiça a que dà a pena pela culpa. Neſte inferno, faz a ſuſpeyta a culpa, & quem a naõ fez, paga a pena : & no outro, quem ſofre a pena, he o que faz a culpa. Neſte inferno, moſtra bom roſto, quẽ nelle atormenta : & no outro, diz o horrivel dos tormentos com o terrivel aſpecto dos atormentadores. Neſte inferno, padece-ſe hũa pena inſenſivel, porque he ſó a impoſtura da ſuſpeyta : & no outro, naõ ha pena, que ſe naõ ſinta ; porque ſe deſtinou para tormento do ſenſitivo. Finalmente neſte inferno, naõ ha horror para a viſta dos condenados : & no outro, porque nelles ha viſta, tem elles horror. E bem conferidos eſtes dous infernos taõ diverſos : o dos condenados da ſuſpeyta, com o das condenações verdadeyras ; bem ſe vè a deſordem de hum, & a ordem do outro. A deſordem de ſe padecer em hum por culpas ſó ſuſpeytadas : & a ordẽ do outro, onde ſe padece por culpas averiguadas.

guadas. A deſordem de padecer em hum, quem naõ foy convencido de culpas, nem eſtà por ellas julgado: & a ordem do outro, onde padece, quem primeyro foy arguîdo, que ſentenciado. A deſordem de hum, onde o odio aggrava a culpa, & apura a pena: & a ordem do outro, onde a juſtiça he a que dà a pena pezada pela culpa. A deſordem de hũ, onde ſe naõ houveſſe ſuſpeytà, naõ haveria culpa: & a ordem do outro, onde ſe caſtigaõ culpas da ſuſpeyta. A deſordem de hũ, onde ſe eſtà rindo para o condenado, quem o condena: & a ordem do outro, onde quem executa a condenaçaõ, a eſtà moſtrando, & olhando para o condenado. A deſordem de hum, onde o que he pena, he inſenſivel: & a ordem do outro, onde fere ao ſenſitivo, o que he pena. Finalmente a deſordem de hũ, onde o que he horror, naõ ſe vè: & a ordem do outro, onde no que ſe vè, eſtà o horror. Cõ mais razaõ logo, que a de Job, para ſer inferno a ſua caſa: *Infernus domus mea*, he inferno eſte entendimento de q̃ fallamos: *Intellectus infernus.*

15 Mas naõ ſó o digamos nòs: diga-o tambem do ſeu entendimento, o meſmo que delle faz inferno: aſſim como da ſua caſa o dizia o meſmo Job: *Infernus*

fernus domus mea eſt. Volte elle os olhos para dentro do ſeu entendimento, ſem eſperar, que iſto lhe advirtaõ de fóra : & verà, como para elle meſmo he o ſeu entendimento hum inferno. Aquellas idéas das nodoas impoſtas nos que naõ as tem, & das quaes ellas ſaõ as imagens, que as repreſentaõ; ſaõ juntamẽte os atormentadores do author das impoſturas, que nas ſuas ſuſpeytas imaginou. E eſtas, ou eſtaõ contra elle, como contra David eſtavaõ os ſeus peccados: *Peccatum meum contra me*: ou defronte delle, como defronte de ſi tinha tãbem David aos meſmos peccados ſeus accuſadores; porq̃ hũa, & outra couſa ſignifica aquelle *contra*. E de qualquer ſorte, que ſe olhe para as idéas daquelle entendimento: ou as conſideremos *contra*; porque lembraõ: ou *contra*; porq̃ accuſaõ; ſempre ſe pódem reputar como dores de inferno, accommodando aquella conſideraçaõ de David: *Dolores inferni circumdederunt me*: pois o eſtaõ atormentando dentro do entendimento, como em hum inferno: *Infernus intellectus*. Acrecentemos mais: & digamos, que para eſta accommodaçaõ ſer mais propria, as ſuas idéas ſaõ como aquellas imaginações, de que ſe dohia Job: *Cogitationes meæ diſſi-*

Pſ 50. 5.

Pſ. 17. 6

Job 17. 11.

patæ ſunt, torquentes cor meum. Porque do meſmo modo, que as de Job, em quanto naõ *diſſipatæ*, eraõ os tormentos do ſeu coraçaõ: *torquentes cor:* as de hũ ſuſpeytoſo, no tempo em que perſeveraõ, & naõ deſvanecem; ſaõ no ſeu entendimento, ſe elles lhes põem os olhos, os ſeus atormentadores: *Torquentes intellectum.* E com hũa differença mais, & de mayor pezo de tormẽtos; porque as imaginações de Job naõ eraõ ſuſpeytas, nem impoſturas de culpas nos outros, por ſerem ſó cuydados ſeus: *cogitationes meæ.* E as imaginadas ſuſpeytas do que as cõcebe no ſeu entendimento: por naõ ſerem ſó imaginações ſuas, mas tãbem dos outros; ſaõ tormẽtos para elle, & penas para os ſeus ſuſpeytados. Para elle ſão tormentos; porque viſtas, o accuſão deſtas ſuas culpas: & ſão penas para os manchados das ſuas ſuſpeytas; porq̃ nellas andão condenados. Nem ſem advertencia noſſa, temos chamado idéas a eſtas imaginações de culpas alheyas: como ſão as ſuas repreſentações; ficão ſendo as ſuas imagens, & he o meſmo q̃ idéas. Eſtas idéas pois, ou eſtas imaginações, ſaõ as imagẽs das ruins ſuſpeytas dos outros, & tãbem deſtes peccados do ſuſpeytoſo. São o q̃ nòs lhes podemos dizer com Origenes, quando

nos

nos faz entender, que para caſtigo dos peccados occultos (quaes ſaõ os das ſuſpeytas, ſingularizamos nòs) as ſuas imagens, que ſaõ os ſeus ſinaes viſtos de fóra, os fazem manifeſtos: *Univerſa ſpectantium multitudo legit in pectore tuo ſignatas imagines peccatorum.* E fallando nòs agora com hum deſtes imaginarios de culpas impoſtas: digamoslhe, que naõ ſó elle vendo dentro de ſi as imagens deſtes ſeus peccados, ſe verà dellas atormentado; mas ainda com dobrado tormento, crendo que todos lhe eſtaõ vẽdo là dentro do ſeu entendimento as imagẽs das ſuas ſuſpeytas: *Legunt in intellectu tuo ſignatas imagines peccatorum.*

Origen. apud Sanch. in Gen.

16 E quando ſe vem (nos poderáõ perguntar) eſtes ſinaes, ou eſtas imagens dos peccados das ſuſpeytas? E reſpondemos, que quando os ſuſpeytoſos, tal vez ſem quererem, os revelaõ: quando, ou no que fallaõ, ou no que obraõ, ſe lhes vè o que ſuſpeytaõ; como ſuccede (advertio S. Gregorio) no peccado, que ſe occulta: *In locutione, in operatione ſe detegit.* He a ruim ſuſpeyta hũa vibora occulta, que por dentro ſobe aos olhos, revolve os geſtos, inquieta aos movimentos, & por todos eſtes modos *ſe detegit.* Como quer morder, & ferir ao ſuſpeytado; por

S. Greg. lib. 27. Moral. cap. 27.

elles ſe dà a ver no ſuſpeytoſo. Nem eſte ſe ſatisfaz concebendo ſó a ſuſpeyta: quer, q̃ ſem a revelar, a concebaõ outros. Mas, porque no meſmo tẽpo a naõ póde encobrir, & dar a ver; imita a mudez, & a revelaçaõ do livro, que falla ſem ſe ouvir, & ſem elle dizer, o ouvem. E tal he o ſuſpeytoſo: no meſmo tempo ſe faz entender, & calla: he por fóra hũa eſtampa do que por dentro he a ſua ſuſpeyta. A eſtampa, ou eſta ſeja de eſcritura, ou de imagem; tanto hũa, como outra, fallaõ ſem vozes, & aſſim mudas dizem. Tambem por outra ſemelhança chamára eu a hũa ſuſpeyta, fogo do ſuſpeytoſo, com que elle queyma, & marca ao ſuſpeytado, ſem delle apparecer mais que hum fumo. E aſſim como eſte baſta, para pór nodoa, & tiſnar ao que deſeja ver deſluſtrado; tambem he baſtante, para revelar o fogo, donde elle ſahe, & a ſuſpeyta ſe forja. Naõ menos o fumo diz onde eſtà o fogo; do que a luz do meſmo fogo diz onde elle eſtà. E como toda a luz tem por natureza deſcobrirſe, & cõmunicarſe por qualquer minima abertura da caſa; ſe a ſuſpeyta, como o fogo, ſe dà a ver pelo ſeu fumo; tambem pela ſua luz ſe deſcobre eſte fogo. Hũa das maldades, que taõ facilmẽte concebem os ſeus Authores, como ſe be-

beſſem

Job 15. 16. beſſem agua: *Abominabilis homo bibit quaſi aquam iniquitatem*, he a ruim ſuſpeyta. Como naõ he mais, que hũa imaginaçaõ, ou penſamento; nada diſta o ſeu parto da ſua conceyçaõ; tanto que ſe concebeo, naceo. E ſe a ſemelhança, que agora lhe conſideramos cõ a agua, he pela preſſa do beber: *Bibit quaſi aquam*; tambem lha devemos dar pela ſubtileza do rever. Sahe fóra do entendimento taõ imperceptivel, como S. Macario diz, q̃ ſahe qualquer peccado do coraçaõ: *Sicut aqua tranſit per fiſtulam, ita peccatum per cor.* Ou finalmente digamos, que pela ſede, que hum ſuſpeytoſo tem ao ſuſpeytado, & que bem ſe lhe deſcobre, logo ſe vè, q̃ nas ſuas ſuſpeytas, *Bibit quaſi aquam iniquitatem.* E naõ he de S. Gregorio toda eſta noſſa conſideraçaõ, mas grande parte: em quãto diz Tyrino allegando o ſeu penſamento, que aquella bebida do peccado (como ſe foſſe de agua) he a ancia com que o peccador inſaciavel de culpas, as repete, & as continùa: *Copioſiſſimè, avidiſſimè, ſine ſenſu mali, & ſummâ animi voluptate haurit ſitiens.* Tyrin. S Greg. hic.

S. Macar. in doct. aſcetic.

17 Jà naõ ſe duvidarà das revelações de ſuſpeytas, entendidas as ſemelhanças, que as retrataõ. Como tambem ſuppomos já ſabidas as cegueyras, que ſaõ ef-

ſeytos de nodoas; ou eſtas ſejaõ verdadeyras, ou ſuſpeytadas. Agora diremos, como as meſmas nodoas pódem dar viſtas; & he a outra parte da ſentença, que nos deo o aſſumpto do diſcurſo. Dar viſta ſendo nodoa, jà o vimos naquelle lodo, que tambem põem nodoa, & com elle deo Chriſto a milagroſa viſta ao cego de nacimento: *Fecit lutum: linivit ſuper oculos ejus: & venit videns.* Joan. 9. 6. & 7. Nem ſe repare, ter o meſmo lodo a propriedade de pôr nodoa, & tambem a virtude de a tirar. Porque ainda ſem nos valermos do ſentido deſta moralidade; na meſma materia do barro, que he pouco differente da do lodo, vemos ſem milagre cõcordes eſtes dous effeytos contrarios: ſe quando chegou à roupa, fez nodoa; tãbem a tirou, quando ſobre ella ſe poz. Ponha pois cada hum os olhos na ſua nodoa, ou a ſua nodoa nos olhos: & logo vendo o que ella he, entenderà o que em ſi ſe tem deſcuydado de ver. Naõ fizeraõ prova a eſta verdade os accuſadores da Adultera, quando Chriſto lhes dava a ver o ſeu lodo delles, & as nodoas nos peccados, que lhes eſcrevia ſobre a terra: *Digito ſcribebat in terra.* Joan. 8. 6. Porque nem quizeraõ pôr olhos nas ſuas nodoas: nem ſofrèraõ, q̃ Chriſto lhes puzeſſe as nodoas nos olhos; todos

dos voltàraõ o roſto: Ibid. 9. *Unus poſt unum exibant.* A converſaõ de Santo Agoſtinho confirma o que dizemos: porque lha fizeraõ os ſeus olhos, depois de elle os pôr no ſeu lodo. Conſiderava-ſe enlodado com as ſuas culpas: & lavando-as com ſucceſſivas lagrimas, repetia arrependido as muytas vezes, que nellas ſe enlodava: *Ah quoties repetij volutabrum!* S. Aug. in lib. Confeſ. E naõ cobraráõ ſó eſta viſta os que o imitarem olhando para as ſuas nodoas; mas tãbem pondo os olhos nas nodoas dos outros: livraráõ da cegueyra, que lhes pódem fazer as proprias, temendo contrahir as parecidas cõ as alheas. Quando S. Paulo nos diz aquella ſua tentaçaõ: *Datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ angelus ſatanæ, qui me colaphizet*: 2. ad Corint. 12. 7. que entre todas as tentações, he a que põem, & deyxa bem eſcura nodoa; naõ he ſó para ſabermos nòs, que elle foy tentado: tambem com a ſua tentaçaõ nos ſerve, para nos animarmos a reſiſtir às noſſas. Moſtrando, quãto elle ſe deſviava daquella nodoa, nos encaminha, para nòs a deſviarmos. Eſte ſeu exemplo, como tambem os de todos os Santos, naõ ficou eſcrito para elle; para nòs ſe eſcreveo. Nem ſe condenarà eſta noſſa cõſideraçaõ, advertindo-ſe em outra ſua muyto ſemelhante, quando lhe ouvimos

vimos dizer, que elle ſervia a Deos com as ſuas tentações: *Serviẽs Domino cum tentationibus, quæ mihi acciderunt.* Porque, ſe elle ſervia a Deos ſofrendo as tentações, com que lidava; tambem nos ſerve a nòs, dizendonos, como as reſiſtia: *Datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ.* Aſſim tentado andey a carreyra deſta vida: *Curſum conſummavi*: lidando contra as minhas tentações, & ſendo fiel ao Senhor, a quẽ com ellas ſervia: *Fidem ſervavi: ſerviens Domino cum tentationibus.* O Tentador deſvelado em me querer com ellas enlodar os pés: *Angelus ſatanæ*: & eu advertido, & cuydadoſo em me deſviar do ſeu lodo, como hum dos caminhantes, que canoniza David: *Beati immaculati in via.* Bemaventurados os que andaõ por caminhos taõ lodaçaes, & naõ ſe mãchaõ com as ſuas nodoas. He metafora, dizem, tomada daquellas manchas, ou nodoas, q̃ enlodaõ aos viandantes deſte mundo: *Sumpta à maculis, quæ contrahuntur inter ambulandum, cùm iter facimus per vias lutoſas, & alio modo ſordidas.*

Act. Apoſt. 20 19.

Pſalm. 118. 1.

2. ad Timot. 4 7.

Ibid.

Bellarm. in Pſal. hic.

18 Eſtas advertencias ſaõ as luzes, que deſcobrindo primeyro as ſombras, afugentaõ as trevas. Quem olhou para as ſuas nodoas, ou defeytos, deo viſta aos ſeus olhos: & ficou tẽdo viſta, quẽ ſe cegava com

com os defeytos, ou nodoas dos outros. Jà temos dito, de q̃ olhos, & viſtas fallamos: das da alma, & naõ do corpo. E fazem os que aſſim olhaõ, & vem, o que nos repreſenta o Eſpirito Santo, quando diſcorre por tudo o que neſte mundo he vaidade: depois de advertir o que he tudo, diz, que tudo he nada. Em quanto nos deſvanecemos, & gloriamos do que fazemos; parecenos iſto algũa couſa: mas em advertindo no meſmo, que iſſo nos parecia; entaõ ſe nos abrem os olhos, & vemos, que tudo era nada. O meſmo he entaõ olhar eu para o que fiz; que naõ achar o q̃ olhava: *Cùm me convertiſſem ad univerſa opera, quæ fecerant manus meæ; vidi in omnibus vanitatem.* Até agora diſcorria o entendimento, ſem eu advertir no ſeu diſcurſo; & por iſſo, tudo o que eu obrava, parecia que tinha algum ſer. Porèm, jà que eu volto com as attenções ſobre o que elle entendia; acho, q̃ iſſo meſmo, que elle entendia, naõ tinha ſer algum: *Locutus cum mente mea, animadverti, quòd hoc quoque eſſet vanitas.* Accommodando nòs agora a hũ ſuſpeytoſo eſtes deſenganos do que parecia que era ſolido; & a reflexaõ advertida moſtrou, que tudo era vaõ; achará os deſenganos do que ſuſpeytava, que era; & na

Eccl. 2. 11.

Ibid. 15.

na ſua advertencia mais ponderada vio, que naõ era nada quãto ſuſpeytou: *Cùm me converti ſſem, vidi in omnibus nihil.* Dirà illuſtrado pelo Eſpirito Santo, o que até aqui temos dito, diſcorrendo por todas as ſuas ſuſpeytas. As minhas imaginações, as idéas das minhas impoſturas ſuſpeytadas, tudo iſto, que eu fabricava no entendimento: agora, que com outra advertencia olho para iſto meſmo, vejo, que tudo era nada, tudo imaginado, & tudo vaõ: *Locutus cum mente mea, animadverti, quòd hoc quoque eſſet nihil.* Duas ſortes de nadas havemos de conſiderar, depois de accommodarmos o noſſo diſcurſo ao Eſpirito Santo: hum nada, olhando para o quẽ he; outro nada, olhando para o que ſe ſuſpeyta. O primeyro nada, he vaidade; o ſegundo nada, he imaginaçaõ. O nada, que he vaidade, deſcuberto pelo entendimento, quando elle olha para o que entende eſtar obrado: *Univerſa, quæ fecerant manus*: & em tudo vè aquelle nada, que he *Vanitas*. O nada, que he imaginaçaõ, deſcuberto tambem pelo entẽdimento, quando hum ſuſpeytoſo reflecte ſobre o que tem entendido, & em tudo vè eſte nada: *Locutus cum mente ſua, animadvertit, quòd erat nihil.* Aſſim fica illuſtrando o ſeu

enten-

entendimento,& mais a alma todo o ſuſpeytoſo, examinadas as ſuas imaginações, & reconhecendo nellas os ſeus nadas. Livra entaõ das ſuas cegueyras o enganado entendimento; porque fazendo tãbem livrar das meſmas a alma até alli em trevas, moſtra ſer elle *Oculus animæ*. Do meſmo modo,que fica alumiado o corpo: *Corpus lucidũ*; porque os olhos ſaõ a ſua luz: *Lucerna corporis eſt oculus*. Mas iſto ſe ha de entender,ſe tanto huns olhos, como outros; os da alma, & os do corpo, naõ olharem com eſpecies miſturadas: *Si oculus fuerit ſimplex*. Se o entendimento admittir ſuſpeytas, & nos olhos entrarem nevoas: *Si lumen, quod in te eſt, tenebræ ſunt: ipſæ tenebræ quantæ erunt?* Ibid. 23.

Vide Cornel. hic.

Matth. 6.22.

Ibid.

Ibid.

Nada.

§. V.

19 TAmbem no meſmo tempo he tudo; & o que he tudo,no meſmo tẽpo he tambem nada. Para ſe entender a ſentença,& o aſſumpto do diſcurſo; he bem, que levantemos hũa balança,pezando de hũa parte della o que he o mũdo; & da outra o que o mundo naõ he: o ſeu tudo, & o ſeu nada. E ſempre com os pezos de moralidades Chriſtãas,pias, & Euangelicas, conferindo o temporal com o eterno; q̃ ſaõ o conhecido nada,

&

& o verdadeyro tudo. Vendo nòs com ſingular attençaõ o muyto, que o mundo tem: & ouvindo dizer, que tudo o que elle tem, he nada; devemos concordar eſtes extremos, que ſendo no material oppoſtos, no eſpiritual ſaõ concordes. Conſideremos pois entrar jà na balança, que ſuppomos armada, ao mundo todo aſſim como he, & cõ tudo o que tem; & parecendo ſer todo elle de hum immenſo pezo, veremos, como no meſmo tempo he nada o que péza. Todos os q̃ o deyxàraõ, & ſe prendèraõ em perpetuas clauſuras: todos os que morrendo, mais quizeraõ morte, que vida; ou por covas, & grutas de deſertos ſe enterràraõ vivos: todos nos dizem, que deſprezàraõ aſſim ao mundo, penetrados da conſideraçaõ de ſer nada tudo o que elle he. E eis-ahi tudo o que tem o mundo, reputado por nada: & como deyxaõ nada os que deſprezaõ eſte tudo. Conſideremos agora entrar na outra parte da balança o nada, q̃ he, & tem o mundo aſſim deſprezado de todos os que o tem deyxado; & parecendo, q̃ naõ tem pezo o nada aſſim conſiderado; vejamos o muyto, que no meſmo tempo péza eſte nada. Todos os que o deſejàraõ, abraçàraõ, & ſó com elle deſcançàraõ, eſtaõ dizendo, que nunca mais enriquecidos,

dos, que quando ſem o tudo que o mundo he, & com eſte nada, que tem. E eis-ahi ſer tudo o nada do mundo: & como tem tudo os que tem eſte nada. De maneyra, que hũa conſideraçaõ faz ſer nada tudo o do mundo; & outra conſideraçaõ faz, que o nada do mundo ſeja tudo. Se o mundo naõ tivera muyto, naõ fariaõ muyto os que o deyxaõ; & quanto mais deyxàraõ no muyto do mundo, tanto depois tiveraõ no nada do que deyxàraõ. No meſmo tempo o tudo do mundo deyxado, val o nada porque ſe deyxou; & a eſte nada porq̃ ſe deyxou o tudo do mundo, dà valor o tudo deyxado. Se perguntarmos a S. Pedro, quanto valia o que deyxou, quando diſſe: *Reliquimus omnia*, reſponderà, que ſó o nada porque o deyxou; pois o deyxou por eſte nada. *Nihil dimiſſum*, diz por elle Santo Agoſtinho, depois de dizer, que antes de deyxar eſte nada, valia mais que muyto, o que no ſeu deſejo poſſuhia: *Cupiditas ibat in immenſum*. E tambem reſponderà, que quanto intereſſou no valor deſte nada, lhe veyo do que ſe deſpojou naquelle *omnia*. Tambem o diſſe Santo Agoſtinho: *Totum mundum dimiſit Petrus: totum mundum Petrus accepit*. O nada com que elle ficou: *Nihil habens*: no meſmo tempo o fez ſenhor

Matth. 19.27.

S. Aug. in Pſal. 103. conc. 3.

do

do tudo com que ſe achou: *Omnia poſſidẽs*: & o tudo deſta ſua poſſe: *Omnia*, fez entaõ que valeſſe outro tanto o nada do ſeu deſpojo: *Nihil.* Aquelle muyto, que Deos promette por pouco ao ſeu fiel ſervo: Matth. 25.21. & 23. *Quia ſuper pauca fuiſti fidelis, ſuper multa te conſtituam*, faz q̃ o pouco chegue ao valor do muyto; pois he muyto o que entaõ Deos quer dar por pouco: *Super multa.* E o pouco, porque Deos naõ promette muyto ao que naõ he ſervo fiel: *Quia ſuper pauca non fuiſti fidelis*, faz que o preço que havia de ſer do muyto, naõ paſſe do valor do pouco; porque por pouco naõ quer Deos entaõ dar muyto: *Super multa nõ conſtitui.* Quãdo o Bautiſta ſe conſiderava ſer menos: *Me oportet minui*, para fazer a Chriſto ſer mais: *Illum autem creſcere*, no meſmo tempo o menos do Bautiſta fazia haver mais em Chriſto; & o mais de Chriſto augmentava o menos do Bautiſta. Como hum ficava medido por outro, crecia o Bautiſta; pois ſendo ſervo, ſe media com o Senhor; & naõ deyxava Chriſto de crecer, ainda q̃ ſendo Senhor, o mediaõ com o ſervo: *Me oportet minui: illum creſcere.* Joan. 3. 30. Ibid.

20 Neſtes muytos, & neſtes poucos: neſtes tudos, & neſtes nadas; & finalmente nos pezos, & contrapezos da balança, que ainda moſtramos

tramos levantada; devem de advertir, os que pelo nada do peccado perdem o tudo da graça. Chamo nada ao peccado; naõ pelo que tem de offensa de Deos; porque entaõ naõ póde ser cousa mayor: nẽ pelo que tem de culpa; porque assim considerado, naõ póde ser mayor mal. Chamolhe nada, em quanto he hum dos apparentes, & transitorios gostos, ou deleytes do mundo; porque nesta consideraçaõ, naõ póde o peccado ser menos do que he: he hum nada. He o q̃ Santo Agostinho dizia de todo o peccado: *Peccatum nihil est*, & o que dizia dos seus: *Ad nihilum reduxerunt me iniquitates meæ.* Este nada pois metido em hũa parte da balança, onde elle se péza: & posta da outra parte a pena eterna, que he o seu pezo: tambem no mesmo tẽpo este nada he o tudo da pena; & o tudo da pena he o pezo todo do nada. Olhem agora bem para o fiel desta balança, os que certamente a devem temer; & vejaõ, como pézaõ elles em vida, & como lhes haõ de ver pezar depois da morte, este nada, & este tudo. Cõsiderem entrado nesta batalha a hum Salamaõ: aquelle que parece foy no mundo hũ senhor do seu rudo, ou em riquezas, ou em deleytes. E supponhaõ pezados tambem com elle no mesmo tempo todos

S. Aug. lib. de Confess.

todos os ſeus nadas, aſſim do opulento, como do delicioſo. Suppoſta aſſim a condenaçaõ deſte Rey, querem ſaber agora, quanto lhe péza hoje hum dos nadas dos deleytes do ſeu corpo? Péza hũa eternidade de penas. Querem ſaber o que he aquella eternidade de penas? He o nada do ſeu deleyte. Eſte nada lhe levou à balança o tanto daquelle pezo: & o tãto daquelle pezo fez pezar tanto eſte nada. Perguntandolhe nòs, o que eraõ neſta vida os ſeus peccados; reſponderà, que eraõ nada: *Peccata mea nihil erant.* O nada do ſeu peccado, era juntamẽte o tudo da ſua pena: & ſenaõ preſente, ſutura. E perguntado tãbem, ſe eſtes nadas lhe fizeraõ algum mal; reſponderà, que até a elle meſmo o faziaõ ſer nada: *Ad nihilum reduxerunt me.* No meſmo tempo, em que eſte Rey era hum dos Grãdes do mundo; por hũ nada deyxava de ſer o que era. E feyta finalmente a ultima pergũta: quanto lhe durava o deleyte, & quanto lhe dura a ſua pena, reſponderà, que o deleyte naõ tinha mais duraçaõ, que a de hum nada: *Peccatum nihil.* E que a pena do deleyte ainda naõ acaba, nẽ acabarà de durar, poſto que o fazia ſer nada o meſmo deleyte acabado: *Ad nihilum redu-cebat.* Sendo hum nada

a me-

a medida do peccado; medialhe a eterna pena o meſmo nada. Hum deſtes nadas he tãbem hum *momentum*, *à quo æternitas*; o deleyte, hum inſtante: *momentum*; o tempo medido por eſſe inſtante, hũa eternidade: *æternitas*. E ajuſtados nòs ao noſſo diſcurſo, onde moſtramos, ſer o nada hum tudo, & hum tudo ſer nada: aſſim como tememos aquelle momento, *à quo æternitas*: temamos eſta eternidade, *à qua momentum*. Temamos no nada, *in momento*, o tudo, *æternitas*; & no tudo, *in æternitate*, o nada, *momentum*. E iſto meſmo deſcobrimos tambem na lembrança, que nos faz a Igreja, quando nos diz, que ſendo o homẽ hũ todo: *Memento homo*, he hum pouco de pó no meſmo tempo: *quia pulvis es*. Aquelle todo, he pò: *homo pulvis*; & eſte pò he aquelle todo: *pulvis homo*.

Nuvens.

§. VI.

21 TAes haõ de ſer, & naõ haõ de ſer os Grandes do mundo: os Grandes por nacimento, & os q̃ por fortuna ſaõ Grandes. Como as nuvens ſaõ o que lhes dà o Ceo, & o que lhes vay da terra: os Grandes, que logo nacem levantados, & os que ſe levantaõ depois que nacèraõ; tem nas nuvens hũa figura muyto propria do

que devem obrar huns, & do que outros naõ devem ſazer. Os primeyros, pelo que tem de celeſtes, haõ de ſer beneficos aos ſublunares: aos pequenos, queremos dizer, que dependem da ſua liberalidade repreſentada na que vemos nas nuvens, quando deſataõ abundantes chuveyros para o rego, & cultura das lavouras. Niſto nos faz advertir o Profeta, quando conſidera a potencia de Deos nos beneficios, que fez ao ſeu povo: & diz, que foy para elle taõ liberal, como ſaõ as nuvens para o beneficio da terra: Pſ. 67. 35. *Magnificentia ejus in nubibus.* Aſſim como Deos he poderoſo (cõmentaõ huns) communicando aos orbes celeſtes a virtude das ſuas influencias; tambem moſtrou ſer o meſmo para os Iſraelitas, com tanta providencia ſeus favorecidos: *Gloria ejus elucet in Iſraelitica gente, perinde ac ejus potentia in cæleſtibus.* Geneb. in Pſal. & plur. hic. Naõ façaõ pois os de nacimento ſuperior diſtinçaõ algũa nos que favorece a ſua magnificencia: já que ſaõ hum ſignificado do que repreſentaõ as nuvens do Ceo, devem ſer iguaes nas ſuas influencias para os que delles vivem dependentes. Tãto para os da nobreza, como para os da plebe: *Gloria, & potentia eluceant in gente.* E he o que fazem as nuvens: naõ menos beneficas na diſtri-

tribuiçaõ das ſuas aguas para as plantas mais humildes, que para as mais prezadas: reparando igualmẽte dos ardores do Sol a hũas, & outras; & cobrindo com a ſua ſombra a todas. Finalmente vejaõ todos neſtas nuvens da terra, o que vemos obra Deos nas do Ceo: *Ejus potentia in cæleſtibus.* Os ſegundos nuvens: os que a fortuna levantou da terra, que he a outra parte deſtes compoſtos celeſtes, devem lembrarſe do ſeu principio original, para naõ reſponderem ingratos aos que lhes deraõ o ſer. Iſto he o que faz a nuvem armando-ſe cõtra a terra, jà com o eſpanto do trovaõ, jà cõ o aſſombro do rayo, jà com a furia do vento, & ainda com o eſtrago de pedras, & coriſcos: ſendo, que nella tem o ſeu ſolar nativo, & ſem o qual naõ ſeriaõ as nuvens o que ſaõ. Se naõ ſubiſſem da terra os vapores, que na regiaõ do ar por virtude do Sol entre ſi ſe condenſaõ; naõ ſeriaõ nuvens do Ceo. Nem depois de levantadas, & contra a terra conſpiradas, dariaõ a materia emblematica da ingratidaõ, q̃ diſcorremos. Hontem hum vapor da terra, hoje nuvem no Ceo, & logo taõ mudada de natureza por fortuna, & naõ por induſtria; que outra couſa he, ſenaõ hum repreſentativo do ingrato, a quem primeyro ajudàraõ a ſer:

& elle depois de ſe ver taõ diverſo, taõ diſtante, & taõ longe dos q̃ o fizeraõ, os chega tal vez a apedrejar? Com ſemelhante conſideraçaõ ſe queyxava David dos ſeus amigos: *Amici mei, & proximi mei*; porque Abſalaõ, & os ſeus parciaes (commentaõ muytos) que antes lhe naõ ſahiaõ do lado: *Qui juxta me erant*, depois ſe afaſtàraõ delle, & o perſeguiraõ: *De longè ſteterũt adverſùm me.* Quem mais proximo; & ainda podemos dizer, quem mayor amigo da terra, do que aquella ſua porçaõ, ainda que tenue, creada nas ſuas proprias entranhas, & elevada para ſer nuvem do Ceo? Eſta he pois a que eſtando antes *Juxta illam*, logo em ſendo nuvem: *De longe ſtetit adverſùm eã.* E por naõ faltar a eſta figura da ingratidaõ a ſemelhança toda com o figurado: ſe Abſalaõ foy o ingrato, ſendo filho de David; filho he da terra, & do ſeu ventre o vapor, que ſubio a ſer nuvem: & eſte o que entaõ *Stat adverſùm eam.*

Ptal 37. 12.

Bellar. & alij hìc.

Ibid.

Ibid 13.

Negociaçaõ.

§. VII.

22 TAmbem traz lucro na perda, ſe da alma he o negocio: ſe he, como aquella negociaçaõ dos cinco talentos, que ſe fiàraõ de hum negociãte: *Uni dedit quinque talenta*: & S. Gregorio diz,

Matth. 25. 15.

diz, q̃ saõ os cinco sentidos do corpo: *Quinque talenta, quinque sunt corporis sensus.* Porque este negociante (assim o podemos considerar) soube perder no uso illicito dos cinco sentidos do corpo, como se fosse negociaçaõ de outros tantos talentos; foy muyto o que veyo a interessar: *Super multa te constituam.* Nem vem a ser outra cousa o que Christo nos aconselha, quando diz: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum.* Para interessarmos na perda dos escandalos das nossas vistas, manda, que percamos os olhos: *Erue eum.* O que tambem se ha de entender na perda dos actos peccaminosos dos outros sentidos do corpo: *Si auditus tuus (& sic de cæteris) scandalizat te &c.* E bem se confirma tudo, quando outra vez nos persuade Christo a naõ escandalizarmos com os passos desencaminhados dos pés, & màs obras das mãos: tambem para interessar a alma, quer, que nos pés, & mãos perca o corpo: *Si manus tua, vel pes tuus scandalizat te, abscîde eum, & projice abs te.* E finalmente passa a ensinar, como a mesma alma se póde perder: *Qui perdiderit animam suam:* (o que se ha de entender da perda dos seus desejos desordenados) para ella entaõ se achar, & nessa perda se ganhar: *Inveniet eam.* De todas estas verda-

S. Greg.

Matth. 25. 1.

Matth. 18. 9.

Ibid. 8.

Matth. 10. 39.

Ibid.

des Euangelicas, & por iſſo de Fé todas, ſe infere hũa concluſaõ, que todos os que as ouvem, devem muyto temer. Infere-ſe, que aquelles que neſtes talentos naõ querem perder negociando para a alma; ſaõ os que lucraõ, & negoceaõ para o corpo. Saõ como aquelle Avarento, que com os intereſſes deſordenados de alguns deſtes talentos (dos ſentidos do corpo dizemos) cuydando, q enriquecia a alma: *Anima, habes multa bona: comede, bibe, epulare*: perdeo a alma, & mais o corpo: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.* E eſta perda, quando ſe perde no que ſe ganha, jà vem deſde o Paraiſo: logo alli Adam, & Heva, os primeyros negociantes deſtes talentos, porque vîraõ, tocàraõ, goſtàraõ do fruto prohibido, & ouvîraõ os enganos da Serpente; perdèraõſe a ſi, & nos perdèraõ a nòs: cuydando elles, que intereſſavaõ ſer Deoſes: *Eritis ſicut dij*, ſe achàraõ em pó deſfeytos: *In pulverem revertêris.* De maneyra, que aſſim como ha lucro na perda, ſe a negociaçaõ he da alma; tambem ſe o negocio he do corpo, ha perda no lucro. E naõ ſó, quando os talentos ſe repreſentaõ nos ſentidos do corpo; mas tambem fallando nòs dos verdadeyros talentos, que ſaõ os da riqueza, os da ambiçaõ, & os da avareza.

Luc. 12. 19.

Ibid. 20

Gen. 3. 5.

Ibid. 19.

Quantos

Quãtos ſe tenhaõ perdido nos lucros deſtes talentos, & ainda nelles ſe vaõ perdendo, naõ ſe reduzem a numero: ſuppõemſe illimitada por nòs a ſua conta. E dos que ſouberaõ lucrar na ſua perda, contaremos hum ſó, que entre todos faz muyto ſingular prova ao noſſo diſcurſo. E foy eſte Job: naõ podia perder mais nos talentos da opulencia da ſua caſa; porque os perdeo todos, permittindo Deos a poſſe delles ao demonio: *Ecce, univerſa quæ habet, in manu tua ſunt.* Porèm na perda deſtes talentos, intereſſou os lucros da ſua alma, nos quaes o meſmo demonio naõ pode meter a maõ: *Verumtamen animam illius ſerva.*

Job 1. 12.

Job 2. 6

Numero.

§. VIII.

23 HE mais importante o dos annos futuros, que o dos paſſados. Os annos que eſtaõ por vir, pódẽ ſer para a emenda da vida dos que jà vieraõ. E ter tempo para emendar, he melhor, que haver tido o que ſe paſſou em errar. Se nos annos, que jà ſe contàraõ, naõ houve materia para correcçaõ de culpa cõmettida; ainda a póde haver nos que eſtaõ para ſe contar. E os deſvelos ſobre o tempo em que nella ſe póde cair, importaõ mais ǫ as lembrãças daquelle, em que ſe naõ cahio nella. Suppõdo-ſe muyto

to merecimento nos annos paſſados, poderà continuarſe nos futuros. E quem tem mais tempo para exercitar mais virtudes, tambem o fica tendo para mayor merecimento. Os annos paſſados para os que vivem nos preſentes, pouca differença tem dos annos daquelles que jà morrèraõ: tanto para huns, como para outros, ſaõ annos, em que jà naõ haõ de viver. E annos, em que naõ ha vida, naõ ſaõ annos para haver goſtos. Os annos futuros tambem naõ differem muyto dos annos dos que ainda naõ nacèraõ: tanto para eſtes, como para aquelles, ſaõ annos de viver. E annos que medem a vida em principio, ſaõ melhores que os do fim da medida. Finalmente, o numero dos annos paſſados, nos que delle ſe eſquecem, entra pelo numero dos futuros, fazendo deſcuydar da morte, & tambem da conta do Juizo. E mais aproveyta o numero dos futuros aſſim diminuido, & lembrado; porque deſperta para a conta, & faz vigiar ſobre a morte. Os que pois forem lendo eſtas ſentenças, no meſmo tempo vaõ contando os ſeus annos paſſados, & vendo quanto lhes importa olhar para os futuros. Quem ſe animar para a emenda da vida paſſada, tema naõ ſaber quantos ſeraõ os annos da futura, para nelles

nelles ſe emendar. Quẽ conta muytos annos de vida ſanta, tema naõ ſaber, ſe poderà ainda contar muytos. Quem naõ errou nos annos, que tem vivido; tema o muyto que poderà errar nos que tem para viver. Quem nos ſeus annos até o preſente tem grangeado muytos merecimentos, tema o riſco de cõmetter muytas culpas nos ſeguintes. Quem tanto ama os goſtos da vida, quantos ſaõ os annos que vive, tema a contingencia de naõ ter mais vida para mais goſtos. Quem mede as ſuas felicidades pelo principio da vida, tema naõ ter mais vida, para as medir até a morte. E finalmente, quem ſe lẽbra da conta que ha de dar em Juizo, dos annos, que jà là vaõ; tema naõ acertar a conta dos que ainda là vem. Na ſaudaçaõ dos bons annos, olhamos para os futuros, & naõ para os paſſados. E ſe entaõ pomos tambem os olhos nos preſentes, eſſes ſaõ os primeyros dos que até alli eraõ futuros: o anno de agora (& o meſmo ſe ha de entender do dia de hoje) tem grande parte do anno, & dia, que foraõ futuros; & nada do dia, & anno, que ſaõ paſſados. Eſtes, ainda que tenhaõ ſido bons, aquelles os pódem fazer maos. Os annos futuros de Judas fizeraõ taõ maos aos ſeus bons jà paſſados; que até lhe fora melhor

lhor naõ ter vivido, nem ainda o primeyro dia do ſeu primeyro anno: *Melius illi eſſet, ſi natus non fuiſſet.* E Job, quando ſe vio no mao anno das deſgraças, para elle até entaõ futuras, ainda dizia mais: deſejava ver eſquecida a hora paſſada da ſua conceyçaõ: Job. 3. *Pereat nox, in qua dictum eſt: conceptus eſt homo.* Para Judas melhor lhe fora naõ ter vivido o primeyro dia da ſua vida paſſada: *Melius illi eſſet, ſi natus non fuiſſet*; & para Job melhor lhe fora naõ começar a ſer, ainda na primeyra hora de concebido, quãdo *conceptus eſt.* E naõ ſó o tempo mao futuro faz tãbem mao ao bom tempo paſſado: tambem ao mao tẽpo paſſado faz bom o bom tempo futuro. A hora do arrependimento das culpas, que ainda eſtà por vir, póde fazer boa a hora das culpas commettidas, que jà paſſou. E deſcobrindo nòs na vida de Chriſto tambem boa, & mà hora; achamos, que a boa hora da ſua morte, que havia ſido futura, veyo a fazer boa a hũa mà hora, q̃ os homens lhe haviaõ dado em yida. Neſta diziaõ elles: *Dæmoniũ habes*; naquella diſſeraõ: *Verè Filius Dei erat iſte.* A Divindade, que lhe negàraõ no tẽpo paſſado, eſtava para ſe lhe reconhecer no futuro. A boa hora do *Filius Dei erat*, veyo a fazer

Joan. 7. 10. Matth. 27. 54.

fazer tambem boa a mà hora do *dæmonium habes.* Quantos annos, ou quantas horas poderà ainda ter de tempo futuro, quem agora attendeo bem ao que fica dito neſte diſcurſo? Advertio jà, que ſe quizer ter bons annos; eſſes haõ de ſer os futuros? Seja pois eſta a concluſaõ: viver de ſorte daqui por diante, que quando ſe vir na ultima hora do ultimo dos ſeus annos futuros, naõ diga elle meſmo olhando para os paſſados: *Melius mihi eſſet, ſi natus non fuiſſem.*



PALAVRA DE DEOS Deſatada.

O

Obras.

§. I.

1 Conſideraçaõ das chegadas à morte, he a que melhor ordena as da vida: como he a viſta das ultimas, chega a ſer a direcçaõ das primeyras. Por iſſo Deos fallando por boca do Profeta nos faz aquella advertencia: *In finem ne corrumpas.* Para te naõ perderes no caminho, que vay do viver ao morrer; cuyda como em todo elle deves obrar: logo do ſeu principio olhando para o ſeu fim. Se iſto fizeſſem as Virgens imprudentes do Euangelho, naõ ſe acharião no fim do que obràraõ, ſem o fim que pertendèraõ; entrariaõ Pſalm. 74. 1.

trariaõ onde entràraõ
Matth. 25.10. as outras: *Intraverunt ad nuptias.* Mas, porque depois de ſe deſvelarem juntamente com
Ibid.7. ellas: *Surrexerunt omnes*; depois de ſe concertarem as alampadas:
Ibid. *Ornaverunt lampades ſuas*; depois de pedirem o oleo, que naõ tinhaõ:
Ibid 8. *Date nobis de oleo veſtro*; depois de ſahirem para o comprar:
Ibid.10. *Dum irent emere*; depois de chegarem às portas da entrada pretendida:
Ibid.11. *Noviſſimè verò veniunt*; depois finalmente de baterem, & pedirem, q̃
Ibid. lhes abriſſem: *Aperi nobis*; porque ſe achàraõ no fim ſem o oleo, de que logo no principio ſe deviaõ prevenir:
Ibid.3. *Non ſumpſerunt oleum ſecum*, vîraõ nas alampadas apagadas, que todas as mais obras antecedentes eſtavaõ mortas, & q̃ as portas lhes foraõ fechadas: *Clauſa* Ibid.10. *eſt janua.* As obras do tempo da vida pódem emendarſe com o tempo, & as do tempo da morte poderáõ naõ ter tempo para ſe emendarem. Eſtas ſeguraõ, ou arriſcaõ mais a ſalvaçaõ, do que aquellas a pódem arriſcar, ou ſegurar. Como ſaõ as da penitencia, ou impenitencia final; ſuccede acabar bem, o que viveo mal; & mal, o que viveo bem. E haverà quem duvide de verdade taõ experimẽtada? He para ſe deſprezar a conſideraçaõ deſte fim: *In finem ne corrumpas?* Muyto eſcan-

candaloſa foy a vida de Dimas ; & quando jà eſtava às portas da morte, ſegurou a entrada no Ceo : *Hodie mecum eris in paradiſo.* Luc. 23. 43.

Naõ edificava pouco a vida de Judas, como dizem, em quanto correſpondia à vocaçaõ do Apoſtolado de Chriſto : *Bonus, probuſque fuit* ; & o que obrou pouco antes de morrer, foy para ſe condenar : *Laqueo ſe ſuſpendit.* Matth. 27. 5. A ambos atemorizava aquelle brado do ultimo tempo da vida: *Oh momentum, à quo æternitas!* E com tudo neſſe fim, & neſſe momento, Dimas morreo bem, & Judas mal ; depois de hum ter vivido mal, & o outro muyto tempo bem : *In momentum ne* S. Cyr. Leont. Amm. Telet. Maſſon. S. Hier. apud Corn. in Joan. cap. 6. 71.

2. A differença deſtes dous fins, mao, & bom, tem a ſua cauſa em dous tempos tambem differentes. Hum tempo he o que nòs temos para obrar bem : *Dum tempus habemus, operemur bonum.* Ad Gal. 6. 10. Outro tempo he o que Deos toma para julgar o bẽ, & o mal, que obramos: *Cùm accepero tẽpus, ego juſtitias judicabo.* Pſ. 74. 3. Quem ſe lembra, ou eſquece deſtes dous tempos, tẽ hũ daquelles dous fins. Ou tem o bom; ſe obrà bem, quando tem o ſeu tempo : ou tem o mao; ſe quando Deos tomar o ſeu tempo, julgar q̃ elle obrou mal. O primeyro tempo, & o ſeu fim, jà o temos advertido naquelle deſpertador de Deos, em quãto

nos

Ibid. r. nos diz: *In finem ne corrumpas*, Quando chegar o fim do teu tempo, obra para te ſalvares: morre para a eterna incorrupçaõ. O ſegundo tempo, & tambem o ſeu fim, he o que fica lembrado no meſmo texto, em quanto alli nos diz Deos: *Cùm accepero tempus, ego juſtitias judicabo.* Quando eu tomar o meu tempo; entende, que o ſeu fim he do juizo das tuas obras: conſidera, que tudo o que obrares, vay a ter o ſeu fim no meu Tribunal. Nelle: *Juſtitias judicabo*, hey de julgar, diz hum Commẽto, aſſim as boas, como as màs obras: *Liberando probos, & pœnas infligendo improbis.* Nem ſeja duvidoſo, parecernos que Deos naõ tem agora o tempo, que ha de ter depois, quando diz: *Cùm accepero tempus.* Porque na conſideraçaõ de Genebrardo, ainda nos parece mais: parecenos que dizendo Deos, quando eu tiver o meu tempo; quer dizernos: quando eu deſcançar ſobre os cuydados, que agora o levaõ todo. *Cùm otium nactus fuero; quaſi ſit nunc occupatus, & diſtractus alijs curis.* Bem advertida reflexaõ! E aſſim he: parecenos que Deos tãbem em algum tempo naõ attende ao q̃ obramos; como divertido com outras attenções: & por iſſo as noſſas obras ſaõ condenadas no ſeu juizo, depois do noſſo fim. Mas naõ he

Genab. in Pſal. hìc.

aſſim : quem mandou dizer a hum dos ſete Biſpos culpados, & reprehendidos, que bem ſabia quaes eraõ as ſuas obras : *Scio opera tua* : & logo lhe affirmou, q̃ havia de vir ſobre ellas com juizo furtivo: *Veniam ad te tamquam fur*: bem moſtrou, que naõ haviaõ cuydados, que o divertiſſem da attençaõ das ſuas culpas. Naõ eſtà *Diſtractus alijs curis*, quem ſe deſvela *Tamquam fur*.

Apoc. 3 1.

Ibid. 3.

3 Nòs ſomos os eſquecidos deſta ſua vinda do fim : aſſim imos vivendo até aquelle tẽpo, em que chegamos a ver muyto a noſſo pezar, que tanto ſe lembra Deos das noſſas primeyras obras, como das ultimas : *Scio opera tua*. E he a razaõ, porque diſcorrendo nòs agora aquella ſua advertencia : *In finem ne corrumpas* : encommendamos tanto a importancia das obras do fim, confeſſando importarem tambem muyto as do principio, & as do mais tempo da vida. Depois de libertado do Egypto o Povo de Deos ; todo o ſeu cuydado era a entrada na terra promettida : *Terram fluentem lacte, & melle* : repreſentaçaõ da patria dos bemaventurados, para onde caminhamos livres jà do noſſo mayor cativeyro pelo beneficio da noſſa Redempçaõ. E como ſe naõ baſtaſſe todo o deſvelo daquella peregrinaçaõ ; quando jà hiaõ

Exod. 13 5.

che-

chegando ao fim, ordenou Deos a Moyſes, que mandaſſe eſcolhidos exploradores a examinar as utilidades da terra, q̃ jà deſcobriaõ, & queriaõ entrar: *Mitte viros, qui conſiderent terram.* Muyto tinha importado o deſvelo de quarenta annos de peregrinaçaõ, até ſe aviſtar a terra deſejada: & ſobre todos os cuydados do principio, & continuaçaõ de taõ cõſideravel jornada, ainda encõmendou Deos a Moyſes os cuydados do ſeu fim: *Mitte viros, qui conſiderent.* Agora no fim do caminho, que o meu Povo tem andado, he neceſſaria muyto advertida conſideraçaõ: vejaõ qual he a terra, que lhes prometti, & jà lhes vay apparecendo: *Conſiderent terram.* Taes devem ſer tambem as noſſas attenções: grandes cuydados agora; mas depois outros cuydados mayores. Como peregrinamos neſte mundo com os olhos na verdadeyra terra da Promiſſaõ; os deſvelos deſte tempo ſaõ ſobre a carreyra da vida; & os do fim do meſmo tempo, haõ de ſer ſobre os riſcos da morte. Porque jà entaõ imos olhando para a terra promettida; por iſſo as cõſiderações da ſua delicioſa eternidade nos haõ de deſpertar, & advertir, que a naõ percamos: *In finem ne corrumpas.*

Num. 13. 3.

4 Nem baſta o cõ-

curſo da parte de Deos, para o ſeguro do noſſo bom fim; ſe nòs entaõ naõ cooperarmos da noſſa parte com a diſpoſiçaõ final. Aſſim como naõ baſtou guiar Deos aos do ſeu Povo com hũa columna de nuvem para o dia, & de
Exod. 13. 21. fogo para a noyte: *Per diem in columna nubis, & per noctem in columna ignis*: até o fim da ſua peregrinaçaõ. Foy neceſſario, quando jà olhavaõ para a ſuſpirada terra; que elles meſmos a foſſem reconhe-
Num. 13. 18. cer: *Miſit eos Moyſes ad conſiderandam terram.* Poſto que Deos até alli tinha concorrido da ſua parte com a prodigioſa guia da co-
Exod. 13. 21. lumna: *Præcedebat eos, ut dux eſſet itineris*; quiz que elles tambem concorreſſem da ſua com o ſeu advertido deſcobrimento: *Mitte viros, qui conſiderent terram.* Num. 13. 3. A columna, que era o concurſo da parte de Deos, hia movida por hum Anjo, diz quem deſcreve as ſuas propriedades: *Motor columnæ erat Angelus.* Corn. in lib. Exod 13. 21. Tanto guiava de dia, como de noyte; porque em todo o tempo *Apparebat ad illuminandum caſtra.* E quem nella fallava, aſſim a Moyſes, como aos ſeus conduzidos, era o meſmo Deos: *In hac colũna Deus loquebatur Moyſi, & Hebræis.* E eſte meſmo he o concurſo, com que Deos nos guia pelos deſertos deſte mundo, para no fim

fim gozarmos as delicias daquella terra, as quaes *Oculus non vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis aſcendit.* Tambem nos guia por Anjos, illuſtra cõ inſpiraçõeſ, & falla nas Eſcrituras. Mas quer tambem, que nòs attẽdamos ao que nos diz nas Eſcrituras; que ſigamos as luzes das ſuas inſpiraçõeſ; & que ouçamos as vozes interiores dos Anjos. Quer, q̃ para ſegurarmos a entrada daquella terra, entendamos, que nos naõ baſta a guia daquella columna, ſe da noſſa parte a naõ ſeguirem as noſsas obras. Naõ ſó em quanto peregrinamos; mas principalmente no fim da jornada: *In finem ne corrumpas.* Quando jà nos for apparecendo a terra, para onde caminhamos; entaõ mais q̃ nunca, *Conſideremus terram.*

1. Cor. 2. 9.

Obediencia.

§. II.

5 DEyxar de a fazer cumprir, he o mais rigoroſo modo de caſtigar. Eſte ſe vio nos convidados ao banquete daquelle homem Rey: *Qui fecit nuptias filio ſuo*; ou, como diz outro texto, *Fecit cœnam magnam*: & na conſideraçaõ dos que moralizaõ hum, & outro, he o meſmo Deos: *Homo Rex, eſt Deus Pater: homo iſte, eſt Deus.* Porque elle naõ obrigou a vir ao

Matth. 22. 2.

Luc. 14. 16.

Corn. his locis cum S. Hil. S. Cyr. & multis.

ſeu chamado aos que mandou convidar; por iſſo os fez mais padecer. Fez com que de todo naõ goſtaſſem da Divina meſa; & naõ lhes podia dar mayor caſtigo: *Nemo illorum, qui vocati ſunt, guſtabit cœnam meam.* Confirmou mais eſta verdade o que ainda foy fazendo depois: mandou convidar a outros por força, deyxando aos convidados por vontade: *Exi citò in plateas, & vicos: in vias, & ſepes: ac debiles, & cæcos introduc huc: compelle intrare.* Como ſe diſſeſſe: na falta dos convidados voluntarios, venhaõ os forçados. Fiquem de fóra os que ao meu chamado antepõem os commodos das ſuas caſas: *Villam emi: juga boũ emi: uxorem duxi.* A minha, jà que eu ſou o q̃ nella mando, ha de ter quem me obedeça: *Ut impleatur domus mea.* Na graça, que eu faço a huns, em os pôr à minha meſa, vejaõ os outros o q̃ deſmerecèraõ, por naõ virem a ella. Tomem a medida ao ſeu caſtigo pela ſua deſobediencia; porque naõ quizeraõ vir, entendaõ, que os naõ torney a chamar: *Nemo illorũ guſtabit cœnam meam.* Iſto meſmo he o que faz Deos repreſentado no Rey, & Senhor daquelle banquete; deyxa ſer deſobedientes a huns convidados, para aſſim os caſtigar; & para deſſe modo naõ condenar a outros,

Luc. 15. 24

Ibid. 18. 19. & 20

Ibid.

Ibid. 21. & 23.

outros, os obriga a obedecer. E he a ſingular razaõ, porque deve ſer muyto prezada eſta virtude; porque ainda a forçada faz dignos da meſa de Deos: *Compelle intrare.* E como he importante eſta liçaõ para os obrigados à obediencia: aſſim para os imitadores dos primeyros convidados, como para os que ſeguem aos ſegundos! Para verem os que ſe lhe naõ ſugeytaõ, que a ſua meſma deſobediencia he a ſua condenaçaõ. E para ſe conſolarem os mandados obedecer; vendo que naõ perdem o merecimento, ainda que levados por força. Eſcuſemſe embora os primeyros, & diga cada hum delles: *Habe me excuſatum*, eu naõ poſſo agora ir; porque eſſa ſua eſcuſa he a ſua ſentença: *Non guſtabit cœnam meam.* Se póde haver tempo, em que ainda buſcado Deos: *Quæretis me*, deyxe aos que o buſcaõ, morrer no ſeu peccado: *In peccato veſtro moriemini*; juſtamente deyxarà ficar na culpa da ſua deſobediẽcia aos que ainda ſendo buſcados por elle, ſe eſcuſaõ: *Habe me excuſatum.* Naõ ſe deſculpem os ſegundos, poſto que os façaõ ir por força; porque no meſmo tempo, em que ſe deyxaõ levar, os mãda Deos recolher: *Introduc huc.* Eſperem do Senhor, que os chamou para ſua caſa, lugar muyto certo na ſua

Ibid. 18. & 19.

Joan. 8. 21.

Ibid.

meſa ; ainda vendo que os mayores livraõ do jugo da obediencia ſó com dizerem : *Habe me excuſatum*; & que ſobre elles , ſendo os pequenos , vem toda a força do mando: *Compelle eos.*

Obrigaçaõ.

§. III.

6 AQue ſe faz a Deos, ſempre he mais premiada , que cuſtoſa. Por hum filho obrigado ao heroyco ſacrificio de Abraham, lhe prometteo Deos tantos como as Eſtrellas : *Multiplicabo ſemen tuum ſicut ſtellas Cæli.* E ainda teve mayor premio, que a multiplicaçaõ dos filhos, conſiderado o ſacrificio como ſe fez , & como ſe havia de fazer. O ſacrificio como ſe havia de fazer,era morrendo Iſaac filho unico de Abraham : *Tolle filium tuum, & offeres eum in holocauſtum.* E no ſacrificio, que ſe fez , Iſaac naõ morreo : *Non extendas manum tuam ſuper puerum.* Só por offerecer Abraham hum filho à morte por vontade de Deos , mereceo tanto, como ſe o viſſe morto; ainda aſſim lhe diſſe Deos : *Quia feciſti hanc rem , multiplicabo ſemen tuum.* E naõ parou aqui a mayoria deſta remuneraçaõ de Deos ; naõ foy ſó mayor que o merecimẽto de Abraham, por lhe dar por hum filho , muytos ; & porq̃ o filho ſem ſer com effeyto dado, foy taõ meritorio

Gen. 22 17.

Ibid. 2.

Ibid. 12

Ibid. 16. & 17.

ritorio o ſeu ſacrificio, como ſe o déſſe. Mas tambem, porque na offerta deſte filho mereceo Abraham a Deos hũa ſemelhança ſua. Aſſim como Deos amou tanto ao mundo, que lhe deo o ſeu Filho Unigenito: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum Unigenitum daret*; amou Abraham tanto a Deos, que lhe deo tambem ſeu unigenito filho: *Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis, Iſaac, & offeres eum in holocauſtum.* E foy eſta ſemelhança cõ Deos a mayor remuneraçaõ do ſacrificio de Abraham; porque logo no principio da creaçaõ do mundo começou a ſemelhança com Deos a ſer a mayor fineza, que entaõ fez o meſmo Deos aos homens: *Faciamus hominem ad ſimilitudinem noſtram.* Entaõ, dizem os ſagrados Expoſitores, fez Deos parecer o homem comſigo, em quanto Hum, & em quanto Trino: com hũa alma incorporea, & individua, toda em todo o corpo, & toda em qualquer parte delle; aſſim como Deos he incorporeo, & individuo, todo em todo o mundo, & todo em todas as ſuas partes; & cõ a meſma alma eterna, immortal, capaz de ciencia, de virtude, de graça, & da viſaõ de Deos. Deſta ſemelhãça veyo ao homem dominar todos os animaes; ſer como hum todo

Joan 3. 16.

Genes. 22.

Genes. 1. 26.

S. Aug. Orig. S. Damaſcen. S. Amb. Niſſen. S. Baſil. apud Cornel. in Gen. cap. 1. 26.

todo poderoſo pelo que comprehende, & obra por arte; & tambem hum quaſi fim das couſas creadas, do meſmo modo, que Deos o he total de todas ellas. E deſta ſemelhança finalmente lhe veyo, entendendo-ſe a ſi, produzir no ſeu entendimento hũa imagem de ſi meſmo, donde lhe procede na vontade o amor tãbem de ſi meſmo, ficando por iſſo hũa ſingular repreſentaçaõ da Santiſſima Trindade, como o conſidera Santo Agoſtinho. Toda eſta ſoberania quiz Deos dar ao homem, dandolhe a ſua ſemelhança por copia da ſua eſſencia: como tãbem quiz dar a Abraham outras ſingulares mayorias por ſemelhança do ſeu amor. Por ſe parecer aſſim a fineza de Abraham com a de Deos; veyo a dizerſe do filho de Abraham, o que do Filho de Deos ſe diſſe. Veyo a dizerſe, que o rendimento da ſua võtade para morrer na Cruz, ficàra retratado em Iſaac, quando ſe rẽdeo ao holocauſto. Que aſſim como Chriſto na Cruz ſe vio deyxado de ſeu Eterno Padre; Iſaac para ſer ſacrificado, tambem eſtava deyxado do ſeu. Que ſe por amar Deos aos homens, naõ perdoou a ſeu Filho a morte; tambem naõ perdoava Abraham a morte a ſeu filho, por amar a Deos. Que tanto o Filho de Deos por obedecer

S. Aug. lib. 10. de Trin. cap. 6. lib 14. cap 11. apud Corn. hic.

decer ao Eterno Padre, morreo innocente; como havia de morrer innocente Iſaac por obedecer a ſeu pay, & mais a Deos. E que até nos exteriores do ſacrificio ſe parecèraõ os dous obedientes filhos: o de Deos, & o de Abraham; levando hum para o lugar do holocauſto o lenho, em que o haviaõ de crucificar; & o outro a lenha, em que havia de arder. De maneyra, que deſtas duas ſemelhanças cõ Deos; a do homem no que he, & a de Abraham no q̃ amou; entendemos nòs o que deyxamos dito: entendemos, que dar o Creador à creatura a ſemelhança do ſeu ſer, foy entaõ a mais ſoberana liberalidade da maõ de Deos. E q̃ dar Deos a Abraham hũa ſemelhança do ſeu amar, foy a mayor remuneraçaõ do ſacrificio de hum homem. Qual agora deſtas duas ſemelhãças foſſe a mayor fineza: ſe a do ſer, ſe a do amar; poderáõ diſcorrer os eſtudioſos das finezas. Eu abſtraho da queſtaõ, & ſó vou ponderando o querer Deos premiar a Abraham o ſeu ſacrificio, dandolhe hũa ſemelhãça; & querer o Senhor parecerſe com o ſervo, ambos em dar os filhos ao ſacrificio por cuſtas do amor: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium daret: ſic Abraham dilexit, ut filium immolaret.*

Prop. p. 1. c. 17. Ca et. apud Corn. hic

7 Dar Deos em premio

mio de obrigações cuſtoſas algũa das ſuas ſemelhanças, como deo a Abraham a que deyxamos ponderada; até nos cuſtos de hũa obrigaçaõ ſó repreſentada, temos jà viſto eſta remuneraçaõ: ainda quãdo ſó pareceo cuſtoſa, foy aſſim premiada. He obrigaçaõ dos Anjos guardar aos homens: & porq̃ aquelle Anjo, que livrou aos tres innocentes da fornalha de Babylonia, obrava com repreſentaçaõ de empenhado, ſendo viſto entre as chamas do incendio: *Angelus Domini deſcendit in fornacem, & excuſſit flammã ignis*; pareceo ſer o meſmo Deos: poſto q̃ ſervo, mereceo parecer Senhor: *Species quarti ſimilis Filio Dei.* Naõ porque Deos o diſſeſſe; mas porq̃ nòs o podemos conſiderar, vendo o que fez Deos: vendo ao Miniſtro daquella maravilha parecido com o Author della. Se eſte Anjo eſperaſſe de Deos premio por ſatisfazer a taõ trabalhoſos cuſtos da ſua obrigaçaõ; baſtava darlhe Deos aquella ſemelhança do ſeu poder: baſtava, que ſendo ſó Anjo, pareceſſe que obrava como Deos: *Similis Filio Dei.* Iſto meſmo baſtaria para premio de Diogo, & Joaõ, dous dos diſcipulos mais prezados de Chriſto; ſe elles o eſperaſſem pelo conſtante animo, com que ſe offereceràõ a beber o caliz

Dan 3. 49.

Ibid 92.

da

da morte, que lhes propoz o Divino Meſtre :
Matt. 20. 22. *Poteſtis bibere calicem, quem ego bibiturus ſum?* Baſtava, que ſe viſſem parecidos com elle no ſeu poder, quando animoſos lhe reſpondèraõ:
Ibid. *Poſſumus.* E dizemos, q̃ baſtaria eſte premio; porque naõ vemos levarem outro pela deliberaçaõ animoſa, que proteſtàraõ para aquella bebida, ſenaõ o poderem bebello :
Ibid 23. *Calicem quidem bibetis.* Podereis o meſmo que eu hey de poder : eu, beber o caliz da minha payxaõ : *Bibiturus ſum;* & vòs o caliz da voſſa : *Bibetis.* Eſtes pois ſeriaõ os premios, aſſim daquelle Anjo, como deſtes dous diſcipulos de Chriſto, ſe elles o requereſſem pelos cuſtos das ſuas obrigações; porque S. Pedro, que em nome de todo o Apoſtolado o requereo, eſſe foy tambem o que levou. Propondo os cuſtos da ſua obrigaçaõ em deyxarem tudo pelo ſeguirem; & pedindo de tudo o premio : *Reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te : quid ergo erit nobis* : naõ lhes prometteo Chriſto outro, mais que hũa ſemelhança do ſeu poder : *Cùm ſederit Filius hominis, ſedebitis & vos* : eu, & mais vòs conſtituiremos o meſmo tribunal no fim do mundo. De ſorte, que bem podemos conſiderar, que nas occaſiões de premiar Deos os mais cuſtoſos ſerviços

Matth. 9. 27.
Ibid 28.

de

de ſeus obrigados; ſempre foy dar a todos por coroa de ſeus merecimentos hũa ſemelhança ſua. E que bom fora, ſe todos os premiadores do mundo foſſem taõ exemplares, que podeſſem offerecer por premio aos ſeus obrigados a ſua ſemelhança! Se quando eſtes demandaſſem a ſua remuneraçaõ, elles lhes diſſeſſem: O voſſo premio, he parecervos vòs comnoſco. He parecerſe o Miniſtro com o Principe, & o ſervo cõ o Senhor: *Similis Filio Dei.*

Olhos.

§. IV.

8 OS do inimigo ſaõ no meſmo tempo cegos, & lynces: como ſaõ de quem quer mal, vem como querem. Taes foraõ os olhos dos que arguîraõ a Chriſto de naõ guardar o Sabbado, quando curou o que naceo cego: *Non eſt hic homo à Deo, qui Sabbatum non cuſtodit.* Joan. 9. 16. Tiveraõ olhos para deſcobrirem em Chriſto deſeytos de obſervante da Ley, ſem que nelle os houveſſe; & naõ para verem o milagre, que entaõ fez, ſem faltar à Ley com a obſervancia. Aſſim o advertio Cornelio com S. Joaõ Chryſoſtomo: *Quærebant occaſionem contra Jeſum, & volebant miraculo detrahere per apparentem legis prævaricationem.* Corn. hic. Quẽ quer mal, & juntamẽte

te quer zelar o bem; naõ tem olhos para ver o bem, nem para ver o mal. He duas vezes cego: nẽ vè o bem alheyo, nem o mal proprio. Eſtes zeladores tendo à viſta o milagre de Chriſto, naõ viaõ eſte bem; & eſtando cheyos de odio até os olhos, naõ viaõ eſte mal. Enſina a Filoſofia, & melhor q̃ a Filoſofia, a experiencia, que ſem haver luz no objecto, naõ pódem ver os olhos, ainda havendo luz nelles. E mal poderiaõ os olhos deſtes cegos do odio ver aquelle milagre, ainda que aſſiſtido de toda a luz do dia; ſe nelles naõ havia mais que cegueyra. Os cegos da payxaõ, poſto que vejaõ fazer milagres, naõ tem olhos para os ver: ſim olhaõ, porq̃ tem os olhos abertos; mas naõvem, porque a ſua cegueyra lhos tem fechados. As circunſtancias do milagre, que entaõ fez Chriſto, dando viſta àquelle cego, confirmaõ o que diſcorremos: moſtraõ quanto excede a cegueyra do odio à cegueyra da natureza. A cegueyra da natureza, com que havia nacido aquelle cego, cedeo à luz, que lhe reſtituhio hum ſó toque das mãos de Chriſto: *Linivit lutum ſuper oculos ejus: venit vidẽs.* Joan. 9. 6 & 7. E a cegueyra do odio ficou como eſtava; ainda ſendo o Author do milagre a mayor luz do mundo, como elle alli proteſtou: *Lux* Ibid. 5.

ſum

ſum mundi. E eſtando prompto, para dar viſta àquelle cego ſem olhos, & tambem a eſtes com olhos, & cegos; eſtes naõ viraõ, & aquelle vio: naõ viraõ os que ſe cegavaõ a ſi meſmos; & vio o que a natureza havia cegado. E daqui vem, que as pancadas daquelles cegos, por ſer mayor a ſua cegueyra, ainda deſcarregaõ mais pezadas. Quando menos, ſe for conveniencia ſua levantar hum teſtemunho falſo ao mais obſervante Prelado: *Non cuſtodit Sabbatum*, naõ faràõ niſſo reparo algũ; ſó para dizerem, que nunca elle veyo mandado por Deos: *Non eſt hic homo à Deo.*

9 Naõ obſtante eſta ſua cegueyra, ainda foy mayor a agudeza da ſua viſta. Em hum inſtante diſcorrèraõ eſtes cegos duas premiſſas de Moral, para tirarem aquella ſua concluſaõ: *Non cuſtodit Sabbatum.* A Ley (diſcorriaõ elles) manda feriar do trabalho no Sabbado: & eſte homem, para obrar a viſta do cego, amaſſou a terra com ſaliva: *Exputit in terram, & fecit lutum ex ſputo.* E iſto meſmo he o que fazem alguns dos artifices do mundo, quando para a ſua obra preparaõ a maſſa do barro. Depois de ter elle feyto de hũ, & outro ſimplez aquelle mixto, *Lutum*, o applicou aos olhos do cego: *Linivit ſuper oculos*, & lhe receytou hũ lava- Ibid. 6.

lavatorio da agua da Piſcina: *Vade, lava in natatoria.* E tambem iſto he obra de outra arte, que enſina a compor medicamentos, & a curar enfermidades. Logo quem aſſim trabalha nos dias feriados, naõ guarda a Ley: *Sabbatum non cuſtodit.* Eſte argumento aſſim por nòs eſtendido, foy o que recopilou o odio deſtes cegos no breviſſimo tempo da ſua deſordenada payxaõ, para provarem que Chriſto tinha trabalhado em dia prohibido. E ſe elles tiveſſem lido as Eſcrituras, naõ lhes faltaria nos livros da Sabedoria boa authoridade, para a accommodarem ao ſeu affectado diſcurſo: para confirmarem que Chriſto naõ fez aquelle milagre ſem trabalhar aquelle dia. Lendo alli: *Figulus mollem terram premens, laborioſè de luto fingit quæ munda ſunt:* veriaõ no artefacto do barro hũa ſemelhança do compoſto, q̃ Chriſto fez cõ as ſuas mãos; & como o naõ fez, ſem as applicar a trabalho: *Premens laborioſè.* Chriſto fazẽdo aquella boa obra da viſta do cego: *Linivit ſuper oculos ejus:* & aquelle artifice obrando tambem o licito, & o honeſto, *Fingit quæ munda ſunt.* Chriſto: *Expuens in terram, & lutum faciens:* & o artifice: *Terram premens, de luto fingens.* Tudo veyo a tocar em ſumma aquella ce-

Sap. 15. 7.

cegueyra com a concluſaõ provada contra Chriſto : no meſmo tempo os ſeus authores cegos, para naõ verem em ſi o ſeu odio taõ avultado : & lynces, para verem em Chriſto a falta da obſervancia da ley totalmente fingida : *Sabbatum non cuſtodit.*

10 E ſe àquelles cegos ſe déſſe entaõ a luz deſte texto : ou elles meſmos o allegaſſem, quando calumniavaõ a Chriſto, por naõ guardar o Sabbado ; naõ ſeria, para elles terem mais viſta na ſua cegueyra. Mas antes eſta meſma Eſcritura, que elles cuydariaõ lhes reforçava o ſeu argumento, o enfraqueceria mais. Aſſim como foy contra o demonio o texto, que elle allegou no deſerto, para perſuadir a Chriſto o precipicio, dizendo: *Si Filius Dei es, mitte te deorſum. Scriptum eſt enim : quia Angelis ſuis mandavit de te, & in manibus tollent te, ne fortè offendas ad lapidem pedem tuum.* Contradizia-ſe o demonio na meſma Eſcritura, com que tentava a Chriſto ; ſe elle ſuppunha, ainda que condicionalmente, ſer Chriſto Filho de Deos : *Si Filius Dei es.* Taõ livre eſtava Chriſto de perigar, depois de cahido, por ſer Filho de Deos : *Si Filius Dei es, in manibus tollent te* ; como tambem, ſe elle era Filho de Deos : *Si Filius Dei es*, havia de livrar

Matth. 4.6

livrar de cair tentado: *Mitte te deorſùm.* Naõ devia de advertir o demonio, que quem era Filho de Deos, para naõ morrer da queda, tambem o era, para naõ cair na tentaçaõ. Do meſmo modo pois, que eſtes cegos quizeſſem convencer a Chriſto de tranſgreſſor da Ley com aquella Eſcritura, de que fazemos aqui lembrança, o confeſſariaõ obſervante della; ainda dandolhes nòs por provado fazer entaõ Chriſto o meſmo que faz o artifice, & conſta do texto da Sabedoria: *Figulus molem terram premẽs &c.* Porque, ſe aquella obra maravilhoſa da viſta do cego, no meſmo tempo em que parecia arte, era milagre, o que elles naõ negavaõ; naõ podia ſer tranſgreſſaõ da Ley, como os meſmos queriaõ, que foſſe. Quem naõ guarda os preceytos da Ley, naõ faz milagres na meſma hora em que os naõ guarda. Ainda naõ temos viſto no mundo eſtes milagroſos: ou digamos (devendo nòs à ironia eſta viſta) que muytos deſtes milagroſos ſe tem jà viſto no mundo: obſervantes da ley na meſma obra, em que ſaõ ſeus tranſgreſſores. Se aquella obra era milagre, como podia ſer arte a meſma obra? Naõ haviaõ de confeſsar eſtes zeloſos da Ley, que fora cego aquelle meſmo homẽ, que cobràra a viſta

Sap 15. 7.

pelas mãos de Chriſto; ſe queriaõ provar, que era quebrar a Ley aquelle obrar de mãos. Se elle era cego, & jà o naõ he, porque Chriſto o fez ver; a ſua viſta era obra de mãos milagroſas, & naõ de mãos de artifice, que naõ guarda a Ley quãdo obra. E he certo, q̃ naõ deviaõ eſtes eſcrupuloſos zelar tanto aquella affectada inobſervancia de Chriſto, por naõ guardar hum dos dias feriados da Ley; ſendo elles tantas vezes quebrantadores da meſma Ley, em quantas eraõ authores dos ſeus peccados. Mas iſſo coſtumaõ fazer os lynces do zelo,& cegos da Ley: naõ tem olhos para verem quantos preceytos da Ley deyxaõ elles de guardar; & ſó os abrem muyto zeloſos para os defeytos da guarda dos outros, ainda que os vejaõ fazer milagres. Se elles olhaſſem para as ſuas obras, naõ calumniariaõ as de Chriſto: olhariaõ entaõ direytos, & naõ torcidos; porque punhaõ entaõ os olhos nas ſuas tranſgreſsões da Ley, & naõ no zelo affectado de a naõ obſervar Chriſto. Eſta foy tambem a deſordem de attenções trocadas, que Chriſto emendou na accuſaçaõ da Adultera: fez, que olhaſſem os acculadores para onde haviaõ de olhar, & naõ para onde olhavaõ. Fez,que puzeſſem os olhos na

Ley

Ley aggravada pelos ſeus peccados, eſcrevendolhos na terra, como ſe interpreta aquella eſcritura: *Digito ſcribebat in terra: ut peccata eorum argueret*; & que os tiraſſem do zelo com que queriaõ ver aquella peccadora apedrejada: *Moyſes mandavit nobis hujuſmodi lapidare.* Para lhes tirar das mãos as pedras do zelo, lhes poz nos olhos a viſta das offenſas da Ley: *Qui ſine peccato eſt veſtrûm, primus in illam lapidem mittat.*

Joan. 8. 6. Cornel. hic

Joan. 8. 5.

Ibid. 7.

Obediencia.

§. V.

11 TAnto perſuade ſendo exemplo, como preceyto: ſe faz obedecer quem manda; tambem he eſtimulo para a obediencia dos outros, a obediencia de quem he mandado. E porque muytas vezes perſuade o preceyto com milagres: iſto he, fazendo milagres, quem obedece ao preceyto; perſuade tambem com milagres o exemplo, fazendo (do modo, que ſe póde dizer) que o Author do preceyto ſeja milagroſo. Aquelle Cabo de milicia, que pedia a Chriſto ſaude milagroſa para hũ ſervo de ſua caſa; da obediencia, que os ſeus Soldados lhe tinhaõ a elle: *Dico huic, vade*; *& vadit: & alij, veni; & venit*, fez exemplo, para obedecer a Chriſto a enfermidade

Matth. 8. 9.

do ſervo, & fazer elle entaõ o milagre, que lhe pedia. Se os meus Soldados, vinha elle a dizer, obedecem ſó à minha voz: *Vade, & vadit*: para vos obedecer a vòs aquella enfermidade, baſta ſó a voſ-
Ibid. 8. ſa palavra: *Tantùm dic verbo.* E aſſim como elle inferio o mayor poder de Chriſto do ſeu menor poder; reſpondeo o ſucceſſo ao ſeu penſamento: o milagre da ſaude, que ſe pedia a Chriſto, à fé de quem lhe pedia o mila-
Ibid. 13. gre: *Sanatus eſt puer.* Eſta he a narrativa do texto: agora as maravilhas, que nelle deſcobrem as conſiderações do diſcurſo: os milagres (digamolo aſſim por accommodação pia) que faz hum exemplo de perfeyta obediencia. Se bem advertimos, fez o exemplo da que allegou o Centuriaõ a Chriſto; que a ſua fé alli preſente conſeguiſſe a ſaude para o ſeu ſervo auſente: & ſem a preſença dos que lograõ o bem dos milagres, naõ obraõ commummente as virtudes milagroſas. Fez, que daquella enfermidade livraſſe milagroſamente o ſervo pela fé do amo: & o ſugeyto, em quem ſe obra o milagre; eſſe coſtuma ſer o da fé a que attende o milagroſo. E fez, que os exemplares daquella obediencia (os Soldados obedientes ao Centuriaõ queremos dizer) con-

concorreſſem por aquelle meſmo milagre, ſómente lembrados no ſeu exemplo entaõ alli referido : & obrarem maravilhas as virtudes ſó ditas , & por eſte modo ſeparadas dos ſugeytos ; naõ he o modo ordinario de fazer milagres. Tudo iſto fez aquelle exẽplo de hũa obediencia : teve eſtes viſos de milagre ; & moveo a Chriſto, & por eſte modo o perſuadio a ſer naquella occaſiaõ milagroſo. E ſe conferirmos os effeytos deſte exemplo com os da ſombra milagroſa de S. Pedro ; acharemos ainda algũa differença : poſto que a ſaude , que ſe ſeguio a eſte exemplo ſó referido , foſſe a de hum enfermo ; & a que dava a ſombra de S. Pedro actualmente viſta , foſſe para todos : *Ut veniente Petro , ſaltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, & liberarentur ab infirmitatibus ſuis.* Act. 5. 15.

12 Eſta prodigioſa ſombra naõ obrava as maravilhas ſem a preſença de S. Pedro : *Veniente Petro*: naõ ficava S. Pedro em caſa, & hia a ſua ſombra a fazer os milagres. E o exemplo daquella obediencia , q̃ animado com a fé de quem o referio, moveo a Chriſto a dar a ſaude milagroſa ao enfermo paralytico ; baſtou ſó vir alli allegado, & naõ foy neceſſaria a preſença dos obedientes , que o haviaõ dado. Os enfermos, que cobravaõ a

ſaude, mediante a virtude da ſombra de S. Pedro, vinhaõ trazidos aonde elle eſtava: *Concurrebat multitudo civitatum, afferentes ægros &c.* E o exemplo daquella obediencia excitando a fé de quem alli o trouxe por lembrança; fez ir a ſaude ao enfermo, que eſtava em ſua caſa. A fé dos que buſcavaõ a ſombra de S. Pedro, para livrarem das ſuas enfermidades, obrava para elles, que eraõ os que criaõ, & os que convaleciaõ. E o exemplo daquella obediencia, com a diſtancia do lugar, & tempo entre o que contava o exemplo, & o enfermo, a quem havia ſer bom o exemplo cõtado: ſendo argumẽto da fé do Centuriaõ, obrava a ſaude para o ſervo enfermo. Eſtas ſaõ as razões de ſer milagroſo o exemplo da obediencia, quando o conſideramos taõ efficaz no perſuadir, como he o ſeu preceyto. E principalmente quando he argumento, que do modo que póde ſer, obriga ao Author dos milagres a fazer os que lhe pedem: como foy o argumento do Centuriaõ, com o qual cõſeguio a ſaude para o ſervo; que reduzido a fórma, era eſte. A mim obedecemme os meus Soldados: *Dico huic, vade; & vadit*: logo a vòs haõ de obedecervos todas as enfermidades. E a que padece o meu ſervo, ha de ir fóra,

Ibid. 16.

Matth. 8. 9.

ſe

Corn. hic. ſe vòs a mandares: *Si jubeas morbo ſervi mei, abi; illicò abibit.* Naõ podia faltar Chriſto cõ aquelle milagre, ſuppoſta a ſua palavra, de fazer todos, precedendo a fé dos que os pedirem: *Omnia poſſibilia ſunt credenti.* E ſe a credibilidade vay fundada em premiſſas de Fé; a concluſaõ do argumẽto he o deſpacho da petiçaõ: naõ obſtaõ as razões da repoſta negativa, ſe inſtaõ as da credibilidade. Juſta era a petiçaõ da Cananea, quando pedio a Chriſto a ſaude para a filha atormentada pelo demonio: *Miſerere mei: filia mea malè à dæmonio vexatur.* E poſto q̃ lhe naõ deferio Chriſto; mas antes ſobre lhe negar a mercè do milagre, naõ lhe nomeou à ſupplicãte a adopçaõ de filha: *Non eſt bonum ſumere panem filiorum, & mittere canibus:* cõ tudo, naõ lhe faltou Chriſto com o deſpacho na replica deſte modo arguîda. Se por eu naõ ſer da voſſa filiaçaõ, a infidelidade com que naci mẽ faz ſemelhante aos brutos, que nomeais: *Canibus;* ſey eu, & vos faço preſente, que tambem eſſes ſe ſuſtentaõ das minimas ſobras, ou reliquias da meſa de ſeus ſenhores: *Etiam, Domine: nam & catelli edunt de micis, quæ cadunt de menſa dominorum ſuorũ.* Quem tem eſta fé, naõ deſmerece eſſe milagre: & ſe eu a tenho taõ viva,

Marc. 9. 22.

Matth. 15. 22.

Ibid. 26.

Ibid. 27.

taõ viva, quanto o moſtro no meſmo fundamento com q̃ me quereis provar, ſer eu indigna da merce, que vos peço; naõ me haveis mandar do Tribunal das voſſas miſericordias ſem a que vos pede a minha laſtimada neceſſidade: *Domine, adjuva me.* E que reſpondeo Chriſto a eſte argumento? Reſpondeo o que jà temos dito ha de reſponder aos que levarem as premiſſas taõ animadas de fé, como eſtas: *Magna eſt fides tua: fiat tibi, ſicut vis.* E he o que diſcorre S. Chryſoſtomo em nome da meſma requerente: *Domine, factus es advocatus meæ poſtulationis:* a voſſa meſma repulſa he o deſpacho da minha petiçaõ: *Abnegando promittis.* Por tanto fazey o que eſtais devendo, para eu conſeguir o que vos peço. Concedovos toda a voſſa razaõ; mas dayme o que pela meſma razaõ me deveis: *Non reſpuo opprobrium:* eu ſou a que vòs me conſiderais: *canis*; porèm vòs: *Fac, quod debetur cani.* Concluamos agora o noſſo diſcurſo. Se tanto como iſto obriga a fazer milagres hũa fé, que naõ he exemplo: ou ſe o póde ſer, hum exemplo, que ſó he fé: com razaõ ainda muyto mayor obrigarà ao meſmo, o que he fé, & mais exemplo. Aſſim o havemos de entender do q̃ diſſe Chriſto à Cananea, &

Ibid. 15.

Ibid. 28.

S. Chryſoſt.

mais

mais ao Centuriaõ, fazendo os milagres, que lhe pediraõ: preferio hũa fé a outra fé. A' Cananea ſó diſſe: *Magna eſt fides tua*; & ao Centuriaõ: *Non inveni tantam fidem in Iſrael.* Hũa fé, que ſó era fé, foy medida: *Magna fides*; & a outra, q̃ ſobre ſer fé, era exemplo, naõ ſe lhe achou medida: *Non inveni tantam fidem.*

Matth. 8. 10.

Obras.

§. VI.

13 SEndo muytas, & naõ boas todas; ou ſendo hũa ſó, & naõ de todo boa, naõ daõ valor à virtude, nẽ direyto ao premio, ainda que pareça, que tudo daõ. Saõ como as moedas falſas, que andaõ de miſtura com as finas, & naõ ſaõ todas legitimas, poſto que na apparencia ſe entenda, que o ſaõ. Moedas ſaõ as boas obras, com que ſe compra o Ceo, ouvida aquella propoſta de Chriſto: *Quam dabit homo commutationem pro anima ſua*: quanto ſe darà, para ſe ſalvar a alma? Naõ ſó, para ſe ſalvar a que jà eſtiver perdida; como ſe entende eſta propoſta de Chriſto: & iſſo he impoſſivel. Mas tambem, para ſer ſalva, antes de ſe vir a perder; como agora diſcorreremos a meſma propoſta: & iſto, poſſivel he. Quem dà hum tanto por tanto, tem direyto ao tanto, que lhe daõ, pelo

Matth. 16. 26.

tanto

tanto, que elle dà: & deſta ſorte ſe compra o tanto do Ceo, pelo tanto das boas obras. Aſſim como pelo valor do tanto, que Chriſto deo por nòs no ſeu ſangue, comprou o tanto, que val hũa alma, quando a remio na Cruz. 1. ad Cor 6. 20. *Empti eſtis pretio magno*, nos diz o Apoſtolo; & he a noſſa mayor gloria, ſermos nòs os ſeus comprados, entende Corn. hic. Cornelio: *Glorioſum nomen Chriſtiani, eſt emptus.* Deſta cõpra pois, ou negociaçaõ entre nòs, & Deos celebrada, antes de ſer a alma julgada, he bem, que agora nos lembremos: vejamos o que Deos tem dado pelo tanto da alma, & quer que ſe lhe dè pelo tanto do Ceo; & diz aſſim fallando comnoſco. Homem, eu te creey para mim, & fiz o Ceo para ti: conſidera o preço do que te dou, & péza o valor do que me dàs. Pondo de hũa parte da balança a tua alma, que eu prometti ſalvar, & he o que eu quero me dès: & da outra parte os bẽs do mundo, pelos quaes ella ſe póde perder, ficando tu ſem nada, que me dar; que te diz o fiel da balança? Quanto intereſſas naquelles bens, & quanto perdes neſſa alma: *Quid proderit homini, ſi mundum univerſum lucretur, animæ verò ſuæ detrimentum patiatur?* Matth. 16. 26. Olha q̃ te enganas, & perdes hum bem poſſivel, por haveres hũ impoſſivel: hum

hum eterno, por hum temporal. Que ſe ſalve a tua alma, poſſivel he; & eſte poſſivel, he o bẽ eterno ; mas que logres tu todo o mundo, he impoſſivel ; & eſte impoſſivel he o bem temporal. E naõ te quero pôr eſte impoſſivel na poſſe de tudo o que no mundo chamas bẽs deſta vida ; nem ainda te he poſſivel lograr eſſes bens em hũa ſó pequena parte do mũdo. Diſcorre ſó por eſſe limitado canto da ſua esfera, em que te achas, & naõ paſſes dahi. Pódes tu ſer ſenhor dos bens, que nelle naõ ſaõ teus ? Saõ honras tuas as que ſaõ dos outros ? O delicioſo licito, ou illicito dos ſentidos do corpo, que ſó ves gozar, & ouves encarecer, he por ventura felicidade tua, naõ entrando eſta em tua caſa, mais que por lembrança, & quando muyto por deſejo, ou (& he o mais certo) por inveja ? E ſe ainda, vencido eſte impoſſivel, te viſſes ſenhor de tudo o q̃ nelle ſe póde repreſentar ; naõ te havia de faltar a vida, poſto que foſſe de muytos annos, para o logro deſſe meſmo impoſſivel? Eſte he pois o pezo de tudo quanto pódes deſejar, & poſſuir no mundo : péza agora o incomparavel bem, que te tenho dado, & eſtou conſervando na tua alma creada para o Ceo, que ainda te quero dar. Sendo ella hũa imagem minha, he toda

toda tua : he immortal, & capaz de gozar os bens eternos : por ella vives, por ella amas; & eu por ella dey a vida, & empenhey o meu amor. Taõ precioſa, que depois de cativa pelo peccado, eu a libertey pelo infinito preço de meu ſangue. E para ella livrar dos perigos de ſe perder; tudo eſtà no teu querer, & no teu obrar. *Quam commutationem das pro anima tua?*

Diz primeyro hum dos ricos do mundo, & por elle dizem todos.

14 Confeſſandome devedor a Deos do muyto que me tem enriquecido; & para naõ perder o mayor bem, que me deo, que he a alma que tenho; eu lhe offereço as obras, que faço. Naõ devo o alheyo : & logo me deſobrigo com a ſatisfaçaõ, ſe o chego a dever. Soccorro aos neceſſitados, gaſto com o culto Divino, naõ tenho ſuperfluidades na meſa, vaidades no veſtido, & prodigalidades na caſa. O meu trato he licito, os cuydados do negocio deſculpados: poſſuo ſem ambiçaõ, guardo ſem avareza, & deſejo ſem inveja. Iſto he o q̃ em ſumma póde fazer o mais ajuſtado rico do mundo, & o q̃ nòs em ſeu nome podemos dizer. Mas quem he eſte, & onde eſtà o Author de tantas, & taõ boas obras juntas? *Quis eſt hic, qui fecit hæc* Eccl. 31.9.

hæc mirabilia in vita ſua? E que premio,(ainda eſta conſideraçaõ atemoriza mais) & que premio eſpera haver de Deos, aquelle que aſſim naõ as fizer? O q̃ ſendo ſenhor de tãta moeda, & taõ fina,como elle cuyda; naõ ſor ella toda legitima, mas antes ſor toda, ou parte della falſificada? Para que elle pois ſe naõ engane com as ſuas obras, ſe forem deſte modo viciadas; entenda agora, como ellas devem ſer: & advirta, como andaõ arriſcadas a naõ valerem o que moſtraõ que ſaõ. Bom he, naõ ſe dever o alheyo: obra he muyto juſtificada; ſe por todos os modos, por onde elle ſe póde dever, naõ apertar a obrigaçaõ de ſe reſtituir: ſe naõ for devido por furto, por retençaõ, por dano cauſado, por conſelho torcido, por bens negados, por pleytos injuſtos, por tratos illicitos, por intereſſes mal levados, & por merecimẽtos fingidos. Boa he a eſmola do pobre; ſ enaõ ſouber a maõ eſquerda, q̃ a faz a mão direyta: ſe naõ paſſar de caridade a carnalidade: & ſe for cõpayxaõ liza, & naõ affectada. Bom he o gaſto com o culto Divino, ſe for por obſequio devoto,& naõ por deſvanecimento: & ſe for com intençaõ purificada, & naõ com ſegundas intenções. Boa he a parcimonia da meſa, a deſaffeyçaõ do luxo da

peſſoa,

peſſoa, & moveis da caſa; ſe iſſo meſmo q̃ parece virtude, naõ chegar a ſer hypocriſia: ſe naõ deſpir hũa vaidade, & veſtir outra. Bom he o poſsuir ſem ambiçaõ, o guardar ſem avareza, & o deſejar ſem inveja; ſe o poſsuido, o guardado, & o deſejado, naõ forem de bens mal havidos: ſe a eſtes bons actos naõ corrõper o vicio de outros. Todo eſte he o riſco, q̃ correm os poſsuidores das riquezas do mundo; parecendo boas todas eſtas ſuas obras, aſſim a elles, que as fazẽ, como aos outros, que as vem; diante de Deos poderáõ naõ ſer o que parecem: no meſmo tempo, em que ſe eſtimaõ como moeda legitima; poderà eſtar adulterada. E he a razaõ, porque Chriſto difficulta tanto a ſalvaçaõ do rico, que a chega a emparelhar com o impoſſivel: *Facilius eſt camelum per foramen acûs tranſire, quàm divitem intrare in Regnũ Cælorum.* Sendo impoſſivel (naturalmente fallando) paſsar por taõ apertado eſtreyto hum animal de corpo taõ avultado; ainda he menos poſſivel (ao poder humano ſe ha de entẽder) meter no Ceo hũ rico. E para ſer ainda mais tremenda eſta ſentença; he bem, que ſe advirta, ſer o exemplo della de hum rico: *Habens multas poſſeſſiones*; que era muyto obſervante dos preceytos da Ley:

Matth. 19.24.

Ibid.22.

Ibid. 20. Ley: *Omnia hæc cuſtodivi à juventute mea.* E que dandolhe Chriſto hum mais perfeyto ſeguro da ſua ſalvaçaõ:

Ibid. 21. *Si vis perfectus eſſe, vade, vende quæ habes, & da pauperibus*; por naõ deyxar elle os ſeus bẽs, onde einha o ſeu riſco; deyxou a preſença de Deos, que o aconſelhava, & voltou o roſto

Ibid 22. ao ſeu conſelho: *Abijt triſtis.* E ſe hum tal obſervante da Ley, como eſte rico, que indo tratar com Deos a commutaçaõ do tanto dos merecimentos, para haver por elle o tanto

Ibid. 16. da gloria: *Quid boni faciam, ut habeam vitã æternam:* naõ teve valor de eſpirito, para ſe deſpojar dos bens que tinha: qual ſerà o enriquecido dos bens do mundo, que amando deſordenadamente taes bens, & naõ ſendo obſervante da Ley, tenha obras, que commutar pela ſalvaçaõ? S. Paulo difficultando tambem eſta commutaçaõ nos ricos, ainda a conſidera arriſcada, ſó com os olhos nos ſeus bens deſejados, ſem olhar para os poſſuidos. A ſentença de Chriſto: *Facilius eſt camelũ tranſire &c.* era fundada na affeyçaõ dos bens, q̃ aquelle rico poſſuhia: *Erat habens poßeſſiones.* E S. Paulo toma por argumẽto da ſua, ſó o deſejo dos bens em qualquer outro rico. *Qui volunt divites fieri*, os que deſejaõ riquezas, caem na tentaçaõ, & laço do demonio:

1. ad Tim 6. 9.

Ibid. monio: *Incidunt in tentationem, & in laqueum diaboli.* Naõ diz, os q̃ as tem, & naõ as vendem, & daõ aos pobres: naõ diz, os que as entheſouraõ, & nellas põem o ſeu coraçaõ: naõ diz, os que as diſſipaõ vivendo peccaminoſamente: diz, que baſta ſó, para haverem de cair tentados, que os ſeus bens ſejaõ delles appetecidos: *Qui volunt divites fieri.* Eſte exactiſſimo julgador de culpas, diz Santo Agoſtinho lẽdo eſta ſentença do Apoſtolo, condena aos ricos do mundo, ainda antes de ſenhores dos ſeus bens: ſó em quanto o deſejaõ ſer: *Cupiditates accuſavit, non facultates.* E quaes ſaõ os ricos, & muyto ricos, que naõ deſejẽ ſer muyto mais: *Qui non volunt divites fieri?* Logo, ſe o que Chriſto diz, & S. Paulo acrecenta, ſaõ verdades de fé: & he impoſſivel eſtarem no rico concordes o licito com o illicito, ou ſeja dos bens jà logrados, ou dos ſó appetecidos, (porque neſſe ſentido temos fallado) q̃ boas obras ſaõ as ſuas, ou cõ que moeda verdadeyra ſe acha, para comprar a Deos o Ceo, que lhe offerece: *Quam commutationem dat pro anima ſua?*

S. Aug. Hom. 13. ap. Corn. hic.

Dizem os arriſcados a perderem a alma, por ſe renderem aos appetites do corpo.

15 Tambem eſtes, ou

ou porque logrão o q̃ appetecem: ou quando ſó o appetecẽ, & o naõ logrão, ſaõ obrigados a fazer conta do cabedal de ſuas boas obras, para o commutarem pelo bem das ſuas almas. E primeyro que os ouçamos, os advertimos; que naõ ſaõ boas obras para eſta cõmutaçaõ, todas as por elles deſculpadas: as que ſendo màs; pelas ſuas deſculpas, as querem elles fazer boas. Naõ ha deſculpa, que faça ſer a obra boa, ſe ella conhecidamente foy mà. Poderão os ſeus authores (quando poſſaõ algũa couſa) merecer diminuiçaõ na pena; mas naõ purificar a culpa. Naõ ſe poderão deſculpar por ſerẽ de barro fragil; que he a ſua primeyra deſculpa. No Paraiſo, onde o ſeu meſmo barro quebrou à primeyra vez em Adam, & Heva; deſculpando-ſe hum com o outro: *Mulier, quam dediſti mihi*, naõ livràraõ de ſentenciados à morte ambos: *In pulverem revertêris*. Como por elles eſteve o quebrar, o deſculpar naõ podia eſtar por elles. E iſto meſmo devem jà ter entendido os filhos daquelles pays: a deſculpa de quebrarem, porque ſaõ de barro, jà os tem tirado deſte engano. Se os ſeus progenitores, porque podiaõ naõ cair, ainda que feytos de barro: & quebràraõ, porque quizeraõ cair; os ſeus deſ-

Gen. 3. 12.

Ibid. 19

cendẽtes tambem quebraõ, porque caem, podendo por ſua liberdade, nem cair, nem quebrar. O certo he, q̃ ainda hoje podia dizer Deos aos que como Adam ouvem o que lhes diz Heva; o meſmo q̃ entaõ diſſe ao que com Heva ſe deſculpou. Cõdenote, lhe diſſe, a morrer; & a tua deſculpa te naõ póde livrar, porque ouviſte a tua Heva: Ibid.17. *Quia audiſti vocem uxoris tuæ.* Naõ ſe deſculparáõ tambem eſtes cõ a falta do neceſſario para a vida; que he outra deſculpa ſua. Antes aos da caſa de mayor abundancia, temos nòs viſto com mais culpas: aonde a Magdalena vivia (como dizem) muyto rica, ahi foy muyto peccadora: *Mulier, quæ erat in civitate peccatrix.* Luc.7. 37. E por iſſo, depois de chorar os ſeus peccados, que haviaõ ſido effeytos da ſua riqueza: ainda quando aos pés de Chriſto a chamaõ peccadora: *Mulier, quæ tangit eum, peccatrix eſt:* Ibid.19. ahi meſmo a canonizaõ por Santa: *Opus bonum operata eſt.* Matth. 26. 10. Se mais cedo chorára aquella vida taõ abundante, naõ ſeria a que havia ſido: *In civitate peccatrix:* obrára como outra, que jà era: *Opus bonũ operata.* Tanto póde tentar o demonio com a abundancia do paõ ſuperfluo, como na fome do neceſſario: aſſim com o muyto paõ da caſa da Magdalena, como com o nenhum

das

das pedras da tentaçaõ de Chriſto. E ſendo de ambos os modos o paõ o tentador: ou quando demaſiado, ou quando nenhum; na tentaçaõ do demaſiado caem muytos dos que vivem delle: & na tentaçaõ do nenhum, ſem elle pódem viver todos. Do nenhum paõ, (queremos dizer) & naõ do nenhum ſuſtento. Tentadas do muyto paõ, q̃ o Prodigo levou comſigo, ſuſtentavaõ a ſua vida muytas rendidas à ſua tentaçaõ: *Devoravit ſubſtantiam ſuam cũ meretricibus.* E ſem o nenhum paõ da tentaçaõ; ainda quando para comer, parece que naõ he mais que pedras: *Dic, ut lapides iſti panes fiant*, diz Chriſto, que ſe vence a tentaçaõ; que ſem eſſe paõ ſe vive; & que ſe póde viver de outro paõ, que naõ ſeja aquelle paõ tentador: *Non in ſolo pane vivit homo.* A terceyra deſculpa das offerecidas por eſtes culpados, eſtà na força, q̃ lhes faz a occaſiaõ: ſe naõ fora tãto o ſeu poder, (coſtumão dizer elles) naõ ſeria tão facil o noſſo cair. E não ſe deſculpão bem: não tenhaõ eſtes tentados por onde na occaſiaõ os poſſão deter, & logo lhe poderáõ fugir. Ainda que as occaſiões fazem os peccadores; jà entre muytos houve hum caſto Joſeph, que achando-ſe na mais apertada, & tambem por elle não buſcada,

Luc. 15. 30.

Matth. 4. 3.

Ibid. 4.

livrou do peccado, & mais da occaſião. Sendo a ſua meſma capa o laço com que o prendião; & parecendo, ou podendo-ſe dizer, que elle meſmo levàra cõſigo a ſua prizão; fugindo da capa, triunfou da occaſião, & livrou do laço: *Relicto pallio, fugit.* O primeyro cuydado, que hà de ter quem ſe não quizer render à prizão, que fazem as occaſiões; he, não levar comſigo o laço com que ellas o prendão: he, fugir de ſi meſmo, ou da capa, que encobre, & disfarça a occaſião: *Relicto pallio.*

Gen. 39. 12.

16 Suppoſto pois, que as deſculpas não fazem ſer boas as obras, que neſtes culpados ſão màs; nem por fraqueza do barro, nem por falta do neceſſario, nem por aperto da occaſião; ſó a emenda das culpas lhes póde fazer a bondade das obras; mas com duas condições deſta emenda. Ha de ſer logo, & ha de ſer toda: nem guardada para outro tempo, nem feyta ſó em parte. Se a emenda fica para depois; todo o tempo que ella tiver de detida, terão as obras de reprovadas. E ſe não for toda, ou de tudo: ſe não for inteyra em cada hũa das culpas, ou em todas; ſerà o valor das obras, como o das moedas falſas: valendo todas, ou cada hũa dellas o meſmo q as finas, em quanto não as conhecem os homẽs;

& para Deos não valendo nada, porque já as conhece. A glorioſa converſaõ da Magdalena, & a ſua emenda (diſcorrendo nòs primeyro hũa deſtas duas condições da emenda verdadeyra) forão ambas no meſmo tempo: tanto que a convertida ſoube onde eſtava quẽ a convertia: *Ut cognovit quòd accubuiſſet in domo Phariſæi*; logo o buſcou, como a ſeu Divino Medico, diſpoſta a ſe curar da ſua enfermidade: *Attulit alabaſtrum unguenti*, & a chorar as ſuas culpas: *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus.* Não teve hũ dia para a converſão, & outro para a emenda: & nem o dia, que foy o deſtas duas boas obras, era dia de à manhãa, foy dia de hoje: *Ut cognovit, attulit alabaſtrum, lacrymis cœpit rigare.* A mudança, que ſe faz da vida por meyo da emenda, não ſofre demoras; quem as tem, & não ſe muda logo, ſó eſtà para ſe mudar, & no entretãto eſtà com o mal com que eſtava. Para Santo Agoſtinho ver em ſi eſta mudança, não lhe queria dar de eſpera o eſpaço da hora de hum dia para a hora do outro. *Si aliquandò*, (dizia elle) *cur non modò?* Se a emenda ha de ſer em algum tempo; porque não ſerà neſte? E ſe os que agora ſe achão, (dizemos nòs) qual então ſe achava Agoſtinho; como para ſe darem à

Luc 7. 37.

Ibid.

Ibid. 38.

S. Aug.

prizaõ, que os detem, logo a abração: *Modò*, & para ſahirem della, eſperão para depois: *Aliquando?* Quem lhes aſſegura, que eſta emẽda ſerà depois: *Aliquandò*, ſe não for agora: *Si non modò?* Todo o tempo da detença neſta prizão, ſerà cauſa della ſer mais do que tem ſido. Porque Samſaõ ſe deyxou eſtar tãto tempo prezo dos laços de Dalila, lhe ſobreveyo a prizão, em que o metèrão ſeus inimigos: *Duxerunt vinctum catenis*; & juntamente a cegueyra dos olhos ſobre a que tinha da ſua alma: *Eruerunt oculos ejus.* A detença da primeyra prizão o meteo na ſegunda; & hũa cegueyra o levou para a outra. Mal cuydava eſte prezo daquelles laços, que por ſe não ſoltar logo delles, *Modò*, lhe dobrarião a prizão outros, *Aliquandò*. Todas eſtas razões poderáõ agora dar luz a algũa deſtas cegueyras, & fazer ouvir algũa das Divinas inſpirações. E ſerà fatal deſgraça, haver quẽ feche os olhos à luz, & os ouvidos à inſpiração, ficando, como Samſão, mais tempo prezo, & para ſempre cego: *Vinctum catenis: Eruerunt oculos.*

Judic. 16.21.

Ibid.

17 Tudo iſto importa a primeyra condição da verdadeyra emenda nos que ſe entregão a eſtas prizões: a condição de ſer logo, & não ſe guardar para depois.

depois. E naõ he menos importante a ſegunda para as boas obras dos meſmos prezos: a condiçaõ de ſer a emenda inteyra, & não em parte. Inteyra no que ſe emendar, & tambem inteyra pelo tempo da emenda: do peccado, & mais do ſeu tempo. Quem ſe emẽda do peccado, & naõ de buſcar a ſua occaſiaõ, naõ eſtà de todo emendado; ainda póde cair, ſe frequentar o caminho, em que cahia. E quem ſe emenda por hum eſpaço de tempo, & não por todo; tambem a ſua emenda não he inteyra, he em parte: he de alguns dias, & não de todos. E a emenda, que Chriſto intimou à Adultera preza do ſeu peccado: *Deprehenſa in adulterio,* foy a inteyra, aſſim do peccado, como do tempo: *Jam ampliùs noli peccare;* nem mais peccado, nem mais tempo: *Jam ampliùs.* E ſó aſſim poderião ſer boas as ſuas obras dahi por diante; & por iſſo dignas da devida commutação: *Pro anima ſua.* Obraria então ſempre bem, & não em parte, como ſe via obrar a Herodes, outro prezo deſtas cadeas apertadas por Herodias: *Propter Herodiadem.* Temia elle ao Bautiſta: *Metuebat Joannem;* & parecia boa obra. Temer hum peccador a hum Santo, he hum eſtimulo para temer a Deos. Louvavalhe a

Joan. 8. 4.

Ibid. 11.

Marc. 6. 17. 1

Ibid. 20.

ſan-

Ibid. ſantidade: *Sciens eum virum juſtum, & ſanctum*, & parecia boa obra. Louvar a virtude, he reprovar o vicio. Obedecia a muytos dos Ibid. ſeus conſelhos: *Audito eo, multa faciebat*; & parecia boa obra. Seguir ao bõ conſelheyro, he entender qual he o bẽ aconſelhado. Ouvia Ibid. a ſua doutrina: *Libenter eum audiebat*, & parecia boa obra. Attender à prégaçaõ Euangelica, he prezar a Divina palavra. Mas, porque eſtas obras não erão boas de todo pela parte que tinhão de fingidas; não havia na ſua vida nem meya emenda; nem a do peccado, nem a do tempo; viveo ſempre muyto longe da inteyra, por cauſa da prizão, em q̃ vivia: *Propter Herodiadem.* Ainda não eſtà de todo encarecida a neceſſidade da emenda deſtas culpas, para ſe verem boas obras nos ſeus authores. A falta deſta emenda não ſó falſifica as obras no meſmo author das culpas; não ſó faz, que hũ Herodes ouvindo, & louvando ao Bautiſta, & abonando a ſua ſantidade, lhe mande tirar a vida: *Propter Herodiadem.* Tambem deſluſtra as boas obras do que não tem eſtas culpas, & não emenda as de algũa Herodias, ſendo elle obrigado a eſte zelo. Não achando Deos que emendar em hũ Miniſtro da Igreja, por não incorrer elle

nas

nas culpas, de que imos fallando; achou que reprehender nas ſuas obras por diſſimular cõ a emenda de Jezabel, que era hũa enlaçada, & enlaçadora deſtas culpas. *Novi opera tua*, lhe mandou dizer: reconheço as tuas boas obras, a tua fé, a tua caridade, a tua paciencia: *Fidem, & charitatem tuam, & patientiã tuam*, & o augmento ſucceſſivo de todas as mais: *Et opera tua noviſſima plura prioribus.* Mas ainda tenho de q̃ te arguir: ainda todas eſtas obras não ſão as que devião ſer; porque não attendes à emenda da mà vida de Jezabel. *Sed habeo adverſùs te pauca: quia permittis mulierem Jezabel ſeducere ſervos meos.* Eu lhe tenho eſperado pela emenda: *Dedi illi tempus, ut pœnitentiam ageret*, & ainda ſe não emenda: *Et non vult pœnitere.* De maneyra, que ſe eſte exemplar de tantas, & tão boas obras, as offereceſſe a Deos por commutaçaõ do Ceo para a ſua alma; ainda não ajuſtaria a inteyreza do valor do ſeu tanto, por aquelle tanto do Ceo: ainda lhe faltava a emenda de Jezabel: *Quia permittis ſeducere ſervos meos.* E que dirà Deos aos da imitação deſta impenitente, & aos imitadores dos ſeus penitenciarios, por ſerem ſem numero as ſuas culpas, & não fazerem numero algum as ſuas boas

Apoc. 2. 19.
Ibid.
Ibid.
Ibid. 20.
Ibid. 21.
Ibid.

boas obras, faltando em huns a inteyra emenda das ſuas vidas, & em outros a emenda inteyra das ſuas permiſſões? Dirà ſò: *Habeo adverſùs vos pauca?* Tomemos agora o pezo ao pouco valor das boas obras, quando ſó as deſluſtrem algũas ſombras das permiſſões de Jezabel; & pezemos tambem o nenhum preço das màs obras, quando as Jezabeis frequentem o cair, & ſe eſqueçaõ do levantar. Vejamos, ſe para valerem menos as obras, que ſaõ boas, baſtarà ter Deos hum pouco contra os ſeus authores; & ſe com hũ pouco de emenda ſatisfazem pelas que ſaõ màs os ſeus obradores. Ambas as conferencias ſaõ neceſſarias, para o tanto da obra dizer cõ o tanto do premio na commutação a que ſomos obrigados, & que imos diſcorrendo: *Pro anima.* Ainda menos, q̃ pouco de permiſſão poderia ter o Bautiſta, ſe não reprehendeſſe a Herodes pelo mao trato com Herodias; & mais, por não incorrer neſſe menos, quiz antes perder a vida: *Herodes decollavit Joannem.* Matth. 14.10. Digo, que ſeria eſta permiſſaõ do Bautiſta menos que pouca, comparada com a do Santo Biſpo de Thyatîra por permittir a mà vida de Jezabel; porque eſta permiſſaõ era de Paſtor obrigado ao zelo das ſuas ovelhas; & aquella ſeria de hum caritativo

zelador ſem tanta obrigaçaõ. E ſe hum S. Carpo he reprehendido de Deos por hum pouco da ſua permiſſaõ: & hũ S. Joaõ Bautiſta antes quiz morrer, que hum tal minimo permittir; que obras boas poderiaõ commutar pela ſalvaçaõ da ſua alma os que naõ ſó permittiſſem, mas ainda conſentiſſem a deſordenada vida às Jezabeis, & às Herodias? Iſto veráõ os obrigados ao zelo das ſuas emendas: primeyro os ſeus progenitores, & depois os Paſtores, os Prégadores, & os Confeſſores: Veráõ, ſe lhes dirà ſó Deos: *Habeo adverſùs vos pauca*, quando chegar a hora de cõmutar a obra pelo premio: *Cõmutatio pro anima.*

Dizem os amadores de honras.

18 Quem duvidarà (perguntemos primeyro) das muytas, & muyto boas obras dos eſtimadores de honras para a devida commutaçaõ de todas pelo bem da ſua alma? Nòs temos preceyto de honrarmos a Deos: *Honora Deum ex tota anima tua*, a qual honra naõ diſtingue David da ſua gloria: *Afferte Domino gloriam, & honorem.* E darmos nòs a Deos na honra, que nos pede, a gloria q̃ lhe devemos; he fazermos pela noſſa alma a cõmutaçaõ merecedora do premio. Tambem nos obriga Deos a honrarmos aos pays:

Eccli. 7. 33.

Pſal. 28. 2.

Exod. 20. 12. pays: *Honora patrem tuum, & matrem tuã.* E darmos nòs a Deos na reverencia deſta hõra o que elle nos demãda na obſervancia da ſua Ley; he termos q̃ commutar pelo bem da noſſa alma, quando chegar a hora da conta. Deſejar a honra, he virtude: he aſpirar cada hum ao bom nome, que nos aconſelha o Eccli. 41. 15. Eſpirito Santo: *Curam habe de bono nomine.* E darmos nòs a Deos por commutaçaõ do q̃ elle nos ha de dar, o fruto das virtudes, que nos perſuade a adquirir; he ornarmos a noſſa alma do que ella póde offerecer a Deos pela ſua Bemaventurança. Quẽ trabalha para merecer, tambem o faz para ſe honrar; faz o que S. Paulo dizia, conferindo os ſeus trabalhos com os premios a elles prometidos: *Abundantiùs omnibus laboravi: repoſita eſt mihi corona juſtitiæ.* 1. ad Cor. 15. 10. 2. ad Tim. 4. 8. E darmos nòs a Deos o que obramos no ſeu ſerviço, he apreſentarmos para a commutaçaõ, que elle propõem à noſſa alma, o que lhe ha de grangear a gloria. Tudo iſto he o q̃ val a honra conſiderada, como culto, que ſe deve a Deos; como reverencia, que ſe deve aos pays; como eſtimaçaõ, que ſe deve à virtude; & como coroa, que ſe deve ao trabalho. E tudo he o que tem a commutaçaõ do bem da obra pelo bem do premio: tem todo o valor,

valor, que póde ter; porque tem todo o que Deos quer que tenha; & o que Santo Agoſtinho queria, que as ſuas boas obras tiveſſem. Para elle dar a Deos tudo o que Deos lhe pedia; deſejava o que nòs tambem queremos para a commutaçaõ, que Deos nos pede. Deſejava, que lhe déſſe Deos o que lhe mandava fazer: *Da quod jubes*, & mandaſſe o q̃ queria, que elle fizeſſe: *Et jube quod vis.* Tendo pois a commutaçaõ, q̃ Deos nos pede, pelo Ceo que nos promette, o valor da honra de Deos, o valor da honra dos pays, o valor da honra das virtudes, & o valor da honra dos trabalhos; bem lhe póde dizer cada hum de nòs, comoquem tem o que Deos manda ter, & faz o que elle quer que ſe faça: *Ecce quam dat homo commutationẽ pro anima ſua.* Conſiderada agora a honra, como imperio, como dignidade, como eſplendor, & como pezo; porque tudo iſto he honra: ou ao que tem o cuydado do mando, ou ao que ſe deſvela na pontualidade do officio, ou ao que zela o luſtre da vida, ou ao q̃ ſobmette o hombro à oppreſſaõ do poſto; tambem ajuſtando elles o tanto do que eſtas honras obrigaõ; tem direyto ao tanto da remuneraçaõ, q̃ por elle ſe commuta. Satisfez Moyſes a obrigaçaõ de li-

S. Aug in Soli.

libertador do povo de Deos ; & jà logra a gloria por cõmutaçaõ deſta obra. Satisfez David a obrigaçaõ de defender como Rey aos ſeus vaſſallos, das armas dos inimigos ; & jà logra a gloria por cõmutaçaõ deſta obra. Satisfez o Bautiſta a obrigaçaõ de Precurſor de Chriſto ; & jà logra a gloria por commutaçaõ deſta obra. Satisfez S. Paulo a obrigaçaõ de fazer reconhecido no mundo o nome de Deos; & jà logra a gloria por commutaçaõ deſta obra. E todas ellas eraõ obrigações de hõras, que ſaõ imperios, que ſaõ dignidades, q̃ ſaõ eſplendores, & que ſaõ pezos. A obra de Moyſes, obrigaçaõ de hũ Vice-Deos na terra, que era honra de imperio: *Conſtitui te Deũ Pharaonis.* Exód. 7. 1. A obra de David, obrigaçaõ de hum coraçaõ de Rey, como o de Deos, que era honra de dignidade: *Inveni David, virum ſecundùm cor meum.* Act. 13. 22. A obra do Bautiſta, obrigaçaõ de hum mayor dos nacidos, que era honra de eſplendor: *Non ſurrexit maior.* Matth. 11. 11. A obra de S. Paulo, obrigaçaõ de hum eſcolhido por Deos para a prégaçaõ do ſeu nome à cuſta de muyto ſofrimento, que era honra de pezo: *Oſtendam illi, quanta oporteat eum pro nomine meo pati.* Act. 9. 16. Logo em conſequencia deduzida de todas eſtas premiſſas, naõ poderà haver

haver quem duvide, q̃ os amadores de honras ajuſtaõ a commutaçaõ, que Deos lhes pede: *Pro animabus ſuis.*

19 Aſſim he; mas tambem quem naõ duvidarà do riſco deſta commutaçaõ? Como ſe póde ſegurar a correſpondencia do valor da obra, que ſe commuta com o preço do que ha de ſer commutado? Diſcorramos por todas as honras jà ponderadas; & notemos como ſaõ arriſcadas todas; como em cada hũa, ſe ha ſubida, tambem póde haver queda. A primeyra honra, de que temos fallado, he a do culto, que ſe deve a Deos: *Honora Deum ex tota anima tua*; eſta he a mayor, & a mais obrigada honra. E quem ſacrifica a Deos o culto, que lhe he devido: aſſim como he amador da ſua honra, he tambem o que vive arriſcado a lhe faltar com a honra, & com o culto. O lamentavel exemplo de Salamaõ nos farà a prova, & deſpertarà a naõ o imitarmos com os noſſos exemplos, & faltarmos a Deos com a honra, aſſim como elle faltou. E ſuppondo ſabida a ſua muyto ſingular obrigaçaõ pela muyta ſabedoria, que lhe deo; pela nunca viſta abundancia de bens, com q̃ o enriqueceo; pelo grande nome com que o ennobreceo; & ſobre tudo, pelo trato familiar de ſe lhe dar Deos

Eccli. 7. 33.

a ſer ouvido, & a ſer amado, como lhe concedeo; perguntemos agora, como cahio, depois de taõ ſublimado, elevado, & exaltado? Como? Cahio do culto que dava a Deos, no culto, que deo ao demonio. *Depravatũ eſt cor ejus per mulieres, ut ſequeretur deos alienos: colebat Aſtarthen deam Sidoniorum, & Moloch idolum Ammonitarum: ædificavit fanum Chamos idolo Moab, & Moloch idolo filiorum Ammon.* E perguntemos outra vez: & naõ ha ainda hoje Idolos, que poſſaõ fazer cair Salamões? Quem o duvidarà? Pois eſſe he o riſco, que corre o culto, & honra, que elles daõ a Deos. Naõ, porq̃ adorem Idolos mortos; mas Idolos, que mataõ: nem porque neguem a Deos a ſua honra; mas porque lha naõ daõ. Naõ ſendo idolatras contra a Fé, o ſaõ contra a Ley: *Depravatum eſt cor eorum per mulieres.* A honra devida aos pays, he a que logo ſe ſegue depois da que ſe deve a Deos: *Honora patrem tuum, & matrem tuam.* E he tambem a que Abſalaõ negou a ſeu pay David. Obrigado à hõra da reverencia, que lhe devia como filho, lhe quiz roubar a da coroa, ainda ſendo de ſeu pay. A confiſſaõ de filho na boca, & a ambiçaõ da ſua honra nas armas: em caſa reconhecendo a deſcendencia,

3. Reg. 11. 4 5 & 7.

Exod. 20. 12.

cia; & na campanha armado contra a coroa. E naõ ſeria eſta a ultima vez, que no theatro deſte mundo ſe repreſentàraõ ſcenas taõ tragicas, como eſta: a viſta publica das deſattenções da honra paterna motivadas por intereſſes particulares, faz manifeſta a prova do que diſcorremos. Moſtra na deſattençaõ daquella honra preferidas muytas conveniencias, ainda ao meſmo ſangue das veas. Ha de eſtar reynando David, o pay; & no meſmo tempo quer ſer acclamado Rey Abſalaõ, o filho: *Dicite: regnavit Abſalom.* Iſto ſe vè, quando a irreverencia da honra dos pays he ambiçaõ dos filhos, & lhes querem roubar a honra que elles tem: & quando lhes faltaõ com a honra, que lhes devem dar, tambem he o meſmo. Tambem hũ Prodigo com os olhos na conveniencia propria, & eſſa deſordenada, deſpreza a amada preſença do pay, faltando à ſua obediencia: *Profectus eſt in regionem longinquam*, & requerendo anticipaçaõ da herança: *Da mihi portionem ſubſtantiæ, quæ me contingit.* Dar as coſtas, (podemos conſiderar, diſcorria o Prodigo) dar as coſtas hum filho a hum pay, levando comſigo o que he ſeu; ou naõ lograr o que he ſeu, por ficar reſpeytando ao pay, q̃ tem; antes o que he

2.Reg. 15.10.

Luc.15. 13.

Ibid.12.

meu ſem pay, do que com pay ſem o que he meu: *Profectus eſt.* Dos riſcos da honra, que ſe adquire pela virtude, & ſe merece pelo trabalho; ainda ſe ha de duvidar menos, que dos jà moſtrados na honra de Deos, & dos pays. Hũa, & outra honra; a da virtude, & a do trabalho, perigàraõ em hum diſcipulo de Chriſto. Judas, antes que ſe deliberaſſe à ſua venda, amava a virtude: Corn. in Joan. c. 6. 71. *Erat vir probus*, dizem, & eſtimava os trabalhos da Cruz, com que ſeguia a Chriſto, deyxando tudo por ſeu ſerviço; porque tambem Matth. 19. 27. diſſe com S. Pedro: *Ecce nos reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te.* E logrando até alli a honra, naõ ſó de ſeu ſervo, mas tambem de amigo ſeu: *Jam non dicam vos ſervos: vos autem dixi amicos,* & tambem a de ſeu delegado milagroſo: *Dedit illis poteſtatem curandi infirmitates, & ejiciendi dæmonia*, no fim cahio de todas eſtas honras, entregando a Chriſto à prizaõ: *Ego vobis eum tradam*; & tãbem a ſi meſmo ao laço: *Laqueo ſe ſuſpendit.* E ſe deſte modo periga a honra, em quanto he culto, em quanto he reverencia, em quanto he eſtimaçaõ, & em quanto he trabalho; naõ menos anda arriſcada a que he mando, a que he dignidade, a que he eſplendor, & a que he pezo. Adam, o primeyro dominador do mundo

Joan. 15. 15. Marc. 3. 15. Matth. 26. 15. Matth. 27. 5.

mundo por commiſſaõ de Deos: *Replete terrã, & ſubjicite eam, & dominamini univerſis animantibus*, por eſtimar mais que toda eſta honra verdadeyra, a falſa, que lhe perſuadio o demonio: *Eritis ſicut dij*, foy ſentenciado a morrer: *In pulverem revertêris*. Eis-ahi a honra do mando perdida em Adam. S. Pedro, o primeyro Principe delegado de Chriſto para abrir, & fechar o Ceo: *Tibi dabo claves Regni Cælorum*, ſendo o principal dos ſagrados luminoſos no meſmo Apoſtolado: *Vos eſtis lux mundi*, & ſuſtentando ſobre os ſeus hombros a fabrica da Igreja: *Super hanc petram ædificabo Eccleſiam meam*, cahio de toda eſta eminencia no abiſmo da ſua negaçaõ: *Negavit coram omnibus*. Eis-ahi as honras da dignidade, do eſplendor, & do pezo perdidas em S. Pedro; & em taõ breve tempo perdidas, em quanto diſſe: *Neſcio quid dicis*.

Geneſ. 1.28.
Geneſ. 3.5.
Ibid. 19.
Matth. 16.19.
Matth. 5.14.
Matth. 16.18.
Matth. 26.70.
Ibid.

Dizem os prezados de nobreza.

20 Quem herdou o eſplendor da nobreza, por nacimento lhe veyo o luſtre das obras; a generoſidade do animo lhe faz as acções heroycas. E porque a cauſa deſtes effeytos he o alento natural do eſpirito, & eſte he a alma da nobreza: onde elle dominou, ainda naõ influindo no ſangue das

veas, baſtou para animar actos nobres. Saulo, aquelle eſcolhido por Chriſto para a glorioſa exaltaçaõ do ſeu nome: *Vas electionis eſt mihi iſte, ut portet nomen meum*, naõ tendo a nobreza por ſanguinidade; a que tinha por generoſidade lhe grangeou a eleyçaõ dos olhos de Deos. Violhe Chriſto o eſpirito elevado, zeloſo, conſtãte, & effectivo; & logo o deſtinou para ſer hũ dos grãdes da ſua Corte: *Vas electionis eſt mihi iſte.* Mudoulhe ſó a empreza, & naõ o animo; o alvo, & naõ a pontaria. Naõ lhe deo a ſua eleyçaõ eſpirito mayor do que tinha: taõ generoſo era antes, como ficou depois. Sẽpre, *Spirans minarum.* Antes, *Spirans minarũ*, contra os fieis; & depois contra os infieis, ainda *Spirans minarũ.* E ſe aſſim obraõ os eſpiritos ſó por natureza generoſos, ſem mais fidalguia que a do animo, ſendo oſte reforçado pelos alentos da graça: os que herdàraõ a do ſangue, & participàraõ a efficacia das inſpiraçõeſ Divinas, ſempre ſe extremàraõ em acçõeſ nobiliſſimas, & ſeguràraõ o valor de ſuas obras para a commutaçaõ *pro anima.* Tudo iſto he verdade ſem controverſia; mas aſſim como os que mais amaõ ſaõ obrigados a obrar mayores finezas; dos que ſaõ de mayores eſpiritos ſe eſperaõ as mais

Act. 9. 15.

Ibid. 2.

mais illuſtres obras. E ſempre com hũa advertencia, que as faz mais difficultoſas: advertindo ſempre, que as ſuas obras, por haverem de ſer as mais illuſtres, ſaõ as mais ſugeytas a ſerem eclipſadas. Quanto mais tem de nobreza os ſeus authores, tanto as ſuas obras devem ter de mais luſtre: aſſim como por ſer o Sol o mayor luminoſo do Ceo, he obrigado (digamolo aſſim) a dar mais luz à terra. Por iſſo, quem no mundo ſe conſidera Sol por nacimento, deve imitarlhe a cõmunicaçaõ da luz: naõ ſe vendo nas ſuas obras o meſmo eſplendor, que herdou, entenda, que tem degenerado do luzimẽto com que naceo. E a eſtreyta conta, que deve dar aos olhos do mundo, como a fiſcaes das boas obras, ha de ſer por conferencia do que obrar com o que lhe deraõ para luzir: inquirindo todos, ſe influhio luzindo, ou eclipſado. Se o Sol foſſe a juizo, para dar cõta da diſtribuiçaõ da ſua luz; & foſſem culpas ſuas os ſeus eclipſes; naõ ſahiria do tribunal da ſua reſidẽcia, ſem ſer ſentẽciado. Ser Sol, & deyxarſe eclipſar, he naõ ajuſtar o tanto da luz, que deve dar, com o tanto do eſplendor, que lhe haõ de ver. E neſte exemplo condicionalmente ſuppoſto, devem aprẽder o ajuſtamento da

ſua conta os grandes luminoſos da nobreza: aos de mais luz ſe ha de pedir mais eſtreyta conta; aſſim como ſe ha de pedir aos de mais talentos. Se herdàraõ cinco aſcendencias de eſplendor, para luzirẽ, como outros tantos talentos em moeda, para gananciarem: *Quinque talenta tradidiſti*; haõ de dar outro tanto de nobreza em obras luzidas, como outro tãto em moeda lucrada: *Alia quinque ſuperlucratus ſum.* Sendo de algum modo eclipſadas as obras; aſſim como deſigual o valor da moeda; haõ de darlhes em culpa os eclipſes: como tambem na moeda as faltas do lucro. Menos eſtreyta ſeria a ſua conta, ſe lhes naõ foſſe dada tanta nobreza; & naõ lhes fariaõ cargo de tantos eclipſes, ſe naõ tiveſſem herdado tantos eſplendores. Se os Anjos condenados naõ tiveſſem creaçaõ (à qual bem podemos chamar nacimento) taõ nobre, & taõ luzida, a ſua culpa naõ ſeria taõ rigoroſamente vingada. Mas, porque tendo tanta luz, de que dar conta, a naõ deraõ boa, aſpirando ſoberbos a eſplendor mayor que o participado: *Super aſtra Dei*; a culpa de haverem deſluſtrado tanto a ſua luz, os levou ao centro das mais profundas trevas: *In profundum laci.* Melhor lhes ſeria, naõ participarem tanta luz,

Matth. 25. 20.

Ibid.

Iſai. 14. 13.

Ibid. 15.

&

& eſplendor taõ nobre na ſua creaçaõ: aſſim como ſeria melhor a Judas naõ vir a lograr a luz deſte mundo no ſeu nacimento: *Melius illi eſſet, ſi natus non fuiſſet.* O nacer, tambem he vir à luz; aſſim como he ſair da luz o morrer. E ſe melhor ſeria a Judas naõ nacer: *Si natus non fuiſſet*, tambem ſeria melhor a Lucifer, o naõ ſer creado, ou nacido, como o deſcreve Iſaias, em tanto eſplendor: Ibid 12. *Lucifer, qui manè oriebaris.* Se a Judas ſeria para ſeu bem, a pouca duraçaõ da luz de nacido: a Lucifer foy para ſeu mal o breviſſimo eſpaço de tempo do eſplendor de creado. E por conſequencia, melhor ſeria, que naõ naceſſem taõ luzidos os herdeyros da nobreza, como foraõ os Balthaſares, & os Nabucos, dos quaes entendem muytos o texto de Iſaias: *Lucifer, qui manè oriebaris*: naõ ajuſtando elles a conta da ſua luz herdada, depois de tantos annos de vida. Certamente no fim delles, ſe for diminuta a conta da ſua luz, bem ſe dirà: *Melius illis eſſet, ſi nati non fuiſſent.* S.Hier. S.Cyril. S.Baſil. S.Tho. S.Aug. apud Corn. hic.

21 A luz, de q até aqui fallamos, he o eſplendor do ſangue; agora diremos do luzimẽto da virtude; ainda q hũa luz ſeja herdada, & a outra adquirida. Como eſta tambem influe nas obras de outra nobreza, juſtamente tem

ſeu

ſeu lugar neſte diſcurſo. Tanto importa para a conta daquelle eſplẽdor o ajuſtamento do valor das obras illuſtres com o valor do premio por ellas promettido; como para o ajuſtado do luzimento das virtudes o valor das obras ſantas com a remuneraçaõ por ellas eſperada. E mais, quando as obras da nobreza das virtudes ſaõ as luzes encõmendadas no Euangelho: *Lucernæ ardentes in manibus*; & os que acendem eſtas luzes, ſaõ os q̃ ennobrecem aquellas obras: *Ut videant opera veſtra bona.* Advertencias ſaõ eſtas muyto conveniẽtes ao ajuſte da cõmutaçaõ *pro anima*, para haver neſta vida, que commutar pela gloria da outra. O tanto da luz, & o tãto das obras, haõ de andar ſempre no cuydado de quem faz as obras, & acende a luz: *Lucerna ardens in manibus.* Como a meſma couſa he luz, & obra juntamente: *Luceant opera veſtra bona*, tanto ha de valer a obra, como deve luzir a luz. Ou, tanto ſe haõ de inſeparar entre ſi luz, & obra; que a obra ha de ſer luz, & a luz obra. Do meſmo modo, q̃ ſendo Chriſto caminho, & mais verdade: *Ego ſum via, & veritas*, naõ era hũa couſa, ſem ſer outra. Sendo caminho, tanto guiava com a luz, como com a obra; & ſendo verdade, naõ encaminhava

Luc. 12. 35.

Matth. 5. 16.

Joan. 14. 6.

minhava menos com a obra, que com a luz. O ſeu enſino era verdadeyro, & luzia; & a ſua obra era luminoſa, & guiava. Aſſim ſe ha de entender, quando o cõſultàraõ ſobre o tributo de Ceſar: *Licet cenſum dare Cæſari, an non*, & lhe diſſeraõ: Vòs enſinais ſendo verdadeyro, & mais guiando: dando a ver a verdade, & mais o caminho: *Viam Dei in veritate doces*. Taes haõ de ſer os nobres da virtude: eſta ha de moſtrar o que elles dizem correſpondente ao que elles ſaõ. Ha de imitar a virtude do Bautiſta, no meſmo tempo em que elle dizia o q̃ era: *Ego vox*, o definido por aquella voz era o que delle dizia Chriſto: *Non ſurrexit maior Joãne*. Aſſim Chriſto do Bautiſta, como o Bautiſta de ſi meſmo, diziaõ o q̃ nòs dizemos; moſtravaõ a nobreza da virtude nas palavras, & nas obras: naõ havia differença entre a definiçaõ do Bautiſta, & o Bautiſta definido, ou por ſi, ou por Chriſto. Elle dizia, que era voz: *Ego vox*, & que naõ era Elias, nem algum Profeta: *Non ſum*. E quanto mais dizia o q̃ naõ era, tanto melhor moſtrava ſer o que dizia: aquelle ſeu encobrirſe, era o ſeu publicarſe. O ſeu naõ ſou eſſe, que vòs dizeis: era o que Chriſto dizia, que elle era: era Profeta, & mais que Profeta: *Prophetã*,

Matth. 22.17.

Ibid. 16.

Joan. 1. 23.

Matth. 11.11.

Joan. 1. 21.

Matth. 11.9.

& pluſquàm Prophetà. E quem luzia tanto, & mais que tanto, muyto tinha de merecimẽto, para commutar pelo premio *pro anima ſua.*

Dizem finalmente os que tem deyxado o mundo.

22 Obras ſaõ do Divino agrado os trabalhos padecidos por Chriſto na cultura da ſua vinha: ou ſeja plãtando virtudes, ou arrancando vicios, ſem enfraquecer o zelo, nẽ eſquecer a obrigaçaõ. E os que deyxando o mundo, onde ſe naõ eſtudaõ eſtas finezas, frequentaõ na Religiaõ o exercicio de todas, ſacrificando a Deos os heroycos actos de cada hũa; tem cheas as mãos de merecimentos para a commutaçaõ pelos bens a elles prometidos: *Hanc habent commutationem pro anima.* Aſſim nos ha de parecer, em quanto nos naõ lembra o que Chriſto mandou eſcrever por S. Joaõ ao Biſpo de Eſeſo, que conſta ſer S. Timotheo. *Scio opera tua, & laborem, & patientiam tuam:* Reconheço, lhe diz, as tuas boas obras. E ſey quanto te deſvelas pela honra do meu nome; nella perſeveraſte firme: *Suſtinuiſti propter nomen meum*, & nunca fraqueaſte: *& non defeciſti.* Mas com tudo iſto, ainda tenho de que te arguir, & reprehender; porque jà deſcaiſte de tua primeyra caridade:

Apoc. 2. 2.

Ibid. 3.

Ibid. 4

Sed

Ibid.4. *Sed habeo adverſùm te, quòd charitatem tuam primam reliquiſti.* E ſe as obras de hum S. Timotheo deyxaõ de ſer as que foraõ, ainda quãdo ſaõ as que Chriſto lhe louva; quantos ſeraõ hoje os Timotheos, que nos olhos de Deos ſejaõ como aquelle era no meſmo tempo, em que o reprehendeo? Quanto devem temer todos, poſto que ſejaõ copiados por eſte exemplar, o difficultoſo ajuſte do valor das ſuas obras, para ſe cõmutar pelo preço da ſua remuneraçaõ? Cõfiramos o louvor deſte Santo Biſpo com a ſua reprehenſaõ; & veremos, como todas aquellas obras boas, por falta de hũa ſó virtude já naõ eraõ as que tinhaõ ſido. O grande trabalho de operario Euangelico: *Scio laborem tuũ*, já naõ peza o que peza-va. A ſingular paciencia no ſerviço deſta ſeàra: *Scio patientiam tuã*, já naõ val o que valia. A admiravel conſtancia pela gloria do nome de Deos: *Suſtinuiſti propter nomen meum*, já deceo do lugar a que tinha ſubido. A firmeza do deſvelo nos aſſaltos, & combates dos inimigos da Igreja: *Et non defeciſti*, já diminuhio o eſplendor, que a coroava. Tudo iſto em Timotheo já naõ era o q̃ foy; porque a ſua caridade naõ era já a que devia ſer: *Charitatem primam reliquiſti.* E tanto deſdizia já do ſeu pri-

primeyro valor, que a reprehenſaõ intimada ao Santo Biſpo, foy, para que fizeſſe as ſuas obras, como antes as fazia; porque jà naõ
Ibid.5. eraõ as que foraõ: *Prima opera fac.* Naõ, porque elle deyxaſſe de obrar o meſmo, q̃ obrava; mas, porque aquillo meſmo que obrava, jà naõ era, como o que tinha obrado. Era, como as obras, que feytas com fé ſaõ milagroſas: & deyxaõ de o ſer, naõ ſe fazendo com fé; & mais as obras ſaõ as meſmas. Hũa couſa he, fazerſe o meſmo que jà ſe fez; & outra couſa he, fazerſe, como ſe fazia. Os paſſos, que dava S. Pedro ſobre as aguas, quando quiz andar por
Matth. 14.28. ellas: *Jube me ad te venire ſuper aquas*, ou antes de ſe ver ſumergir nellas, ou no meſmo tempo em que ellas o ſumergiraõ; ſempre eraõ os meſmos. Mas, porque antes eraõ dados com fé, & depois com fé ſe hiaõ dando:
Ibid.31. *Modicæ fidei, quare dubitaſti*, naõ ſe davaõ entaõ, como ſe tinhaõ dado. Primeyro eraõ paſſos de Pedro ſem duvida; & por iſſo mila-
Ibid.29. groſos: *Ambulabat ſuper aquam*, & depois naõ eraõ paſſos de milagre; porque eraõ dados com duvida de Pedro: *Quare dubitaſti.* Do meſmo modo as obras de S. Timotheo, eraõ as meſmas, ainda no tempo de reprehẽdido; porque ainda entaõ lhe via Chriſto o

ſeu

ſeu trabalho : *Scio laborem tuum*, o ſeu ſofrimento: *Patientiam tuã*, & o ſeu zelo : *Scio, quia non potes ſuſtinere malos.* Porèm, como eſtas meſmas obras eſtavaõ deſpidas daquella ſua primeyra caridade : *Charitatem tuam primã reliquiſti*, ſem a qual por ſentença de S. Paulo nada aproveytaõ ainda as mais prodigioſas obras : *Si charitatem non habuero, nihil mihi prodeſt ;* & o ſeu obrador naõ tem em ſi feyto nada : *Nihil ſum*, já entaõ aquellas meſmas obras de Timotheo naõ eraõ, como primeyro haviaõ ſido ; & por iſſo era neceſſario, que reveſtindo-as de caridade, as fizeſſe, como as havia feyto : *Prima opera fac.* Aſſim ſe deve entẽder a combinaçaõ de hũas palavras com outras : *Scio opera tua*: Vejo q̃ obras bem ; mas eſtou contra ti pelo que obras : *Sed habeo adverſùm te &c.* Olha donde tens deſcaîdo : *Memor eſto unde excideris*, & vendo, que por falta da verdadeyra caridade jà hoje ſaõ obras mortas, quaes ſaõ as que ſe fazem ſem fé ; aſſim como eſtas por meyo da fé ſaõ vivas, as tuas por meyo da caridade ſejaõ reſuſcitadas : *Prima opera fac.* Boas ſaõ as advertencias deſtas reflexões, & as que ainda advertiremos aos deſprezadores do mundo, para temerem o arriſcado das ſuas obras na commutaçaõ

Apoc. 2. 5.

1. ad Cor. 13. 3.

Ibid. 2.

Apoc. 2, 5.

taçaõ dellas pela gloria das ſuas almas. Os poucos do ſeu menos valor (na ſuppoſiçaõ de os haver) poderáõ baſtar, para diſcordarem dos tantos, que ſe commutaõ *pro anima*, aſſim como baſtariaõ, para fazer indigno a hum S. Timotheo do eſplẽdor da ſua dignidade, ſe as ſuas obras naõ tornaſſem a luzir, como jà tinhaõ luzido. *Sin autẽ*, o ameaçou Chriſto, *movebo candelabrum tuum de loco ſuo*, tornarey a tirarte os talẽtos, que de ti fiey, & a luz da graça, que te dey, para q̃ na minha Igreja luziſſem as tuas obras: *Candelabrum tuũ*. Todas eſtas conſiderações nos fazem ver quanto nos ſervos de Deos ſe difficulta a cõtinuaçaõ das boas obras, para ſempre ſerem as meſmas: para naõ ouvirem dizer a Deos em algũ tempo: *Habeo adverſùm te &c.* He tal eſta difficuldade, diz S. Bernardo, que conſiderada a mudança da vida nos q̃ ainda naõ deyxàraõ o mundo, & o ſeu melhoramento naquelles que jà o deyxàraõ: as màs obras de huns mais facilmente paſſaõ a ſer boas, do que as boas de outros a ſer melhores: *Multò faciliùs reperias multos ſæculares cõverti ad bonum; quàm unumquempiam de religioſis tranſire ad melius.* E penetrado bẽ o ſentido deſta propoſiçaõ, muyto devẽ temer os obrigados a fazer melhores obras:

Ibid.

Vide Corn. hìc.

S. Bern. epiſt 56. ad Richard.

obras: *Tranſire ad melius*, o ajuſtamento da ſua commutaçaõ; para tambem ſe lhes melhorar o premio *pro animabus ſuis*.

23 Nem deſte temor pódem livrar os q̃ jà tem paſſado *ad melius*, por entenderẽ, que em ter deyxado tudo, & ſeguido ao Senhor, por quem o deyxàraõ; ajuſtaõ a commutaçaõ das ſuas obras pelos bens por ellas merecidos. Bem poderà ſempre ſer aſſim, como ſe entende; porque a occaſiaõ, em que os ſagrados Apoſtolos propuzeraõ a Chriſto a deliberaçaõ com que deyxàraõ todos os ſeus bens, & ſe offerecèraõ ao ſeguir, como ao ſeu ſummo bem: *Ecce nos reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te*, foy a hora, em que ſe tratou deſta meſma commutaçaõ propoſta pelos homens a Deos. Tanto monta dizer Chriſto aos homens: *Quam dabit homo commutationem pro anima ſua*, como dizerem os homẽs a Chriſto: *Ecce nos reliquimus omnia: quid ergo erit nobis*. Em hum tempo foy a pergunta do que dariaõ os homẽs a Deos pelo Ceo, que lhes havia dar: *Quam dabit homo commutationem?* E em outro foy perguntado, o q̃ daria Deos aos homens pelo que elles lhe tinhaõ dado: *Reliquimus omnia: quid erit nobis?* Conſideradas eſtas duas propoſtas, & as perguntas,

Matth. 19. 27.

M. tth. 16. 26.

que as fazem conſiderar; bem dizemos, que os deſprezadores do mundo, & mais eſtudioſos da virtude, podiaõ dar por ſegura a devida commutaçaõ *pro anima*; pois vemos, que logo ſe lhes prometteo o premio, depois de offerecido o ſeu merecimento: *Vos, qui ſecuti eſtis me, ſedebitis judicantes.* Porèm, deve ſer taõ apurado eſte deyxar, & afinado eſte ſeguir, para o valor do merecer; que hum ſem outro naõ ajuſtaõ a cõmutaçaõ, nem fazem ſeguro o premio. Quãdo S. Pedro negou a Chriſto, tinha ajuſtado a fineza do deyxar: *Reliquimus omnia*; mas naõ apurava entaõ a fineza do ſeguir; porq̃ hia delle deſviado: *Sequebatur eum à longè.* E quando os dous Diſcipulos Joaõ, & Diogo pediraõ a Chriſto os dous primeyros lugares do ſeu Reyno; afinavaõ o ſeguir, pois lhe naõ queriaõ ſair do lado; mas naõ o deyxar, porq̃ ainda deſejavaõ ter, cõ os olhos no q̃ aquelles lugares pudeſſem dar: *Unus ad dexteram, & unus ad ſiniſtram.* O que ſuccedeo a Pedro, deyxando, & naõ ſeguindo, que foy a culpa da ſua negaçaõ: *Negavit corã omnibus:* & o q̃ ouviraõ dizer a Chriſto Joaõ, & Diogo, ſeguindo, & naõ deyxando, que foy a ſua reprehenſaõ: *Neſcitis quid petatis*, ſaõ exemplos, que nos fazem advertir no riſco

Matth. 19. 28.

Matth. 26. 58.

Matth. 20. 21.

Matth. 26. 70.

Matth. 20. 22.

da

da commutaçaõ do tanto do merecimento, pelo tanto do premio, nos que deyxàraõ o mundo, para ſervirem a Deos. Certamẽte naõ ajuſtaria eſta conta, nẽ Pedro deyxando de ſeguir, nem Joaõ, & Diogo faltando ao deyxar; ſe o tempo da negaçaõ de hum, & reprehenſaõ dos outros foſſe o das ſuas cõmutações *pro animabus ſuis.*

24 Demos jà fim às ponderações da cõmutaçaõ *pro anima*, & digamos, que ſe no ſerviço de Deos, & por ſeu amor naõ houver perfeyto deyxar, naõ poderà haver perfeyto ſeguir. Se depois de muytos annos de ſeguimento (ſupponhamos cincoenta) naõ ſe achar na hora da cõmutaçaõ, que todos elles foraõ de verdadeyra deyxa; nem ſe tem ſeguido, nem deyxado. Quem ſegue a Chriſto, porque deyxa, ſolta-ſe do que deyxa, & prende-ſe cõ quem ſegue; desliga-ſe do que teve, & ata-ſe ao que buſca. Iſto he o q̃ diz o meſmo Senhor a quem o quer ſeguir: *Abneget ſemeptipſum.* Matth. 16, 24. Và-ſe de ſi, deyxando de ſe ter comſigo: *Abeat à ſe: nihil cum ſeipſo commercij habeat;* Cornel. hîc. Victor. Antioc. in Marc. cap. 8. & venha-ſe comigo, tendome ſó a mim: *Et ſequatur me.* Tema offerecer a Deos hũa vida inteyra de ſeguimento, ſenão foy toda de deſpojo; tema a conta do valor das ſuas obras,

para a commutaçaõ das ſuas boas obras *pro anima ſua*, ſe não emparelhou o ſeguir com o deyxar; ſe depois do *ſecutus eſt, non abijt à ſe.* E faço mais reflexaõ ſobre eſte deyxarſe hum a ſi, do que ſobre o deyxar elle o q̃ he ſeu; porque ainda que tudo he deyxar para ſeguir, ou deyxe hũ o que he, ou deyxe o que tem; jà por ſentença de S.Gregorio, mais afinada he hũa deyxa, que outra: *Minus eſt abnegare quod habet: valdè multum eſt abnegare quod eſt.* De qualquer deſtas deyxas, ou do *abnegare quod habet*, ou do *abnegare quod eſt*, ou tambem de ambas, ſe ha de tomar conta aos que deyxàrão o mundo na hora da cõmutaçaõ das ſuas boas obras *pro anima*; porque de ambos os modos ſaõ obrigados a deyxar, para ſeguir. Nem ſe ha de ter a ſi: *Abneget quod eſt*, nem ha de ter o que tem: *abneget quod habet.* E ſão as razões, porque he muyto para temida a conta das ſuas obras para a commutação do ſeu merecimento pelo ſeu premio: *Ad commutationem pro anima.* Porque o Avarẽto do Euangelho a não temia; por iſſo, quãdo a havia de dar, nem ſe achava negando o que era, nem o que tinha. Nem ſem ſi; porque ſó de ſi tratava: *Comede, bibe, epulare*: nem ſem bens; porq̃ ainda então os lograva: *Habes multa bona.* E mal

S.Greg. homil. 32. in Euang.

Luc.12. 19.

Ibid.

podia

podia ter obras boas, que commutar *pro anima ſua*, quem lhe perſuadia a continuada deſordem de muytas, & tambem para ellas lhe ſegurava muytos annos de bens: *Habes multa bona poſita in annos plurimos*, na breve hora da conta das obras: *Hac nocte animã tuam repetunt à te.* Nem ſe diga, que eſte exemplo do Avarento não prova o argumento do noſſo diſcurſo; porque os erros da ſua conta não forão de quem teve, depois que deyxou; como he a dos que jà deyxàrão, ſe ainda depois diſſo tiveraõ. Porque ter antes, ou ter depois de deyxar, ſó he ter em diverſos tẽpos; mas não he diverſo ter, nem o naõ deyxar he diverſo. O ponto eſtà em ter o que faz mal em toda a hora, que ſe tem, quando eſſe ter he nocivo ao bẽ obrar: eſte he o ter, que ſe cõdena tanto nos q̃ tem ſem haverem deyxado; como nos que depois de deyxarem, tornaõ a ter. Aſſim como, não eſtà o ponto do bem obrar, em ſe fazer o que he bem neſte, ou naquelle tempo: eſtà em ſer bom aquillo que ſe faz. O louvor, que Chriſto mandou por S. Joaõ a S. Quadrato Biſpo de Filadelfia, approvandolhe as ſuas boas obras: *Scio opera tua: ſervaſti verbum meum, & non negaſti nomen meum*; não foy dado ao tẽpo do obrar

Ibid.

Ibid. 20.

Apoc. 3. 8.

neſta, ou naquella hora, ſó às obras ſe deo: *Scio opera tua.* E o conſelho mandado junto com o meſmo louvor, não foy, para que o Santo Biſpo obraſſe, como tinha obrado de preterito; mas como obrava de preſente. *Tene quod habes*, lhe mandou dizer; & não: *Tene quod habuiſti.* As boas obras, que agora tens, quando eu olho para o que obras: *Scio opera tua*, iſſo he o que digo, que tenhas: *Tene quod habes.* O que hum tem na hora da conta das ſuas obras para bem da ſua alma, quando Deos lhe examina o q̃ obra, he ſó o que condena, ou o que ſalva. Condena ao Avarento; porque o que tinha naquella hora, eraõ os bens illicitos para a ſua alma: *Habes multa bona.* E ſalva a alma do Santo Biſpo Quadrato; porque as ſuas boas obras eraõ o bem que tinha: *Tene quod habes.* Sem haver mudança na fraſe, & havendoa ſó no ſentido; o meſmo que ſe diſſe da parte de Chriſto a quem tinha as boas obras que tinha: *Scio opera tua*, póde ſer accommodado ao que deyxando o mundo, já não tem os bens que teve: tambem com intelligencia diverſa ſe lhe póde dizer, que tenha o que tem: *Tene quod habes.* O que hum deſprezador do mundo tem hoje, he o não ter os bens que tinha; & quem lhe diz, q̃ tenha o que

Ibi l. 11.

o que tem: *Tene quod habes*, no meſmo tempo lhe eſtà dizendo, q̃ tenha o naõ ter, q̃ tem: *Tene non habere, quod habes*. Eſte naõ ter, por ſer hum precioſo haver, que a Deos ſe póde appreſentar para a commutaçaõ das boas obras pelo premio a ellas promettido, he o q̃ ſó ſe deve ter: *Tenere non habere*. E naõ ſendo aſſim: chegada a hora daquella commutaçaõ, & achando-ſe o que jà deyxou os bens do mũdo outra vez com os bens que deyxou, arriſca-ſe a ouvir outro *Tene quod habes*, muyto mais diverſo, & parecido com o que ſe podia tambem dizer ao Avarento dos ſeus bẽs. Tambem a eſte ſe lhe podia dizer em pena dos bens, que tinha na hora da conta das ſuas obras: *Tem o que tens*. Jà que neſta hora de conta taõ eſtreyta eſtàs tão abraçado com os bens que tens: *Anima, habes multa bona*, para tua condenação tem o que tens: *Tene quod habes*. Dizer Chriſto ao Santo Biſpo de Filadelfia: *Tem o que tens*; foy dizerlhe, que tiveſſe as boas obras q̃ fazia. Dizerſe ao que deyxou o mundo: *Tem o que tẽs*, he dizerlhe, que tenha o naõ ter os bens, que teve. E dizerſe ao Rico Avarento: *Tem o que tens*, ſeria dizerlhe, que nos ſeus bens tiveſſe o mal, que tinha. Aſſim como aquelle *menos*, com que o opulẽto

Rey Balthaſar ſe achou na balança da meſma cõmutaçaõ das obras: Dan. 5. 27. *Inventus es minus habens*, he diverſo do *menos* com que poderia ir à meſma balança, o que deyxando jà os bẽs do mundo, ſe achaſſe outra vez com elles na hora daquelle pezo. Ainda que tambem delle ſe poderia dizer: *Invẽtus es minus habens*: aquelle ſeu *minus*, ſeria do não ter, que teve, quando os deyxou; & o outro *minus* de Balthaſar, ſoy do muyto, que elle cuydava ter. Para ambos a ſua pena diverſa; aſſim como em ambos ſeu diverſo *menos*. Para o primeyro, a pena de ſe achar na hora daquella commutaçaõ com o *menos* do ſeu não ter; ſe foſſe a pezar com os bens, de que ſe tinha deſpojado. E para o ſegundo, a pena de ſe achar na meſma hora com o *menos* do muyto, que na ſua eſtimação tinha; por ter ido a pezar cõ bens de tão pouco pezo. Hũ com o *minus habens*, do ſeu não ter; & outro, ainda imaginando ter, com o ſeu *minus habens*.

Ondas.

§. VII.

25 DAs do mar das culpas tambem naõ livrão os que não nadão, os que ſe deyxão ir cõ as mãos atadas, & não fazem por ſurgir ſobre as ſuas aguas. Bom he, para eſtas não afogarem, pedir

pedir a Deos o favor; mas he neceſſario, para elle ſe merecer, que jũtamẽte obrem as mãos. S. Pedro, quando ſe via ſumergir das aguas, q̃ milagroſamente pizava, para ir aonde Chriſto eſtava: *Cùm cœpiſſet mergi*, não fez hũa couſa ſem outra. Não pedio o ſoccorro, para ſalvar do perigo: *Domine, ſalvum me fac*, ſem lhe dar a mão, para por ella o ſuſpender: *Jeſus extendens manum, apprehendit eum.* Aſſim como não livra das ondas do mar, o que ſe deyxa ir com ellas, & não as corta cõ as mãos ſoltas; tambem ſe verà ſoçobrado das ondas das culpas, o que dellas ſe deyxar levar, & tiver as mãos prezas debayxo dos braços. Hão de trabalhar as mãos, pedindo os auxilios a boca; & tal vez tão inſeparados hão de ſer eſte trabalhar, & eſte pedir, que o meſmo trabalho das mãos, ainda ſem pedir a boca, jà ha de parecer petição: & a petição da boca, ainda ſem trabalharem as mãos, ha de parecer trabalho. A afflicção de S. Pedro, quando vio a Chriſto, depois de o ter negado; ſem elle abrir a boca, jà era petição do perdão: & tãbem o pedião as ſuas lagrymas no meſmo tempo, que nellas nadavão os olhos. E he o que fazia David trabalhando na ſua afflicção: *Laboravi in gemitu meo*, o ſeu trabalhar

Matth. 14 30.

Ibid.

Ibid. 31.

P. 6. 7.

alli

alli era affligirſe, diz Genebrardo: *Laborare hìc eſt affligi*; & por cõverſaõ neceſſaria, o ſeu affligirſe era trabalhar. De maneyra, que o ſeu trabalho, *Laboravi*, ouvia-ſe no gemido, *In gemitu*, & o ſeu gemido; *In gemitu*, ſentia-ſe no trabalho, *Laboravi*. Não chorava pelo perdão das ſuas culpas, ſem trabalhar contra ellas: no meſmo tempo, que as ſuas lagrymas jà lavavão peccados, não deſcançavão de as deſatar os olhos: *Tam ingenti fletu peccata mea deploravi; ut fatigatus ſim, nec tamen adhuc ceſſo.* Fiz por ſurgir ſobre as ondas do mar de minhas culpas, cançando em as romper: *Fatigatus*; mas não deſiſtindo deſte canſaço: *Nec adhuc ceſſo.* E he ainda mayor culpa a froxidão do trabalho, & luta com eſtas ondas; porque ſaõ de tal natureza, q̃ ellas meſmas amanſaõ, vendo q̃ ha quem as corta. As meſmas culpas, que ſaõ as ondas deſte mar, fazem o que David conſiderou nas ondas do mar vermelho: ellas meſmas fugião: *Mare vidit, & fugit.* Sendo aquelle milagre obra do braço de Deos, que dividio, & ſuſpendeo as ondas daquelle mar, para não afogarem ao ſeu povo, diz o Profeta, que o meſmo mar fugio; & como arguindolhe temor, ou reconhecendolhe fraqueza, lhe pergunta: *Quid eſt tibi*

Geneb. in Pſal. hìc.

Pellar hìc.

Pſalm. 113. 3.

Ibid. 5.

tibi mare, quod fugiſti? Tenhaõ pois valor os que lutaõ com as ondas do mar das culpas, & naõ afroxem da lida de as enfrear: ainda q̃ a maõ de Deos he a q̃ os ſalva do perigo; pódem conſiderar, que as meſmas culpas os temem, & que o ſeu mar lhes foge: *Mare fugit.* A fugida das culpas, q̃ nòs conſideramos aqui, como ondas, que nos fogem, quando nos animamos contra ellas; he a fraqueza, que as debilita, & as faz ceder à noſſa reſiſtencia. E por iſſo vendo nòs ao ſeu mar jà amanſado, & como deſarmado da ſua furia, bem lhe podemos dizer: *Quid eſt tibi mare, quod fugiſti?*

Odio.

§. VIII.

26 HE filho de boa mãy, & inimigo do melhor irmaõ. Hũa das mais ſantas mãys deſte mundo, he a verdade; & quem lhe conſiderou conceyçaõ, & parto; o filho que lhe vio, foy o odio: *Veritas odium parit.* E he eſte parto por muytas razões monſtruoſo: naõ he ſó por ſer de hũa mãy taõ fermoſa, & o filho taõ enorme; como ſeria o parto das trevas, ſe as geraſſe a luz: he tambem, por ſer parto de filho, ſem ter conceyçaõ de mãy. A verdade, que dão por mãy a eſte filho, naõ he a verdade, em quãto

ſe

ſe diz; porque eſſa naõ o concebeo: he a verdade, em quanto ſe ouve; porque aquelles q̃ a não querem ouvir, eſſes ſaõ os que o concebem. A verdade do Bautiſta dita a Herodes, & entendida por Herodias, naõ foy a q̃ concebeo o odio, que em ambos ſe vio contra quem a dizia: elles o concebèraõ, elles o geràraõ, & elles o creàraõ, quando a ouviraõ. E haver filho gerado, ſó por a mãy ſer ouvida, he geraçaõ de mõſtro. Foy outra vez monſtruoſo o meſmo parto; por ſer de hum filho no meſmo tempo ſuppoſto, & verdadeyro. Suppoſto, em quanto daõ ao odio por filho da verdade: & verdadeyro, por ſer filho da mà vontade, que o concebeo, & foy a ſua propria mãy. A vontade depravada de Herodes, (& o meſmo ſe ha de dizer da mà vontade de Herodias) & naõ a verdade ſanta do Bautiſta, foy a propria mãy daquelle filho. E ter no meſmo tempo duas mãys: fingida hũa, & verdadeyra outra; he monſtruoſidade. He tãbem monſtruoſo eſte parto, por trazer taõ mao filho de dentro do coraçaõ humano, que he a parte mais nobre do interior do homem. Como ſeria monſtro da natureza do ouro, ſe dentro em ſi meſmo geraſſe ferro, ou concebeſſe pedras. O coraçaõ de Herodes, & o de Hero-

Herodias, dos quaes naceo o odio cõtra o Bautiſta; ſendo corações humanos, nelles ſe forjou o ferro, que lhe tirou a vida. E nacer de hum coraçaõ de carne, como ſe foſſe de pedra, he nacer monſtro. He finalmente monſtruoſo eſte parto: pois o meſmo he conceberſe, & gerarſe eſte filho odio, que ſer logo hum veneno, para morte de quẽ o concebeo, & gerou. Os primeyros, que ficàraõ incurſos no odio do Bautiſta, foraõ Herodes, & Herodias; porque por elles começou eſte mal a matar. E gerar hum filho, que logo em ſendo gerado, faz odioſos aos generantes, & elle logo tem odiados; he geraçaõ monſtruoſa. Tudo iſto ha de entender, quem deo à verdade taõ mao filho: *Veritas odium parit.* Palavra de Deos he a verdade; & he tanto palavra de Deos, que o meſmo Deos he verdade: *Ego ſum veritas.* E ſe quizermos conſiderar, em qual daquellas ſementes da Parabola ſe repreſenta a palavra de Deos, que he verdade; & a que ouvida foy mãy de taõ mao filho; poderà parecer, que em todas, & naõ ſem fundamento. Na que cahio no caminho, & a pizàraõ os homens; porque a verdade prégada pelo Bautiſta, & deſprezada por Herodes, & Herodias, por debayxo dos ſeus pés a trouxeraõ: *Conculcatũ eſt.* Joan. 14.6. Luc. 8.5.

eſt. Na que cahio nos eſpinhos, & eſtes a afogàraõ: porque a meſma verdade muyto mal ouvida por Herodes, & Herodias, foy por elles
Ibid.7. afogada: *Suffocaverunt illud.* E na que cahio entre pedras, & nellas ſeccou: porque tambem aquella verdade chegando aos corações de pedra de Herodes, & Herodias, por ſeccar,
Ibid.6. naõ frutificou: *Aruit.* E mal podia dar bom fruto, nem fruto algum a ſemente, que era verdade; ſe quando ouvida produzio taõ mao fruto: *Veritas odium peperit.*

27 Eſte meſmo odio he inimigo do melhor irmaõ; porque da vontade humana, como de hũa mãy, & de hum meſmo ventre nacem odio, & amor; & o primeyro em tudo contrario ao ſegundo. Deſta mãy nacèraõ em Rebecca a deſaffeyçaõ a Eſaù, & o amor a Jacob: & elles os dous irmãos logo em hum meſmo ventre entre ſi oppoſtos: *Collidebantur in utero ejus.* Genef. 25.22. E he a razaõ, porque naõ duvidaremos dizer (pois conſideramos eſta geraçaõ na vontade humana, como de mãy de amor, & odio) que a meſma Rebecca neſte noſſo ſentido foy mãy do amor a Jacob, & do odio a Eſaù, attendendo-ſe ao hiſtorico, & naõ ao myſterioſo da preferencia de hum a outro: *Maior ſerviet minori.* Ibid.23. E mais, quando vemos

vemos eſta preferencia profetizada por Malachias em fraſe Divina, da qual uſamos agora por accommodaçaõ na humana: *Dilexi Jacob,* Malach. 1 2,&;. *Eſau autem odio habui.* Naõ diremos nòs tanto mal de Heva mãy de Caim, & Abel; porque ſabemos, que eſta mãy naõ teve odio a hũ filho, & amor a outro. Mas bẽ podemos moſtrar a antiguidade do odio em Caim, ao amor do melhor irmaõ em Abel. E como logo do Paraiſo, & no principio da creaçaõ do mundo ſe repreſẽtou o odio inimigo do amor em dous irmãos: *Conſurrexit Cain adverſùs fratrem ſuum Abel, & interfecit eum.* Geneſ. 48. E ſem irmos buſcar taõ longe a prova do que diſcorremos, a poderemos achar na vontade de cada hum dos que no meſmo tẽpo eſtaõ querendo mal, & mais parecendo q̃ querem bẽ, ainda ao meſmo ſugeyto: ou deſcubertamente tendo odio, & mais amor, quando elles ſaõ diverſos. Eſta vontade naõ he entaõ mãy de dous irmãos; & hum delles, que he o odio, naõ he o mayor inimigo do outro, que he o amor; & a eſte naõ ſe acha preferido aquelle? Quantas vezes eſta vibora (o odio queremos dizer) creada na vontade, eſtà mordendo a quem a meſma vontade havia de eſtar amãdo: & iſto por quam dilatado tempo? Se na me-

memoria (que tambem S. Gregorio chama mãy, quando a conſidera eſquecida do que ſe diz: *Quando auditus ſermo in ventre memoriæ non tenetur*) dura ainda o que ſe diſſe, ou lembra o que ſe fez; naõ paſſa hum anno, & outro anno, & eſta ſerpente naõ eſtà ſempre a morder? E iſto porque? Tal vez por hum motivo imaginado, ou ſonhado, que ainda he menos: ſó por ſonhar Joſeph hũa repreſentaçaõ da ſua fortuna com preferencia à de ſeus irmãos: *Putabam veſtros manipulos adorare manipulum meum.* Baſtou *Iſte ſermo auditus, & in ventre memoriæ detentus*; para q̃ o odio de huns irmãos mordeſſe ao outro, q̃ era o emprego do amor do pay: *Diligebat autem Joſeph ſuper omnes filios ſuos.*

S. Greg. Homil. 15. in Euang.

Geneſ. 37. 7.

Ibid. 3.

Oraçaõ.

§. IX.

28 GRande obſequio para Deos; mas a ſua liçaõ, ainda mayor obſequio. Fazendo muyto quem chega a unirſe cõ Deos por oraçaõ; quem enſina a ter eſta uniaõ, ainda faz mais. O primeyro, he o guiado por aquella luz, para a ſua alma ſubir a Deos: o ſegundo, he o que deo a luz, para elle ſer aſſim guiado; & ſem a liçaõ deſta luz naõ ſe póde andar aquelle caminho. Faz hum dos Meſtres da oraçaõ, o que fez Chriſto

Chriſto Divino Meſtre da ſua liçaõ, quãdo diſ-
Matth. 6.9. ſe: *Sic vos orabitis: Pater noſter &c.* haveis de levar o penſamento a Deos, cõſiderando, q̃ he voſſo Pay; & depois pedirlhe o que vos enſino a pedir. E por iſſo, ſe faz muyto o que toma bẽ eſta liçaõ; muyto mais vem a fazer, quem lha dà: o que toma eſta liçaõ, fica parecido com os ſagrados Apoſtolos, em quanto foraõ os primeyros, a quem ella ſe deo: & quem a dà, ſobe ao ſagrado Magiſterio de Chriſto, que foy o primeyro Meſtre, que a ditou. Enſinar a oraçaõ, he o meſmo que ajudar a orar: & o que ajuda a orar, fica tendo parte na oraçaõ do que ora. E de tal modo, q̃ faltaria o effeyto da oraçaõ, ſe faltaſſe a liçaõ do que ajuda a orar. Em quãto Moyſes orava pelo Povo de Deos cõtra as armas de Amalec, vencia o Povo de Deos: & vencia Amalec, em quanto pelo Povo de Deos naõ orava Moyſes. E naõ era ſó eſta a maravilha daquella cãpanha: havia outra, q̃ ainda a fazia mayor. Para naõ cançarem as mãos de Moyſes, que tinha levantadas, em quanto orava: & o meſmo era cahirem as ſuas mãos, que deſcair a vitoria; Araõ, & mais Hur lhas ſuſpendiaõ, & ajudavaõ a ter levantadas até a vitoria ſer cõſeguida. Eſte foy o fruto da oraçaõ de Moy-
Exod. 17.11.
Ibid. 12.

ſes, ſoccorridas as ſuas mãos com as mãos de Araõ, como temos cõtado na breve ſubſtancia deſta hiſtoria: & agora entra o que nòs della tiramos, para cõfirmaçaõ do q̃ diſcorremos. Em quãto houverẽ mãos levãtadas para o Ceo, ha de fazer milagres a oraçaõ: mas tãbem cõ advertẽcia de haver quem para a oraçaõ faça eſtar levantadas as mãos: de haver quem enſine a levantar as mãos para Deos, dãdo as lições da oraçaõ. E entaõ, ſabem quem he o primeyro obrador do fruto, que a oraçaõ deo? He quem a enſinou a ter: he quem dà a liçaõ de ſe levantarẽ as mãos a Deos. Eſte he o que tantas vitorias tem contra o demonio repreſẽtado em Amalec, inimigo do Povo de Deos; quãtas foraõ as orações dos diſcipulos, que lhe tomàraõ as ſuas lições. Cada hum dos ſeus diſcipulos vence com a ſua oraçaõ aos ſeus inimigos: ao Mundo, ao Demonio, & à Carne, q̃ ſaõ os que diz Hugo, naõ temia Job eſtando unido com Deos: *Pone me juxta te, & cujuſvis manus pugnet contra me: manus ſcilicèt mundi, dæmonis, & carnis.* Porèm quẽ deo àqueles diſcipulos as lições de orar, conſegue as meſmas vitorias de todos, por elle as ditar. Os mais levantando a Deos as ſuas mãos: & elle levantãdo as mãos

Job. 17. 3.

Hugo hic.

de

de todos; porque lhas enſinou a levantar. Se Saulo, porque deſimpedia as mãos dos q̃ apedrejavaõ a Santo Eſtevaõ, tendolhes maõnas capas, para elles mais deſembaraçados das mãos empregarem melhor as pedras, elle o ficava apedrejando cõ as mãos de todos: quẽ enſina a todos a orar a Deos, com a oraçaõ de todos ora elle, & levanta as mãos de todos; porque lhes deo a liçaõ de levantar as mãos. Tudo iſto faz, quem como Chriſto diz aos que o ouvem: *Sic orabitis.*

Aõ. Apoſt. 7. 57.

29 E começar eſta liçaõ pela lembrança, que devemos ter de Deos, quando dizemos: *Pater noſter*, he encaminharnos o Meſtre da oraçaõ a unir com elle por amor. E dizemos unir com Deos; porq̃ iſſo he o que experimentava David, dizendo: *Adhæſit anima mea poſt te*; & he o q̃ lemos em hum commento: *Adhæſit anima mea tibi*; & explicando ainda mais: *Animam alicui adhærere, eſt ardenter aliquem deamare.* Muyto diſpõem tambem eſta uniaõ a Fé Divina, & a prégaçaõ Euangelica; mas a Oraçaõ muyto melhor. E por conſequencia, tambem melhor o Meſtre da Oraçaõ, que o da Fé, & o da prégaçaõ. A Fé Divina naõ une logo com Deos, nem a prégaçaõ Euangelica faz logo eſta uniaõ: a Fé faz

Matth. 6. 9.

Pſalm. 62. 9.

Geneb. in Pſal. hic.

crer em Deos, & a prégaçaõ faz conhecer a Deos. E depois de crermos por fé, & conhecermos por prégaçaõ; entra a oraçaõ a unir com Deos por amor: entaõ he que a alma, ainda q̃ detida no corpo, ſobe elevada até os dociſſimos abraços do ſeu Creador. Quando Chriſto veyo do Ceo a converter a Saulo na terra, deoſelhe a crer, & a conhecer: *Ego ſum Jeſus, quem tu perſequeris;* & o que Saulo diſſe depois de convertido, foy a confiſſaõ de o ter crido, & conhecido: logo o reconheceo por Senhor, & ſe offereceo por ſeu ſervo: *Domine, quid me vis facere?* Creyo quem ſois, conheço quem ſois: *Domine.* Mas ainda entaõ naõ eſtava Saulo unido cõ quem já conhecia, & a quẽ já cria; depois ſe ſeguio eſta uniaõ: *Vivit in me Chriſtus*, & tambem aquella elevaçaõ, & ſubida ao Ceo, que elle naõ ſoube dizer, ſe foy a alma ſem o corpo, ou ſe juntamente foraõ corpo, & alma: *Sive in corpore, ſive extra corpus, neſcio.* Eſta he a força da uniaõ entre os dous extremos Deos, & homem, que cauſa a oraçaõ em hũa alma, para a qual diſpõem quem enſina a oraçaõ: faz viver Deos no homem: *Vivit in me Chriſtus.* O que a Fé Divina nos diz, entendem os que nella crem: & perguntados elles pelos ſeus

Act. A- poſt. 9. 5.

Ibid 6.

Ad Gal. 2.20.

2. ad Cor. 12. 3.

ſeus artigos, dizem o que entendem, & ſabem o que dizem. O q̃ nos diz a prégaçaõ Euangelica, tambem o entendem os que a ouvẽ, & o ſabem depois dizer aos que a naõ ouviraõ. Porèm o q̃ faz aquella uniaõ da alma cõ Deos, quando pela oraçaõ ſe une com elle, quando ſobe da terra: *Sive in corpore, ſive extra corpus*, naõ ſabe dizer quẽ là ſobe: *Neſcio*, ſó Deos o ſabe: *Deus ſcit*, & ninguem mais: *Nec in cor hominis aſcendit*. Eſte bem pois, que ſó ſe ſabe que he bem, mas naõ que bem he; he o termo para onde guia quem dà as lições da oraçaõ. Hum tal termo, por ſer hũa uniaõ muyto parecida com a de Chriſto, & hũa alma no Sacramento da Euchariſtia, no qual nos diz o ſeu Divino Author, que ſe une com os que dignamente o recebem: *In me manet, & ego in illo*, & cada hum delles póde dizer: *Adhæret anima mea tibi*. E ſe he muyto parecida a uniaõ do Sacramento com a uniaõ da Oraçaõ: ambas da alma com Deos, & de Deos com a alma; tambem lhe podemos dar outra ſemelhança, que he para muyto louvor dos que enſinaõ a oraçaõ, & dizem cõ Chriſto aos que tomaõ eſta liçaõ: *Sic orabitis*. Parece eſta liçaõ da Oraçaõ, em quanto encaminha para eſta uniaõ da alma com Deos, hũa nova

Ibid. Joan. 6. 59.

1. ad Cor. 1. 9

direcçaõ para hum novo Sacramento. Aſſim como Chriſto deyxou dito aos Sacerdotes, como haviaõ de fazer o Sacramento da Euchariſtia: *Hoc facite*, tambem deyxou eſcrito, como ſe havia de fazer a oraçaõ: *Sic orabitis.* E aſſim como as palavras da conſagraçaõ do Sacramento tem virtude, para que depois da ſagrada Communhaõ ſe una hũa alma com Deos: as palavras da liçaõ da oraçaõ tem outra virtude, para que com Deos ſe venha depois a unir hũa alma pela uniaõ da oraçaõ. Tanto na uniaõ do Sacramento, como na uniaõ da Oraçaõ, podemos conſiderar, que diz Chriſto do que cõmunga, & do que ora: *In me manet, & ego in illo.* Da uniaõ do Sacramento jà o temos por fé; & da uniaõ da Oraçaõ o temos por cõſideraçaõ: no Sacramento por realidade, & na Oraçaõ por ſemelhança. A unirſe por eſta uniaõ deceo o Eſpirito Santo ſobre os ſagrados Apoſtolos, quando todos eſtavaõ em fervoroſa oraçaõ: *Erant perſeverãtes unanimiter in oratione.* Alli bem ſe póde entender unido por graça o Eſpirito Santo a todos os daquella oraçaõ: & todos os daquella oraçaõ unidos ao Eſpirito Santo. E de cada hũ delles bem ſe póde conſiderar, que diz o meſmo Eſpirito Santo: *In me manet,*

Luc 22. 19.

Act. Apoſt. 1. 14.

manet, & ego in illo.

30 Nem haverà quẽ nos cenſure eſta ſemelhança, ſe a reforçarmos com mais ſingulares razões muyto proprias deſtas moralidades. Se diſſermos, que para ſerem parecidas a liçaõ da Oração encaminhando para a ſua união da alma cõ Deos; & a conſagração do Sacramento diſpondo para a ſua uniaõ de Deos com a alma; ha razão, ha Eſcritura, & ha authoridade. Ha razão; porq̃ aſſim como proferidas as palavras da conſagração, não póde deyxar Chriſto de ſe fazer realmente preſente no Sacramento, pois elle aſſim o prometteo: Luc. 22. 19. *Hoc facite: hoc eſt Corpus meum*, & não póde faltar a ſua palavra; tambem não póde faltar a outra ſua palavra, quando nos diz, que oremos, & que alcançaremos: *Petite, & accipietis.* Joan. 16. 24. Com eſta promeſſa pois, podemos demandar a Deos, daquelle modo, que póde ſer demandado: quando na Oração lhe pedimos a ſua graça, para por ella nos unirmos com elle, havendo da noſſa parte o merecimento do que pedimos. Se aſſim pedimos: *Petite*, temos direyto ao que pedimos: *Accipietis.* E não ſó quando pedimos o de que neceſſitamos para a vida do corpo; mas tambem quando a petição he do neceſſario para a vida da alma. Tudo ſe com-

prehende na lição, que nos deyxou, para orarmos: *Sic orabitis*; enſinandonos, que quando pedimos, o conſideremos Pay: *Pater noſter*; nos encaminha ao amarmos, & a levarnos por attenções da alma a unir com elle: *Sic orabitis: Pater.* Ha Eſcritura; porque aſſim como a alma de David ſe conſiderava unida cõ Deos: *Adhæſit anima mea tibi*, tambem ſe lhe repreſentava a Deos unido comſigo: *Me ſuſcepit dextera tua.* E he o que tambem diz o meſmo commento de Genebrardo: *Me ſuſtentavit*: a voſſa mão, ou o voſſo abraço teveme a mim em vòs, que he o meſmo, como dizer: uniome a mim comvoſco: *Me ſuſtentavit.* Não podia faltar Deos a David com o abraço, não faltando David a Deos com o amor: unindo eſta união hum deſtes extremos: *Adhæſit anima mea tibi*, tambem havia de unir o outro: *Me ſuſcepit: me ſuſtentavit dextera tua.* E ha authoridade; porque iſto meſmo diz Chryſologo diſcorrendo a outra palavra de Chriſto, que he hũa das partes da Oração, q̃ nos enſinou: *Dimitte nobis, ſicut & nos dimittimus.* Quem chegou a perdoar o que lhe devião, ou a dar perdão do que lhe fizerão, tem jus para demandar a Deos pelo perdão, que lhe promette: *Dimitte nobis.*

Pſalm. 62. 9.

Geneb. in Pſal. hic.

Matth. 6. 12.

A todos os que com eſte argumento demandarem a Deos, diz a ſubtileza do ſagrado Expoſitor: *Homo, penes te eſt poteſtas veniæ: in te eſt indulgentiæ jus: tu tibi remiſſionis author es conſtitutus.* E nòs podemos dizer ao que enſinado pelos Meſtres da Oração, pedir a Deos a graça da ſua união, ſe Deos diz: *Petite: homo, penes te eſt jus accipiendi.*

S. Chryſolog. Ser. 71.



PALAVRA DE DEOS Deſatada.

P

Pena.

§. I.

1 ADo Delator malevolo, he a ſua meſma maldade: a malicia da ſua meſma delação, he o ſeu merecido caſtigo. He, como foy para os accuſadores da Adultera, a viſta dos ſeus peccados. Com as ſuas meſmas culpas ſe virão accuſados, quando na terra lhas eſcreveo Chriſto, como ſe commenta o texto: *Digito ſcribebat in terra.* Eſcrevia, dizem, o que tambem os pudeſſe accuſar a elles: *Quod eorum peccata argueret.* Querião eſtes Delatores, que a peccadora criminoſa foſſe apedrejada, authorizando cõ a Ley

Joan. 8. 6.

Cornel. hic.

Ibid. 5. Ley o ſeu zelo: *In lege Moyſes mandavit nobis hujuſmodi lapidare.* E o Divino Auditor deſta accuſação voltou contra elles as pedras: cõ os ſeus meſmos peccados lhes fez os tiros: Ibid. 7. *Qui ſine peccato eſt veſtrûm, primus in illam lapidem mittat.* Se a viſſem padecer as pedradas da Ley: *Moyſes mandavit lapidare*, não lhe havião ſair da preſença, em quanto a viſſem viva. E tanto que ſe virão feridos de outra pedra, & de outra mão: da pedra eſcandaloſa das ſuas culpas, & da mão do ſupremo Legislador; não eſperàrão outra pedrada, & logo fugirão da ſua viſta: Ibid. 9. *Unus poſt unum exibant.* Não inſta o Delator pela pena do delatado; ſe da ſua meſma delação lhe receytão a pena: *Qui ſine peccato eſt, lapidem mittat.*

2 E iſto naõ ſó ſe entende, quando o delatado he criminoſo, como era a Adultera; mas ainda com mais razaõ, quando he innocente, como era Daniel. Tambem os ſeus meſmos accuſadores lhe fazem a defenſa, & a ſua meſma acculaçaõ he a ſua pena. Os meſmos perſeguidores de Daniel o defendèraõ de ſi meſmos: elles o fizeraõ metter no lago dos leões; & tambem lhe ſeguràraõ a porta, para que nem elles meſmos o chegaſſem a offender mais. Aſſim os obrigou a fazer o

Rey

Rey Dario: primeyro elle com o ſeu ſigillo Real,& depois os ſeus vaſſallos com os ſeus ſeguràraõ a porta do
Dan.6. 17. lago: *Quem obſignavit Rex annulo ſuo, & annulo optimatum ſuorum*; para que ſe naõ fizeſſe mal algum a Da-
Ibid. niel: *Ne quid fieret contra Danielem.* Leões, & accuſadores, eraõ os inimigos de Daniel: os leões dentro do lago; & os accuſadores de ſóra. E para o livrar de todos, eſperava o prudente Rey, q̃ dos leões
Ibid 16. o livraſſe Deos: *Deus tuus liberabit te*; & quiz, que dos accuſadores, elles meſmos o livraſſẽ: *Obſignavit annulo optimatum.* E aſſim ſuccedeo; porque as bocas dos leões fechou Deos com á ſua maõ: *Con-* Ibid.22.
cluſit Deus ora leonum; & a porta do lago fechàraõ os meſmos accuſadores com as ſuas: *Annulo optimatum.* Se da voracidade dos leões eſcapaſſe Daniel com vida; da tyrannia dos ſeus accuſadores poderia naõ eſcapar. Pois feche Deos a boca dos leões; & os ſeus accuſadores ſe fechem a ſi meſmos a porta do lago; & deſta ſorte: *Nihil fiet contra Danielem.* Deſta ſorte a pena dos accuſadores de Daniel, foy a ſua pena delles; & os meſmos leões, provocados pela ſua accuſaçaõ, devoràraõ aos accuſadores: *Om-* Ibid.24.
nia oſſa eorum comminuerunt. Mas, para ſucceder o meſmo em ſe-

me-

melhantes caſos, ha de fazer o julgador, o que neſtes dous viraõ fazer a Chriſto, livrando a Adultera; & a Dario, defendendo a Daniel. Elle ha de ſer o primeyro, que encaminhe a accuſaçaõ do Delator, para livrar o delatado; como Chriſto, & Dario fizeraõ. Chriſto, dando a ver a huns accuſadores as ſuas culpas: *Digito ſcribebat, quòd eorum peccata argueret.* E Dario obrigando a outros com o ſeu exemplo, a impedir o que quizeſſe obrar a maldade das ſuas: *Obſignavit Rex annulo ſuo, & annulo optimatum.*

Peccado.

§. II.

3 AInda quando parece caſual, póde ter cauſa: ſenaõ proxima, remota. He como a cegueyra, que Chriſto curou ao Cego de nacimento; & ſobre a qual lhe fizeraõ aquella pergunta, ainda que em ſuppoſiçaõ errada; porque nem ſempre a enfermidade he pena do peccado. *Quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus naſceretur?* Peccado, & cegueyra, ſaõ correlativos inſeparaveis: o meſmo he ſer peccador, que cego. Por iſſo os authores deſta pergunta naõ duvidàraõ do peccado, aſſim como Joan. 9. 3.

viraõ

viraõ a cegueyra, logo o ſuppozeraõ : *Quis peccavit?* E porq̃ aquelle peccado por elles aſſim mal ſuppoſto poderia naõ ter cauſa proxima no Cego ; perguntàraõ, ſe a haveria remota em ſeus pays : *Hic, aut parentes ejus?* Do peccado naõ tinhaõ duvida ; hũa vez que viaõ cegueyra. Nem tambem duvidavaõ do peccador ; porque entendiaõ, que ou o deviaõ ſer os pays, ou o filho : *Hic, aut parentes.* E ſó, qual delles certamente o ſeria, vinha a ſer a duvida propoſta : ſe o meſmo Cego : *Hic* ; ou ſe os pays : *aut parentes.* Tudo iſto podemos accõmodar aos cegos do peccado ; aos que cegaõ, quando peccaõ. E quando ao perto naõ apparece a cauſa, póde ſem duvida vir de longe ; aſſim como aquella cegueyra poderia vir là dos pays do Cego : *Parentes ejus.* Porque ella ſe via nacida no filho, davaõlhe por generãtes aos pays. Nem ſe ha de negar nacimento ao peccado, ſe jà ſabemos, que elle procede por geraçaõ : *Cõcupiſcentia parit peccatum.* E aquella diſtancia de tempo, que vay da conceyçaõ do peccado ao ſeu parto ; he a medida dos pertos, ou dos longes, em que ſe deſcobre a cegueyra do peccador. Quando o parto do peccado foy immediato à ſua conceyçaõ ; a cegueyra do peccador Jac. 1. 15.

foy

foy viſta de perto : o meſmo foy peccar, que cegar. Mas quando a conceyçaõ do peccado diſtou algum tempo do ſeu parto ; entenda o peccador , que a cauſa da ſua cegueyra vem de longe ; vem do tempo em que concebeo o peccado , & elle o conſervou concebido. O peccado, que mais cega ao peccador, he o amor deſordenado das creaturas : & quando elle ſe acha eſtar cego , ſayba , que naõ cegou de repente , jà o começou a eſtar deſde o tempo daquelle amor concebido , & conſervado. Pódem fazer parelha com eſta cegueyra cõcebida , aquellas que Bellarmino , & Genebrardo conſideraõ na letra de David : *Concepit dolorem , & peperit iniquitatem.* Diz o primeyro , que aquella dor he o odio concebido : *Conceptio doloris , eſt conceptio odij in proximum; quia torquet, & diſrumpit animum odio habentis.* E o ſegundo dà outro nome à meſma dor : chamalhe pena do bem alheyo , quando o invejoſo *afflictionem de alieno bono concepit* , que he o meſmo que conceyçaõ da inveja, ou inveja concebida. E tendo hum, & mais outro peccado conceyçaõ, & parto ; as ſuas cegueyras pódem jà ter começado do tẽpo da conceyçaõ. O odio póde jà ter começado da primeyra deſaffeyçaõ da vontade :

Pſal. 7. 15.

Bellar. hic.

Genebr. hic

& a inveja do primeyro mao olhado da viſta. E vendo-ſe eſtas tres cegueyras: a da affeyçaõ das creaturas, a do odio do proximo, & a da inveja dos bens alheyos nos ſeus cegos; temos repoſta q̃ dar àquella pergunta: *Quis peccavit, hic, aut parentes ejus?* Apontando para cada hum dos cegos, podemos dizer: *Hic peccavit.* E entendendo, que as cauſas das ſuas cegueyras foraõ os progenitores dos ſeus peccados, poderemos reſponder: *Peccaverunt parentes ejus.* Naõ os pays de cada hum dos cegos; mas as concupiſcẽcias, cauſas generantes da cegueyra de cada hum: *Parentes ejus.*

Prelados.

§. III.

4 EM zelar merecimentos, devem ſer promptos; & em os premiar vagaroſos; ſem impedimento para o primeyro cuydado, & com exame para o ſegundo. Chriſto o mayor exemplar dos Prelados, aſſim entrou neſte mundo, & aſſim ſahio delle. Naſceo em hũa caſa ſem portas, nem guardas; & todos os que a ella hiaõ a merecer com as ſuas adorações, tinhaõ entrada taõ prompta, que naõ neceſſitavaõ de bater; baſtava ſó chegar. Taõ liberal em ſe dar aos que ainda andavaõ merecendo em via, q̃ elle

elle meſmo os chamava para que foſſem, & o achaſſem. *Natus eſt vobis Salvator; & invenietis infantem*, cõmenta Cornelio: *Vos ad Meſſiam jam natum viſendum, adorandumque voco.* E quãdo morreo, indo para onde vaõ os premiados, naõ deo a entrada do Ceo a Dimas, ſem que elle o pediſſe. Taõ detido em mandar para a Patria dos Bemaventurados, que primeyro foy rogado de hum, que entaõ queria ir: *Memẽto mei, cùm veneris in Regnum tuum.* Na Igreja militante deyxou Chriſto ſete portas abertas dos Sacramẽtos, para facilitar o merecer. E para ſe entrar na triunfante, poz nella portas fechadas, & porteyro, para haver onde ſe bater, & preceder o abrir: *Tibi dabo claves Regni Cælorum.* O Prelado da Igreja ha de conſiderarſe Paſtor, & mais Principe: aſſim como Chriſto ſeu exẽplar, era Rey: *Natus eſt Rex*, & tambem Paſtor: *Sum Paſtor bonus.* Como Paſtor, ha de imitar a Chriſto, eſtando em campo ſempre para dar por ſuas ovelhas a vida: *Bonus Paſtor animam ſuam dat pro ovibus ſuis.* E como Principe, imitando tãbem ao Rey da gloria, que a naõ dà, ſenaõ fechado no ſeu Reyno, & negando a entrada a muytos: *Non intrabitis in Regnum Cælorum.* Em campo deſcuberto,

Luc. 2. 11. & 12.
Cornel. hic.
Luc. 23. 42.
Matth. 16. 19.
Matth. 2. 2.
Joan. 10. 11.
Ibid.
Matth. 5. 20.
Idem 18. 3.

quando paſtorea merecimentos: & no Ceo fechado, quando os remunera com premios. Se o Prelado da Igreja, havendo de eſtar no campo, como Paſtor, ſe fechar em caſa, como Principe; fugirlheha hũa ovelha para o deſerto, arriſcada a perder o que tiver merecido; ſem a poder ir logo buſcar, & trazer para o re-
Luc. 15. 5. banho: *In humeros ſuos.* E a outra, ſe o naõ achar junto a ſi, perecerà tragada daquelle
1. Petr. 5. 8. Leaõ, que ſempre *Rugiens circuit, quærens quem devoret.* E ſe havendo de ſe fechar como Principe, para naõ premiar, ſenaõ a quem o merecer, eſtiver como em campo aberto para todos os que cuydaõ, que ſaõ muyto dignos do que pedem; naõ poderà dizer a hũs, como diſſe o Supremo Rey: *Non eſt meum dare vobis*; nem como o meſmo Rey diſſe a outro indigno do lugar, que tinha: *Quomodò huc intraſti non habens veſtem nuptialem.* Nem pareça concordata impoſſivel, apaſcentar o Prelado as ſuas ovelhas no campo; & mais eſtar fechado no ſeu Palacio. Bem póde ſazer huma aſſiſtencia, ſem deyxar de fazer a outra: bem póde o Palacio ſer campo, ſe nas conſiderações de Job, o Paço póde ſer deſerto: *Reges ædificant ſolitudines.* Palacio, em quanto fechado, para ſe naõ abrir a todas as pretenções:

Matth. 20 23.

Matth. 22. 12.

Job 3. 14.

para

para naõ cuydarem os requerentes do premio, que o meſmo he pedir, que levar. E campo, em quanto patente a todos os eſtudioſos do merecimento, para naõ acharem difficuldade no entrar. Hum tal Palacio, que pareça, que naõ tem portas; & he ſemelhante ao que teve Chriſto, quando naceo, que ſó tinha portal. Ainda que os ſubditos haõ de achar no ſeu Prelado braços, que os esforcem, & animem, dizendo aos merecedo-
Matth. 11.28. res do premio: *Venite ad me omnes, qui laboratis, & ego reficiã vos*, quando for ao tempo de premiar; he bem, que vejaõ hũa repreſentaçaõ do que cuſta a entrada naquelle Reyno, que he o premio de todos os merecimẽtos. Entendaõ, que para ſe abrir a porta do que pretendem, primeyro lhe devem fazer algũa força, & naõ entrar logo, aſſim como chegaõ a bater: *Regnum Cælorum vim patitur.* Ibid 12.

Prégador.

§. IV.

5 SE o ſeu Sermaõ, aſſim como for alto, tambem naõ for claro, naõ ſerà como elle o quer, nem como nòs o queremos; ha de ſer do ſeu entendimẽto, & para o noſſo. Quãdo fallar alto (no conceyto queremos dizer) tãbem ha de ſer claro: naõ neceſſite a ſua linguagẽ de commentos. Se levantar tanto o penſa-

mento, que o naõ chegue a explicar, & o deyxe eſcuro; naõ imitarà aos Prégadores do Ceo Sol, & Lua, que no altiſſimo Sermaõ, q̃ fazem da gloria de Deos: *Enarrant gloriã Dei*, naõ prégaõ para a eſcurecer: *Declarant hominibus opera manuũ ejus.* As ſuas luzes ſaõ vozes com que fallaõ: & taes haõ de ſer as do Prégador, para darem a ver o que prégam: as meſmas palavras haõ de ſer luzes. Aſſumptos altos no entendimẽto, & locuçaõ eſcura na boca, he fallar eclipſado. Por iſſo, quando o Sol, aquelle Prégador do Ceo, ſe eclipſa, naõ ſe lhe entende (bem podemos fazer eſta conſideraçaõ) naõ ſe lhe entende o que nos diz; porque entaõ a ſua voz naõ luz: *Non declarat opera manuum Dei.* Naõ faz o que fez o Eſpirito Santo, quãdo veyo a conſtituir os Prégadores do Univerſo: veyo com linguas de fogo, que juntamẽte eraõ inſtrumentos para fallar: *Ille vos docebit*, & de materia para luzir: *Linguæ tamquã ignis.* Fallar, & naõ dar luz ao que ſe diz; ſer eloquente, & eſcuro; he ſó ter lingua, & naõ alumiar; ter ouvintes, & naõ entendedores. E os diſcipulos do Eſpirito Santo, porque entendèraõ o que ſe lhes dizia com eloquencia clara; com linguas, & eſſas de luz; fallàraõ depois, como o Divino

Meſtre

Pſalm. 18. 2.

Bellar. hic.

Joan. 14. 26.

Act. Apoſt. 2. 3

Meſtre lhes fallou pri-
Ibid.4. meyro: *Prout Spiritus Sanctus dabat eloqui illis.* Tambem ſe faziaõ ouvir, & entender por
Pſ.18.5. todo o mundo: *In omnem terram exivit ſonus eorum;* prégando elles, & a ſua prégaçaõ alumiando. Como o ſeu prégar era luzir, naõ fallavaõ ſem dar luz. E como a ſua mayor eloquencia era a que ſe formava nas linguas das ſuas obras, queria Chriſto, que fallaſſem, & alumiaſſem todas:
Luc.12. 35. Matth. 5 16. *Lucernæ ardentes in manibus veſtris: ut videant opera veſtra bona.* O Prégador, taõ claro ha de ſer prégando aos ouvidos, como prégando aos olhos: tanto cõ a eloquencia das vozes, como com a das virtudes. E ſe os ouvidos naõ perceberem, nem os olhos virem; por mais altos que ſejaõ os ſeus aſſumptos, ſempre haõ de ficar eſcuros; nem os penſamentos ſe haõ de penetrar, nem as boas obras deyxarſe ver. E por conſequencia infallivel, tambem os ouvintes obſtinados por ſeus erros, & os enganados por ſeus vicios, ſahiráõ da prégaçaõ taõ ſurdos, & taõ cegos, como vieraõ: & diraõ verdade, ſe diſſerem, que a naõ entendèraõ. S. Joaõ o Euangeliſta, Prégador do Divino Verbo antes de encarnar, & por iſſo Prégador da Divina Palavra, aſſim como levantou aquelle altiſſimo penſamento: *In*
Joan. 1. 1.

principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum &c. quando o começou a dar a conhecer, & a dizer o q̃ era: *Erat Verbum*, tãbem o começou logo a dar a ver, & a dizer como luzia: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem.* Diſſe, que era Palavra Divina, & a mais alta Palavra: *Verbum erat apud Deum*, & que tambem era a mayor luz: *Lux, quæ illuminat omnem hominẽ.* E o outro S. Joaõ, o Precurſor do meſmo Divino Verbo jà depois de encarnado: *Ecce Agnus Dei: ecce qui tollit peccatum mundi*: tambem o annunciava prégando, & luzindo: o meſmo Prégador da palavra de Deos era voz: *Ego vox*, & era luz: *Lucerna ardens, & lucens.* Bem pódem os penſamentos dos que prégaõ a palavra de Deos, ſubir taõ altos, que cheguem atè o Firmamento: & participar da luz dos ſeus aſtros a claridade com que elles *Gloriam Dei manifeſtant.* Se Deos jà tem ſeparadas aquellas luzes das trevas: os q̃ as haõ de imitar, quando fallaõ, tambem o devem fazer com luzes deſpidas de ſombras: *Dividant lucem à tenebris.*

Ibid. 9.

Ibid. 29.

Ibid. 23.

Idem 5. 35.

Bel'ar. in Pſal. 18. 2.

Poſſe.

§. V.

6 AInda depois de lograda, ha de

de ſer appetecida; quem depois de ter o bem deſejado, ainda o deſeja ter, moſtra, que o ſabe eſtimar: depois do deſejo do bem, em quanto auſente; por deſejo ſẽpre de o ter preſente. He como o deſvelo, depois do bem, que faz deſvelar: quem depois de deſcançar ſobre as ancias, que por algum bem o deſvelàraõ, ainda naõ deſiſte do ſeu deſvelo, acredita melhor o ſeu deſejo, & o valor do bem deſejado. Exẽplo temos naquelle *Ego dormio, & cor meum vigilat* da Eſpoſa. Deſcanço, ſim, ſobre a firme poſſe do Eſpoſo: *Dormio*; mas tambem deſvelo, para prezar mais eſſa firmeza: *Vigilo*. A melhor poſſe, & a do mayor bem, he a amizade de Deos; & eſte bem, ainda o deſeja ter, quem jà o tem, quando o deſeja conſervado, depois de tido. Huns deſejos lhe merecem a poſſe do bem deſejado, & outros lho conſervaõ depois de poſſuido; os antecedentes ſaõ para ſe conſeguir, & os ſubſequentes para ſe naõ perder. Naõ baſta dizer o que jà ſe conſidera na poſſe de algum grande bem deſejado: *Inveni quem diligit anima mea*; ainda ſe ha de deſvelar, para ter o que jà tem. Depois do ſeguro do ter: *Tenui eum*, ha de deſvelarſe, para o naõ deyxar de ter: *Nec dimittã*. Aquelle primeyro ter da Eſpoſa, era o do

Cant. 5. 2. Cant. 3. 4. Ibid. Ibid.

Eſpoſo poſſuido: *Tenui eum*; & o outro ſegundo ter, era o da poſſe do Eſpoſo: *Nec dimittam.* Tem o que tens: foy conſelho de Chriſto, mandado por eſcritura de S. Joaõ ao Santo Biſpo de Filadelfia: *Tene quod habes.* Os teus primeyros deſejos (podemos nòs explicar) foraõ os que te merecèraõ a minha graça; os outros, que eu agora te perſuado, ſaõ os que te haõ de cõſervar nella. Tem pois por conſervaçaõ o que jà tens por poſſe: *Tene quod habes.* Quem ſegue eſte conſelho de Deos, faz o meſmo que Deos faz: tãbem Deos tem o que tem, quando nos tẽ na ſua amizade. Se nos dà hũs auxilios para a conſeguirmos, tambem nos dà outros para a conſervarmos; com os primeyros jà nos tem na ſua graça, & nos conſerva nella com os ſegundos: *Tenet quod habet.* Como a amizade de Deos he hũa uniaõ de dous extremos; hũ extremo Deos, & outro extremo cada hum de nòs; tanto da ſua parte, como da noſſa, ha quem tem o que tem. Ha Deos, que tendonos a nòs por meyo da ſua graça, tambem nos tem por meyo da conſervaçaõ da meſma graça: *Tenet quod habet*; & ha cada hum de nòs, que tendo a Deos por meyo deſta uniaõ; por conſervaçaõ deſſa meſma uniaõ, tambem temos a Deos: *Tenemus*

Apoc. 3. 11.

quod

quod habemus. E com hũa advertencia muyto ſingular, que nos faz ver, como teremos a Deos, para que Deos nos tenha. Se o queremos ter ſempre, ſempre o havemos deſejar ter; & entaõ he que temos o que temos. Temos a Deos depois de huns deſejos antes; & com outros deſejos o temos tambem depois: os primeyros, para o termos; & os ſegundos, para o naõ deyxarmos de ter, depois de o havermos tido. Como elle meſmo he deſejo: *Deſiderium collium æternorum*: deſejo dos mais illuſtres Santos neſta vida temporal, & na eterna; daquelles dizem os cõmentos: *Qui cæteris hominibus eminent, & in æternum eminebunt*; a meſma hora de o termos, he hora de o deſejarmos ter. E como tãbem he o deſejado: *Deſideratus cunctis gentibus*, naõ ſe póde ter, ſem ſe deſejar ter no meſmo tempo. Aſſim o temos no Diviniſſimo Sacramento da Euchariſtia: temolo com preſença real, & com a meſma deſejamos ter a eſte deſejo, & a eſte deſejado: *Deſideriũ, deſideratus.* Temolo como ſuſtẽto, & juntamente como deſejo; & por iſſo o deſejamos ſempre; porque eſte ſuſtento he deſejo. Se houveſſe hũa iguaria guizada de deſejos, quanto mais ſe comeſſe della, mais ſe havia deſejar comer. Suſtentar de deſejos, he ſempre

Geneſ. 49. 26.

Ruper. Caiet. apud Corn. hic.

Agg. 2. 8.

ſempre deſejar o ſuſtento: he eſtar faminto do ſuſtento, quem de deſejos ſe ſuſtenta. Neſta ſuppoſiçaõ pois, quem foſſe alimentado com tal ſuſtento; o ſeu ter era de dous modos: tinha o ſuſtento, q̃ eraõ deſejos; & eis-ahi hum modo de ter: & tinha os deſejos do ſuſtento; & eis-ahi outro ter por outro modo. E he a razaõ, porque bem podemos accõmodar eſte conſelho de Deos a cada hum dos alimentados do Sacramento: ſe me tens, porque me deſejaſte ter; torna a deſejar ter o que tens. Tem por deſejos: *Tene*, eſſe meſmo bem, que tens por poſſe: *Quod habes.* E he o que experimentava S. Bernardo: *Deſidero te millies*, lhe dizia com deſejos antecedentes à poſſe: *Mi Jeſu, quando venies:* & depois da poſſe, ainda com deſejos della: *Me de te quando ſaties?* Tinha o que havia deſejado, ou tendo por huns deſejos, o que havia tido por outros; tinha o q̃ tinha: *Quod concupivi, teneo.* E como eſte bem deſejado, & tido, era deſejo: *Jeſu amor, & deſiderium*, no meſmo tempo em que ſe ſuſtentava deſte deſejo, deſejava ſempre eſte ſuſtento: *Deſidero te millies*, & nunca eſte ſuſtento o ſatisfazia: *Me de te quando ſaties?* Sem violentarmos a noſſa conſideraçaõ, bẽ podemos ſuppor, que muytas vezes eraõ eſtes affectos

Hym. S. Bern.

In Offic. Aſcenſ.

affectos de S. Bernardo para Chriſto no Sacramento. *Me de te quãdo ſaties*, fraſe he, que inſinua alimento, & alimentado; comedente, & comida. Quando ſuſtentado eu da voſſa carne, & ſangue: *Caro tua cibus*: *ſanguis tuus potus*, deyxarey de eſtar faminto deſte meſmo ſuſtento: *Quando me ſaties?* Bem moſtra eſte affecto a poſſe do ſuſtento, & o deſejo da meſma poſſe: *Quod concupivi, teneo.* E ſe a todas eſtas reflexões ajuntarmos a que logo ſe eſtà offerecendo ao diſcurſo; havemos dizer, que eſta fome do paõ do Sacramento no meſmo tempo em que elle eſtà ſuſtentando, he a que Chriſto nos deyxou, quando ſe auſentou de nòs, & ſe ficou comnoſco. Naquella ſua auſencia: *Sciens quia venit hora, ut trãſeat ex hoc mundo*, & naquella ſua preſença: *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi*, foy darſe a deſejado, & a poſſuido no meſmo tempo; foy deyxarſe para o termos, & para o deſejarmos ter. Quãdo o temos preſente, ainda como auſente o deſejamos ter; no meſmo tempo fóra de nòs, porque jà ſe auſentou; & comnoſco, porque ainda eſtà. E foy a unica vez, em que ſe vio teſtamento de deſejos; & eſtes ſatisfeytos, & juntamente por ſatisfazer. Satisfeytos, com a preſença real de Chriſto

Joan. 13. 1.

Matth. 28. 20.

ſto no Sacramento: *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi*; & por ſatisfazer, com a ſua real auſencia deſte mundo: *Hora, ut trãſeat ex hoc mundo.* Finalmente ſe de todo eſte diſcurſo quizeſſemos formar hum emblema, ou propor hũ enigma, nenhũa figura o repreſentaria melhor, que a viſaõ dos Serafins de Iſaias. No meſmo tẽpo tinhaõ a Deos preſẽte, & como prezo do ſeu amor nas duas azas, que lhe detinhaõ os paſſos: Iſai. 6. 2. *Duabus velabant pedes*, & tãbem o affectavaõ auſente com as duas, que o retiravaõ da viſta: Ibid. *Duabus velabãt faciem.* No meſmo tempo em que eſtavaõ na ſua cõpanhia com o deſcanço das quatro azas, jà como ſoſſegadas ſobre a ſua poſſe; com as duas correſpondentes ao coraçaõ, officina dos mais ardentes deſejos, ſempre voando, como anciozos em o quererem poſſuir: *Duabus volabant.* Ibid.

Paſtor.

§. VI.

7 O mais vigilante he o q̃ naõ perde a ovelha, ainda depois de perdida; o que depois de deyxar ella o rebanho, elle ainda a naõ deyxa: *Vadit ad illam, donec inveniat eam: & cùm invenerit eam, imponit in humeros ſuos*, como diz Chriſto, que ha de fazer o bom Paſtor. Quãdo Luc. 15. 4. & 5.

do elle ſe ha deſte modo vigilante, entaõ he que ſe vè quaes ſaõ as ſuas ovelhas; he final, que a remontada do rebanho ainda he ſua; pois elle ainda entaõ a buſca: *Vadit ad illam.* O que ſe naõ dirà, ſe elle a deyxa ficar de fóra, & naõ faz pela achar: *Vadit, donec inveniat.* Entaõ he final muyto diverſo; he diviſa da ovelha, que elle naõ tem por ſua; pois a deyxa por hũa vez perdida, & naõ trata de ir, para a trazer: *Imponit in humeros ſuos.* Eſtas advertencias tanto ſaõ para os Paſtores ſe deſvelarem pelas ſuas ovelhas, como para ellas verem, ſe ſaõ ovelhas ſuas. Se Deos he bom Paſtor, porque conhece quaes ſaõ as ſuas ovelhas: *Cognoſco oves meas*; nòs ſeremos boas ovelhas, ſe conhecendoo a elle, entendermos que ſomos ſuas ainda depois de perdidas: *Cognoſcũt me meæ.* E por iſſo, quem quizer ſaber, ſe eſte bom Paſtor o tem por ſua ovelha, veja, ſe elle o deyxa andar fóra do rebanho; ou ſe o buſca, para o meter outra vez dentro. Se o buſca ainda depois de ſe ter ſaido, moſtra, que o tem por ovelha ſua; ſenaõ na ſua graça, na ſua miſericordia. S. Pedro, ainda depois de ter negado a Chriſto, naõ deyxava de ſer dos ſeus eſcolhidos; porque ainda entaõ lhe poz os olhos de ſua clemencia: *Reſpexit* Pe-

Joan. 10. 14.

Ibid.

Luc. 22. 61.

Petrum; & para chorar a ſua culpa, ainda S. Pedro teve olhos: *Flevit amarè.* O que ſe naõ vio em Judas: a ſua ſaida do Apoſtolado para ir a tratar da venda de Chriſto, logo moſtrou, que naõ era dos ſeus eſcolhidos, ainda no tempo em q̃ o parecia. Eſtes dous exemplos ſaõ aviſos claros, ou brados mudos, que nos deſpertaõ, para vermos ſe ſomos do numero das ovelhas de Chriſto recuperadas pela graça, depois de perdidas pela culpa; de tal ſorte, que ainda fóra do ſeu rebanho, elle nos tenha por ſuas. Ou ſe andamos entre as outras ovelhas, que por naõ ſerem ſuas, as deyxa ir por hũa vez perdidas: *Non vadit ad illam, & imponit in humeros ſuos.* De maneyra, que hum diſcipulo de Chriſto, depois de fóra da ſua companhia, ainda era dos ſeus eſcolhidos. E nós, quando fóra do ſeu rebanho, ſeremos ainda das ſuas ovelhas? Outro diſcipulo deſte meſmo Meſtre naõ era dos ſeus eſcolhidos, depois de perder a ſua companhia. E nòs deyxaremos ainda a companhia deſte Paſtor, & de todo a perderemos? As repoſtas deſtas duas perguntas, ſó as ſaberáõ ſuppor, os que eſperarem ſuſpenſos a ver ſe lhes dizem: *Cognoſco oves meas.*

Ibid. 62.

Peccados.

Peccados.

§. VII.

8 SEndo o ſeu mar taõ tormentoſo, daõ nelle fundo os ſeus navegantes muyto ſoſſegados; & menos riſco correm elles na navegaçaõ, do que ſobre a ancora. Chamo aqui dar fundo, ao naõ arguir a conſciencia ao peccador da multidaõ das ſuas culpas. Ellas, como ondas deſte mar, a baterlhe no coraçaõ; & elle, como penha, em que todas quebraõ, deſprezando o ſeu embate. Qual o conſidera o Eſpirito Santo: *Impius, cùm in profundum venerit peccatorum, contemnit.* Só quando ſe levaõ de hum mar para outro mar; do profundo das culpas, para a profundidade das penas; entaõ achaõ, que naufragàraõ no porto, onde pareciaõ eſtar ſeguros ſobre amarra. Aſſim o experimentou hũ Rico Avarento; depois que ſe achou atormentado no inferno, advertio, q̃ ſeus irmãos poderiaõ perigar, como elle, eſtando no ſeu ſoſſego. Entaõ pedio a Abraham, que os mandaſſe acautelar do riſco, que corriaõ na tranquillidade dos ſeus peccados: *Ne & ipſi veniant in hunc locum tormentorũ.* Em quanto no fundo do mar das ſuas culpas, naõ ſentio eſtar afogado em toda aquella agua; & achou depois, que a falta de outra agua,

Prov. 18. 3.

Luc. 16. 28.

agua, & eſſa muyto pouca, ou taõ minima, que ſó chegaſſe a humedecer a ponta de hũ dedo, & a da lingua, o fazia afogar em hum mar de fogo. *Pater Abraham, mitte Lazarũ, ut intingat extremum digiti ſui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma.* E he a razaõ, porq̃ dizemos, que menos riſco correm no mar das culpas, os q̃ actualmente o navegaõ, do que aquelles, que nós conſideramos nelle jà ancorados: *In profundum peccatorum.* No tẽpo em que ſe navega eſte mar, ainda ſe póde livrar dos ſeus naufragios: aſſim como livràraõ na arca os que naõ afogou o diluvio; & livrou Jonas no ventre da Balea. Se hum David ſe vè debaxo dos ſeus peccados: *Iniquitates meæ ſupergreſſæ ſunt caput meum, & ſicut onus grave gravatæ ſunt ſuper me*, póde ſair ſalvo, & livre daquella oppreſſaõ, ſó com pedir a Deos o perdaõ delles, ainda là debaxo das ſuas meſmas ondas: *De profundis clamavi ad te Domine.* E naõ aſſim o que jà deo fundo; o que ſubmergido em taõ profundo mar (como ſe eſtiveſſe ſurto em porto muyto pacifico: *In pace:*) ahi meſmo neſſe profundo: *In idipſum dormit, & requieſcit:* ou (& vem a ſer o meſmo) ahi naõ faz caſo do ſeu lamenta-

Ibid. 24. Pſalm. 37. 5. Pſalm. 129. 1. Pſ. 49. Ibid.

vel

vel naufragio: *Contemnit.*

9 Fortuna ſeria muyto para ſer deſejada, a daquelle naufragado, & no meſmo tempo dormente ſobre o ſeu profundo: ſe quizeſſe entender a cauſa de naõ ſair delle: ſe creſſe, que a cauſa era, porq̃ deſprezava os brados da conſciencia na hora em que elles aproveytaõ; & naõ quando attendia a elles aquelle Avarento, depois de ſe ver *Sepultus in inferno*, & implorava os ſoccorros de Abraham: *Pater Abraham, mitte Lazarum &c.* A repoſta, que entaõ lhe deraõ, he a que agora devem de ouvir os ſeus imitadores, os ſepultados, como elle, *In profundo peccatorũ.*

Luc. 16. 22.

Ibid 24.

Eſtàs muyto fóra de ſer ſoccorrido, pela immenſa diſtancia, que ha entre o teu merecimẽto, & o teu deſejado alivio: *Inter nos & vos chaos magnum firmatũ eſt.* Naõ ſe póde mudar a diſtancia *Separationis Beatorum à dãnatis*; aquella, q̃ jà eſtà decretada por Deos: *A Deo firmata, & ſancita.* Nem Lazaro póde là ir aliviarte: *Hi, qui volunt hinc tranſire ad vos, non poſſunt*; nem tu pódes vir cà aliviarte com elle: *Neque inde huc tranſmeare.* Entre os Avarentos, & os Lazaros, diz S. Gregorio, *Chaos eſt, quia poſt mortem nequeunt merita mutari, ut damnati trãſeant ad ſortem Beatorum, aut viceverſa.* E o

Ibid 26.

S. Amb. S. Chry ſoſtom. Theop. apud Cornel. hic.

Luc. 16. 26.

Ibid.

S. Greg. Hom. 4. & inter lin.

que ſe diz aos que jà ſaõ condenados, tambem ſe póde accommodar aos que o haõ de ſer: *Inter nos & vos chaos magnum eſt.* Nem a compayxaõ póde vir do Ceo para baxo: *Tranſire poteſt*; nem a oraçaõ ſubir da terra para o alto: *Poteſt trãſmeare*, ſe o profundo dos peccados he jà de morte, por ſerem elles incuraveis, & irremiſſiveis: *Si peccatum eſt ad mortem*, entaõ, diz o Euangeliſta, *Non roget quis.* Aquelles peccados, ſ̃ jà ſaõ de ſentẽça final, & irrevogavel, ſaõ de tal genero de mortaes, que por elles jà naõ valem rogos, nẽ interceſſões: *Quis non roget.* O inferno, ou profundo dos peccados (que vem a ſer o meſmo) *imum profundi peccatorum eſt ipſe infernus, vitaque infernalis*, & do qual poderáõ tãbem ſair os que nelle tem caido, he aquelle aſſento, do qual poderáõ ainda levantarſe os que pelo ſeu arrependimento differem com aquelle Prodigo: *Surgam, & ibo ad patrem, & dicam ei, peccavi in Cælum.* E quem poderà agora ſaber (pergũtaõ alguns) ſe eſtà no profundo dos peccados, pelos quaes *non roget quis*, ou dos quaes *poteſt quis ſurgere?* E a repoſta he para ſer taõ temida, como a que deo Abraham ao Avarento: entre nòs, & Deos, que ſó ſabe eſte ſegredo: *Chaos magnũ fir-*

S. Gregor. 4. Dialog. 38.

Luc. 15. 18.

1. Joan. 5. 16.

Ibid.

Comm. PP. & Theol.

firmatum eſt; nem elle ſe nos revela, nem nòs o penetramos. Mas, para que de algum modo, ao menos pelo ſegredo, que he noſſo, poſſamos deſcobrir o de Deos; dizemos nòs, & conſidere-ſe o que dizemos. Ninguem ſe perde, ſem que layba, que vay perdido; olhe cada hum para dentro de ſi, & logo verà qual he o profundo dos ſeus peccados: *Ex corde ſuo, aut ex ore cordis ſui ſe judicabit.* Nem para a emẽda da vida he neceſſaria a ciencia deſte ſegredo; baſta ſaberſe, que aſſim como cada hum de nòs póde caír de tal ſorte, que ainda ſe póde levãtar; tambem tal póde ſer a queda, que nunca ſe poſſa erguer. Naõ deſprezemos nòs o que a conſciencia nos diz; & logo cada hum entenderà, ſe eſtà *in profundo peccatorum, quia contemnit.* Se o Avarento naõ deſprezàra a ſome de Lazaro, Abraham naõ deſprezàra a ſua ſede delle. E naõ lhe diria, que por ter jà logrado em vida a ſua fartura: *Recepiſti bona in vita tua*, & Lazaro padecido a ſua miſeria: *Et Lazarus ſimiliter mala*, diſtava tanto hũ do outro: *Magnũ chaos inter nos & vos eſt.* O Avarento pois, q̃ quizer jà em vida medir a diſtancia, ou o chaos, que medea entre elle, & o mendigo, que naõ ſoccorre; bem a póde tomar entre eſtes dous extremos: *Bona ſua*,

Idem S. Greg. ſupra.

Luc. 16. 25.

Ibid.

& mala Lazari. E logo entenderà, qual he o profundo dos peccados em que ſe acha: verà, como ao alto da gloria, que goza Lazaro *In ſinu Abrahæ*, correſponde o abiſmo dos peccados, em que elle ſe vè: *In profundum peccatorum.*

Ibid. 22.

10 E ſe quizeſſe Deos, que para aquelles que leſſem eſtas verdades, ſerviſſem ellas de eſpelho, em que cada hũ viſſe o ſeu chaos, & mediſſe a diſtancia, que vay delle em peccado, ao juſto em graça! Jà o tem viſto o Avarento, na ſuppoſiçaõ de o haver hoje: agora he bem que vejaõ o meſmo, os q̃ por outras culpas ſe achaõ *In profundo peccatorũ*, & naõ attendem aos remedios, que os poderáõ tirar deſſe abiſmo; porque os deſprezaõ: *Contemnunt.* Naõ ſerà neceſsario, que diſcorramos por todos; & baſta, que comprehendamos a todos em hum diſcurſo. Querem pois ſaber os peccadores todos, qual he o profundo dos ſeus peccados? Vejaõ qual he o coſtume, que tem de peccar, & eſſe he o profundo, em que dormem, ou o centro, em que deſcanção. *Cõſuetudo eſt quaſi lectus, in quo ſuaviter peccator recumbit: imò eſt quaſi centrum, in quo planè quieſcit, & affixus eſt.* Eſtà no ſeu centro aquelle peccador, que por força do coſtume foy levado ao profundo

Corn. in Prov. 18. 3. ex D. Chryſoſtom. ep ſt. ad Theod.

das

das ſuas culpas. E entaõ, quando *in illo affixus*, naõ ſobe para cima; porque ſe naõ levanta arrependido: nem ſe move onde eſtà; porque naõ ha impulſo de Deos, que o mova: *Nullum ſentit conſcientiæ remorſum, vel gratiæ excitantis impulſum.* E ſó eſtà para ſe mover, quando decer do centro da culpa para o da pena; quando tirado de hum profundo para outro, vir que foy devorado de ambos. De hum, em que primeyro o lançàraõ os ſeus peccados; & de outro, em que por ſentença de Deos foy depois lançado. E ſaõ os dous abiſmos do Salmo: *Abyſſus abyſſum invocat*, & os do ſeu commento:

Corn. ibid.

Pſ.41.8.

Abyſſus humanæ malitiæ invocat abyſſum Divinæ Juſtitiæ. Muyto parecido conſideramos eſte chamado de hum abiſmo por outro, com aquelle ſallado de hum dia com outro dia: *Dies diei eructat verbũ*; & de hũa noyte com outra: *Et nox nocti indicat ſcientiam.* Senaõ nas materias do chamado dos abiſmos, & do ſallado dos dias, & das noytes; porque os ſuppomos differentes: nas ſemelhanças das locuções, que agora lhes accommodamos. De dias, & de noytes ſe cõpõem as vidas dos que ſe achaõ no profundo, ou centro de ſeus coſtumados peccados. E ſe o abiſmo das culpas chama pelo abiſmo das

Bellar. ibi.

Pſ.18.3.

Ibid.

penas; porque hum mal chama por outro mal; o mal dos peccados pelo mal da ſua condenaçaõ: *Abyſſus malitiæ abyſſum juſtitiæ*; junto com as vozes do abiſmo vaõ tambem as dos dias, & das noytes dos peccados. Como ſaõ peccados de coſtume, os dias, & noytes, que ſaõ as medidas do coſtume, & mais dos peccados, vaõ ſallando dias com dias, & noytes com noytes, & dizendo huns aos outros a ſua malicia; aſſim como no meſmo tempo hum abiſmo chamando pelo outro, lhe eſtà dizendo o ſeu mal: *Abyſſus abyſſum invocat* Malicia, ou mal de hum dia chamou Chriſto ao cuydado do provimento deſſe dia; & por iſſo nos diz, q̃ deyxando a cada hũ dos dias o ſeu mal, ou a ſua malicia, (o cuydado do provimẽto de cada hũ quer dizer) naõ ajuntemos ao mal do dia de hoje, o mal do dia de à manhã: *Nolite ſoliciti eſſe in craſtinum ſufficit diei malitia ſua*; que he o meſmo, commentaõ S. Chryſoſtomo, Santo Hilario, & S. Jeronymo: *Nequaquam ulterioris diei cura te conterat.* E ſe no coſtume de ſuſtentar a vida, que de ſua natureza he bom coſtume; o cuydado do ſuſtento póde ſer mao, ou mal que atormenta: *Diei cura te conterat*; naõ ſe póde duvidar, q̃ o coſtume de depravar a vida (coſtume taõ mao,

Matth. 6 34.

Corn. hic.

mao, ou taõ peſſimo coſtume) ſeja taõ carregado mal, que leve ao profundo, ao centro, & ao abiſmo de todos os males: *In profundum malorum.* E muyto menos ſe duvidarà, q̃ com vozes mudas os dias deſte coſtume vaõ lembrando hũs aos outros o ſeu mal, & levando para o abiſmo os coſtumados a eſſe mal; quanto muyto menos mal, que eſte coſtume, & ſó o mal deſejado, diz S. Paulo: *Deſideria inutilia*, baſtaõ para eternamente ſumergirem: *Mergunt in interitum.*

1. Tim. 6. 9.

Ibid.

11 Deſtes maos deſejos (ainda ſuppondo que ſaõ peccados leves) ſe vaõ formando, & diſpondo as linhas, que levaõ ao profundo, ou centro dos graves. E aſſim o havemos de entender, diſcorrẽdo agora ſobre as linhas da circumferencia do centro. Se quanto eſtas mais diſtaõ delle, mais ficaõ diſtando entre ſi, conſideradas do centro para a circumferencia; tambem, quanto ellas ſe vaõ unindo entre ſi, conſideradas da circũferencia para o centro, mais ſe vaõ a unir nelle. E entaõ he, que o peccador eſtà no profundo, ou no centro dos ſeus peccados; porque pezando todos ſobre elle: *Mergunt in interitum.* Vejamos mais diſtintas eſtas reflexões; & bom fora, que foſſe com proveyto noſſo. Diz hũa ſentença: *In circuitu impij ambulant:*

Pſ. 11. 9.

andaõ em roda os peccadores: & diz outra: 2. Petr. 5. 8. *Diabolus tamquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret*: & o demonio os rodea, para ſerem delle tragados. E tanto da conſtruiçaõ de hũa ſentença, como da outra; ſempre entendemos, que o homem he o centro, & que os peccados movidos pelo demonio lhe formaõ a circumferencia. Iſto aſſim advertido, todos vemos, como as linhas deſta circunferencia, ou deſte circulo (os ſeus peccados queremos dizer) vaõ a parar no homem, começando entre ſi ſeparados, & acabando nelle juntos. Levanta-ſe na roda deſta circumferencia (ſuponhamos neſta hora) hum mao deſejo fomẽtado pelo demonio, muyto deſtro em lançar as ſuas linhas, para com ellas nos levar ao caminho da perdiçaõ eterna; o qual deſejo vay a ter o ſeu termo no coraçaõ humano. E ſuppondo, que depois na ſeguinte hora ſe levantou outro de diverſa malicia, dirigido tãbem pelo author de todos; eſte ſegundo, aſſim como o primeyro, vay a terminarſe no meſmo coraçaõ. Hum, & mais outro deſejo, (tomemos por exemplo o da inveja, & o da ira) tendo entre ſi a diſtancia de hũa hora, & buſcando por termo o noſſo coraçaõ, nelle pàraõ juntos, & obraõ unidos. Do meſmo modo,

do, ſeguindo-ſe os deſejos deſordenados, hũs depois dos outros com as diſtancias entre ſi, ou de horas, ou de dias, ou de ſemanas, ou ainda de annos; aſſim como eſtes tempos fazem circulo; os peccados nelle commettidos, & encaminhados ao ſeu cẽtro, vaõ todos em hum meſmo ponto a ferir o coraçaõ do peccador. E elle no meſmo tempo: *In circuitu ambulans:* & o demonio juntamente: *Circùm quærens, ut devoret:* como nos parecerà que ſe acha, ſem o ſentir, eſte miſeravel, & deſgraçado no ſeu profundo: *In profundo peccatorum?* Digo, que ſem elle o ſentir; porque iſſo he o que ſe nos repreſenta no centro de qualquer roda, quando ſe move. Toda a ſua inquietaçaõ mais ſẽſivel anda à viſta nos gyros da circumferencia; & os que faz junto ao centro, parece, que ſe naõ vem, nem ouvem. Tal he o coraçaõ humano, conſiderado como centro dos peccados; ou taes ſaõ os peccados, rodeando o coraçaõ humano como centro. Os homicidios, os roubos, os odios, & os tropeços, ou quedas da natureza, andaõ publicos pela circumferencia, ou circulo da vida; & eſſes meſmos peccados volteando com o meſmo circulo junto ao coraçaõ, o rodeaõ com movimento mudo, & quaſi inſenſivel. E he o q̃ a experiencia,

& a eſpeculaçaõ nos enſinaõ: tudo o que vay ao centro, ou nelle ſe acha, alli pàra, & naõ ſe move: *Centrum detinet res ſibi fixas: & res in centro nullum generant motum.* E ainda que iſto propriamente ſe entende do centro permanente, qual he o da terra: do centro, q̃ podemos chamar volante, como he o da roda, tambem ſe póde entender o meſmo. Tãbem o ſeu centro tem as linhas da ſua circumferencia, *Sibi fixas*, & o coraçaõ humano, como centro naquelle repreſentado, & rodeado das ſuas culpas, do meſmo modo, *Detinet peccata ſibi fixa: & ipſa in eo non generant motũ.* Faz a roda do anno o ſeu gyro tantas vezes, quantos ſaõ os ſeus circulos annuaes: & o peccador ſem ſe mover (ſem ſe emendar queremos dizer) como cẽtro deſta roda, *In circuitu inſenſibiliter ambulat.* Succedem huns gyros a outros gyros; huns annos a outros annos; & o peccador como centro deſtes circulos quaſi immovel: *In circuitu.*

Cõmun Philoſ.

12 Mas nem por iſſo deſconfie elle de ſe ver livre deſtes circulos: antes, para que ſe anîme a rompellos, & a quebrar as cadeas das ſuas culpas, que por ſemelhança com as linhas da circumferẽcia, vaõ a prender nelle, como em centro, lhe damos a crer eſtas verdades.

des. Reſolva-ſe elle a desligarſe deſtes laços, & eſpere verſe ſolto de todos com hum ſó cõ-
Pſ.50.5. feſſar, que peccou: *Peccavi*, & com hum ſó naõ querer peccar:
Joan.5. 14. *Jam noli peccare.* Tres ſaõ os tempos, em que o peccador ha de ver, como ſoccorrido da Divina graça póde vencer ao peccado. O primeyro, he antes de cair nelle: o ſegundo, he depois de ter nelle caído: & o terceyro, he quando o póde ver perdoado. E em todos deve conſiderar como morre, & vive a alma; ouvindo a Santo Iſidoro, que em ſentença muy-
S. Iſid. lib. 1. ſentent. cap. 14 to breve diz tudo. *Perpetrare flagitiũ aliquod, mors animæ eſt: & permanere in culpa, in infernum deſcendere eſt.* Viver em peccado, he matar a alma; & he ir para o inferno, deyxar eſtar no peccado. Agora alternando as clauſulas deſta ſentença, diſcorra comſigo meſmo o peccador, quando ſe vir nos tres tempos, que lhe temos advertido: & ſuppondo-ſe no primeyro deſtes tempos, que he o da tentaçaõ do peccado, diga aſſim. Hum ſó peccado do genero dos mortaes, póde ſer a morte da minha alma: *Flagitiũ aliquod.* E que por raõ pouco, tal vez por hũ ſó deſejo deſordenado, naõ repare eu morrer hũa tal morte: *Mors animæ?* Pois naõ hey de fazer o peccado. Para naõ morrer a alma,

póde

póde baſtar hum temor de taõ horrivel morte: *Mors animæ.* E que poſſa mais que eſte temor, aquelle peccado: *Flagitium aliquod?* Pois quero no temor do peccado livrar daquella morte. E ſuppondo-ſe o peccador no ſegundo daquelles tempos, que he o do peccado jà cõmettido, faça eſte diſcurſo. Mais difficultoſa he a reſurreyçaõ do corpo, que a da alma; porque para hũa, & naõ para a outra, he neceſſario haver milagre: naõ reſuſcita o corpo, ſem uniaõ de milagre; & ſó com arrependimento da culpa póde reſuſcitar a alma. E que arrependendome eu do peccado, reſuſcite a minha alma da ſua morte: *Mors animæ*, & ainda a tenha morta o meu peccado *Flagitium aliquod?* Pois eu naõ quero perſeverar morto no peccado; para q̃ torne a viver a alma. A morte da alma he mais abreviada que a do corpo: hũ ſó penſamento conſentido baſta, para ſeparar a graça da alma, que he a ſua morte. E naõ he taõ apreſſada a commua deſuniaõ da alma do corpo, que he o ſeu morrer. E q̃ conſentiſſe eu, apreſſarſe a morte da minha alma, deſunindo-a da graça hum penſamento: *Flagitium aliquod?* E q̃ naõ trate de abreviar tambem pelo pezar das minhas culpas, a vinda da meſma graça, para livrar logo da

morte

morte a minha alma: *Mors animæ?* Pois, naõ mais detença: eſtale o coraçaõ de dor, & recupere a minha alma a graça. Suppondo-ſe finalmente o peccador no terceyro tempo dos tres inſinuados, q̃ póde ſer o do perdaõ das culpas; và accommodando, & complicando os ſentidos da ſegũda parte daquella ſentença: *Permanere in culpa, in infernum deſcendere eſt.* Quem eſtà, como eu agora eſtou, ſumergido no mar das culpas, ou as poderà ver perdoadas, ſaindo logo das ſuas ondas; ou irà por ellas condenado aonde ſe vive em eternas penas. Ou ſer ſalvo, ou ſair condenado, he o q̃ me reſta. Naõ ſe perſevera no eſtado da culpa, ſem mudança para algum deſtes dous extremos: ou ſalvaçaõ, ou cõdenaçaõ. Por iſſo, ſe eu me naõ arrependo, quero *Permanere in culpa*; & por conſequencia, quero tãbem *In infernum deſcendere.* Se do eſtado da culpa, ou ſe ha de ſubir para o da graça, ou decer para o da pena; porque ahi naõ ha outro terceyro eſtado: eu, que me naõ reſolvo a ſubir para o da graça, jà me eſtou vendo ir para o da pena: *In infernum deſcendere.* E ſe o que eſtà em graça, ha de fazer por naõ decer daquelle eſtado; bem moſtra, que vay delle caindo, quem faz por eſtar em peccado: *Permanere in culpa.*

pa. A confiſſaõ de meus peccados, he ſó o unico remedio, que me póde livrar do mayor, & ſummo mal, que he a continuaçaõ do peccado: *Permanere in culpa.* Mas eſtou vendo, que todo o tempo até aqui paſſado, tem ſido o do caminho, que me leva a ſer condenado: *In infernum deſcendere.*

13 Naõ pare ainda o peccador com os ſeus diſcurſos, para ſe animar a ſair deſtas anguſtias: tome a medida ao circulo, que ellas lhe fazem, & veja como lhe moſtra a ſentença, que vay diſcorrendo, outra roda, que o leva arrebatado *In circuitu.* Das quatro clauſulas da dita ſentença: *Flagitium perpetrare: mors animæ eſt: permanere in culpa: in infernum deſcendere eſt*, componha os dous diametros deſta roda. E pondo-ſe no extremo de hum delles, q̃ he o da contracçaõ das culpas: *Flagitium perpetrare*: note, como o vay levando a roda ao ſegundo, que he o da morte da alma: *Mors animæ*; & como ſem detença ſe vè no terceyro, que he o da perſeverança no peccado: *Permanere in culpa*; & logo no quarto, que he o da eternidade da pena: *In infernum deſcendere.* E porque eſta roda naõ tem ſoſſego; & feyto hũ gyro, no meſmo tempo jà começa a fazer outro; advirta, como outra vez ſe acha no primeyro: *Flagitiũ per-*

perpetrare ; & ſucceſſivamente ſe vaõ formãdo, & ſeguindo outros ſemelhantes, ſem pararem, nem fazerem pauſa, em quanto naõ emmenda a vida, & ſe arrepende das culpas. E naõ he iſto: *In circuitu ambulare*? Nem diga o peccador, que a aſpereza da penitencia he a q̃ o tem prezoneſta roda: nem que os grilhões das ſuas culpas, dos quaes lhe parece, que jà ſe naõ poderà ver ſolto ; o perſuadem a crer, que nunca mais poderà ſair della. Pondere com attençaõ, como ſe lhe farà a penitencia ſuave, & naõ ſó poſſivel, mas muyto facil a ſoltura das ſuas prizões. Confira com reflexões novas, as difficuldades da penitencia, & da emmenda da vida com a judicioſa ſentença, que ſe lhe vay advertindo, & o q̃ nella lhe vem a dizer o ſeu author. A penitencia principal, he a dor das offenſas de Deos : & como eſte ſentimento he hum affecto do coraçaõ ; fica naturalmente adoçada a amargura das lagrimas, & ſem violencia o pezar das culpas. Suaviza-ſe a dor de todos, & dos mayores peccados, olhando-ſe para a horrivel fealdade de hũ ſó *Flagitium aliquod perpetrare*. A mayor aſpereza da outra penitencia, que he caſtigo do corpo, naõ paſſa da pena temporal. Teme-ſe, he verdade, quando ſe diz:

diz: teme-ſe, quando ſe vè: & teme-ſe, quãdo ſe começa; mas, porque naõ he eterna, ama-ſe quando ſe acaba. E he para muyto mais temida a pena da alma; pois poderà ſer, que nunca ſe lhe veja o fim, ſe ella começou a ſer a ſua morte no principio: *Mors animæ.* Os laços do peccado mais facilmente ſe quebraõ, do que ataõ: para elles atarem, he neceſſario que o peccado ſe commetta: quem naõ obrou, naõ peccou, nem o peccado o atou. E para ſe deſatarem, baſta confeſſarſe, que elles atàraõ: ſò com o peccador dizer, q̃ peccou; a ligadura de todos os ſeus peccados ficou deſatada. He logo a mayor de todas as ſuas culpas: podendo elle ſoltarſe dos grilhões com que ellas o prendem; querer ainda ficar nellas: *Permanere in culpa.* No caminho da virtude, o naõ ir para diante, he tornar a começar: quem naõ perſevera em lhe conſeguir o fim; tudo o q̃ jà tem andado, pouco differe do ſeu principio. E no caminho do peccado, baſta naõ ſe querer ir por diante, para ſe deſandar o que jà eſtava andado: quem ſe arrependeo de ir por eſte caminho, ſahio-ſe delle. Sendo pois muyto mais facil o ſairſe do caminho do peccado, que continuarſe o caminho da virtude; anime-ſe o mayor peccador,

dor a deyxar eſte caminho: entendendo, que a demora de ſe naõ ſair delle, he ir por elle, & para onde elle leva: *In infernum deſcendere eſt.*

14 A concluſaõ finalmente deduzida de todos eſtes argumentos, deve ſer a reſoluçaõ do peccador, que os tem lido, ſaindo do profundo de ſuas culpas, onde até aqui o conſideramos *In profundo peccatorum.* Naõ ſe diga delle, que continùa no deſprezo das verdades, q̃ lhe diſſemos, & das inſpiraçõẽs, q̃ Deos lhe eſtà dando: *Non contemnit.* Nem deſconfie da ſahida deſte profundo, poſto que ſejaõ jà paſſados muytos annos, depois de ter decido a elle. Ainda Deos lhe póde, & quer dar a maõ, para o tirar debaxo do pezo deſſe mar dos peccados, q̃ o tem ſumergido. Aſſim como de Chriſto profetizado por David no fũdo das tormentoſas ondas da ſua payxaõ: *Tẽpeſtas demerſit mẽ*, ſe diz em ſeu nome: *Non abſorbeat me profundũ, neque urgeat ſuper me puteus os ſuum:* accommode a ſi meſmo eſte texto profetico; & crea, que ainda o poço em q̃ tem cahido, & debaxo de cuja agua o temos conſiderado, naõ lhe impede a ſahida: *Non urget os ſuum.* Se foy caſtigo de Deos, deyxallo ir ao fundo, ainda eſte *Eum non abſorbet*, nem o faz deſeſperar de ſurgir ſobre a

Pſ. 68 3.

Ibid. 16.

agua, que alli o ſepulta. A meſma maõ, que por juizos do Altiſſimo deſempara o peccador, & o deyxa ſumergir: *Deducit ad inferos*, eſtà ſẽpre prompta para o ſalvar do profundo em q̃ ſe acha: *Et reducit.* Abra elle a boca là do fũdo aonde foy, lhe diz Santo Agoſtinho, implorando a Divina miſericordia: *De profundis clamet*, & verà, como o poço de ſuas culpas naõ fecha a ſua; mas antes o deyxa ſair livre. *Puteus non claudet ſuper te os ſuum; ſi tu non clauſeris os tuum.* E eſte poço, na ſua cõſideraçaõ he a meſma maldade do peccador: *Puteus eſt humanæ iniquitatis profunditas*; quanto mayor a malicia do peccado, mais profundo o poço. E por iſſo o que nelle cahio, ha de ſairſe de ſi meſmo, para q̃ delle poſſa ſair: em quanto naõ confeſſa o peccado, ſe deyxa ficar no poço. Nem pareça impoſſivel, poder ſairſe de ſi meſmo o peccador: ſe he poſſivel, poder o obediente negarſe a ſi meſmo: *Abneget ſemetipſum.* Aſſim como o negarſe hum a ſi meſmo, he naõ ſer o que he por ſugeyçaõ, & rẽdimento da vontade: o ſairſe de ſi meſmo, he naõ fazer o que faz por deteſtaçaõ, & emenda do peccado. Se aquelle que pecca, a ſi meſmo ſe lança neſte poço: *A concupiſcentia ſua abſtractus, & illectus*: quando

1. Reg. 2. 6.

Ibid.

S. Aug. apud Corn in Prov. 18 3.

Idem ibid.

Marth. 16. 24.

Jac. 1. 14.

quando depois ſe arrependе do peccado, de ſi meſmo ſe ſahe, tirando-ſe do poço, em que ſe lançou; porque o ſeu peccado he eſte poço: *Puteus, iniquitatis profunditas.* Quer pois o peccador, conclue Agoſtinho, ſair deſte poço? Arrependa-ſe, & tire-ſe do profundo do ſeu peccado, & ſahirà: *Confitere, & evades.*

15 Eſta he a difficuldade toda: o conſelho daquelle *Confitere*, he a repugnancia fomẽtada pela aſtucia do demonio, por naõ querer que o peccador livre do profundo das ſuas culpas: *Ut non evadat.* Porèm naõ he o ſilencio dos peccados com que elle perſuade os deſvios da confiſſaõ, ſegredo taõ fechado, quãto elle o faz parecer. He, quando muyto, como o da mina; occulto ſò em quanto ella naõ arrebenta. Là virà hora, em que a mina dos peccados por ſemelhança com a do fogo, os lance fòra; & entaõ os manifeſte ao mundo todo, congregado naquelle theatro univerſal do ſeu ultimo, & tremendo dia: *Quidquid latet, apparebit.* E que importou a hum peccador ter os ſeus peccados encubertos até aquelle tempo? Certamente de nada lhe valeo o ſeu ſegredo. Se tinha livrado do pejo, ou confuſaõ de os confeſſar; muyto mais entaõ publicados o haõ de confundir. Se

os confeſſaſſe, ſeria hũa ſó a ſua confuſaõ, & poderia dizer: *Confuſio faciei meæ cooperuit me.* Mas naquelle dia deſcubertos, tantas confuſões lhe cobriráõ o roſto, quantas forem as preſenças, & olhos dos que o virem: & dirà entaõ: *Confuſiones cooperuerunt me.* O pejo do peccador, quando confeſſa os ſeus peccados, naõ he mais que hum, ainda que os peccados ſejaõ muytos; porque he hum ſó o q̃ os ouve: he ſó o Confeſſor. He (tragamos por exemplo) hum ſó Nathan ouvindo a cõfiſſaõ de David: *Peccavi.* E hum ſó peccado retirado da confiſſaõ, & deſcuberto no dia do juizo de todos; tantas confuſões ſe multiplicaráõ, & tãtos véos de pejo ſe lançaráõ ſobre o roſto do q̃ o callou, quantos alli ouvirem dizer o ſeu *Peccavit.* Mais peccados, que hum ſó, eraõ os de David, naõ negados, mas antes confeſſadõs (digamolo aſſim) aos pés de Nathan, que delles o arguhia por mandado de Deos: & de hum ſó pareceo a abſolviçaõ, que lhe deo o Profeta: *Dominus tranſtulit peccatum tuum.* Hum ſó peccado era o de Adam cõmettido no Paraiſo, & por elle deſculpado: & bẽ nos poderà parecer encuberto, quando para naõ ſer arguîdo por Deos, fugio da ſua preſença: *Abſcondit ſe à facie*

Pſ. 43. 16.

Ibid.

2. Reg. 12. 13.

Gen. 3. 8.

facie Domini: & na ſentença que ouvio, foraõ condenados à morte, primeyro elle pelo ſeu peccado, & depois todos os ſeus deſcendentes por quantos haviaõ de fazer nelle originados: *In pulverem revertêris.* Muytos peccados confeſſados por David; na ſua abſolviçaõ ouvemſe como hũ ſó: *Peccatum tuum.* E fez ouvida hũa ſentença de quantos peccados ainda hoje ſe eſtaõ cõmettendo, hum ſó, que Adam deſculpava, & eſcondia: *A facie Domini.* E taõ eſcondidos ficaõ os peccados confeſſados, & os callados ficaõ taõ deſcubertos, que os confeſſados ficaõ mortos, & ficaõ vivos os callados. Ficaõ mortos os confeſſados; porque iſſo ſe mandou dizer do Ceo que fizeſſe S. Pedro, o primeyro Miniſtro da Cõfiſſaõ. Nos animaes daquella viſaõ: *Vas quoddam, velut linteum magnum, in quo erant omnia quadrupedia, & ſerpentia terræ, & volatilia cæli*, ſe lhe repreſentáraõ os peccados do mũdo; & lhe foy dito que os mataſſe, & comeſſe: *Surge Petre, occîde, & manduca.* He commento de S. Gregorio: *A peccato eos, qui vivunt, interfice, & illos in tua membra converte.* E ficaõ vivos os peccados encubertos; porq̃ tanto monta eſtar em theſouro, como em viveyro: & em theſouro ſe conſervaõ os peccados,

Ibid. 19.

Act. Apoſt 10. 11. & 12.

Ibid 13.

S. Greg. 18. Moral. c. 20.

para os caſtigar a Divi=
Ad Ro-man.2. 5. na Juſtiça : *Theſaurizas iram Dei.* Manda=ſe, que os peccados na repreſentaçaõ de plantas vivas (de ſizania entendemos) ſe conſervem
Matth. 13. 30. na terra : *Sinite creſcere,* para depois ſerem conſumidas no fogo : *Colligite ad comburendum.*
Ibid. Iſto vem a ſer o que ſe aconſelha ao peccador : dà os teus peccados a ſerem mortos,& comidos pelo Confeſſor ; & naõ os conſerves em viveyro , retirando-os da confiſſaõ , ſe queres ſair do teu profundo : *Ut evadas.* Olha, que eſta he a hora, em que Deos te eſtà fallando ao coraçaõ pela inſpiraçaõ , que neſte inſtante te dà. E que aſſim como o peccado ultimo da impenitencia final , leva ao inferno ; eſta inſpiraçaõ , que agora te dà Deos , poderà ſer a ultima, que te encaminhe para o Ceo. Naõ deyxes paſſar eſta hora, em que ainda pódes ſair do teu profundo : *Hora eſt jam te de ſomno ſurgere.* Ad Roman 13. 11. Se a deſprezares , poderàs ir a outro profundo, onde para ſe ſair delle , naõ ha a hora *De illo ſurgere.* E he o q̃ mais atormenta aos q̃ alli ſe lamentaõ ſumergidos : deſeſperar de haver para elles eſta hora , como havemos de ſuppor , que eſtaõ dizendo : *Oh ſi daret hora !*

(!)

Payxaõ.

Payxaõ.

§. VIII.

16 TAnto ſe cõdena a demaſiada do louvor, como a do vituperio leve: naõ he para ſe reprovar mais hũa, que outra. Para os apayxonados do vituperio naõ ſe determina medida; porque toda ſe lhes prohibe: dizer mal, nem levemente. E os q̃ apayxonaõ pelo louvor, ainda ſendo para dizerem bem, haõ de medir o que dizem; & paſſar deſta medida, he arriſcar a verdade. Querem muytas vezes os cegos da ſua inclinaçaõ louvar tanto aos que lho merecem; que chegaõ com o ſeu encarecimẽto até o impoſſivel: ou ao menos até o milagroſo, dizendo delles maravilhas. Fazem o que fez o povo Iſraelitico, adorando o idolo de ouro, que para aplacar a ſua indignaçaõ pela auſencia de Moyſes, lhe fundio Araõ. Naõ, porque apayxonados do louvor o quizeſſem engrandecer; mas, porque vendo nòs adorar a quem o naõ merecia, fazemos deſte indigno adorado hũa figura de louvados, ſem merecerem tanto louvor as ſuas obras. Iſto he o que fizeraõ os adoradores daquelle idolo: diſſeraõ delle maravilhas. Começando ainda entaõ a ſer deos, diziaõ, que jà havia ſido ſeu redemptor *Hi ſunt dij* Exod. 32. 4.

tui, qui te eduxerunt de terra Ægypti. E que elogio mais maravilhoſo, ou impoſſivel mayor podiaõ dizer daquelle deos? Reconhecerem lhe já obrar, quãdo ainda naõ tinha ſer. Eſte deos, que agora apparece de preſente: *Hi dij*: elle he, & elle foy o que nos libertou de preterito: *Qui eduxerunt.* E naõ paravaõ aqui as ſuas maravilhas: naõ ſó obrava, ainda quando naõ era; mas ſendo hum: *Egreſſus eſt vitulus*, ouvia-ſe reputar por dous: *Hi ſunt dij.* E he outro milagre dos louvados da payxaõ: ſempre eſtes trabalhaõ por muytos: *Hi ſunt*; & obraõ como divindades: *dij.* E já que imos accommodando o que ſe diſſe daquelle idolo; muyta alma fica dando à noſſa conſideraçaõ, outra ſobre o meſmo reparo. Naõ faltou quem entendeſſe, que para fazerem aquelles idolatras de hum deos, dous deoſes, ſeria a cauſa, apparecer feyto o idolo em tal proporçaõ do Sol, que hum ſeria o Vitulo de ouro, & outro pareceria ſer a ſombra do Vitulo. Porque pondo entaõ nelle os olhos os cegos da idolatria, aquella repentina viſta os faria naõ advertir, que hum Vitulo era o fundido, & o outro era o ſombrio: hum verdadeyro, & apparente outro. E poſto que nos naõ citaõ cõ o author deſta conſideraçaõ

Ibid. 14.

Rupert hic.

raçaõ o ſeu lugar; bem a podemos approvar. Porque ſe jà houve, quẽ cobrando viſta milagroſa, vio a homens andar como arvores; naõ he muyto, que os que cegavaõ por aquelle deos, (jà que as payxões tambem cegaõ) ſem elle ſer milagroſo, o viſſem como dous, ſendo elle hum ſó. E mais quando a ſua cegueyra os faria avaliar por myſterioſa aquella viſaõ, crendo que eraõ dous, & naõ ſó hum o deos, que alli lhes apparecia: por naõ ſer hum, mas muytos os q̃ elles tinhaõ pedido a Araõ na falta de Moyſes; & reſponderia entaõ o ſucceſſo à ſua exclamaçaõ: *Fac nobis deos, qui nos præcedant.* Ibid.

Suppoſta pois a contingencia deſte poſſivel: a multiplicaçaõ apparente dos dous Vitulos, hum de ouro, outro da ſua ſombra; bem podemos moralizar, & dizer, que baſta a ſombra dos que a payxaõ affectuoſa chama divinos, para ſe publicarem delles milagres: para que ſó hũa ſombra ſua os faça dignos de grãdes acclamações: *Hi ſunt dij.* Taes ſaõ as maravilhas de alguns dos idolos do mundo, por ſerem bem aſſombrados (como ſe as couſas màs tambem naõ aſſombraſſem) grãgeaõ canonizações de aſſõbros; ſendo que os ſeus adoradores ſaõ aquelles que chegados a ſemelhante ſombra, *In umbra* Luc. x. 79.

bra mortis ſedent. E ſem nos ſairmos da ſombra daquelle deos : do idolo queremos dizer feyto da ſombra do de ouro ; deſcobrimos tambem argumento contra os apayxonados do vituperio. Eſtes, em chegando a dizer mal, de qualquer ſombra fazẽ hũa realidade : aſſim como os que fizeraõ hum deos daquella ſõbra. E tambem como os invejoſos irmãos de Joſeph, ſó de hũa ſombra, ou ſonho de adorado : *Putabam veſtros manipulos adorare manipulum meum*, inferiraõ, & creraõ, que elle aſpirava às adorações de algum reynado : *Numquid rex noſter eris?* Sombra, & ſonho, pouco differem : ſe a ſõbra naõ he o que repreſenta ; o ſonho não dà o q̃ offerece. Porèm os q̃ querem dizer mal, daõ corpo à ſombra, & vulto ao ſonho. Aſſim como do que naõ era, dizem que foy : *Hi dij eduxerunt*; do que eſcaçamente ſe ſonha, dizẽ que he: *Rex eris.*

Gen. 37. 7.

Ibid. 8.

Paciencia.

§. IX.

17 ASſim como he deſpojo do corpo, he poſſe da alma; & o meſmo tẽpo do corpo deſpojado, he o da alma poſſuida. Por deſpojo do corpo (depois trataremos da poſſe da alma) entendemos aqui toda a privaçaõ dos ſeus commodos : dos bens, que herdou, & dos que acquirio. Os bens

bens, que o corpo herdou, ſaõ os cinco ſentidos dados pela natureza, he a ſaude commua a todos os corpos; & tudo iſto participado por deſcendencia, & nacimento. E os bens, que elle acquirio; ſaõ o luxo do veſtido, o mimo da cama, o regalo da meſa, o agaſalho do apoſento, & o reparo das calamidades do tẽpo. Quando elle veyo ao mundo, naõ trouxe iſto comſigo: veyo, como Job diz, que viera: Job 1. 21. *Nudus egreſſus ſum.* E porque correndo os annos da vida, de tudo iſto ſe vay o corpo deſtituindo; de tudo tambem o conſideramos deſpojado: & a paciencia he a que deſtes bens o deſpoja. Ella he, a q̃ animando-o a ſofrer, lhe tira a recreaçaõ dos olhos, a que lhe diverte a dos ouvidos, a q̃ lhe afugenta a do olfacto, a que lhe eſtraga a do goſto, & a que lhe deſterra a do tacto: ella he a que o attenua com o cilicio, a que o afflige com a diſciplina, a q̃ o cinge cõ as cadeas, & a q̃ o debilita com as auſteridades; & eis-ahi como a paciencia o priva deſtes ſeus bens herdados. Ella tambem he a que o deſpe de precioſas roupas, & cobre com groſſeyros habitos: ella, a que o faz trocar o deſcanço brando do ſomno pela dureza da terra: ella, a que lhe ſubſtitue pelos pratos da fartura os da inedia: ella a que o perſuade a fugir

fugir das ſalas dos palacios para as covas dos deſertos: ella, a q̃ lhe offerece o calamitoſo do tempo pelo abrigado; & eis-ahi a paciencia deſpojando ao corpo deſtes ſeus bens acquiridos. O ſeu exemplar, que foy o Santo Job, tudo iſto experimentou: & quãdo ſe achou privado de todos eſtes bens, ficou a experiencia do ſeu ſofrimento para prova do noſſo diſcurſo. Vendo-ſe ſem a companhia da ſua familia, ſem a viſta dos ſeus amigos, ſem a inteyreza da ſua ſaude, ſem a deſcendencia da ſua caſa, ſem o ſeu luſtre peſſoal, ſem o ſeu eſplendor aulico: & entendendo, q̃ tudo iſto padecia, por Deos aſſim o permittir, diſſe, que por eſte modo o quiz de tudo iſto deſpojar: *Spoliavit me gloria mea.* Aſſim como a gloria de Job era a poſſe de todos eſtes bens; a privaçaõ delles, por querer Deos, que com ella padeceſſe, foy o ſeu deſpojo: *Spoliavit me.* Nem ſe dirà, q̃ iſto naõ foy propriamente deſpojo do corpo de Job: foy de Job todo: nem de hũa parte do compoſto humano; mas do compoſto todo; & que por iſſo diz: *Spoliavit me*; & naõ diz: *Spoliavit corpus meum.* Naõ ſe opponha (dizemos) eſta advertencia contra a noſſa cõſideraçaõ. Porq̃ quando o que ſe diz deſte todo, naõ com- Job 19. 9.

pre-

prehende ambas as partes, que o compõem; o dito mais he da parte comprehendida, que do todo. A primeyra ſentença, que ſe deo contra o homem todo: *In pulverem revertêris*, mais comprehendia o corpo, por ſer a parte, que ſe havia de desfazer em pò; do que a alma, que era a outra parte: *Et in pulverem non erat revertenda.* E para exemplo mais ſemelhante ao deſpojo do corpo de Job, temos o deſpojo daquelle Rico do Euangelho tambem dos commodos do ſeu corpo. Fallando a ſentença daquelle eſpolio com elle todo: *Stulte, hac nocte animam tuã repetunt à te*, o deſpojado do ſeu regalo: *Comede, bibe, epulare*, naõ foy a alma parte daquelle todo, incapaz de comida, & bebida: foy o corpo a outra ſua parte, de hũa, & outra couſa capaz: *Comede, bibe.*

Gen. 3. 19.

Luc 12. 20.

Ibid. 19.

18 Naõ ſendo pois improprio o deſpojo do corpo de Job; a ſua paciencia experimentada naquelle meſmo deſpojo, he para nòs exemplar muyto proprio. Naõ he verdadeyro paciente o que naõ vè ao ſeu corpo aſſim deſpojado: naõ ſó privado do que acquirio, mas tambem do que herdou. Eſte foy o argumento do demonio, quãdo Deos o fez examinador da paciencia de Job; & diſſe, que para prova da ſua paciencia,

ciencia, naõ baſtava a perda, & ruina de toda a ſua caſa, & de quanto nella tinha acquirido. Porque tudo iſto ſofrerà elle, para conſervar a
Job 2.4. ſua alma: *Cuncta, quæ habet homo, dabit pro anima ſua.* Tocaylhe vòs nos bens, que herdou da natureza: fazeylhe padecer o cor-
Ibid.5. po: *Tange carnem ejus*, & entaõ veremos a ſua
Ibid. paciencia: *Et tunc videbis.* Veremos, ſe aſſim ferido ainda conſerva a ſua alma, por vòs me teres ordenado, que lhe
Ibid.6. naõ toque nella: *Animam illius ſerva.* Se bẽ ſe advertio niſto, que o demonio diſſe; inferimos a outra parte da ſentença deſte diſcurſo, na qual agora entramos. Inferimos, que o meſmo tempo do deſpojo do corpo, he o da poſſe da alma. Porq̃, ſe a prova da paciencia de Job, era padecer no corpo: *Tange carnem ejus*, para ver, ſe entaõ conſervava a alma: *Animam illius ſerva*; o poſſuir da alma, he o deſpojar do corpo. He o que Chriſto nos diz, para conſervarmos eſta poſſe: *In patientia veſtra poſſidebitis animas veſtras.* E he o que entende S. Gregorio, quãdo definindo a paciencia, diz, que ella he a meſma poſſe da alma: *Eſt poſſeſſio animæ*; & deſcrevendo o doſſuidor da alma, diz, que he o que pela paciencia dominando-ſe a ſi meſmo, de ſi meſmo toma poſſe: *Dum nobis ipſis dominari*

Luc.21. 19.

S. Gregor. hq. mil. 35. in Evang.

dominari dicimus ; hoc ipſum incipimus poſſidere , quod ſumus. E ſe nòs diſsermos , q̃ ainda eſta poſse ſe eſtende a mais : que a paciencia naõ ſó ſegura a poſse inteyra da alma propria do paciente , mas que tambem tem parte na poſse das almas daquelles por quem ſe padece ; naõ ſerà propoſiçaõ ſem argumento, que a prove. S. Paulo, eſcolhido por Deos para padecer : *Vas electionis : oſtendam illi, quanta oporteat eum pro nomine meo pati*, iſto fazia. Segurava a poſse da ſua alma padecendo: *Maledicimur , & benedicimus : blaſphemamur, & obſecramus ;* & tambem com eſta ſua paciencia intereſsava a ſalvaçaõ das almas dos outros : *Ut plures lucrifacerem.* Era a ſua paciencia, como era a ſua alma, obrando em ſugeytos ſeparados. Aſſim como a ſua alma eſtava nelle , animando : *Anima eſt ubi animat ;* & eſtava nos outros, amãdo : *Et ubi amat ;* a ſua paciencia obrava nelle: *Omnia ſuſtineo* ; & mais naquelles por cujas almas padecia : *Propter electos , ut & ipſi ſalutem conſequantur.* Façaõ iſto meſmo todos os amantes pacientes , ou todos os pacientes, porque amaõ : entendẽdo, que ſem amor naõ ha paciencia : *Non alij, niſi amantes, veram poſſunt habere patientiam ;* & que no meſmo tempo em que eſtiverem padecendo :

Act. 9. post. 15. & 16.

1. ad Cor. 4. 12. & 13.

1. ad Cor. 9. 19.

2. ad Tim 2. 10.

Ibid.

Corn. in Luc. 21. 19.

decendo : *Suſtinendo propter electos*, eſtaràõ lucrando as ſuas almas: *Ut ſalutem conſequãtur.* E eſte modo de padecer, para ſalvar almas, & ter parte na ſua poſſe, he tambem hum modo de as comprar. Aſſim como S. Paulo diz de ſi, que padecia, para as lucrar: *Ut plures lucrifacerem*; diz, q̃ a paciencia do muyto que padeceo Chriſto, foy para as comprar: *Empti eſtis pretio magno.* Hũa deſtas compras de Chriſto foy a alma de Dimas: porque vendo elle as afrontas, & blaſfemias, que innocentemente padecia Chriſto: *Hic nihil mali geſſit*, logo lhe vendeo a alma: *Memento mei, cùm veneris in Regnum tuum*: & nós podemos dizer, que no meſmo tempo *Emptus fuit pretio magno.* Comprar almas cõ afrontas à viſta, he cõprar de contado: he no meſmo tempo da paciencia do afrontado: *Blaſphemabat eum*, ſalvarſe logo Dimas o cõprado: *Hodie mecũ eris in paradiſo.* Bom ſerà, que ainda hoje ſe vejaõ pacientes taõ amantes, como S. Paulo: naõ ſó com toda a poſſe da alma propria; mas tambem com a parte, que póde ſer, na poſſe das alheas: *Suſtinendo propter electos.* E melhor ſeria ainda, ſe chegaſſẽ com a ſua paciencia a comprar a ſalvaçaõ dos Dimas, que os viſſem padecer, chamando-ſe entaõ todos, *Empti hoc magno*

1. ad Cor. 6. 20.

Luc. 23. 41.

Ibid. 42.

Ibid. 39.

Ibid. 43.

magno pretio. Baſtarà porèm, que naõ faltem os poſſuidores da alma, por ſerem deſapoſſados dos commodos do corpo. Advertindo, q̃ naõ ſendo aſſim, ainda no meſmo tempo da poſſe, pódem ſer ſeus *Poßeſſores malæ fidei;* porque a teráõ em mà conſciencia, o que jà ſe vio em cauſa julgada. E foy na ſentença daquelle Rico da Parabola, que por naõ ter em boa conſciencia a alma, que lhe deraõ, por juſtiça lha tiràraõ: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.* A alma era ſua, como elle dizia: *Dicam animæ meæ;* mas porq̃ lhe fomentava os appetites deſordenados, perſuadindo-a ao regalo: *Comede, bibe, epulare,* o deſpojàraõ della, como delle mal poſſuida, & ſó poſſuidor dos bẽs do corpo: *Repetunt animam.*

Luc. 12 20.

Ibid 19.

Ibid.

Palavra.

§. X.

19 HE vocabulo da oraçaõ, & nella productivo de outros vocabulos: como naõ vem hum ſem outro, & o ſignificativo de todos he ligado, & ſucceſſivo; bem os podemos conſiderar em ſucceſſaõ productivos, & productos. Tomamos fundamento para eſta producçaõ (ainda q̃ metaforica) da ſemelhança, que Chriſto conſiderou entre a palavra de Deos, & a ſemente: *Semen eſt verbũ Dei.* Luc. 8. 11.

Dei. Aſſim como entre os grãos da ſemente ha producçaõ de huns a outros os que hoje foraõ productos, à manhãa ſaõ productivos; da noſſa palavra parecida com a ſemẽte, podemos tambem dizer: *Semen eſt verbum hominis.* Muyto authoriza a eſta noſſa conſideraçaõ, outra de Santo Agoſtinho; porque entendendo elle, que os milagres de Chriſto tãbem fallaõ. *Habẽt enim, ſi intelligantur, linguam ſuam*, diz com a ſua ſingular agudeza, que aſſim como Chriſto he palavra de Deos: *Quia ipſe Chriſtus Verbũ Dei eſt*, os ſeus milagres ſaõ palavras para os homẽs. *Etiam factũ Verbi verbum nobis eſt.* E formar palavras o que he obra: *Factum Verbi verbum eſt*; ſó porque he palavra o Author da obra: *Chriſtus Verbum eſt*, ainda he muyto mais, do que produzir (do modo que dizemos) o que he palavra, outra palavra, quando na pratica dos homens hũa vem deduzida da outra, & parece eſta ſucceſſaõ das ſuas palavras hũa producçaõ de ſemente: *Semen verbum hominis.* E prouvera a Deos, que muytas vezes naõ produziſſe tanto eſta ſemente! Naõ ſeriaõ taõ povoadas deſtas ſementeyras as ſeàras do demonio, ſe a palavra dos homens, como ſemente, naõ frutificaſſe tanto. Mas nòs vemos fertilizados campos

S. Aug. tract. 24. in Joan.

campos de murmurações, copioſas ſemeaduras de maos conſelhos, dilatadas culturas de ſizanias, de cantos profanos, de dialogos jocoſos, de ameaços iracundos, de negociações doloſas, & de enredos palliados: fruto tudo da mà ſemẽte da palavra do homẽ: *Verbum hominis, ſemen.* A palavra de Deos, porque he ſemẽte boa, ſó naõ frutifica, quãdo cae em terra mà: quãdo cae entre eſpinhos, que a afogaõ: *Exortæ ſpinæ ſuffocaverũt illud*; ou entre pedras, que a ſeccaõ: *Natum aruit, quia non habebat humorem.* Porèm, ſe cae em boa terra, frutifica nella, & frutifica em dobro: *Fecit fructum centuplum.* E a palavra do homem, quando he mà ſemente, nunca cae em terra boa: naõ porque cae entre eſpinhos; porque os que a ouvem, deſafogadamẽte a abraçaõ: nem porque cae entre pedras; porque os que a ouvem, ſempre eſtaõ de humor, para a receberem; mas porq̃ de ſua natureza he ſemente mà, & nunca póde haver terra, que para ella ſeja boa. E he a razaõ, porque havemos diſcorrer a palavra do homem, ſe a conſideramos como ſemẽte, de muyto diverſo modo, do que diſcorreo Chriſto a palavra de Deos, tambem como ſemente conſiderada. Naõ havemos de moralizar a palavra do

Luc. 8. 7.

Ibid. 6.

Ibid. 8.

homem, quando ella cae na terra; aſſim como Chriſto ponderou a palavra de Deos: Ibid. 5. 6. & 7. *Aliud cécidit ſecus viã: aliud cécidit ſupra petram: aliud cécidit inter ſpinas.* O noſſo aſſumpto he, quando a palavra do homem ſae da ſua boca; & he o tempo em q̃ ella, porq̃ Matth. 15. 11. *Procedit ex ore, coinquinat hominem.* Quando ella, como ſemente mà, jà vem ſendo productiva hũa da outra; entaõ he, que na locuçaõ dos homens hũa palavra mà traz a outra tãbem mà: & hũas ſaõ de outras deduzidas, como por producçaõ ſucceſſiva, & bem mà producçaõ. Porque, aſſim como as ſuas màs obras (accommodando nós a ſentença de Santo Agoſtinho) *Si intelligantur, habent linguam ſuã*; & bem mà lingua: & as ſuas palavras: *Sunt verbum facti eorum*, por eſta mà ſucceſsaõ: *Sunt verbum malum mali facti.*

20 E quanto mal tem feyto no mundo eſta peſſima geraçaõ! Ouçamos primeyro a Chriſto, que lhe deſcobrio o tronco, & o achou no coraçaõ do homem: *Quæ proce-* Ibid. 18. *dunt de ore, de corde exeunt, & ea coinquinant hominem*: o que vem do coraçaõ, & ſae pela boca, he o que faz manchados, & aſqueroſos. Tambem aqui falla Chriſto nos noſſos termos da producçaõ de palavras, *Quæ procedũt de*

de ore. Pouca differença vay entre o procederẽ as palavras da boca, & entre o produzir a boca as palavras; tudo he geraçaõ do modo, que a temos conſiderado. E deſta geraçaõ, diz logo Chriſto, nacem enor-
Ibid.19. mes culpas: *Exeunt cogitationes malæ, homicidia, adulteria &c.* Como toda a ſemente naõ ſó produz outra ſemẽte, mas tambem o fruto, de que he ſemente; a mà ſemente da palavra tudo iſto faz: produz, como jà temos dito, outra palavra; & tambem o ſeu fruto. A mà ſemente da palavra do furto (tomemos eſte por exemplo) traz cõſigo a virtude productiva de furto; & o meſmo ſe entende de toda a outra mà ſemente de palavras. Se diſſermos, que quando Heva tomou o fruto prohibido, de algum modo o furtou: tambem diremos, que a mà ſemente das palavras do demonio, & das ſuas, foraõ dirigidas para elle ſe furtar; & eſte o fruto, que haviaõ de produzir: *Tulit, & comẽdit.* Naõ poremos nòs em duvida, ſe foy furto o roubo da bençaõ, que Jacob, *fraudulenter*, fez a ſeu irmaõ Eſaù. E aſſim como naõ duvidamos do furto, ſeparando daquella permiſſaõ de Deos: *Maior ſerviet minori*; porque attendendo-ſe a ella, naõ havia furto; naõ diremos ſem fundamento, que a mà ſementeyra das palavras

Gen 3.6

Gen 27. 35.

Gen.25. 23.

lavras de Rebecca mãy de ambos, & conſelheyra do roubo, & de Jacob por ella aconſelhado, & o irmaõ roubador, produziraõ eſte fruto naquelle furto: Gen. 27. 36. *Surripuit benedictionem meam.* E para que os frutos de taõ mà ſemẽte ſejaõ furtos, naõ he neceſſario, q̃ elles avultem tanto, como o que ſe fez no Paraiſo por Heva, & mais Adam; nem como o da bẽçaõ de Eſaù feyto por Jacob na caſa de Iſaac. O detrahente da fama alhea, tambem a furta; & ainda que a naõ toma para ſi, jà a tira a quem a tem. Aſſim como o ſemeador da ſizania na Parabola da ſeàra, poſto que naõ queria para ſi o trigo, de que ſeu dono havia de ficar privado; jà lho vinha a tirar, & ficava obrigado a lho reſtituir. Tanto he, *Ablatum invito domino*, o valor do trigo, como o preço da fama; & tanto hum, como outro peccado: *Non dimittitur, niſi reſtituatur ablatum.* E o peyor do furto da fama, he a facilidade cõ que ſe faz; & ſer eſſa a cauſa, porque taõ pouco avulta. Baſta ſó abrir a boca, para logo ficar ſemeada a mà ſemente da palavra, & eſta vir com fruto, & elle ſer furto: & iſſo ſem pena de prizaõ, penhora de bens, nem fiança de divida. E naõ he aſſim taõ facilitada a pratica dos outros furtos; ainda o do trigo daquella

quella ſeàra, que era fruto produzido da ſemente ſizania, cuſtou ao ſemeador o deſvelarſe de noyte, meterſe no riſco de ſer deſcuberto, & ter o trabalho de a ſemear: *Cùm dormirent homines, venit inimicus ejus, & ſuperſeminavit zizania.* Matth. 13.25. Nem foy eſta ſó a razaõ de avultar tanto eſte furto: naõ foy ſó pelo cuſto da ſemeadura; tambem a producçaõ da ſemente lhe acrecentou o vulto. Foy neceſſario todo o tempo de ella ſe conceber, lançar raizes, brotar, até chegar a crecer: *Cùm creviſſet herba.* Ibid.26. E a producçaõ da mà ſemente da palavra (da detracçaõ do bom nome imos ſẽpre entendendo) naõ depende de taõ cuſtoſa ſemeadura, nem dos vagares do tempo; aſſim como cahio na boca, logo ſe concebeo, frutificou, & o ſeu veneno matou. Todo o outro veneno, para matar bebido, ha de entrar pela boca: & eſte, baſta que por ella ſaya. Os outros venenos, ſó fazem mal a quem os tomou, & naõ a quem os deo; & eſte naõ he aſſim: o primeyro a quem faz mal, he ao detrahente, que o dà. Nos que o ouvem poderá a ſua detracçaõ naõ fazer mal ao detrahido; porque poderà haver quem o naõ crea; & entaõ a ſemente da ſua palavra naõ ſe concebe, nem o ſeu veneno mata. E deſte mal naõ livra o detra-

hente: em quanto ferio ao detrahido, a ſi meſmo ſe ferio, ſó por querer, que advertiſſem os ouvintes nas feridas, q̃ elle lhe dava. Eſte he o modo, com que elle faz a guerra ao detrahido: ou, fallando nòs agora pela fraſe do vulgo, aſſim faz nelle ſangue a ſua boca detrahidora. Buſca quem o ouça, & crea: & ſe acha o que buſca, vive a guerra, q̃ lhe faz, & corre o ſangue, que nelle fez. Nẽ ſe póde pòr em muyta duvida, ſer o meſmo detrahir, que mover guerra: & montar tanto hũa detracçaõ, como tirar ſangue com hũa lançada. *Quorum os maledictione & amaritudine plenum eſt*, diz David: aquelles, que a boca chea dizem mal, os ſeus cuydados mais ſaõ de guerra, q̃ de paz: *Viam pacis non cognoverunt*; & ſaõ diligentiſſimos em derramar ſangue: *Veloces pedes eorum ad effundendum ſanguinem.* Eſtes falladores *Velociſſimè currunt ad lædendum, & occidendum*, diz hum commento: promptiſſimos ſaõ para mover guerra: *Ad lædendum*; & para fazer ſangue: *Ad occidendum.*

Pſ. 13. 3. Ibid. Ibid. Bellar. hic.

21 Mas nem o ſangue corre, nem a guerra vive; ſe ha quem naõ quer ouvir, nem crer ao detrahente; & entaõ contra ſi meſmo arma a guerra, & em ſi meſmo faz o ſangue. Semelhante ſucceſſo a hum dos conſelhos de Chriſto

Chriſto (ainda que em ſentido oppoſto) quando havendo quem dà a paz, naõ ha quem a tome, & diz, que entaõ volta a paz para quem a dà: *Pax veſtra revertetur ad vos.* Se na detracçaõ ouvida naõ ha quem abrace a guerra, que o detrahente move contra o detrahido: como elle he o que ſó fica ferido, porq̃ houve quem lhe rebateo as feridas; contra elle ſe voltàraõ as armas da guerra: *Ad ipſum reverſum eſt bellum.* Os q̃ conſideraõ boca na eſpada: *Cadent in ore gladij,* tambem haõ de admittir eſpada na boca: *In gladio oris:* tanta ponta tem a eſpada para ferir, como para ferir tem ponta a lingua.

Matth. 10. 13.

Luc. 21. 24.

E dizendo Santo Agoſtinho, que tambem cõ as linguas matàraõ a Chriſto os ſeus inimigos: *Vos, ô Judæi, eum occidiſtis gladio linguæ, quando clamaſtis: crucifige, crucifige,* diz o que nòs dizemos: deſcobre eſpada na boca: *Gladio linguæ.* E ſe por ſentença de Chriſto, todo o que fere com eſpada, cõ eſpada he ferido: *Omnes, qui acceperint gladium, gladio peribunt*; o que fere com a eſpada da boca: *Accipit gladium,* logo alli o fere a eſpada: *Gladio perit.* E muyto mais, ſe houve quem lhe rebateſſe a eſpada (a detracçaõ dizemos) tapandolhe a boca, porq̃ o naõ creo. Entaõ, ſó a ſi ſe ferio, & contra elle ſe voltou a eſ-

S. Aug. tr. ſuper Pſalmos in Pſ. 63. ad verſ. 2.

Matth. 26. 52.

a eſpada: *Ad illum reverſus eſt gladius*. E por conſequencia, tambem o ſangue, que elle queria fazer no detrahido, em ſi meſmo o fica fazendo; porque contra ſi o provoca: como o vemos por repreſentaçaõ em algũas ſemelhãças. Boa he a do ſangue de Abel bradando contra Caim, que lho fez verter do corpo: *Vox ſanguinis fratris tui clamat ad me.* E melhor ainda a do ſangue de Chriſto caindo ſobre os meſmos, que lho tiràraõ das veas: *Sãguis ejus ſuper nos.* E cõ ſingular propriedade a do ſangue de Urias derramado por induſtrias de David, do qual pedia elle a Deos o livraſſe: *Libera me de ſanguinibus Deus*, temendo ſe voltaſſe contra elle: *Videbat ſanguinem illũ quaſi militem armatum contra ſe ſtare.* Bellar. hic.

Gen 4. 10.

Matth. 27.25.

Pſal. 50. 16.

22 Iſto he, fallando nòs dos que de publico, & ſem diſſimulaçaõ movem eſta guerra, & fazem deſte modo ſangue *ad lædendum, & occidendum.* E o que deſtes temos dito, dizemos tambem dos outros: daquelles, que encubertos ſemeaõ a mà ſemente das detracções; & ſaõ parecidos com o ſemeador da ſizania entre o trigo, que tãbem fez eſte mal encuberto, por vir de noyte: *Cùm dormirent homines, venit inimicus ejus, & ſuperſeminavit zizania.* Por mais que eſtes ſemeadores diſſimulẽ os ſeus en-

Matth. 13.25.

enganos, & tal vez pareça que louvaõ, quando detrahem; naõ deyxaõ as ſuas bocas de ſer ſepulturas abertas, aindà que pela diſſimulaçaõ affectada ſe moſtrem fechadas. *Sepulchrum patens eſt guttur eorum*, diz David; mas como ſepulturas abertas, daõ a ſentir o veneno do coraçaõ, onde aquella ſemente ſe colheo, diz hum ſeu cõmentador: *Ex ore iſtorum procedunt verba teſtantia corruptionem cordis.* Parece, que a detracçaõ lhes naõ ſae da garganta: aſſim como parece, que da ſepultura fechada naõ ſae a podridaõ eſcondida: *Sepulchrum guttur*; mas no meſmo tempo, pela venenoſa ſemente, que de là ſae, *Eſt guttur patens.* Bem ſe lhes poderà dizer, que os ſeus apparentes louvores, ſaõ teſtemunhas contra producentem: *Verba teſtantia corruptionem cordis.* Arrezoaõ, para que os reputem louvadores; & o que ſe entende, he contra o que arrezoaõ: *Contra ipſos teſtatur.* Ainda q̃ a mà ſemente da ſua palavra por artificio engenhoſo naõ parece o q̃ he; a meſma boca eſtá dizendo, que naõ he o que parece. *Linguis ſuis dolosè agebant*, diz David; mas a boca vomita o veneno da detracçaõ: *Venenum aſpidum ſub labijs eorum.* Da meſma boca *Procedunt verba teſtantia contra producentem.* Deſcobre-ſe tãbem

Pſ. 13. 3.

Bellar. hic.

Pſ. 13. 3.

Ibid.

bem nas ſuas meſmas palavras, parecendo muyto boa ſemente, ſendo muyto mà; o q̃ ſe vio na ſeára viciada com a ſizania; parecia toda de trigo, & tãbem era de ſizania. E taõ parecidos os frutos das duas ſementes, que por ſe naõ levar junto com a ſizania o trigo, ſe deyxáraõ crecer ambos:

Matth. 13.29. & 30. *Ne fortè colligentes zizania, eradicetis ſimul cum eis & triticum: ſinite utraque creſcere.*

Taõ arriſcada he como iſto a boa fama na detracçaõ encuberta com o louvor; chega a pontos de ſe lhe cortar pelo trigo (pelo ſeu bom nome dizemos) por parecer tambem trigo, o que he ſizania; por ſoar louvor, o que he detracçaõ. Aſſim a ſemeadura, ou já o amaſſado da má ſemente da palavra do detrahente encuberto, naõ he todo paõ de trigo, quando o dá a comer; (porque tambem o murmurar he dar a comer, & he o comer o ouvir murmurar) mas he paõ de miſtura, de boa, & má ſemente, quando faz eſta amaſſadura o detrahente encuberto: *Superſeminat zizania.*

23 Demos fim a eſte diſcurſo com o fim da meſma ſizania, que até aqui nos tem dado materia, & feyto o gaſto ao noſſo eſtudo. O fim da ſizania havia de ſer de fogo: *Colligite ad comburendum;* & o meſmo ha de ſer o da má ſemente de palavras: Ibid. 30.

tambem

tambem ſera *ad comburendum ſemen verbũ hominis*. Naõ em ſi, mas no ſeu ſemeador (no detrahẽte entendemos) que na detracçaõ a ſemeou. Em ſi naõ, porque chegado o tempo do fogo, já naõ ha de haver deſta ſemente: as palavras ſemeadas pelos que dizem mal, naõ duraõ mais, q̃ em quanto elles as dizem. Porèm no ſemeador ſim; porque até entaõ, & ainda mais adiante, ha de ter duraçaõ a ſua alma, a que Deos ha de pedir conta deſta má ſemente de palavras, & de toda a ſua ſemeadura. Nem faz contra eſta conſideraçaõ, o ſerem as palavras incapazes da pena de fogo; baſta que o ſeu ſemeador o ſeja. Tambem o tempo que duraõ os peccados, he incapaz de ſofrer a ſua pena; & mais a ſua duraçaõ faz que ſeja mayor a pena dos peccados: naõ porque a ſua duraçaõ a padeça em ſi; mas porque o peccador a padece. O peccado de hum anno continuado, mais pena tem, que o de hum dia de duraçaõ: & eſſe mais tempo do peccado, que já paſſou, ainda vay dãdo mais duraçaõ de tormento ao peccador; & tal vez taõ eſtendida, que chegue a ſer eterna, durando entaõ mais o tempo da pena, que o dos peccados. E que ſerá, ſe a quatro palavras de algũa detracçaõ grave correſponder taõ tremenda du-

duraçaõ de pena? Là ſe verà na conta, que Deos pedir aos ſemeadores deſta mà ſemente, que naõ ſó ha de ſer muyto eſtreyta ao tomar, mas tambem ao dar ha de ſer muyto difficultoſa. Aquella que ſe tomou ao Villico do
Luc. 16. 2. Euangelho: *Redde rationem villicationis tuæ*, tambem era de ſemeaduras das herdades, que ſe fiàraõ das ſuas induſtrias. E com ſerem de muyto boa ſemente, a conta naõ foy muyto boa. Foy com furto dos rendimentos, em que ficava prejudicado o dono das herdades, ſonegados nas cauções, que o Villico deo aos
Ibid. 6. ſeus devedores: *Accipe cautionem tuam &c.* Aſſim como a conta do detrahente ha de ſer tãbem do furto da fama, que tirou aos detrahidos, & em que elles ficàraõ prejudicados; ainda que com differẽça muyto grande de conta a conta: da cõta do Villico à conta do detrahente. O Villico pode fazer ſeparaçaõ entre os rendimẽtos, que entregou, & os que ſonegou, apreſentando as cauções ao ſenhor das herdades, cõ as quaes no exterior juſtificava a ſua conta. E o detrahente da fama alhea naõ tem que ſeparar nella hũa parte da outra, para ſó ficar roubador deſta, & naõ daquella. Naõ tem, para apreſentar na ſua conta, as cautelas, que devia ter, para reſguar-

dar

dar a boa opiniaõ do proximo da ſua mà lingua: aſſim como teve cauções o Villico, para naõ meter a ſua nas màs linguas dos outros. Se o detrahente, & o Villico foſſem a juizo, cada hum a dar conta das ſuas ſemeaduras: o Villico das que colheo nas herdades arrendadas, & o detrahente das que eſpalhou nas murmurações ouvidas; melhor havia de livrar o Villico, que o detrahente: por ter hũ cauções no que fez, & naõ ter o outro cautelas no que diſſe. E fundamento temos nòs, para entender, que o Villico teria eſte melhoramento na ſua ſentença: pois o dono das herdades, depois de attender á ſua conta, lhe louvou a induſtria: *Laudavit dominus villicum iniquitatis.* Ibid. 8. E no detrahente nunca haverá que louvar, quando ſe lhe tomar a conta; ſendo a ſua culpa mayor que a induſtria da ſua detracçaõ; & por ella ſe lhe poder dar a ſentença: *De ore tuo te judico.* Luc. 19. 22. Tornando outra vez ao juizo, onde conſideramos reos ao Villico, & ao detrahente: & ſuppondo, que a pena da condenaçaõ ſerá reſtituir cada hum o ſeu furto: o Villico o das rendas das herdades, & o detrahente ou da fama, ou boa opiniaõ dos detrahidos; a reſtituiçaõ do Villico ſeria muyto facil, & muyto difficultoſa a do de-

detrahente. O Villico com dar outro tanto pelo tanto do ſeu roubo (o que he muyto facil aos que roubaõ os bens da vida) ſatisfaria o pezo na pena. E o detrahente, por naõ ter outro tanto que dar em ſatisfaçaõ do tanto que havia roubado (por ſer iſſo muyto difficultoſo aos roubadores dos bens da honra) ficará obrigado á pena toda; pois ſem reſtituir naõ poderá ſatisfazer: *Non dimittitur peccatum, niſi reſtituatur ablatum.*



PALAVRA DE DEOS Deſatada.

Queda.

§. I.

1 QUem ſe levanta da primeyra, ha de fugir da ſegunda, ſe quizer livrar de muytas. Naõ ha de imitar aos inimigos de Chriſto, quando o prendèraõ: caindo hũa vez, depois de reſponderem, que o buſcavaõ; & naõ temendo cair outra, quando deraõ a meſma repoſta ſegunda vez. Depois de perguntados por Chriſto; a quem buſcavaõ: *Quem quæritis*; & terem reſpondido, que a elle buſcavaõ: *Jeſum Nazarenũ*; ouvido aquelle prodigioſo *Ego ſum*, cahiraõ todos por terra: *Abierunt retrorſùm*, & Joan. 18.4. ibid. 5. Ibid. Ibid. 6.

& ceciderunt in terram. E porque jà levantados, & ſegunda vez perIbid. 7. guntados: *Iterùm interrogavit eos, quẽ quæritis*, outra vez reſponIbid. dèraõ: *Jeſum Nazarenum*, foraõ caindo muytas vezes, & dando ſempre quedas mayores. Naõ derribados por terra, como da primeyra vez com os corpos; porque naõ foy eſſa a ſua principal queda; mas, como neſſa meſma vez primeyra, deſtinadas para a queda do inferno as ſuas almas; que por ſentença de S. Gregorio, eſta era entaõ a queda ſignificada. *Repræſentabatur hìc caſus reproborum: hi enim in dorſum cadunt, ut reſurgere non valeant.* E o meſmo

S. Gregor. homil. 8. in Ezech.

odio, que da vez primeyra fez cair aſſim condenados aos que buſcavaõ a Chriſto, para o prenderem: *Quem quæritis: Jeſum Nazarenum*; do meſmo modo os fez cair ſegũda vez, quando já as ſacrilegas mãos actualmente o ligáraõ: *Comprehenderunt Jeſum, & ligaverunt eum.* Sempre eſta prizaõ, tanto primeyro intentada, como depois executada, foy queda de condenados: *Caſus reproborum.* Significava a queda viſivel dos corpos, a inviſivel das almas. E foy taõ certo o ſignificado, que logo ſe foraõ ſeguindo as quedas multiplicadas nas culpas ſucceſſivas. Nas culpas das afrontas, das accuſaçõeſ,

Joan. 18 12.

ções, dos teſtemunhos, dos tormentos ; & finalmente nas culpas das repetidas vozes da morte de Chriſto: *Crucifige, crucifige eum.*

Luc. 23. 21. Joan. 19. 6.

2 Exemplo tinhaõ os authores de taõ injuſta prizaõ, para livrarem de tantas quedas, ſe os intimidaſſe a primeyra. Se elles advertiſſem, que para cahirem a primeyra vez, foraõ poderoſas ſó duas palavras : *Ego ſum*, naõ ſe atreveriaõ ſegunda vez a dar a meſma reposta : *Jeſum Nazarenum*, quando ouviraõ ſegunda vez a meſma pergunta : *Quem quæritis.* Porèm eſta he a força das primeyras quedas, ſe ellas ſaõ mortaes. Ou ſaõ de cahidos para ſempre, como foraõ os Anjos ; ou de cahidos por tẽpos, como vemos cahir os homens ; ou de cahidos obſtinados, como os da prizaõ de Chriſto. E qual deſtas ſerá a queda dos que andaõ arriſcados a cair? Cahirá algum delles, para nunca mais ſe erguer ? Cahirá, para em algũ tempo ſe levantar ? Cahirá, para depois de levantado tornar a cair ? Naõ pare ſó em ſuſpenſaõ eſta importante advertencia ; veja cada hũ ao menos, por agora, ſe cahirá, como os que foraõ a prender a Chriſto : com o nome de Jeſu na boca : *Jeſum Nazarenum*, & logo cahidos : *Ceciderunt.* Nem ſerá nova eſta queda ; antes he a or-

dinaria; & prouvèra a Deos, que o naõ foſſe. A culpa mortal, a todos faz inimigos de Deos; & quando eſtes o buſcaõ, ainda naõ ſendo para o prenderẽ, mas antes para lhes valer o chamaõ; tãbem cahidos da ſua graça lhe dizem o ſeu nome. Tambem dizem Jeſus, & naõ amaõ a Jeſus. No meſmo tempo ha Jeſus invocado, & Jeſus offendido: Jeſus dito: *Jeſum Nazarenum*, & Jeſus prezo: *Comprehenderunt Jeſum.* Aſſim caem tambem os que indignamente recebem o diviniſſimo Sacramento, ou em vida, ou em morte. Depois de Jeſus buſcado, & invocado, caem na ſua indignaçaõ, como inimigos ſeus declarados, & condenados: *Quicumque manducaverit panem hunc indignè, reus erit corporis Domini.* 1. Cor. 11. 27. E bem podemos dizer com S. Cyrillo, que caem os indignos do Sacramento, como cahîraõ os da prizaõ de Chriſto: todos como ſeus inimigos: *Imago caſus ille fuit omnium, qui Chriſto adverſantur.* S. Cyrill. in Joan. 18. 5. Quem quizer ver como caem huns, veja como cahîraõ os outros: todos buſcando a Jeſus, & offendendo a Jeſus. *Caſus ille*, a queda dos que prendèraõ a Chriſto, he o eſpelho, onde ſe vè a queda de todos os ſeus inimigos: *Imago eſt omnium, qui Chriſto adverſantur.* E muyto em particular

he

he a queda dos ſacrile-
gos do Sacramento: porque havendo elles de o amar mais em hũ Sacramento, que todo he obra do ſeu amor; ahi apuraõ elles mais o ſeu odio: *Magis illi adverſantur.*

3 E he muyto parecida hũa queda cõ outra: a queda dos que prendèraõ a Chriſto, com a queda dos que o recebem no Sacramento. Se os primeyros cahiraõ no tẽpo da ſua prizaõ; os ſegũdos caem recebendo no Sacramento o memorial da ſua Payxaõ: *Paſſionis ſuæ memoriale perenne.* Se os ſacrilegos da prizaõ cahiraõ em ſua preſença, ouvida aquella voz, *Ego ſum;* os ſacrilegos do Sacramento caem, ouvida outra ſemelhante voz de Chriſto preſente: *Hoc eſt corpus meum.* O meſmo he dizer Chriſto aos ſacrilegos da prizaõ: Eu ſou aquelle, a quem buſcais para prẽder; que dizer aos ſacrilegos do Sacramento: Eſte he o corpo, q̃ recebeis para o aggravar. E he a razaõ, porque Santo Agoſtinho canſiderando na voz *Ego ſum*, ſentenciados a cair os ſacrilegos da prizaõ: *Una vox turbã ferocem percuſſit, repulit, ſtravit*, faz eſta pergunta com a ſua ſingular agudeza. *Quid judicaturus faciet, qui judicandus hoc fecit?* Qual ſerà a ſentença de Chriſto quando Juiz; ſe agora foy taõ rigoroſa,

S. Tho. in Opuſc. 57.

Joan. 18.7.

Matth. 26.26.

S. Aug. in Joan 18.5.

Ibid.

quando o buſcaõ para ſer julgado? E nòs ſeguindo eſta meſma cõſideraçaõ, acrecentamos outra, & fazemos tambem outra pergunta. Qual ſerà a ſentença dos ſacrilegos do Sacramento, renovando elles as offenſas da prizaõ de Chriſto; ſe nelle ſó eſtà, *Judicaturus*, & de nenhum modo, *Judicandus?* Se elles buſcaõ a Chriſto no Sacramẽto, como os da ſua prizaõ o buſcàraõ no Horto: com Jeſus na boca, ſem Jeſus no coraçaõ; & por iſſo ſaõ logo alli julgados: 1. Cor. 11. 29. *Qui manducat indignè, judicium ſibi manducat?* Que farà aos ſacrilegos do Sacramento pelas offenſas de ſua prizaõ nelle renovadas: *Quid faciet judicaturus*, quando em deſaggravo das meſmas offenſas a primeyra vez feytas, *Percuſſit, repulit, ſtravit judicandus?*

4 Bem podiamos dizer deſtes ſacrilegos do Sacramento, o que de ſi meſmo dizia S. Paulo, ainda que em diverſo ſentido: *Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionum Chriſti, in carne mea.* Os que explicaõ eſta profunda ſentença do Apoſtolo, dizem, fallando em ſeu nome: *Patiendo in carne mea adimpleo ea, quæ deſunt paſſionibus, quas Chriſtus paſſus eſt in carne ſua:* o que falta à Payxaõ de Chriſto, ſubſtitue a minha payxaõ. Tudo o que era da Payxaõ de Chriſto, como cabeça, eſtava

Ad Coloſſ. 1. 24.

S. Aug. S. Amb. S. Chryſoſt. S. Anſ. apud Cornel.

eſtava completo: *Impletæ erant omnes paſſiones in capite.* Faltava porèm o que era da meſma Payxaõ em todos os membros deſſe corpo: *Reſtabant autem adhuc Chriſti paſſiones in corpore.* E porque hum deſtes membros era S. Paulo, como o ſaõ todos os unidos em Chriſto: *Corpora veſtra mẽbra ſunt Chriſti*, vinha elle a dizer: Padecendo eu agora, *In carne mea*, padeço como mẽbro daquelle corpo, o que ainda lhe reſtava para padecer: *Quæ deſunt paſſionum Chriſti.* Do meſmo modo ao noſſo intento, & com a diverſidade de ſentidos, que temos inſinuado. Os que indignamẽte recebem no diviniſſimo Sacramẽto o memorial da Payxaõ, tambem *Adimplent ea, quæ deſunt paſſionũ Chriſti.* S. Paulo *Adimplebat*, o que faltava à Payxaõ de Chriſto; & os indignos do Sacramento *Adimplent*, o que faltava ao memorial da Payxaõ. Dous extremos deyxou Chriſto lembrados neſta myſterioſa memoria: o extremo do amor com q̃ deo por nòs a vida; & o extremo do odio, cõ que os homens lhe fizeraõ padecer a morte. Por iſſo eſte memorial he o Sacramento, em que ſe une comnoſco: *In me manet, & ego in illo*; & he a memoria do que padeceo por nòs: *Paſſionis ſuæ memoriale.* E como a ſua prizaõ

1.Cor. 6. 15.

Joan. 6. 57.

foy hum dos tormẽtos na ſua Payxaõ padecidos; tambem o havemos de ſuppor neſte memorial com os outros lembrado. E iſto he o que jà eſtava nelle completo; o q̃ Chriſto padeceo na ſua prizaõ, quando ſe vio buſcado, & nomeado: *Jeſum Nazarenum*, & juntamente prezo, & ligado: *Comprehenderunt Jeſum, & ligaverunt eũ.* Reſtava porèm a renovaçaõ diſto meſmo: a repetiçaõ do odio com que no meſmo tempo ſe dizia Jeſus; & ſe offendia a Jeſus. E eſta falta *Adimplent* os ſacrilegos do Sacramento; ajuntaõ ao odio lembrado dos que deſte modo prẽdèraõ a Chriſto, o meſmo odio repetido dos que indignamente o cõmungaõ: acrecentaõ ao Jeſus entaõ dito, & prezo, o Jeſus hoje commungado, & offendido. Todos inimigos de Jeſus, & buſcando a Jeſus: *Jeſus Nazarenum.*

Joan. 18.5.

Ibid.12.

Quareſma.

§. II.

5 O Melhor, & o peyor tempo do anno: o melhor, ſe nòs o tomamos para nòs; & o peyor, ſe Deos o toma para ſi. He o melhor, ſe nós o tomamos para nòs, quando nelle obramos ajuſtados ao conſelho do Àpoſtolo: *Dum tempus habemus, operemur bonũ.* E como aquelle ſanto tempo he para o exercicio da penitencia, & nelle

Ad Galat. 6.10.

nelle satisfazemos por noſſas culpas ; as boas obras deſte tempo ſaõ o mayor bem de noſſa vida. E he eſte tempo o peyor , ſe Deos o toma para ſi ; porque entaõ nos examina do que nelle obramos, & caſtiga pelo mal , que por taõ ſanto tempo fizemos , como nos diz o
Pſ.74.3. Profeta : *Cùm accepero tempus , ego juſtitias judicabo.* Eſte tempo , dizem que he o de Deos, cõſiderado como Juiz :
Bellar. hic. *Cùm venerit hora ſummi judicis*, para dar aos bons a gloria , *Præmiũ*, & aos maos o inferno , *Pœnam*, & por iſſo diz: *Juſtitias judicabo.* He pois o tempo que Deos toma para ſi , o que toma para julgar : & como o que elle ha de julgar naquelle ſeu tẽpo, he o que nòs obramos no noſſo ; faz ir ao ſeu juizo as noſſas obras , & tambem faz ſeu o noſſo tempo: *Accipit tempus.* E entaõ podendo as obras deſte ſanto tempo ſer boas , & por iſſo bom tempo para nòs , por ſer *ad præmium noſtrum* ; fica ſendo pelas noſſas màs obras, tempo mao, que o ſummo Juiz toma para ſi *ad pœnam noſtram.* A hora em que Dimas ſe ſalvou , foy hora , que elle tomou para ſi ; porque nella ſe arrependeo : & porq̃ neſſa meſma hora naõ ſe arrependeo Geſtas , foy hora , que para ſi tomou Deos. E para mal de quantos tomou entaõ Deos aquelle tẽ-

po

po para ſi! Cremos, q̃ foy para dano de todos os que para ſi o naõ tomàraõ, ſendo muytos milhares os que nelle ſe achàraõ. Aſſim como Dimas com o ſeu arrependimento tomou para ſi aquella hora, obrãdo bem; tambem a poderiaõ tomar para ſi todos os que em taõ boa hora tinhaõ alli chegado, ſe como elle ſe arrependeſſem, & obraſſem taõ bem como elle: *Dum tempus habebant.* Mas, oh fatalidade! No dia, & hora da Redempçaõ de todos, os mais deſtes todos a naõ tomàraõ para obrarem bem; & a tomou Deos: *Tempus accepit*, para ſeu mal: *Juſtitias judicavit.* Aquella hora jà era de todos; porque para todos ſe arrependerem, lha tinha Deos dado; & porque perſeverãraõ obſtinados, a tornou Deos a tomar para ſi: *Horam accepit.* Bem pudera Deos entaõ dizer a hum deſtes (ſupponhamos, a Geſtas) *Hoc die repetunt à te horam tuam*, aſſim como ſe diſſe ao Avarento da Parabola: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.* Tanto tinha Deos dado a alma a eſte, como ao outro tinha dado a hora; mas, porque nem hum, nem o outro ſe arrependèraõ das ſuas culpas, no que conſiſtia ſer de hũ a poſſe da alma, & do outro a poſſe da hora; tomou Deos para ſi outra vez o tempo, que Luc. 12. 20.

tinha

tinha dado a ambos, perdendo ambos as almas naquelles tempos: *Hoc die : hac nocte.* E he o meſmo que perdem muytos no ſanto tempo da Quareſma, dado por Deos para arrependimento de culpas, emenda de vida, & abſtinencia de regalos. Os que ainda em dias taõ ſantos vivem, como viviaõ, ſem temerem a Deos, como no dia ſantiſſimo da Redempçaõ do mundo naõ temia Geſtas reprehendido
Luc. 23. 40. por Dimas: *Neque tu times Deum*; & os que nos meſmos dias ainda cuydaõ do delicioſo da meſa, como aquelle Rico do Euangelho dizia
Luc. 12. 19. à ſua alma: *Anima, comede, bibe, epulare*; eſtes com a perda do tẽpo tem a das almas. Se elles tiveſſem maõ no tempo, que Deos lhes dà, para obrarem bem, & fugirem do mal, como lhes diz o Eſpirito Santo: *Conſerva tempus, & devita à malo,* Eccli 4. 23. naõ o tomaria Deos: *Cùm accepero tempus*, para por elle aſſim perdido os ſentenciar: *Juſtitias judicabo.* Eſte ter maõ no tempo (dizem os q̃ cõmentaõ aquelle conſelho) he o meſmo, que aproveytar da occaſiaõ de obrar bem: *Conſerva tempus, ideſt,* Palac. Corn. in Eccl. hic. *utere occaſione.* E por iſſo aos que neſte ſanto tempo obraõ mal, lhes foge o tempo: *Impijs* Ibid. *tempus vadit;* & os que delle ſe aproveytaõ, & obraõ bem, o tem maõ: *Pij jubentur tenere tempus.*

pus. E o que mais ſe deve de eſtranhar, & reprehender, he deyxar ir o ſanto tempo deſte anno, & mais o do anno que vem, & aſſim por ſucceſſaõ o de hum depois do outro, ſem termos maõ nelle, como ſomos mandados ter: *Jubemur tenere tempus.* Sendo que nas noſſas mãos (nas boas obras daquelle tempo queremos dizer) eſtà eſta prizaõ do tempo bom, & tambem a redempçaõ do mao. Chamamos redempçaõ do mao tempo a emenda das culpas commettidas no tempo ſanto do anno, que paſſou, & jà ſe naõ vem agora repetidas no anno, que vay paſſando. Iſto he o que quer dizer S. Paulo no conſelho, que nos dà, conſiderando aos que o tomaõ, como redemptores do mao tempo: *Redimentes tempus, quoniam dies mali ſunt.* Perſuade o Apoſtolo (& com elle outros) aos que deyxaõ ir o tempo, quando nelle peccàraõ, para que o tornem a haver à maõ, a emenda dos peccados: *Qui luxu, & peccatis multos annos perdiderunt, ut hoc damnum recuperent, duplicando, ac triplicando actus abſtinentiæ, & mortificationis.* Como ſe fallaſſem todos deſte ſanto tempo da Quareſma, & no meſmo ſentido da noſſa ſentença. E moſtrando como os meſmos dias deſte tempo pódem ſer os melhores,

Ad Epheſ. 5. 16.

Cornel. hic cum S. Aug. & S. Hier.

&

& os peyores do anno: os peyores, quando eſte tempo por noſſas culpas ſe perde; & os melhores, quando com boas obras ſe conſerva: ou, ſe por algũa hora ſe perdeo, em outras ſe recuperou: *Redimentes tempus.*

Queſtões.

§. III.

6 NAõ ſó as de Deos ſe propõem aos homens, mas tambem as dos homẽs ſaõ propoſtas a Deos: ſe Deos pergunta aos homens, arguindo; os homens fazem o meſmo, ignorando. Serà pois neceſſario diſcorrermos hũas, & outras: & ſeja a primeyra, a q̃ vemos decidir a Deos no Paraiſo, quando depois de ſe deſculpar Adam com Heva: *Mulier, quam dediſti mihi ſociam, dedit mihi de ligno, & comedi*; & Heva com a Serpente: *Serpens decepit me, & comedi*, condenou a ambos à morte: *In pulverem revertêris*. Do que entaõ ſe allegou, proceſſou, & ſentenciou naquelle Tribunal de Deos, tomamos nòs fundamento para excitar agora eſta queſtaõ por parte dos homens. *Se alli naõ valèraõ deſculpas a eſtes primeyros reos; poderáõ valer aos ſeus deſcendentes as ſuas deſculpas, ſendo tambem Deos o julgador dellas?* Iſto devemos nòs eſperar da ſua infinita miſericor-

Gen. 3. 12.

Ibid. 13.

Ibid. 19.

dia,

dia, & clemencia infinita, ſem offenſa da ſua infinita juſtiça. Mas he tanto para ſer temida a rectidaõ do ſeu Tribunal; & tantas tambem as experiencias dos ſeus ſentenciados, que nos faz deſconfiar das noſſas deſculpas. Tomemos nòs a medida a eſtas, pela q̃ tinha aquella figueyra amaldiçoada por Chriſto: *Numquàm ex te fructus naſcatur in ſempiternum*, com o fundamento de lhe naõ dar o ſeu fruto, ainda naõ ſendo tempo de o dar; & veremos, ſe do Tribunal de Deos poderáõ temer hoje ſemelhantes ſentenças, deſculpados ſemelhantes. Venhaõ a dar nelle conta dos ſeus talẽtos os negociantes da Parabola, obrigados a gananciar com elles cada hum *ſecundùm propriam virtutem*. E vendo condenada aquella arvore, por naõ dar o ſeu fruto *juxta genus ſuum*, ainda que ſem obrigaçaõ de o dar fóra do tempo; entenderáõ, ſe a todos os culpados pódem valer deſculpas, quando Deos as ha de examinar, & iſſo he o que elles muyto devem temer. Quanda ſucceda, que achando-ſe elles ſem culpa algũa, olhando para ſi; poſſaõ ter muyta, olhando Deos para elles, & ouvir entaõ hũa ſentença de maldiçaõ, como aquella, *Numquàm ex te fructus naſcatur in ſempiternum*. A ſentença que Chriſto ha de

Matth. 21.19.

Matth. 25.15

Gen.1. 11.

dar

dar no ultimo juizo do mundo, ſerà muyto ſemelhante à que deo a eſta arvore no dia, que foy o do ſeu juizo. Tãbem ha de ſer de maldiçaõ: *Diſcedite à me maledicti*; & tambem tendo os ſentenciados hũa grande deſculpa para dar, ſem eſſa lhes valer. O fundamento da ſentença ha de ſer, diz Chriſto; porque tive fome, & ſede, & vòs me naõ alimentaſtes: *Eſurivi enim, & non dediſtis mihi manducare: ſitivi, & non dediſtis mihi potum.* E elles poderãõ dizer, que ignoravaõ tal obrigaçaõ; pois nem ſabiaõ, que o ſuſtento negado ao faminto, ficava negado a Chriſto; nem a elle o viraõ em algum tempo aſſim neceſſitado, & naõ ſoccorrido: *Quando te vidimus eſurientem, aut ſitientem, & non miniſtravimus tibi?* Logo, ſe no Tribunal de Deos pódem naõ valer deſculpas, ainda àquelles que parece naõ ſaõ culpados: os que certamente forem culpados, muyto devem temer, que lhes naõ valhaõ deſculpas. Logo, (& ainda eſta concluſaõ pede outra advertencia mais importante) logo poſſivel he, ſermos nós condenados por culpas, que Deos ſabe de nòs; ainda que nós entendamos, naõ haver em nòs culpas. Iſto meſmo he o que nos faz entender o doutiſſimo Beda, cõferindo a deſculpa daquella arvore com a ſua con-

Matth. 25. 41.

Ibid. 42.

Ibid. 44.

condenaçaõ deſculpada. *Arefecit Dominus arborem, ut homines hoc videntes, & audientes, multò magis intelligerent ſeſe divino condemnandos eſſe judicio.* Foy amaldiçoada aquella arvore, eſtando innocente, (digamolo aſſim) para entendermos, que pelo que nòs naõ julgamos, nos poderà julgar Deos: *Nos divino condemnandos eſſe judicio.* Nem nos fiemos das noſſas ignorancias, por cuydarmos, que nos fazem innocentes no juizo de Deos: naõ ſaõ todas, & ſaõ as menos, as que nos promettem eſte ſeguro. Quando David pedia a Deos, que ſe naõ lembraſſe das ſuas culpas ignoradas: *Ignorantias meas ne memineris*, temia-ſe de que Deos lhe pediſſe conta, ainda do que por ignorado poderia naõ ſer culpa. *Cõmemorat delicta commiſſa ex ignorantia, quaſi dicat: reminiſcere miſericordiæ tuæ, & obliviſcere peccatorum meorum.* A voſſa miſericordia lembrada: *Reminiſcere miſericordiæ tuæ*, vos faça eſquecido dos meus peccados ignorados: *Obliviſcere peccatorum meorum.* E bem podemos entender, que fallava o penitente Rey dos dous modos de ignorar culpas; ou das culpas jà feytas, ſem haver certeza de que ſe fizeraõ, & por iſſo eraõ ignoradas; ou das que jà ſe ignoravaõ, quando ſe faziaõ. Hũa couſa he

Beda Hom 7. in Quadrageſ. tom. 7.

Pſ. 24 7.

Bellar. hìc.

ignorar

ignorar ter obrado : & outra couſa he ignorar obrando. Ignorar ter obrado, he haver culpa no que ſe obrou, & parecer que naõ ha culpa, por ſer incerta, ou naõ lembrada. E ignorar obrando, he levar jà a obra na ignorancia a deſculpa de ſe ter obrado. E tanto de hũ modo, como de outro, queria David, que Deos ſe eſqueceſſe das ſuas culpas, lembrado elle da ſua miſericordia : *Reminiſcere miſericordiæ tuæ, & obliviſcere peccatorum meorum.* He verdade, que com diverſa miſericordia; com diverſidade de miſericordioſo, queremos dizer. Para as culpas com a incerteza de eſtarem obradas, hũa miſericordia ; porque eraõ culpas, mas cõ a ignorancia de jà feytas. E para as culpas cõ ignorancia, quando ſe obràraõ, outra miſericordia; porque era para as obras, que jà com ignorancia ſe faziaõ. E deſta miſericordia falla ſingularmente S. Paulo, quando diz : *Miſericordiam Dei conſecutus ſum, quia ignorans feci :* conſidera ſe deſculpado do que fez ignorando : *Ignorans feci.* E ou imitando nòs a deprecaçaõ de David, ou a conſideraçaõ de S. Paulo ; ſempre he o mais acertado, naõ nos fiar das noſſas culpas ignoradas ; porque naõ ſabemos ſe as deſculpa algũa ignorancia : naõ ſabemos ſe *Ignorantes* 1. Tim. 1. 13.

fecimus, ou ſe *Jam factum ignoramus*. Reſpondaõ agora os incredulos da noſſa Fé, ainda aquelles que ſe ſuppõem melhor guiados na ſua: aquelles q̃ ſe conſideraõ ſem culpa no que crem, & no que negaõ. Naõ ſerà poſſivel, que no juizo de Deos ſe vejaõ condenados, ainda q̃ agora entendaõ, que vaõ bem inſtruidos? Ignoraõ quando obraõ, & pódem dizer: *Nos conſecuturi ſumus miſericordiam Dei, quia ignorantes facimus?* Vendo a quem oſ ha de julgar, & ſabe como elles obraõ, amaldiçoar hũa arvore, ainda mais juſtificada do que elles em naõ dar o ſeu fruto, porque entaõ o naõ deo: eſperaõ ouvir na ſua ſentença: *Venite benedicti?* Elles naõ pódem negar eſte ſucceſſo, que imos ponderando; porque conſtãdo do ſagrado Texto, que Chriſto amaldiçoou aquella arvore, por naõ dar o ſeu fruto, ſem ſer o tempo de o dar; ſaõ obrigados a crer eſte facto prodigioſo com fé Divina. E muyto menos poderáõ dizer, que foy ocioſa aquella maldiçaõ da arvore: ſabendo, que todas as obras maravilhoſas de Chriſto, tanto tinhaõ de doutrina, como de myſterio; & que para noſſo exemplo, enſino, & conſelho, foraõ feytas, & ficàraõ eſcritas. *Ea, quæ faciebat corporaliter, etiam ſpiritaliter* Matth. 25. 34.

S. Aug. Ser. 44. de verb. Domini circa initium.

ritaliter volebat intelligi. Os prodigios da ſua maõ naõ paravaõ
Idem ibid. ló em prodigios: *Neque miracula propter miracula faciebat*; mas tanto para ſe admirarem, como para ſe entenderem: *Sed ut mira eſſent videntibus, & vera intelligentibus.* Pois, ſe o facto he de fé, & negar que foy myſterioſo, he blasfemia; naõ temem, ainda que ſe juſtificaõ ſem culpa, ſerem condenados por muytas, que agora naõ reconhecẽ, & lhas moſtraráõ provadas no dia em que ſe haõ de julgar
Luc. 23. 40. todas? *Neque tu times Deum*, diſſe Dimas a Geſtas, eſtando em preſença do Julgador daquelle dia. E o motivo de naõ temer Geſtas, & de temer Dimas, foy, tendo ambos a meſma culpa: *In eâdem damnatione es*, naõ olhar hũ para a ſua, & da ſua naõ tirar os olhos o outro; ou naõ verem ambos a meſma, ſendo a meſma em ambos. E taes haõ de ſer as culpas dos inimigos da noſſa Fé no dia daquelle Juizo, quando apparecerem as que agora o naõ parecem. Ainda q̃ agora cuydaõ, que naõ tem culpas que ver; entaõ lhas haõ de moſtrar viſtas: aquellas, de q̃ hoje ſe naõ temem, eſſas meſmas lhes haõ de provar o mal que fizeraõ de naõ as temer. E duvidaõ diſto? De maneyra, que no blaſfemar, & no naõ temer ao ſeu Julgador, ſaõ Ibid.

parecidos com Geſtas: & ainda entendem, que vivem juſtificados, & que naõ eſtaõ como elle: *In eâdem damnatione?* A Cruz, depois de morrer nella o Filho de Deos, jà naõ ficou ſendo maldiçaõ, como
Deut. 21.23. antes era: *Maledictus eſt, qui pendet in ligno*, para os que tem eſta fé. Mas para os q̃ naõ crem, que nella morreo o Filho de Deos; eſta ſua incredulidade faz, que ainda hoje a Cruz ſeja a meſma maldiçaõ, que era. E quando no dia, em que elles haõ de ſer julgados, olharẽ para a Cruz, em q̃ naõ crèraõ, logo haõ de ver a ſua maldiçaõ. E entaõ entenderáõ, como aquella figueyra foy juſtamente amaldiçoada, em quanto ſignificativo da culpa, que póde haver, ainda quando ſe cuyda, que a naõ ha: *Arefecit Dominus arborem maledicto, ut multò magis intelligerent homines ſeſe divino condẽnandos eſſe judicio.*

Queſtaõ do q̃ Deos obra.

§. IV.

7 NAõ livrão do juizo dos homens, nem ainda as obras de Deos. Não, porque as condene; porque as das ſuas mãos ſahirão todas perfeytiſſimas: *Cuncta, quæ fecerat, erant valdè bona:* & as da ſua ciẽcia, & providencia ſão ajuſtadiſſimas: *Omnia in menſura, & numero, & pondere diſpoſuiſti.* Gen. 1. 31. Sap. 11. 21.

Mas

Mas, como a ſua ignorancia os deſculpa, com as ſuas eſpeculações ſe tentaõ: no meſmo tẽpo, em que as querem encaminhar, entaõ as erraõ. Deo fundamẽto para eſte diſcurſo o q̃ a Deos diſſe Job; & tãbem para a queſtaõ, q̃ nòs agora aſſim propomos. Obra Deos por ventura com menos clemencia, quando caſtiga a quem naõ tem culpa? Antes de entrarmos na repoſta, de que ha de conſtar o diſcurſo; advertimos, que quando Deos permitte, que os ſeus Santos padeção; aquella permiſſaõ naõ he propriamente caſtigo, he prova da ſua virtude. He pena, que no meſmo tempo he amor: *Ego* Apoc. 3. 19.

quos amo, caſtigo. Parecerà pois (agora reſpondemos à duvida) q̃ ſim falta Deos com a ſua clemencia, quando deſte modo caſtiga; ouvindo as perguntas, que lhe fez Job, das quaes he eſta a primeyra, & tambem ſerà o primeyro argumento da noſſa queſtaõ. *Numquid bonum tibi videtur, ſi calumnieris me, & opprimas me opus manuum tuarum?* Deos bom, & juſto: Job juſto, & bom; & por Deos caſtigado Job, ſem o eſplendor, & abundancia da ſua caſa; & ſobre iſto, ainda deſemparado, & chagado? Por eſte tom bem ſe poderáõ queyxar a Deos os que forem taõ bons, como Job, & no Job. 10. 3.

ſentido, em que elle ſe queyxou: & entremos jà a controverter a queſtaõ, expondo logo a intelligencia daquella pergunta: *Numquid bonum tibi videtur &c.* Job naõ ſe queyxava de Deos, por ſe ver caſtigado da ſua maõ, ainda que o parecia: fallava com elle, como ſeu favorecido no meſmo tempo de caſtigado. Eu (vinha elle a dizer na ſua pergunta) hey de ſuppor da voſſa clemencia, que me atormentais com afrontas, ſabendo vòs, que eu naõ tenho culpas: *Numquid bonũ tibi videtur, quòd per calumnias opprimas me, aut injuſtè mecum agas?* E hey de crer, que eſtais contra mim, ſabendo eu, q̃ vòs naõ obraîs contra o que ſois; & q̃ tudo iſto *Eſt alienum à tua bonitate?* Aſſim havemos de entender, que fallava Job, vendo em ſi o que padecia, & pondo os olhos em Deos, que o fazia padecer: no meſmo tempo em que abraçava a ſua pena, reconhecia em Deos a ſua miſericordia. Como ſe tiveſſe culpa, ainda que ſe cõſiderava innocente, eſperava delle o perdaõ: *Optat ſibi inſonti parci.* E dava a entender, que naõ ſem fim, ſendo elle de Deos favorecido, pareceſſe ſeu caſtigado: *Quo fine, vel quo fructu ſic exerceatur, ſignificat.*

Tyrin. hic.

Idem ibid.

8. Eſte vinha a ſer em ſuſtancia o ſentido da ſua primeyra pergunta;

guñta; & delle deduziremos nòs agora a força do primeyro argumento da noſſa queſtaõ. Reſolvemos pois, que os culpados ſupponhaõ a Deos caſtigando, quando lhes parece, que perdoa; & que os innocentes o cõſiderem perdoando, quando parece que caſtiga. Para os primeyros não ſão perdões os favores da maõ de Deos, ſaõ caſtigos. E para os ſegundos não ſão oppreſſões os caſtigos da ſua mão, ſão perdões. No meſmo tempo do caſtigo, cada hum deſtes innocentes põem os olhos no perdão, ſem lhe preceder culpa: *Optat ſibi inſonti parci*, & confeſſa, que com fruto ſeu padece por vontade de Deos: *Quo fructu ſic exerceatur, ſignificat.* Bom fora, que os caſtigados da ſua mão, no tempo em que elles cuydão, que ſão os ſeus favorecidos, entendeſſẽ eſte deſengano. Que quando vem as ſuas caſas mais abundantes de bens, creſſem que choviaõ nellas os caſtigos. Pelas liberaes mãos de Deos, diz David, lhes vem a eſtes as inundações das ſuas farturas: *Tu das eſcam illorum: aperis tu manum tuam, & imples benedictione*; que na intelligẽcia dos que commentão ao Profeta, he o meſmo, que dizer: *Tu per terram, Solem, & pluvias producis fructus in eſcã.* E vòs, ſendo o que por meyo das voſſas crea-

Pſ. 144. 15 & 16.

Bellar. hic.

turas lhes encheis as caſas; ſois tambem (entende elle) o que neſte meſmo tempo oppri-
Pſ.10.7. mis as peſſoas: *Pluet ſuper peccatores laqueos: ignis, & ſulphur, & ſpiritus procellarũ, pars calicis eorum.* O que parece rego, & rocio, que lhes fertiliza as terras para a producção dos frutos, ſão chuveyros de penas: *Pluet laqueos*; ſão tormentoſas oppreſſões: *Spiritus procellarum*; & ſão heranças de amarguras; porque iſſo quer dizer aquella porção de caliz: *Pars calicis eorum: ideſt* (commenta Bellarmino) *portio, & hæreditas ipſorum.* Elles ſão os que não perguntando, como fazia Job; mas affirmando, como elles devem fazer, hão de dizer a Deos: *Bonum tibi videtur, ſi calumnieris me*: juſtamente me humilhais, & abateis: & ainda ſendo eu obra voſſa, me affligîs: *Et opprimas me opus manuum tuarum.* Como os voſſos favores ſaõ meus caſtigos, a abundancia da minha caſa he o ſeu açoute. As influencias do Ceo, quãdo parecem fertilidades, que me dão vida, ſão laços, que ma tirão: *Pluet laqueos*, & tranquillidades, que a atormentão: *Spiritus procellarum*: *pars calicis mei.* Aſſim como para os voſſos favorecidos, quando caſtigados, ſois doce herança, parecendo caliz: *Dominus* Pſ.15.5. *pars hæreditatis meæ*, &

Bellar. hic.

& calicis mei, aos voſſos caſtigados, quãdo favorecidos, vem herança de felicidades em caliz amargoſo: *Ignis, ſulphur, ſpiritus procellarum, pars calicis.* Por alluſaõ à bebida do caliz, que ſe dividia entre os convidados, deraõ à herança, porque tambem ſe divide, o nome de caliz: *Calix, qui dividi ſolebat inter convivas, pro hæreditate accipitur.* O meſmo era dizer parte do caliz, q̃ parte da herança; porque tanto o intereſſe da herança, como a bebida do caliz, coſtuma vir em repartiçaõ entre muytos. E accommodando nòs a eſta razaõ dos antigos outra noſſa: por ſe tomar tambem o caliz por amargura, & ainda por morte, que he mais, como lhe chamou Chriſto, quando reſpondeo aos dous pretendentes do ſeu Reyno: *Poteſtis bibere calicem, quem ego bibiturus ſum*; & o meſmo fez a S. Pedro, quãdo o reprehendeo, por lhe querer impedir a ſua prizaõ: *Calicem, quem dedit mihi Pater, non bibam illum*, podemos dizer, que a diviſaõ dos bens herdados he o caliz, ou a amargura, & ainda a morte da herança, deſcobrindo-ſe entaõ hum todo compoſto de partes cõtrarias; de hũa, que he herança: *Pars hæreditatis*; & de outra, que he caliz: *Pars calicis.* E admittido eſte compoſto, ſẽ ſer jà impoſſivel, como

Idem Bellar. ibidem ſupra.

Matth. 20. 22.

Joan. 18. 11.

como conſiderava Job, haver delicias de goſto junto com amarguras de morte: *Poteſt aliquis* Job 6.6. *guſtare, quod guſtatum affert mortem*, olhemos para eſte todo no meſmo Job, & em Balthaſar: ambos primeyro ſenhores de muytos bens, ou herdados, ou acquiridos; & aſſim em hum, como em outro a diverſidade de caliz depois da ſua herança. Job o favorecido de Deos, quando caſtigado, goſtou favores no caliz, & nas amarguras delicias: *Quæ priùs nolebat tangere anima mea, nunc,* Ibid. 7. *præ anguſtia, cibi mei ſunt.* E Balthaſar o caſtigado da meſma maõ de Deos, quando delle favorecido: no banquete, em que goſtou delicias, bebendo pelos vaſos ſagrados do Tẽplo, tragou amarguras de morte depois da bebida do caliz: *Eâdem* Dan. 5. *nocte interfectus eſt Bal-* 3. *thaſſar.*

9 Individuando nòs mais as circunſtancias da pergunta de Job mimoſo de Deos no meſmo tempo de opprimido, & bebendo delicias em caliz de amarguras; reſtanos para o noſſo diſcurſo a cõſideraçaõ, que faz, de ſe ver atormentado por Deos, ſendo elle obra das ſuas maõs: *Numquid bonũ* Job 10. 3 *tibi videtur, ſi opprimas me opus manuum tuarũ?* E ſuppondo lembrado o ſentido em que elle falla, conſiderando-ſe favorecido de Deos, quando na pergunta, que

que faz, parece ſeu caſtigado: nòs havemos de continuar fallando com os ſeus caſtigados, poſto que pareçaõ delle favorecidos. E dizemos, que elles ſão os que mais devem temer, ainda ſendo obras das mãos de Deos, ſer por ellas desfeytos, & no meſmo tempo, em que cuydão, ſaõ delle favorecidos. Muyto favorecida de Deos, porque guiada por Anjos, hia livre dos incendios de Sodoma para Segor a mulher de Lot. E jà entaõ tinha Deos decretado o caſtigo, que pouco depois executou nella, convertendo-a em eſtatua de ſal, ſendo obra das ſuas mãos, aſſim como Job lhe dizia, que era: *Opus manuũ tuarum.* E ainda que a alma deſta mulher naõ foy a convertida na eſtatua, certamente o foy o ſeu corpo: morreo alli, & havendo de ſe reſolver o corpo em pó, ſe converteo em ſal: *Verſa eſt in ſtatuam ſalis.* Por iſſo com muyto acerto ſe poderia gravar ao pé deſta eſtatua aquella letra de Job, naõ como pergunta, mas como affirmaçaõ, & repetida por vozes mudas da eſtatua: *Bonum tibi videtur, quòd opprimas me opus manuum tuarum.* Agora vaõ comigo os que no tempo das ſuas felicidades ſe conſideraõ favorecidos de Deos: & por eſta eſtatua levante cada hum a ſi meſmo a ſua figura. Aquella mulher

Gen. 19. 26.

Cornel. hic, & de incẽs.

lher foy aſſim caſtigada por hum peccado venial; porque ſem entender, que faria peccado grave, & atemorizada com o açoute do fogo, de que fugia, voltou a elle os olhos, naõ obedecendo a Deos, q̃ pelos Anjos ſeus guias lhe havia mandado, aſſim como a Lot, que o naõ viſſe: *Noli reſpicere poſt tergum.* E que farà Deos aos q̃ por culpas mortaes, & naõ fugindo dos incendios, em que ellas ſe forjaõ, mas metendo-ſe nelles, naõ obedecem a Deos, que pelos querer ſalvar, lhes manda dizer, ou por Anjos da guarda, ou por inſpiraçõeſ ſecretas, que fujaõ, & divirtaõ a viſta do tal fogo: *Salva animam tuam: noli reſpicere poſt tergum?* Aquella eſtatua, que ſe diz ſer de ſal metallico, & naõ aquoſo, para ſer perpetua, & naõ abreviada a ſua duraçaõ, ficou para eſtimular com a memoria do ſeu caſtigo aos deſobedientes a Deos, a temerem outro ſemelhante, & naõ voltarem aos incẽdios, de que em algum tẽpo ſe livràraõ: *Ne repetãt mundi, & carnis oblectamenta.* E ſe a duraçaõ deſta eſtatua foy de perpetuidade (ainda que temporal) para naõ eſquecer em poucos annos a lembrança daquella indignaçaõ de Deos; naõ ſe eſqueçaõ os que forem caſtigados por mayores culpas, que a daquella caſtigada,

Gen. 19. 17.

Ibid.

tigada, do que agora lhes dizemos. Advirta cada hum delles, que a ſua eſtatua (& naõ ſó em corpo, mas em alma) là a eſpera hũa duraçaõ de perpetuidade eterna. Nella poderáõ, (mas ſem fruto) bradar a Deos: a eſta obra, q̃ fizeſtes, aſſim a desfazeis: *Numquid bonum tibi videtur, quòd opprimas me opus manuum tuarum?*

10 Até aqui a primeyra pergunta de Job, & tambem o primeyro argumento, q̃ na noſſa queſtaõ parecia prova de naõ haver em Deos clemencia, quãdo atormenta, & ainda parece, que caſtiga, aos q̃ naõ tem culpa. Agora a ſeguinte, & ſegunda pergunta do meſmo Job, & tambem o ſegundo argumento da queſtaõ, que imos reſolvendo: *Numquid oculi carnei tibi ſunt: aut ſicut videt homo, & tu videbis?* Job 10. 4. Hey de ſuppor (continùa Job) que os voſſos olhos ſaõ como os olhos dos homens; ainda que olhando eu para mim aſſim mortificado, pareça que me naõ olhais vós cõ olhos de Deos? Eſta pergunta he o fundamento da duvida: & diſcorrendo nòs coherentes ao primeyro argumento da queſtaõ a força deſte ſegundo; dizemos tambem, que os innocentes, como Job, ainda parecendo menos viſtos de Deos, ſaõ os ſeus mais bem olhados: o que nelles ſe julga deſamor

dos

dos ſeus olhos, he viſta de olhos amoroſos. E os devedores por ſuas culpas, naõ ſe conſiderem favorecidos dos olhos de Deos, ainda quando os vem para ſi inclinados; aquelle olhar de Deos, he (bem podemos accommodar aſſim) he para elles hũ dar olhado. Naõ, como o daõ os olhos dos homens, logo a matar, & matando com olhar; mas para condenar à morte depois, & deyxar ainda viver aquelle, para quem olha. Aſſim como Deos olhava para Adam no meſmo tempo, em que o favorecia, para ſer depois ſentenciado à morte, que jà previa. Os afortunados deſte mundo: os que nelle vivem, como em hum Paraiſo de delicias; eſſes ſaõ os que no meſmo tempo poderáõ ſer olhados por Deos, para depois ſerem indignos da ſua viſta. Tal ſe vio Adam no ſeu Paraiſo: parecialhe ſer hum dos mimoſos dos olhos de Deos: & logo delle temeroſo lhe fugio da ſua viſta: *Abſcondit ſe à facie Domini.* Os que hoje mais pódem, os que mais mandaõ, & os ſenhores dos mayores gozos da vida, tem para ſi, que as ſuas felicidades pódem empareſhar com as de Adam? Pois ſuppondoos iguaes na fortuna, & taõ bem viſtos de Deos, como Adam; bem pódem entender, que os ſeus meſmos olhos lhes poderáõ Gen. 3. 8.

rão parecer humanos: *Oculi carnei*; & que os vè Deos a elles, como os homens coſtumaõ ver: *Sicut videt homo.* Porèm com juſtiça, ainda quando caſtiga com vingança, & com aquella diverſidade de viſtas, que tambem ha nos olhos dos homens, já inclinados, já deſaffeyçoados. Quaes as conſiderava David nos olhos de Deos: hũa vez, deſejando eſtar dentro delles: *Cuſtodi me, ut pupillam oculi*; & eſcondendo-ſe delles outra vez: *Averte faciem tuam.* Naõ porq̃ Deos veja, *Sicut videt homo*, ainda quando como homem vè, ou ha de ver no ultimo dia do mundo. Neſte dia, em que ha de olhar para todos, premiando a huns, & caſtigando a outros; a todos ha de dar o ſeu merecido *Reddet unicuique ſecundùm opera ejus*; & mais entaõ os ha de ver tambem em quanto homẽ: *Filius hominis venturus eſt &c.* Olharà (he verdade) para os do premio com olhos de clemencia, & para os do caſtigo com olhos de indignaçaõ; mas ſempre com olhos de juſtiça. E entaõ verá Job, como ſuppunha bem, quando vendo-ſe atormentado pela maõ de Deos: *Deus mollivit cor meum*, cria, que naõ olhava com olhos de carne para aquella obra das ſuas mãos: *Opus manuum tuarum.* E verà tãbẽ entaõ Judas, quãdo ſabia

Pſ. 16. 8.

Pſal. 50. 11.

Matth. 16. 27.

Ibid.

Iob 23. 16.

Matth. 27.4. ſabia que peccava: *Tradens ſanguinem juſtum*, como devia ſuppor, q̃ o naõ olhava o Divino Meſtre com taõ bons olhos, como parecia; ainda vendo, que lhe dava a meſa, que lhe chegava o prato, que lhe lavava os pés, que lhe chamava amigo, & que lhe aceitava o oſculo. E eſta he a tremenda juſtiça de Deos, que muyto devem temer os homens: naõ ſó naõ os ver Deos; mas ainda naõ os querer elle ver no meſmo tempo, em que lhes parece que ſaõ bem viſtos dos ſeus olhos. Naõ ver, & naõ querer ver, ſaõ diverſos modos de naõ olhar: o ſegundo acrecenta ſobre o primeyro a negativa da viſta, ainda no meſmo tempo do ver. Eſtaõ vendo os olhos; mas contra a vontade de quem eſtá vendo: ou com repugnancia por dentro, que ſó a reconhece o que deſte modo naõ quer ver; ou com repugnancia, que naõ deyxa de ſe ver de fóra, quando o que naõ quer ver, faz que naõ vè, eſtando vendo: & tambem naõ ſe lhe dá do que vè, depois de ter viſto. Aſſim como aquelle, q̃ vendo ao ſeu proximo meyo morto, *ſemivivo*, fez que naõ via, & foy paſſando: *Viſo illo prætерivit.* E como o outro, q̃ olhãdo para o meſmo, foy andando, & naõ ſe lhe deo de o ver: *Cùm videret eum, pertranſijt.* Pelo ver deſtes nos deſcreveo

Luc. 10. 30. Ibid. 31. Ibid. 32.

crêveo Chriſto o naõ olhar dos homens ; quando no meſmo tẽpo em que eſtaõ vendo, bem moſtraõ, que naõ querem ver , ou naõ ſe lhes dà do que vem. E por eſte meſmo exemplo apõtado por Chriſto podemos nòs conſiderar o ver de Deos ; quãdo no meſmo tempo em que eſtà vendo ao diſcipulo traidor , o olha indigno da ſua viſta ; & tambem (digamolo aſſim) naõ ſe lhe dà de o naõ ver , & o mandar ir : *Quod facis , fac citiùs.* Joan. 13.27.

11 Temos chegado à terceyra pergunta de Job , & tambem terceyro argumento da noſſa queſtaõ. Elle,como quem naõ duvida ſerem muyto diverſos os dias , & annos de Deos,dos dias, & annos dos homens ; pergunta a Deos , ſe ſaõ os meſmos : *Numquid ſicut dies hominis dies tui, & anni tui ſicut humana ſunt tempora ?* Job 10. 5. E nòs dandolhe diſtinçaõ na repoſta , lhe moſtramos , como ſaõ diverſos , & pódem ſer os meſmos : diverſos; porque os dias, & annos de Deos ſaõ eternos , & permanentes; & os dos homens ſaõ ſucceſſivos, & temporaes. E pódem ſer os meſmos, parecẽdo huns , & ſerem outros ; porque pódem parecer bons , & ſaõ maos : & parecer maos, & ſaõ bons. Os dias & annos dos juſtos(quando elles parecem caſtigados) ſaõ bons, & naõ

maos ; porque entaõ ſaõ de Deos favoreci-dos. E os dias, & annos dos peccadores (quando elles parecem favo-recidos) ſaõ maos, & naõ bons ; porque entaõ ſaõ de Deos caſti-gados. Hum dos juſtos he o Santo Job, que vendo-ſe ſem culpa, & atormentado, entende, que os ſeus dias, & annos ſaõ bons : & por iſſo diz a Deos, que lhe naõ dà dias como os dos homens, ſendo da-dos da ſua maõ : *Non ſicut dies hominis dies tui* ; nem tambem annos, como ſaõ os annos dos homens, ſendo Deos o que lhos dà: *Et anni tui non ſicut humana ſunt tempora.* E hum dos peccadores, q̃ póde vir aqui por exemplo, he o Rico Avarento da Parabola, que conſide-rando-ſe no logro de muyto bons dias, & annos : *Anima, habes multa bona poſita in annos plurimos*, naõ ſe lhe acabou hum deſtes ſeus bons dias, ſem ſe achar nelle com hũa bem mà noyte: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.* Job em hum dos ſeus maos dias, conſideran-do-o ſer bom : *Spero lucem*, ainda na meſma noyte deſſe mao dia: *Poſt tenebras.* E o Ava-rento na noyte do ſeu meſmo bom dia : *Hac nocte*, acabando-o bem mao : *Animam repe-tunt à te.*

Luc. 11. 9.

Ibid. 20.

Job 17. 12.

Ibid.

12 Logo (concluamos a queſtaõ do que Deos obra) logo as obras das ſuas mãos, aſſim

aſſim como pódem ſer bem viſtas dos ſeus olhos; quando não parecem bem olhadas: & quando mais ſe julgaõ agradaveis à ſua viſta, menos dignas dos ſeus olhos: tambem quando parece que o decurſo dos annos as tem acabado, poderáõ eſtar conſervadas; & mais duraveis, quando ſe entende eſtarem deſfeytas. Implicava, que ſendo taõ obra da maõ de Deos o noſſo viver, como o noſſo ſer; tanto o que ſomos, como o que vivemos; não ſe pareceſſe hũa obra com a outra. Não foſſe a calamidade da vida do juſto, favor da mão de Deos; & a felicidade da vida do peccador, caſtigo da ſua maõ: aſſim como à viſta dos olhos de Deos para as meſmas obras da ſua mão, hũas parecem caſtigo, & laõ favor; & outras parecem favor, & ſaõ caſtigo. Na creação do mũdo fez Deos os dias: *Factum eſt veſpere, & manè, dies unus*: *factum eſt veſpere, & manè, dies ſecundus &c.* Gen. 1. 5. & 8. E em hum daquelles dias, que foy o ſexto, fez Deos o homem: *Faciamus hominem.* Ibid. 26. E ſendo aquellas obras, aſſim os dias, como o homẽ, obras da mão de Deos, & emprego dos ſeus olhos: *Vidit Deus cuncta, quæ fecerat*, & tão boa hũa obra, como a outra; dias, & homem: *Erant valdè bona*, logo então ſe vio o que imos moſtrando. O dia, que Ibid. 31 Ibid.

pareceo ao homem o da ſua mayor felicidade, por entender, que tambem elle ſeria como Deos: *Eritis ſicut dij*, eſſe foy para o homem o mais funeſto dia: foy o dia em que lhe começou a amanhecer a deſgraça do ſeu degredo: *Emiſit eũ Dominus Deus de paradiſo.* E o homem, que parecia a obra da maõ de Deos mais parecida na duraçaõ com o ſeu Author, por ſer hũa copia ſua: *Ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram*, veyo a acabar em pó deſfeyto: *In pulverem revertêris.* Fiemſe agora os que no mũdo ſaõ luzes, & ſe reputaõ por homens, ainda que ſejaõ obras da maõ de Deos; para naõ temerem ſer luzes mortas no meſmo tempo, em que ſe conſideraõ mais vivas: & para naõ cuydarem, q̃ no meſmo tempo, em que ſe tem por mais homens, poſſaõ cair, quebrar, & deſfazerſe como fraco barro. Olhem para o Anjo, que ſendo juntamente luz aceſa pela maõ de Deos, & obra perfeytiſſima da ſua maõ; no meſmo dia, em que aſpirava ao mayor luzimento: *Similis ero Altiſſimo*, foy amortalhar toda a ſua luz na profundidade do abiſmo: *In profundum laci.*

Gen. 3. 5.
Ibid. 23.
Gen. 1. 26.
Gen. 3. 19.
Iſai. 14. 14.
Ibid. 15.

Queſtaõ dos que pareceõ deſcuydos de Deos.

§. V.

13 E Saõ os que nòs nelle cõſidera-

ſideramos, naõ os que elle tem; ſaõ aquelles de que jà o vemos arguido, & nos daõ o argumento para a queſtaõ, que agora movemos. *Exurge, quare obdormis, Domine? Quare faciem tuam avertis? Quare obliviſceris inopiæ noſtræ?* Dormir, naõ olhar, & eſquecer, he o meſmo que deſcuydar; & ſaõ tres os fundamentos, que por metafora nos levaõ a pergũtar a Deos, porque razaõ tantas vezes ſe deſcuyda de nòs. Hũ fundamento, o ſeu ſono: *Quare obdormis?* Outro fundamento, a averſaõ do ſeu roſto: *Quare faciem avertis?* E outro fundamento o ſeu eſquecimento: *Quare obliviſceris?* Naõ fallamos por parte dos juſtos, nem a elles reſpondemos por parte de Deos, como commentaõ eſtes textos os que os diſcorrem; porque nem iſto em Deos he deſcuydar, nem nos juſtos he queyxar. Em Deos, he provar a virtude do juſto: & no juſto, he implorar o auxilio de Deos. He o que ſe vio, quando os ſagrados Apoſtolos acordàraõ a Chriſto para os livrar da tempeſtade, que os atribulava. Tambem entaõ lhe poderiaõ dizer: *Exurge, quare obdormis? & avertis faciem tuam? & obliviſceris inopiæ noſtræ*, aſſim como lhe diſſeraõ: *Domine, ſalva nos, perîmus.* Fallamos porèm por accommodaçaõ

Pſal 43. 23. & 24.

Videantur Cómentar.

Matth. 8 25.

daçaõ noſſa por parte do peccador, & lhe reſpondemos por parte de Deos, diſcorrendo as tres perguntas jà propoſtas: *Quare obdormis? Quare faciem tuã avertis? Quare obliviſceris?* Dorme pois Deos, porque dormimos nòs: & qual he o ſono do peccador para Deos, tal he o de Deos para o peccador, como entramos a moſtrar, precedendo primeyro algũas advertencias. Na intelligencia moral das Eſcrituras, o meſmo he ſono, que morte; & tanto monta o morrer, como o dormir; porq̃ de Santo Eſtevaõ morto ouvimos dizer, que dormio: *Obdormivit in Domino*: & porque à morte de Lazaro chamou Chriſto ſono: *Lazarus dormit.* Donde havemos de inferir por conſequencia, que ha mortos, que dormem para a eternidade da gloria, como morreo, & dormio Santo Eſtevaõ: *In Domino*; & tãbem ha mortos, que dormem para a pena eterna, como morreo, & dormio o Rico Avarento da Parabola: *Mortuus eſt dives, & ſepultus eſt in inferno.* Tudo iſto aſſim advertido, ponderemos agora as mortes, & os ſonos dos dous mortos, ou dormentes, Lazaro, & o Avarento: & por elles ſeráõ retratados os que como elles morrem, ou dormem. Lazaro morreo, & dormio; mas depois reſuſcitou:

Act. 7. poſt 59.

Joan. 11. 11.

Luc. 16. 22.

citou ; & o Avarento dormio, & morreo , & naõ ſe vio reſuſcitar. Supponho ſabida a hiſtoria de hum , & a Parabola(ou tambem hiſtoria , como alguns dizem) do outro : como ſuppomos tambem , q̃ Lazaro he hũa figura do peccador morto pela culpa ; & tambem do meſmo peccador reſuſcitado pela graça : & que em repreſentaçaõ contraria , he o Avarẽto a figura do peccador pela culpa morto , & naõ pela graça reſuſcitado. Do peccador repreſentado em Lazaro, porque depois de morrer pela culpa , reſuſcitou pela graça , foy o ſeu ſono *In Domino*. E do peccador repreſentado no Avarẽto, porque naõ reſuſcitou pela graça , depois de morrer pela culpa , o ſeu ſono foy *In inferno*. O peccador repreſentado em Lazaro, levantouſe do ſeu ſono : *Prodijt , qui fuerat mortuus*. E naõ ſe levantou do ſeu , o peccador repreſentado no Avarento : *Mortuus eſt*. Ao peccador repreſentado em Lazaro , como jà diſpoſto para hũa nova vida pela reſtituiçaõ da alma , que tinha perdida , manda Deos , que ſaya da ſepultura do corpo : *Veni foras*. E ao peccador repreſentado no Avarento , como a indiſpoſto para ſemelhante vida , naõ manda Deos ſair da ſepultura da alma : da ſua carne (diz Theofilato)

Joan. 11. 41.

Luc. 16. 22.

Joan. 11. 43.

em que elle ainda vivo a trazia ſepultada. *Etiã dum viveret, ſepulta erat ejus anima, carnem, quaſi ſepulchrum, circumferens.* E ſaõ eſtas razões, porque Deos naõ dorme para o peccador repreſentado em Lazaro; & o buſca, para o fazer levantar do ſono: *Vado, ut à ſomno excitem eum.* E porque para o peccador repreſentado no Avarento dorme Deos, & o naõ buſca acordado: *Obdormit Dominus.*

Theophyl. in Luc.

Joan. 11 11.

14 Tambem, ſe nos parecer deſcuydo em Deos, quando entendemos, que nos naõ põem os ſeus Divinos olhos: *Avertit faciem ſuam à nobis*, he, porq̃ nòs tambem lhe naõ pomos os noſſos, & por eſte modo nos eſquecemos de Deos: *Avertimus ab eo faciem noſtram.* E iſto he o que elle nos vem a dizer pelo Profeta: *Convertimini ad me, & convertar ad vos.* Em nos mãdar, que nos voltemos para elle: *Convertimini ad me*, moſtra, que nos vè voltados para as creaturas, & eſquecidos do Creador. E em nos prometter, que ſe voltarà para nòs: *Convertar ad vos*, diz, que por nos ver com os noſſos olhos poſtos nas creaturas, & eſquecidos delle, deyxou de pòr em nòs os ſeus olhos, & ſe eſqueceo de nòs. Eſta he a razaõ, porque nos parecẽ deſcuydos ſeus, os que ſaõ deſcuydos noſſos: porque ſendo

Zach. 1. 3.

nòs

nòs os que primeyro *Avertimus faciem noſtram à Deo*, naõ vemos, que por iſſo *Deus avertit faciem ſuam à nobis*. Là nos eſpera para o ultimo dia do mundo, o que eſtamos diſcorrendo neſte; & à cuſta de muytos ſe verà provado naquelle. Aos que agora voltaõ o roſto a Chriſto repreſentado no pobre, quando lhes pede o ſuſtento, & o mandaõ ir da ſua preſẽça ſem lhe pôr olhos; a eſſes meſmos ha de mandar elle ſair da ſua, para nunca os ver: *Diſcedite à me: eſurivi enim, & non dediſtis mihi manducare.* E ſe a falta deſta commiſeraçaõ dos homens, diſſermos, que he ſó hum deſcuydo ſeu: conſintamos tãbem chamarſe hum como deſcuydo de Deos a ſua Divina permiſſaõ, quando por ſeus altiſſimos juizos os deyxa ir vivendo aſſim incompadecidos da neceſſidade do faminto. E entaõ, aſſim como diſſemos, q̃ dorme Deos, quando nòs dormimos: quando nòs nos deſcuydamos, ſe deſcuyda Deos. Nòs, *Faciem noſtram avertendo à Deo*, no pobre mendigo: & Deos, porque nos deſcuydamos em o alimẽtar neſſe mendigo, deſcuydando-ſe tambem de nòs: *Faciem ſuam avertendo à nobis.*

Matth. 25. 41. & 42.

15 Eſta he tambem a repoſta, que devemos ſuppor dada por Deos aos que lhe perguntaõ (& eſtamos na terceyra duvida,

duvida, & terceyro argumento da noſſa queſtaõ) como, Senhor, tanto eſquecimẽto em vòs, ſendo em nòs tanta a noſſa pobreza: Pſal 43. 24. *Quare obliviſceris inopiæ noſtræ?* E reſponde a cada hum dos que aſſim lhe perguntaõ: porque tambem tu te eſqueces da minha, quando eu no pobre te peço, que a ſoccorras; & tu a deyxas, como Matth. 25.43. eu nelle a tinha: *Nudus eram, & non cooperuiſti me.* Naõ diz iſto Deos, porque faça da nudez do pobre, caſtigo para o rico, deſpindo-o a elle, por deyxar deſpido o pobre. Mas, porque o quer caſtigar com hum deſemparo, como com hũa pobreza, por deyxar padecer ao pobre o ſeu deſemparo. *Quare obliviſceris inopiæ noſtræ, & tribulationis noſtræ,* diz hum Commento: *Afflictionis noſtræ,* verte outro: *Calamitatis noſtræ,* & colhemos de outro: *Non ſuccurris egentibus auxilio.* De maneyra, q̃ a pobreza com que Deos ſe vinga: *Obliviſceris inopiæ,* quando com ella caſtiga; he a tribulaçaõ, a afflicçaõ, a calamidade, & o deſemparo, em que deyxa padecer a muytos, como deſpindo-os, ou deſpedindo-os da ſua protecçaõ, do ſeu abrigo, & do ſeu abraço. E com eſta pobreza (accommodamos nòs) he que Deos deſpede atribulados, & afflictos: *Diſcedite à me,* aos que deyxaõ Pſal 43. 24. Genebr. Bellar. hic. Matth. 25.41.

deyxaõ afflicto, & atribulado ao pobre neceſſitado do veſtido, & nelle ſe cõſidera tãbem a ſi deſpido: *Nudus erã, & nõ cooperuiſtis me.* Aſſim como (ſupponhamos agora, q̃ diz Deos, fallando com hũ deſtes incompadecidos) eu te hey de ſentenciar a hũa privaçaõ eterna da viſta dos meus olhos; porq̃ no pobre me privaſte da viſta dos teus, mandandome ir ſem os pores em mim: tambem, porque me mandaſte da porta da tua caſa ſẽ me veſtires, chegando eu a ella neceſſitado; te hey de mandar deſpido, & deſemparado da minha miſericordia, & por iſſo afflicto, & atribulado, a bater à porta do inferno: *Diſcede in ignem æternum.* Se Adam, porque ſe vio a ſi deſpido, me temeo no Paraiſo: *Timui, eò quòd nudus eſſem*; muyto mais me devias tu temer, porque me naõ cobriſte vendome deſpido no pobre: *Nudus eram, & non cooperuiſti me.* A nudez de Adam foy effeyto da ſua deſobediencia: foy, porq̃ naõ guardou o preceyto de Deos: *Quis indicavit tibi, quòd nudus eſſes; niſi quòd ex ligno, de quo præceperam tibi ne comederes, comediſti.* E a minha nudez foy por falta da tua caridade: foy, porque me naõ veſtiſte, eſtando eu deſpido: *Non cooperuiſti me.* E tanto excede hũa nudez à outra: a minha de que tu foſte cauſa, à de

Ibid. 43. Gen. 3. 10. Ibid. 11. Ibid. 41.

de Adam, da qual foy cauſa a ſua culpa; quãto agora ves neſte dia mais contra ti a minha, do que contra ſi vè Adam a ſua. Elle apparece neſte dia perdoado, & tu vàs agora condenado: *Diſcede à me in ignem æternum, qui paratus eſt diabolo.* A Adam naõ o condenou a ſua nudez: & a ti condenate a minha: elle, que foy o deſpido, foy o julgado: & eu, que por ti naõ fuy veſtido, ſou o teu Julgador: *Quia nudus eram, & non cooperuiſti me, diſcede à me.* Dize agora: cõ todas eſtas razões devia eu lembrarme da tua pobreza, vivendo tu taõ eſquecido da minha? Eſtà já reſpondida a tua pergunta: *Quare obliviſceris inopiæ noſtræ: tribulationis noſtræ: calamitatis noſtræ?*

Matth. 25. 41.

Queſtaõ do preço da alma.

§. VI.

16 HE a primeyra que diſcorremos propoſta por Deos aos homens, depois das que pelos homens ficaõ já propoſtas a Deos. Na balãça, onde ſe péza eſte preço, entra de hũa parte a alma, & o mundo entra da outra parte, ſuppondo-ſe já a perda da alma, por ſe amar mais o mundo. E neſſa ſuppoſição pergũta Deos: *Quid prodeſt homini, ſi mundum univerſum lucretur, animæ verò ſuæ detri-*

Matth. 16. 26.

detrimentum patiatur? Naõ ha mal, a que ſe lhe naõ tome o pezo: ſe naõ antes de ſe padecer; depois de padecido, & muytas vezes ſẽ remedio. Antes de vir, ou péza pouco, ou nada: & naõ deyxa de pezar muyto, depois de ter vindo. Comeo Adam do fruto da arvore prohibida: & naõ lhe pezou o meſmo fruto, ſenaõ depois de o ter comido. Na hora de o comer, pezoulhe taõ pouco, que naõ applicou mais que hum leve movimento da maõ cõ que o tomou, & o levou à boca no meſmo tempo, em que Heva lho deo: *Dedit viro ſuo, qui comêdit.* E naõ muyto depois de comido, ficou obrigado ao empenho de todas as ſuas forças, para mover cõ a meſma maõ mayores pezos: para lavrar, trabalhar, & ſuar, para comer: *Maledicta terra in opere tuo: in laboribus comedes ex ea: in ſudore vultûs tui veſcêris pane.* Iſto foy, conſiderada a materialidade do fruto; & ponderada a ſua moralidade, tambem foy o meſmo, & ainda mais. Foy tanto mayor o pezo do fruto depois de comido; & tanto menos o que pezava antes, quando goſtado, que todo o ſeu goſto naõ paſſou de Adam, & nelle ſe acabou: & todo o ſeu pezo, ainda hoje vay decendo, & pezando por todos os ſeus deſcendẽtes. E a todos levaria até

Gen 3. 6.

Ibid 17. & 19.

até o profundo do abiſmo da terra, ſe Deos por ſua miſericordia o naõ tomàra ſobre ſeus hombros. Por ſer, pois, tal eſte pezo, & de ſua natureza profundar tãto, propõem entaõ Deos a queſtaõ deſte noſſo diſcurſo, & pergunta: Péza mais o mundo todo, do que a alma em peccado chega a pezar; ſendo o mundo todo hũa vaidade, que como ar ſe deſvanece: *Omnia vanitas*; & a alma em peccado taõ pezada, que dece *In profundum laci?* Que intereſſa pois aquelle *Qui univerſum mundum lucratur*, naõ ſendo de pezo algum o que elle he: ſe por deſgraça a ſua alma *Detrimentum patiatur*, & o peccado lhe deo todo o pezo, que tem? De hũ ſó homem (de Adam ſó) podemos dizer, que foy ſenhor do mundo todo, por lhe dar o dominio delle quem o creou: *Replete terram, & ſubjicite eam, & dominamini piſcibus maris, & volatilibus cæli, & univerſis animantibus, quæ moventur ſuper terram.* E que lucrou Adam, depois de perder a ſua alma pelo peccado, & ſendo antes ſenhor de tanto mundo: *Quid profuit homini?* Elle o podia dizer entaõ logo; & nòs o diremos agora: lucrou, tornar outra vez ao nada, que havia ſido, & a desfazerſe no nada, que o mundo he: *In pulverem retertêris.* Querem agora

Eccl. 1. 2

Iſai. 14. 15.

Gen 1. 28.

Gen 3. 19.

agora ver os mayores Potentados do mundo, o que nelle intereſſaõ, quando por elle ſe perdem? Olhem para o q̃ elles ſaõ no mundo, & para o que o mundo he para elles: o mundo todo, que he o lucrado: *Vanitas*; & todos elles, que ſaõ os lucradores: *Pulvis*. Boa advertẽcia eſta, para ſe tomar bem eſte pezo: olhar cada hum para ſi, depois de ſe perder pelo mundo: fazer o que fez o Pro-
Luc. 15. 17. digo da Parabola: *In ſe reverſus*. Depois de ſe perder pelo tudo, que elle tinha no mundo, & era o que lhe coube por herança dos bens da
Ibid. 12 ſua caſa: *Da mihi portionem ſubſtantiæ, quæ me contingit*, poz os olhos em ſi (os da alma, ou entendimento, queremos dizer cõ a Verſaõ Syriaca: *Ad animam, ad cor, ad mentem rediens*) & vio-ſe ſem nada: *Fame pereo*. Poz os olhos em ſi, *In ſe reverſus*, & deſconheceo-ſe de filho da ſua caſa; pois invejava o ſuſtento dos que nella eraõ jornaleyros: *Quãti mercenarij in domo patris mei abundant panibus*. Tome pois o peccador o pezo ao nada do mundo, como o tomou o Prodigo: & verà, como por eſſe nada, ainda pezando taõ pouco, ſe perde hũa alma, ſendo hum bem de tanto pezo. Por hũ ſó pedaço do mundo, como fez o Prodigo pelo quinhaõ das ſuas riquezas: *Da mihi portionem*

Syriac hic.
Ibid. 17.
Ibid.

tionem ſubſtantiæ; & como fez Adam por outro pedaço do mundo, pelo goſto de hum ſó bocado delicioſo: *Bonũ ad veſcendum*, perdèraõ elles as ſuas almas: *Animarum ſuarum detrimentum paſſi ſunt.* Nem ſe repare, fazermos nòs aqui o mundo em pedaços; porque jà ſe entende, que naõ fallamos do material do mundo, fallamos dos vicios, que o compõem hum todo; & a cada hum delles conſideramos como hũa ſua parte, ou hum ſeu pedaço. E o fundamento deſta conſideraçaõ, ſobre ſer vulgar, pois coſtuma chamar cada hũ o ſeu mundo à ſua mà inclinaçaõ, ou ao ſeu genio, ou vicio particular: vemos tambem, que quando chegaõ a deyxar o mundo, ſó deyxaõ hũ pedaço delle no vicio que deyxaõ, & naõ deyxaõ o mundo do outro no ſeu vicio, ou pedaço por elle deyxado: & eſte vem a ſer o deſpedaçado do mũdo, de que fallamos. Quando S. Pedro deyxou o ſeu mundo, naõ deyxou no ſeu *Omnia*, mais que os cuydados das ſuas peſcarias. E quando S. Paulo deyxou o ſeu *Crucifixus ſum mundo*, ſó deyxou o zelo de perſeguidor de Chriſto, que era entaõ todo o ſeu cuydado. Nem S. Pedro deyxou o mundo, que deyxou S. Paulo; porque naõ tinha o ſeu mao zelo. Nem S. Paulo deyxou o mun-

Gen. 3. 6.

Matth. 19. 27.

Ad Gal. 6. 14.

o mundo, que deyxou S. Pedro; porque naõ era de peſcarias a ſua vida. E por eſte modo deyxou cada hum o ſeu pedaço do mundo naquillo que particularmente deyxou. Advertimos porèm, q eſtes que nòs chamamos pedaços do mundo, aſſim conſiderados a reſpeyto do ſeu todo; a reſpeyto dos q os deyxaõ, ſaõ para cada hũ delles hum todo, aquelle ſeu pedaço do mundo, ou mundo particular. O cuydado das ſuas redes, & barcos, que era o mundo particular de S. Pedro, era para elle hum mundo todo: *Reliquimus omnia.* Ainda que aquellas redes, & aquelles barcos a reſpeyto do todo do mundo foraõ hum ſeu pedaço; a reſpeyto de Pedro, que os deyxou (diz S. Gregorio, & depois delle S. Bernardo, & o recopila Cornelio) eraõ todo o mundo: *Totum mundum reliquit.* Corn. in Euang. hic.

Matth. 19.27.

17 Até aqui a deciſaõ da duvida propoſta por Deos, pezada a perda da alma pelos intereſſes do mundo; & agora entramos a diſputar a meſma queſtaõ, medindo a meſma perda pelos meſmos intereſſes. Hũa couſa he, perder por erros de pezo; & outra, perder por erros de medida. Hũa deſtas perdas ve-ſe na balança, a outra veſe na vara: & eſta differença de erros nos obriga a ver o que intereſſa quem perde a alma,

alma, medidos os lucros do mundo; depois de termos jà viſto o q̃ elle lucra, pezados os ſeus intereſſes. A medida da alma naõ tem termo, he eterna, depois que a alma ſe começou a medir. E a medida de todos os intereſſes do mundo, por mayor que ſeja, naõ paſſa de bens tẽporaes, & de annos contados. O Avarento da Parabola, quando quiz tomar eſtas medidas, olhando para a ſua alma, & para os bens, pelos quaes a perdeo, naõ paſſou de bens muytos, & annos muytos: *Anima, habes multa bona poſita in annos plurimos.* Nem o numero dos bens ſoy infinito, nem a extenſaõ dos annos immenſa: *Multa bona: annos plurimos,* & a ſua perda era eterna; porq̃ era da ſua alma: *Animam tuam repetunt à te.* Todas as almas, que ſe perdèraõ deſde a creaçaõ do mundo até o tempo de Noè, ainda hoje padecem a ſua perda: & os bens de todo o mundo antecedente àquelle tempo, pelos quaes ellas ſe perdèraõ, todos afogou o diluvio. Taõ eſtendida, como iſto, foy a medida do mal, que intereſſáraõ os que gozáraõ aquelle mundo; & taõ curta a do bem gozado: a medida do mal intereſſado, eterna; & a do bem gozado, temporal. Neceſſariamente havemos de fallar por eſta ironia, chamando intereſſe

Luc. 12. 19.

Ibi v. 20.

tereſſe ao mal; porque na queſtaõ propoſta vemos perguntar pelo proveyto do q̃ perdeo a alma: he perda da alma: *Animæ detrimentum*, & chama-ſe proveyto do homem: *Quid prodeſt homini.* Mas ainda eſta medida naõ eſtà bem tomada; porque he de todas as almas perdidas, & de todos os bens, porque ellas ſe perdèraõ. Porque he de dous todos: hum do mal de todas as almas perdidas; & outro, de todos os bens, que foraõ a cauſa de ellas ſe perderem. Tomemos agora outra medida: a de hũa ſó alma, & a dos bens de muytos mundos: de hũa parte o todo dos bens, & da outra hũa ſó parte do todo do mal. E excede tanto a medida da perda de hũa ſó alma à medida dos bens, & intereſſes de muytos mũdos; quanto vay do tẽporal daquelles muytos mundos ao eterno daquella ſó alma. Tomemos mais outra: a do gozo eterno, que intereſſa aquella alma, q̃ ſe naõ perdeo, comparada com o gozo tẽporal da outra, que por elle ſe perde. Mil annos daquelle gozo ſaõ como hum dia: *Mille anni ante oculos tuos, tãquam dies heſterna, quæ præterijt.* E hũ inſtante (chamemoslhe o que parece) do gozo peſſimo de hum dia, provoca a condenaçaõ de mil annos: *Dies, tamquam mille anni.* Sabem jà os Pſ. 89. 4.

q̃ iſto ouvem, & ſuppomos q̃ crem o q̃ ſe ha de reſponder à queſtaõ, q̃ Deos lhes propõem: Matth. 16. 26. *Quid prodeſt homini, ſi mundũ univerſum lucretur, animæ verò ſuæ detrimentũ patiatur?* Tẽ jà entendido, q̃ naõ he lucro, mas perda o que intereſſa, quem perde a alma pelo que dà o mũdo? Pois ainda eſte naõ he o ſeu mayor mal: naõ he ſó ſer a perda da alma eterna; & o mũdo por quem ella ſe perde, ſer temporal. He tambem; porque ainda depois de ſaberem eſta verdade, naõ deyxaõ de amar mais o tẽporal, por quem ſe perdem, do que a alma, q̃ neſſe amor chegaõ a perder. Cem annos durou o ameaço de Deos feyto ao mundo, antes de o afogar no diluvio: & fazendo S. Chryſoſtomo comparaçaõ da medida deſte ameaço: *Interceſſerunt anni inter prædictionem, & diluvium centum*: com as deſculpas de todos aquelles ameaçados, nada aproveytou a horribilidade da perda das almas, q̃ ſe havia de ſeguir, depois de paſſada toda aquella medida de annos, & de todos os intereſſes daquelles annos, ſe foſſẽ medidos: *Et in his annis ne tantillum quidẽ profecerũt.* Depois das medidas do tempo, nas quaes jà temos viſto o q̃ lucra, quẽ pelos intereſſes do mundo perde os da alma; podiaõ vir aqui lẽbradas as medidas da vara, nas S. Chryſoſt. in Gen homil. 25.

quaes

quaes tambem naõ ſaõ impoſſiveis erros, que cheguem a provocar condenações de almas por aggravos da conſciencia. Mas, porque eſtes erros melhor os póde advertir, & tambem temer, quem tomou aquellas medidas: baſtará a inſinuaçaõ deſta verdade, para elle emendar os paſſados, & evitar os futuros. Tambem, ſe hoje revolveſſemos os cartorios das innumeraveis ſentenças de Authores, & Reos, tomadas por fundamẽto as diſtancias de marcos, & arrumações de rumos por ſeſmarias de terras; ainda ſe ouviriaõ algũas pragas dos ſentenciados, queyxãdo-ſe nos autos de haverem ſido injuſtas. Porèm, ſem recorrermos a eſtas medidas, ou medições, nem ſuppormos erros de Authores, & ſerem eſſes reſervados para o ſupremo Juizo do Tribunal de Deos: temos outras medidas, que tambem ſendo erradas, ſaõ cauſas de muytas perdas, & eſtas o pódem ſer de muytas almas; & por iſſo ſaõ perguntados os ſeus Authores: *Quid prodeſt &c.*

18 Eſtas ſaõ as que tomaõ os noſſos deſejos, & as que quanto mais cheas, mais nocivas: & os bens deſejados ſaõ os que as enchem. E com eſta conſideraçaõ, a duvida propoſta por Chriſto, & por nòs ponderada, fica a meſma na ſuſtancia,

cia, mas no ſentido diverſa. Chriſto propõem: *Quid prodeſt homini, ſi mundum univerſum lucretur?* E nòs ponderamos: *Quid prodeſt, ſi mundum univerſum lucrari cupiat?* No ſentido em que Chriſto excita a queſtaõ, toma-ſe a medida do mũdo actualmente poſſuido: *Si mundum lucremur.* E no noſſo ſentido, toma-ſe ao mundo deſejado: *Si lucrari cupiamus.* E S.Paulo, que melhor profundou a difficuldade da queſtaõ, diſſe o que he bem ſe advirta, & ſe tema. Diſſe, que baſta ſó a medida dos deſejos do mundo (dos ſeus bens entende) para por elles ſe perder a alma: *Qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, & in laqueum diaboli, & deſideria multa inutilia, & nociva, quæ mergunt homines in interitum & perditionem.* Naõ he neceſſaria para eſta condenaçaõ da alma a poſſe deſordenada dos bens do mundo: baſta a deſordem dos ſeus deſejos: *Qui volũt divites fieri.* E ainda ſendo os deſejos infrutuoſos, *Deſideria inutilia*, diz, que ſaõ taõ nocivos, que mataõ, & eternamente condenaõ: *Mergunt in interitum, & perditionem.* Para fundamẽto de taõ horrivel ſentença, naõ he neceſſaria a diſtribuiçaõ peccaminoſa dos bens jà poſſuidos, baſta ſó a deſordenada medida dos appetecidos: *Qui volunt*

1.. ad Tim. 6. 9.

volunt divites fieri, incidunt in laqueum diaboli. Como ſe niſto diſſera S. Paulo o que nòs dizemos, & quizera provar primeyro o que nòs agora provamos. Pela medida do ſeu deſejo achou Judas cortada pelo demonio a medida do ſeu laço: *Incidit in laqueum diaboli*; pela do deſejo que elle tinha de enriquecer, a do laço, com que Matth. 27.5. ſe enforcou: *Laqueo ſe ſuſpendit.* Tantas vezes media eſte laço, quãtas deſejava a venda de Matth. 26.15. Chriſto: *Quid vultis mihi dare, & ego vobis eum tradam?* E naõ ſó afogaõ eſtes laços aſſim medidos, aos que deſte modo querem encher as medidas dos ſeus deſejos: naõ ſó com Judas buſcaõ nos ſeus deſejos as medidas deſtes laços; quando porq̃ *Volunt divites fieri*, andaõ como elle procurando *Quid vultis mihi dare.* Mas tambem aos que jà eſtas medidas tẽ afogado, deyxa o demonio ficar nos ſeus laços: tãbem ao outro Rico do Euangelho, a quem Chriſto aconſelhou, q̃ ſe deſenlaçaſſe: *Vade, vende quæ habes,* Matth. 19.21. deyxou o demonio andar afogado: *Abijt triſtis.* Ibid. 22. De ambos os modos ſaõ as medidas dos deſejos os laços dos illicitamente ricos; ou deſejando as riquezas, & ir entaõ para os laços: *Incidunt in laqueũ*; ou naõ deſejando ſair dellas, & deyxando-ſe andar aſſim enlaçados:

Abeunt triſtes. Os que chegarem a conferir eſtas medidas, vejaõ em que claſſe deſtes deſejoſos ſe achaõ: cõſiderem, ſe ſaõ dos que vaõ para eſtes laços, ou ſe jà eſtaõ nelles. E tãto de hum modo, como do outro; ou indo a cair, ou jà cahidos nos laços aſſim formados pelas medidas dos ſeus deſejos, entenderáõ o que lhes tem aproveytado: *Mundũ lucrari, & animarũ detrimenta pati.* De huns, & outros entende S. Bernardo o meſmo que nòs temos entendido; & ſe queyxa de ſerem muytos: *Ergo ne laqueus diaboli divitiæ ſunt hujus ſæculi? Heu, quàm paucos inveniemus, qui ab hoc liberati laqueo exultent!*

S. Bern. Serm. 3. in Pſal. Qui habitat &c.

19 Tãbem os erros da conta, aſſim como os do pezo, & os da medida, fazem que a alma padeça as meſmas perdas. Aſſim ſe vio na cõta de Ananias, quãdo nella foy convencido de dous erros, naõ fazendo elle conta mais que de hum. Havia tomado para ſi parte do procedido do cãpo, que vendèra; & eſta era a culpa, em que ſó advertia: em ſer ella pela circunſtancia de tomar para ſi o que era conſagrado a Deos, culpa muyto mayor; naõ fazia conta. Mas quando S. Pedro lha tomou, de ambas lhe fez cargo: do que tomou para ſi, & da offenſa que fez a Deos no que tomou: *Cur tentavit*

Act. Apoſt. 5. 3.

tavit ſatanas cor tuum, mentiri te Spiritui Sancto,& fraudare de pretio agri? E Santo Agoſtinho revendo eſta cõta, lhe deſcobrio diſtintos os dous erros,& em breve prova os moſtrou claros: *Sacrilegij damnatur, & fraudis.* Hum foy o do ſacrilegio: *Quòd Deum in pollicitatione fefellerit;* & outro foy o do engano: *Quòd integris muneribus portionẽ quãdam putaverit ſubtrahendam.* E Ananias ao dar deſta cõta moſtrou ſer verdadeyro filho de Adam, quando Deos lhe tomou a ſua. Muyto temeroſo da ſua indignaçaõ, por ſe ver deſpido: *Timui,eò quòd nudus eſſem*, & nada lembrado de lhe ter deſobedecido; o que Deos entaõ lhe lẽbrou: *Quis indicavit tibi,quòd nudus eſſes; niſi quòd ex ligno,de quo præceperam tibi ne comederes, comediſti?* Para Deos o naõ achar deſcuberto na ſua conta,fugio da ſua preſença: *Abſcondit ſe à facie Domini.* E naõ teve razaõ, com q̃ ſe cobrir, quando o arguhio da cauſa de o naõ achar cuberto: *Quis indicavit tibi,quòd nudus eſſes; niſi &c.* Hum, & mais outro: Ananias,& mais Adam, duas vezes culpados em juizo, quãdo elles naõ cuydavaõ de ambas as culpas. Ananias temendo-ſe do engano, & naõ do ſacrilegio: *Sacrilegij damnatur,& fraudis.* E Adam temendo, por ſe naõ

S Aug. Ser. 17. de verb Apoſtol.

Gen. 3. 10.

Ibid. 11.

Ibid. 8.

ver

ver cuberto no corpo: *Quòd nudus eſſem*; & naõ ſem a cubertura da graça na alma pela ſua deſobediencia: *Præceperãne comederes, comediſti.*

20 A conta q̃ deo o negociante do talento, foy contra aquillo meſmo de que devia dar conta: & eſte foy o ſeu mayor erro, quando a deo. Deo conta (digamos aſſim) contra o talento, havendo delle dar conta: havendo de moſtrar o lucro do talento, eſcondeo o talento, ficando ſem ter com que intereſſar o lucro. Aquelle que deſfazendo no principal, fica ſem ter com que haver juros, naõ intereſſa juros; porq̃ tem desfalcado o principal, & obrado contra o que tinha. E iſto he o que fez aquelle negociante do talento, fallando nòs do ſeu material: do talento moeda (queremos dizer) como ſe ſupõem na Parabola. E fallando nòs do talento tomado no ſeu moral, em quanto conſiderado como entendimento na explicaçaõ de S. Gregorio: *Intellectus deſignatur*, tambem dizemos o meſmo. Tãbem aquelle ſervo, de quem elle ſe fiou, obrou contra o talento; porque obrou contra o entendimento. Elle bem entendia (como confeſſou na conta, que deo) que por ſer o ſenhor do talento de mà condiçaõ: *Scio quia homo durus es*, eſcondèra o talento, & que

S. Greg. Hom. 9. in Euangel.

Matth. 25. 24.

que por iſſo naõ grangeàra lucro. Sendo, que por iſſo meſmo; por entender tanto da ſua auſteridade, devia ter acquirido muyta ganãcia. Mas, porque o naõ fez aſſim, errou a conta que deo, obrando contra o que entendia: Ibid. & 25. *Scio quia homo durus es: abſcondi talentum.* Tornemos à ſentença contra Ananias, para hũa baſtante confirmaçaõ do que imos ponderando: tambem nella foy arguido Ananias de obrar contra o talento, quando he o entendimento. Convenceo-o S. Pedro de mentir ao Act. Apoſt. 5. 3. Eſpirito Santo: *Cur tentavit ſatanas cor tuũ, mentiri te Spiritui Sancto*; & iſſo meſmo foy, & he a mentira: *Cõtra mentem ire.* E outra vez o convenceo, ainda na meſma ſentença, quãdo lhe diz: *Quare poſuiſti in corde tuo*, que foy o meſmo que dizerlhe: *In mente tua.* Coraçaõ, ou he entendimento, ou vontade, dizem os que diſcorrem eſta Eſcritura; & por iſſo tanto monta *Ponere in corde*, como *Cogitare, vel velle.* E eſtes ſaõ finalmẽte os lucros, que intereſſaõ no mundo, os que chamados a juizo erraõ a conta que daõ: & iſto o que elles devem reſponder à pergunta: *Quid prodeſt homini &c.* Ibid. 4. Varabl. Tigur. apud Cornel. hic.

21 Mas ainda a eſta pergunta devem reſponder outros convencidos em erros de cõta; & ſaõ aquelles q̃ parece a daõ

a daõ ajuſtada, examinadas as regras da Ariſmetica, & naõ as da conſciencia. Eſtes naõ ſe convencem por ſuas confiſſões; porque o algariſmo publico eſtà na ſua conta; mas muyto fóra della o encuberto. Retratemolos na conta, que tinha para dar o Villico dos lucros daquellas herdades, que fiàraõ da ſua adminiſtraçaõ, & elle para a moſtrar ajuſtada, de tal ſorte arrumou os numeros, dãdo recibos de menos do q̃ lhe deviaõ; que eſtãdo no ſegredo da conſciẽcia convencido em erros de conta, na que queria apreſentar em juizo publico, ſahio louvado: *Laudavit dominus villicũ iniquitatis.* Luc.16. 8.

Eſte exemplar, & os ſeus imitadores, naõ por lucrarem o mundo todo, mas por intereſſes bem limitados, perdem a alma: *Animæ detrimentum patiuntur.* Enganados com a ſua ſutileza, havendo de lançar na conta cento: *Centum cados olei*: *centum coros tritici*, aſſentaõ, ou cincoenta, ou oytenta: *Scribe quinquaginta*: *ſcribe octoginta*, & ficaõ muyto ſatisfeytos da induſtria, ainda que alcançados na conta. Naõ temem ſer convencidos cõ os ſeus meſmos aſſentos poſtos em lembrança, como ainda hoje andaõ eſcritos, & eſtampados os deſte Villico. Que ſuppoſto ſaõ louvados pela arrumaçaõ Ibid. 5. & 7. Ibid.

da

da conta: *Laudavit dominus villicum*, tambem ficaõ vituperados pelo que tem de maldade: *Iniquitatis*. E paſſando do enfatico deſta conta ao ſeu eſpirito; devemos de entender, que aquelle Villico he cada hum de nòs, a quem Deos tem dado os dons, que he ſervido: ſupponhamos com hũ dos Expoſitores deſta Parabola, *Inſigne ingenium, acre judicium, firmam memoriam, ſapientiam, eloquentiam*, & outros dotes da natureza, que coſtumamos chamar prendas, ou talẽtos. Deſtes ſomos nòs adminiſtradores, & naõ cultivadores; aſſi como o Villico naõ era: *Villæ colonus, aut agricola; ſed adminiſtrator, vel diſpẽſator*; & Deos he o Senhor de todos: *Illorum Dominus, quia Dei ſunt dona*. E quando o dotado de grande engenho (tomemos por exemplo eſte talento) deſpreza ao que naõ he aſſim dotado; parece q̃ ſe ha, como ſe aquelle talento foſſe ſeu, antepondo-ſe ao deſprezado, por entender, & ſaber, o que elle naõ ſabe, nem entende. E quãdo aſſim naõ he; quãdo eſte deſprezo naõ he de quẽ faz ſeu o dom, que he de Deos, confeſſando que he de Deos, & naõ ſeu; ſe ainda ſe deſvanece, porque a elle, & naõ a outro, quiz dar Deos eſte talento; erra a conta, que faz por outro modo. Porq̃ no dom, que confeſſa

Cornel. hic.

Comm. Patres apud Concil. ibid.

ſer

ser de Deos, toma para si aquella parte, que o faz desvanecer, por lhe haver Deos dado aquelle dom: divide no mesmo dom o que toma do q̃ Deos dà; & nisto dà errada a conta. O Villico da Parabola, teve na sua conta que poder dividir, para a dar ajustada, & naõ o condenarem por estar errada. De hum cento, *Centum cados olei*, diminuhio cincoenta: *Scribe quinquaginta*; & de outro cento, *Centũ coros tritici*, diminuhio vinte: *Scribe octoginta.* O Villico porèm, ou administrador do engenho, ou entendimento, de que imos fallando, naõ tem nelle partes de que possa retirar hũas de outras, para naõ dar a Deos conta de todas. Ha de administrar o talento com inteyra fidelidade: todo como dom de Deos, & naõ tomar para si hũa parte, & para Deos outra: ou em quanto entendimento: *Tota mente*, ou em quanto coraçaõ: *Toto corde.* Esta foy tãbem a conta, que fez Zacheo, quando vio, & ouvio em sua casa a Christo, que lha podia tomar: achando-se inteyramente comprehẽdido no amor demasiado dos bens do mundo, prometteo despojarse de todos, sem reservar para si parte; & dar todos a quem era o Senhor de todos. E digo, que foy promessa do despojo futuro; porq̃ os que lhe commentaõ Videantur PP. hic.

o que

o que diſſe, entendem que naõ foy oſtentaçaõ de preſente. Prometteo pois dar todos a Deos; porque os repartio em duas partes, & para Deos ambas. Hũa, porq̃ era para pobres: *Dimidium bonorum meorum do pauperibus,* era para Deos; porque o que ſe dà aos pobres, a Deos ſe dà. A outra, porque era para reſtituiçaõ de acredores: *Si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum*, tambem era para Deos; porque o que ſe dà a ſeu dono, dà ſe a quem Deos o deo: & iſſo meſmo he de Deos, por ſer Deos o Senhor de tudo. E ouvindo entaõ Chriſto a conta, que Zacheo dava do deſpojo, que em ſeu obſequio prometia fazer, logo lhe approvou a conta: *Hodie ſalus domui huic facta eſt.* No juizo de Deos (concluamos eſta noſſa queſtaõ) ſe a conta he de numeros Ariſmeticos: por mayor que ſeja a ſutileza do contador, naõ póde ſair approvada, ſe havendo de ſer de cem, ella ſe dà de cincoenta: tira-ſe a adminiſtraçaõ dos bens ao que dà eſta conta: *Dominus aufert villicationem.* Se a conta he de procedidos de vendas, & o contador mẽte ao dono do que ſe vendeo; naõ ſe approva a conta, porque a vicîa a tentaçaõ: *Tentavit Satanas.* E ſó leva toda a approvaçaõ a conta, que ſe dà do todo, & naõ de hũa ſó ametade:

Luc. 19. 8.

Ibid.

Luc. 16. 3.

ametade: *Huic domui ſalus facta eſt.* E deſta variedade de contas bẽ ſe vè o que dellas tiraõ aquelles, *Qui mundum univerſum lucrantur, animæ verò ſuæ detrimentum patiuntur.*

Queſtaõ da verdade de Deos, & incredulidade dos homens.

§. VII.

22 POrque Chriſto prégava a verdade, & elle era a meſma verdade, que prégava; porque era verdadeyro Prégador, pois tinha em ſi aquillo meſmo, que prégava aos outros; arguhio cõ razaõ aos que o naõ criaõ, fazendolhes a pergunta, de que nòs agora fazemos queſtaõ. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Joan. 8. 46. Se o que Deos diz he verdade, & he Deos o que a diz; porque a naõ crem os que a ouvem? Porque ſe naõ crè a verdade dita por Deos, ſendo taõ verdadeyro? Repoſta a eſte argumento, q̃ ſeja juſtificada deſculpa, naõ ha quem a poſſa dar. Mas repoſta, que ſeja materia para a noſſa queſtaõ, naõ ſerà hũa ſó a que daremos. E a primeyra he: Naõ ſe crè a verdade, por ſer clara, & cegar (digamolo aſſim) com a ſua meſma luz aos que naõ querem que ſe lhes falle claro. Do meſmo modo, que os olhos naõ pódem ver a muyta luz do Sol; tambem a muyta

muyta luz da verdade offẽde a muytos olhos. Com eſta differença porèm entre cegueyra, & cegueyra : entre a cegueyra da muyta luz da verdade,& a cegueyra da muyta luz do Sol. A cegueyra,que bem ſe póde dizer faz a verdade, vay dos olhos para ella : & por iſſo nem ſempre a verdade cega; porque nem ſempre a vem eſtes olhos.E a cegueyra, que faz o Sol, vem do Sol para os olhos: & por iſſo em quanto houver Sol, em que pôr olhos, os ha de cegar a ſua luz. Como a primeyra cegueyra, foy a de Herodes,quando o Bautiſta lhe moſtrou aquella verdade : Marc 6. 18. *Non licet tibi habere uxorem fratris tui.* Os ſeus olhos cegàraõ com eſta verdade ; ainda quando elle olhava para a ſua luz: dos ſeus olhos lhe vinha aquella cegueyra; porque o ſeu peccado lhe fazia aborrecer a luz : *Qui malè agit, odit lucem.* Ioan. 3. 20. O meſmo Prégador daquella verdade era hũa luz viva : *Lucerna ardens*; & porq̃ Ioan. 5. o ouvinte da prégaçaõ ſe cegava com tãta luz, mandou tirar a vida ao Prégador , & apagar a luz : *Decollavit Joannem.* Matth. 14. 10. Como a ſegunda cegueyra , he a dos que preſumem ſer Aguias, & querẽ fitar os olhos na luz ſuperior à ſua eſfera : o ſeu olhar entaõ para aquella luz,he o ſeu cegar olhando para o Sol. He levantar Lucifer os olhos para a

luz de Deos; & por ſe atrever a pôr olhos em
Iſai. 14. 14. taõ alta luz: *Similis ero Altiſſimo*, cair aonde nunca ha de ver luz al=
Ibid. 15. gũa: *In profundum laci.* Só ficaõ parecidas de algum modo eſtas duas cegueyras, (& melhor fora, que ſe naõ pareceſſem) a cegueyra, dizemos, que vay dos olhos para a verdade, & a que vem do Sol para os olhos; em ſe poder olhar para a luz do Sol, quando ſe reveſte de algũas ſombras; & em ſe olhar para a luz da verdade, ſe a eſcurece algũa mẽtira. E eſta he outra repoſta, q̃ damos à pergunta de Chriſto, & diſcorremos na noſſa queſtaõ: *Si veritatem dico vobis &c.* A ver=dade do preceyto de Deos naõ podia ſer mais clara: has de mor=rer, ſe comeres: *In quocumque die comederis, morte morieris.* Gen. 2. 17. E Adam, que neſſe tempo a naõ examinou, mas ſó ou=vio, ſem attender ao rigor do ameaço, ſu=geytando=ſe à vonta=de de Deos; quando o demonio lhe pergun=tou por ella: *Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis*; & elle a re=petio: *Præcepit nobis Deus, ne comederemus*, olhou jà para a luz clara da meſma verda=de com aquella refle=xaõ, que na ſua per=gunta lhe infundira o demonio. E no meſmo tempo, em que por eſte modo via Adam, ou olhava para a luz da meſma verdade: naõ Gen. 3. 1. Ibid. 3.

obſtante

obſtante o rigor da pena: *Morte morieris*, naõ lhe voltava o roſto; porque o demonio lhe modificava a luz, encobrindolhe a verdade de Deos com a ſua mentira: *Nequaquam morte moriemini.* Ninguem melhor que Sãto Agoſtinho, a quem daqui por diante havemos de ir ſeguindo até o fim deſte diſcurſo, entendeo a aſtucia do demonio, chamando myſterio da tentaçaõ, ao que podemos chamar cobertura, ou eſcuridaõ. *Ne comedas:* he hum preceyto (diz Agoſtinho fallando cõ Adam em nome do demonio) que tem ſeu myſterio: *Aliquid hìc latet myſterij*, q̃ poſto tu Adam o naõ entẽdas agora: *Quod necdum ſcis*, depois o entenderàs, quando comeres: *Scies autem, cùm comederis.* E era o meſmo, que dizer: Come, Adam, ſem temor da morte, mas antes com eſperança da immortalidade: *Eritis ſicut dij.* Eſte foy pois o myſterio, com que o demonio fez parecer a verdade de Deos de tal ſorte menos obligatoria; que puderaõ Adam, & Heva, ſem os intimidar a força da ſua luz, conferilla com o demonio: *Præcepit nobis Deus &c.*

Ibid. 4.

Genes. 3. 5.

S. Aug. lib. 11. de Gen. ad lit. cap. 30.

23 E continuou o demonio a armaçaõ dos ſeus enganos, miſturando outras verdades com outras mentiras. Tambem na ſua

tentaçaõ fallou verdade, & mentio no meſmo tempo, para eſcurecer por outro modo o verdadeyro com o mentiroſo, quãdo diſſe aos tentados, q̃ ſe lhes haviaõ de abrir os olhos : *Aperientur oculi veſtri.* Fallou verdade ; porque conſtou, q̃ elles abriraõ os olhos da alma : *Aperti ſunt oculi amborum*, dos quaes ſe entende ſer aquelle prognoſtico : *Aperientur oculi.* E tambem mentio; porq̃ os olhos, que elles abriraõ, lhes deraõ a ver a ſua nudez, & fizeraõ conhecer a verdade de Deos, & a mentira do demonio : *Gratiæ, & juſtitiæ originalis tegumento ſpoliati, adverterunt ſuam nuditatem, confuſionem, & verecundiam : & cognoverunt Deum eſſe verum, & dæmonem eſſe mendacem* : & os olhos, que o demonio lhes dizia haviaõ de abrir, eraõ para ſe verem a ſi deoſes : *Eritis ſicut dij.* Quem haverà pois neſte mundo, que livre de ſe lhe mentir, ſe ainda o pódem enganar, abrindolhe os olhos : *Aperientur oculi veſtri?* A mayor das tres tentações, em que o demonio quiz fazer cair a Chriſto no deſerto, foy a da adoraçaõ, que delle pretendia : *Si cadens adoraveris me.* A outra da converſaõ das pedras em paõ, foy tentallo na gula ; & a do precipicio do monte, na honra ; nas quaes o demonio naõ intereſſava

Ibid.

Ibid. 7.

Gen. 3. 5

Matth. 4. 9.

Plures apud Corn. hic.

ſava bem algum proprio para ſi, como intereſſava, ſe ſe viſſe adorado: *Si adoraveris.* E para o tentador lograr entaõ a ſua aſtucia, fez tiro com a ſua tentaçaõ aos olhos de Chriſto; fez, que os abriſſe para o que lhe Ibid.8. offerecia: *Oſtendit ei omnia regna mundi.* Quiz que pelos olhos lhe entraſſe a ſua mentira com cores de verdade; & ſendo o que lhe apreſentava, tudo nada, pareceſſe que era o mundo todo: *Omnia regna mundi.*

24 Naõ abrindo os olhos, mas antes fazendo-os naõ ver, eſtãdo elles abertos, encobrem as verdades com enganos os deſcendentes de Adam, o primeyro enganado do demonio. E niſto deſcobrimos nòs outra razaõ, porque ſe naõ crè a verdade de Deos; & he, porque aquelle myſterioſo modo de enganar no Paraiſo: *Hìc latet aliquid myſterij*, he participado dos homens. Tambem entre elles ſe pratîca, o que entre o tentador, & os dous tentados ſe praticou no Paraiſo. No que ſuccedeo a Urias morto por mandado de David, temos hum ſingular exemplo do que dizemos. Bem moſtrou eſte caſo a participaçaõ do modo de enganar, que imos diſcorrendo; & em tudo he parecido com o engano, de que morreo Adam tentado pelo demonio. Em am- S. Aug. ſuprà.

bas eſtas mortes houve ſegredo occulto, ou myſterio, que poſto entaõ ſe naõ ſabia: *Quod necdum ſciebatur*, depois ſe ſoube: *Scitum fuit autem.* Depois ſe ſoube, que morrèra Urias por decreto de David, vencido tambem da ſua tentaçaõ occulta: aſſim como no Paraiſo, naõ logo, mas depois ſe ſoube, que Adam morrera, levado do impulſo ſecreto da tentaçaõ do demonio. Parecia, que o demonio diſpunha para mayor vida de Adam, ſegurandolhe hũa
Gen.3.5 immortalidade: *Eritis ſicut dij*, & tudo o que aconſelhava a Adam, era para elle morrer:
Gen.2. 17. *Morte morieris.* E em David tudo era zelar o bem de Urias, mandandolhe, que ſe retiraſſe à ſua caſa, que naõ pernoytaſſe fóra della depois de haver chegado da campanha, & que comeſſe com elle na meſma meſa: cuydados todos da vida de Urias; & no meſmo tempo, eſcrevendo David a Joab a ſentença, em q̃ mandava dar a Urias a morte: *Ponite Uriam* 2.Reg. 11.15. *ex adverſo belli, ubi fortiſſimum eſt prælium: & derelinquite eum, ut percuſſus intereat* As demoſtraçõeſ publicas eraõ para Urias hum *Nequaquam morieris*; & no meſmo tempo eraõ myſterios occultos para aquelle fatal *Percuſſus intereat.* Parecia-ſe a maõ de Urias levando na carta de David hum ſeguro da vida,

vida, & juntamente o decreto da morte, com a maõ de Adam tomãdo nella o fruto, em q̃ havia de tragar a morte, juntamente com o prognoſtico de que naquelle bocado eternizava a vida: *Eritis ſicut dij.* E aſſim, que jà naõ duvidaremos de haver myſterio, ou ſegredo occulto, quando ſe naõ crè a verdade de Deos: ſe vemos no Paraiſo logo no primeyro enganado do demonio, naõ ſe crer a verdade do ſeu preceyto: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*; porque o tentador fallou aos tentados em tom de myſterio, quando lhes diſſe: *Nequaquam moriemini.* E muyto menos duvidaremos, de que nos fallaõ myſterioſos, os que parecem zeloſos do noſſo bem no meſmo tempo, em que nos armaõ a ruina do noſſo mal: *Hîc latet myſterium.*

Gen. 2. 17.

Gen. 3. 4.

25 E ſó para Deos, quando ſe lhe naõ crè a ſua verdade, naõ ha myſterios occultos: elle bem vè, & naõ ſe lhe eſconde a cauſa, porq̃ o naõ crem. Nem quãdo elle pergunta, porque lhe naõ crem a ſua verdade: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi*, he por naõ ſaber elle eſte porque. Nem pergunta, como quem duvîda: jà argûe, quando pergunta, & ſabe os myſterios das culpas dos perguntados. A pergunta, que Deos fez a Adam no Paraiſo:

Joan. 8. 46.

Gen.3 9 *Ubi es*, & o que depois lhe diſſe Deos ouvindolhe a repoſta: *Timui, eò quòd nudus eſſem, & abſcondi me*, bem nos moſtra, que elle naõ perguntava por duvidar, & que naõ ſe lhe occultava o ſegredo da culpa, & retirada de Adam. Cuydavas tu, que eu naõ ſabia o que agora dizes, & entaõ fizeſte? *Quis indicavit tibi, quòd nudus eſſes; niſi quòd ex ligno, de quo præceperam tibi ne comederes, comediſti?* Eu naõ pergunto por ti, para ſaber de ti: jà agora entendes, que na pergunta, que te fiz, bem ſabia eu a cauſa do que te perguntava, & o motivo occulto, porque te eſcondias. A tua nudez te fez temer a minha preſença: & viſte que eſtavas deſpido; porq̃ a deſobediẽcia do meu preceyto te fez neceſſitado de cobertura. Todo eſte foy o myſterio do que obraſte, & o indicio do eſtado em que te ves: *Nudus; quia ex ligno, de quo præceperam &c.* Entendaõ pois os que naõ crem a verdade de Deos, que a razaõ de a naõ crerem (& eſta he outra repoſta da ſua pergunta: *Si veritatem dico &c.*) he, porque lhes vem por participaçaõ diabolica a ſua incredulidade. Aſſim o diſſe elle meſmo aos incredulos da ſua verdade: Naõ me credes a mim, porq̃ participais, ainda que naõ por deſcendencia, a genealogia do demonio:

Ibid. 10.

Ibid. 11

Joan 8. 44. nio: *Vos ex patre diabolo eſtis.* Os filhos do author da mentira naõ póſſem crer ao Author da verdade; & eſte he o myſterio do ſeu naõ crer ao que Deos diz: *Quia ex patre diabolo ſunt.* Naõ ſe crer a verdade, que he de Deos, & ainda ſendo Deos o que diz eſſa verdade; iſto tem ſeu myſterio: *Aliquid latet myſterij.* E por myſterio entendemos ſer algũa conveniencia occulta, que obra por dentro com taõ apparentes utilidades do tentado, que depois de o cegar com ellas, o faz cair na tentaçaõ. He taõ myſterioſo eſte modo de tentar, que no principio da tẽtaçaõ naõ ſabemos o que he; mas no fim o vimos a ſaber: *Scimus autem.*

26 E qual ſerà o myſterio de cada hum dos tentados deſte mũdo, reſta agora ſabermos, para darmos fim à noſſa queſtaõ: para dizermos a ultima razaõ de ſe naõ crer a verdade de Deos: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* E reſpondemos, que a inclinaçaõ de cada hum he o myſterio de cada hũa das ſuas tentações, ouvindo a Iſaias, quando profetizava a vinda do Filho de Deos ao mundo: *Omnes nos, quaſi oves, erravimus: unuſquiſque in viam ſuam declinavit;* & attendendo ao commento deſta profecia: *Nos, ſicut oves, quæ ſuâ ſe libidine* Joan. 8. 46. Iſai. 53. 6. Gaſpat Sanch. hic.

mo-

moderantur, ad noxia paſcua deflexímus, prout quemque ſua rapiebat intemperantia. Aſſim andavaõ os homẽs, antes de vir ao mundo o Paſtor deſtas ovelhas: & aſſim andaõ ainda hoje os que depois de ter elle vindo, naõ crem as ſuas verdades. O meſmo vem a ſer os myſterios das ſuas tentações, que as ſuas particulares inclinações: *Prout quemque ſua rapit intemperantia.* E he o que fazia Adam no Paraiſo, o primeyro incredulo da verdade de Deos: *Sua ſe rapiebat intemperantia*, quando o demonio lhe ſegurava a vida com aquelle falſo ſeguro: *Nequaquam moriemini.* Tantas foraõ alli as ſuas mortes, quantas haviaõ ſido as inclinações de Adam, & os ſeguros prometti-dos pelo demonio: *Nequaquã moriemini.* Hũa morte lhe entrou pelos olhos poſtos na fermoſura do pomo: *Pulchrum oculis, aſpectuque delectabile*; outra morte pelos deſejos de o goſtar: *Bonum ad veſcendum*; outra morte pelos deſvanecimẽtos do ſaber: *Eritis ſicut dij ſcientes*; outra morte pelos agrados da mà companhia: *Mulier, quam dediſti mihi ſociã*; & outra morte pelas attenções aos enganos do demonio: *Serpens decepit me.* E todas eſtas cinco mortes debaxo de cinco ſeguros falſos da vida; por mais crer Adam a mentira

Gen. 3. 4.

Ibid. 6.

Ibid.

Ibid. 5.

Ibid. 12.

Ibid. 13.

do

do demonio, do que a verdade de Deos. Bem póde olhar Adam para o fruto prohibido, lhe vinha a dizer o demonio; porque naõ ha de morrer daquella viſta: *Nequaquam moriemini.* Bem póde comer do meſmo fruto; porq̃ naõ ha de morrer daquelle bocado: *Nequaquam moriemini.* Bem póde aſpirar à mais elevada ciencia; porque naõ ha de morrer daquelle deſvanecimẽto: *Nequaquam moriemini.* Bem póde fazer a vontade a Heva; porque naõ ha de morrer daquelle agrado: *Nequaquam moriemini.* E bem póde ouvir o que lhe diz a Serpente; porque naõ ha de morrer daquelle engano: *Nequaquam moriemini.* E quãtas ſeráõ as mortes, q̃ por exẽplo deſtas cinco fará hoje no mundo eſte meſmo ſeguro: *Nequaquam moriemini?* Naõ ſerà poſſivel diſcorrellas, nem ainda numerallas todas. Mas ſim̃ he poſſivel, & obrigaçaõ noſſa, advertir aqui, que todas eſtas mortes faz no mundo a incredulidade da verdade de Deos. Diz Deos (& o meſmo ſe póde entẽder das outras ſuas verdades): *Omnes, qui acceperint gladium, gladio peribunt*; & todos os que chegáraõ a matar, nas mortes que fizeraõ, o deyxàraõ de crer. Como Chriſtãos, dizem eſtes, que ſim crẽ; mas nas ſuas obras cõtrarias ao que crem, ſaõ Matth. 26. 52.

ſaõ mais incredulos, q̃ Chriſtãos. Crem todos os artigos, & myſterios da Fé; mas, quando ſe achaõ no artigo daquella morte, em que os mete a tentaçaõ, aquelle ſó artigo de incredulidade: *Nequaquam moriemini*, & aquelle myſterio, que comſigo traz eſte artigo: *Hìc latet aliquid myſterij*, os faz naõ crerem, como devem, a verdade de Deos. E fica reſpondida a ſua pergunta, & diſcutida a noſſa queſtaõ: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

Queſtaõ dos juizos dos homens.

§. VIII.

27 DIgo dos juizos, ſuppõdo muytos; porque os homens naõ julgaõ de hum ſó modo; & nòs tambem naõ de hum ſó, mas de muytos, fazemos aqui juizo. O fundamento para todos ſerà a pergunta, que na Parabola dos trabalhadores da Vinha fez o Senhor della aos q̃ lhe murmuràraõ a igualdade com que ſatisfez a todos o ſeu ſerviço; porq̃ trabalhando hũs mais que os outros, levàraõ tanto os merecedores do menor jornal, como os que o haviaõ merecido mayor: *Acceperunt ſingulos denarios.* E o que naquella pergunta foy reprehenſaõ, no noſſo diſcurſo he queſtaõ: a pergunta na Parabola foy particular para aquelles Matth. 20 9 & 10.

aquelles murmuradores; & a queſtaõ deſte diſcurſo, he commua a todos os Julgadores. Porque hum he bom, (& eſta he a pergunta) ha de haver quem para elle ſeja mao? *An oculus tuus nequam eſt, quia ego bonus ſum?* Antes de entrarmos neſtes juizos, havemos de advertir, que hũa couſa he ſer hum mao, porq̃ ha em contrario hum bom; & outra, ſem haver hum bom em contrario, jà hum ſer mao. Saõ duas maldades, mas hũa diverſa da outra. O que he mao, porque o outro he bom; a bondade do oppoſto he o motivo da ſua maldade; & o que he mao, ſem haver em contrario algum bom; naõ tem por cauſa motiva da ſua maldade a bondade oppoſta. E deſtas duas maldades, eſta he a mais ſutil: aquella, q̃ deſcobre o que tem maos olhos: *Oculus nequam*; porque o outro tem bom procedimento: *Quia ego bonus*. E taõ ſutil, que parecendo os operarios deſta Vinha juſtiſſimos Julgadores, por quererem que o ſeu jornal foſſe medido pelo merecimento de cada hũ, guardando-ſe a igualdade da juſtiça: *Jus ſuum cuique tribuens*, murmuràraõ do dono da vinha, por ſer igual para todos: *Pares illos nobis feciſti*. De maneyra, que a igualdade da juſtiça, porque era boa para elles, era ſeta igual-

Ibid. 15.

Ibid. 12.

igualdade: & a da liberalidade, porque era boa para os outros, naõ era igualdade juſta: Ibid. 11 & 12. *Murmurabant: pares illos nobis feciſti.* Maos Julgadores ſeriaõ (& foy tambem outro erro do juizo deſtes jornaleyros) os que approvaſſem a igualdade para huns, & naõ para outros; tendo textos, para com juſtiça a ſentenciar para todos; o da liberalidade para eſtes, & o da juſtiça para aquelles. Deviaõ de advertir, que aſſim como o bom devedor, he o que nunca nega; o verdadeyro liberal, he o que dà ſempre; & q̃ ſe hum abre a maõ para a paga, tambem o outro a abre para a mercè. He verdade, que eſtes textos naõ ſaõ do Direyto Canonico, nẽ do Civil; mas ſaõ do Politico, & do Chriſtaõ. Ainda que por eſtarem taõ fundados em razaõ, naõ deyxaráõ de os achar nos Canones, & nas Leys, ſe para julgarem com acerto, ſe cançarem os Julgadores no eſtudo. Nem nòs aqui fallamos ſó com os Julgadores publicos: fallamos tambem com os ſecretos, que dentro em ſuas caſas, & ainda fóra dellas, a todos julgaõ; & mais as ſuas ſentenças naõ ſaõ juizos textuaes. Julgàraõ com mais outro erro eſtes jornaleyros, porque ſatisfeytos de ſe verem entre ſi igualados, ſentiraõ ver aos murmuradores entre ſi

iguaes,

iguaes, levando tam-
Ibid.9. bem eſtes *Singulos denarios.* O juizo deſtes murmuradores tomou aqui a medida a duas igualdades: primeyro, à dos murmurados, comparada com a ſua: *Pares illos nobis feciſti*; & por conſequencia, à ſua delles meſmos, referindo-a de huns para outros; & tambem à dos outros entre ſi meſmos referida. E como a murmuraçaõ era a q̃ media: & ella he vara muyto comprida, & fere até onde chega; ficava tambem medida a igualdade da paga entre os murmurados, parecendo muyto mal, q̃ tambem elles entre ſi ſe viſſem iguaes, & que o Senhor da Vinha niſto os fizeſſe *Pares.* Quem inveja a fortuna de muytos, tãto morde a de todos, como a de cada hum; antes, porque morde a de cada hum, fica mordida a de todos. Livrenos Deos de haver bem afortunado, que nos naõ queyra ver com fortuna! Que ſe elle tiver eſte humor, tanto ſe ha de deſcontentar de nos ver a todos iguaes com elle, como de nos ver entre nòs iguaes. Outro erro teve tambem o juizo daquelles murmuradores, por olharem elles para as mãos dos que trabalhàraõ menos, depois de verem as ſuas com a paga de mais dignos trabalhadores: julgàraõ entaõ mais cõ os olhos, que com a razaõ. Eſtando elles ſatiſfeytos,

feytos, & tendo cheas as medidas dos ſeus merecimentos com as dos premios, naõ haviaõ de olhar mais que para as ſuas mãos; foraõ olhar para as dos outros, & logo lhes parecèraõ as ſuas menos cheas, do que eſtavaõ, ſó porque viraõ tãbem cheas as outras. Arriſca-ſe a naõ julgar bem, quem attende ao que levaõ as mãos, quando quer fazer juizo. A rectidaõ deſte acto toda ha de ſer racional, & naõ manual; pezada no entendimento, & naõ medida pelos olhos. E por todos os juizos errados, que até aqui temos advertido neſtes jornaleyros, juſtamente os reprehendeo o Senhor da Vinha; porque por todos, ſendo elle bom: *Quia ego bonus ſum*, os ſeus olhos eraõ maos: *Oculi eorum nequam.*

28 A meſma pergunta podemos nòs aqui fazer, & tambem nella arguir (ainda que com ſentido trocado) aos imitadores do Fariſeo, que foy a orar ao Templo; & para ſe fazer a ſi bom, fazia mao ao Publicano: *Non ſum velut hic publicanus.* E fallando nòs em nome do Publicano com o Fariſeo, lhe podemos dizer: *An, quia ego nequam, oculus tuus bonus eſt?* He neceſſario ſer eu mao, para tu ſeres bom? Para tu naõ ſeres ladraõ, he neceſſario, que os outros o ſejaõ: *Non ſum ſicut raptores?* Luc. 18. 11. Ibid.

raptores? Para ſeres cõtinente, he neceſſario que os outros ſejaõ ſenſuaes: *Non ſum ſicut adulteri?* Olhas para os que ſaõ injuſtos; & entaõ neſſa viſta dos teus olhos te ves juſto a ti? Toma as medidas à tua ſantidade pelas tuas virtudes, & naõ pelos peccados dos outros. S. Mathias naõ foy bom, porque Judas tinha ſido mao: era o Sãto que era, & naõ mais: & o que era Judas, iſſo era, & naõ menos. Tu es, qual es, ainda ſem olhares para o que ſaõ o roubador, & o adultero. Mas tendo tu à tua viſta os teus vicios, naõ olhas para elles; & ves os vicios dos outros, que te ficaõ muyto diſtantes dos olhos? O Julgador, que julga por teſtemunhas de viſta, naõ exclue as que poderiaõ ver, nem deyxa de inquirir tudo o que viraõ. E tu, que te conſtitues agora meu Juiz, & attendes ao q̃ em mim vem os teus olhos, naõ os admittes, para dizerem o que vem em ti. Porque ſó lhes tomas o depoimẽto do que vem nos outros, & naõ os queres para teſtemunhas do q̃ em ti eſtaõ vendo; bem moſtras que os temes como teſtemunhas cõtra producentem. Nem te quero deſculpar, por te conſiderar cego, & cegar a todos o ſeu juizo proprio; porq̃ ainda aſſim te acho culpado. Ainda que por cego naõ pódes eſtender a

Ibid.

viſta para fóra de ti, como os outros cegos tambem naõ pódem; havias de olhar para dentro de ti, como tãbem os outros cegos fazem. Eſtes, porq̃ naõ vem aquillo em q̃ ouvem fallar cà fóra; de algum modo là fazem pelo ver dentro em ſi. Ouvem fallar no Sol; & porque o naõ vem ao longe, & fóra de ſi; do modo que pódem, dentro de ſi lhes parece que o vem. E iſto devias tu fazer: ſe porque te ſupponho cego, naõ pódes ver as virtudes em que ouves fallar, aſſim como cà fóra ſaõ; devias ver dentro em ti, como ellas pódem ſer. E entaõ, ſe tu de algum modo olhaſſes para a humildade, naõ te renderias tanto à tua ſoberba: o eſplẽdor deſta virtude de algum modo te entraria pelos olhos. O eſpelho, ainda que eſteja bafejado, naõ perde toda a ſua luz; ainda aos que a elle ſe chegaõ, os inculca repreſentados; aſſim como o Sol naõ deyxa de fazer dia, poſto que o encubraõ nuvens. Tal ſeria o criſtal da virtude, poſto que os teus olhos a viſſem nublada, por naõ lhe chegares a ver a luz toda: ſempre para ti ſeria eſpelho por dentro, ainda que para os teus olhos o naõ foſſe por fóra. Porèm ouveſme dizer, que pequey, & que naõ poſſo levantar os meus olhos para o Ceo: & logo, porque

me

me ouves a confiſſaõ de peccador, te conſideras Santo, dizendo, que naõ es como eu. E he entaõ de outro modo, & de muyto peyor modo, errado o teu juizo; porque fazendome a minha confiſſaõ a mim bom, tu me reputas por mao: & ſendo tu mao, na tua confiſſaõ te eſtimas por bom. Erro he grande deſtes julgadores do mundo, dos q̃ do ſeu conceyto fazem tribunal, & julgaõ huns aos outros; ſe algum ſentencea por vicio o que he verdade. Mas ainda he muyto mayor erro, ſe o tal julgador põem em ſi a virtude de outro, & accommoda nelle o ſeu vicio. E iſto he o que tu fazes; o que em mim he ſanto, accommodas em ti; & pões em mim, o que em ti he vicioſo. E para q̃ te naõ falte todo o modo de julgar mal dos outros, & tu ficares bẽ julgado de ti meſmo: acrecentas ao que tens dito, que es abſtinente, ſuppondo que eu o naõ ſou; & que pagas o dizimo a Deos, crendo q̃ eu o naõ pago. E quem te diſſe a ti, que eu naõ faço iſſo meſmo? Que naõ ſou auſtero, & que naõ dou a Deos o que he de Deos? Baſta dizer eu, que pequey, para ſuppores de mim tantas eſpecies de peccados: & neſta ſuppoſiçaõ achares em ti outras tantas virtudes? A confiſſaõ do Reo, ſó he prova das ſuas

culpas, quando o julgador naõ es tu: & naõ quando me julgas de tantos modos mao, para te reputares por outros tantos bom. E julgas aſſim bem? *An, quia ego nequam, oculus tuus bonus eſt?*

29 Muyto bem arguhio o Publicano ao Fariſeo, condenando os juizos alheyos: agora argua-ſe cada hum a ſi meſmo, condenando os ſeus juizos proprios, & fazendo outra accõmodaçaõ do argumento que diſcorremos. Hey de reputarme por bõ, ſe eu me vejo mao? *An oculus meus bonus, ſi ego nequam?* Dous juizos ha de condenar cada hum em ſi meſmo, para ſe naõ ver aſſim arguîdo: o primeyro, quando hum ſe julga a ſi: & o ſegundo, quando ſe lhe naõ dà de q̃ os outros o julguem. E começando pelo primeyro: que juizo mais errado, que vendo-ſe hum a ſi meſmo mao, entender que ſe vè bõ? Pois iſto faria o q̃ chamaſſe à ſua ſoberba, timbre; à ſua ira, generoſidade; à ſua vingança, conſtancia; à ſua detracçaõ, zelo: & por eſte modo canonizaſſe por virtudes ſuas os ſeus vicios. Sendo eſte aſſim vicioſo, julgarſehia a ſi Santo; & ſe olharia com bons olhos, devendo fazer de ſi muyto màs viſtas. Jà eſtà aſſentado por ſentença irrefragavel, que nas cauſas proprias naõ ha Juiz recto; porq̃ a pay-

a payxaõ natural lhe vicîa o juizo, & faz tomar por fundamento de ſer bom, entender elle de ſi meſmo, que naõ he mao. Naõ ha Julgador, que ſem teſtemunhas de fé lance ſentença juſtificada: & como as teſtemunhas do que ſe julga a ſi meſmo, ſaõ os ſeus proprios affectos; ſempre eſtes depõem pela conveniencia, & naõ pela verdade. Vem hum affecto (ſupponhamos o da ſoberba) a ſer teſtemunha neſta cauſa propria; & inquirindo-ſe no tribunal da razaõ, ſe o reo he deſprezador dos humildes, depõem a ſeu favor, & diz, que o que parece deſprezo, he reſpeyto da honra, & reſguardo da peſſoa, obrigaçaõ primeyra dos que nacèraõ honrados. Vem outra teſtemunha ao meſmo juizo, (ſupponhamos a ira, que he outro affecto proprio) & inquirindo-ſe no meſmo tribunal, ſe o reo deſcompõem aos q̃ o trataõ com palavras contumelioſas; tãbem depõem por elle, & diz, que a efficacia do dizer, quãdo naõ he peccado, naõ he contumelia; ſerà intimativa, mas naõ afronta. E por eſte eſtylo, devaçando de ſi meſmo o Julgador com teſtemunhas aſſim induſtriadas: julgarſeha com juſtiça bõ, ſendo elle mao? O ſegundo juizo dos dous, que agora diſcorremos, & he, quando hũ obra

mal, por ſe lhe naõ dar de que delle digaõ bẽ; naõ he menos errado que o primeyro. Conſidera-ſe eſte tal expoſto a ſer julgado no juizo dos outros; & reſolve no ſeu juizo ſer mao, deſprezando a perda de o terem por bom. Faça eu o meu goſto, (diz elle) & digaõ de mim o que quizerem: ſe na reputaçaõ de ſer eu mao, perco o ſer bom; menor perda he a do bom conceyto de mim, do que a de hũa complacencia da minha vontade. Eſtes julgadores fazem hũa claſſe de idolatras, contraria à que he bem frequentada de outros: adoraõ ao idolo, *Que naõ digaõ*, adorando os outros ao idolo, *Que dirãõ*. Os adoradores deſte idolo deyxaõ de obrar bem; porque diraõ delles mal; porq̃ diraõ alguns, que a ſua obra he mà, ſendo boa. E os adoradores do outro, naõ deyxaõ de obrar mal, porque temaõ, que delles naõ digaõ bem; pois ſe lhes naõ dà, que digaõ mal. Como os naõ obriga a ſerem bons o temor de que naõ digaõ delles que ſaõ maos; porque iſſo he o que elles deſprezaõ; eſſe he aquelle *Que naõ digaõ*, que entaõ adoraõ. Qual deſtas idolatrias ſeja a peyor, naõ diſputamos agora: ambas reſolvemos, que ſaõ peſſimas. Tão grande mal he deyxar de obrar bem, porq̃ então dirão mal: diraõ,

diráõ, que he hypocriſia, o que he virtude: como naõ deyxaõ de obrar mal, por ſe temer, que naõ digaõ bẽ: porque nem por hypocriſia ſe quer ſer bom, & deyxar de parecer mao. E temos dado fim a eſte tratado de queſtões moraes, excitadas entre Deos, & os homens: & ſerà o noſſo eſtudo com fruto, ſe eſtudando-as os homẽs, naõ offenderem a Deos. Se cada hum delles, imitando a Job, que tambem fallando com Deos, perguntou, & reſpondeo: aſſim como neſtas queſtões reſpondèraõ, & perguntàraõ a Deos os homẽs; diſſer o que elle diſſe: *Audi, & ego loquar: interrogabo te, & reſponde mihi.* Job 42. 4.

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

R

Reſpeyto.

§. I.

1 NEm por ſer muyto grande, he por iſſo o melhor; ſó no q̃ ſe deve a Deos, naõ tem lugar o conſelho: *Nequid nimis.* Por ſe reſpeytar mais que muyto a preſença de Holofernes, naõ ſe atreviaõ a fazerlhe continuada aſſiſtencia os da ſua Corte militar: *Nullus audebat cubiculum pulſando, aut intrando aperire.* E foy cauſa eſta demaſiada veneraçaõ, de que Judith lhe pudeſſe cortar a cabeça, ſem ſer delles viſta: *Percuſſit bis in cervicem ejus, & abſcidit caput ejus.* Se aquella preſença foſſe menos ſagrada, & ſe dey-

Judith 14. 10.

Solon ex ſept. Græc. Sapient.

Judith 13. 10.

deyxaſſe mais ver dos meſmos que a reſpeytavaõ, & faziaõ reſpeytar; primeyro ſe veria, que lhe metiaõ o punhal na garganta, do que lhe viſſem ſobre os muros da Cidade cortada a cabeça: *Suſpenderunt ſuper muros caput Holofernis.* E iſto meſmo he o que ſuccede aos que por demaſiadamente reſpeytados, naõ ha quem ſe anîme a dizerlhes o mal que fazem, & o bem que perdem, quando vivem deſencaminhados. Primeyro os vem às portas da morte, do que lhes abraõ as do apoſento, para os advertirem dos deſmanchos da vida: *Non audent cubiculum aperire.* Naõ confiaõ menos na amizade dos ſeus amigos eſtes ſacramentados do reſpeyto humano, do que ſe fiava Holofernes da fidelidade dos ſeus ſoldados. Mas como nem as muralhas do amor dos amigos, nem as que levanta a lealdade dos vaſſallos, pódem fazer reſiſtencia à entrada da morte; apparecem os que ſe conſideraõ aſſim defendidos, ſobre eſſes meſmos muros mortos: ſobre a amizade, & a fidelidade inteyras, as vidas perdidas: *Super muros caput.* E menos fora perderſe a vida, ſe os meſmos reſpeytos naõ foſſem tambem cauſa de ſe arriſcar a alma. Quantos mortalmente enfermos, ſenaõ houveſſe quem lhes entraſſe

Judith 14 7.

traſſe na camera a dizer, que eſtavaõ em perigo de vida, ſe acharião primeyro mortos, do que foſſem deſenganados! E tal vez, depois de perdidos; porque antes muyto fechados! Eſtes ſaõ os tempos em que a morte entra a matar, como ladraõ: rompendo exercitos de ſoldados, ſem ſer ſentida, para privar da vida a hum Holofernes; & aſſaltando os muros, que fabricaõ o amor, & o reſpeyto, para entreprender as almas de outros preſidiados, como elle. Quando a morte mata, como morte, toma por armas as enfermidades: ellas ſaõ os batedores, diz S. Gregorio, que primeyro, *Eſſe mortem vicinam deſignant.* Porèm quando mata como ladraõ, entra furtivamente: *Perfodit domum.* Naõ neceſſita de portas abertas, nem entra, *Cubiculum pulſando.* Matth. 24. 43.

S. Greg. hom. 13 in Euã.

Razaõ.

§. II.

2 MAis a admitte o odio quando viſta, do q̃ quando examinada. Sẽdo o odio a payxaõ, q̃ mais cega; póde o odioſo ſofrer a viſta da razaõ; mas naõ a razaõ da cegueyra. Quiz Jonathas duas vezes aplacar a Saul ſeu pay, que andava cego de odio contra David. E quando com razões lhe deo a ver a ſua payxaõ, eſteve

eſteve ſoſſegado Saul:
1.Reg. 19.6. *Quod cùm audiſſet Saul, placatus voce Jonathæ, juravit: Vivit Dominus, quia non occidetur.* Mas quando com perguntas lhe quiz arguir a razaõ de proceder aſſim irado,& querer ver
1.Reg. 20. 32. a David morto: *Quare morietur: quid fecit,* buſcou mais hũa lança
Ibid. 33 contra David: *Arripuit Saul lanceam, ut percuteret eum.* Moſtre-ſe embora aos que eſtaõ aſſim apayxonados,como Saul,que andaõ cegos; & naõ ſe lhes pergunte pela cauſa da cegueyra. Diga Jonathas a Saul, que David tem merecido muyto por armas, & por fidelidade em ſerviço da Coroa; & que por premio de tantos merecimentos experimenta ingratidões, & anda expoſto às lançadas; porque eſſes effeytos do odio bem ſe pódem dar a ver a Saul: *Ne pecces, Rex,* 1.Reg. 19.4.& 5. *in ſervum tuum David, quia non peccavit tibi, & opera ejus bona ſunt tibi valdè: & poſuit animam ſuam in manu ſua, & percuſſit Philiſthæum, & fecit Dominus ſalutem magnam univerſo Iſraëli: vidiſti, & lætatus es.* E a hum vaſſallo como eſte, naõ ſe lhe tira a vida: *Ergo* Ibid.5. *peccas in ſanguine innoxio, interficiens David, qui eſt abſque culpa.* Diga tudo iſto Jonathas a Saul: porèm naõ lhe examine a razaõ de tãto odio contra David: *Quare morietur?* Naõ lhe queyra medir o q elle

elle faz cõ o q̃ David fez : *Quid fecit?* Nem algum de tanto zelo, como Jonathas, empenhado pela razaõ, argumente contra o odio; porque ha de achar ao odioſo, como Saul, tãtas vezes armado : *Arripuit lanceam*, quantas for aſſim perguntado : *Quare? Quid?* Os effeytos da ſua cegueyra bem ſe pódem moſtrar a eſtes cegos ; porque iſſo he repreſentarlhes à viſta, o que deſejaõ ver. Mas inquirir deſſa cegueyra a ſua cauſa : *Quare*, & deſſa cauſa a ſua materia, *Quid*, iſſo naõ ſofrem elles ; porq̃ entaõ he tocarlhes nos olhos : he dizerlhes o que ſe diſſe a Saul : *Non rectis oculis Saul aſpiciebat David.* Com eſta payxaõ do odio faz parelha a do amor : tambem, quando eſte he deſordenado ; o que aſſim ama, naõ ſente tanto, que lhe julguem o que tem feyto, quanto ſe enfurece, ſe lhe entendem com a cauſa do que faz. Vive Herodes com o eſcandalo publico de Herodias, ſem lhe perturbarem o ſoſſego do animo as ſuas culpas manifeſtas, & cenſuradas por todos : & ſó quando o Bautiſta lhe eſtranha a cauſa de todas : *Non licet tibi habere uxorem fratris tui*, entaõ ſe cega tanto do ſeu depravado amor, que lhe manda cortar a cabeça : *Miſſo ſpiculatore, præcepit afferri caput ejus in diſco.* Até alli naõ o alteravaõ

1. Reg. 18 9.

Marc. 6. 18.

Ibid 27.

vaõ os tropeços de cego, nem lhe dohiaõ as murmuraçõens de escandaloso. Mas, tanto que o zelador da pureza apontou para a occasiaõ da cegueyra, & lhe tocou nos olhos: *Non licet tibi habere uxorem fratris*, mandou, que o degollassem: *Decollavit eum.* Andem agora contentes estes cegos, ou os do odio, ou os do amor, em quanto ainda vivos se recreaõ com a vista do que fazem; ou vingativos, ou sensuaes. Là os espera aquelle dia, em que depois de mortos lhes haõ de examinar o *Quare*, & lhes haõ de pedir conta do *Quid.*

Ibid.

Reprehensões.

§. III.

3 AS de Deos, no mesmo tempo em que saõ castigos, saõ tambem favores: se o fim da reprehensaõ naõ he castigar a infieis; & só he confirmar na fé aos reprehendidos. Por fé entendemos aqui naõ só a credibilidade, mas tambem a confiança: assim como naõ tem fé, quem naõ crè; tambem quem naõ confia, naõ tem fé. E porque Deos tanto quer salvar aos seus incredulos, como aos seus desconfiados: *Omnes homines vult salvos fieri*, em muytos o seu reprehender, lhe amar: & este seu castigar,

1. Tim. 2. 4.

gar, he favorecer. Reprehendeo Chriſto a S. Thomè pela incredulidade da ſua Reſurreyçaõ: *Noli eſſe incredulus, ſed fidelis.* Reprehendeo a S. Pedro pela deſconfiança de andar ſeguro ſobre as aguas: *Modicæ fidei, quare dubitaſti?* E reprehendeo aos Diſcipulos de Emmaùs pela ignorancia das Eſcrituras, que os encaminhavaõ para a Fé: *O ſtulti, & tardi corde ad credendum!* Antes da reprehenſaõ de Thomè, houve privilegio, para elle entrar no lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* A reprehenſaõ de Pedro foy acompanhada com o favor da maõ: *Extendens manum, apprehendit eum.* E depois da reprehenſaõ dos incredulos de Emmaùs, ſeguio-ſe a viſta do Divino Meſtre reſuſcitado, ſem a qual andavaõ duvidoſos: *Cognoverunt eum.* De maneyra, que ſe a reprehenſaõ vay a Thomè; mete-o Chriſto no peyto: ſe vay a reprehenſaõ a Pedro; dalhe Chriſto a maõ: & ſe vay a reprehenſaõ aos de Emmaùs; abrelhes Chriſto os olhos. Ou pouco antes, ou logo, ou naõ muyto depois ſahiraõ da maõ de Deos eſtas reprehenſões, & eſtes favores. Em Thomè, antes; em Pedro, logo: & nos de Emmaùs? depois. E todos eſtes favores, com outra advertencia, que ainda os faz mayores:

Joan. 20. 27.
Matth. 14. 31.
Luc. 24. 25.
Joan. 20. 27.
Matth. 14. 31.
Luc. 24. 31.

com

com a circunſtancia de ſe naõ meter tempo entre a reprehenſaõ, & o favor. He prova de mayor amor a reprehenſaõ, que ſe dà logo, & ſe naõ guarda para depois: ſendo a reprehẽſaõ favor, retarda o favor, quẽ naõ dà logo a reprehẽſaõ. AS. Joaõ, que era o Diſcipulo mais amado, logo em merecendo ſer reprehendido pela ambiçaõ de querer o primeyro lugar no Ceo: *Dic, ut ſedeant &c.* o reprehẽdeo Chriſto da ignorancia do pedir: *Neſcitis quid petatis.* Outra vez, quando deſejava q̃ vieſſe fogo do Ceo cõtra os de Samaria: *Domine, vis dicimus ut ignis deſcendat de cælo, & conſumat illos*, tambem o reprehendeo Chriſto por vingativo: *Neſcitis, cujus ſpiritus eſtis.* E a S. Thomè, que naõ era taõ privilegiado para as entradas do coraçaõ, como o Diſcipulo: *Qui recubuit ſuper pectus ejus*, depois de oyto dias: *Poſt dies octo*, entaõ o veyo reprehẽder: *Noli eſſe incredulus.* A reprehenſaõ de Joaõ, nem hũa hora tardou; & tardou a de Thomè oyto dias: *Poſt dies octo.* Naõ porque Chriſto fizeſſe eſta conſideraçaõ; mas, porque vendo nòs o q̃ Chriſto fez, temos argumento para aſſim a accommodar. E a razão de ſer favor grande a reprehenſão apreſſada, quando quem reprehende ama, & o repre-

Marth. 20. 21.
Ibid 22.
Luc. 9 54.
Ibid. 55
Joan. 20 11.
Joan. 20 26.
Ibid. 27

hendido

hendido he amado; he por não ſofrer o amor no amado o deſagrado do amante. Como a reprehenſão diſpõem ao reprehendido para ſe arrepender, & para ſe emendar; todo o tempo que tarda a reprehenſão, he detença do perdão para a culpa; & quẽ mais ama, não quer ver culpas no amado. Não quer ver Chriſto em S. Pedro a culpa da ſua negação, mais que em quanto lhe não
Luc. 22. 61. põem os olhos: *Reſpexit Petrum.* Em quanto (dizem com Santo Agoſtinho) o não reprehendeo com o breviſſimo aceno da ſua viſta:
S. Aug. apud Cornel in Euã g. *Oculorũ nutu ſui lapſûs admonuit.* E he o que David pedia a Deos, querendo ver perdoadas as ſuas culpas: tãbem queria que Deos o não deyxaſſe ſair da ſua viſta: *Cuſtodi me, ut pupillam oculi,* & na viſta dos olhos lhe apreſſaſſe o perdão: *In quacumque die invocavero te, velociter exaudi me.* Conſiderava riſcos no ſeu perdão, ainda que a ſua detença foſſe tão abbreviada, como hũa viſta de olhos; porque achava, que ſó eſſe breviſſimo inſtante baſtava para o deſmerecer.
Bellar. hic. *Velociter exaudi me: ne ſi fortè tardaveris, non invenias, quem ſanes.* Aſſim deſeja ſer favorecido de Deos, quem da ſua mão eſpera a reprehenſão das ſuas culpas, quer que a preſſa do favor ſeja tão breve, como a da reprehenſão,
Pſ. 16. 8. Pſalm. 102. 3.

para

para que o tempo do pedir: *In quacumque die invocavero*, naõ paſſe ſem o favor do alcançar: *Velociter exaudi.*

Razaõ.

§. IV.

4 HE a melhor medida da hõra, & naõ he o amor o que melhor a mede: o entendimento, & naõ a vontade, he o que ſó ajuſta eſtas medidas. Se queremos honrar a quẽ nos ama, com outro amor lhe pagamos: ficou igualmente ſatiſfeyto, quem no amor ſe vio correſpondido. Mas ſe queremos honrar a quem nos conhece, & confeſſa quem nòs ſomos, naõ lhe pagamos com amor eſte conhecimento: ha de deſcobrir a razaõ outro conhecimẽto de quem elle he, para o honrarmos, como elle nos honra. Quem mais nos honra, he a quem devemos mais; & porque mais devemos a quem conhece quem ſomos, do que a quem nos ama ſem nos conhecer; ao entendimento, & naõ à vontade: à razaõ, & naõ ao amor, devemos a mayor honra. Quem nos honra conhecendonos, obriganos com a razaõ: & quem nos ama ſem nos conhecer, quando muyto, obriganos com a ſympathia. Em hum he a honra divida, & no outro he ſó inclinaçaõ: & a quẽ devemos eſta mayor

obrigaçaõ, ſomos devedores de mayor honra. Chriſto naõ pergũtou aos ſeus Diſcipulos, como os homens o amavaõ; perguntou, como o conheciaõ: Matth. 16. 13. *Quem dicunt homines eſſe Filium hominis?* E iſto meſmo quiz tambem ſaber delles; naõ os examinou do ſeu amor, inquirio de todos o ſeu conhecimento: Ibid. 15. *Vos autem quem me eſſe dicitis?* E S. Pedro foy o que o obrigou (do modo q̃ ſe podia obrigar) a lhe dizer outro tanto: a ſatisfazerlhe, diz S. Jeronymo, o merecimento da ſua confiſſaõ: S. Hier. apud Cornel. hic. *Mercedem recepit vera confeſſio: Tu es Chriſtus: tu es Petrus.* Hũ conhecimento de Pedro no entendimẽto de Chriſto: *Tu es Petrus*, foy o premio do conhecimẽto de Chriſto no entendimẽto de Pedro: *Tu es Chriſtus.* Em duas occaſiões honrou Chriſto a S. Pedro, quando o ouvio proteſtar as finezas do ſeu amor: *Domine, tu ſcis, quia amo te;* & quando agora lhe reconheceo a ſua Divindade: *Tu es Chriſtus Filius Dei vivi.* E poſto q̃ em ambas o honrou Chriſto, delegãdo nelle o Principado da Igreja; em hũa com o governo de ſeu Paſtor: *Paſce oves meas*, & em outra com a juriſdiçaõ das ſuas chaves: *Tibi dabo claves Regni Cælorum*; neſta, em que S. Pedro havia reconhecido a Chriſto por Filho de Deos: *Tu es Filius* Joan. 21. 15. 16. & 17. Matth. 16. 16. Joan. 21. 17. Matth. 16. 19.

lius Dei, & naõ na outra, em que ſe havia confeſſado amante ſeu: *Amo te*, o honrou com o conhecimento do q
Ibid.18. S. Pedro era: *Tu es Petrus, & ſuper hanc petram ædificabo Eccleſiã meam.* Os mais Diſcipulos reſpondèraõ à pergunta de Chriſto: *Quem dicunt homines eſſe Filium hominis*, cõ o que os outros homẽs
Ibid.14. diziaõ: *Alij Joannem Baptiſtam &c.* & S. Pedro reſpondeo com o que elle cria: *Tu es Chriſtus.* Os mais Diſcipulos naõ deraõ repoſta à outra pergunta: *Vos autem quem me eſſe dicitis*; & S. Pedro ſó reſpondeo: *Tu es Chriſtus, Filius Dei vivi.* E a Pedro, que aſſim conhece, crè, confeſſa, & publîca quem he Chriſto: *Tu es Chriſtus, Filius Dei vivi*, honra Chriſto conhecendo, dizendo, & deſcrevẽdo quem Pedro he: *Et ego tibi dico, quia tu es Petrus.* Se tu dizes, quem ſou eu: eu te digo quẽ tu es, reſponde em nome de Chriſto S. Leaõ: *Sicut meus Pater tibi manifeſtavit divinitatẽ meam: ita & ego notam facio tibi excellentiã tuã.* Es a primeyra, & principal pedra fundamental da minha Igreja: & reconheço nos teus hõbros a firmeza de todo eſte meu edificio: *Tu es Petrus, & ſuper hãc petram ædificabo Eccleſiam meam.* Es, a quem meu Eterno Pay diſſe quem eu era: & es por iſſo o Prégador da mi-
Ibid.18.
S. Leo Serm. 3. in Anniverſ. Aſſũpt. ſuæ.

nha Divindade a ti revelada : *Pater meus revelavit tibi.* Matth. 16.17.

Rey.

§. V.

5 NOme muytas vezes mais cuſtoſo, que venerado : naõ emparelhaõ ſempre nelle o reſpeyto da peſſoa, & o pezo do titulo. O meſmo Filho de Deos, quando entrou neſte mundo para nelle ſer nomeado Rey: *Ubi eſt qui natus eſt Rex,* Matth. 2.2. logo teve entre ſi deſiguaes as acclamaçõeſ, & as honras. Se huns Reys o buſcàraõ quando nacido, para o adorarem : *Venimus adorare eum,* Ibid. outro, quando o ouvio nomeado Rey: *Audiens Herodes Rex,* Ibid.3. intentou buſcallo, para o matar : *Ad perdendum eum.* Ibid.13. E comparado neſte Rey, ainda agora nacido, o cuſto da vida perdida com hũa veneraçaõ ſó principiada, bem ſe entende quanto excede eſta perda àquella acclamaçaõ : ſer adorado, porq̃ he Rey ; & porque he Rey, ſer perſeguido. Iſto foy, quando Chriſto veyo ao mundo ; & quando ſahio delle, tambem foy o meſmo : tambem o titulo de Rey, q̃ lhe deraõ antes de morrer : *Hic eſt Jeſus Rex,* Matth. 27.37. eſſe foy a cauſa da ſua morte : *Impoſuerunt ſuper caput ejus cauſam ipſius ſcriptam.* Ibid. O meſmo titulo, que o acclamava Rey, era epitafio, que o lembrava morto.

Naõ

Naõ ſe diſtinguia naquella eſcritura a morte, que era o effeyto; do titulo, onde eſtava a cauſa da morte: *Rex: cauſam ipſius.* Ou eſtavaõ inſeparados no titulo de Rey, o crime do crucificado; & eſſe era o cuſto: *Culpa crucifixionis ipſius*, & a manifeſtaçaõ do meſmo titulo; & eſſa era a honra: *Qui titulus fuit Chriſto ſummi honoris elogium.* E honra, que chega a cuſtar a vida, mais péza, do que eleva: faz coroa mais de penas, que de veneraçõeſ. Taõ caro, como iſto, ſae o honorifico do nome Rey, ſe ou o ouve Herodes, ou o eſcreve Pilatos: hum, por naõ querer honrar, a quem daõ o nome de Rey: & outro, por zõbar do Rey, a quem faz dar eſte nome. E ainda paſſa a mais a inſeparaçaõ dos cuſtos, & honras na nomeaçaõ de Rey: nem ainda lido eſtà ſem ter avinculados o honrar, & o cuſtar. *Noli ſcribere, Rex Judæorum*, diſſeraõ os authores da morte de Chriſto, quando o chegàraõ a ler: Eſſe titulo, ainda que dado por zõbaria, nem ler o queremos, ſendo a eſſe criminoſo dado: *Noli ſcribere, Rex.* Jà ſe entende, que naõ fallamos do titulo, ou nome Rey ſeparado do ſugeyto: como naõ cuſta, ſenaõ a quem elle honra; as noſſas cõſideraçõeſ naõ ſaõ do nome Rey, em quanto ſignificativo,

Verſ. Arabic.

Joan. 19.21.

Cornel. hie.

ſem que ſejaõ do Rey ſeu ſignificado. O ponto eſtà, em ſer o nome bem merecido, ainda q̃ por iſſo ſeja perſeguido o nomeado: em ſer verdadeyro Rey o nacido no Preſepio, & o morto na Cruz; poſto que lhe faltem com a veneraçaõ os que lhe naõ querem ouvir o titulo. Abſalaõ, que tambem naõ teve de Rey mais que a nomeaçaõ entre os ſeus parciaes conferida, & delles proclamada: *Statim ut audieritis clangorem buccinæ, dicite: Regnavit Abſalom,* ſe naõ deſmerecèra a Coroa, pois a quiz tirar a David ſeu pay, naõ morrèra atraveſſado com as lanças de Joab: *Tulit tres lanceas in manu ſua, & infixit eas in corde Abſalom.* Naõ lhe cuſtou menos q̃ a vida, aquella nomeaçaõ Real: acclamado ſim, ainda que de poucos; mas naõ muyto depois de acclamado, inglorioſamente morto. Muyto differẽte foy a ſorte de Rey nomeado, que deraõ a Joſeph os ſeus irmãos, ainda que ſó ſe lhes ouvio o nome de Rey, quando elles lhe interpretàraõ o ſonho: *Nũquid Rex noſter eris?* Applaudiraõlhe a veneraçaõ de Rey as eſtrellas: *Vidi per ſomnium, quaſi ſtellas undecim adorare me;* & a Abſalaõ tiràraõlhe a ſua as lanças: *Infixit lanceas.* Ambos ſe intituláraõ Reys: *Regnavit Abſalom: Rex noſter eris;*

2. Reg. 15. 10.

2. Reg. 18. 14.

Geneſ. 37. 8.

Ibid 9.

eris; mas o nome de Rey em Abſalaõ, funeſto; & em Joſeph glorioſo pela razaõ, q̃ temos dado. Porque Abſalaõ, que era o ſignificado do nome Rey, deſmerecia as ſuas adorações; & Joſeph, que do meſmo modo era o ſignificado, era de todas digno merecedor. He verdade, que aſſim como a Abſalaõ lhe cuſtou a vida a ſua acclamaçaõ de Rey, a Joſeph não lhe hia cuſtãdo menos aquella nomeação. Os meſmos irmãos, que lha interpretàrão no ſonho: *Numquid Rex eris*, ſó por iſſo lhe maquinavão a morte: *Ecce ſomniator venit: venite, occidamus eum.* Porèm Abſalão pagou as cuſtas da ſua nomeação; & Joſeph ſem as pagar tão pezadas (porque a ſua venda, mais foy de lucro, que de cuſtos) ſe não foy Rey de Iſrael, foy Vice-Rey do Egypto; & os meſmos que lhe duvidàrão a adoração de Rey ſonhado: *Numquid Rex eris*, o adoràrão Vice-Rey verdadeyro: *Adoraverunt proni in terrã.*

Ibid. 19. & 20.

Geneſ. 43. 26.

Rayo.

§. VI.

6 TEme-ſe, quãdo ſe não ha de temer: quando interpoſta a diſtancia do lugar, mais tarde ſe ouve o trovão, que não he o que traz o rayo: & não quando aînda mediando a meſma diſtancia,

cia, primeyro ſe vè o relampago, que he o q̃ o traz. Ao tempo do eſtrondo, ou trovão do açoute jà merecido pelo peccado feyto, intervindo tambem a diſtancia, que vay do viver ao morrer; então ſão muytos os eſpantos: & ao luzir da inſpiração, que he o relampago, ameaçador deſte açoute, para o peccado ſe não fazer; nenhum eſpanto então neſſe tempo. Sendo, que na hora daquella luz, quando jà vay apparecendo o rayo matador da alma, havia de ſer o temor todo, & não depois delle a deyxar morta, ſem lhe poder jà valer temor algum. O peccado que mata a alma, tem relampago antes, & tem trovão depois: o relãpago he a luz da razão, que faz olhar, & temer a ſua fealdade; & ſempre vem diante: & o trovão he o brado mudo da conſciencia, & que ſe ouve depois. Mas, como nos engana o tempo, que diſta da vida até a morte, parecendonos que eſta virà mais tarde; não nos atemoriza o relampago deſte aviſo, q̃ vem primeyro; & ſó nos eſpanta o trovão do caſtigo, que eſtà para vir depois. Havendo de ſer o noſſo temor mais importante, ao tempo da luz que nos dà aquelle aviſo: & não quando jà ſobre nòs cae o rayo do caſtigo. Dizer Deos a Adam, que havia de morrer,

morrer, comendo do fruto prohibido; foy moſtrarlhe na luz da ſumma verdade, o rayo que o havia de matar, ſe comeſſe: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.* E naõ temer elle ao tempo deſta luz (& nòs digamos deſte relampago) o caſtigo ameaçado, comẽdo aquelle fruto; & ſó depois de o ter comido, quando jà ouvia a Deos bradar por elle, para executar o ſeu ameaço, entaõ fugir, & eſconderſe: *Abſcondit ſe à facie Domini*, foy temer o rayo, quando jà lhe naõ valeo o ſeu temor. Foy temer a morte do peccado, depois de o ter elle morto, & naõ antes de o matar: no ſeu trovaõ depois, & naõ antes no ſeu relampago. Jà no rayo, que havia cahido ſobre Lucifer, tinha elle exemplo para ver, que ao tempo do relampago o matàra aquelle rayo: *Videbam Satanam ſicut fulgur de Cælo cadentem.* E naõ he outra couſa o que imos diſcorrendo, ſenaõ o meſmo que agora accommodamos à vinda de Chriſto no fim do mundo, quando nos diz, que ha de ſer como de relampago: *Sicut fulgur, ita erit & adventus Filij hominis.* Primeyro ha de apparecer fuzilando: *Sicut fulgur*, para julgar, & condenar aos reprobos: *Redibit ad judicium, ut impios condemnet*, do q verſe fulminãdo o rayo da

Gen. 2. 17.

Luc. 10. 18.

Gen. 3. 8

Matth. 24. 27.

Cornel. hic.

da condenaçaõ de todos,& ouvirſelhe o troväo da ſua ſentença: Matth 25.41. *Diſcedite à me maledicti.* E he tambem por outra accommodaçaõ o que ouvimos dizer a Pſ 96.3. David: *Ignis anteipſũ præcedet, & inflammabit in circuitu inimicos* Ibid 4. *ejus*, & logo ajunta: *Illuxerunt fulgura ejus orbi terræ.* Primeyro Deos viſto no luzir do fogo: *Ignis ante ipſum*, & eſſe luzir como de relampago: *Illuxerunt fulgura ejus*, & depois Deos irado, & condenando: Matth. 25 41. *In ignem æternum.* E ſaõ dous os modos,com que Deos atemoriza ao peccador, conſiderado como fogo, naõ ſó com a ſua propria virtude do fogo; mas tambem eſſe fogo da natureza de relampago. *Deus non ſolùm igne virtutis ſuæ, ſed etiam corporalibus fulguribus impios terret.* Bellar. in Pſal. hic. E iſſo, podemos nòs acrecentar, para o temermos mais, ponderando a conſideraçaõ de S.Chryſoſtomo,que nos faz advertir na differença que ha entre o relampago, & o rayo. Ao relampago (diz) naõ precede final algũ: *Fulgur non indiget præcone, aut nuntio: ſed in momento omnibus appareat*, como nòs vemos preceder ao rayo, & he o meſmo relampago. E ſe nòs tememos muyto o rayo,ainda vindo diãte delle o relampago, como ſeu aviſo: muyto mais devemos temer a Deos cõſiderado como S.Chryſoſtom. apud Corn. in Matth. 24. 27. relam=

relampago : *Sicut fulgur*, que nos naõ manda ſinal algum da ſua vinda: *Non indiget præcone, aut nuntio.* Ao tẽpo pois do relampago (da inſpiraçaõ de Deos, entendemos) que precede ao peccado, como a rayo, & nos aviſa, que elle eſtà para cair ; ha de ſer todo o noſſo temor ; & naõ ao tempo do trovaõ, quando elle jà tem cahido, & morto ao peccador. Naõ ao tempo da ſua morte, mas nas horas da enfermidade, que S. Gregorio entende ſaõ os ſeus nuncios , & por elles nos diz Deos, que vem chegando : *Per ægritudinis moleſtias eſſe mortem vicinam deſignat.* Naõ temendo nòs nem ao rayo no tempo do relampago , que ſe vè primeyro : nem a morte no tempo da enfermidade, que vem diante ; he temermos, quãdo naõ devemos temer, como de muytos havemos dizer cõ David : *Illic trepidaverunt timore, ubi non erat timor.* Pſ. 135.

S. Greg. homil. 13. in Euang.

7 Naõ queremos com iſto dizer, que ſe naõ ha de temer o rayo no tempo do trovaõ, nem a morte no tempo da agonia ; mas dizemos, que aſſim hũ temor como o outro, naõ ſaõ os do tempo mais opportuno, porq̃ jà ſaõ fóra de tempo. O temor no tempo do trovão, he jà depois de ter cahido o rayo ; & o da morte no tempo da agonia, he jà depois de

ter chegado a hora. E o temor do rayo ha de ſer quando o relampago moſtra, que elle cae: & o da morte, quando a enfermidade diz, que ella vem: *Eſſe vicinam deſignat.* E ſe houvera hum correyo antes da enfermidade mortal, que nos aviſaſſe da ſua vinda, ainda eſse tempo era o do melhor temor, porq̃ era para temermos menos a morte: *Minùs feriunt mala, quæ prævidentur.* Aſſim como, ſe houveſse hum final antecedente ao relampago, no qual jà ſe previſse a fulminação do rayo, ainda o temor deſse tempo nos deſpertaria mais cedo, para evitarmos o mal da ſua cahida. Porèm antes do luzir do relampago: *Non eſt præco, aut nuntius*, o meſmo tempo do abrir da luz, he o do cair do rayo, & eſse he o tempo do mayor temor. He o que vio Balthaſar na hora da ſua fatal cea: aſſim como na parede eſcrevia a mão a ſentença, que o condenava; havia luz, que lhe moſtrava a mão, & a eſcritura da ſentença: *In eâdem hora apparuerũt digiti, quaſi manus hominis ſcribentis contra candelabrum.* Na meſma hora havia trovão, que era a ſentença eſcrita: *Mane, Thecel, Phares*, & havia luz, ou relampago, q̃ moſtrava a mão de quem a eſcrevia: *Manus ſcribentis contra candelabrum.*

S. Greg. ibid.

S. Chryſoſtom. ſuprà.

Dan. 5. 5.

Ibid. 25.

brum. Mas ainda que o Rey temeo, & tremeo: *Cogitationes ejus conturbabant eum, & genua ejus ad ſe invicem collidebantur*, não lhe valeo todo eſte temor; porque jà não tinha tempo, para declinar o rayo, poſto que aviſado com a luz do candelabro: *Manus ſcribentis contra candelabrum.* Taes ſaõ muytos dos temeroſos deſte mundo: ſó quando lhes dizem, que morrem, entaõ he o temor, & o tremor todo; ſó quando elles vem a morte diante dos olhos. E tendo na maõ a luz da candea, que lha moſtra, & o ſeu deſengano lhes fica defronte: *Contra candelabrum*, entaõ todo o ſobreſalto: *Commutatur facies.* Havendo de ſer eſte temor, quando a enfermidade vem diante da morte, & o relampago primeyro que o trovaõ; porque entaõ *Illic trepidatur timore, ubi eſt timor.*

Ibid. 6.

8 Até aqui, fallãdo nòs do temor da morte: agora digamos o meſmo (& jà iſto fica inſinuado) entrando a fallar do temor do peccado. Tambem o ſeu temor he melhor ſendo antes, que depois: melhor, antes de ſe nos pôr defronte (como a mancha do roſto no criſtal do eſpelho) a fealdade do peccado na luz da conſciẽcia. Neſte tempo tãbem eſtaõ juntos o rayo, & mais o relampago: a pena do

do peccado, & a luz da pena. E he eſte temor entaõ, como o de Balthaſar; no meſmo tẽpo à viſta da luz a culpa ſentenciada: *Contra candelabrum: Mane &c.* Ou como o de Antioco; à viſta da memoria, que tambem he luz, ou relampago: 1. Machab. 6. 12. *Nunc reminiſcor*, o peccado já feyto, ou o rayo já cahido: Ibid. *Malorũ, quæ feci.* E ſendo muyto para ſe reprovar eſtes dous temores, o de Balthaſar no tempo preſente do ſeu peccado; & o de Antioco dos ſeus peccados do tempo paſſado; ainda devem ſer mais reprovados aquelles, que no meſmo tempo em que os fazem, havendo tambem luz, q̃ entaõ lhos moſtra, naõ deyxaõ de os fazer. Eſtes eraõ todos aquelles, q̃ com Judas hiaõ a prẽder a Chriſto, alumiados com as luzes, que os guiavaõ: no meſmo tempo em que ellas lhes moſtravaõ o mal, que faziaõ naquella prizaõ; naõ deyxavaõ de ir, nem deyxàraõ de a fazer. E foy eſta hũa das muytas vezes, em que naõ aborrecem a luz os que obraõ mal, ficãdo exceptuados daquella verdadeyra regra: *Qui malè agit, odit lucem.* Joan. 3. 20 Hiaõ aquelles a prender a Chriſto, quãdo alumiados; & os ſeus imitadores, quãdo advertidos do mal que fazem, no meſmo tẽpo da luz deſta advertẽcia o vaõ a fazer. Eſtaõ vendo

vendo o eſtrago, que lhes ha de fazer na alma o rayo do peccado: & havendo de os divertir delle aquella luz, como relampago, para os atemorizar; lhes ſerve de moſtrador para os guiar. Eſtes vem a ſer pois os de peyor temor, que o de Balthaſar, & o de Antioco; porque de algũ modo temèraõ ambos onde havia motivo de temor: o primeyro vendo na luz dos ſeus olhos a ſentença dos ſeus peccados: *Apparuerunt digiti, quaſi manus hominis ſcribentis*; & o ſegundo olhando para os ſeus ſentẽciados na luz da ſua memoria: *Nunc reminiſcor malorum, quæ feci.* Porèm os alumiados na prizaõ de Chriſto, & os da ſua ſemelhança no tempo do ſeu peccado tambem alumiados, & naõ atemorizados, mas antes para obrarem mal mais animados; juſtamente por nòs mais reprovados, por naõ temerem, onde deviaõ temer: *Illic non trepidaverunt timore, ubi erat timor.*

Dan 5 5

2. Machab. 6. 12

Religioſo.

§. VII.

9 FIgura viva do predeſtinado, quando para o mundo morto; ainda que naõ vive na Patria dos Bẽaventurados aquelle, q̃ primeyro naõ morreo para a vida; repreſenta-ſe vivo no Reyno dos predeſtinados, o q̃ jà morreo para o mundo.

do. O Religioſo, porq̃ já naõ vive para o mũdo, como naõ vivia S. Paulo: *Jam non ego:* & no meſmo tempo, tambem como S. Paulo, ainda vive nelle: *Vivo autem*, he hũa figura emblematica do predeſtinado, que vivendo ainda no mundo, já nelle vive para a gloria. E tanto ao Religioſo, como a S. Paulo, conſideramos nòs repreſentações, ou figuras de predeſtinados: já glorioſos, ainda quãdo viandantes; porque tanto vivia Chriſto em hum, como ſuppomos vive no outro: *Vivit in me Chriſtus*, que no meſmo tempo de viador, era comprehenſor; & ainda quando *in via*, já como *in Patria*. Os que ſe negaõ ao que tẽ, & tambem ao que ſaõ, que ainda iſto he negar mais: *Minus eſt abnegare quod habet: valdè autem multum eſt, abnegare quod eſt*, eſtes vaõ em ſeguimẽto de Chriſto crucificado: *Si quis vult poſt me venire, abneget ſemetipſum, & tollat Crucem ſuam, & ſequatur me.* E o Religioſo deſte modo negado, & aſſim ſeguindo; para ir a viver com Chriſto, vay encaminhado; já ſe reconhece como Bemaventurado, ainda ſendo viandante. E muyto mais, porque para o mundo crucificado, como S. Paulo: *Crucifixus mundo*, ſegue a Chriſto, depois de ſer ao mundo morto: *Jam non vivo.* Indo pois o Re-

Ad Gal. 2. 20.
Ibid.
Ibid.
S. Greg. Homil. 32. in Euang.
Matth. 16. 24.
Ad Gal. 6 14.

Religioſo, como ſoy Chriſto, & para onde Chriſto ſoy; jà he ir para onde elle eſtà: jà he ſer hũa figura do q̃ agora por enigma, 1. ad Cor. 13. 12. *Nunc in ænigmate*, vay para ver a Deos *Facie ad faciem.* Havemos porèm de ſuppor, que elle naõ pàra em ſer ſó eſta figura, & deyxa de fazer por ſer o figurado: em parecer neſta vida hum dos da eleyçaõ para a gloria; & parar no caminho de o ir ſer na outra. E para elle ſaber jà agora, ſe ha de vir a ſer o figurado, em ſi meſmo póde adivinhar o enigma pela figura: *In ænigmate.* Em naõ ſe ver a ſi, como ſe via o outro contemplativo de ſi Luc. 18. 11. meſmo: *Stans apud ſe,* que parecendolhe na ſua figura (no conceyto de ſi, entendemos) ſer hum dos da viſta de Deos, pois naõ ſe via como os indignos della: *Non ſum ſicut cæteri hominum*, Ibid. no fim ſe achou ſem ſer o figurado, q̃ cuydava: achou, que naõ era dos da approvaçaõ de Deos: *Juſtificatus.* Em outra Ibid. 14. doutrina, confirma tãbem Chriſto o que temos ouvido neſta; & de ambas ſe entende o que nòs dizemos. Todo aquelle (diz) que por meu amor deyxa o da carne, & ſangue: *Omnis, qui reliquerit* Matth. 19. 29. *fratres, aut ſorores, aut patrem, aut matrem*, & tambem os bens da vida: *Domum, aut agros* Ibid. *propter nomem meum,*

eſſes ſaõ os eſcolhidos
Ibid. para a gloria : *Vitam æternam poſſidebit.* E porque deyxar as inclinações, que correm pelas veas, & as que ſe alẽtaõ com a abundancia dos bens, tambem he abraçar a cruz da Religiaõ; cada hum deſtes abraçados he hum dos ſinalados da predeſtinaçaõ com as duas condições do *Abnegare quod habent* : *& abnegare quod ſunt*. Mas naõ ſem o riſco de ſerem tentados no meſmo q̃ deyxàraõ; ou ſeja negando-ſe tudo o que tinhaõ, ou o tudo que ſaõ. Naõ lhes baſta a deyxa de tudo o que tinhaõ, para naõ ſerẽ tentados no meſmo tudo que deyxàraõ: tanto eſta tentaçaõ crece, quanto avulta o que ſe deyxa. Como o tentador arma a fazellos cair, pelo muyto que deſprezàraõ no mundo lhes mede a altura da queda. Ninguem mais deſprezador do tudo do mundo, q̃ o Senhor do mũdo todo: & neſſe meſmo tudo, que elle deſprezava, o tentou o demonio, quando por hũa adoraçaõ: *Si cadens adoraveris me*, lhe offereceo o tudo do ſeu deſprezo: *Oſtendit ei omnia Regna mundi : hæc omnia tibi dabo.* Nẽ livraõ tambem da tentaçaõ eſtes aſſim predeſtinados, por ſe negarem do que ſaõ; antes eſſa tentaçaõ he mayor, por ſer mayor a abnegaçaõ: *Valdè multũ eſt, abnegare quod eſt.*
Matth. 4. 9.
Ibid. 8. & 9.

E

E iſto faz o que por ſervir a Deos ſe nega de ſeus pays, quando por ſeu amor os deyxa: *Relinquit patrem, & matrem.* O naõ ſerem já filhos de ſeus pays, por ſe negarem dos pays que tinhaõ, he o ſeu *Abnegare quod ſunt.* E para vencerem eſta tentaçaõ os que aſſim ſervem a Deos, (os Religioſos, queremos dizer) haõ de lembrarſe, que o ſeu pay, & mãy, he a abnegaçaõ deſtes pays. He o que Chriſto diſſe na occaſiaõ em que lhe diſſeraõ: *Ecce mater tua, & fratres tui foris ſtant quærentes te.* Reſpondeo: Os da abnegaçaõ de ſeus pays, & os da ſugeyçaõ ao meu: *Quicumque fecerit voluntatem Patris mei*, neſſes reconheço eu a minha conſanguinidade, & ainda a materna: *Ipſe meus frater, & ſoror, & mater eſt.* E ſe lhes he muyto cuſtoſa eſta abnegaçaõ, eſſe he o final da ſua predeſtinaçaõ. He o final daquelles, que por irem por caminho taõ apertado: *Arcta via*, já entendemos, que eſſe caminho os leva à verdadeyra Patria dos viventes: *Quæ ducit ad vitam.*

Matth. 12. 47

Ibid. 50.

Ibid.

Matth. 7. 14.

Ibid.

10 Suppondo já, q o noſſo aſſumpto he ſinalar no Religioſo o predeſtinado; bem podemos dizer, que naõ he novo eſte noſſo intento: já nos q ſervem a Deos (quaes ſaõ os Religioſos) vemos nòs aos Anjos fazer o meſ-

mo, conſideradas as viſões myſticas de S. Joaõ. *Vidi alterum Angelum habentem ſignum Dei vivi: & clamavit quatuor Angelis, dicens: Nolite nocere terræ, quoaduſque ſignemus ſervos Dei noſtri in frontibus eorum.* Por eſtes ſervos ſe entendem os da eleyçaõ de Deos; & por iſſo dizem, que no fim do mundo haõ de apparecer eſtes diviſados pelos Anjos: *Signabunt Angeli in fine mundi electos ſigno Crucis.* Com o final daquella Cruz ſe ſuppõem, que jà nos deſcrevemos por accommodaçaõ noſſa na vida religioſa: a que faz negarſe hum ao que tem, & ao que he; & a que levaõ ſobre ſeus hombros os viandantes do caminho eſtreyto: *Arcta via eſt, quæ ducit ad vitam.* E ſem violentarmos as meſmas conſiderações, moſtramos nellas, naõ ſó aos Anjos ſinalando os predeſtinados, & por individuaçaõ noſſa aos Religioſos; mas tambem ao Filho de Deos dandonos os meſmos ſinaes em muytas ſemelhanças. Diz, que ſaõ do Reyno de Deos aquelles negociãtes dos talentos, que com elles multiplicàraõ as ſuas ganancias: *Quinque talenta tradidiſti mihi: ecce alia quinque ſuperlucratus ſum*; & a eſtes coroou de gloria o Senhor dos talentos: *Intra in gaudium domini tui.* Eſtes talentos, diz

Apoc. 7. 2. & 3.

Corn. hìc.

Matth. 7. 14.

Matth. 25. 20.

Ibid 21.

S.

S.Gregorio, que ſaõ os ſentidos do corpo : S. Greg. *Quinque talenta, quinque ſunt corporis ſenſus*; & porque a profiſſaõ religioſa faz cortar por eſtes ſentidos ; quãtas vezes elles ſaõ mortificados, tantas ſe achaõ os talentos multiplicados , & os Religioſos negociantes jà para a gloria indiciados : *Intra in gaudium domini tui.* Nem a multiplicaçaõ deſtes talentos ſe entende aſſim como ſoa, para ſe difficultar o que nella ſe accõmoda : naõ haõ de ſer multiplicados os ſentidos, aſſim como os talentos : *Quinque tradidiſti mihi, quinque ſuperlucratus ſum.* Seria entaõ olhar para hum impoſſivel , & ainda eſſe diſſonante : ſeria o meſmo que S. Jeronymo foy notar, ſe a promeſſa da ganancia de cento por hum ſe houveſſe de entender ſegundo o material da letra : *Centuplum accipiet.* Porque ainda que em muytas couſas eſta promeſſa naõ ſe opponha à razaõ : *Si in cæteris digna ſit repromiſſio* ; em algũas naõ ha quem naõ veja, quanto a meſma razaõ ſe eſcandaliza, entendendoſe: *Quòd in uxoribus non appareat turpitudo : ut qui unam pro Domino dimiſerit, centuplum recipiat in futuro.* Do meſmo modo pois , que o ſentido deſta promeſſa de Deos : *Centuplum accipiet*, he dar Deos em dobro os bens eſpiri- Matth. 19. 29. S. Hier. lib 3. in Matth. cap. 19.

tuaes pelos temporaes deyxados por ſeu amor, como diſcorre o Doutor ſagrado: *Qui carnália pro Salvatore dimiſerit, ſpiritualia recipiet*; os quaes comparados entre ſi, tanto excedem huns aos outros, como hum grande numero a reſpeyto de outro menor: *Quaſi, ſi parvo numero centenarius numeretur*; tãbem a multiplicaçaõ dos talentos repreſentados nos ſentidos, ſe ha de tomar na comparaçaõ dos talentos do eſpirito com os do corpo. Conſiderandoſe (tomemos por exẽplo) o ſentido do ver ſem os maos actos da viſta, ainda eſtando no meſmo corpo: do meſmo modo, que Chriſto nos aconſelha: *Si oculus tuus ſcandalizat te, erue eum, & projice abs te.* Entaõ, porque nos faz comparar o eſpiritto, que ſe acquire nos olhos fechados, & ſe perde nelles abertos: o bem deſte ſentido temporal com o bem eſpiritual do meſmo ſentido: *Si unum bonum cũ altero comparetur*, ficamos entendendo, que a ganancia multiplicada deſte talento (do ſentido do ver, & por conſequencia a dos mais ſentidos) ainda naõ deyxando de haver viſtas, conſiſte em naõ ſe ver: *Erue oculum.* Quẽ mortificou eſte ſentido, eſſe o multiplicou, eſtando elle por eſte modo como dous, ſendo hum: como hum morto,

Idem ibid.

Matth. 18. 9.

morto, & outro naõ morto: ſendo em ſi hũ, multiplicado em mais outro. Aſſim como S. Paulo ſendo hum, era outro: no meſmo tempo vivente, & naõ vivente: *Vivo autem, jã non ego.* O Religioſo logo que ſeguindo eſtes conſelhos, aſſim multiplica os talentos: *Quinque talenta ſuperlucratus ſum*, a eſte jà hoje o devemos conſiderar aquelle ſervo negociante deſtinado para a gloria: *Serve bone, intra in gaudium domini tui.* Aquelle que ſegura eſta gloria, tendo nas viſtas mortificadas, multiplicados os olhos: & naõ o outro, que tẽdo dous olhos: *Habens duos oculos*; porque os naõ mortificou, os naõ multiplicou; & com elles *Mittitur in gehennam.*

Ad Gal. 2.20.

Matth. 25.21.

11 Outra ſemelhãça (& nòs digamos, outro final) que podemos conſiderar no Religioſo, como indice da ſua predeſtinaçaõ, he o q̃ Chriſto nos moſtra na Parabola das Virgens, que por vigilantes ſobre a luz das ſuas alampadas: *Intraverunt cũ eo ad nuptias*, & como todos entendem: *Ad gloriam.* As almas da eleyçaõ Divina ſaõ aquellas, que deſveladas ſobre as ſuas obras (& eſte he o oleo das ſuas alampadas) eſtaõ deſtinadas para a vida eterna dos Bemaventurados. E S. Gregorio aſſim o cõſiderou, quãdo para propor o reparo

Matth. 25. 10.

de ſer final daquella Bemaventurança o numero de dez Virgens, havendo nelle cinco, que a naõ haviaõ de gozar; diſtingue entre todas, cinco eſcolhidas, & cinco reprovadas. S Greg. hom 12. in Euang. *Dum enim Cælorum Regnum conſtat, quia reproborum nullus ingreditur; etiam fatuis virginibus cur ſimile eſſe perhibetur?* E accommodando nòs o noſſo diſcurſo a eſte reparo, no qual vemos diſtintos predeſtinados, & reprobos: advertimos, que por ſerem elles ſignificados nas dez Virgens do Euangelho eſperando ao Eſpoſo; bem podemos com ſingular propriedade entender neſta myſterioſa doutrina das cinco Virgens deſpoſadas com Chriſto, as almas dos Religioſos, pois ſaõ as que com elle vivẽ: *Qui intrant cum eo ad nuptias.* E por conſequencia podemos ver repreſentadas nas cinco que ficàraõ de fóra, as divorciadas deſte ſagrado deſpoſorio, por ſerem deſconhecidas do Eſpoſo: *Neſcio vos.* Matth. 25. 12. Só poderia vir em duvida (ſuppoſto eſte divorcio) qual havia de ſer; ſe o do tempo, ou ſe o perpetuo? E nòs dizemos, ſeria o eterno, que ainda he mais que o perpetuo: o que havemos de inferir da força daquelle *Clauſa eſt janua.* Ibid. 20. Tomamos por fundamento deſta noſſa conſideraçaõ a ſentença, que haõ de ouvir

ouvir os muytos divorciados no ultimo dia do mundo. Aquellas almas, queremos dizer, que vivendo deſpoſadas com os ſeus corpos, porque cada hũa com o ſeu em todo o rigor: Gen. 2. 24. *Sunt duo in carne una*; & por naõ ſerem fieis deſpoſadas, depois de ſe lhes acabar o divorcio do tempo, em que vivèraõ ſeparadas pela morte; naquelle dia pela ſua reſurreyçaõ outra vez unidas, haõ de ſer ſentenciadas ao Matth. 25. 41. eterno: *Diſcedite à me maledicti.* E iſſo porq? Porque vivèraõ eſtes deſpoſados, como haviaõ vivido no Avarento da Parabola o ſeu corpo, que era o eſpoſo, & a ſua alma, que era a eſpoſa; ſem mais cuydado, que o dos bẽs do mundo, como elle dizia: *Anima habes multa bona*, & dado todo ao delicioſo da vida: *Comede, bibe, epulare.* Tudo iſto ſe inſinuou na ſentença, que lhe deraõ de divorcio: *Hac nocte animam tuã repetunt à te*: neſta hora ficaõ divorciados em ti os dous deſpoſados, alma, & corpo: *Animam repetunt à te.* Naõ ſó com o divorcio do tempo, que durarà em quanto morto, & naõ reſuſcitas; mas tãbem com o eterno, que te ha de começar depois de reſuſcitares. Naõ ſó com o divorcio da tua alma ſeparada do teu corpo; mas cõ a da tua alma perdida nelle: *Animæ tuæ in te.* Luc. 12. 19. Ibid. Ibid. 20.

12 Se bem ſe advertio no que deyxamos dito, notarſehia, que o ſentido do noſſo diſcurſo, he ſó dar a conhecer por ſinaes, ou diviſas naturaes, a predeſtinaçaõ do Religioſo em conſideraçaõ cõmua, ſem individuar a particular. Porque naõ he infallivel, (& que importãte ponto eſte!) naõ he infallivel, ſerem os da negaçaõ do que tiveraõ, & do que foraõ, certamente conhecidos por eleytos para a gloria. Os primeyros doze deſtas negações deyxàraõ o que tinhaõ: Matth. 19.17. *Reliquimus omnia*; & cada hum ſe deyxou a ſi meſmo, porque ſe ſugeytàraõ a ſer de Ibid. Deos: *Secuti ſumus te*; & com tudo, naõ ſe haõ de ver todos, por faltar o que naõ perſeverou: *Sedentes, & judicantes duodecim tribus Iſrael.* Ibid. 28. Naõ he o meſmo ſer Anjo, nem parecer que o he, para naõ poder cair, nem deyxar de o ſer; & ainda que ſem mudança nos dons da natureza, com conhecida perda nos da graça. *Ecce qui ſerviunt ei non ſunt ſtabiles, & in Angelis ſuis reperit pravitatem*, nos diz hum dos amigos de Job. Apontando para Eſpiritos Angelicos, & ao ſerviço de Deos ſacrificados, faz que advirtamos, poderem verſe caîdos Eſpiritos muy levantados. E S. Vicente Ferreyra diſcorrendo a deſgraça daquelle convidado do Euan-

Job 4. 18.

Euangelho, que depois de eſtar aſſentado na meſa do Rey, que o chamou, foy della lançado, & por elle a horrivel prizaõ ſentenciado: *Ligatis manibus, & pedibus ejus, mittite eum in tenebras exteriores*; tira eſta concluſaõ de hum impoſſivel ſuppoſto. Se entre os Bẽaventurados, & eſcolhidos já por Deos para a gloria, eſtiveſſem alguns com mil annos daquelle eterno gozo, & juntamente com hũ ſó peccado: *Si illi, qui ſunt in Paradiſo, & mille annis fuerunt ibi, haberent unum peccatũ*, ſem duvida ſeriaõ precipitados, & lançados fóra daquella gloria: *Caderent in momento de Cælo.* Neſte impoſſivel aſſim ſuppoſto, he para ſer muyto temido o poſſivel nelle inſinuado. Os convidados daquella meſa repreſentaõ os eleytos de Deos para a gloria; & a meſa, na qual já eſtavaõ admittidos, he o Paraiſo conſequente à ſua eleyçaõ. Mas porque ainda ſobre hum delles vemos cair taõ tremẽda ſentença: *Mittite eum in tenebras*, & he impoſſivel haver deſtes ſentenciados no Paraiſo celeſte; no terreſtre, aonde vivem eſtes eleytos, com fundamento devem temer eſte poſſivel: *Illi, qui ſunt in hoc Paradiſo.*

Matth. 22.13.

S. Vic. Ferrer. Serm. 1. ſer.

13 Eſta verdade, q̃ ſe ſuppõem crida, fazemos nòs aqui lembrada, para ſingular con-

confirmaçaõ deſte diſcurſo; para melhor ſe entenderem, & naõ ſe duvidarem os ſinaes daquelles predeſtinados, de que fallamos. Poder a ſua predeſtinaçaõ naõ ſer certa na individuaçaõ dos que profeſſaõ a vida religioſa; naõ he duvidalla na credibilidade a elles commua. Mas antes, aſſim como as excey-ções das regras ſaõ a ſua confirmaçaõ: exceptuar dos que nòs ſuppomos ſinalados da predeſtinaçaõ os que o poderáõ naõ ſer; he moſtrar os que o ſaõ. Dizer Chriſto, que hũ dos ſeus doze Diſcipulos lhe havia de ſer traidor: *Qui intingit* Matth. 26.23. *mecum manum in paropſide, hic me tradet*, toy dar a ſaber, que os onze lhe eraõ fieis. Tanto ſabia Chriſto, que o havia de vender Judas, como que o havia de negar Pedro; & lançar a hum fóra da ſua graça, quando lhe diſſe, que fizeſſe o que jà tinha deliberado fazer: *Quod facis, fac citiùs*, foy dar fundamento, para ſe conſiderar ao outro ſeguro nella; pois lhe naõ diſſe outro tãto, ainda quando em profecia lhe previa as negações: *Antequàm gallus cantet, ter me negabis.* Deſtes exemplos pois, como de verdadeyras premiſſas, devemos de inferir para conſolaçaõ dos predeſtinados, de que fallamos, eſta concluſaõ, & por conſequencia eſta con- Joan 13. 27. Matth. 26.34.

confiança. Diz Chriſto, quando nos moſtra hũa ſemelhança, ou final dos ſeus eſcolhidos; que os deſcuydados na negociaçaõ dos talentos, q̃ Deos delles fiou, haõ de ſer excluidos da gloria: & he a razaõ, porque a hum negociante aſſim culpado o condena em juizo rigoroſo: *A bono opere torpentem damnat.* Logo, (& eſta he a cõcluſaõ, & tambem a confiança, fundadas no noſſo argumento) logo, exceptuados da predeſtinaçaõ eſtes eſquecidos, & deſcuydados; ſaõ os ſinalados della aquelles, que ſe naõ comprehendem neſta exceyçaõ: os Religioſos, queremos dizer. Eſtes ſaõ os ſemelhantes ao outro Mercador de pedraria precioſa; & por iſſo outra vez diviſados da predeſtinaçaõ: *Homini negotiatori, quærenti bonas margaritas.* Porque achando hũa de mayor valor: o eſtado Religioſo, diz hum Commento: *Margarita eſt ſtatus religionis*: deo por ella tudo o que tinha: *Vendit omnia quæ habuit, & emit eam.* Que o eſtado Religioſo ſeja eſta pedra de ſummo preço, bem ſe entende; pois dizem, que a Cruz de Chriſto he eſta pedra: *Margarita eſt Crux, & pati pro Chriſto*; & que tambem he o meſmo Chriſto: *Margarita eſt ipſe Chriſtus.* E o Religioſo, ſendo como eſte negociãte,

S. Greg. ſup. in Euang

Matth. 13. 45.

Ita multi apud Cornel. hic.

te, he o que deyxa tudo, & até a ſi meſmo ſe deyxa: *Negat quod habet, & quod eſt;* & negociando, ainda q̃ ſem vender, intereſſa a margarita, que compra: *Emit eam.* Só reſta advertirmõs na differença entre o mercador da margarita, & o da Religiaõ nelle repreſentado; para que ainda ſendo aſſim differentes, appareça o mercador da Religiaõ ſingularmente ſinalado para a gloria. O mercador da margarita, para a comprar, vendeo tudo: *Vendidit omnia;* & o da Religiaõ, para a fazer ſua, deo tudo ſem o vender: *Reliquit omnia.* E bem ſe vè a differença que ha entre o que dà vendendo, & o que ſem vender dà: hum intereſſa no que dà vẽdendo; porque leva o preço do que dà: & o outro, porque dà ſem vender; no que dà naõ intereſſa preço. Porèm neſta meſma differença do dar o mercador da margarita vendẽdo, & o da Religiaõ ſem vender, dar; ſingularizamos nòs outro final do Religioſo predeſtinado. No mercador da margarita, porque o Religioſo nelle repreſentado he o que compra; he Chriſto o cõprado: *Margarita eſt ipſe Chriſtus;* & porque do meſmo mercador da Religiaõ he tambem Chriſto mercador repreſentado: *Empti eſtis pretio magno,* o comprado he o Religioſo: 1. ad Cor. 6. 20.

Emptus

Emptus eſt. E ſendo hũ final de predeſtinado a compra do q̃ na margarita *Emit ſt atum Religionis*, he outro final mais, a compra do que na Religiaõ *Emptus eſt.* E que mayor fortuna, ou felicidade mayor a daquelle Religioſo, que olhando para ſi ſe vè (como havemos de ſuppor) ou diligente comprador da Religiaõ: *Emptor*, ou ditoſo comprado de Chriſto: *Emptus?*

Reyno.

§. VIII.

14 HE hũa ſemelhança da vida, & mais da morte; & por iſſo parecido tambem com a alma, & com o corpo. Serà neceſſario copiarmos todos eſtes retratos; & comecemos logo pelo da vida. Retrata-ſe a vida no Reyno; porq̃ ao Rey tanto ſe lhe deſeja o reynar, como o viver. Aſſim o dizemos, & ouvimos dizer nas acclamaçõesReaes, entendidos os dous ſignificados daquellas vozes: *Vivat Rex.* Tenha vida, & tenha Reyno, quem chegou a reynar: logre inſeparadas as felicidades deſtes dous extremos, vida, & Reyno: *Vivat Rex.* Tambem Deos no ſeu reynado tem unidos eſtes meſmos extremos: porque tambem delle dizemos, q̃ vive, & reyna. E ſó cõ a differença de ſe acharẽ ſeparados nos Reys do

1. Reg. 10. 14. 3 Reg. 1. 25. & 39. 4. Reg. 11. 12.

do mundo por ſua morte; & nunca deſunidos em Deos, por ſer immortal: *Vivit, & regna in ſæcula ſæculorum.* Eſta he a ſemelhança, que deſcobrimos entre a vida, & o Reyno; naõ ſer menos deſejado o reynar, que o viver; & ſer toda a felicidade dos Reys, a inſeparaçaõ da vida: *Vivat;* & a do Reyno: *Rex.* Naõ dizemos com iſto, que no Rey he tal o vinculo deſtes dous extremos, vida, & Reyno, q̃ aſſim como elle deyxa de reynar, ſe morre; tambem deyxa de viver, ſenaõ reyna. O que queremos dizer he, que a felicidade dos que actualmente ſe vem reynando, naõ he ſó reynar, nem ſó viver; he viver, & reynar. A inſeparaçaõ das duas felicidades juntas, vida, & Reyno, he a que Herodes quiz deſarmar, quando ouvio dizer, que em Belèm havia nacido hũ Rey: *Ubi eſt qui natus eſt Rex?* Matth. 2. 2. Para que elle naõ reynaſſe, quiz q̃ morreſſe: intẽtou tirarlhe a vida, para lhe tirar o Reyno: Ibid. 13. *Futurũ eſt, ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum.* E para Deos caſtigar a ſoberba de Balthaſar, privando-o das meſmas duas felicidades, viver, & reynar; primeyro o ſentenciou a naõ reynar, & depois a naõ viver: *Phares,* que era a eſcritura dada a interpretar a Daniel, dizia: *Diviſum eſt Regnũ* Dan. 5. 28. Ibid.

tuum,

tuum, & datum eſt Medis, & Perſis : tira-te Deos o Reyno ; & depois ſe vio , que lhe tirava a vida: *Eâdem nocte interfectus eſt Balthaſſar.* De maneyra , q̃ em Chriſto por intentos de Herodes , para nelle naõ haver Reyno, naõ havia de haver vida: *Quærebat puerum ad perdendum eum* ; & em Balthaſar por juizos de Deos , para naõ haver vida , naõ havia de haver Reyno: *Regnum tuum datum eſt Medis, & Perſis.* Parece que baſta o ponderado até aqui , para ſe ver a ſemelhança , que a vida tem cõ o Reyno. A qual reduzida a termos mais breves , que pareçaõ definições de hũa , & outra couſa : podemos dizer , q̃ue a vida no Rey he hum bem, que ſem o bem do Reyno deyxa de ſer o que he : & que o Reyno no meſmo Rey he hum bem , que deyxa tambem de ſer o que he ſem o bem da vida. O que agora devemos ponderar, he a obrigaçaõ , que tem o q̃ reyna , de attender a eſtes dous ſemelhantes, vida, & Reyno : & ao muyto de que lhe fazem lembrança aquellas vozes : *Vivat Rex.*

Ibid. 30.

15 Querem ambas dizer, que o Rey ha de viver como reyna , & reynar como vive : que naõ ha de ſer deſſemelhante a vida , que vive, da vida em que reyna. Sejaõ nelle ſantas ambas eſtas vidas : diga-

ſe delle, que he Santo Rey; & naõ q̃ he Rey, ſem ſer Santo. Advertindo, que Reys naõ Santos, tem havido muytos; & Sãtos Reys, muyto poucos; & que a cauſa da deſgraça dos primeyros, foy a deſſemelhança delles reynando comſigo vivendo: o ſeu viver delicioſo, & peccaminoſo o ſeu reynar. Deſtes, & dos outros; dos condenados, & dos ſalvos; jà houve quem ſõmou o numero de ſó tres Reynos: do Reyno das doze Tribus, do Reyno de Judà, & do Reyno de Iſrael, em ſetecentos & cincoenta & ſeis annos, que todos tres duràraõ: & de quarenta & dous Reys, que nelles reynàraõ. E ſendo ſó ſeis os que de certo ſe ſalvàraõ; & tres os de q̃ ſe duvîda; os que ſe perdèraõ, foraõ trinta & tres: & todos elles por peccados da vida de reynantes. Naõ ſerà facil individuar eſta verdade em todos; mas he bẽ, que ella ſe veja ao menos em dous; nos quaes a inſeparaçaõ do viver mal, & mal reynar, moſtrou nelles a ſemelhança das ſuas vidas com os ſeus Reynos. A Jeroboam, o primeyro de dezanove Reys perdidos no reynado de Iſrael, quando Deos o quiz ſentenciar, conferio o ſeu viver com o ſeu reynar; & depois de lhe lembrar, que o fizera ſoberano na vida: *Exaltavi te, & dedi te* 3. Reg. 14. 7. & 8.

te ducem ſuper populum meum Iſrael : & ſcidi Regnum domûs David, & dedi illud tibi : que em ſuſtancia quer dizer : Eu te fiz Rey ; o condenou por culpas
Ibid.9. do reynado : *Operatus es mala ſuper omnes, qui fuerunt ante te* ; & decretou o eſtrago da-
Ibid.10. quella Caſa Real : *Idcircò ecce ego inducam mala ſuper domum Jeroboam.* Oſeas, o ultimo deſtes dezanove Reys perdidos, ainda q̃ naõ foy taõ mao Rey, co-
4.Reg. 17.2. mo outros : *Fecit malũ corã Domino : ſed nõ ſicut Reges Iſrael, qui ante eum fuerant*, tambem ſe perdeo, ſendo primeyro priſioneyro de Salmanaſar Rey dos Aſſyrios, & ſeu tributario :
Ibid.3. *Factus eſt ei ſervus, reddebatque illi tributa* ; & ultimamente mandado por elle carregar de ferros, & encarcerar : *Et vinctum miſit in car-* Ibid.4. *cerem.* Exemplo he eſte, que moſtra naõ ſer neceſſario, que os peccados da condenaçaõ dos Reys ſejaõ muytos, & muyto execrandos : ſe ſaõ do genero dos mortaes, baſta q̃ ſejaõ poucos ; & tal vez hum ſó baſtarà, ſe for o da impenitencia final. *Fecit Oſee malum*, peccou eſte Rey mortalmẽte, & perdeo-ſe ; ainda q̃ naõ peccou como Jeroboam : *Qui operatus eſt mala ſuper omnes, qui fuerunt ante.* E com hũa circunſtancia mais na ſemelhãça entre a vida, & o Reyno : naõ ſó parecidos, por ſer inſe-

paravel nos Reys o viver mal do mal reynar. Mas tãbem, por ſer taõ apreſſado hũ mal, como outro; porq̃ taõ depreſſa ſe póde perder hum Reyno, como hũa vida ſe póde perder. Se em hum inſtante póde hum perder o Reyno; póde tãbem em outro perder a vida: & verſe logo taõ apreſſado hũ *Non vivit*, como hum *Non regnat*.

Retrato do Reyno na morte.

16 Dahi vem a outra ſemelhança, q̃ nòs dizemos tem o Reyno com a morte; & entramos jà no ſegundo retrato, que lhe tira eſte noſſo diſcurſo: naquella ſemelhança de ſe dizer tambem do Reyno que morre; aſſim como ſe diz, que morre o Rey: do meſmo modo que temos dito, vive o reynado, ſe o Rey vive. Naõ moſtramos eſta ſemelhança em ſer taõ certo o naõ reynar, como o morrer: nem em ſe reynar mais que hũa vez, aſſim como hũa ſó vez ſe morre. Mas em naõ ſe ſaber, quando ſerà o fim do reynado; aſſim como ſe naõ ſabe, quando ha de vir a morte cõ o ſeu fim: & em ſe ignorar o modo de que ha de acabar quem reyna; aſſim como he incerto o modo do fim de quem morre. E eſtes dous horrores da morte teve o Reyno de Balthaſar: naõ ſabia quando, nem

de

de que modo o havia deyxar; em quanto naõ vio eſcrita a ſentença de quem lho mãdava tirar. *Mane: numeravit Deus Regnum tuum: Phares: diviſum eſt Regnum tuum, & datum eſt Medis, & Perſis*, lhe dizia aquella eſcritura. Eſta he a hora, em q̃ acaba para ti o teu Reyno: & eſte o modo com que acaba. Como ſe diſſeſſe Deos, o que nòs conſideramos, & lemos na interpretaçaõ de hum Cõmento: hoje morre o teu Reyno, porque hoje ſe acabaõ os annos da ſua vida: *Numeravit Deus annos Regni tui.* A medida dos annos, que elle havia durar, (& nòs dizemos, viver) jà Deos via, que eſtava chea: *Numeravit Deus annos Regni*; & tambem via, que a ſua ſeparaçaõ era chegada: *Jam jam Regnum tuum à te ſeparatum, & ablatum.* E porque a meſma noyte da ſeparaçaõ deſte Rey, & do ſeu Reyno, foy tambem a da ſua alma do ſeu corpo: *Eâdem nocte interfectus eſt Balthaſſar*, ſem elle ſaber, que aquella havia de ſer a da ſua morte, nem como ella havia de ſer; vemos nòs retratada a ſemelhança, q̃ o Reyno tem com a morte, acabando para Balthaſar os annos do ſeu Reyno: *Numeravit Deus annos Regni tui*, quando tambem jà eſtavaõ acabados os da ſua vida: *Interfectus eſt.*

Dan. 5. 26. & 28.

Cornel. ibid.

Dan. 5. 30.

Cornel. hic.

Aſſim he parecido o Reyno com a morte: morrendo o Reyno, como morre o corpo; depois de paſſados os annos da vida do corpo, & os do Reyno. E aſſim como ſe faz a ſeparaçaõ da alma, & do corpo; fazerſe a do Rey, & do Reyno: *Numeravit annos Regni: Regnum ſeparatum, & ablatum.* Donde inferimos, que o Rey vive ſugeyto a padecer duas mortes: hũa, ſe lhe falta a vida; & outra, ſe lhe falta o Reyno. Ambas as mortes o mataõ: ou juntas, ſe morreo; porque logo entaõ naõ reynou: ou ſeparadas, ſe neſte anno naõ reynou, & no ſeguinte morreo. E naõ ſuccede iſto ao que vive para ir reynar na gloria, ainda ſendo o mais humilde da vida: a eſte, ſó o mata a morte temporal do corpo, & naõ a do reynado eterno. E ſendo a morte deſte Reyno muyto mais para ſe temer, que a do outro: mais horrivel a do Reyno eterno, que a do temporal; morrem deſta morte os Reys ſoberanos, ſe naõ vivẽ ajuſtados: & della naõ morrem os humildes, ſendo juſtos. Com a ſua morte, ouvimos nòs dizer a Chriſto por boca do Profeta, que matou elle a noſſa morte: *Erò mors tua, ô mors.* E a morte que matou, foy a eterna, a reſpeyto dos Bemavẽturados da gloria, dizem em nome de Chriſto Santo Agoſtinho, Oſee 13. 14.

goſtinho, & com elle S. Gregorio. *Quia in electis meis te funditùs perimo; ero mors tua*; porque morrendo eu, os da eleyçaõ Divina naõ morrem eternamente; a minha morte (eu morto, vem a dizer: *ero mors*:) he a que te ha de matar: *ô mors*. De maneyra, que eſtas duas mortes naõ puderaõ ambas matar: venceo hũa, & morreo outra. A morte temporal de Chriſto venceo a eterna, que naõ morrem os deſtinados para a gloria; porque Chriſto *In electis ſuis occîdit mortem*; *mors mortis extitit*. Porèm nos que reynaõ naõ he aſſim: ſobre haverem de ſer vencidos pela morte do corpo, morrem algũs a morte do Reyno. Ambas eſtas mortes padeceo juntas el-Rey Balthaſar; padeceo a morte do Reyno; porque lho tiràraõ, & o deraõ a outros: *Diviſum eſt Regnum tuũ, & datum eſt Medis, & Perſis*: & padeceo a do corpo; porque na meſma noyte o matàraõ: *Interfectus eſt Balthaſar*. Huma deſtas mortes naõ matou a outra: vindo hũa ſobre outra, morreo de ambas aquelle Rey, & ambas em pena dos ſeus peccados, q̃ nos Reys imitadores de Balthaſar, ſaõ os que lhes retrataõ a morte no Reyno. Retrato eſte taõ proprio, que por iſſo dizem, que a morte, q̃ matou Chriſto com a

S. Aug. Serm. 137. de Temp. S. Greg hom. 22 in Euang.

ſua morte, he o reyno da morte, no qual o peccado de Adam imperava ſobre todos os ſeus deſcendẽtes. *Mors illa*: aquella morte, a qual Chriſto diz, que matou: *Ero mors tua, ó mors*: *ſignificat regnũ mortis, quo mors per Adæ peccatum in orbem inducta, omnibus ejus poſteris dominabatur.* E eiſ-ahi o Reyno morrendo: *Mors illa*, aquella morte morta, *Eſt regnum mortis.* E taõ ſemelhantes como iſto a morte, & mais o Reyno; ſe nòs vemos a morte ſignificar o Reyno: *Mors ſignificat regnum mortis.* Podendo pois a morte ſer Reyno, ou ter Reyno a morte: naõ duvidemos, que aſſim como o final, & o ſignificado ſaõ ſemelhantes; tambem o ſejaõ a morte, & o Reyno, quando o Reyno he ſignificado da morte: *Mors ſignificat regnum.*

Cornel. ex Ap. ad Rom. 9. 12.

17 Mas, ſe bem temos advertido, a ſemelhança, q̃ neſte retrato faz parecer o Reyno com a morte, he quãdo reyna a morte do peccado: *Mors ſignificat regnum mortis, quo mors per peccatum inducta dominatur.* E o que ſe diſſe da morte reynante pelo peccado original, accommodamos nòs, quando pelos peccados actuaes tambem reyna a morte. Adam, ainda que Deos o naõ nomeou Rey, nem para reynar lhe cõſignou Reyno; bem o podemos

mos conſiderar reynã-
do pelo univerſal po-
der, que lhe deo ſobre o
Gen. 1. 28. mundo todo : *Replete terram, & ſubjicite eã, & dominamini univerſis animantibus, quæ moventur ſuper terram.* E eſte Rey, mais no dominio, que no nome; pelo peccado da ſua deſobediencia ao preceyto de Deos, morreo elle, & fez morrer o Reyno, que no mundo lhe temos conſiderado: *Mors per Adæ peccatũ in orbem inducta, omnibus ejus poſteris dominabatur.* E ſe morrendo eſte Rey a morte daquelle ſeu peccado, o ſeu Reyno (o mundo entendemos) tambem morreo da ſua meſma morte: do meſmo modo o Reyno de Saul, Rey, que certamente ſe perdeo pelo ſeu peccado actual, pois naõ deſtruhio, & arruinou a Amalec, como Deos lhe mandava; tambem o havemos conſiderar morto da meſma morte do Rey: & entre ſi parecidos o Reyno, & mais a morte. E ſe aſſim morrèraõ, ou foraõ aſſim retratos da morte eſtes dous Reynos taõ grandes: o mundo, Reyno de Adam, pelo peccado original: & Iſrael, o Reyno de Saul, pelo actual; ſó por deſobedecerem os ſeus Reys a hum preceyto de Deos: os Reynos, em que elle for aſſim deſobedecido, & naõ em hum ſó, mas em muytos preceytos ſeus; naõ ſeràõ do meſmo modo

modo mortos? Naõ ſe diráõ com a morte parecidos? Naõ ſerá bem accommodado epitafio a cada hum delles: neſte Reyno a morte parece-ſe com elle: *Mors ſignificat regnũ mortis?*

Retrato do Reyno na alma.

18 NAõ haverà quem o duvide; & muyto menos depois de viſtos os outros dous retratos do Reyno, aos quaes levantamos agora a cortina, o da alma, & mais o do corpo; & ſeja o primeyro o da alma. Se o Reyno ſe parece com a morte, por ſer o Reyno hum ſeu ſignificado, & por iſſo hum ſeu ſemelhante: *Mors ſignificat regnum mortis;* tambem porq̃ naõ póde haver Reyno morto ſem a ſeparaçaõ da ſua alma; ha de fallar na ſua alma, quem fallou na ſua morte. E a razaõ he; porque do meſmo modo, q̃ a uniaõ do compoſto humano cõſerva unidos os dous extremos, corpo, & alma: & a deſuniaõ que vem pela morte, deſarma ao meſmo compoſto dos ditos dous extremos, deyxando ſem alma o corpo: nòs, que naõ deyxamos ſem retrato da morte o Reyno, que tambem he outro compoſto de alma, & corpo; temos obrigaçaõ de retratar no Reyno eſtes ſeus dous extremos. Depois ſerà o do corpo; & agora he o da

o da alma: aſſim como depois de termos retratado o Reyno na vida, o retratamos na morte, que ſaõ aquelles dous extremos jà por nòs conſiderados no Reyno: *Vivat Rex.* He a Fé a alma do Reyno Chriſtaõ; & por iſſo he Reyno morto o Reyno infiel a Deos. Aſſim como chamamos à luz apagada luz morta, & por eſſa razaõ luz ſem alma: apagando-ſe a Fé do Reyno Chriſtaõ, o conſideramos ſem alma, & a Fé dizemos que he morta. Do meſmo modo, o Reyno Politico, ſem cõmercio he Reyno morto; porq̃ Reyno ſem os alentos da vida, que daõ os lucros do cõmercio, he Reyno ſem aquella alma, que elle infunde. Deſapoſſado qualquer deſtes dous Reynos da ſua alma, ficou como o corpo deſpojado da ſua: o Reyno Chriſtaõ, ſem a vida do eſpirito, & da Religiaõ: & o Politico ſem os animos, que daõ o ouro, & mais a prata. Entremos primeyro a fallar do Reyno Chriſtaõ, & depois o faremos do Politico: & neſta entrada nos ſirva de exemplar para a verdade do noſſo diſcurſo, o que logo ſe vio no Paraiſo, q̃ foy a ſua primeyra Corte, & em Adam o ſeu primeyro Potentado. Por elle crer mais que naõ morreria, dizendolhe o demonio, do q̃ a Deos, que lhe havia dito perderia

deria a vida, ſe comeſſe do fruto ; a eſta falta da ſua Fé logo ſe ſeguio a perda da ſua alma: & por todo o mundo, como por toda a ſua Monarquia, foy tranſcendendo a ſua morte. Tãto, como iſto, he a Fé alma, & he morto hum Reyno Chriſtaõ ſem Fé. Nem baſta que elle tenha cabeça que o governe, braços que o ſuſtentem, & mãos q̃ o defendaõ: ſe lhe faltou a alma, ficou corpo morto. Ficou como a eſtatua de ouro, que mandou fabricar Nabuco : era eſtatua de Rey (& por tal, repreſentativa do Reyno) com cabeça, cõ braços, & cõ mãos ; mas morta, porque ſem alma. Naõ havia nella eſpiritos de vida, como Jeremias conſiderava aos idolos fabricados de metal por eſcultura : *In ſculptili*, & diz, que ſaõ obras mentiroſas, porque inanimadas : *Mendax eſt conflatio eorum, nec eſt ſpiritus in eis.* Conſiderando pois ao Reyno Chriſtaõ, animado com a Fé ſua alma ; bem ſe ficaõ parecendo a alma, & mais o Reyno : fiel o Reyno, & a alma a Fé. Do meſmo modo, que ſaõ entre ſi parecidos o Reyno de Deos, & a alma do Reyno, em quãto Chriſto nos diz, que nòs temos comnoſco o ſeu Reyno : *Regnum Dei intra vos eſt.* Como eſte Reyno he a Divina graça na noſſa alma : *Regnat Chriſtus*

Jerem. 51.17.

Ibid.

Luc.17. 21.

Corn. hìc.

Chriſtus in anima per gratiam ſuam : ſemelhantes ſaõ entre ſi a alma, & mais o Reyno: ſe o Reyno he a graça na alma, & a alma em graça he o throno de Deos reynando; bem ſe retrata hum pelo outro: o Reyno pela alma. Donde inferimos, que o homem Chriſtaõ, & a ſua Fé, que como alma o anîma, ſaõ outros dous ſemelhantes: o homem, Chriſtaõ pela Fé: & a Fé a alma do homem Chriſtaõ. Digamos outra vez iſto por termos mais praticos. Naõ póde haver couſa mais parecida com cada hũ de nòs, que a alma de cada hum; por ſer cada hum o que a ſua alma he, & ſem ella naõ ſer couſa algũa. E tal he tambem o Chriſtaõ, & mais a Fé ſua alma: por ſer o Chriſtaõ o que he a ſua alma, & ſem eſta ſua alma naõ he o Chriſtaõ o que he. Por iſſo, ſendo pergũtado cada hum de nòs, ſe he elle o ſeu corpo, ou he a ſua alma? Naõ reſponderà bem, querendo-ſe deſcrever pelo melhor ſer; ſe diſſer, q̃ he o ſeu corpo; porq̃ o ſeu corpo deyxa de ſer, & ſe desfaz em pò. E ſó dirà bem, reſpondendo, que elle he a ſua alma: porque da ſua alma juſtamente ſe diz que he, por ſer immortal, & depois de creada naõ póde deyxar de ſer. Aſſim meſmo pergũtado o Chriſtaõ, ſe he elle o ſeu corpo,

corpo, ou he a Fé ſua alma? Errarà dizendo, que elle he o ſeu corpo; porque o ſeu corpo naõ he o que crè pela Fé. E acertarà ſe reſponder, que elle he a Fé ſua alma; porque pela Fé a ſua alma he a que crè; porque à ſua alma, & às mais almas Chriſtãas pela Fé, ſó ſe póde dizer: *Regnum Chriſti intra vos eſt.*

19 De ſer cada hũ de nòs a ſua alma; & por iſſo, de ſer tambem da ſua alma o retrato; naõ haverà quem muyto duvide, vendo provada eſta noſſa conſideraçaõ com exẽplos, tanto de louvor, como de vituperio. Vendo (digamos primeyro os que ſe louvaõ) taõ unidas as almas de Jonathas, & David: *Anima Jonathæ conglutinata eſt animæ David*, que o amor os fazia ſer hum alma do outro: a Jonathas ſer alma de David, & a David alma de Jonathas. Aſſim nos coſtumamos explicar, quando encarecemos a uniaõ dos que ſe amaõ. E Santo Agoſtinho aſſim o faz entender naquelle ſeu agudiſſimo juizo: *Amicus eſt alter ipſe*: he o amigo amado, alma do amigo amãte; ſe hum he o meſmo que o outro: *Alter ipſe.* Como o amor he o q̃ liga eſtes affectos de almas a almas, & de amigos a amigos; juſtamente ſe pódem chamar eſtes amantes, & amados, cada hum a alma do outro: *Con-*

1. Reg. 18. 1.

S. Aug.

glu-

glutinata anima animæ: idem amicus, amicus alter. Eſtes ſaõ os exemplos louvados: agora os vituperados, & em hum moſtremos todos. No Rico da Parabola, que vemos fallar com a ſua alma, & chamarlhe ſua: *Dicam animæ meæ,* quando comendo elle, lhe diz a ella, q̃ coma: *Comede, bibe, epulare.* Neſſe tempo, como elle naõ podia comer, ſẽ a alma o animar: aſſim como elle comia, a retratava a ella comendo: *Comede, epulare.* E por elle naõ ſe diſtinguir da ſua alma; comſigo vinha a fallar, quãdo fallava com ella: & dizia ſer ella de ſi, quando lhe chamava ſua alma: *Animæ meæ.* E que bom ſora, naõ

Luc. 12. 19.

Ibid.

ſer iſto aſſim! Naõ ſer o peccador a ſua alma, quando offende a Deos! Porèm vendo nòs condenada a alma por ſeus peccados, quando offende a Deos o peccador; logo entendemos quando he o peccador a ſua alma. He quando elle jura, he quando elle mata, he quando elle rouba &c. E o Apoſtolo Santiago, quãndo diz que cada hum de nòs he o tentador de ſi meſmo: *Unuſquiſque tentatur à concupiſcentia ſua abſtractus, & illectus*, quer dizer o que nòs dizemos. Quer dizer, que quando o peccador he tentado, elle he a ſua alma tentando-o; porque a concupiſcencia da alma, he a

Jac. 1. 14.

que

que tenta. E na hora de tentado, naõ errarà o peccador, ſe diſſer: Eu agora ſou a minha alma tentandome a mim; porque por ella ſou tentado: *Tentor illectus, & abſtractus à concupiſcentia mea.* E ſe o amor licito fazia ſer Jonathas a alma de David, & David a alma de Jonathas: & o deſordenado, como o do Avarento da Parabola, o fazia ſer ſua alma: por conſequencia faz, que os taes amantes, & taes amados ſejaõ huns retratos dos outros, do meſmo modo, que o Reyno Chriſtaõ he retrato da Fé ſua alma; & he hum retrato da Fé ſua alma o homem Chriſtaõ. E da ſemelhãça do Reyno Chriſtaõ com a Fé ſua alma, paſſemos à ſemelhança do Reyno Politico cõ o commercio tambem alma ſua: tirando-a da eſtatua de Nabuco, q̃ elle vio ſonhando: *Vidit Nabuchodonoſor ſõnium &c.* Dan. 2. 1.

20 Eſta eſtatua tudo tinha: tinha Reynos, tinha ouro, tinha prata, tinha bronze, & tinha ferro, ſingulares metaes acquiridos por induſtrias do commercio, que nòs temos chamado alma. Tinha Reynos; porque eſtes metaes repreſentavaõ quatro Imperios dominantes de muytos Reynos, & grandes Eſtados: o ouro repreſentava o Imperio dos Aſſyrios: a prata, o Imperio dos Perſas: o bronze, Vide Comm. in Dan.

bronze, o Imperio dos Gregos; & o ferro, o Imperio dos Romanos. Tinha ouro, porque de ouro era a cabeça; tinha prata, porque de prata eraõ os braços, & mais o peyto; tinha bronze, porq de bronze era a cintura até os joelhos; & tinha ferro, porque de ferro era o reſtante do corpo até os pés. Eraõ os metaes nomeados, ſingulares ſymbolos do commercio; porque eſtes coſtumaõ ſer os ſeus mayores, & mais neceſſarios intereſſes: com a ganancia dos primeyros dous ſe acquirem os lucros, para ſe haverem os outros. E ao commercio chamamos nòs alma do Reyno; porque ſem o ouro, & prata, para os enriquecerem; & ſem o bronze, & ferro, para os defenderem, deſcaem os Reynos deſtituidos dos alentos da opulencia, & das armas. Aſſim cahio, & ſe arruinou eſta eſtatua, & com ella os Reynos, de que conſtava a ſua figura; tanto que os ſeus metaes ſignificativos do cõmercio ſe desfizeraõ, & deſapparecèraõ. Em quanto na eſtatua houve prata, & ouro, eſtava ella em pé, como ſe tiveſſe alma; & os mais metaes, como ſe lhe deſſem forças, a ſuſtentavaõ inteyra. E o meſmo foy deyxarem eſtes metaes, ou eſta alma, de animar a eſtatua, que reduziremſe a pò, & cinza os Reynos, que

nella eſtavaõ animados: Dan. 2. 35. *Redacta quaſi in favillam æſtivæ areæ.* E he a razaõ, porque naõ approvamos a ſentença do Author, que diz: P. Vieyra Serm. do Sacramento p. 7. *Cuyda a providencia politica, que os Reynos ſe conſervaõ com ferro, & com bronze, & ſobre tudo com ouro, & com prata; & he engano; porque todos eſtes metaes tinha a eſtatua; & com tudo, porque lhes faltou a uniaõ, ſerviraõ todos de mayor pezo, para a eſtatua ſe ver cahida:* tomando por fundamẽto, ſer a uniaõ daquelles metaes, a que conſervava a eſtatua; & q̃ deſunidos elles, logo a eſtatua cahio deſfeyta. Naõ approvamos (digo) eſta ſentença, ouvindo dizer no meſmo tempo a quem a deo, q̃ para emendar Nabuco o erro, ou melhorar a fortuna da eſtatua, que elle vira, mandou fazer outra toda de ouro, para ſer viſta de todos: *Fecit ſtatuam auream.* Dan. 3. 1. E mais naõ havendo na eſtatua emendada deſuniaõ algũa, pois toda era de hum ſó metal unido todo; naõ deyxou de cair, de acabar, & de deſapparecer. Aõde eſtà eſte Coloſſo de ouro? Eſte Nabucodonoſor todo de hum ſó metal, & unido todo? A uniaõ de ſi comſigo, que naõ podia ſer mais firme uniaõ, deolhe mais conſervaçaõ? Foy logo a cauſa de naõ perſeverar eſta eſtatua Real, ou eſte Reyno figurado em eſtatua todo

todo o tempo que ſe promettia ; a falta de algũa vida, ou alma , q̃ a perpetuaſſe mais neſte mundo , onde tudo acaba o tempo. E naõ he a uniaõ dos metaes ; mas a alma que elles infundem,quando abũdaõ ; a que perpetûa as Monarquias, & os Imperios. Deyxẽ os Reynos da Europa (tomemos eſtes para exẽplo) ancoradas nos portos as ſuas Armadas, retardem as ſuas navegações,fechem as ſuas Alfandegas , ſuſpendaõ as ſuas fabricas , deſiſtaõ das ſuas induſtrias , naõ ſe alentem com a moeda batida no ouro,& na prata ; & logo ſe acharáõ ſem a defenſa de canhões , & armas para as campanhas , & por conſequencia deſtituidos , invadidos , & deſcaidos. Duas ſaõ as eſtatuas de Nabuco , que nos tem dado materia para eſte diſcurſo hũa ſonhada, & outra verdadeyra. A ſonhada , lhe diſſe Daniel , que era elle : *Tu Rex regũ es* ; & a verdadeyra,diſſe o meſmo Nabuco , que elle era : *Statuam auream , quam conſtitui.* E tanto hũa , como outra : tanto a que elle diſſe que era, como a q̃ lhe diſſeraõ, que era elle : naõ duràraõ, quanto moſtravaõ, que haviaõ de durar ; por falta de almas, que as animaſſem. A eſtatua ſonhada durou taõ pouco, que o meſmo ſono, que a deo a Nabuco, lha tirou : & a verda-

Dan. 2. 37.

Dan. 3. 14.

deyra naõ teve a duraçaõ, que elle lhe queria dar. E finalmente ambas, por inanimadas, totalmente mortas: & os Reynos nellas repreſentados, de todo arruinados. Eſta he pois a ſemelhança, que damos aos Reynos Chriſtaõ & Politico: poder dizerſe cada hũ delles, morto; porque ſem a ſua alma: & na meſma metafora conſiderarſe a alma de cada hum tambem morta; por alluſaõ de hũa para a outra. O commercio, q̃ he a alma do Reyno Politico; morto por alluſaõ à Fé, a alma do Reyno Chriſtaõ, que muytas vezes a achamos aſſim nomeada: *Fides mortua.* Jac 2. 26.

Retrato do Reyno no corpo.

21 Mortos pois do modo explicado os Reynos, de que fallamos, quando conſiderados ſem a alma, que os anîma; bem ſe vè a ſemelhança que ficaõ tendo cõ o corpo morto: & he o quarto, & ultimo retrato, q̃ neſte diſcurſo lhe tiramos, & logo no principio do diſcurſo advertimos. Morrer hũ Reyno no ſentido metaforico, em que o moſtramos ſem alma: & parecerſe entaõ no meſmo ſentido com o corpo morto; bem ſe ſegue: aſſim como bem ſe ſeguio na conſideraçaõ do Reyno vivo, parecerſe entaõ com

com a alma. Nem ſerà aſſumpto novo o que agora propomos; porque jà em outra occaſiaõ o diſcorremos, ainda que com menos extenſaõ, do que a preſente; quando em hũ cadaver retratamos hũ Reyno ſẽ alma. Cadaver he o Reyno Chriſtaõ ſem a Fé ſua alma: he o que foy Adam faltando à Fé, que devia a Deos, por naõ crer aquella ſua verdade: *Morte morieris*; & ſó crer a mentira do demonio: *Nequaquam morte moriemini*. Logo foy ſentenciado a ſer cadaver, & a reſolverſe em pò: *In pulverem revertêris*. E para lhe naõ faltar a communicaçaõ contagioſa commua aos corpos mortos; fez q̃ foſſem cadaveres, & tambem em pò deſeytos todos os ſeus deſcendentes; & ainda quando vivos, jà como cadaveres ſepultados com aquelle epitafio univerſal para todos: *Pulvis es*. Eſta he a diferença que deſcobrimos entre os mortos na Fé, & os mortos no corpo: eſtes eſcondemſe nos ſepulcros, para ſe fugir do ſeu aſco, & evitar o ſeu contagio; & aquelles, ainda que mais aſqueroſos, & contagioſos, por ſerem mortos na Fé, andaõ, & vivem fóra de ſepulturas. Daquellas ſepulturas, dizemos, q̃ ſe abrẽ para os mortos do corpo; & naõ das que a natureza jà deo aos mortos na alma, q̃ ſaõ

Exequias da Sereniſſima Raiñha de Portugal D. Maria Sofia Iſabel, diſc. 6. n. 23.

Gen 2. 17.

Gen. 3. 4

Ibid 19

Ibid.

os ſeus meſmos corpos, onde elles jà vivem ſepultados. Aſſim conſiderou Theofilato a alma do que ſe gloriava de ter regalada meſa: *Anima, comede, bibe, epulare*: deolhe por ſepultura a ſua meſma carne regalada: *Sepulta erat ejus anima, carnem quaſi ſepulchrum circumferens.* E quantas deſtas almas ſepultadas nos ſeus meſmos corpos andaõ por eſte mũdo: *Carnem ſuam quaſi ſepulchra circumferentes?* Deyxemos eſta pergunta ſem repoſta; porque naõ he agora eſte o noſſo argumento: & naõ nos póde aproveytar menos a ſua ſuſpenſaõ. E ſe hum ſó cadaver (tornemos ao noſſo ponto) ſe hum ſó cadaver dos mortos no corpo fóra do ſepulcro, baſta para afugentar todos os vivos: hum Reyno inteyro, & todo de tantos mortos na alma, quantos viveſſem nelle ſem Fé, & por iſſo mortos ſem ſepultura; a quantos mataria (& jà mata aos que ſem ella vivem) o ſeu occulto contagio? Chamolhe contagio occulto, & naõ viſto: aſſim como podemos chamar a hũa morte viſta, & outra occulta. Aquella Morte, que no Apocalypſe ſe vio a cavallo: *Ecce equus pallidus: & qui ſedebat ſuper eum, nomen illi Mors*, faz dar nome de mortes a pé a todas as outras mortes; & eſtas, por ſe naõ verem taõ altas, como aquella,

Luc. 12. 19.

Theophylat. in Luc hic.

Apoc 6. 8.

aquella, ſaõ as occultas, & aquella a manifeſta. E taes ſaõ os mortos na alma, quando conſiderados ſem Fé: mata-os a morte a pé, ſem elles verem que os mata, nem entenderem que ſaõ cadaveres ſem a alma da Fé; ainda q̃ o naõ ſejaõ ſem a alma do corpo. O cadaver ſẽ a alma da Fé, & o cadaver ſem a alma do corpo, ainda que ambos ſe dizem cadaveres; o da Fé he mais horrivel, que o do corpo. Eſte, ainda o pódem ver os olhos: & aſſim vîraõ Martha, & Maria o de ſeu irmaõ Lazaro, naõ ſó antes, mas ainda depois de ſepultado. E aquelle nũca o chegaõ a ver os olhos, como naõ vîraõ o do Avarento do Euangelho. O cadaver de Lazaro ſahio da ſepultura, onde eſtava enterrado: *Prodijt qui fuerat mortuus*; & o cadaver do Avarento foy para ſempre ſepultado: *Sepultus eſt in inferno.* Repreſentemos agora à noſſa viſta; naõ à dos olhos, mas à do entendimento; hum Reyno morto ſem a alma da Fé, cheyo todo deſtes cadaveres: oh q̃ horrivel eſpectaculo! He ſem duvida o daquella Morte a cavallo, que muytos entendem cõ Cornelio, ſer a ſeyta Mahometana, & Reyno dos Turcos, & Sarracenos, chamado Morte: *Addunt nonnulli, Regnum Turcarum vocari Mortem.* E ſe hum

Ioan. 11. 44.

Luc. 16. 22.

Plures cũ Corn. in Apoc. 6. 8.

Reyno sem Fé he a mesma morte: & todos os daquelle Reyno saõ cadaveres, porque sem a alma da Fé; Reyno, & corpo morto, bẽ se ficaõ parecendo: bẽ se retrata no corpo morto o Reyno, se o Reyno he da Morte, ou a Morte dà o nome ao Reyno *Regnũ illud vocatur Mors.*

22 Naõ será o Reyno sem a alma do commercio (& temos chegado ao fim destes retratos) Reyno da Morte, ou Morte reynãte, como he o Reyno sem a alma da Fé. Porèm, Reyno cadaver, & morto, sim nos está parecendo. E tornemos à estatua sonhada de Nabuco, que ainda que de corpo inteyro, & em pé, he corpo morto, ou cadaver. Como o sono foy o que o levantou, & o sono nas Escrituras he hum representativo da morte; & tudo o que nelle se sonha he inanimado, & morto; vem a ser aquella estatua Real, ou Rey em estatua, hum Reyno morto representado. Tinha cabeça, mas naõ governava; tinha mãos, mas naõ obrava; & tinha pés, mas naõ andava: como tẽ o Reyno sem commercio, por lhe faltar o estudo do negocio, o maneyo das mãos, & os passos dos pés, sem cujo exercicio naõ ha, nem póde haver commercio. E para este Reyno assim destituido desta alma ser arruinado, naõ saõ necessarias mãos armadas, q

o con-

o conquiſtem, como ſe naõ armàraõ contra a eſtatua daquelle Rey: porque toda cahio, & ſe desfez toda: *Dan 2. 35.* *Redacta quaſi in favillam æſtivæ areæ*, com o toque de hũa pedra, ſem haverem mãos, que lhe applicaſſem o impulſo, nem com ella lhe fizeſſem o tiro: *Ibid. 34.* *Abſciſſus eſt lapis ſine manibus.* Outro ſoberbo artefacto era a torre de Babel: & ſe naõ de metaes, como eſta eſtatua de Nabuco Rey de Babylonia; era de pedras ſobre pedras, & tambem alta, & levantada, como era a eſtatua: *Ibid. 31.* *Statua grandis, magna, & ſtatura ſublimis.* E ſó em quanto houveraõ mãos, que maneaſſem os ſeus materiaes, a torre ſubia; & o meſmo foy naõ obrarem as mãos, que parar a torre: *Ceſſaverũt ædificare.* Aquella Mulher forte dos Proverbios, & difficil de ſe achar: *Mulierem fortem quis inveniet*, nas obras das ſuas mãos ſe lhe deſcobrîraõ as ſuas induſtrias: *Quæſivit lanam & linum, & operata eſt conſilio manuum ſuarum.* Acquirio por ſuas mãos as utilidades da ſua caſa, dizem huns: *Fecit quod utile eſt manibus ſuis*, a ſaber, *Filans lanam, & linum*; que nòs vemos ſaõ dous generos do commercio humano, que ſem andarem as mãos, os naõ ha no mundo. E porque eſta meſma Mulher he comparada à nao, que

Geneſ. 11. 8.

Prov. 31. 10.

Ibid. 13.

Septuaginta.

de

de longe traz o paõ (o ſuſtento entendemos nòs) conveniente para a vida: *Facta eſt quaſi navis inſtitoris, de longè portans panem ſuum*, podemos accõmodar, & entender com muytos, que he a nao dos tratantes do commercio, ou negocio: *Facta eſt ſicut navis mercatoris, cujus è longinquo affertur cibus.* E mais claro ainda: *Tamquàm navis mercatorum mercaturam exercens de longè: congregat hæc vitã, & divitias.* E na Verſaõ Syriaca lemos: *A longinquo mercimonia advehens.* Nem por fallarmos neſta comparaçaõ em hũa ſó nao: *Facta eſt quaſi navis*, deyxamos de entender nella muytas naos; & temos, quem aſſim o entende comnoſco. *Similis eſt navibus mercatorum*, que levaõ, & trazem os generos neceſſarios ao commercio: *Panños, tela, aliaſque merces in longinquas Orbis partes deferunt*: & digamos por exemplo, para a India, para o Braſil, & para as partes do Norte: *Pro quibus ex eiſdem locis referunt alias merces, unde mercatores ſibi victum, & neceſſaria comparant.* Eſta Mulher pois, ou eſta alma, que nòs conſideramos no Reyno Politico: eſta Nao, ou eſta Frota, que nella ſe entende: *Mulier comparatur non uni navi, ſed navibus in plurali: putà claſſi integræ, quæ ingentem mercium copiã affert:*

Prov. 31. 14.

Chald.

Septuaginta.

Syriac.

Cornel. hìc.

Cornel. ibid.

affert: eſta he a'que nòs chamamos cõmercio. E ſe lhe temos dado o nome de alma, que devemos entender ſer juſta, porque fallamos do commercio licito, & ſem o qual os Reynos ſaõ corpos mortos, ou cadaveres; naõ he ſem fundamento: *Hæc omnia facile eſt adaptare animæ ſanctæ, mutato dumtaxat nomine mulieris in nomen animæ.* E naõ he corpo morto o Reyno ſem eſta alma? E retratar eſte corpo ſem eſta alma, naõ he dar entre o retrato, & o retratado hũa tal ſemelhança, que ſó ficaõ differentes no nome: *Mutato dumtaxat nomine?*

Cornel. ibid.

23 Ditoſo pois aquelle Rey, que vè ao ſeu Reyno vivo na Fé, & naõ morto: naõ ſem alma, nem cadaver. A quem o quadro, que o repreſenta fiel, o naõ moſtra ſepultado. Digo, ditoſo Rey eſte: porque no ſeu Reyno vendo viva a Fé, alma do Reyno Chriſtaõ; he elle o retrato do Reyno, & o Reyno o ſeu retrato. De Abraham ſe diſſe por grande maravilha, que naõ havia ſemelhante a elle na obſervancia da Ley: *Non eſt inventus ſimilis illi: qui conſervavit legem Excelſi* que foy o meſmo que dizerſe, naõ haver retrato de Abraham, mais q̃ elle de ſi meſmo. E parece, que ainda ſeria para ſeu mayor elogio, ſe elle ſe viſſe em muytos retratos ſeus. Se ſe viſſe mais

Eccli. 44. 20.

outro

outro Abraham, naõ ſeria o ſeu mayor applauſo, porque jà haveria outro como elle. Mas verſe elle meſmo copiado em muytos retratos, ſeria gloria muyto ſingular: naõ ſeria menos, que a reconhecida em Deos. Outro, como Deos, naõ ſe admitte; porque jà entaõ naõ ſeria Deos hum ſó; mas muytos retratos de Deos, & para muyto grande gloria ſua; em todos os Anjos, & em todos os homens os vemos, porque todos ſaõ imagens de Deos, & copiadas por elle meſmo: *Ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram.* Aſſim tãbem: haver no meſmo Reyno outro Rey, era naõ ſer unica a ſua ſoberanîa: muytos retratos porèm ſeus no ſeu Reyno, & ſer o meſmo Reyno ſeu retrato; naõ ſe póde celebrar mayor louvor. Querem pois ſaber, (ſuppõdo-ſe ſer a Fé a alma do Reyno Chriſtaõ) quem he o Rey deſte Reyno? He cada hum dos ſeus vaſſallos. Querem ſaber o que he cada hum dos ſeus vaſſallos? He o ſeu Rey. E querem tãbem ſaber o que he o Reyno deſte Rey, & o Rey deſte Reyno? O Rey he hum retrato do Reyno: & o Reyno hum retrato do Rey. Como a alma, que anîma a todos, he a meſma, (a Fé entendemos) ſaõ tãbem os meſmos todos os ſeus animados.

Gen. 1. 26.

E entaõ: *Inventi ſunt multi ſimiles, qui conſervant legem Excelſi.* E neſte meſmo ſentido fazemos ao Rey deſte Reyno hum ſemelhante ſeu na vida; por ſer viva a ſua Fé, & mais a do ſeu Reyno. Quando ſe lhe diz: *Vivat Rex*, ou delle diſſermos: *Vivit, & regnat*, a Fé viva he a principal vida, de que entaõ fallamos: aſſim deſejada, para o Rey viver, como para viver o Reyno. E por conſequencia o ſeu Reyno naõ póde ſer corpo morto, nem cadaver ſepultado; porque animados pela alma da Fé os vaſſallos, vive o Reyno, & o Rey: *Vivit, & regnat.* Ao conſelho dado ao Rey, & pelo Rey tomado, chamàraõ algũs Rey do meſmo Rey: *Reges regere, & regi debent conſilio, ut Regis Rex ſit conſilium.* E por iſſo: *Regem vocârunt à conſilio*; como dando a entender, que tanto ha de ter o Rey de conſelheyro, como de aconſelhado: *Ut regnare ſit idem, quod conſulere, & pollere conſilio.* Agora ao noſſo intento, combinando o que temos dito da Fé com o que ſe diz do conſelho. Se a Fé he a alma do Reyno; porque o Reyno ſem Fé deſcae, & deſfallece: tambem, porq̃ ſem conſelho ſe deſordena o Reyno; podemos dizer, que he ſua alma o conſelho. Tanto devem os Reynos ſer animados com o conſelho,

Corn. in Dan. c. 4. v. 24.

Chald. & Hebr. ibid.

ſelho, como com a Fé: & naõ menos o Reyno ſem Fé ſe diz cadaver, do modo que temos conſiderado; do q̃ ſem conſelho ſe póde conſiderar morto. Quem diz, que a vida do juſto he a Fé: *Juſtus ex fide vivit*, ſendo eſte juſto Rey; a Fé he alma, & reyna a Fé naquelle Reyno: & entaõ o Rey melhor *Vivit, & regnat.* E quem entende, q̃ a ſua alma he boa conſelheyra: *Quamdiu ponam conſilia in anima mea*, ſe he de Rey eſta alma, bem chama a eſte conſelho Rey, por ſer do Rey o conſelho: *Regis Rex eſt conſilium.* E que mayor felicidade, que a daquelle Reyno, no qual reyna a Fé, & o conſelho reyna?

Ad Roman 1. 17.

Pſ. 12 2.

Naõ diremos cõ juſto encarecimento, q̃ reynando nelle a Fé: *Non eſt inventum regnum ſimile illi, quod conſervat legem Excelſi?* E tambem, que por reynar nelle o conſelho, o ſeu Rey, *Vocatur Rex à conſilio?*

24 Naõ diremos nòs outro tãto do Reyno opulento pelo commercio, ainda que eſte ſeja a ſua alma; ſe nelle naõ reynar a Fé, & o cõſelho naõ for Rey: *Regis Rex conſilium.* Serà o que ſe vio no reynado de Salamaõ: o Rey mais ſabio, & do melhor conſelho, & do Reyno mais rico, & do mais avultado commercio. Tudo conſta por Eſcrituras ſagradas, que ſuppomos lidas,

das, onde o profundo da ſabedoria daquelle Rey, & o ſentencioſo do ſeu juizo moſtraõ a ſingular liberalidade, cõ que a maõ de Deos o fez unico no mundo. 3. Reg. 3. 12. *Dedi tibi cor ſapiens & intelligens*, lhe diſſe Deos: *In tantum, ut nullus ante te ſimilis tui fuerit, nec poſt te ſurrecturus ſit.* E tambem nos daõ a ler as meſmas hiſtorias do ſeu tempo o immenſo das ſuas riquezas: *Dedi tibi divitias, ut nemo fuerit ſimilis tui in regibus:* & aſſim tambem as navegações das Frotas para Ofir, Tharſis, & Reynos da Arabia, donde voltavaõ carregadas de ouro, prata, & outros generos de grande preço: *Aurum, & argentum, & dentes elephantorum &c.* E ſobre iſto, conduziaõ as meſmas naos tudo o acquirido por negocio de compras, & vendas: *Excepto eo, quod afferebant viri, qui ſuper vectigalia erant, & negotiatores, univerſique ſcruta vendentes.* Noticias ſaõ eſtas, que todas fazem crer ſeria o commercio daquelle tẽpo de muyto mayores intereſſes, que o do noſſo. Mas como entaõ faltou a fidelidade, & a religiaõ, q̃ a Deos devia aquelle Rey, & naquelle Reyno naõ via Deos: *Depravatum eſt cor ejus, ut ſequeretur deos alienos*, deyxou de reynar nelle a Fé, & de ſer Rey o conſelho; & por conſequencia, nem o Rey

Ibid. 13.

Ibid. 15

3. Reg. 11. 4.

3. Reg. 10. 22.

ficou

ficou retrato do ſeu Reyno, nem o ſeu Reyno retrato do Rey, eſcurecendo ao Reyno, & mais ao Rey as nodoas da ſua idolatria. Do noſſo Reyno de Portugal (a Deos ſejaõ dados louvores ſem fim, & nòs devemos dar graças infinitas) podemos dizer, que por reynar nelle a Religiaõ Chriſtãa, & a Fé ter conſelhos em que reyna: ſendo entre ſi retratos taõ ſemelhantes Rey, & Reyno, naõ ha outros ſemelhantes ſeus: *Non eſt ſimile ſui.*

Remedio.

§. IX.

25 TAmbem ſe ſegura hum com outro: aſſim como com hũa razaõ ſe prova outra. Se a razaõ da razaõ faz mayor prova, o remedio do remedio melhor cura. Ainda fallando dos remedios do corpo, vemos nòs obrar mais os mixtos, q̃ os ſimplices: cada hũ dos ſimplices naõ he mais que hum remedio; & ſaõ muytos remedios os mixtos. E iſto meſmo ſe experimenta nos remedios da alma: tambem curaõ melhor os acompanhados com outros. O auxilio ſufficiente ſem o conſentimento da vontade naõ obra tanto, quanto com elle ſe vè obrar: paſſa entaõ de ſufficiente a efficaz, que he o q̃ ſe buſca em todos os remedios. Por iſſo aos mais ope-

operativos chamamos mais efficazes; & dizemos que huns tem mais virtude natural, q outros. E ainda das virtudes moraes havemos dizer o meſmo: quanto mais acompanhadas, melhores obras. Sendo muyto louvadas de Chriſto as do Santo Biſpo de Eſeſo: *Scio opera tua*, eraõ todas menos perfeytas, ſó por lhes faltar hũa: *Habeo adverſùm te, quòd charitatem tuam primam reliquiſti.* A falta deſta virtude lhe enfraquecia as outras, & naõ era taõ operativo o mixto de todas: as ſuas obras eraõ boas; mas deyxavaõ de ſer melhores, porque naõ as animava a caridade: *Charitatem reliquiſti.* O

Apoc. 2.2.

Ibid.4.

que imos dizendo, naõ ſó prova, que os remedios melhor obraõ jũtos, do que ſeparados; porque ajuda hum cõ a ſua virtude a virtude do outro; mas tambem, porq ſenaõ obrou hum, o outro obrou. Em hũs moſtramos o remedio do remedio; por ajudar hum com a ſua virtude a virtude do outro, & ſegurarem o effeyto ambas as virtudes juntas. E em outros vè-ſe o remedio do remedio, quando applicado, & perdido o primeyro, faz o ſegundo, o que o primeyro naõ fez. Nos remedios corporaes he muyto ordinario eſte modo de remediar: melhora tal vez o ſangue com os cordiaes, naõ melho-

rando com as ſangrias. E nos remedios eſpirituaes tãbem ha a meſma experiencia; o que naõ obrou a inſpiraçaõ, obrar o conſelho; & o que o temor naõ perſuadio, perſuadir o amor. Como todos os remedios, ou corporaes, ou eſpirituaes, ſaõ inſtrumentos, pelos quaes ſe recupera a ſaude, ou eſpiritual, ou corporal; ſe com hum naõ ſe cõſeguio o fim, cõ outro ſe conſeguio. Aquelle demonio mudo, que a virtude dos Diſcipulos de Chriſto naõ pode lançar fóra do corpo do Energumeno, logo o lançou a virtude do Divino Meſtre. *Surde, & mute ſpiritus*, lhe diſſe Chriſto, *Ego præcipio tibi, exi ab eo*: & o demonio atormentando-o entaõ mais que nunca, o deyxou logo: *Multùm diſcerpens eũ, exijt ab eo.* Neſta occaſiaõ naõ concorrèraõ duas virtudes juntas; a de Chriſto, & mais a dos Diſcipulos, para ſe fazer o milagre, & ſer lançado fóra aquelle demonio: livrou Chriſto do demonio ao enfermo, & fez nelle o milagre; depois de cõfeſſarem os Diſcipulos, que o naõ pudèraõ fazer: *Non potuimus ejicere eum.* E he a razaõ, porque bem podemos dizer, que a virtude de Chriſto foy entaõ remedio do remedio: como os ſeus Diſcipulos naõ puderaõ remediar ao enfermo, ainda applicando elles a ſua virtude;

Marc. 9. 24.

Ibid. 25

Ibid. 27

virtude; empenhando Chriſto a ſua, deo toda a efficacia ao remedio neceſſitado della. Fez o que a mãy de Tobias diſſe, que naõ faziaõ as ſuas lagrimas no tempo da auſencia do filho: naõ achava eſta mãy remedio, para remediar as ſuas lagrimas, que eraõ choradas para a remediarem a ella. Vio malogrado o remedio da ſua dor nas lagrimas neceſſitadas de remedio: *Flebat irremediabilibus lacrymis.* Tob. 10. 4. E para ſingular cõfirmaçaõ do que aqui diſcorremos, temos hũa ſentença nos ſagrados textos, & nella hum conſelho dos remedios mais neceſſarios ao eſpirito, quaes ſaõ os preſervativos do ſeu dano. O remedio daquelle remedio, que naõ curou o mal, he grande remedio; mas o que preſervou deſſe mal, para elle naõ neceſſitar de cura, ainda he remedio mayor: o primeyro ſuppõem erro na cura da enfermidade; & o ſegundo livra a cura de erro. Para naõ ſe fruſtrar pois o remedio da eſmola, diz Chriſto, q̃ naõ ſayba a maõ eſquerda, o que faz a maõ direyta: *Neſciat ſiniſtra tua quid faciat dextera tua.* Matth. 6. 3. Como o ſegredo da eſmola he o que dà efficacia a eſte remedio; preſerva-ſe elle da ſua perda com a cautela do ſegredo. E eſta preſervaçaõ he remedio do remedio; porque he importante cautela,

para que na publicidade do ſegredo naõ perca a eſmola o ſeu valor de remedio: *Neſciat ſiniſtra &c.* Eſte conſelho de Chriſto (ſe bem ſe advertir) he hũa direcçaõ, para que o peccador com o remedio da ſua eſmola ſeja redemptor da ſua alma. Redemir, & remediar, he em ſuſtancia o meſmo; quem redemio, remediou. E foy o que Daniel quiz dizer a Nabuco naquella ſua receyta: *Peccata tua eleemoſynis redime*; & o que conſiderou Cornelio neſte conſelho de Daniel. Diz, que os cõſelheyros dos Reys (& nòs o accommodamos a todos os que receytaõ meyos, para livrar a alma de peccados) haõ de dar conſelhos, como quem applica remedios: *Sana conſilia & remedia ſuggerere debent.*

Dan. 4. 24.

Cornel. in Dan. hic.

Rumor.

§. X.

26 HE como veneno occulto, que mata, ſem ſer ſentido: ou como vibora eſcondida, q̃ ſem apparecer morde. Tal he a murmuraçaõ encuberta, quando a detracçaõ ſe diz em ſegredo; vay eſta correndo pelos ouvidos de todos, como a agua, que corre ſem fazer eſtrondo, mas naõ ſem ſer ouvida por algum modo. E aſſim como deſta agua ſe diz, que vay murmurando, dizemos nòs,

nòs, que o rumor vay detraindo. Com pouca mudança de letras dirà: *Rumor*, o que for a dizer: *Murmur*. E ſó poderemos differenciar a murmuraçaõ clara, da que he callada, dizendo, que a murmuraçaõ declarada he voz de toda a boca: & que o rumor callado, he de meya boca, ou da boca pequena. Eſtes tamanhos, ou medidas da boca tomamos nòs daquella petiçaõ de David feyta a Deos, pedindolhe guarda para a boca, & mais para os beyços: *Pone, Domine, cuſtodiam ori meo: & oſtium circumſtantiæ labijs meis.* He verdade, que ha quem lhe commenta a ſua petiçaõ, & diz, q̃ pedia elle a Deos para a ſua boca, que era porta, guarda, que foſſe porteyro: *Os meum eſt quaſi porta, unde exeunt verba: ideò rogo, ut adhibeas cuſtodiam, janitorem videlicèt, ſuper oſtium labiorum meorum.* Bellar. hic & in Hebr. Mas dahi tomamos nòs fundamento, para fazer diſtinçaõ entre boca, & beyços: aſſim como elle a fazia entre porta, & porteyro: *Inter cuſtodiam, & oſtiũ.* Conſideramos a boca, como inteyra, ou como hum todo: & os beyços, como meya boca, ou parte deſte todo. Se a meſma boca he porta, & porteyro; tambem he inteyra: *Pone cuſtodiam ori meo*, & he meya boca: *Oſtium labijs meis.* O mal, que ſe

Pſ. 140. 3.

diz pela boca toda, & por iſſo boca grande; dizemos nòs, que fica dito pela boca pequena, ou meya boca: ſeja embora porta a boca toda, & a meya boca o porteyro. Ou a porta ſe abra toda, para ſair o mal, que ſe diz; ou para ſair eſſe meſmo mal, ſe abra ſó a meya boca dos beyços, como porteyros da boca; ſempre diz tanto mal a porta, como daõ a entender os porteyros: pouca differença vay em o dizer a porta: *Os noſtrum*, ou em o dizer o porteyro: *Labia noſtra*. Iſto he o que toca à murmuraçaõ; & quãdo a murmuraçaõ toca na honra, ou na fama; tambem he o meſmo, ou o diga a boca toda, ou o rumor com boca pequena. Là ſe ouve a detracçaõ, ſem ſe ver fallar a quem a diz: aſſim como, ſem ſe ver a quem fallou, ouvimos nòs ao eco dizer. Terrivel voz; pois baſta ſó ſer de rumor, para fazer tanto mal, ou tamanho eco! Para ſe ouvir dizer, & crer o bẽ, a voz ha de ſer de pregaõ: & para ſe crer o mal, que ſe diz, baſta que a voz ſeja de rumor. Ha de clamar o Bautiſta, para dar a ouvir, & crer a virtude: *Vox clamantis: agite pœnitentiam*; & para ſe pôr nodoa na fama, baſta a meya voz: *Labiorum*. Naõ negamos haver tambem bom rumor; ou chamarſe rumor à voz, quando applaude

Matth. 3. 3. & 2.

applaude o bem ; mas com eſta differença entre rumor, & rumor. Para haver rumor do bem (ſupponhamos, para haver fama applaudida) ha de ſer muyto grande a voz deſta fama ; & naõ he neceſſario, para haver na fama nodoa, mais q̃ andar ella na voz do rumor. Para o celebrado nome da ſabedoria de Salamaõ, ſoy neceſſario, que a ſua ſabedoria foſſe mayor que o rumor. Aſſim o ouvio elle meſmo dizer à Rainha Saba, quando lhe louvou a ſabedoria : 3. Reg. 10. 7. *Maior eſt ſapientia tua, quàm rumor, quem audivi.* E ainda para eſta Rainha crer eſte rumor, ella meſma veyo a examinar a fama daquella ſabedoria : *Auditâ famâ Salomonis, venit tentare eum in ænigmatibus.* Ibid. 1. E para Caifàs crer, que Chriſto era blasfemo, naõ ſoy neceſſario, que os ſeus accuſadores lhe ouviſſem dizer blasfemias : ainda ſoy menos q̃ rumor de blasfemia, o q̃ entaõ ſe diſſe ; porque ſem ſer blasfemia dita, ſoy blasfemia ouvida : *Audiſtis blaſphemiam.* Matth. 26. 65. Para haver rumor do mao nome, ou de opiniaõ mà, haõ de ſer muytos os que fallem : & ainda que ſeja em ſegredo, ha de haver entre elles algũa prova do que fallaõ. E para ſe condenar a Chriſto por blasfemo, naõ havendo nem hũa ſó voz de rumor, a blasfemia ſe

deo por provada. *Quid adhuc egemus teſtibus? Ecce nunc audiſtis blaſphemiam.*

27 Os julgadores deſta blasfemia, q̃ nem em rumor andava, & chegou a ſer delles ouvida; ſurdos os conſiderou eu, por naõ ouvirem o rumor, que dentro de ſi meſmos os arguhia da ſua maldade. E eſte he o rumor, que mais ſoa, & que menos ſe ouve: o das vozes mudas de hũa mà conſciencia. Aquelle, que diſcorria hum dos amigos de Job, fallando do peccador, quando dentro de ſi o ſente muyto chegado aos ouvidos interiores: *Sonitus terroris ſemper in auribus illius*; & ainda aſſim o naõ ouve, ou faz que naõ ouve. Tal foy aquelle Juiz impio, q̃ ſem attender ao q̃ lhe dizia o rumor de dentro: *Sonitus terroris*, condenou a hum innocente por blasfemo: *Blaſphemavit.* Mas ſe a hum deſtes lhe perguntaſſemos: Se vivia taõ ſoſſegado por dentro, eſcutando-ſe a ſi no rumor da ſua conſciẽcia; como a nòs cà de fóra nos parece q̃ vivem, ouvindo-o nòs a elle? Reſponderia, ſe quizeſſe dizer verdade, o que foy continuãdo na ſua conferencia aquelle conſolador de Job. Quando ſe entende, que hũ deſtes paſſa hũa vida ſem o atormẽtarem cuydados: *Et cùm pax ſit*, naõ deyxa de o deſpertar o rumor occulto

Job 15. 21.

Matth. 26. 65.

occulto daquellas armas (dos eſtimulos da conſciencia dizemos) que como inſidioſos combatentes o inquietaõ: *Ille ſemper inſidias* Ibid. *ſuſpicatur.* Se neſta hora deſcança ſobre os meſmos remorſos do rumor de dentro: *In* Pſ. 49. *idipſum dormit, & requieſcit,* na outra deſeſpera de ſe ver livre delles: *Non credit quòd re-* Job 15. 22. *verti poſſit de tenebris ad lucem;* porque ſe ſente de todas as partes ferido: *Circumſpectans un-* Ibid. *diquegladium.* Hoje cõ hum bom dia de deſvelo ſobre a abundancia da ſua caſa: *Cùm ſe mo-* Ibid. 23. *verit ad quærendum panem;* & depois hũ dia bem mao nas meſmas induſtrias da fartura: *Novit quòd paratus ſit* Ibid. *in manu ejus tenebrarum dies.* Tudo iſto involve, & revolve aquelle rumor da mà conſciẽcia: *Sonitus terroris.* Aquelle, que como vibora eſcondida, que morde ſem ſe ver; fere ſem ſe ſentir; aquelle, q̃ tira o goſto ao deſcanço, faz amargar o ſuſtento, & eſcurece a luz do dia; aquelle finalmẽte, que começando neſta vida, vay a continuarſe, para nunca acabar na outra. Porque entre as mais penas da eternidade, o tormẽto da mà conſciencia do que a ellas foy condenado, ſempre *Eſt ſonitus terroris in auribus illius;* & alli he que deſeſpera de jà mais ſair das trevas, nem tornar a ver luz: *Non credit, quòd*

quòd reverti poſſit de tenebris ad lucem, cercado de todas as partes deſta aguda dòr: *Circumſpectans undique gladium.*

Rainha.

§. XI.

28 A Santiſſima, & ſoberaniſſima dos Anjos, naõ ſeria taõ grande, ſe o naõ foſſe tambem dos homens. Jà vay ſuppoſto, que fallamos aqui dos homens no eſtado da graça: aſſim como eſtà entendido, que fallamos dos Anjos no meſmo eſtado. Porque nem dos Anjos, que perdèraõ a graça, nem dos homens, que a tem perdido; he gloria da Mãy de Deos, acclamarſe Rainha. Dos Anjos, que Deos naõ lançou do ſeu Reyno; & dos homens, que para entrarem no meſmo Reyno, ſaõ eſcolhidos: deſſes he a Mãy de Deos a Rainha, aſſim como Deos he o Rey. Confeſſamos, & naõ haverà quem negue a eminente ventagem, que ſe reconhece na natureza Angelica ſobre a humana. Por mais nobre, que ſe conſidere a humana, ſempre eſta deſiguala da Angelica: *Minuiſti eum paulò minùs ab Angelis*, como diz David, conferindo hũa com outra. Porèm conſiderados ainda os homens neſſe menos da natureza, ficaõ com tudo taõ levantados pela graça, que ſe os naõ tiveſſe por vaſſallos Pſ. 8. 6.

los

los a Rainha dos Anjos, haveria tambem outro menos no ſeu reynado. Se o Sol foſſe Rey, & o ſeu dominio ſó ſe eſtendeſſe pelos Aſtros celeſtes, a quem communica as ſuas luzes, & naõ por todos os vegetativos ſublunares, aſſim o humilde hyſopo, como os altos cedros do Libano, dependẽtes todos das ſuas influencias; naõ ſeria de taõ dilatada eſfera a ſua ſoberanîa. Rey ſó de luzentes eſtrellas, & naõ de crecidas ſeàras, dando elle igualmente às eſtrellas a luz, & às ſeàras a fertilidade; naõ ſe acclamaria taõ glorioſo Rey, como neſta ſuppoſiçaõ metaforica o conſidera o mundo todo. Ainda hum Rey, que ſó o era por ſonhos, naõ ſe vio reconhecido por tal, quãdo adorado do Sol, Lua, & Eſtrellas: *Vidi per ſomnium, quaſi Solem, & Lunam, & Stellas, adorare me*; mas tambem quando lhe rendèraõ adorações os manipulos da lavoura: *Putabam veſtros manipulos adorare manipulũ meũ.* Sendo pois o homem naõ aſtro ſem vida, como os corpos celeſtes; nem ſó vegetativo, como as plantas ſublunares; mas ſobre ſer vivente racional, por natureza hũa imagem de Deos, & por graça hũa creatura divinizada; naõ ſeria taõ dilatado, nem taõ ennobrecido o Imperio da Rainha dos Anjos, como o devemos

Gen. 37. 9.

Ibid. 7.

mos conſiderar ſendo tambem dos homens. Se a Santiſſima Virgem foſſe ſó Mãy de Deos, & naõ de Deos & Homem juntamente; naõ ſeria taõ ſoberana Mãy; porque naõ acrecentaria ſobre a dignidade de Mãy de Deos Creador, a de Mãy de Deos Redemptor: naõ ſeria entaõ Mãy do Homem Deos, q̃ remio o mundo, & que ſendo Filho de Deos, tanto ſe prezou de ſe nomear Filho do Homem, por ſer Filho da Mãy, de quem tomou o ſer humano. E ſe a maternidade de Maria Santiſſima, por ella ſer Mãy de Filho, q̃ he juntamente Deos, & Homem, tem eſta mayoria; do meſmo modo devemos conſiderar mayor o ſeu reynado, por ſer tambem Rainha dos homens, & naõ ſó dos Anjos. Nẽ por ſer a graça, que ſe deo aos homens, da meſma natureza, que a graça, que ſe deo aos Anjos; deyxa de ennobrecer mais aos homẽs, que aos Anjos eſſa meſma graça; & de levãtar mais de ponto a vaſſallagem do reynado da Mãy de Deos. He verdade, que naõ preferimos hũa graça a outra, conſiderada a ſua eſſencia; pois he a meſma nos Anjos, & nos homens. Mas por alguns privilegios, prerogativas, & excellencias, q̃ hũa tem, & naõ tem a outra, jà ponderadas por quẽ tomou por argumento de hũ admi-

P. Joan. Eu eb. Niriẽb. tract de pret. grat. lib. 3. c 12.

ravel

ravel tratado o preço, & eſtimaçaõ da graça, & diz, que deve ſer mais eſtimada a graça dos homens, que a dos Anjos, por ſer comprada com os trabalhos de trinta & tres annos da vida de Chriſto, & depois com o ſangue, que deo pelos remir, tudo de infinito valor; o que naõ tem a dos Anjos. E iſto moſtraõ as tres Parabolas da doutrina de Chriſto, nas quaes ſe vem mais feſtejadas a Ovelha, & Dracma achadas, por ſerem primeyro perdidas: & tambem o Prodigo, primeyro ſem a graça do pay, & a ella reſtituido depois; conferindo-ſe em todas tres a graça dos Anjos com a dos homens. A dos Anjos repreſentada nas noventa & nove Ovelhas, & nas outras Dracmas, que ſe naõ perdèraõ, & no irmaõ do Prodigo, que ſe naõ deſencaminhou. E a dos homens no Prodigo, Dracma, & Ovelha, primeyro deſtituidos da graça, que depois logràraõ recuperada. Diz, que deve ſer mais eſtimada a graça dos homens, que a dos Anjos, por ter o ſeu fundamento nos merecimentos de Chriſto, pelos quaes nòs a principiamos, como membros ſeus: & iſto naõ tem a graça ſó por ſua natureza. E q por eſſa razaõ, ainda q a noſſa graça a noſſo reſpeyto he beneficio; a reſpeyto de Chriſto he juſtiça,

por

por ſer premio dos ſeus merecimentos: o que he para ſingular honra noſſa, por participarmos em Chriſto hũa graça com a circunſtãcia de ſer premio, a qual naõ teve a graça de Adam no eſtado da innocencia, nem a graça dos Anjos na ſua creaçaõ. Até aqui a ſuſtancia do que diſcorre o doutiſſimo Niriẽberg: & o que baſta para entendermos o ſublime eſtado do homem em graça, ainda conſiderado pelo ſeu *Paulò minùs ab Angelis.*

29 E o que nòs podemos acrecentar, he o muyto a que ſubîraõ os meſmos homens, aſſiſtidos da Divina graça por ſeus proprios merecimentos: os eminentes graos de gloria dos cõſtantiſſimos Martyres, dos ſantiſſimos Confeſſores, & das puriſſimas Virgens, combatentes todos daquelle Reyno, que tambem ſe conquiſta por armas: *Vim patitur.* E lançãdo nòs os olhos da conſideraçaõ por eſtes innumeraveis eſquadrões, & Córos de Homens: quem negarà ſer o reynado da Mãy de Deos, por comprehender tãbem aos homens aſſim gratos a Deos, muyto mayor, do que ſe conſtaſſe ſó de Anjos? O meſmo reynado de Deos, ainda conſiderado a reſpeyto dos Anjos, naõ ſeria da immẽſa eſfera que tem; ſe nelle dominaſſe Deos ſó ao Coro dos Serafins, Matth. 11. 12.

&

& naõ aos demais Córos Angelicos. E a muyto singular gloria de Deos reynãdo no Ceo, he naõ serem os Anjos de hũa só especie: quãto mais em especie diversos os Anjos, o seu reynado mayor. E ainda he muyto mayor a sua Corte, por ser tãbem de homens, do que seria, se fossem só Anjos os seus Cortesãos. Homens foraõ, & naõ Anjos, aquelles, dos quaes elle gloriosamẽte se nomea Deos: *Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob.* Naõ foraõ Anjos, mas homens, hum Moyses cõ delegações de Deos: *Constitui te Deum Pharaonis*; hum Job servo apontado com a sua maõ por muyto singular servo: *Quòd non sit ei similis*; hum David copiado pelo seu coraçaõ: *Virum secundùm cor meum*; hũ Paulo seu particular escolhido: *Vas electionis est mihi iste*; hum Bautista, ainda vivendo entre os homens, o mayor: *Non surrexit maior.* Homẽs, & prodigiosos homens foraõ os sagrados Apostolos: naõ só homens do serviço de Deos; mas muyto singulares da sua amizade: *Jam non dicam vos servos: vos autem dixi amicos.* Homens foraõ os que a Igreja adora nos sagrados Altares, & em vida dominàraõ elementos, domàraõ feras, & resuscitàraõ mortos, dando-se Deos a admirar nas suas mara-

Exod. 3.6.

Exod. 7.1.

Job 1.8.

Act. Apost. 13. 22.

Act. Apost. 9. 15.

Matth. 11.11.

Joan. 15.15.

Pſalm. 67.36. ravilhoſas obras: *Mirabilis Deus in Sanctis ſuis.* E finalmente homens ſaõ, & naõ Anjos, os remidos pelo ſangue de Chriſto, & os que elle dignificou para no Diviniſſimo Sacramento ſerem elles ſeus, & Chriſto delles: *In me manet, & ego in illo.* E ſaõ tãbem os que elle nomea vaſſallos ſeus (naõ fazẽdo o meſmo aos Anjos) quando os chama para a poſſe do ſeu Reyno: *Venite, poſſidete paratũ vobis Regnum.* E tendo aſſim mayor o reynado de Deos, por ſerem tãbem os homens, & naõ ſó os Anjos, moradores do ſeu Reyno: do meſmo modo he mayor o reynado da Mãy de Deos, por ſer naõ ſó de Anjos, mas tambem de homens, & dos meſmos homens, que ſaõ do Reyno de Deos. Aquelles meſmos homẽs, dos quaes Chriſto nos diz he o ſeu Reyno: *Ipſorum eſt Regnum Cælorum*, & delles nos deyxou ſinalados os que o haõ de ir a gozar: *Simile eſt Regnum Cælorum theſauro abſcondito in agro: quem qui invenit homo &c. Simile eſt Regnum Cælorũ homini negotiatori &c. Simile erit Regnum Cælorum decem Virginibus &c.* Eſtes, & outros ſemelhantes ſinalados, que poſſo ſuppor ſabidos, & por evitar diffuſaõ, naõ faço agora lembrados; ſaõ tambem os do Reyno de Maria Santiſſima. E por ſer o

Joan. 6. 57.

Matth 25. 34.

Matth 5. 3. & 10.

Matth. 13. 44.

Ibid. 45.

Matth. 25. 1.

ſeu

ſeu reynado de tantos, & taes homens; he mayor o ſeu imperial dominio, do que ſe foſſe ſó de Anjos, ainda que foſſem todos Serafins. Por eſtas razões todas devemos pedir (& ſerà omiſſaõ grande, ſe o naõ fizermos) a taõ ſoberana Rainha o meſmo q̃ pedimos a Deos: *Adveniat Regnũ tuum.* Matth. 6.10.

30 O eſquecimento pois, que tivermos, de lhe fazermos eſta petiçaõ, he o argumento principal deſte noſſo diſcurſo: naõ he fazer crer, que o reynado da Mãy de Deos he muyto mayor por ſer tambem de homens, o que naõ ſeria, ſe foſſe ſó de Anjos. He eſtranhar o deſcuydo dos que ſe naõ deſvelaõ para ſerem do Reyno deſta Altiſſima Rainha, dandolhes agora eſte pequeno brado. Homens, que aſſiſtidos da Divina graça (porque neſſa ſuppoſiçaõ fallamos) podeis dar mais luſtre, & mayor gloria ao reynado da Mãy de Deos: como taõ deſcuydados lhe faltais com eſta honra, & vos privais deſta nobreza? Como por couſa taõ vil, & mal taõ grande, qual he o peccado, vos avaſſallais ao demonio, que nem he Rey, nem ainda de Rey tem o nome; deyxando de ſer do Reyno daquella Senhora, do qual o meſmo Deos he o Rey? Tanto monta naõ ſer do Reyno de Maria Santiſſima, como naõ

ſer do Reyno de Deos: & naõ ha naçaõ algũa no mundo, que ſe naõ preze de ſer do Reyno, & do dominio do Rey, que tem. E ſendo o Reyno da Mãy de Deos naõ ſó de homens, mas tambem de Anjos: & mayor, por ſer naõ ſó de Anjos, mas tambem de homens: & ainda de homens, que por ſingulares prerogativas da ſua graça naõ ſó eſtaõ divinizados, mas ainda, comparada a ſua graça com a dos Anjos, por ſeu modo preferidos; he dor, he laſtima, he deſgraça ver o pouco, que ſe eſtimaõ os homens, quando deyxaõ de ſer juntamente com os Anjos vaſſallos de taõ exaltada Rainha. Se perguntarmos a eſtes deſcuydados, por quaes intereſſes perdem o Reyno da Mãy de Deos, & a ſi meſmos ſe deſterraõ delle: & eſta pergunta for tambem feyta no inferno aos q̃ jà o perdèraõ; ſó poderáõ reſponder huns, & mais outros, que os peccados, que fazem, & fizeraõ, ſaõ, & foraõ a cauſa de o perderem: & ſem mais lucro (ſe he que lucro ſe póde chamar) que o mal da meſma perda. Aquelle lucro, de que jà ſe lhe fez o meſmo exame, *Quid prodeſt homini, ſi animæ ſuæ detrimentum patiatur?* Matth. 16.26.

31 O muyto, & o como poderáo intereſſar os vaſſallos deſta Potentiſſima Rainha, diremos agora, pedindo

as

as attenções, que taõ importante ponto demanda. Naõ intereſſaõ menos, que a ſalvaçaõ das ſuas almas ſegura na graça, que os faz dignos della, & no meyo para a acquirirem, que he a Oraçaõ da Ave Maria: & he bem, que ſe entenda o que nella ſe diz. Ave Maria, he hũa Saudaçaõ ſacrificada à Mãy de Deos, & Rainha noſſa: & he a primeyra advertencia, que deve fazer, quem a faz. Advirta muyto cõſiderado, que falla com a Mãy de Deos: & he o meſmo conſelho, que nos dà Chriſto, quando nos enſina a orar: tambem quer, que entendamos, que ſe falla com ſeu Eterno Pay, quãdo dizemos: *Pater noſter.* Matth. 6.9.

Quem com eſtas advertencias entra a fallar com Deos, & com ſua Santiſſima Mãy, Senhora, & Rainha noſſa; logo recolhe os ſentidos, ordena as attenções, & aſſiſtido de temeroſo reſpeyto, naõ ſó o de dentro, mas tãbem o de fóra, faz a ſua Oraçaõ. E naõ ſe arriſca, indo ſem eſtas prevenções, a lhe dizerem da parte de Deos, & da Rainha dos Ceos, com quem vem fallar: como ſe animou a ir diante de taõ Altas Mageſtades ſem a decencia entaõ neceſſaria? *Quomodò hùc intraſti non habens veſtem nuptialẽ?* Matth. 22.12. E certamente ſerà aſſim reprehendido, & naõ ſahirà bem deſpachado do Tribunal da

ſua Rainha, quem com a Ave Maria na boca, no meſmo tempo falla com os que o divertẽ, ou ſe diverte ainda cõ os que lhe naõ fallaõ. Naõ chega entaõ a ſer ouvido da ſua Rainha aquelle, que na meſma hora, em que lhe falla, quer que o ouçaõ outros. Conſidere, q̃ lhe
Cant. 2. 14. diz a Mãy de Deos: *Sonet vox tua in auribus meis*: o que me dizes, para eu te ouvir, naõ o ouçaõ outros: ſó nos meus ouvidos ſe ouça: *In auribus meis*. E entenda tambem quem iſto conſidera ouvir à Rainha dos Anjos; que iſſo meſmo lhe pede
Pſ. 87. 3. com David: *Intret in conſpectu tuo oratio mea*. Eſta ſaudaçaõ, que vos faço, naõ ſe divirta cõ outras preſenças: ſó na voſſa a deſejo fazer: *In conſpectu tuo*. Aſſim cõ eſtas, & outras ſemelhantes conſideraçõens, haõ de fallar os homẽs com a Rainha dos Anjos, crendo que a meſma Senhora aſſiſtida de todos, & em mageſtoſo throno de gloria, tambem quer que elles a ouçaõ: *Audi filia*, *&* Pſalm. 44. 11. *inclina aurem tuam*. Como eſta locuçaõ he de ſó a ſó: de ſó a Rainha Mãy de Deos com algum dos ſeus vaſſallos ſó; he como ſe foſſe em ſolidaõ: & ſaõ os corações os que entaõ fallaõ, & ouvem: *Ducam eam in ſolitudinem*, Oſeæ 2. 14. *& loquar ad cor ejus*. Deſte modo compoſta a entrada do que vay à preſença da ſua Rainha, quando

quando proſtrado de joelhos lhe diz a ſaudaçaõ Angelica: *Ave Maria*, paſſe a ponderar a graça da Mãy de Deos: *Gratia plena.*

Luc. 1. 28.

Ibid.

32 Eſta he a q̃ fez Rainha a Puriſſima Virgem, quando depois de annunciada pelo Anjo Embaxador a enchente da ſua graça: *Gratia plena*, lhe diſſe, q̃ havia de ſer Rey na genealogia de David o Filho de que ſeria Mãy: *Paries filium*: *& dabit illi Dominus Deus ſedem David patris ejus.* E Santo Anſelmo nas ſuas devotiſſimas conſiderações o entendeo aſſim; porque ouvindo dizer na meſma annũciaçaõ: *Virtus Altiſſimi obumbrabit tibi*, daquella Divina ſombra lhe armou o docel Real, para reſguardo da ſua preſença, naõ menos que com a Mageſtade do meſmo Deos: *Ipſe Deus venit in eam, obumbrans eam, Reginam, Imperatricemque conſtituens.* E he o meſmo, que logo na viſita de Santa Iſabel conſiderou quem comparando a alteza da Mãy de Deos com o humilde eſtado da caſa de Zacharias, a venerou Rainha: *Ipſa jam Mater Dei, & Regina mũdi effecta, dignatur viſitare Eliſabetham.* A qual na ſua admiraçaõ: *Unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini mei ad me*, fez a meſma comparaçaõ. *Mater Domini mei ad me*: como ſe diſſeſſe: *Mater Domini, qui Rex regum, & Do-*

Ibid. 31. & 32.

Ibid. 35.

S. Anſelm. lib. de Virgin. excell. cap. 4.

Cornel. in Luc. 1. 39.

Luc. 1. 43.

Cornel. hic.

minus dominantium. E he a razaõ, porque de ſer Rey o Filho de Maria Santiſſima; Rainha ficava ſendo a Mãy: *Propterea Maria, cùm ſit vera Mater Regis regum, Reginæ appellationem ſingulariter meretur.* Nem póde ſer outra a noſſa conſideraçaõ, vendo em Belèm já adorado Rey ao Filho nos braços da Mãy: *Invenerunt puerum cum Maria matre ejus: & procidentes adoraverunt eum.* Se o adorado he Rey: *Ubi eſt qui natus eſt Rex:* Rainha he a Mãy do Rey adorado: *Reginæ appellationem meretur.* E finalmente porque S. Lucas nos diz, que eſte Filho obedecia à Mãy: *Erat ſubditus illis*, tomou S. Bernardo fundamento, para conſiderar taõ exaltada eſta Rainha, que até o Rey *Erat ſubditus illi. Quòd Deus fœminæ obtemperaret; humilitas abſque exemplo: quòd Deo fœmina principetur; ſublimitas ſine ſocio.* E tudo iſto ſe vio: vio-ſe levar a Rainha ao Rey a obedecer à Ley da apreſentaçaõ: *Tulerunt illum, ut ſiſterent eum Domino:* & vio-ſe admirar a Mãy de naõ ver comſigo o Filho em caſa, & deyxarſe elle ficar no Templo: *Fili, quid feciſti nobis ſic?* Bem diz logo o ſuaviſſimo Bernardo: unica he a alteza deſta Mãy: & nòs accommodamos, deſta Rainha: *Quòd Deo fœmina principetur.* De ma-

Bellarmin. t. 3 lib. 1. c. 25. §. 1.

Matth. 2. 11.

Ibid 2.

Luc. 2. 51.

Serm. ad illud: Miſſus eſt Angelus.

Luc. 2. 22.

Ibid. 48.

maneyra, que deſde o inſtante da Encarnaçaõ do Divino Verbo no puriſſimo ventre de Maria Santiſſima, começou a Mãy de Deos a ſer Rainha, por ſer Mãy do ſummo Rey: *Mater Regis regum*; & nòs, por ſermos vaſſallos do ſeu Reyno, a invocalla Rainha noſſa: *Salve Regina.* Eſte foy o reynado da Mãy de Deos nos annos da primeira idade de Chriſto: ſempre de gozo. E nos annos da ſua ſegũda idade até o ver morto na Cruz, foy de dôr o ſeu reynado, por ſer Mãy do Rey morto. Por elle ſer Rey, ou porque lhe impunhaõ fazerſe Rey, ſem o ſer, ſofreo os tormentos todos da ſua Payxaõ. Quẽ lhe lia no titulo da Cruz as culpas, porque morria: *Cauſam ipſius ſcriptam*, achava, que por ſer Rey o levàraõ a morrer nella: *Hic eſt Jeſus Rex.* Eſta nomeaçaõ de Rey, de q̃ tantas vezes o argũhiraõ: *Tu es Rex Judæorum: ergo Rex es tu &c.* foy a cauſa da ſua prizaõ, dos ſeus açoutes, de ſoportar ſobre os hombros o pezo da Cruz, & de ir a morrer nos ſeus braços: *Cauſam ipſius: Rex.* E por conſequencia havemos dizer, que eſſa meſma foy a cauſa da aguda dôr da Santiſſima Mãy, & noſſa Rainha: o ſer Mãy deſte Rey: *Cauſam ipſius.* Como tambem, depois de Chriſto reſuſcitar, foy a cauſa da gloria

Matth. 27. 37.

Ibid.

Joan. 18. 33. & 37.

da Rainha, ver glorioſo ao Rey. *Regina Cæli lætare*, lhe diz a Igreja no dia do Filho, & Rey reſuſcitado, & ſuppomos que continûa a dizer no dia da ſua Aſcenſaõ para o Ceo, no dia da vinda do Eſpirito Santo à terra, no dia da Aſſumpçaõ da Mãy para a gloria, & na cõſideraçaõ de ſe ver no meſmo dia, aſſim dos Anjos, como dos homens, coroada Rainha: *Regina Cæli.*

Diſcorre-ſe o Roſario de N. Senhora com as meſmas conſiderações de Rainha.

33 Se todos tem advertido no que agora diſſemos; entenderáõ, que os eſcolhidos do Reyno da Mãy de Deos, ſaõ os devotos do ſeu Roſario; porq̃ todos os ſeus myſterios ficaõ diſcorridos na conſideraçaõ de a venerarmos Rainha. Na primeyra idade de Chriſto, Rainha; por ſer Mãy do Rey nacido: na ſegunda idade de Chriſto, Rainha; por ſer Mãy do Rey morto: & depois da Reſurreyçaõ de Chriſto, Rainha; por ſer Mãy do Rey reſuſcitado. E eſtes ſaõ os tres tempos dedicados aos ſagrados Myſterios, Gozoſos, Doloroſos, & Glorioſos. E os da devaçaõ daquelles, que aſſim lhe rezaõ o ſeu Roſario, ſaõ os homẽs, que juntamente com os Anjos ſaõ vaſſallos

do

do ſeu Reyno: & ſem os quaes naõ ſeria taõ glorioſo o ſeu reynado, ſe foſſe ſó de Anjos. E ainda q̃ deſiguaes Anjos, & homens por natureza: & iguaes na graça dada a huns, & outros, por ſer a meſma; com tudo, pela prerogativa de lhe rezarem os homens, & naõ os Anjos o ſeu Roſario; naõ os Anjos, mas os homens, ſeus mais ſingulares vaſſallos. O que havemos ſuppor, eſtando elles em graça, & por iſſo conſervados na amizade de Deos. Os deſcuydados de acquirir, & conſervar eſta amizade, perſeverando mais no eſtado da culpa, que procurando o da graça: eſtes eſtaõ fóra do Reyno da Mãy de Deos, ainda quando neſſe eſtado a invocaõ. Nem todos os que entaõ lhe dizem: *Domina, Domina*, ſaõ do ſeu Reyno: ſó o ſaõ aquelles, que em amizade de Deos lhe fazem a ſua vontade: *Sed qui facit voluntatem Dei.* Poderáõ ſair, he verdade, do mao eſtado da ſua vida por interceſſaõ da poderoſiſſima Rainha, como tem ſahido muytos. Mas, porque tambem poderáõ naõ ſair: no que he bem que advirtaõ os que lhe pedem a ſua protecçaõ, & ſe deyxaõ eſtar em peccado; convèm emendar logo a vida, & ſair do degredo do Reyno da Mãy de Deos, aonde as ſuas culpas os tem levado. Matth. 7. 21.

vado. Duas vezes ſe haõ de conſiderar degradados os eſquecidos da emenda das ſuas culpas: degradados filhos de Heva; porque fóra da Patria dos Bemavẽturados: *Exules filij Hevæ:* & porque fóra do Reyno de Maria Sãtiſſima, tambem degradados: *A Regno Mariæ.* E iſto naõ tem os do Reyno da Mãy de Deos: aquelles, que conſervãdo-ſe em graça ſaõ os devotos do ſeu Roſario. Hũa ſó vez ſaõ degradados; porque ſaõ filhos de Heva; mas naõ ſaõ degradados, pois ſe conſervaõ no Reyno de Maria. Aſſi como, ſẽdo todos os homens filhos de Adam, huns ſaõ os da eleyçaõ de Deos, & outros naõ: predeſtinados huns, & naõ outros; todos ſaõ tãbem filhos de Heva, mas hũs os degradados do Reyno da Mãy de Deos, & outros naõ. Huns filhos de Heva, ſaõ os que ſe perdem, & ſe deyxaõ eſtar em peccado, deſmerecendo a vaſſallagem do reynado da Mãy de Deos. E outros, ſaõ os vaſſallos do ſeu Reyno, ainda ſendo filhos de Heva; porque por meyo da graça ſahem do peccado, & naõ ſe perdem. Eſtas duas claſſes de degradados filhos de Heva: os do Reyno da Mãy de Deos, & os de fóra do ſeu Reyno; deſcobrimos nòs na diſtinçaõ, que faz S. Agoſtinho de hũa, & de outra Mãy, quando

S. Aug. Serm. 18. de Sanct s. quando diz: *Auctrix peccati Heva, auctrix meriti Maria: Heva occidendo obfuit, Maria vivificando profuit: illa percuſſit, iſta ſanavit.* De ſorte, que os que ſe perdem, ſaõ os da claſſe dos filhos de Heva, que podendo ſalvarſe, ſe foſſem dos devotos do Roſario de Maria, ſe deyxaõ ficar no eſtado da culpa. E os que ſe ſalvaõ, ſaõ os da outra claſſe dos filhos de Heva, que ſe livraõ do eſtado da culpa por meyo do Roſario da ſua Rainha. Para huns he Heva, *Peccati auctrix, occidendo obeſt, & percutit.* E para outros he a Mãy de Deos, *Auctrix meriti, vivificat, & ſanat.*

34 Temos fundamento para eſtas pias conſiderações, no que ha de dizer Chriſto, quando no ultimo dia do mundo o havemos de ouvir dar a gloria aos filhos de Adam, como Reyno delles merecido: *Venite, poſſidete paratum vobis Regnum a conſtitutione mundi.* E a meſma ſerà (podemos piamente ſuppor) a gloria dos filhos de Heva devotos do Roſario da Mãy de Deos: tambem eſſa gloria ſe chamarà Reyno merecido por elles: & lhes podemos nòs jà hoje accommodar o meſmo: *Poſſidete paratum vobis Regnum.* E ſe os chamados para a gloria conſiderada como Reyno de Deos haõ de apparecer naquelle dia divi-

Matth. 25. 34.

diviſados no roſto: Apoc 7. 3 *Signemus ſervos Dei noſtri in frontibus eorum*; & eſte final, dizem, ha de ſer a Cruz de Chriſto impreſsa pelos Anjos: Cornel. hic. *Signabunt Angeli in fine mundi electos ſigno Crucis*: dos devotos do Roſario podemos nòs dizer o meſmo: tãbem com ſua diviſa, & eſsa já hoje a do Roſario da Mãy de Deos: *In manibus eorum.* Os chamados para o Reyno de Deos, cõ as boas Matth. 25. 35. & 36 obras nas mãos: *Dediſtis mihi manducare: dediſtis mihi bibere: cooperuiſtis me*, & a diviſa no meſmo dia do premio deſtas obras, no roſto: *In frontibus.* E os do Reyno da Mãy de Deos, com as boas obras na boca nos dias dos merecimentos da Oraçaõ do Roſario: *Ave Maria*; & com a diviſa nas mãos: *In manibus.* Nem eſtà deſpida de authoridade a noſſa conſideraçaõ: já houve quem diſſe, que a Cruz de Chriſto, ſinal dos eleytos para o Reyno de Deos: & o ſantiſſimo Roſario, q̃ nòs fazemos ſer a diviſa dos ſinalados do Reyno de ſua Santiſſima Mãy; haõ de ſer viſtos no tempo proximo ao do fim do mundo, aſſim como agora ſe vem. *Tempore Antichriſti, ſigno Crucis fideles ſe diſtinguent ab infidelibus: citra rubo-* Andr. Cæſ. apud Corn. in Apoc 7. 3. *rem ſignum Crucis in eorum conſpectu deferent*, aſſim como já agora: *Cruces, & Roſaria publicè*

blicè deferunt, & geſtãt Catholici. E para confirmar mais eſta conſideraçaõ a noſſa, conclue o ſeu Author: *Ut inter medios hæreticos profiteantur ſe eſſe Chriſti, & Virginis Deiparæ cultores.* E nòs coherentes na noſſa accommodaçaõ, dizemos: para ſerem conhecidos os que haõ de ir a lograr o premio do Reyno de Deos: *Venite, poſſidete regnum;* & os que reconhecem, & ſaudaõ a Mãy de Deos por ſua Rainha: *Ave Regina.*

Idem ibid

He o principio da Saudaçaõ Angelica: Ave gratia plena, Dominus tecum.

35 Chea de graça, diſſe o Anjo na primeyra ſaudaçaõ, que neſte mundo ouvio a Mãy de Deos: *Ave gratia plena;* & nòs até aqui temos conſiderado, ſer feyta como a Rainha: *Ave Regina.* Reſtanos para diſcorrer a outra parte da meſma Saudaçaõ: *Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus,* que entaõ fez o Anjo, & hoje fazem os homens, como à Rainha dos Homens, & Anjos. Eſte Senhor (veyo a dizer o Anjo) que agora eſtà comvoſco por graça: *Gratia plena,* & logo ha de eſtar por conceyçaõ, & cedo eſtarà por parto: *Concipies in utero, & paries filium,* ha de ſer Rey: *Regnabit in domo Jacob,* & o ſeu Reyno nunca ha de acabar:

Luc. 1. 28.

Ibid.

Ibid. 31

Ibid. 32.

Ibid. 33 acabar : *Et Regni ejus non erit finis.* E ſendo eſte reynado (dizemos nòs) de Reyno ſem fim: tambem ha de ſer de reynado ſẽ fim o Reyno da Mãy deſte Rey. Tudo o que lhe annũciou o Anjo, eſtà jà cũprido : & vay ſe cumprindo tudo o que nòs acrecentamos à ſaudaçaõ do Anjo Ser a Mãy de Deos noſſa Rainha, & ir continuando o ſeu reynado , para nunca ter fim o ſeu Reyno. Jà temos dito , que os homens ſaõ aquelles vaſſallos deſta ſoberana Rainha, ſẽ os quaes naõ ſeria taõ glorioſo o ſeu reynado , ſe foſſem ſó os Anjos os ſeus vaſſallos. Agora moſtramos a continuaçaõ deſte Reyno, porque tambem vay ſendo como a continuaçaõ da Igreja , que nas Eſcrituras he ſem controverſia chamada Reyno: *Sæpè in ſacro eloquio Regnum Cælorum præſentis temporis Eccleſia dicitur.* Contra eſte Reyno pois, diz Chriſto, que he o ſeu Rey, (aſſim como quando a Igreja he rebanho , he Chriſto o ſeu Paſtor ; & he o ſeu Piloto, quãdo a Igreja he Nao) naõ poderáõ triunfar todas as armas do inferno : *Portæ inferi non prævalebunt.* E as armas , que o inferno move contra eſte Reyno de Chriſto , ſaõ as da Hereſia, & as da aſtucia do demonio ; mas nem hũas, nem outras, nem todas juntas o poderáõ

S. Greg. Homil. 12 in Euang.

deráõ conquiſtar. Chriſto, que he o Rey deſte Reyno, o defenderà de todas eſtas potencias, & nunca ellas *Prævalebunt*. Do meſmo modo naõ poderáõ prevalecer as armas, q o demonio com as ſuas tentações mover contra o Reyno de Maria Santiſſima; contra os ſeus vaſſallos (dizemos) porque eſſes ſaõ o ſeu Reyno; aſſim como ſaõ o Reyno de Chriſto os filhos da ſua Igreja: *Eccleſia Regnum dicitur*. Invocado o nome de Maria Rainha poderoſiſſima, enfraquecem todas eſtas armas: *Si inſurgant venti tentationum, voca Mariam*: he conſelho de S. Bernardo. No meſmo tẽpo, em que o Anjo diſſe à Mãy de Deos na ſua annunciaçaõ, que o Filho, de que havia de ſer Mãy, ſeria Rey: *Regnabit*, logo lhe ſegurou a perpetuidade do Reyno do Filho: & por conſequencia (accommodamos nòs) a do Reyno da Mãy: *Regni ejus non erit finis*. Aſſim o podemos entender do que lhe dizia aquelle ſeu fiel vaſſallo o devotiſſimo Toledano, quando lhe lembrava a Embaxada do Anjo: *Quod parturietur ex te, Rex omnium ſæculorum*: o Filho de que haveis de ſer Mãy, ha de ſer Rey ſem fim: *Rex omnium ſæculorum*: & vòs ſua Mãy, tambem haveis de ſer Rainha: *Et Beata tu Domina, Regina*. Aſſim do voſſo Reyno,

S. Bern. ex hom 2 ſuper Miſſus eſt &c.

S. Ildephonſ. lib. de Virgin. Mar.

Reyno, como do Reyno do voſſo Filho, *Non erit finis*; tanto contra hum, como contra outro Reyno, naõ haverà armas, ꝙ *Prævaleãt*. Aquelle prodigioſo prognoſtico figurado no Ceo: *Signum magnum apparuit in Cælo*, nos dà alma a eſtes noſſos penſamentos. Repreſẽtava aquella grãde Mulher: *Signum magnum: Mulier &c.* eſtes dous reynados; o de Chriſto, porque era figura da Igreja; & o de Maria Santiſſima, porque tambem era figura de ſua Mãy: & tanto de hum, como de outro Reyno era aquella Mulher emblema de teſta coroada: *In capite ejus corona ſtellarum*. Em quanto figura da Igreja; concordamos com os que dizem, que os doze Apoſtolos eraõ as doze eſtrellas, que lhe formavaõ a coroa. E em quanto figura da Mãy de Deos; dizemos, que os ſeus devotos ſaõ os que a coroaõ: aſſim como a S. Paulo o coroavaõ os ſeus diſcipulos: *Fratres mei, corona mea*. E individuando mais eſta noſſa accommodaçaõ, dizemos, que eſta coroa de eſtrellas he o Roſario da ſua repetida Saudaçaõ: *Ave Maria*: que como ſucceſſivamente eſtas ſaudações fazem entre ſi circulo; compõem a coroa da ſua Rainha os devotos do ſeu Roſario. E nem por ſerem as eſtrellas daquella coroa doze: *Corona ſtellarum*

Apoc. 12. 1.

Ibid.

Vieg. apud Cornel. hic, & plures. Videantur Authores hic.

Apoc. 12. 1.

Ad Philip. 4. 1.

Apoc. 12. 1.

larum duodecim; & as ſaudações do Roſario, que nòs chamamos tãbem Coroa, cento & cincoenta; nos retratamos da noſſa conſideraçaõ. Porque nos conſta, que muytos devotos do culto deſta ſoberana Rainha, lhe fazem hũa Coroa de doze eſtrellas, com outras tantas ſaudações, & a eſta Coroa chamaõ Roſario. *Nonnulli cultûs Beatæ Virginis ſtudioſi conficiunt Coronã, ſive Roſarium duodecim ſtellarum.* E ſe doze veneraçõēs do culto da Mãy de Deos, a coroaõ como Roſario: o Roſario de cento & cincoenta ſaudações tambem lhe faz Coroa. Suppondo pois ſem controverſia eſtas pias

Vide Corn. in Apoc. ibid.

ponderações; tornemos ao noſſo argumento. Do meſmo modo, que o Reyno de Chriſto figurado na ſua Igreja: *Mulier: in capite ejus corona*, naõ ſe rendeo às armas do inferno: tambem as do demonio tentador naõ prevalecem contra os do Reyno da Mãy de Deos repreſentado na meſma figura com coroa: *In capite ejus corona*. E o ſucceſſo deſta figura nos confirma o do figurado: vemos hoje prognoſticado, o que entaõ era prognoſtico. Nem o demonio repreſentado Dragaõ tragou o parto da Igreja, que armado queria devorar: *Draco ſtetit ante mulierem, ut cùm peperiſſet, filium ejus devo-*

Apoc. 12. 4.

raret; nem a ſua armaçaõ de tentações traga aos devotos do Roſario da Rainha Santiſſima, ainda quando contra elles ſe arma: *Stat, ut devoret ejus filios.* Triunfaõ do demonio os vaſſallos de ambos os Reynos: do Reyno de Chriſto, & do Reyno de ſua Mãy Santiſſima; porque a coroa da Mulher, que os repreſentava a ambos: *In capite ejus corona ſtellarum*, até agora ſe ſuſtenta no meſmo lugar: & aſſim hum, como outro Reyno, naõ dizem, *Cecidit corona capitis noſtri.*

Continùa-ſe a meſma Saudaçaõ Angelica: Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui Jeſus.

36 He mais outra a gloria, que daõ à Rainha Santiſſima os vaſſallos do ſeu Reyno, & devotos do ſeu Roſario: continuandolhe a Saudaçaõ Angelica, acrecentaõ ao q diſſe o Anjo: *Benedicta tu in mulieribus*, o que lhe diz a Igreja: *Et benedictus fructus ventris tui Jeſus.* Bem os podemos conſiderar parecidos com S. Pedro, quãdo diſſe a Chriſto: *Tu es Chriſtus Filius Dei vivi.* S. Pedro dizendo a Chriſto de quem era Filho:

Luc. 1. 28.

Matth. 16. 16.

Filho: *Tu Chriſtus Filius Dei*; & os devotos do Roſario dizendo à ſua Rainha de que Filho he Mãy: *Fructus ventris tui Jeſus.* Se a Mãy de Deos perguntaſse a todos os ſeus devotos o meſmo, que Chriſto perguntou aos ſeus Diſcipulos: *Quid dicunt homines eſſe Matrem filij hominis*: os q̃ diſeſsem, que era Mãy de Chriſto Filho de Deos: *Fructus ventris tui Jeſus*, haviaõ de ſer ſingularizados no premio pela ſua repoſta. Naõ lhes daria o poder das chaves do Reyno do Ceo, como Chriſto deo a S. Pedro: *Tibi dabo claves Regni Cælorũ.* Mas ainda na meſma gloria commua do ſeu Reyno ſingularizallos no premio, ſim faria. Do meſmo modo, que entre todos os Bemaventurados da gloria commua a todos os do Reyno do Ceo, ficàraõ com ſingular premio os Diſcipulos de Chriſto: *Sedebitis judicantes duodecim tribus Iſrael.* Todos Santos, todos Bemavẽturados, & todos glorioſos: porèm ſingularmente nomeados para o juizo univerſal daquelle dia, foraõ os Diſcipulos de Chriſto: *Sedebitis.* E ainda no premio das chaves dado a S. Pedro, poſto que tambem era para os mais Diſcipulos do Apoſtolado, & para todos os ſeus ſucceſsores; porque a cada hum delles ficou dito por conſequencia:

Ibid. 19.

Matth. 19. 28.

Matth. 16.19. *Quodcumque ligaveris ſuper terram, erit ligatum & in Cælis: & quodcumque ſolveris ſuper terram, erit ſolutũ & in Cælis*: S. Pedro teve a ſingularidade de ſer entre todos o primeyro nomeado: *Tibi dabo claves &c.* Todos os que depois de S. Pedro foraõ, & vaõ edificando a Igreja por conſervaçaõ, ſendo todos pedras deſte edificio hũs depois dos outros; ſuppõem a S. Pedro ſingularizado entre todos, por haver ſido nelle a primeyra: *Super hanc petram ædificabo Eccleſiam meam.* Do meſmo modo, os devotos da Mãy de Deos, que a invocaõ com o honorifico daquelles elogios: *Sedes ſapientiæ, Janua Cæli, Stella matutina, Roſa myſtica*, & outros muytos aſſim glorioſos; todos ſaõ benemeritos do ſeu amor, & do ſeu ſerviço. Porèm os ſingulares entre todos devem ſer os que a acclamaõ Rainha, naõ ſó dos Anjos: *Regina Angelorum*; mas tambem dos homens: *Regina Patriarcharum, Regina Prophetarum, Regina Martyrum, Regina Confeſſorum &c.* E iſto com aquella prerogativa de lhe fazerẽ os homens mais glorioſo o ſeu reynado; do que ſeria, ſe foſſe ſó de Anjos: de lhe repetirem no ſeu Roſario a Saudaçaõ Angelica, na qual lhe diſeraõ, que ſeria Rey: *Regnabit in domo Jacob*, o Filho, de

Ibid. 18.

Luc. 1. 32.

que

que havia de ſer Mãy: & os devotos do ſeu Roſario lhe dizem, que eſte ſeu Filho, & Rey, he Jeſus: *Fructus ventris tui Jeſus.* Entre todos os Attributos de Deos, o que nos póde parecer mais ſingular, he o da Santidade: porque ainda que todos em ſi ſaõ da meſma perfeyçaõ; conſideramos no da Santidade algũa preferencia, por ſer ſempre repetido: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* A ſingularidade pois, que no Ceo faz em Deos o nome de Santo por muytas vezes repetido, faz na terra a repetiçaõ do nome de Jeſus dito pelos devotos da Rainha Santiſſima no ſeu Roſario: *Fructus ventris tui Jeſus.* A repetiçaõ (advertimos mais) daquelle nome dado ao Filho da noſſa poderoſiſſima Rainha, que como a nome de Rey adoraõ, & temem todas as outras Potencias: *Ut in nomine Jeſu omne genu flectatur cæleſtium, terreſtrium, & infernorũ: fructus ventris tui Jeſus.*

Ad Philip. 2. 10.

He o fim da meſma Saudaçaõ Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis noſtræ.

Iſ. 6. 3.

37 Finalmente (& temos chegado ao fim da ſagrada Oraçaõ do Roſario da Rainha Sãtiſſima) acrecentaõ mais os homens à Sau-

daçaõ, que lhe fez o Anjo, como à Mãy de Filho Rey, & de Reyno ſem fim: *Regnabit, & Regni ejus non erit finis*: acrecentaõ, digo, os homens, pedindo à Mãy de Deos, que como Rainha ſua interceda por elles: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus*; & que eſſa interceſſaõ ſeja até o fim da vida: *Nunc, & in hora mortis noſtræ.* Ser Rey, & pedir, naõ he abater; ſe houve Rey, q̃ pedio, porque amou. Como naõ pede, porque naõ póde, ſenaõ porque quer; preza-ſe muyto de pedir. Rey era Chriſto neſte mundo, por q̃ nelle naceo, & morreo Rey: em Belèm: *Natus eſt Rex*: na Cruz: *Jeſus Nazarenus Rex*; & como amante, & amado de S. Pedro por confiſſaõ publica do amor: *Simon Joannis, amas me*: *Domine, tu ſcis quia amo te*, pedio, & intercedeo por elle: *Ego rogavi pro te, ut non deficiat fides tua.* Nem quando aquelle por quem ſe pede, he de menos eſfera do que a de quem pede por elle; nem porque Pedro he hũ humilde peſcador, & Chriſto, que por elle pede, he Deos; deyxa de ſer o que he a Mageſtade do rogador, & deſmerece a interceſſaõ a humildade do rogado. Quanto excede o ſer de Deos ao dos homens, naõ ha quem o naõ entenda. E cõ tudo quiz Deos, & o diſſe

Luc. 1. 32. & 33

Matth. 2. 2.

Joan. 29. 19.

Joan. 21 17.

Luc. 22. 32.

pelo

pelo ſeu Profeta, que Chriſto ſeu Filho lhe pediſſe, & rogaſſe por elles: *Poſtula a me, & dabo tibi gentes.* A converſaõ de Dimas foy de hum dos homens mais humildes deſte mundo; & por elle havemos de ſuppor, q̃ rogou Chriſto a Deos: *Poſtula à me*, por ſe comprehender no numero dos cõvertidos: *Dabo tibi gẽtes.* Iſto aſſim advertido, naõ he contra a Mageſtade da Rainha dos Anjos, & noſſa, interceder, & rogar a Deos pelos homens, ainda os de taõ abatida eſfera, como Dimas. E ſe nòs nos havemos de inclinar à pia conſideraçaõ dos que dizem, que Dimas ſe converteo, & mereceo a ſalvaçaõ, por eſtar à ſombra da Mãy de Deos, que lhe ficava da ſua parte; jà deſde entaõ começou a rogar eſta Santiſſima Rainha, naõ ſó por peccadores, mas tambem por homens taõ humildes, como Dimas, eſperando cada hum delles por interceſſaõ da poderoſiſſima Rainha outro deſpacho ſemelhante: *Eris in paradiſo.* E ſe aſſim pódem ſer deſpachados os Dimas, que naõ ſaõ do Reyno da Mãy de Deos; com muyto mayor confiança o eſperem ſer os vaſſallos do ſeu Reyno pela devaçaõ do ſeu Roſario. E mais, quando a protecçaõ dos que ſaõ do ſeu Reyno, he a que ſingularmẽte a faz Rainha, ſendo o ſeu

Pſ.2.8.

Luc.23. 43.

patrocinar o ſeu reynar. Eſta medida de reynante, & patrocinante lhe tomou quem diſſe: *Beatiſſima Virgo ſicut eſt omnium Regina, ſic omnium Patrona*; quanto defende aos do ſeu Reyno, tanto nelle reyna. E os da devaçaõ do ſeu Roſario, iſſo he o que lhe lembraõ, quando na Oraçaõ Angelica lhe querem dizer, que he Rainha, por ſer Mãy do Filho, que he Rey: *Fructus ventris tui Jeſus.* Sendo vòs Mãy de quem he Rey: *Regum Rex*, ſois Rainha do voſſo Reyno, aſſim como voſſo Filho he Rey do ſeu. E do meſmo modo, que elle nos deo o methodo da petiçaõ, quando neceſſitamos da miſericordia de ſeu Eterno Pay; vos fazemos nòs a rogativa, quando vos pedimos a protecçaõ de Mãy. O methodo da petiçaõ para Deos, he aquella medida do ſeu perdaõ tomada pelo noſſo: *Dimitte nobis, ſicut & nos dimittimus*, depois de lhe chamarmos Pay no principio da petiçaõ: *Pater noſter, qui es in Cælis.* E o meſmo vem a ſer, lembrarmos nòs a Deos, q̃ he Pay, quando lhe pedimos o perdaõ; que dizermos ter elle tanto de Pay, quanto de miſericordioſo; & por iſſo *Sicut Pater, ſic miſericors.* Sendo pois a Mãy de Deos Rainha, por ſer *Regis regũ Mater*, ha de ter tanto de protecçaõ, quanto de Rainha:

Sap. Idiot. in prol. de Virgin. Mar.

Matth. 6. 12.

Ibid. 9.

Rainha: *Sicut Regina, ſic Patrona.* E ſe Deos fica obrigado (daquelle modo, que ſe póde obrigar) a dar o ſeu perdaõ, ſe nòs dermos o noſſo, quando o pedimos como a Pay: *Pater: dimitte, ſicut dimittimus*; conſideremos tambem obrigada a Mãy de Deos ao concurſo da ſua protecçaõ, quando os devotos do ſeu Roſario lhe pedem, como a Rainha. Lembrayvos (lhe queremos dizer) que em vòs o meſmo he ſer Rainha, que Protectora; & q̃ os devotos do voſſo Roſario vos pedimos a voſſa protecçaõ: *Ora pronobis*, como a noſſa Rainha: *Regis regum Mater*, começando a petiçaõ pelo voſſo nome: *Ave Maria.*

38 Do meſmo modo, que na petiçaõ ſeyta a Deos, como a Rey, lhe pedimos o ſeu Reyno: *Adveniat Regnum tuum*, dandolhe o principio pelo ſeu nome de Pay: *Pater noſter.* E he a advertencia, que nos faltava, para ſallarmos do Roſario todo da noſſa Rainha, que he a Oraçaõ do Padre noſſo, extremo myſterioſo de cada hum dos ſeus Myſterios. Pedem os devotos do Roſario à ſua Rainha, ſer do ſeu Reyno: aſſim como pedem a Deos, ſer do ſeu: *Pater: adveniat Regnum tuum.* E he o meſmo q̃ pedir a Deos eſpirito ſanto: *Regnũ Dei ſpiritus ſanctus eſt*, pois quem tem eſpirito ſanto, tem o Reyno de Deos:

Matth. 6. 10.

Ibi l. 9.

Germ. Conſtãtinop. apud P. Nirẽb. Homil. 51. §. 4.

Deos: *Regnum Cælorũ intra vos eſt.* E com razaõ, ſendo ſanto o eſpirito, que temos, graça temos; & quem eſtà em graça com Deos, tem em ſi o ſeu Reyno: *Regnum Cælorum intra vos eſt.* Eſte he pois o Reyno, que pedimos a Deos na Oraçaõ, em que Chriſto nos enſinou a pedir: *Sic vos orabitis: Pater noſter: Adveniat Regnum tuum.* E naõ he outra couſa o que pedem à ſua Rainha os devotos do ſeu Roſario na Oraçaõ, em que lhe dizem: *Ave gratia plena: ora pro nobis.* Pedemlhe conſervaçaõ da graça, & ſantidade de eſpirito para toda a vida: *Nunc, & in hora mortis;* & eſte he o Reyno, que entaõ lhe pedem: *Adveniat Regnum tuum.* Pedir ao Author da graça eſpirito ſanto; & pedir o meſmo eſpirito à Mãy da graça: a Deos por liberalidade ſua, & à Mãy da graça por ſua interceſſaõ; he pedir a cada hum o ſeu Reyno: a Deos a graça: *Regnum tuum;* & à Mãy da graça a ſua conſervaçaõ: *Ora pro nobis.* E bem ſe entende, como vivem defendidos, & patrocinados os devotos do Roſario da Santiſſima Rainha, conſideradas as duas petições, que nelle fazem: a da Oraçaõ do Padre noſſo a Deos, & a da Ave Maria a ſua Santiſſima Mãy. Em ambas ſe pede a defenſa dos dous Reynos contra os pec-

Matth. 6. 9. & 10.

peccados, que ſaõ os inimigos da graça, & por conſequencia dos dous Reynos: o de Deos Rey dos Ceos, & o de ſua poderoſiſſima Mãy, Rainha noſſa. E iſto meſmo he o que faz hũa Cidade (diz o Author deſtas conſiderações) quando ſe vè cercada das armas inimigas. *Quemadmodum Civitas, cùm ab hoſtibus obſidetur, auxilium Regis implorat: ita nos, cùm a peccatis obſidemur, petimus ab illo, ut nobis opẽ ferat.* E naõ he aſſim? Naõ chamamos entaõ por el-Rey? *Regem nonne vocas?* E naõ he aſſim, (accommodamos nòs) naõ chamamos nòs entaõ a noſſa Rainha? *Reginam nonne vocas?* Naõ poderáõ logo as armas do demonio, & do peccado vencer as do preſidio do Santiſſimo Roſario, ſe nelle tem os ſeus devotos os ſoccorros de taõ poderoſas potencias: a do Reyno de Deos, q̃ he a ſua graça; & a do Reyno de ſua Sãtiſſima Mãy interceſſora da cõſervaçaõ da meſma graça. Aſſi como naõ póde haver potencia, q̃ ſe arme contra a maravilhoſa fabrica deſte mundo; porque Deos, que a fez, a eſtà conſervando, como Author da natureza; o meſmo devemos crer, ainda que conſideremos armado cõtra os devotos do Roſario ao inferno todo, eſtando elles preſidiados cõ os auxilios do Author da graça impetrados

Idem Germ. ſupra.

por

por ſua Sãtiſſima Mãy. Entre todos os Diſcipulos de Chriſto era S. Joaõ o do ſeu ſingular amor: daquelle amor, ou graça da ſua amizade com o amado Diſcipulo: *Diſcipulus ille, quem diligebat Jeſus.* E deyxarlhe Chriſto por Mãy a ſua propria Mãy, quando delle ſe auſentava; foy deyxar nella preſidio para a conſervaçaõ do meſmo amor, & da meſma graça: *Ecce mater tua.*

Joan. 21. 7.

Joan 19. 27.

39 Seguramente logo pódem os devotos do Roſario deſprezar as armas de ſeus inimigos, demonio, & peccado, tendo em ſeu favor as do Reyno de Deos, que he a ſua graça; & as do Reyno de ſua Santiſſima Mãy, no qual a meſma graça tẽ a ſua conſervaçaõ. Cõſideremſe filhos deſta Senhora no meſmo tẽpo, em que ſuppõem eſtarem em graça com Deos: & entenda entaõ cada hum delles, q̃ lhe diz Deos, encommendando a ſua protecçaõ ao cuydado de ſua Santiſſima Mãy: *Ecce mater tua.* Quando ſe virem cercados *a peccatis*, peçaõ a Deos o ſoccorro das armas do ſeu Reyno: *Ut eis opem ferat*, quando lhe dizem: *Adveniat Regnum tuum.* E ſupponhaõ, que o meſmo dizem à Mãy de Deos no meſmo tempo deſte cerco; porque ſendo ſua Rainha, tambem os ha de ſoccorrer com as ſuas armas. E tanto

tanto devem chamar entaõ pelas armas do Reyno de Deos: *Vocent Regem*, como pelas do Reyno de ſua poderoſa Mãy: *Vocent Reginam*. E eſtes ſoccorros ſaõ incomparavelmente mayores do que os do Euangelho, quando nelle lemos a guerra movida por algum Rey contra outro: & nos dizem, que ſe devem medir as forças dos exercitos de ambos: vendo primeyro, ſe dez mil combatentes de hum poderáõ ſair a campo cõ vinte mil do outro: *Si poſſit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad ſe.* Luc. 14. 31. E dizemos, q̃ ſaõ muyto mayores os ſoccorros do preſidio do Roſario; porque ſó com tres Terços pódem vẽcer aos muytos milhares dos inimigos, que combatem a alma; ſem neceſſitarem de aſſentar pazes com elles: *Rogat ea, quæ pacis ſunt.* Ibid. 32. Porq̃ ainda que ſó tres Terços, ſaõ de armas auxiliares do Reyno de Deos, a quem os devotos do Roſario as pedem na Oraçaõ, em q̃ lhe dizem: *Adveniat Regnum tuum*: & ſaõ tambem das armas, que pedẽ à ſua poderoſiſſima Rainha os vaſſallos do ſeu Reyno, quando na Oraçaõ Angelica lhe dizem: *Ora pro nobis &c.* O que importa, he a fidelidade, que devem guardar os Soldados deſtes Terços; porque faltando a ella por

deſordens das ſuas vidas; jà ſe ſabe, que o caſtigo he perderem os dous Reynos, donde faõ ſoccorridos: o de Deos, porque ficaráõ privados da ſua graça; & o de ſua Santiſſima Mãy, porque naõ teráõ os ſoccorros da ſua conſervaçaõ. Aſſim coſtumava Deos caſtigar as culpas de muytos Reynos: tirava-os a quem os tinha dado. Tirou a Saul o ſeu Reyno, por lhe deſobedecer ao ſeu preceyto da deſtruiçaõ de Amalec: 1.Reg. 15.28. *Scidit Dominus Regnum Iſrael à te.* Tirou a Salamaõ o ſeu Reyno, por 3.Reg. 11.11. ſuas idolatrias: *Diſrumpens ſcindam Regnum tuum.* Tirou a Nabucodonoſor o ſeu Reyno, por ſua ſoberba: Dan.4.28. *Regnum tuum trãſibit à te.* Tirou a Balthaſar o ſeu Reyno, por ſacrilego, & idolatra: Dan.5.28. *Diviſum eſt Regnum tuum.* E tambem poderà tirar aos vaſſallos do ſeu Reyno, & do Reyno de ſua Mãy Santiſſima a graça, & a conſervaçaõ nella, q̃ ſaõ os ſeus Reynos; ſe eſquecidos das milicias do Roſario forem infieis a taõ Altiſſimo Rey, & a taõ poderoſa Rainha. Poderáõ tambem ouvir: *Scidit Dominus Regnum tuum à te &c.*

PA-

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

S

Superiores.

§. I.

1 NAõ ſó haõ de eſperar dos ſubditos o exercicio das ſuas virtudes; mas tambem elles os haõ de ajudar com o exemplo das ſuas. Quãdo os Diſcipulos de Chriſto naõ puderaõ lançar fóra o demonio do corpo do Lunatico; bem ſe vio a verdade deſta ſentença. O milagre, que elles começàraõ, & naõ acabàraõ de fazer: *Obtuli eum diſcipulis tuis, & non potuerunt curare eum*, fez logo Chriſto: *Increpavit illum Jeſus, & exijt ab eo dæmonium.* Naquella Cõmunidade de milagroſos obravaõ milagres as mãos do

Matth. 17. 15.

Ibid. 17.

do Meſtre, & as dos Diſcipulos. E o q̃ faltou neſta occaſiaõ, para ſe fazer o milagre, à virtude dos Diſcipulos, ſupprio a virtude do Meſtre. Faráõ milagres os ſubditos, ſe os ajudar a fazer o Superior. A virtude operativa do milagroſo depende da
Marc. 9 22. fé do milagre. *Si potes credere*, diſſe Chriſto ao que pedia eſte milagre, *omnia poſſibilia ſunt credenti.* E ſe os ſubditos naõ crerem, que a virtude do Superior póde fazer milagres; tambem elles os naõ haõ de fazer. Por iſſo Chriſto perguntado pelos Diſcipulos, porque naõ puderaõ elles fazer eſ-
Matth. 17. 18. te milagre: *Quare nos non potuimus ejicere illum*, reſpondeo, que a ſua incredulidade lhes impedîra entaõ a virtude milagroſa: *Propter incredulitatem veſtram.* Ibid. 19 Quem me vè fazer milagres, ha de ter fé para tambem os fazer: ha de crer o ſubdito, que fará milagres, ſe os vir fazer ao Superior. Aſſim deve obrar a virtude do ſubdito ajudada pela do Superior; attribuindo-ſe hum meſmo milagre, tanto à virtude do Superior, como á do ſubdito; à do Superior, communicando-a; & à do ſubdito, ſeguindo-a. O Superior infundindo eſpirito na virtude do ſubdito; & o ſubdito dando a ver o ſeu eſpirito animado pelo do Superior. Haõ de fazer o Superior, & mais o ſubdito, o que ſe

vio

vio fazer no Paraiſo a Deos o primeyro Superior, & ao ſeu primeyro ſubdito Adam. Depois de crear Deos os animaes da terra, & aves do Ceo; quiz que Adam lhes puzeſſe os nomes: *Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea.* O eſpirito vital deſtas creaturas deo Deos; & os nomes para eſſas meſmas creaturas ſe conhecerem, deo Adam: o Superior deolhes a vida; & o nome deſſes viventes o ſubdito. A vida eſpiritual de hum ſubdito, ha de ſer effeyto do eſpirito do Superior: & o nome de ſubdito eſpiritual, ha de acquirir o eſpirito do ſubdito. Cõ o ſeu exemplo ha de fazer o Superior Santos aos ſubditos; & deyxar aos ſubditos, que ſe ponhaõ a ſi meſmos o nome de Santos: que vejaõ que nome de Santos acquirem: *Ut videant, quid ſe vocent.*

Gen. 2. 19.

Sentença.

§. II.

2 DAda cõ juſtiça, he coroa de quem a deo; faz, q̃ a meſma pena do julgado ſeja gloria do Julgador. Vio-ſe no fogo, que pedio Elias para vingança da idolatria, quando lhe chamàraõ homem illuſtrado por Deos: *Homo Dei*, os dous Principaes, ou Principes da Corte de Samaria enviados pelo ſeu Rey. *Si homo Dei ſum*, diſſe Elias: *Si ego*

4. Reg. 1. 9. & 11. Ibid. 10 & 12. Cornel. hic.

ſum miniſter ſummi Judicis, commenta Cor-
Ibid. nelio : *Deſcendat ignis de Cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos.* De fogo foy a ſentença q̃ deo : *Deſcendat ignis, & devoret;* & de fogo foy tambem o triunfo, com que ſubio o Juiz
Ibid. 2. 11. delegado : *Ecce currus igneus, & aſcendit Elias in Cælum.* Em quãto David ſó matava animaes, que por natureza participada de Adam lhe eraõ ſugeytos:
Gen 1. 28. *Dominamini univerſis animantibus, quæ moventur ſuper terram*, ſó lhe dava o ſeu ſurraõ alimẽto de paſtor. Mas depois, que como Juiz mandado por Deos a decidir a ſua cauſa contra a ſoberba de Goliat, lhe adminiſtrou pedras para derribar gigantes; veyo a ſuſtentarſe em meſa de Reys. *Venio ad te in nomine Domini*, diſſe eſte Miniſtro da Divina Juſtiça, quando o ſenteciou : *Percutiã te, & auferam caput tuum.* Chamolhe Miniſtro da Juſtiça Divina ; porque a executar eſta ſua ſentença foy mandado por Deos (cõmenta Caietano) *Venio ad te in nomine Domini: manifeſtat, quòd tamquàm Dei cauſam agens procedit.* Quem viſſe a David tirar do meſmo ſurraõ para ſi o paõ, & para o Filiſteo a pedra, deſcobriria hum bom exemplar para Miniſtros de Juſtiça. Elle o era de Deos para caſtigar a ſoberba do Filiſteo: *Cauſam Dei agebat.*

1. Reg. 17. 45. & 46.

Caiet. hic.

E para hum Julgador entender, que entaõ merece melhor os emolumentos de q̃ vive, quando ſentencea Gigantes; veja, como David meteo as armas para os derribar, no meſmo ſurraõ, onde elle tinha o alimento para viver. E que provando aſſim o merecimẽto do paõ para a boca, moſtrou o que veyo a ter para a coroa. A mais precioſa pedra, q̃ nella engaſtou, foy a q̃ derribou o Filiſteo. Naõ tema o Julgador de inteyra juſtiça ſentẽciar Filiſteos: a meſma condenaçaõ dos q̃ ſe conſideraõ Gigantes lhe ha de multiplicar a gloria. Por hum deſtes ſentenciados o haõ de engrandecer tanto, como ſe condenaſſe muytos mil. A condenaçaõ dos pequenos naõ ſerà de mayor numero de acclamações, do que foy a dos ſentenciados: diráõ delle entaõ, o q̃ ſe dizia de Saul: *Percuſſit mille.* Sendo porèm a ſentença contra hum Goliat, lhe cantaráõ de mais, o que ſe cantou a David: *Percuſſit decem millia.* Naõ ſe nega com iſto a dificuldade de ſentenciar culpados de taõ elevados reſpeytos; mas fazendo o Julgador o q̃ fizeraõ Elias, & David; acharà em ſi animos de juſtiça muyto reſpeytada. Elias poz os olhos no Ceo, tendo diante de ſi para ſentenciar a Principes armados: *Deſcendat ignis de Cælo,*

1. Reg. 18. 7.

Ibid.

& devoret. E do Ceo, onde poz os olhos, lhe veyo decretada a ſentença contra todos: 4 Reg. 1 10. & 12 *Deſcendit ignis, & devoravit.* David poz os olhos em Deos, eſtando para caſtigar em ſeu nome hum dos mais ſoberbos Reos do mundo: *Venio ad te in nomine Domini.* E Deos, em quem poz os olhos, lhe inſpirou a condenaçaõ de hum Gigante: 1. Reg 17 16. & 51. *Percutiam te, & auferam caput tuum: interfecit eum, præciditque caput ejus.* No Julgador amante da juſtiça, os olhos no Ceo, & olhos em Deos naõ ſe cegaõ com os reſpeytos dos homens. Fazem dar ſentenças de morte, ainda aos que menos as temem: a taõ ſoberanos, como Principes: *Deſcendat ignis, & devoret te*; & a taõ altos, como Filiſteos: *Percutiam te, & auferam caput tuum.*

Suſtento.

§. III.

3 TAnto dano póde fazer o demaſiado, como o diminuto: ſe eſte póde matar de fome, aquelle póde fazer o meſmo de fartura. Para reſiſtir à fome, & ſuſtentar a vida, tinha trabalhado S. Pedro toda hũa noyte, ſem recolher peyxe algum na ſua rede: *Per totam noctem laborantes, nihil cepimus.* Luc. 5. 5. E pouco depois recolheo tanto, que ſe hiaõ ao fundo dous barcos cheyos:

Im-

Ibid 7. *Impleverunt ambas naviculas, ita ut penè mergerentur.* Em hum tempo ſem nada: *Nihil cepimus*, & ſe naõ melhoràra de lanço, o apertaria a fome. E em outro, demaſiadamente
Ibid. 5. abundante: *Piſciũ multitudinem copioſam*, & ſe naõ aliviàra o barco, arriſcaria a vida: *Ita ut mergerentur.* Quando ſem peyxe algum, faminto; & quando com muyto peyxe, afogado: naõ menos perigoſo na falta do ſuſtento, que na ſua abundancia. Bom exemplo, para ſe conſolarem os pobres, & temerem os ricos; os que choraõ a limitaçaõ do ſeu ſuſtento, & os q̃ gozaõ a muyta abundancia do ſeu. Vejaõ os primeyros, que mais ſegura a vida o paõ limitado, q̃ o abundãte: & entendaõ os ſegundos, que vivem mais arriſcados com a fartura, do que viveriaõ cõ a fome; ſe o pouco paõ attenua, o muyto afoga. Com pouco paõ, ou com nenhum: *Nihil cepimus*, ainda S. Pedro achava alento nos braços para voltar ao trabalho da peſcaria: *In verbo tuo laxabo rete.* E tendo muyto, ou demaſiado, *Multitudinem copioſam*, naõ lhe valiaõ as forças dos braços, para que naõ chegaſſe a verſe com os barcos ſumergidos: *Ita ut mergerentur.* E ſe diſſermos, que o pouco paõ muytas vezes dà mais dias de vida, do q̃ a ſua abundancia, naõ o

Ibid. 5.

diremos ſem o provar com exemplo. Ao Prodigo da Parabola mais o perdeo a abundancia do ſeu paõ, que a falta delle. Cuydando, que tinha abundante ſuſtẽto para a vida, o pedio
Luc. 15. 12. ao pay: *Da mihi portionem ſubſtantiæ, quæ me contingit.* E depois ſe achou taõ faminto, que a fome o teve morto:
Ibid. 17. *Fame pereo.* Vendo, que por falta de ſuſtento morreria de fome, voltou à caſa do pay, lembrado da abundancia
Ibid. & 18. do ſeu paõ: *Quanti mercenarij in domo patris mei abundant panibus: ſurgam, & ibo ad patrem meum.* Quando ſe vio rico, hum dos dous extremos, entre os quaes o conſiderou a advertencia de Chryſologo, *Locupletem*, entaõ ſe ſahio da caſa de ſeu pay, para ir a morrer: *Mortuus erat: perierat.* E quando ſe vio pobre, o outro extremo da conſideraçaõ do ſagrado Expoſitor, *Egenum*, entaõ a neceſſidade o reſuſcitou: *Surgam*, & o trouxe outra vez a viver: *Revixit: inventus eſt.* E a quantos, fallando nòs de outra morte, & de outra vida da vida, & da morte eterna quero dizer: o abundante ſuſtento levou a morrer eternamente; & a viver eternamente o ſuſtento limitado! Quãtos, como o Avarento, depois da abundancia da ſua meſa: *Dives, qui epulabatur quotidie ſplẽdidè*, foraõ a morrer de

Chryſolog. Serm 2.
Luc. 15. 32.
Ibid.
Luc. 16. 19.

ſede

ſede eterna: *Mitte Lazarum, ut intingat extremũ digiti ſui in aquã, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma!* E quantos, como o mendigo Lazaro, mortos neſta vi-
Ibid. 20. & 21. da de fome: *Quidam mendicus cupiens ſaturari de micis, quæ cadebant de menſa divitis*, ſubîraõ ao Seyo de Abraham a viver para ſẽ-
Ibid. 22 pre: *Portatus ab Angelis in ſinum Abrahæ!* Pois ainda podemos dizer mais, conſiderãdo neſta morte, & neſta vida: podemos dizer ſem forçar a verdade, que tal vez baſtarà hũ ſò bocado aos que tem muytos, para os matar; & que para matar aos que tem poucos, naõ baſtarà a falta de muytos. De hum ſó bocado morreo Adam; porq̃ comeo o que era prohibido: *De ligno ſcientiæ boni & mali ne comedas*, & mais abundava de tantos, & de todos os do Paraiſo: *Ex omni ligno paradiſi comede.* Poucos eraõ os bocados de paõ, que tinha a Viuva de Sarepta: *Non habeo panem, niſi quantum pugillus capere poteſt farinæ*, & mais naõ morreo; & ainda partindo delles com Elias, *Comêdit ipſe, & illa, & domus ejus.* O que importa para naõ morrer de hum bocado, quẽ tem muytos; he naõ comer elle de algum prohibido; naõ comer do que he alheyo, ou do que ſe grangea por contratos illicitos. En-

Gen. 2. 17.
Ibid. 16.
3 Reg. 17. 12.
Ibid. 15.

tenda eſte comedor, q̃ poſto poſſa comer de todos os mais bocados, de que abunda a ſua meſa: *Ex omni comede*; do illicito, ou prohibido lhe eſtaõ dizendo: *Ne comedas*; porq̃ morreràs, ſe comeres: *Si cõederis, morte morieris.* E ſe morre para a eternidade, o que podendo comer de muytos bocados, comeo hum ſó, que naõ podia comer: como morrerà o que naõ póde comer de todos os que come? A eſta pergunta reſponda aquelle deſgraçado, q̃ pouco depois de ſe gloriar dos muytos que tinha para comer: *Anima, comede, bibe, epulare*, & contava eſta felicidade dos muytos bocados entre as mais da ſua caſa: *Habes multa bona:* ouvio a tremenda ſentença da ſua condenaçaõ: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.*

Luc. 12. 19.

Ibid.

Ibid. 20.

Solidaõ.

§. IV.

4 AInda que para ella poſſa haver alivio, para o ſolitario o naõ póde haver. Para a ſolidaõ o achava Job, quando dizia: *Nunc requieſcerem cum Regibus, qui ædificant ſibi ſolitudines.* E David explicava toda a ſua pena pela do ſolitario: *Factus ſum ſicut paſſer ſolitarius in tecto.* De ſorte, q̃ naõ achando David alivio para o eſtado do ſolitario; para o lugar da ſolidaõ, ainda que parecido cõ o da

Job 3. & 13. & 14.

Pſalm. 101. 8.

da ſepultura na conſi-
Pineda in Job. cũ Sancti ibid. deraçaõ de Pineda, deſcobrio Job deſcanço: *Nunc requieſcerem.* Eſta he a diſtinçaõ, que ſe conſidera entre o ſolitario, & a ſolidaõ: o ſolitario, he o que eſtà ſó; & a ſolidaõ, he o lugar do ſolitario. E poſto que o lugar da ſolidaõ admitta algum alivio; no ſolitario naõ tem o alivio lugar. E porque? Iſſo iremos nòs agora dizendo: & dando a ver quanto atormenta ao ſolitario a pena do eſtar ſó. A eſfera da ſolidaõ póde dar lugar a algum alivio: ao menos para aquelle deſcanço de Job: *Requieſcerem.* O aperto porèm do ſolitario, he ſobre a anguſtia do lugar da ſolidaõ, a pena de eſtar ſó. He a pena, para a qual David naõ conſiderava alivio algum: *Solitarius in tecto:* ſobre o deſemparo do lugar: *In tecto,* a afflicçaõ de ſe ver ſó: *Solitarius.* E para confirmaçaõ da differença, que deſcobrimos entre a ſolidaõ, & o ſolitario; ouçamos ao Profeta, fallando em nome daquella Cidade ſó, & acompanhada: *Sola Civitas, plena populo.* Eſtando ſó: *Sola*, & em companhia de muytos: *Plena populo*, que podiaõ ſervir de algum alivio, aſſim como ſerviaõ a Job aquelles, *Qui ædificant ſibi ſolitudines.* Naõ pede a lamentavel Jeruſalem, q̃ ſe compadeçaõ da ſolidaõ, em que eſtà; ſe-
Thren. 1. 1.

naõ

naõ della eſtar ſolitaria: *Attendite, & videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus.* Naõ acha alivio algum, ainda tẽdo a companhia de tantos: *Plena populo*, que na ſua ſolidaõ lhe pódem pôr os olhos: *Videte.* E ſó pede as attẽções todas: *Attendite*, para a dôr de ſe ver ſolitaria: *Quomodò ſedet ſola.* Nem Jeremias achou incomparavel a deſtruiçaõ, ou ſolidaõ de Jeruſalem ſó lamẽtou a meſma Jeruſalem inconſolavel: *Cui comparabo te, vel cui aſſimilabo te, filia Jeruſalem?* Naõ ſe compadeceo de Jeruſalem deſtruida, ſenaõ de Jeruſalem doîda: a dor deſta ſolitaria era a incuravel: *Quis medebitur tui?* De nenhum alivio logo pódem ſer para o ſolitario os muytos, que o pódem acompanhar, a companhia de muytos conſoladores. Se a ſolitaria Jeruſalem, tendo tantos para a companhia: *Plena populo*, ainda padece a dôr de eſtar ſó: *Sola Civitas*, naõ poderà haver ſolitario, que ſe alivie com os muytos, ou com todos os que lhe pódem fazer companhia na ſolidaõ. E que mayor tormento, que padecer o eſtar ſó no meſmo tempo de acompanhado? Que ſofrer a pena à viſta do alivio? Para naõ ſer remedio da dôr do ſolitario, a companhia dos que lhe aſſiſtem na ſolidaõ; temos razaõ, & mais exẽplo:

Ibid. 12

Ibid. 1.

Thren. 2. 13.

Ibid.

diga-

digamos a razaõ; & o exemplo diremos logo. A ſolidaõ atormenta por fóra, o ſolitario padece atormẽtado por dentro. E a dor quanto mais chega ao coraçaõ, mais atormenta. O alivio da companhia da ſolidaõ, naõ chega aonde atormenta a dor, aonde padece o ſolitario. Só faz, que a ſolidaõ ſeja menor; mas naõ, que o ſolitario padeça menos. Se a dor do ſolitario creceſſe, ou diminuiſſe por mais, ou menos oppoſiçaõ antipariſtica; modificada a pena da ſolidaõ, padeceria menos o ſolitario. Porèm eſte naõ padece tanto oppugnado pela ſolidaõ de fóra, quanto pelo ſó de dentro: naõ porque ſe vè em ſolidaõ; mas porque ſe acha ſolitario. A Magdalena (& eſte he o exemplo promettido) depois de ſe ver ſó, ſem o ſeu amabiliſſimo Meſtre, ſempre eſteve, & andou acõpanhada de muytos. Mas porque o alivio da companhia era para o ſó de fóra, & naõ para o ſó de dẽtro; porque mais era para a ſolidaõ, que para o ſolitario; ſempre a feria a meſma dor de ſe ver ſó: *Tulerunt Dominum meum.* Tinha a companhia dos Apoſtolos no Cenaculo; tinha a cõpanhia das Marias nos caminhos; tinha a companhia dos Anjos no ſepulcro; & finalmente em toda a ſolidaõ tinha companhia: ſempre porèm ſolitaria; porque Ioan. 20. 13.

ſempre

ſempre ſem a companhia de Chriſto: *Tulerunt Dominum meum.* Andava ſempre, como nòs haviamos de andar neſte valle do mundo, deſterro de viandantes, & pela auſencia tambem de Chriſto, hũa ſolidaõ univerſal; ſe o meſmo Senhor nos naõ ficaſſe preſente no Sacramento. Naõ andariamos ſós; porque viveriamos muyto acompanhados; mas para q̃ naõ ficaſſemos ſolitarios, ſe nos deyxou preſente por dentro, em todo o tempo deſta ſolidaõ de fóra: *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi.* Matth. 28. 20.

5 Fez Chriſto, o q̃ ſó podendo fazer os homens, teriaõ alivio os ſolitarios nas ſuas ſolidões: deyxouſe preſente no Sacramento: *Vobiſcum ſum.* E he a razaõ, porque ſempre padece o mal de eſtar ſó, o que ſe naõ vè reſtituido ao bem, que tinha, quando eſtava acompanhado: ſe a pena da ſolidaõ foy auſencia, o ſolitario ſempre ha de padecer, em quanto naõ vir reſtituida a preſença. Aſſim como ſe naõ pòde conciliar no meſmo tẽpo o viver, & o morrer; porque ou ha de haver vida, ou morte: tãbem o eſtar ſó, & o naõ padecer, naõ pòdem concordar na meſma ſolidaõ; porq̃ o ſolitario, ou ha de eſtar nella atormentado, ou naõ ha de eſtar ſò. E naõ he taõ pouco parecido o exemplo

exemplo propoſto, que naõ ſeja a falta de hũa preſença, como a de hũa alma, & que diſte muyto de morto o ſolitario. Se a alma eſtà mais onde ama, q̃ onde anîma: *Potiùs ubi amat, quàm ubi animat*: faltando ao ſolitario a preſença, de que vivia, porque eſta ſe lhe auſentou; todo o tempo de ſolitario tem de morto & em quãto eſtà ſem aquella preſença, naõ o anîma eſta alma. Que a preſença do que he amado ſeja alma de quem ama; mais o prova a experiencia, q̃ a razaõ. He tirarſe hũa alma antiga, & porſe hũa alma nova; auſentarſe, & reſtituirſe hũa preſença amada. Nem a eſte ſegredo da natureza falta de todo a authoridade; para ſó ficar entendido, & naõ poder ſer explicado. Aquella ſentença de Santo Agoſtinho: *Amicus eſt alter ipſe*, ſó entendida pelas preſenças, moſtra a razaõ em que ſe funda. A preſença, & naõ o corpo, he a que animada pelo amor de hum amigo, ſe une com a do outro. Aſſim como as almas, & naõ os corpos de Jonathas, & David, eraõ as que ſendo duas pareciaõ hũa: eraõ as q̃ no meſmo tempo, & lugar ſe faziaõ inſeparadas na preſença: *Anima Jonathæ conglutinata eſt animæ David.* E poriſſo ſẽdo dous; hũ Agoſtinho, & outro o ſeu amigo: *Amicus alter*, a uniaõ

S. Aug. lib. Confeſſ. ex Pat.

S. Aug.

1 Reg. 18. 1.

uniaõ de ambos fazia eſtar a hum, onde eſtava o outro; fazia de duas preſenças hũa. Eſtes ſaõ os milagres do amor, que naõ devem ſer duvidados; & muyto menos, ſendo jà cõ exemplos confirmados. O amor era, o que jà antigamente fazia, que Chriſto eſtiveſſe vivẽdo, onde vivia S. Paulo: fazia, que a preſença de hum ſe achaſſe na
Ad Gal. 2. 20. do outro: *Vivit in me Chriſtus.* E o amor he o que ainda hoje faz, que pela preſença de Chriſto no Sacramento:
Matth. 28. 20. *Vobiſcum ſum*, eſtejamos nòs em Chriſto, &
Joan. 6. 57. Chriſto em nòs: *In me manet, & ego in illo*; & vivamos pela ſua meſma preſença, como por
Ibid. 58. alma noſſa: *Qui manducat me, vivet propter me.* Por morto pois ſe pòde ter, o que ſe achar ſò ſem a preſença de quem o acompanhava; como ſem aquella alma, que lamenta de ſi ſeparada, & ſem a qual ſe vè ſó. Por morto de coraçaõ ſe lamentava
Pſal. 30. 13. David: *Oblivioni datus ſum, tamquam mortuus à corde*, ſó por entẽder, que jà naõ era lembrado de quem o amava. Aſſim lhe commentaõ eſta ſua morte Hugo,
Hugo, Cardin. hic. & outros: *Omnes in corde ſuo obliti ſunt mei, ac ſi jam mortuus eſſem.* E ſe hũa imaginaçaõ de menos amado faz morrer de dor do coraçaõ; hũa certeza de naõ eſtar preſente o ſugeyto, que ſe ama, como naõ farà morrer de dor de alma?

alma? Iſto he morrer de hũa dor ſem ſemelhante; morrer vivendo, ou viver morrendo por falta de hũa preſença amada: he ſer a dor taõ penetrante, que divide a alma em duas partes, & faz, que ella eſteja no meſmo tẽpo onde anîma: *Ubi animat*, & tambem onde ama: *Ubi amat*, & ainda mais em hũa parte, que em outra: *Plus ubi amat*. Nem outra deve de ſer a razaõ, porque da ſaudoſiſſima Mãy de Deos na auſencia de ſeu bẽdito Filho morto ſe entende aquelle encarecimento de Jeremias, lamentando a ſolidaõ de Jeruſalem. Thren. 1.12. *Attendite, & videte*: Vejaõ todos ſe póde haver dor, como a minha: *Si eſt dolor, ſicut dolor meus*. Ibid. Ter eu ainda vida, eſtando aſſim ſolitaria ſem a preſença do Filho, que me animava; he padecer hũa tal dor, que ou ſe parte a alma entre a Mãy, & o Filho; ou porque a preſença do Filho era a ſua alma; auſentando-ſe eſta, deyxa deſanimada a Mãy. E ha dor como a minha: *Sicut dolor meus*?

6 Para eſta dor naõ ter ſemelhante, ainda ha outra razaõ, que a faz mais unica: eſtar auſente a preſença amada, & ter na lembrança a meſma preſença; ainda he mais penetrante dor. He morrer o ſolitario por ſeparaçaõ daquella alma, que no meſmo tempo, que a chora

chora auſente, a tem preſente; auſente da viſta, & preſente na lembrança. Se por hũa vez ſe auſentaſſe, & nunca mais lembraſſe eſta preſença, ficaria o ſolitario cego por hũa vez. Mas ver no meſmo tempo por lembrança, a quem naõ vè com os olhos; he para o ſolitario a mayor pena da ſua ſolidaõ: he ver, & mais cegar. He ſobre a pena de ſe ver ſolitario, eſtar vendo a cauſa, que o faz eſtar ſó: a pena de ſolitario, nos olhos; & a cauſa de eſtar ſó, na lembrança; hũa atormentando por fóra; & por dentro outra. Eſta pena naõ padecemos nòs vivendo neſte mũdo ſem ver a Chriſto com os olhos, & tendo-o no Sacramento por lembrança, para eſſe ſer o noſſo tormẽto: *Hoc eſt corpus meũ: hoc facite in meam commemorationem.* Luc. 22. 19. E he, porque no Sacramento eſtà Chriſto cõ a real preſença no meſmo tẽpo de ſer por nòs lembrada: naõ eſtà ſó por memoria: *Vobiſcũ ſum uſque ad conſummationẽ ſæculi.* Matth. 28. 20. E iſto naõ ſe acha em todos os mais ſolitarios: ſobre a dor de lhes naõ moſtrarem os ſeus olhos a preſença, que os acompanhava; padecem a dor de verem na lembrança a meſma preſença perdida, ſem ouvirem dizer: Eu aqui eſtou: *Vobiſcũ ſum.* Padecem nos olhos a pena de eſtar ſó: & padecem na alma a meſma

meſma pena ; por ſe lembrarem da preſẽça, que gozàraõ , & jà naõ gozaõ. Naõ ſe infira porèm do que temos dito, que vendo a Mãy de Deos,quando auſente de ſeu Filho , cumprida no Sacramento a promeſſa da ſua preſença: *Vobiſcum ſum*, deyxaria entaõ de ſe lamẽtar ſolitaria: *Quomodò ſedet ſola.* Porque ſe a preſença do Filho ſacramẽtado diminuiſſe de algum modo a pena de ſe ver ſem elle ſó; ſeria entaõ a ſua dor, como aquella dor dos mais ſolitarios; ainda que ſem terẽ a Chriſto na viſta, tendo-o na ſua real preſença. Mas naõ era como a dor dos outros ſolitarios a ſua dor; era hũa dor,que ſe dava a ver , como a mayor dor das dores : *Videte ſi eſt dolor ,ſicut dolor meus.* Os mais ſolitarios naõ padecem hũa dor ſem haver ſemelhante; naõ pódem dizer : Vede , ſe ha dor como a minha ; ainda que tambem ſeja dor de eſtar ſó. Eu ſó padeço eſſa dor , dizia entaõ a ſolitaria Mãy , a quem accommodaõ os Commentos aquella incomparavel , & incuravel dor : *Cui comparabo te ? Quis medebitur tui ?* Que dor póde haver , que ſeja comparavel cõ eſta voſſa dor ? Elles (conſideremos nòs,que diz a amoroſiſſima Mãy) porque naõ vem com os olhos , a quem eu tambem naõ vejo ; temperaõ a ſua dor por

Thren. 1. 1.

Ibid. 12.

Sanch. Cornel. Vatab. apud Sylv. in Euang. tom. 5. lib. 8. pag 506. num. 43.

gozarem a ſua preſença, como eu tambem gozo no Sacramento: *Vobiſcum ſum.* Porèm a minha dor naõ he como eſta dor, nem ſe mitiga com eſte alivio: atormentame a falta da preſença de meu Filho no eſpelho dos olhos; & no eſpelho da memoria me atormenta tambem a viſta, como a que elles tem, da meſma preſença; porque eſtou ſem elle, ainda quando conſidero, que o tenho comigo: *Tecum ſum.* Como eſte modo de eſtar comigo, que he o meſmo modo de eſtar com elles: *Vobiſcum ſum,* he mais eſtar em mim, que junto a mim; ſempre me acho ſó, & ſuſpiro ſempre pela ſua companhia. Elles temperaõ a ſua dor com a conſideraçaõ de terem a Chriſto em ſi: *Maneo in illo;* porèm eu naõ me alivîo, porque o naõ vejo junto a mim, ainda quando por cõmunhaõ o tenho comigo: *Vobiſcum ſum.* E por iſſo para o mundo todo baſta a preſença de ſeu Redemptor no Sacramento; para mim porèm naõ baſta eſta ſó preſença. Já eu tive o meſmo Filho taõ dentro em mim, quando concebido; como elle tambem eſtà dentro de mim, quando ſacramẽtado. E mais por todo aquelle tempo de concebido, eu me conſiderava ſó; porque o naõ via nacido. E porque entaõ o naõ via junto a mim,

mim, ſuſpirava ſempre por elle, naõ ſatisfeyta de o ter em mim. O que elle me diz no Sacramento he, que elle eſtà em mim, & eu nelle:
Joan. 6. 57. *In me manet, & ego in illo.* E o que me diſſe o Anjo antes de o ter em
Luc. 1. 31. mim: *Concipies*, he, que elle havia de eſtar comigo, & eu com elle:
Ibid. *Paries filium.* Iſto meſmo me aſſegurou a mãy do grande Bautiſta na
Ibid 45. ſua profecia: *Perficientur ea, quæ dicta ſunt tibi à Domino.* E ſe entaõ ſem o Filho prometido, & profetizado: *Paries filium: perficientur ea, quæ dicta ſunt tibi*, eu eſtava ſó; porque o naõ via comigo, ainda que o tinha em mim: taõ ſó eſtou tambem hoje; porque ainda que no eſpelho da memoria ſacramental o veja em mim; no eſpelho da viſta o naõ vejo comigo. Bem podemos accommodar eſtas conſiderações a taõ ſaudoſiſſima Mãy; porque no mundo ſe achou mais sò ſem o ſeu Filho tambem mais unico. Se Deos lho tinha dado para o coraçaõ, & para os olhos; para ſer amado, & para ſer viſto; para o ter em ſi, & para o ter junto a ſi: *Concipies: paries*; faltandolhe a preſença doss olhos, juſtamente ſe havia de achar ſó, ainda que lhe ficaſſe a do coraçaõ. Tal ſe acharia aquella Alma, & Eſpoſa Santa, figura muyto propria deſta Mãy ſem aquelle Filho,

que na conſideraçaõ de
Cornel. in Cát. 8. 6. Cornelio, *Non imago, vel ſimilitudo, ſed ipſiſſimus Chriſtus ei fuit ſignaculum cordis, & brachij*, ſe depois de ter ao Eſpoſo retratado no
Cant. 8. 6. coraçaõ, & em ſi: *Ut ſignaculum ſuper cor*, & tambem à viſta dos ſeus olhos, & junto de ſi:
Ibid. *Ut ſignaculũ ſuper brachium*, em algum tẽpo ſe viſſe ſem a ſua preſença retratada no braço, ainda q̃ lhe ficaſſe a retratada no coraçaõ. Se ſe viſſe ſem o Eſpoſo junto de ſi, & nos braços: *Super brachium*, ainda q̃ o tiveſſe no meſmo tẽpo em ſi, & no coraçaõ: *Super cor*. Taõ ſó ſe veria, como ſe vio a ſolitaria Mãy de Deos ſem eſte ſeu Filho nos ſeus braços; que tambem depois de morto, & pouco antes de o levarem para o ſepulcro, era retrato ſeu, & eſſe de morte cor: *Super brachium*.

Sinal.

§. V.

7 PÒde ſignificar menos do que diz; & ſer mayor o ſignificado, que o ſinal. Pòde ſer, como a diviſa, que Deos aſſinalou a Gedeaõ, para eſcolher por ella nas ſuas milicias os Soldados, que haviaõ de vencer os exercitos de Madian. O ſinal deſtes eſcolhidos por Deos foy taõ pequeno, que naõ paſſou da agua bebida por eles como de pé, & dé paſſa-

Judic. 7.5. paſſagem: *Qui lingua lambuerint aquas.* E o final dos reprovados foy parecido com o outro: foy ſó a meſma agua bebida com deſcanço, & como de Ibid. aſſento: *Qui curvatis genibus biberint.* Neſta eleyçaõ, & reprovaçaõ daquelles combatentes, & armados do mundo deſcobrem alguns diſcurſivos das letras ſagradas por ſentido accõmodado hũa repreſentaçaõ myſtica dos eſcolhidos, & reprovados para as duas eternidades de gloria, & pena. Conſideraõ ſerẽ menos os predeſtinados, que os precitos; eſtes de multidaõ innumeravel, & aquelles de muyto limitado numero. Porque depois de ſeparados de todo o exercito dez mil, ainda deſtes foraõ ſò trezentos os do final dado por Deos: *Fuit numerus eorum, qui manu ad os projiciente lambuerant aquas, trecenti viri.* Ibid. 6. Neſtes poucos, diz cõ Origenes Cornelio, (como jà advertimos em outro lugar) vem repreſẽtados os dignos da eleyçaõ de Deos: *Qui ad res terrenas & corporeas flecti neſcit, qui vitijs non indulget, neque ob peccati ſitim ſternitur pronus; ille probabilis eſt, & electus.* Cornel. hic cum Orig. E com elles tãbem ſe contaõ, diz S. Gregorio, os que militaõ nas campanhas das virtudes: *Qui, cùm doctrinæ fluenta hauriunt, rectitudinem operũ non inflectunt,* S. Greg. in Mor. & tãbem

os que ſeguem a Chriſto com a ſua cruz: *Qui ſequentes Dominũ, tantò veriùs crucem tollunt, quantò acriùs ſe edomant.* E accommodandonos nòs a eſtas conſiderações, quem naõ dirà a cada hũ dos militantes do eſpirito, como Deos diſſe a Gedeaõ, fallando dos ſeus combatẽtes: quem naõ dirà, que pòde hũa pequena virtude ſer final de grande gloria; ou algum leve defeyto ſer indicante de pezada pena: ſe de hũa eleyçaõ de Deos taõ glorioſa foy indice hũa taõ pouco avultada diviſa: *Qui lambuerint aquas*, & de hũa reprovaçaõ taõ horrivel foy final outra diviſa taõ breve: *Qui biberint curvatis genibus?*

8 Com muyto menos diviſa, que a deſtes Soldados, ſe deo a ver a culpa de Jonas aos q̃ por cauſa da ſua companhia ſe vîraõ quaſi perdidos; quando para ſe livrarem da tormenta, que os ſumergia, o lançàraõ nas ondas. Foy taõ pequeno eſte final, que chegou ſó a ſer hum indicio, & ainda eſſe muyto occulto. A ſorte, que o deſcobrio: *Cècidit ſors ſuper Jonam*, ſó o moſtrou culpado em ſer elle o que provocára aquella tempeſtade. E de ſer a ſua deſobediencia a que o levava fugindo de Deos; naõ houve mais que hum indicio: *Cognoverunt viri, quia indicaverat eis.* Mas eſſe sò indicio baſtou para

Jon. 1. 7.

Ibid. 10.

final

Ibid. ſinal da ſua culpa: *Quòd à facie Domini fugeret*, & tambem prognoſtico de vir a ſer comido Ibid. 5. do mar: *Tulerunt Jonam, & miſerunt in mare.* No que ſe ha de advertir, & nòs devemos muyto temer, he, que ſemelhantes ſinaes aſſim portentoſos, poſto que os naõ vejaõ aquelles que os tem, & nos quaes ſe achaõ os ſeus ſignificados; Deos eſtà vendo os ſignificados, & mais os finaes. A fatal maldiçaõ daquella figueyra, por naõ dar o ſeu fruto, naõ eſtava ſignificada por algum ſinal, que nella ſe viſſe. A condenaçaõ para naõ frutificar mais, eſſa vîraõ todos: o ſinal, que a indicava, sò Deos o via. E naõ poderà ſer, que algum de nòs tenha em ſi eſte, ou aquelle ſinal de algũa fatalidade sò de Deos viſto; & que por iſſo sò elle nos diga: *Numquàm ex te fructus naſcatur in ſempiternum?* Matth. 21 19. Porèm nòs naõ devemos sò temer os ſinaes occultados, & os fins naõ eſperados; como foy o ſinal, & o fim deſta arvore. Temamos muyto os ſinaes viſtos, & os fins, que ſe naõ eſperaõ, como pódem ſer quaeſquer defeytos noſſos. Os ſinaes pòdem ſer viſtos logo; ainda que os ſeus fins venhaõ muyto depois: os defeytos à viſta, & os caſtigos tarde. E nem por iſſo os fins menos horriveis, virem elles muyto depois dos ſeus

ſinaes, naõ lhes tira o ſerem tremendos ſignificados. Saõ como os ſinaes do fim do mundo: os ſinaes logo: *Oportet primùm hæc fieri,* poſto que muyto depois o ſignificado: *Sed nondum ſtatim finis.* Do meſmo modo os noſſos defeytos (& tal vez leves) viſtos hoje: *Primùm hæc fiunt,* ainda q̃ os ſeus caſtigos (& por deſgraça muyto graves) para daqui a muytos annos: *Non ſtatim.* Livrenos Deos daquelle *Primùm hæc oportet fieri,* eſtes noſſos defeytos haõ de verſe agora: *Oportet fieri.* Aſſim como tambem nos livre daquelle *Neceſſe eſt, ut veniant ſcandala,* os noſſos eſcandalos neceſſariamente ſe haõ de dar, ſuppondo-ſe que haõ de ſer: *Neceſſe eſt, ut veniant.* Porèm ay daquelles: *Væ illis,* cujos defeytos: *Oportet fieri,* aſſim como tambem, ay dos outros: *Verumtamen væ homini illi,* cujos eſcandalos: *Neceſſe eſt veniant.* Em huns, os ſinaes primeyro: *Primùm hæc,* ainda que os ſignificados depois: *Nondum finis.* Aſſim como em outros, primeyro a vinda futura do eſcandalo: *Neceſſe eſt veniant,* & depois a ſua actual vinda: *Scandalum venit.*

Luc. 21. 9.
Ibid.
Ibid.
Matth. 18. 7.
Ibid.

Segredos.

§. VI.

9 MAis depreſſa ſe pódem ſaber fechados no coraçaõ,

raçaõ, do que proferi= dos pela boca: no co= raçaõ, naõ como os ſa= be Deos com ciencia certa, & infallivel; mas por indicios, que pode= ráõ ter os homens, ain= da que contingentes. Os ſegredos proferidos pela boca, sò ſe ſabem, quando por ella ſaem, & ſe daõ a entender: os ſegredos fechados no coraçaõ, daõſe a ſaber, quando pelos olhos ſe entra nelle, para ſe ve= rem; ou por elles tam= bem ſaem a ſe deyxa= rem ver. E porque mais deſimpedidos ſe abrem os olhos, do que a bo= ca; do modo que logo diremos: com menos difficuldade ſe ſabem os ſegredos dentro no co= raçaõ, do que ſe fazẽ ſaber fóra da boca. A mayor preſſa do abrir dos olhos, he experiẽ= cia da natureza; & pe= los inſtantes do tempo a coſtumaõ medir os q̃ deſcrevem as mayores velocidades do mundo na fraſe do Apoſtolo: *In ictu oculi.* E a preſſa menor do abrir da bo= ca, he praticada pelos Meſtres do ſilencio, & advertida por aquella ſentença de S. Bernar= do, & de Santo Agoſti= nho: *Bis ad limã, quùm ſemel ad linguam.* De maneyra, que a preſſa do fallar da boca, tem regras, que a retardaõ; & para a preſſa do fal= lar dos olhos, naõ ha quem lhe dè regras. Em ſe abrindo, fallàraõ: *In ictu oculi*, & a lingua, para ſe abrir a boca, falla detida pelos vaga= res

1. ad Cor. 15. 52.

S. Bern. S. Aug. apud Cornel. in Eccleſ. 3. 7

res da lima: *Bis ad limam.* Tantas vezes (como conſta da hiſtoria ſabida) limava Samſaõ no entendimento o que dizia a lingua; quantas elle hia enganando a Dalila ancioſa por ſaber o ſegredo das ſuas forças, que elle fechava no coraçaõ. Mas, porq̃ no coraçaõ lhe tinha entrado Dalila pelos olhos, & pelos olhos ſe havia declarado o coraçaõ com Dalila; elle naõ continuou com as advertidas cautelas da lima: & ſaindolhe primeyro o ſegredo do coraçaõ, depois lho diſſe a boca. Todas eſtas intelligencias ſe haõ de ſuppor, vendo-ſe hum tal ſegredo, depois de taõ acautelado, deſcuberto; primeyro conquiſtado pelos olhos, & revelado pelo coraçaõ; & depois pela boca proferido, & de todo deſcuberto. E naõ foy muyto, que aſſim ſe viſſe revelado eſte ſegredo em hum coraçaõ carnal, havendo entaõ olhos abertos, para do ſeu modo poderem fallar; quando em hũ coraçaõ ſanto eſtamos vendo o meſmo, ſem poderẽ fallar os olhos: & ainda iſto he mais. A Eſpoſa dos Cantares tendo os olhos fechados: *Ego dormio*, ainda o ſeu coraçaõ revela ſegredos: *Cor vigilat.* Os deſvelos de hum coraçaõ, como o da Eſpoſa Santa, ſaõ o meſmo que revelações de ſegredos; porque o ſaõ de affectos. E quando eſte

Judic. 16.

Cant. 5. 2.

Ibid.

eſte coraçaõ manifeſta os ſeus deſvelos, entaõ revela os ſeus ſegredos: o meſmo he dizer: *Cor vigilat*, que dar a entender: *Cor revelat*. Ou digamos, que quando os revela, os revè; accõmodandonos ao dito commum, quando vemos rever algum licor fechado: tambem eſte ſae por olhos, que naõ vem; aſſim como aquelles ſegredos ſe revelaõ, quando os olhos dormem: *Dormio: cor revelat*. Nem implica eſte eſtar dormindo juntamente com aquelle eſtar revelando: no meſmo tempo em que os ſegredos ſe occultaõ: *Dormio*, eſtar a Eſpoſa revelando ſegredos: *Cor vigilat*. Quando S. Paulo diſſe: *Audivit arcana verba, quæ non licet homini loqui*, no meſmo tempo, podemos dizer, que callava, & revelava ſegredos; ſendo aquelles ſegredos mais occultos, que os do coraçaõ: *Nec in cor hominis aſcendit*. E naõ dizendo entaõ os ſegredos, que vîra; revelava os ſegredos, que callava, sò com affirmar, que eraõ taes, q̃ ſe naõ podiaõ dizer: *Non licet loqui*. O ſeu naõ poder dizer aquelles ſegredos, foy revelar, ou dar viſta dos ſegredos callados. Quem naõ diz o que naõ comprehende; dà a conhecer o meſmo que naõ diz o melhor conhecimento do que Deos he, he naõ ſe poder dizer o q̃ he Deos. Do meſmo

2. ad Cor. 2. 4.

1. ad Cor. 2. 9.

modo

modo o dormir, & o revelar ſegredos da Eſpoſa, o ſeu naõ ver: *Dormio*, quando ſe deſvela o coraçaõ: *Cor vigilat*, he o revelar dos ſeus affectos, ou o rever dos ſeus ſegredos. Tãto monta revelar a Eſpoſa ſegredos, ſem os poderem dizer os olhos: *Ego dormio*, como revelar S. Paulo ſegredos, ſem os poder dizer a boca: *Non licet loqui.*

10 Os ſegredos (& eſte he o alvo do noſſo diſcurſo) que poſto ſó do ſigillo da Confiſſaõ ſe devem fiar, & ſaõ os peccados: naõ os poderà o peccador retirar dos indicios, que os fazem ver. Deſte modo, mediando taes indicantes, lhe haõ de ir ver là ao coraçaõ os ſegredos, ſem que os diga a boca. O roſto de Caim, & naõ a boca, manifeſtava o rancor occulto no coraçaõ contra Abel, quando delle o arguhio Deos naquella pergunta: *Cur concidit facies tua?* Naõ porque dependeſſe Deos da viſta do ſeu roſto, para lhe ver culpada a alma; mas, porque vendo nòs a Deos darlhe a entender, que no aſpecto carregado ſe lhe via a carga da conſciencia: poderà cada hum de nòs ſem o milagre da revelaçaõ, & ſó pela portada do frontiſpicio inferir (& eſte he o ver, de que fallamos) que dentro da caſa ha ſegredos. Muytas vezes, & naõ ſempre, ſe poderáõ enganar os indicios Gen. 4. 6

do

Tull. lib 1. epiſt. ad Quint. fratr.

do roſto: *Frons, oculi, vultus perſæpè mentiuntur*, como foy advertencia antiga de Tullio, que tambem nos ſerve agora. E ſe algũa vez o roſto falla verdade, como ſe ha de ſuppor, pois ſó muytas vezes, *Perſæpè*, & naõ em todas, *Semper*, he elle mentiroſo: *Mentitur*; entaõ o ſeu dito naõ he oraçaõ, que mente: como he o da boca, & o diz na ſua ſentença o meſmo Orador: *Oratio verò ſæpiſſimè*. Por iſſo ſem a boca dizer ſegredos; pelo roſto os póde dizer o coraçaõ, mãdando a elle indicantes, que os deſcubraõ. Os q̃ por indicios inferîraõ, que Jonas tinha deſobedecido a Deos: naõ tomàraõ por fundamẽto o que lhes diſſe a boca; porque eſta o canonizou juſto, & obſervante, ouvida a reſpoſta, que elle deo aos que lhe perguntàraõ quem era. *Dominum Deum Cæli ego timeo, qui fecit mare & aridam*: Sou muyto temẽte a Deos, & o reconheço por Creador de todo o univerſo de Ceo, & terra. O ſeu roſto, ou tambem o tom da meſma voz, deviaõ ſer os indicios, que combinados com a ſua ſorte, outro indicante da meſma culpa: *Cécidit ſors ſuper Jonam*, o moſtràraõ culpado: *Cognoverunt viri quòd à facie Domini fugeret, quia indicaverat eis*. A boca naõ lhe deſcobrio a culpa: ella foy conhecida

Jon. 1. 9.

Ibid. 7.

Ibid. 10.

pelos

pelos que lhe examinàraõ a vida: logo os indicios foraõ os q̃ lha tiràraõ do coraçaõ, & puzeraõ o ſegredo no roſto: *Quia indicaverat eis.* E he o que de todos os peccadores diz S.Gregorio; ou no que dizem, ou no que fazem, elles meſmos deſcobrem as ſuas culpas: *Peccator in omnibus ſe prodit: in locutione, in operatione ſe detegit, & damnationis ſuæ publicus præco fit.* Por dizer Jonas, que eſtà em boa conſciencia: *Dominum Deum timeo*, naõ impede os ſinaes, q̃ o deſcobrem culpado: *In locutione, in operatione, damnationis ſuæ præco fit*; eſtes indicios dizem, o que elle no coraçaõ encobre: *Indicant quòd a facie Domini fugeret.* O homem exterior, ou por outra fraſe, o homem de fóra, he hũa eſtatua, ou eſtatura, que repreſenta o homem de dentro, ou o homem interior: & eſta eſtatura, ou eſtatua, moſtra fóra as virtudes, ou os vicios, que occulta o homem de dentro. Para repreſentaçaõ das virtudes da Eſpoſa, naõ lhe faltou eſtatua: o Divino Eſpoſo a levantou na florente palma: *Statura tua aſſimilata eſt palmæ:* a voſſa fermoſura interior eſtà repreſentada na fermoſura exterior deſta arvore: vòs ſois por dentro: *Statura tua*, o que por fóra diz a palma que vòs ſois: *Aſſimilata palmæ.* Aſſim

S.Greg. lib. 27. Moral. cap 27.

ant. 7.
7.

ſim como podemos dizer por boa accommodaçaõ, que aquella altiſſima arvore ſonhada por Nabuco: *Proceritas ejus contingens Cælum*, ſuppoſta a explicaçaõ, que Daniel deo àquelle ſonho; era a eſtatua do meſmo Nabuco: *Arborem quam vidiſti ſublimem, tu es Rex.* Como ſe, ou entaõ Daniel, ou nòs agora lhe diſſeſſemos: *Arborem quam vidiſti, tu Rex es*; ou tambem, por ſynonymo accommodado: *Statura tua aſſimilata eſt huic arbori.* Se a ſantidade interna da Eſpoſa he a externa eſtatura da palma: *Sicut palma*; a ſoberba interior de Nabuco he a ſua levantada eſtarua naquella arvore: *Arbor attingens Cælum.* Sẽdo pois a eſtatura, ou a eſtatua do peccador, a que de fóra moſtra o que elle he por dentro: ſe elle quizer encobrir os ſeus ſegredos, a ſua eſtatua os ha de deſcobrir: elle callando, & a eſtatua fallando: *Si juſtificare me voluero*, dizia Job, *os meum cõdemnabit me.* Se eu callar tanto por dentro as minhas culpas, que pareça naõ haver em mim culpa algũa: *Si dicam me nullum umquam facere peccatum*, eu meſmo, ou a minha eſtatua de fóra as ha de publicar: *Os meum hoc jactans me damnabilem faciet.* Eu callarey: *Juſtificabo me*; mas a eſtatua ha de fallar: *Os condẽnabit.*

Dan. 4. 8.

Ibid. 17. & 19.

Job 9. 20.

Tirin. in lib. Job hic.

11 Iſto he, eſtando a eſtatua inteyra,& tendo boca para poder fallar ; & naõ tendo ella nem lingua, nem boca, & ſendo de todo muda; ainda entaõ ha de deſcobrir os ſegredos : ha de entaõ fallar por eco, que ſem boca, nem lingua falla, & ſem ſe ver, nem ouvir o peccador, faz ſer ouvido o ſeu peccado.O peccado dito de fóra: dito por Natham a David ; vay a bradar , & a fazer eco no coraçaõ , & arrepẽde-ſe David : *Peccavi.* 2.Reg. 12.13. O peccado encuberto no coraçaõ ; fechado no coraçaõ por Judas, vem a dar o brado fóra , faz o eco no laço , & condena-ſe Judas: *Laqueo ſe ſuſpendit.* Matth. 27.5. Entenda logo todo o peccador , que por mais q̃ eſconda o ſeu peccado no coraçaõ , ſem elle ſaber por onde, ha de vir a ſer ouvido no eco. Baſta hũa ſó pégada ſua,ſem que fallem por vozes os pés,que o levaõ, & trazem deſencaminhado , para vir o ſeu peccado a ſer ouvido : aſſim mudos,como ſaõ, haõ de dizer aonde o levàraõ , & por onde o trouxeraõ. Levem os pés a eſtatua (o homẽ exterior queremos dizer) para onde elle quizer : naõ fie de ninguẽ os ſeus ſegredos ; mas perſuada-ſe , q̃ lhe naõ haõ de ſer ſecretarios os ſeus meſmos pés ; porque elles, ainda que mudos , haõ de fallar : todo o ſegredo do homem interior haõ de dar

dar a ver fóra. A falta da obſervancia da Ley de Deos, que occultar no coraçaõ, haõ de moſtrar os torcidos paſſos da eſtatua exte-
Pſalm. 36.31. rior: *Supplantabuntur greſſus ejus.* As pégadas dos que entràraõ na caſa do idolo Bel, haõ de manifeſtar, quem nella entrou, ou della
Dan.14. 18. ſahio. *Animadverte cujus veſtigia ſint hæc*, diſſe Daniel: advirta-ſe, que eſtas pégadas ſaõ dos q̃ entràraõ, & ſahîraõ, para comerem as offer-
Ibid.14. tas do idolo: *Ingreſſi ſunt nocte, & comederunt.* O que até aqui diſſemos na falta da inteyreza da eſtatua, quando naõ tenha boca, que lhe revele os ſegredos: quando os calle, & os occulte; dizemos tambem, quando lhe faltem olhos, para por elles, como indicativos mais certos do coraçaõ, ſe ir a ver dẽtro nelle os ſeus ſegredos; ou virem os ſegredos a darſe a ver fóra. Sem viſta nos olhos eſtava o Cego de nacimento; & por iſſo o ſeu homem exterior naõ podia indiciar pelos olhos os ſegredos do homem interior: naõ os podiaõ dizer os olhos da eſtatua de fóra. E cõ tudo, por elles aſſim cegos lhe ſuppunhaõ peccado dentro no ſacrario da conſciencia os que perguntàraõ a Chriſto, ſe a ſua cegueyra era effeyto das ſuas culpas: *Quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus naſce-*
Joan.9. 2.

retur? Tanto como iſto andaõ arriſcados a ſe ſaberem os ſegredos do coraçaõ : até os pés mudos os pódem revelar, & os olhos cegos os fazem ſuppor. E com tanta mais preſſa ſabidos os ſegredos, que ſe fechaõ no coraçaõ, do que os que ſe proferem pela boca; quanta ſe deyxa ver na revelaçaõ dos defeytos ſecretos da obſervancia da ley, que moſtraõ os paſſos torcidos dos pés: *Supplantantur greſſus*; & no indicio do peccado ſuppoſto do Cego: *Quis peccavit, hic, aut parentes ejus.* Para ſe deſcobrir o ſegredo de hum, baſta sò o ſeu abbreviado paſſo, ſem haverem vozes proferidas por boca. E para haver indicante do ſegredo do outro, ainda he menos o que baſta: hũa sò repentina imaginaçaõ, de que poſſa haver peccado, ſobeja: *Quis peccavit.* Naõ diz o contrario o Commento do que Deos diſſe a Caim, quando o fez olhar para os peccados viſtos nas portas, por onde elles entraõ, & ſaem: pelos ſentidos (ſe entende) do homem exterior, ou da eſtatua, de que ainda aqui nos lẽbramos. *Nonne, ſi malè egeris, ſtatim in foribus peccatum aderit?* he o q̃ Deos lhe diſſe: Naõ ſabes tu, que o meſmo he peccar a alma, q̃ verſe o peccado nas portas do corpo? E o que diz o Commento deſta Eſcritura, he o que nòs Gen. 4. 7.

diſſe-

Interl. hic. diſſemos: *Stat in foribus peccatum; nam ſubitò omnibus patet.* De repente, & naõ com vagares de palavras proferidas, ſe fazem, & daõ a ſaber os ſegredos do coraçaõ: *Statim: ſubitò omnibus patent.*

Soberbos.

§. VII.

12 OS occultos, naõ pódem fugir ao caſtigo; & os deſcubertos pódem ter no caſtigo remedio. Os primeyros naõ pódem fugir ao caſtigo; porq̃ do merecido naõ os eſconde a ſua diſſimulaçaõ no meſmo ſeguro da ſua immunidade tem a ſua ruina. E os ſegundos pódem ter no caſtigo remedio; porque a ſua confuſaõ os humilha, & o temor da pena os emenda. Na arrogante Eſtatua da ſoberba ſonhada por Nabuco, temos a vingança da occulta; & deſcobrimos, como poderia naõ ſer vingada a manifeſta. Neſta Eſtatua havia ouro, & havia barro: o ouro deſcuberto na cabeça: *Caput ex auro*, & nos pés o barro occulto: *Pedum quædam pars erat fictilis.* E a pedra caída do monte, que podemos tomar pelo caſtigo da Divina ira, là foy dar no barro dos pés, ſignificativo da ſoberba diſſimulada, & arruinouſe a Eſtatua: *Redacta quaſi in favillam.* Naõ, porq̃ o tiro da pedra naõ pudeſſe ſer encaminhado

Dan 2. 32. Ibid. 33. Ibid. 35.

ao ouro da cabeça, repreſentativo da ſoberba deſcuberta; mas, porq̃ moſtramos agora, como naõ livra delle a occulta. Sendo toda a Eſtatua ſoberba por repreſentaçaõ; tãbem nos pés havia ſoberba. E eſta, ainda que taõ occulta, q̃ ſó parte dos pés, & naõ os pés inteyros, era de barro: ou, como outros melhor entendem, taõ eſcondida, que ſó era pó de barro miſturado, & como amaſſado com o ferro: eſſa foy a que primeyro ſe desfez, & todas as mãis partes da Eſtatua depois. Naõ ſe dè logo por ſeguro (accommodamos agora) o barro, quando for ſoberbo, por ſe diſſimular occulto: tema a certeza do ſeu caſtigo fulminado por decreto de Deos contra o ſeu barro, ainda que encuberto. Se por caſo, ou fraqueza ſua lhe eſcorregarem os pés, antes q̃ na pedra do monte lhe venha o caſtigo da maõ de Deos; deſcubra a fragilidade do barro a quem a póde ligar cõ o arrependimento da queda: a quem tem poder delegado de Deos, para conſolidar todos eſtes deſmanchos dos pés, & todo o ſeu barro, ainda depois de quebrado: *Quodcumque ligat, eſt ligatum.* Nunca aquella Eſtatua ſe arruinaria, ſe ella tiveſſe o barro na cabeça, & nos pés o ouro: ſe foſſe a cabeça, *Pars fictilis*, & os pés, *Ex auro*, ainda

Vide Cornel. hic.

da que nelles ſe empregaſſe o impulſo todo da pedra. A razaõ natural bem ſe eſtà vendo; mais havia de reſiſtir ao toque da pedra a dureza do metal, do que a fraqueza do barro. E a razaõ moral he, a q̃ agora fazemos ver, & nas noſſas reflexões imos dando a conſiderar. Como jà entaõ a ſoberba do barro ficava deſcuberta no alto da cabeça (no conhecimento, que todo o ſoberbo deve fazer do ſeu barro, queremos dizer) & a ſoberba do ouro (a que influem as riquezas, entẽdemos) eſtava debaxo dos pés metida, como devem fazer os q̃ mais as prezaõ; no temor do caſtigo pódem os taes ſoberbos ter o ſeu remedio. Os deſvanecidos, reconhecendo o barro, que ſaõ; & olhãdo para o nada, que os bens deſte mundo ſaõ, os ſeus enriquecidos. Huns pondo na cabeça o barro, de que ſaõ feytos: *Pars fictilis*; & os outros pizando com os pés a terra, de que a natureza faz o ouro: *Pedes ex auro.*

Sacramento.

§. VIII.

13 THeatro do amor queyxoſo. Tantas figuras repreſentaõ nelle as ſuas finezas, quantas ſaõ os ingratos, que naõ as correſpondem. E logo no Paraiſo, primeyro theatro deſte mundo, onde Adam & Heva (as

duas primeyras figuras da ingratidaõ) ſe perdèraõ, por deſobedecerem a Deos; tambem foy viſta a primeyra figura dos ingratos do Sacramento. Aſſim como eſtes indignos do ſagrado ſuſtento da Cõmunhaõ, aggravaõ a liberalidade de quem os chama para a ſua meſa: *Manducant indignè*: aquelles ingratos do ſuſtento do Paraiſo offendèraõ a Deos, depois de o receberem da
Gen 2 16. ſua liberal maõ: *Ex omni ligno paradiſi cõede.* Os da figura dos ingratos do Sacramento, comendo hum bocado prohibido com
Ibid. 17. pena de morte: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.* E os daquella ingratidaõ jà figurada, para naõ comerem indignamente outro bocado, com pena de condenaçaõ ameaçados: *Qui manducat indignè, judicium ſibi manducat.* Quem naõ agradeceo a Deos o ſuſtento do Paraiſo, foy ſentenciado a ſe ſuſtentar com o ſuor do roſto:
Gen. 3. 19. *In ſudore vultûs tui veſcëris pane.* E quem nos ſuſtenta no mundo com o paõ do Ceo, cuſtoulhe eſta fineza ſuar, & derramar o
Matth. 26 28. ſangue do corpo: *Sanguis, qui pro multis effundetur.* Naquella ingratidaõ, o caſtigo foy de quem naõ agradeceo o ſuſtento, que lhe deraõ: *In ſudore veſcëris.* E neſta fineza, corrèraõ os cuſtos do ſangue por quem ſe dà a ſi meſmo

1. ad Cor 11. 29.

meſmo em ſuſtancia: Joan.6. 56. *Caro mea verè eſt cibus.* Aquelle ſuſtento dos ingratos do Paraiſo, Gen 1. 29. ſendo para viver: *Ecce dedi vobis univerſa ligna, ut ſint vobis in eſcã*, elles, depois de alimẽtados, ſahîraõ do Paraiſo ſentenciados a Gen.3 19. morrer: *In pulverem revertêris.* E o ſagrado paõ, que he ſuſtento de vida para os agradecidos do Sacramento: Joan.6 59. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum*, para os ſeus ingratos he de ſentença de morte: 1. ad Cor.11. 27. *Quicumque manducaverit panem hunc indignè, reus erit corporis Domini.* Em quanto a Serpente fallava com os que enganou no Paraiſo, andava na ſua boca o pomo offerecido: *Bonum ad veſcendum.* E Gen 3.6 no tempo em que elles o tomàraõ para o comerem, entaõ, conſideramos nòs, que lho tiràraõ da boca; & ella os mordeo, & matou: *In quocumque die comederis, morieris.* O ſagra- Gen.2. 17. do paõ do Sacramẽto, ainda que he manjar de vida para os ſeus benemeritos: *Eſcam dedit timentibus ſe*; ſe o comẽ Pſ 110.5 os ſeus indignos, na ſua boca o tomaõ, para elles de ſi meſmos ſerem os mordidos, & os mortos: *Non dijudicantes* 1. ad Cor.11. *corpus Domini.* Creraõ 29. Adam & Heva, que em comendo daquelle fruto por conſelho da Serpente, ſe convertiaõ, ou ſe mudavaõ em divindades do Paraiſo: *Eritis ſicut dij*, & Gen.3.5 creraõ

hũa mentira. Porque nem era deos aquelle fruto, que comiaõ, para que em ſendo comido, logo elles ficaſſem deoſes; & ainda depois de comido, naõ na ſuſtancia de Deos, mas na de homem ſe havia de cõverter o fruto: *In ſubſtantiam aliti.* Eſta foy a mentira, que creraõ os ingratos do ſuſtento do Paraiſo: naõ ſendo aquelle fruto deos, & convertendo-ſe depois de comido em ſuſtãcia de homem; creraõ elles, que por comerem daquelle fruto, ficariaõ deoſes: *Eritis ſicut dij.* E os ingratos do ſuſtẽto do Sacramento, naõ temem a verdade, que devem crer: naõ temẽ, que comendo indignamente daquelle ſagrado ſuſtento; a eternidade da gloria, para q̃ foraõ creados, ſe converta, ou mude (digamos aſſim) em hũa eternidade de penas, para a qual haõ de ſer condenados. E eſta he a verdade, que devem crer, & temer os ingratos do Sacramẽto: ſendo Deos o que commungaõ neſte paõ vindo do Ceo, para ſe converterem, ou mudarem em Deos, como conſidera Santo Agoſtinho: *Manducabis me: nec tu me in te mutabis, ſicut cibum carnis tuæ; ſed tu mutaberis in me*; por ſua culpa, da qual arrependidos ſe podiaõ converter a Deos, deyxaõ de ſe converter em Deos: *Non mutantur in Deum.* Se o demonio, ſem mudar de thema, mas

S. Aug. lib. 7. Confeſſ. cap. 10.

mas ſó do ſentido delle, prégaſſe agora aos ouvintes da verdade do Sacramento, o que no Paraiſo prégou aos que lhe ouvîraõ a mentira daquelle fruto: *Nequaquam moriemini: eritis ſicut dij*, fallaria muyta verdade, faria grande fruto, & diſporia para aquellas duas converſões: para a converſaõ dos homens a Deos; porque aſſim convertidos, *Non moriuntur*; & para a converſaõ dos meſmos em Deos; porque entaõ *Sunt ſicut dij*. Porèm a ingratidaõ dos indignos do Sacramento, ainda hoje os faz ouvir ao demonio o meſmo ſermaõ, & no meſmo ſentido, que lho ouvîraõ os ingratos do ſuſtento do Paraiſo. Ainda crem, que comendo ſacrilegamente o paõ do Sacramento, naõ morrẽ, & cuydaõ que ſaõ deoſes: *Nequaquam moriemini: eritis ſicut dij.*

Gen. 3. 4. & 5.

14 E naõ he ſó iſto o que ſuccede aos que dignamente comem do paõ do Sacramento; naõ ſó ficaõ deoſes do modo, que o pódem ſer pela ſua converſaõ em Deos: *Tu mutaberis in me*; mas tambem no meſmo tempo, em que o eſtaõ ſendo, o eſtaõ deſejando ſer; quanto mais comem deſte paõ da liberalidade, mais o deſejaõ comer os mortos daquella fome. Poderáõ naõ ter fome do alimento do corpo; porque tambem eſte ſagrado paõ o alimenta: *Nutrit*,

Ita Theologi.

Nutrit, & vegetat. E deſte alimento ſe entẽde a ſentença de Chriſto: *Ego ſum panis vitæ: qui venit ad me, non eſuriet:* porque bem póde eſte paõ milagroſamente ſuſtentar por algum tempo o corpo; & jà muytos Santos aſſim ſe ſuſtentàraõ. Mas do alimento da alma ſempre eſtaõ famintos, ainda no meſmo tempo, em que eſtaõ matando a fome. Naõ haverà algum deſtes alimentados na alma, que diga: Naõ quero mais comer deſte paõ: *Non eſurio*; poſto que jà houveraõ alguns, que o podiaõ dizer por aquelle tempo, em que aſſim ſuſtẽtados, naõ neceſſitavaõ de outro alimento, em quanto o ſagrado paõ

Joan. 6. 35.

Vide Corn. in Joan. 6. 35.

Nutriebat, vegetabat. E que liberalidade eſta, ou como eſta? Suſtentar, para matar a fome ao que neceſſita de paõ; iſſo fazem os liberaes do paõ, que naõ he Sacramento; & faz muyto mais que iſto o Divino Liberal ſacramentado no paõ. Aquelles liberaes daõ o paõ, para ſuſtentar a quem lho pede; mas naõ ſe obrigaõ à continuaçaõ de o darem; nẽ obrigaõ a que lho tornem a pedir os meſmos a quem o davaõ. Como ſuſtentaõ, para ſatisfazer a fome, & naõ para deyxar famintos: no ſuſtento que daõ, ſe deſobrigaõ de o tornarem a dar. E o Divino Liberal do paõ do Sacramento, como deyxa fa-

famintos delle aos que jà o comèraõ; a meſma comida he de fome: & quem ſe ſuſtenta deſta comida, fica faminto, ainda depois de ter comido. Só quando ſe goza de Deos fóra do Sacramento, naõ ſe eſtà gozando com fome do que ſe goza: entaõ, diz David, *Satiabor, cùm apparuerit gloria tua.* Os alimentados porèm do Sacramento, ſuſtentando-ſe deſte paõ, ficaõ famintos do meſmo alimento; porque ainda ſaõ viandantes para a Patria daquella gloria: & qual he a medida dos deſejos da Patria, tal he a fome deſte Viatico. E a iſto naõ correſpondem os ingratos do Sacramento; o que eſtudaõ, he deſobrigarſe de comer eſte paõ hũa vez no anno: obrigando-ſe do modo poſſivel o ſeu Liberal ao dar em todas as horas. Aquelle paõ do deſerto, que ſuſtentou a tantos mil famintos, figurava entaõ o q̃ agora dizemos: em quãto houveraõ famintos, as Divinas mãos do ſeu Liberal davaõ paõ: competia naquelle paõ a ſua fome com a ſua fartura. *Certamen fuit inter panes, & homines:* os famintos a comer, & o paõ ainda para famintos: *Si homines numquàm manducare ceſſaſſent, panes in infinitum creviſſent.* E ſe ſobejou paõ, & faltàraõ famintos, he para que entendamos, que eſte paõ ſempre eſtà para

Pſ. 16. 15.

Emiſſ. in joan. 6.

para matar a fome depois de comido; & ſó deyxa de a matar deſte modo, faltando eſte modo de famintos: *Si homines non manducare ceſſant.* E ſe eſtes faltaõ, he porque naõ cõſideraõ a vida, que alimenta a fome deſte paõ: naõ attendem a viverem pela fé do meſmo Liberal, que nelle ſe lhes dà: *Qui manducat me, & ipſe vivet propter me.* E com taõ notavel, & ſingular differença entre vida, & vida; entre a noſſa vida, & a vida, que nos dà o Sacramento; que a noſſa vida nos he devedora a nòs, & nòs ſomos devedores à vida, que nos dà o Sacramento. A nòs nos deve a noſſa vida; porque nòs a ſuſtentamos a ella; & nòs devemos à vida dada pelo Sacramento; porq̃ elle nos ſuſtenta a nòs: *Qui manducat me, vivet propter me.* Nòs ſendo os viventes do Liberal deſte paõ, ſomos os da ſua vida; & cada hum dos ſeus alimentados já naõ he o vivente da ſua; porque jà naõ vive por ſi: *Jam non ipſe vivit, vivit verò in eo Chriſtus: ipſe vivit propter me.*

Joan. 6. 58.

15 Ainda naõ eſtà de todo conſiderada a vida dos agradecidos do Sacramento, nem a morte dos ſeus ingratos; tem mais q̃ amar eſta vida, & que temer aquella morte. Saindo pois do theatro do Paraiſo, onde nos detivemos diſcorrẽdo aquella figura

figura do Sacramento; entremos agora no ſeu figurado, que o theatro deſte mundo nos faz preſente: & deſcubramos novos argumẽtos para novas queyxas do amor liberal deſte ſagrado ſuſtẽto. Promette o Divino Author do Sacramento ao animado pela ſua vida: *Ipſe vivet propter me*, a reſurreyçaõ depois da morte: *Et ego reſuſcitabo eum in noviſſimo die.* Qual ſerà porèm eſta reſurreyçaõ deſtinada para premio dos benemeritos do Sacramento, & naõ dos ſeus indignos; he bem que o ponderemos nòs, & o vejaõ elles. Huns, para ſaberem o que devem àquelle amor; & outros, para temerem quanto o meſmo amor ſe queyxa delles. Primeyramente jà ſe ſabe, que naõ he a reſurreyçaõ para a vida do corpo; porque para eſta vida hão de reſuſcitar todos os condenados ao inferno; & muytos delles, inimigos deſcubertos do Sacramento. E mal póde ſer premio dos ſeus defenſores, a reſurreyção que tãbem ha de ſer dos ſeus perſeguidores. Não he tãbem eſta reſurreyção ſó, a que ha de ſer univerſal, & commua para a vida da Gloria; porq̃ para eſta vida ha de reſuſcitar Adam, ha de reſuſcitar Heva, ha de reſuſcitar Abel, & hão de reſuſcitar Abraham, Iſaac, Jacob, & David: os quaes todos, & outros

Joan. 6. 58.

Ibid. 55

tros muytos morrèrão ſem comer do pão do Sacramento ; porque ainda neſſe tempo não tinha vindo ao mundo o Liberal , que o dà a comer, & promette , q̃ ha de reſuſcitar aos q̃ o comerem. Sendo pois infallivel a palavra de dar elle por premio da ſagrada Communhão hũa reſurreyção: *Reſuſcitabo eum* , & não ſe comprindo eſta nos reſuſcitados para a vida do corpo , nem entendendo-ſe a promeſſa da géral reſurreyção para a Gloria ; que reſurreyção logo ſerà a decretada por premio aos q̃ ſe alimentàrão deſte ſagrado Corpo : *Qui manducat meã carnem, ego reſuſcitabo eum in noviſſimo die?* Havemos dizer , que he a reſurreyção commua para a Gloria com certa eſpecialidade particular , merecida pelos que comèrão o Corpo do meſmo , que os ha de reſuſcitar , porque o comèraõ. He commento de S. Cyrillo : *Ego, dixit, (ideſt, corpus meum, quod comedetur) reſuſcitabo eum. Non enim alius ipſe eſt, quam caro ſua.* He a meſma reſurreyçaõ para a Gloria de todos os Bemaventurados ; mas com eſpecial titulo de remuneraçaõ para os alimẽtados do Diviniſſimo Sacramento. *Reſurrectio gratiæ debita alio titulo , qui proprius eſt, & ſpecialis Euchariſtiæ.* E por tremenda conſequencia contra os ſacrilegos

S. Cyril. hic.

Cornel hic.

Joan. 6. 55.

crilegos deſte ſagrado paõ, havemos dizer, ꝙ a condenação, para a qual elles haõ de reſuſcitar, & ha de ſer a morte por accommodaçaõ entendida naquella figura dos que o comèraõ, & morrèraõ: *Mãducaverunt manna, & mortui ſunt*, he hũa eſpecial pena eterna, reſervada para os taes comedores ſacrilegos. He a meſma pena de todos os condenados; mas cõ eſpecial applicaçaõ da Divina Juſtiça, para vingança dos ſeus ſacrilegios: *Qui manducaverunt, mortui ſunt.* Abraõ agora os olhos eſtes ingratos do Sacramento; & vejão ꝙ pena os eſpera para caſtigo da ſua ingratidão. Não he ſó a morte

Joan. 6. 49.

ſem fim de todos os atormentados do inferno: he neſſa meſma eternidade de tormẽtos hũa ſingularidade de pena eterna: *Reſurrectio damnationis debita alio titulo.* Advirtão tãbem os meſmos ſacrilegos, que o Diviniſſimo Sacramento, aſſim como he paõ: *Panis, qui de Cælo deſcendit*, he juntamente livro das maravilhas de quem o dà a comer: *Memoriã fecit mirabilium ſuorum.* E que ſe no pão indignamente por elles comido, o ſeu ſuſtento he a ſua condenaçaõ commua: *Qui manducat indignè, judicium ſibi mãducat*; neſte livro aſſim comido (porque tãbem os livros ſe comem) vay comida, & tragada a ſua con-

Ibid. 59.

Pſ. 110. 4.

1. ad Cor. 11. 29.

condenação particular: *Specialis indignis Euchariſtiæ.* E nem por ſer memoria de pena tão tremenda, a que conſideramos, & accommodamos eſcrita neſte livro do Sacramento; deyxa de ſer lembrança de prodigioſa maravilha,& de fazer numero com as outras do meſmo livro: *Memoriam mirabilium.* Taõ maravilhoſa ſe moſtrou a maõ de Deos nas pragas, com que caſtigou ao Egypto; como nos beneficios com que livrou daquelle cativeyro ao ſeu povo. Se os milagres dos beneficios forão prodigioſos;tambem forão portentoſos os caſtigos das pragas. Tal he tambem eſte compendio de maravilhas, para os agradecidos do Sacramento; livro de milagres, que ſaõ beneficios; & para os ſeus ingratos, tãbem livro de milagres, que ſaõ pragas: *Memoriam mirabilium.* Hũa praga, a commua,& univerſal de todos os atormentados para a eternidade: outra praga,a eſpecial, & ſingular da meſma eternidade de tormentos: *Specialis ipſis indignis.*

16 Até aqui os argumentos da liberal mão de Deos para o premio dos benemeritos do Sacramento: & tambem do pezo dos caſtigos provocado pelos indignos do ſagrado paõ. Agora, ſem diſcorrermos a condenaçaõ eterna dos ſeus infieis,

fieis, na ſuppoſiçaõ q̃ poſſa haver quem duvide: *Quomodò poteſt hic nobis carnem ſuam dare ad manducandum*, diſporemos contra elles os argumentos, que provaõ eſta verdade, & convẽcem aquella perfidia: & ſeja o primeyro. Naõ ſaõ mais que dous os caminhos: hũ largo: *Spatioſa via*, q̃ leva para o inferno: *Quæ ducit ad perditionem*; & outro eſtreyto: *Arcta via*, que encaminha para o Ceo: *Quæ ducit ad vitam*; & eſta verdade he de fé. Os q̃ vaõ pelo caminho largo, ſaõ os da vida folgada, ſem aſperezas, ſẽ penſões de carga, & ſẽ encargos da alma; & os que vaõ pelo eſtreyto, ſaõ os da vida apertada, os obrigados ao rigor da ley, & os ſugeytos ao pezo do jugo: & tambem he ſem controverſia eſta verdade. E porque os infieis do Sacramento da Euchariſtia ſe deſobrigaõ dos apertos do Sacramento da Penitencia, onde ſe purificaõ os que o houverem de receber: & debayxo deſte jugo, & rigor da Ley de Chriſto gemem os fieis do meſmo Sacramento, quando o recebem; eſtes ſaõ os do caminho eſtreyto: *Quæ ducit ad vitam*, & aquelles os do caminho largo: *Quæ ducit ad perditionem*. Terà repoſta eſta concluſaõ deduzida de taes premiſſas? Achaõſe os infieis do Sacramento no caminho largo, ou

Joan. 6. 53.

Matth. 7. 13.

Ibid.

Ibid. 14.

Ib d.

no eſtreyto, que levaõ para a eternidade? O caminho, por onde elles cuydaõ, que vaõ bẽ guiados, naõ ſerà aquelle, do qual diz o Eſpirito Santo: *Eſt via, quæ videtur homini juſta; noviſſima autem ejus deducunt ad mortem?* Paſſemos a pôr em termos outras premiſſas para outro argumento naõ menos concludente, porque naõ menos fundado. O demonio ſempre tenta para o mal, & nunca perſuade o bem: elle naõ perſuade, nem tenta aos infieis do Sacramento, para que o creaõ; & para que o naõ creaõ, ſempre anda perſuadindo, & tentando aos ſeus fieis. Logo a fé deſtes he a verdadeyra; porque contra o ſeu bem ſe empenha o demonio; & naõ he verdadeyra a fé dos outros; porque o demonio os naõ diſſuade do ſeu mal: porque o demonio quer levar aos fieis do Sacramento para a perfidia dos que o naõ crem: & naõ quer trazer os ſeus infieis para a fé dos que o cõfeſſaõ. Só poderáõ negar todo eſte argumẽto, os que naõ crerem, que ha demonio: ou diſſerem, que as ſuas aſtucias eraõ para perſuadir o bem, quando no deſerto tentou a Chriſto na gula: *Dic, ut lapides iſti panes fiãt:* no deſvanecimento: *Mitte te deorſùm: Angelis ſuis mandavit de te:* & na ambiçaõ: *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadẽs ado-*

Prov. 14. 12.

Matth. 4. 3.

Ibid 6.

Ibid 9.

adoraveris me. E para q̃ as noſſas razões naõ ſejaõ ſó argumentos, mas tambem repoſtas: ſupponhamos, que as pedem os infieis do Sacramento, ſe diſſerem, que o poder de conſagrar o Corpo de Chriſto, ſó o tiveraõ os ſagrados Apoſtolos; porque ſó a elles, & naõ aos Sacerdotes ſeus ſucceſſores o delegou Chriſto: *Hoc facite in meam cõmemorationem.* E reſpondemos, que os Authores deſte argumento naõ devem crer que ſaõ bautizados, porque os naõ bautizou S. Pedro, ou algum dos Santos Apoſtolos, aos quaes ſó os taes infieis por conſequencia haõ de dizer, que ficou delegado aquelle poder: *Docete omnes gentes, baptizantes eos &c.* E ſe elles crem, que recebèraõ verdadeyro Sacramento do Bautiſmo, ſendo adminiſtrado pelos Sacerdotes ſucceſſores dos Apoſtolos; porque naõ crem, que os meſmos Sacerdotes adminiſtraõ verdadeyro Sacramento da Euchariſtia por delegaçaõ daquelle poder: *Hoc facite &c?* Eſtes argumentos mais apertaõ, & mais convencem na hora da morte; mas naõ guardem para aquella hora a confiſſaõ do que em vida negaõ os incredulos deſta verdade: *Hic eſt panis, qui de Cælo deſcendit.* Deponhão eſta cegueyra, & não ſe deyxem vencer de hũa mulher, q̃

Luc. 22. 19.

Matth. 28. 19.

Joan. 6. 59.

aſſim como entendia, ſerem baſtante ſuſtento as migalhas de paõ, que caem da meſa do ſenhor delle: *Etiam catelli edunt de micis, quæ cadunt de menſa dominorum ſuorum*; melhor havia de crer, que era prodigioſo alimento o paõ da meſa do mais alto, & poderoſo Senhor, ſe lhe diſſeſſe, que era o meſmo, a quẽ ella pedia a ſaude para a filha: & o que naquelle paõ ſe dava a ſi todo: *Integer accipitur*, para ſuſtento dos filhos: *Panem filiorum.* Só para os que naõ forem legitimos, & fingidamente lhe pedirem o ſagrado paõ: *Si petierint panem*, lhes darà pedra: *Lapidem porriget eis*; aquella pedra, que por noſſa accommodaçaõ he o meſmo Senhor ſacramentado, para nella tropeçarem: *Chriſtus lapis offenſionis, in quem increduli impingunt.* Caindo elles neſta pedra ſaõ tentados do demonio, convertido o paõ em pedra: *Panem in lapidem offenſionis*, aſſim como o demonio queria, que cahiſſe tẽtado Chriſto, convertida a pedra em paõ: *Dic, ut lapides iſti panes fiant.* E ainda com hũa differença, para mayor confuſaõ deſtes infieis, entre as duas converſões: a do paõ em pedra, & a da pedra em paõ. Chriſto reſiſtio à tentaçaõ do demonio, dizendo, que naõ ſó naquelle paõ ſe ſuſtentava a vida: *Non*

Matth. 15. 27.

Matth. 15. 26.

Matth. 7. 9.

Ibid.

Corn in epiſt. ad Rom. 9. 33. S. Aug. in Pſal. 45.

Matth. 4. 3.

Ibid. 4.

in

in ſolo pane vivit homo, & os incredulos do ſeu paõ ſe deyxaõ vencer tentados do demonio, dizendo Chriſto, que ſó o ſeu paõ he para ſe viver: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* Outros, & muytos mais argumentos podiaõ vir neſta liçaõ de ponto taõ importante; para juſtificaçaõ da queyxa do Author do Sacramento contra os ſeus incredulos; mas nem os mais baſtariaõ, ſe eſtes naõ baſtaſſem. Là virà aquelle ultimo dia do mundo, até o qual ha de haver nelle eſte ſagrado paõ: *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi.* E entaõ no tremendo theatro de todos os culpados ouviráõ o q̃ poderà ſer não tenhão ainda advertido: ouviráõ ao meſmo Senhor, como queyxoſo das ſuas ingratidões, condenar ao inferno aos que lhe não derão o pão, quãdo elle o pedio: *Diſcedite à me maledicti: eſurivi enim, & non dediſtis mihi manducare.* E tambem poderáõ ouvir: (& que ſerà, ſe aſſim for!) & vòs, que não quizeſtes o pão q̃ eu vos dava: *Diſcedite maledicti.*

Joan. 6. 59.

Matth. 28, 20.

Matth. 25. 41. & 42.

Silencio.

§. IX.

17 HA de fazer cegos, para que faça mudos. E jà ſe entende, que não fallamos da cegueyra, que tira o ver, & mais o olhar:

olhar: fallamos da que impede o olhar, & deyxa o ver. Como tãbem não fallamos do mudo, que não falla, ſenão do que calla. Hũa couſa he o não olhar, & outra couſa he o não ver. O não ver he impoſſivel, havendo olhos abertos: quem abrio os olhos, vio. Mas, porque ſe pódem não abrir olhos, he poſſivel o não olhar: não olhou, quem não quiz abrir os olhos. E deſtes cegos, hão de ſer os grãdes ſilenciarios: hão de poder ver; mas não hão de olhar. Do meſmo modo, hũa couſa he o não fallar, & outra couſa he o emmudecer: o emmudecer, he perder o uſo do fallar: & o não fallar, he ſuſpender eſſe uſo. E os mayores ſilenciarios, hão de ſer como eſtes mudos: hão de ſuſpender a locução, ſem perder a falla. O mayor pratico deſte ſilencio he o amor: falla mudo ao coração, & venda os olhos: ſuſpende o exercicio do fallar, & faz-ſe ouvir. E não he ſó o amor dos homens o pratico deſte ſilencio: não olhando, quando falla: & callando, podendo fallar. Tambem o amor de Deos falla ao coração de hũa alma, ſem o uſo de falhar com vozes: *Loquar ad cor ejus*, & entre as ſõbras da ſolidão, como não vendo quãdo falla: *Ducam eam in ſolitudinem.* Iſto he, quando Deos falla a hũa alma: Oſeæ 2. 14. Ibid.

&

& quando hũa alma quer fallar com Deos; tambem he o meſmo. De noyte, quando tudo he ſolidão, tudo ſombra, & por iſſo tudo ſilencio; então buſca a devota alma a Deos para fallar. Como muda; porque ſe lhe não ouve o que diz: & como cega; porque o tempo da noyte não he para ſe ver. *In lectulo meo per noctes quæſivi quem diligit anima mea.* Noyte, & ſilencio ſão correlativos: ou, porq logo ha ſilencio, havẽdo noyte: ou, porque as ſombras da noyte repreſentão os ſegredos do ſilencio. E foy conjunção já obſervada no tempo do nacimento de Chriſto: *Cùm quietum ſilentium contineret omnia, & nox in ſuo curſu medium iter haberet.* Até as horas do ſilencio ſe correſpondèrão então com as horas da noyte: o ſilencio mais profundo: *Quietum ſilentium*, com o mais crecido da noyte: *Nox medium iter.* E eſte he o tempo, em q Deos, & a alma melhor ſe fallão: quando o ſilẽcio ſepulta as vozes; & a noyte, ou a ſolidão, eſcondem as viſtas: *Per noctes: in ſolitudinem.* E já o advertio S. Gregorio, aconſelhandonos eſte fallar com Deos: em ſilencio, & mais fallando: *Quoddam ſibi cum Domino ſecretum quærant, ubi cum illo, exteriori ceſſante ſtrepitu, ſilenter loquantur.* A todas eſtas reflexões

Cant. 3. 1.

Sap 18. 14.

S. Greg. Moral. in Job.

aſſim accommodadas, faz grande prova a ſoledade, ou ſolidão da Mãy de Deos. O melhor orador da ſua pena foy o ſeu eloquente ſilencio: prendendolhe as vozes entre as ſombras da noyte: *Per noctem quærebat quem diligebat.* E por eſtar no retiro da ſolidão, fallando ao interior da alma: *Loquebatur ad cor.* No meſmo tempo, porque callando, & não vendo; ſilenciaria ſem viſta: *Per noctem.* E porque no meſmo tẽpo fallando ſem ſe ouvir; ſilenciaria com voz: *Ad cor: ſilenter loquebatur.*

18 Temos moſtrado em figuras, ou emblematicas, ou ſymbolicas, ao ſilenciario cego: como ha de não ver, para o bom uſo do não fallar. E para que, ou como iſſo poſſa ſer, diremos agora. São os olhos as portas por onde tudo o que ſe vè, vay dar ao coração: & porque aquillo q̃ não cabe fechado no coração, muytas vezes ſae aberto pela boca: *Ex abundantia cordis os loquitur*; ſendo muyto o que vîrão os olhos, muyto foy ao coração, & muyto ſahio pela boca. Feche pois os olhos o que quizer guardar ſilencio; porq̃ ſe elle não vir, o coração não ha de mandar, nem a boca ha de dizer. Vio Heva a fermoſura do pomo prohibido: *Pulchrum oculis, aſpectuque delectabile*, & logo, Matth. 12.34. Gen. 3.6.

logo, em o ſeu coraçaõ deſejando o que ella
Ibid. vio: *Bonum ad veſcendum*, diſſe a boca à Serpente o que ella tinha no coraçaõ: juntamẽte com o deſejo do fruto inſinuado, tambem a ſua prohibiçaõ expreſ-
Ibid. 3. ſa: *Præcepit nobis Deus, ne comederemus &c.* Se Heva naõ chegàra a olhar, naõ tivera primeyro que deſejar, nem depois em que fallar. Diráõ, que eſte argumento ſó perſuade a naõ ſe olhar, para o ſilencio ſe guardar; mas naõ a que ſe guarde o ſilencio, precedendo jà o olhar. Só prova, que quem naõ chegar a ver, naõ terà depois em q̃ fallar; & naõ moſtra, que ſe poſſa naõ fallar, quando primeyro ſe chegou a ver: que poſſa guardar ſilencio a boca, ſe deraõ a materia para fallar, os olhos. Naõ ſeria verdadeyra a ſentença, que aqui diſcorremos, ſe tambem para haver ſilencio do que ſe naõ vio, naõ foſſe neceſſaria a cautela da viſta. O ſilencio do eſforço de Samſaõ naõ era de ſegredo, que lhe houveſſe entrado pelos olhos: o coraçaõ lho guardava em ſilencio, ſem que os olhos o tiveſſem viſto. E com tudo, ſe elle naõ abrîra os olhos para Dalila, nunca a boca lhe rompèra o ſilencio. De maneyra, que o ſilenciario mais exacto, naõ ſó naõ ha de olhar, para naõ ter que dizer: naõ ſó naõ ha de olhar para o po-

o pomo; mas ainda para callar o que ſabe, ſem o ver, tambem naõ ha de haver para quem olhar. Supponho ſabida a hiſtoria, & tãbem entendida a moralidade: & reſpondamos a outra duvida, que tambem poderà occorrer neſte meſmo diſcurſo. Outra vez poderáõ dizer, que o diſcorrido até aqui, he para haver ſilencio do deſejo: & eſte foy o q̃ naõ guardou Heva: ou para quando o ſilencio he de ſegredo: & eſte faltou em Samſaõ. Porèm naõ he para o ſilencio da murmuraçaõ: tambem a olhos fechados nenhum ſilencio guardaõ os murmuradores. Aſſim he: & para que aſſim naõ ſeja, & ſe guarde eſſe ſilencio, he tambem importante a doutrina, que temos dado. Para que naõ cheguem a romper o ſilencio murmurando, tirem os olhos do ſugeyto da murmuraçaõ: ſejaõ deſte modo cegos, para ſerem deſte modo mudos. Cegos, naõ olhando, ainda q̃ vejaõ: mudos, callando, ainda q̃ naõ emmudeçaõ. Iſto he o que tambem por accõmodaçaõ ſe póde inferir daquelle conſelho de Chriſto: *Si oculus ſcandalizat, erue eum:* ſe alguem houver de eſcandalizar, olhando para onde o leva a ſua murmuraçaõ: *Si oculus ſcandalizat*, naõ abra para alli os ſeus olhos: *Erue eum.* Naõ lhe dizemos, Matth. 5. 29.

zemos, q̃ emmudeça; mas que naõ falle: aſſim como naõ lhe dizemos, que cegue; mas que naõ olhe: *Erue oculum.*

Semelhança.

§. X.

19 A Mais nobre, he a mais communicada; por ſer viſta em muytos, naõ deyxa de ſer a que he em ſi. A ſemelhança de Deos, que em nobreza naõ póde ter ſemelhantes; ſem deyxar de ſer de Deos, logo na creaçaõ do mundo começou a verſe no primeyro homem, & depois em todos: *Faciamus hominem ad ſimilitudinem noſtram.* Naõ cuydem os ſoberanos do mũdo, que abatem do q̃ ſaõ, ainda havendo outros de menos ſoberanîa, & parecidos com elles. A ſemelhança, que com o Sol tem a Lua, ainda ſendo *Luminare minus,* naõ tira ao Sol, ſer *Luminare maius.* Naõ ſe deſprezou Chriſto de ſe chamar luz do mundo: *Ego ſum lux mundi,* ſendo no meſmo tẽpo luzes do mundo os q̃ nelle nacèraõ ſem luzirem: *Vos eſtis lux mundi.* Os que pois nacèraõ luminoſos, naõ corraõ a cortina ao ſeu roſto, por verem luzir aos que nacèraõ peſcadores: por naõ quererem emparelhar na ſemelhança do luſtre cõ os deſſemelhantes no nacimento. Os mayores deſſemelhantes em nacimento,

Gen. 1. 26.

ibid. 16.

Ibid.

Joan 8. 12.

Matth. 5. 14.

melhança : ſó ſe querem parecer comſigo. E Deos, que ſó he o q̃ he luz, tem por gloria ſua multiplicar a ſua ſemelhãça: fazer muytos ſemelhantes ſeus, & darſe a ver nelles tantas vezes, quantos ſaõ os homens, que creou: *Ad ſimilitudinem ſuam.*

20 Querendo pois Deos ver em muytos a ſua ſemelhança : naõ querem algũs ver deſte modo a ſua. Só querem, que a duraçaõ das ſuas felicidades continue, & que a dos outros acabe: & ſentem, ver na ſua fortuna alguns ſemelhantes ſeus. Quaes os operarios daquella vinha, que nos póde aqui ſervir de emblema: naõ ſofrèraõ huns ver aos outros iguaes a ſi na ſatisfaçaõ do jornal: *Murmurabant adverſùs patremfamilias, dicentes: pares illos nobis feciſti.* Matth. 20. 11. & 12. Ter tanto dinheyro aquelle, como eu, & ainda podendo, ou devendo, ou finalmente deſejando eu ter mais que elle: *Nos, & illi: ſingulos denarios*, Ibid. 9. & 10. naõ ſe leva bem neſte mundo: *Murmurant:* he odioſa ſemelhança a dos iguaes no ter, olhar para os *Pares nobis.* E naõ aſſim Deos: (tenha agora lugar a comparaçaõ) ſendo elle Senhor dos infinitos bens, ou bondade infinita das ſuas Divinas perfeyções; quer, que aſpiremos a ſer taõ perfeytos, como elle: *Eſtote vos perfecti, ſicut & Pater veſter cæleſtis perfectus* Matth. 5. 48.

fectus est. Sendo incorporeo, immortal, eterno, & individuo, quiz que a alma, que deo ao homem, fosse individua, eterna, immortal, & incorporea. Semelhante a Deos, sim; mas naõ Deos. E o mesmo se diz de outros seus Divinos attributos: tambem quiz Deos, q̃ o homem, como imagem sua natural, fosse seu semelhante no entendimento, em quanto à capacidade para as ciẽcias: na vontade, em quanto à propensaõ livre para as virtudes: no poder, em quanto ao dominio sobre todos os animaes: & por seu modo, na continencia eminencial de todas as cousas, que no homem a pódem ter. Assim se entende o que Deos disse na creaçaõ do homem: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Gen 1. 25. Do que eu sou, quero dar ao homem a semelhança, para por ella ser eu nelle representado: *Faciamus hominem ad exemplar nostrum, ut ipse nos exemplar suum referat, ac repræsentet.* S. Aug. Origen. Damasc. Nyssen. S. Amb. S. Basil. apud Cornel. hic. E sendo Deos assim para o homem; naõ saõ assim alguns homens para outros: os que presumem, que elles, & naõ outros, saõ os entendidos, os cientes, os santos, os poderosos, & os eminentes: os que nem por semelhança querem ver nos outros os seus attributos, ou predicados. E isto, ainda sendo muytos creaturas

suas,

ſuas, como o homem he de Deos: tambem eſtes creadores naõ imitaõ a Deos, quando ſe deſcontentaõ de que ſejaõ ſemelhantes ſeus, os que elles fizeraõ homens: de tanto entendimento, como elles: de tanta ciencia, como elles: de tanta virtude, como elles: de tanto poder, como elles: & de tanta eminencia, como elles. Eſſa multiplicidade de ſemelhanças ſuas, ſó Deos quer, que ſe veja nas ſuas creaturas: *Faciamus hominem. ad ſimilitudinem noſtrã.* E ſó os que imitaõ eſta communicaçaõ da ſemelhança de Deos: ſẽdo grandes, & naõ voltando o roſto a outros taõ grandes, como elles; querem que hajaõ muytos ſemelhantes ſeus. Se os Diſcipulos de Chriſto contendèraõ entre ſi qual havia de ſer o deſſemelhante dos outros no poder: *Quis eorum videretur eſſe maior*, & ſe puzeraõ os olhos na deſſemelhança do valimẽto os pretendẽtes dos dous mayores lugares no Reyno de Deos: *Unus ad dexteram, & unus ad ſiniſtram*, ainda entaõ naõ eſtavaõ illuſtrados, & ſantificados pela graça do eſpirito Santo. Só os que naõ tem deſte Eſpirito, ſe levaõ daquelles affectos: naõ aſſim os aſſiſtidos da ſua graça. S. Paulo naõ perde a antonomaſia dos Apoſtolos, querendo que todos os ſeus diſcipulos

Luc. 22. 24.

Matth. 20. 21.

ſejaõ

1. ad Cor. 4. 16. ſejaõ como elle: *Imitatores mei eſtote.* O mayor dos nacidos naõ abate da ſua eminencia, ainda havendo quem o faz ſemelhante a Elias:

Joan. 1. 21. *Elias es tu;* ou a algum

Ibid. Profeta grande: *Propheta es tu.* Abraham ſempre he o meſmo deſſemelhante na obſervancia da Ley de Deos:

Eccli. 44. 20. *Non eſt inventus ſimilis illi, qui conſervavit legem Excelſi*: dizendo Deos tambem de Job, que naõ tinha ſemelhante:

Job 1. 8. *Quòd non ſit ei ſimilis in terra.*

21 Havendo Eſpirito Santo, ſobraõ ſemelhantes huns a outros, & naõ faltaõ ſemelhãtes a Deos. Lutando o Anjo com Jacob na repreſentaçaõ, (como

Ita cõmunit. Patres. dizem de Deos feyto Homem, por ſe ver alli ao homem abraçado com Deos) levanta Deos ao homem, chegando-o a ſi; & decè Deos a ſer Homem, unindo-ſe com elle:

Joan. 1. 14. *Verbum caro factum;* ficando outra vez parecidos o Homem, & Deos, naõ menos que com a ſemelhança, como a de filho para pay: *Filius hominis.* Naõ ſe deſprezem os ſoberanos do mundo, de levarẽ, & chegarem a ſi os que nacèraõ pequenos: humanemſe os que ſe cõſiderarẽ divindades, a amar ao ſeu proximo mais humilde. E quem entaõ olhar para elles, entenda, que os vè a Deos ſemelhantes, cõmo Jacob vio ao Anjo, quando na luta de am-

bos o abraçava, levan-
Gen.32. 30. tava, & elevava: *Vidi Deum facie ad faciem.* Quiz dizer o que nòs dizemos: Vi a Deos
Cornel. hic. retratado no Anjo: *Vidi Dominum in Angelo repræſentatum.* Os que deſiſtirem das ſuas vinganças, ainda as mais juſtificadas, qual era a de Eſaù, por lhe roubar a bençaõ ſeu irmaõ Jacob: & os que perdoarem aos ſeus inimigos, como a Jacob perdoou Eſaù; ſeráõ ſemelhantes a Deos, como alli vio a Eſaù o
Gen.33. 10. meſmo Jacob: *Vidi faciem tuã, quaſi viderim vultum Dei.* Naõ, porque viſſe a Deos; mas, porq̃ com tanto agrado vio o roſto do irmaõ, que ſe naõ vingava del-
Abuléſ. S. Chryſoſtom. le: *Cum tanta jucundi-*

tate vidi faciem tuam; quanto poderia ter o que viſſe a Deos: *Cùm quis videret Deum.* Ver a hum irmaõ perdoar a outro, he ver, como em figura de enigma, & por iſſo como em ſemelhança: *In ænigmate*, o roſto de Deos, q̃ depois ſe ha de ver: *Facie ad faciem.* Façaõ iſto meſmo os que iſto ouvem; façaõ o que Chriſto fez na Cruz, pedindo perdaõ, & naõ vingança para os ſeus inimigos: *Pater, dimitte illis*; dando o Ceo a Dimas, que pouco antes o havia blaſfemado: *Hodie mecum eris in paradiſo*; & tambem viſta nos olhos (como dizẽ) ao Soldado, que lhe meteo a lança: *Lanceâ latus ejus aperuit.* E to-

1. ad Cor. 13. 12. Ibid. Luc. 23. 34. Ibid. 43. Joan. 19 34.

das

dás eſtas acções lhes grangearáõ ſemelhança de Deos, como fizeraõ a Chriſto, que ſendo antes, & tambem na meſma Cruz reputado por homem indigno de todo o acatamento, & reſpeyto: no meſmo tempo o olhàraõ, como a Filho de Deos, & por iſſo muyto mais que ſemelhante ſeu: *Verè Filius Dei erat iſte.* Havẽdo quem zelando o bem alheyo tanto, como ſe foſſe proprio, ſoccorrer aos que ſe arriſcaõ a abrazarſe nas fornalhas de Babylonia ſenſual: ainda ſendo homem, & naõ Anjo, qual era o q̃ ſoccorria aos lançados naquellas chamas aceſas pela idolatria; ſe parecerà com Deos: *Similis Filio Dei.* Dem a maõ, & naõ o mao conſelho; deſviem, & naõ precipitem; reprehendaõ, & naõ louvem aos que ſe vaõ arrojando nos incendios do amor deſordenado: & no ſeu roſto ſe verà copiado o de Deos: *Speties Dei.*

Matth. 27. 54.

Dan. 3. 92.

Ibid.

Soledade.

§. XI.

22 QUem a padece, deſcança cõ a padecer: a ſua pena he entaõ o ſeu deſcanço; & por iſſo he a mayor pena. Porque naõ logrando a companhia, que perdeo, abraça a dor de naõ ſe ver acõpanhado: no ſofrimẽto da meſma dor acha o

ſeu alivio; & eſte he entaõ o ſeu mayor tormento. Padecer, para aliviar: ou aliviar com o padecer. He experiencia ſabida em toda a pena, quando he a mayor: por ſe lhe naõ achar alivio, o ſeu menos doer, he deyxalla atormentar. Tal ſe vio o paciente Job, quando ſó ſem a companhia dos ſeus amigos: *Queritur ab amicis deſeri.* E taõ atormentado ſem elles, que ainda os tres que teve preſentes, & o foraõ a conſolar: *Cùm conſolaturi ipſum venerint*: foy como ſe os naõ tiveſſe; pois elles foraõ os que mais o atormentàraõ: *Queritur iſtos contrarium præſtare.* Duas vezes entaõ ſó ſem amigos: quando os tinha auſentes, ſó; porque os naõ via: & quando eſtavaõ preſentes, tambem ſó; porque a ſua companhia o naõ aliviava. E o remedio de que lançou maõ eſte ſolitario de amigos, foy o ſofrimẽto da ſua dor, & naõ querer jà alivio: naõ ſuſpirando por huns, nem querendo ouvir os outros: *Utinam tacere-tis.* Eu (podemos conſiderar, que vinha a dizer Job) eu, ou ſofrendo a pena da voſſa auſencia, ou aliviandome vòs cõ o que me dizeis na preſença; mais quero padecer a minha dor comigo, do que alivialla comvoſco: *Superponite digitum ori veſtro.* As faltas da voſſa conſolaçaõ, q̃ antes para mim eraõ

Tyrin. in Job, & communiter Patres.

Job 13. 5.

Job 21. 5.

eraõ amargoſo bocado, & eu o naõ podia goſtar: *Quæ priùs nolebat tangere anima mea*: já agora vendome taõ anguſtiado entre os que eu deſejava para alivio; eſta meſma falta he já para mim ſaboroſo prato: *Nunc, præ anguſtia, cibi mei ſunt.* Viver do que atormenta, naõ he novidade no mundo entre os ſolitarios: já David hum ſolitario como Job, o diſſe: & como Job o experimentou. David, por chegar a ſuſtentarſe de lagrimas: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes die, ac nocte.* E Job, por ſe ver alimentado de penas: *Cibi mei ſunt.* A hum, pondo a meſa deſtes pratos, os amigos, que alli tinha: & ao outro, hum Saul, & hum Abſalaõ, que havia tido. Eſtes obrigando a David a viver por alivio em ſolidões: *Elongavi fugiẽs, & manſi in ſolitudine.* E aquelles, ſem divertirẽ a Job de appetecer por alivio as ſoledades: *Nunc requieſcerem cum regibus, qui ædificant ſibi ſolitudines.* Aſſim deſcançaõ os ſolitarios, como David, & como Job, tendo nas ſuas ſolidões o alivio do eſtar ſó: & ſendo eſſe alivio, ſeu tormento; com razaõ hum, & mais o outro. A razaõ de Job, já elle a diſſe: as penas, q̃ antes eu naõ podia tragar: *Quæ priùs nolebat tangere anima mea*, foraõ depois o alimento no meu deſemparo: *Nunc, præ anguſtia,*

Job 6.7.

Ibid.

Pſalm. 41. 4.

Pſalm. 54. 8.

Job 3. & 14.

cibi mei ſunt. E a razaõ de David, diz elle meſmo perſeguido de ſeus inimigos,& deſcançando ſobre as ſuas perſe-
Pſ.4.9. guições: *In idipſum dormiam, & requieſcã*; que he o meſmo, diz
Genebr. in Pſal. hic. hum Commento: *Simul cum eis, quantumvis hoſtibus, pacificè dormiam.* E he o q̃ lemos em outro, fallando nelle David com Deos, & dando o motivo de ſe achar deſcançado, quãdo perſeguido. Deſcanço agora: *In idipſum dormiam, & requieſcã*; porque vós quizeſtes, q̃ eu padeceſſe eſtando ſó:
Pſ.4.10. *Quoniam ſingulariter conſtituiſti me.* Que tãto monta, como dizer:
Euthy. Monac. ex veterib. Patrib. in Pſal. porque me puzeſtes ſolitario: *Quoniam ſingulariter habitare me feciſti.* Eſtar em ſingular, naõ ſe diſtingue muyto do eſtar ſó; porque he eſtar ſem a companhia de muytos. E taõ ſó (vay dizendo o meſmo Cõmento) q̃ naõ menos, q̃ com a ſolidaõ de hũa ſepultura cõpàra eſta ſingular ſolidaõ: *Singulariter habitare me feciſti.* Se o corpo ſepultado (conſidera o ſagrado Interprete) pudeſſe fallar, & lamentar a ſua ſolidaõ; bem diria: deſcanço ſem a minha alma aqui ſó; porque Deos me quiz pôr aſſim ſolitario neſta ſepultura. *Beatus David veluti ex corporis ſui perſona ſermonem formans, ait: habitare me feciſti in ſepultura, & conſtituiſti me ſingularẽ, ac ſolitarium, à propria-*
Idem Euthy. ibid. in Bibliot. max.

que

que ac ſocia mihi anima disjunctum. Aqui eſtou ſem a companhia da minha alma na ſolidaõ deſta ſepultura, onde vòs aſſim me puzeſtes. E aqui meſmo,& ſobre iſſo meſmo deſcanço: *In idipſum dormio, & requieſco.*

23 Iſto,que naõ he mais que Emblema, para repreſentaçaõ dos que deſcançaõ na ſua pena; para ſignificativo daquelles que no abraço da ſua dor ſoſſegaõ ſobre o ſeu tormẽto; he o que naõ ſem fundamento deſcobre tambem a razaõ. Eu, (póde dizer hum dos atormentados da ſoledade, para que ſe reſolva a deſcançar ſobre o ſentimento da ſua ſolidaõ) Eu, quando me vejo entre as trevas da noyte, naõ poſſo deyxar de padecer a falta da luz do dia; & de tal ſorte a padeço, que ſeria mayor tormento,ſe eu lidaſſe em me livrar da ſua cauſa: ſe eu quizeſſe fugir das ſombras, que entaõ me cercaõ. Pois, ſe eu naõ poſſo naõ eſtar entre as trevas da noyte,em que me acho: & livro de mayor tormento, naõ me cançando em divertir o mal,que entaõ padeço; quanto a elle me entrego, tanto ſobre elle deſcanço. Nos braços da noyte repouſo, & jà as ſuas trevas quero: *In idipſum dormio.* Noyte he hũa ſoledade; porque ſem a jucunda viſta da companhia auſente; triſte, &

eſcuro aſſento de trevas, & de ſolidaõ. E ſe eu (diz o ſolitario) naõ me poſſo livrar deſta ſolidaõ, apartar deſtas ſombras, & deſembaraçar deſtas trevas: & ſerà intoleravel, & infruſtuoſo trabalho, ſe no tempo, em q̃ me acho ſó, quizer naõ eſtar como me acho; mais deſcanço, em quanto ſobre tudo iſto me deyto: *In idipſum requieſco.* He verdade, q̃ a hora deſte deſcanço, naõ deyxa tambem de ſer hora de tormento. Como he de ſoledade, naõ ſe ſuſpẽde a dor do eſtar ſó, ainda quando cõ eſſa dor, porque a naõ póde deyxar, ſe abraça o ſolitario. He como o abraço de Jacob, quando lutou com o Anjo; tanto tinha de abraço, como de luta. E de tal ſorte, que do meſmo modo, que o ſolitario naõ quer deyxar a ſua dor, em quanto por deſafogo ſe entrega a ella; tambem Jacob naõ queria deyxar a ſua luta, em quãto naõ conſentia, que ſe deſataſſe dos ſeus braços o ſeu lutador: *Non dimittam te.* Naõ, porq̃ elle lutaſſe, fazendo eſtas noſſas conſiderações; mas, porque vendo-o nòs naõ querer ſair dos braços, que entaõ o detinhaõ; temos nelle figura, que nos moſtra, poder haver lida, que pareça deſcanço: luta, que ſeja abraço. Aſſim como na ſoledade póde haver ſolidaõ, que ſe repute alivio do eſtar ſó: quãdo Gen. 32. 26.

o ſo=

o ſolitario, no tempo de chorar a falta da cõpanhia, que teve, toma para deſafogo as meſmas lagrimas, que chora. Quando faz o que tambem fez Jacob chorando a auſencia de ſeu filho Joſeph: queria com lagrimas aliviar lagrimas: com as lagrimas choradas no inferno temperar a amargura das lagrimas choradas em caſa: *Deſcendam lugens in infernum.* Naõ ſe lhe repreſentou outro alivio, para deſafogar o coraçaõ do mar das ſuas lagrimas, ſenaõ ſó a deliberaçaõ de as chorar: *Deſcendam lugens.* Iſto meſmo, ou mais q iſto meſmo fez Elias, quãdo ſentindo perder a vida, que lhe mandava tirar Jezabel, aliviava eſſe ſentimento, deſejando perdella: *Petivit animæ ſuæ, ut moreretur.* Parecialhe alivio da morte ameaçada, a meſma morte deſejada: *Petivit, ut moreretur.*

Gen. 37. 35.

3. Reg. 19. 4.

24 Eſtas ſaõ as diſtinções, q faz o amor ſaudoſo na auſencia do bem amado: faz, que o ſolitario finta a dor da ſua ſoledade; & q em ſe conformar com a meſma ſoledade, ache deſafogo no ſeu meſmo ſentimento. Que verta lagrimas ſaudoſo; & ſe conſidere aliviado com as meſmas lagrimas, q verte, divididas hũas lagrimas de outras: as que ſaõ da dor, das que ſaõ do alivio. Aſſim como na creaçaõ do mũdo dividio o Firmamẽto hũas

Gen. 1. 6. hũas aguas de outras aguas: *Fiat firmamentũ in medio aquarũ, & dividat aquas ab aquis*; as Ibid. 7. q̃ *erant ſub firmamento*, das q̃ *erant ſuper firmamentũ*. Como ſymbolo Ibid. de tribulações ſe conſideraõ as aguas: aſſi porq̃ ellas tambem afogaõ, como por ſuccederem hũas depois das outras. Quaes as ondas do mar, onde desfeyta hũa, outra ſe levanta, parecendo que ſe vaõ para voltarem. E ſe là o Firmamento dividia hũas aguas das outras; agora a firmeza de hũa alma conſtante: *Firmitas, & conſtantia animæ in Deo*, Corn. hìc. dizem os que moralizaõ eſta diviſaõ de aguas; he a que no meſmo tempo faz ſoportar o pezo das aguas, que atribulaõ, & abraçar a conſolaçaõ das que aliviaõ: *Suſtinet aquas ſuperas, ideſt, proſperitates; & aquas inferas, ideſt, adverſitates.* E nòs, accommodando eſta diviſaõ de aguas proſperas, & adverſas, à diſtinçaõ que conſideramos em hũa ſoledade entre as lagrimas, q̃ afogaõ os olhos, & as q̃ os olhos vertem para ſeu deſafogo, tambem dizemos o meſmo. *Firmamentum, ſeu firmitas animæ dividit, & ſuſtinet has, & illas lacrymas*: as que o pezo da dor faz: *lacrymas inferas*; & as que o alivio da conſolaçaõ faz: *ſuperas.* E paſſando nòs de hũa accommodaçaõ para outra: da diviſaõ das aguas do Firmamẽto:

to: *Dividat firmamentum aquas ab aquis*, para aquellas correntes das
Iſai. 35. 6. aguas do deſerto: *Sciſſæ ſunt in deſerto aquæ:* achamos no material das palavras de Iſaias, ſem attendermos ao ſeu ſentido profetico, a individuaçaõ das lagrimas de hũa ſoledade:
Ibid. *Sciſſæ ſunt aquæ, & torrentes in ſolitudine.* As lagrimas, que divide o Firmamento, ou a firmeza de hum ſolitario ſaudoſo, & conſtante em padecer a ſua pena; ſaõ lagrimas choradas em ſoledade: *Torrentes in ſolitudine.* Hum rio traz a dor do coraçaõ eſtillada pelos olhos; outro, regando a boca, & goſtando eſta a ſua amargura; por ella ſe encaminha outra vez ao coração, q̃ acha abraçado com a meſma dor, como com o ſeu alivio. Então he, que ſe experimenta aquelle impoſſivel advertido por Job: *Poteſt aliquis* Job 6. 6. *guſtare, quod guſtatum affert mortem?* As meſmas lagrimas de hum ſolitario: *Torrentes in ſolitudine*, pódem ſer mortaes, & goſtoſas: *Afferre guſtatum, & mortem.* Choradas, amargão: *Afferunt mortem*; & engolidas, goſtãoſe: *Poteſt aliquis eas guſtare.* Como então ſe tomão por alivio, tem o amargor de pirolas, & o goſto de remedio. O meſmo Job, que duvidava, poderem entre ſi convir eſtes dous cõtrarios, amargura, & goſto; em algum tẽpo

os

os poderia elle ver cõcordados. Se por caſo ſe viſſe na ſolidão, que deſejava; & como elle diz, no deſcanço da meſma ſolidão: *Requieſcerem cum regibus, qui ædificant ſibi ſolitudines*, veria entaõ vencido o ſeu impoſſivel: *Poteſt aliquis guſtare, quod guſtatum affert mortem.* Veria outra vez na ſua propria experiencia, como o meſmo prato lhe amargava, & dava goſto; era de pena, & ſuſtentava: *Quæ nolebat tangere anima, cibi erant.* Quem experimentava eſte deſafogo do ſentimẽto, ſuſtentãdo-ſe da ſua dor em caſa; melhor experimentaria iſto meſmo na ſua deſejada ſolidão: *Nunc requieſcerem.* Nem, porque na ſoledade ſe não percebe ſenſivelmente o alivio, que tem o ſolitario, quando como Job, padecendo deſcança; deyxa elle de experimentar o que dizemos. Eſſe meſmo he o alivio, ou deſcanço do que ſe vè sò; deſcança quando eſtà penando, porque ſe abraça com a ſua meſma pena, deliberado a padecella. E para explicarmos, ou entẽdermos concordes eſtes extremos aſſim oppoſtos, pena, & deſcanço; amargura, & goſto; nos faz S. Paulo olhar para outros do meſmo modo contrarios, lagrimas, & alivio; para os que chorão, como ſe não choraſſem: *Qui flent, tamquã non flentes.*

Joñ 3. 13. & 14. 1.

2. ad Cor. 7. 30.

Nelles

Nelles nos inſinúa hũ exemplo, para podermos ſuppor, q̃ pódem haver lagrimas, que correm, porque ha dor: & que os meſmos que as choraõ, parece que naõ ſentem dor, ainda quando ellas correm: *Tamquam non flentes.*

25 Todo eſte diſcurſo tem ſido até aqui argumento da pena, & mais do ſeu alivio na meſma hora da ſoledade. Mas, porque eſte alivio he o abraço da meſma pena tomada para deſcanço; a dor da ſoledade aſſim aliviada vem a ſer a mayor dor. Menos eſta dor ſe ſentîra, quando ſó atormentaſſe: porèm atormentar, & o meſmo alivio ſer tormento; he dobrar a dor, & naõ alivialla. He tormento hũa vez, quando he dor; & quando he alivio, he outra vez tormento. Tornemos ao principio, donde deduzimos eſte argumento: & ſe bem ſe for advertindo, apparecerà pena, tudo o q̃ até agora chamavamos alivio: & aſſim havia de ſer, para ſer incomparavel a dor da ſoledade. Havia de ſer pena para Job a mudez dos amigos, quando o deyxaſſem de conſolar; havendo elle deſejado antes a meſma mudez, para ſe aliviar: *Utinam taceretis.* Havia de animarſe a ſofrer, para deſafogar o ſentimento; & o alimento com que ſe alentava para ſofrer, era das penas, que padecia: *Cibi mei ſunt.* Job 13. 5. Job 6. 7.

Para

Para ſer menor aquella dor da ſoledade de David, com que elle ſe aliviava fugindo: *Fugiens manſi in ſolitudine*; o ſeu deſcãço para alivio, era o fugir perſeguido: *In idipſum dormiam, & requieſcam.* Poſto que agradecia a Deos a vida, que lhe dera de ſolitario: *Quoniam ſingulariter habitare me feciſti*, o alivio em que ſe conſiderava, era de ſepultado: *In ſepultura conſtituiſti me ſingularem.* Jacob naõ ſe queria deſatar dos braços do Anjo: *Non dimittã te*, & mais todo aquelle tempo de abraçado, era trabalho de lutador: *Luctabatur cum eo uſque manè.* Quando na auſencia do ſeu filho Joſeph naõ admittia o alivio, que os outros filhos lhe davaõ: *Noluit conſolationem accipere*; o que ſó ſe lhe repreſentava lenitivo da dor, era amargura de lagrimas, que vertia: *Deſcendam lugens.* Naõ deyxava de ſer dor de morte, o que Elias deſejava para naõ ſentir o morrer: *Petivit animæ ſuæ, ut moreretur.* Nem deyxaõ de ſer lagrimas, as que a firmeza de hũa alma ſaudoſa chora para alivio; aſſim como as que lhe faz verter a dor, ſaõ ſempre lagrimas; naõ ſe lhes adoça o amargor, ainda q̃ aquella firmeza, qual o Firmamento, diſtinga hũas de outras: *Dividat lacrymas à lacrymis.* Se por ſerem lagrimas de ſoledade: *Torrentes*

Pſ. 54. 8.
Pſ. 4. 9.
Euphy. ſuprà.
Gen. 32. 26.
ibid. 24.
Gen. 37. 35.
ibid.
3. Reg. 19. 4.
Iſai. 35. 6.

in

in ſolitudine, hũas ſaõ como derio ſolto dos olhos ſentidos da dor; & outras, parece que ſaõ de outro, bebidas pelo ſofrimento; o ſofrellas, naõ he alivial-las; mas antes he conſervallas. He ſempre chorallas o ſolitario: *Flens*, ainda que pelas ſofrer, ſe haja *Tamquam non flens*. Em quãto ſe conſideraõ lagrimas de quem parece que naõ chora; ſaõ por iſſo lagrimas de algum alivio: *Lacrymæ tamquam non flentis*. Porèm ſempre ſaõ lagrimas de pena; porque no meſmo tempo ſaõ lagrimas de quem verdadeyramente chora: *Lacrymæ flentis*. Eſtes ſaõ os deſcanços, & os alivios dos que choraõ as ſuas ſoledades: na meſma hora em que deſcançaõ, padecem; & he tempo de tormento, o meſmo que he de alivio. Razaõ, porque as lagrimas da mãy de Tobias, vendo-ſe ella na ſua ſoledade pela auſencia do filho; eraõ lagrimas ſem remedio: *Flebat mater ejus irremediabilibus lacrymis*. Tob. 10. 4. Como no meſmo tempo, em que ellas eraõ o commum alivio, que ſe conſidera nas lagrimas, eraõ lagrimas ſem remedio: quanto choravaõ os olhos para alivio, tanto corriaõ as lagrimas para pena. Naõ ſó eraõ lagrimas irremediaveis em ſi, mas tambem irremediadoras dos olhos: irremediaveis em ſi; porque

porque ſe lhes naõ podia adoçar a ſua amargura: & irremediadoras dos olhos; porque lhes naõ aliviavaõ a ſua pena. Por iſſo eraõ tormento, no meſmo tempo do alivio; porque eraõ duas vezes lagrimas ſem remedio: ſem remedio para ſi, & ſem remedio para os olhos. Tudo iſto vinha a dizer aquella Mãy, quando ſe lamentava ſó ſem o filho, chamandolhe
Ibid. luz dos ſeus olhos: *Lumen oculorum noſtrorũ.* Naõ ſe remediavaõ as lagrimas; porq̃ ſe naõ enxugavaõ os olhos, & no meſmo tempo lhe impediaõ a viſta. E naõ ſe remediavaõ os olhos; porque tambem neſſe tempo choravaõ, como perdida a ſua luz: *Lumen oculorum.* Deſenganemſe pois, todos os q̃ choraõ as ſuas ſoledades; todo o alivio que lhes buſcaõ, entendaõ, que he tormento, que lhes dobraõ. Agar, para aliviar a pena de ver morrer o filho, tirava delle os olhos: *Non videbo morientem puerũ.* Gen. 21. 16. Vendo, que tambem lhe morria a luz dos ſeus olhos, ſe viſſe morrer o filho: o alivio, q̃ buſcou para os olhos, foy perder o filho de viſta: *Abijt, ſeditque* Ibid. *è regione procul.* Dobravaſelhe a dor do coraçaõ; porque o alivio, que dava aos olhos, tãbem no coraçaõ era dor. Dor hũa vez, em quanto Agar naõ via o filho vivo: & outra vez dor, em quanto o

naõ

naõ queria ver morto. Como naõ ſe havia de dobrar a dor daquella mãy nos deſertos de Berſabè, ſe ella quiz buſcar alivio para a ſua ſolidaõ? Se aos que padecem a dor da ſoledade, atormenta mais o alivio, por ſer tambem tormento? Por ſer dor de hũa mãy naõ ver o filho, ainda que morto, ſobre a dor de o naõ ver vivo: *Non videbo morientem puerum?*

PALAVRA DE DEOS Desatada.

T

Testemunhas.

§. I.

1 NAõ provaõ melhor a verdade, as mais em numero, ſenaõ as mais calificadas, ainda que ſejaõ menos. Taes foraõ as que levou Jacob em tres ſentidos do corpo, para provar diante de ſeu pay Iſaac, que elle era o ſeu filho Eſaù: o goſto, o tacto, & o olfacto. O goſto, na iguaria pedida, & logo apreſentada: *Quomodò tam citò invenire potuiſti, fili mi.* Gen. 27. 20. O tacto, pelas mãos por elle tocadas: *Manus ſunt Eſau.* Ibid. 22. E o olfacto, com a fragrancia do veſtido do irmaõ: *Ecce odor filij mei.* Ibid. 27. E todos eſtes ſentidos naõ diziaõ

diziaõ verdade, ſó a dizia o ouvido. Só eſte ſentido affirmava, que aquelle filho de Iſaac era Jacob: *Vox quidem, vox Jacob eſt.* De ſorte que as teſtemunhas, q̃ faziaõ mayor numero, naõ eraõ as que fallavaõ verdade; & ſó a dizia a mais fidedigna, ainda que hũa ſó: o lẽtido do ouvir, era o q̃ ſó a proteſtava: *Vox quidem, vox Jacob.* Cõ eſtes enganos de Iſaac prova S. Bernardo, que o goſto naõ podia fallar verdade: *Non in guſtu veritas, etſi ſuavitas.* Menos a podiaõ dizer as mãos: *Manus ſunt Eſau; nihil falſius.* Muyto menos os olhos do Patriarcha: *Qui nihil videt.* E ſó o ouvido a havia de affirmar: *Solus habet auditus verum.* E naõ valeo a Eſaù hũa teſtemunha taõ verdadeyra; porq̃ Iſaac, que fazia o exame de todas, eſtava cego. Se elle dera a attẽçaõ, que devia, àquella que lhe fallava verdade; naõ o enganariaõ, nem o prato, nem as mãos, nem a gala. Tanto como iſto importa a quem ama, & zela a inteyreza da juſtiça, a exacta averiguaçaõ da verdade; para naõ ſe dar a Jacob, o que he de Eſaù. Ha de fazer, o que nòs fazemos attendendo à verdade do Sacramento da Euchariſtia. Sendo quatro os ſentidos, que nos dizem ſer paõ, & vinho, o que ſe come, & bebe neſte diviniſſimo

Ibid 22.

D. Bern. apud Corn. hic.

Sacramento: o tacto, o olfacto, o goſto, & a viſta; ſó eſtamos pela verdade da Fé, que nos perſuade o ouvido: *Fides ex auditu*: ſó cremos o que ouvimos dizer a Chriſto: *Caro mea verè eſt cibus: ſanguis meus verè eſt potus.* Dizendonos tantas teſtemunhas o que naõ he; acertamos com a verdade, porque ſó attendemos a hũa, que nos diz o que he: *Caro eſt cibus: ſanguis eſt potus.*

Ad Roman. 10. 17.

Joan. 6. 56.

Trabalhos.

§. II.

2 MAis proveytoſos ſaõ os que Deos nos dà, do que os deſcanços, que nòs tomamos. O deſcanço tomado por Jonas no tempo da tormenta: *Dormiebat ſopore gravi*, o levava a perigar no naufragio: *Navis periclitabatur cõteri.* E depois que por vontade de Deos foy lançado ao mar: *Tulerunt Jonam, & miſerunt in mare*, chegou ſeguro ao porto, & o poz a Balea em terra: *Evomuit Jonam in aridam.* No ſeu deſcanço perigava; & do perigo em que Deos o meteo, ſahio ſalvo. Naõ livràra Noè das aguas do diluvio, ſe Deos naõ as tivera mãdado do Ceo: *Ego pluam ſuper terram quadraginta diebus, & quadraginta noctibus.* Aguas, & ondas ſaõ o ſymbolo das tribulações; quando eſtas vẽ da maõ de Deos, naõ temaõ

Jon. 1. 5

Ibid. 4.

Ibid. 15.

Jon. 2. 11.

Gen. 7. 4

temaõ os ſeus atribulados. Bem pódem paſſar com ſoſſego os dias, & em deſcanço as noytes; porque Deos he o que as manda vir ſobre elles: *Ego pluo.* Naõ eſtà o perigo em dormir o atribulado por Deos; em dormir Jonas no tempo da tormenta. Em dormir Deos, que he o Atribulador, quãdo os Apoſtolos ſe vẽ ſumergidos das ondas: *Ipſe verò dormiebat*, entaõ he todo o perigo: *Domine, ſalva nos, perîmus.* Jà que ſois o Author deſta tempeſtade, & o que permittis eſta tribulaçaõ; vòs ſois o que nos haveis de ſalvar, & não convèm agora dormir: *Salva nos.* Não coſtumão ſer aſſim os deſcanços, em que confiaõ os homens; dormem ſobre o ſoſſego, & acordão para o trabalho. Ainda agora Jonas deſcançando ſobre os braços do ſono; & logo lutando com as ondas do mar. Ainda hontem Adam em hũ Paraiſo podendo ſer immortal; & logo hoje lançado fóra, ſem poder deyxar de morrer. O que aqui diſcorremos, naõ ſe entende ſó do deſcanço, que he deſcuydo; tambem ſe accommoda ao deſcanço, que he confiança. Taõ ſugeyto vive aos pezares do trabalho, quem dorme ſobre o deſcuydo, como quem na confiança ſó tem o cuydado. O primeyro paſſa do ſono ao traba-

Matth. 8.24.

Ibid. 25.

lho; & o ſegundo padece o trabalho no meſmo deſcanço. Quanto mais confia, & deſcança nos que lhe pódem valer; mais deve temer, que lhe poſſaõ faltar. Quem viſſe ao Templo de Dagaõ deſcançando ſobre fortes colunas, nunca lhe pareceria, que por faltarem as colunas, ſe arruinaſſe o Templo. E com tudo, aonde ſe conſiderava toda a ſua firmeza, teve a ſua ruina toda: *Concuſſis fortiter columnis, cécidit domus.* O ſeu meſmo deſcanço foy o ſeu caſtigo; mas antes, ſenaõ deſcançàra ſobre as colunas, naõ tivera Samſaõ de que pegar, para o fazer cair. Deſcancem embora os dependentes do mundo ſobre as colunas, que os ſuſtentaõ; & vejaõ, ſe tem nellas ſeguro encoſto. Vejaõ, ſe tem as meſmas colunas por onde lhes poſſaõ pegar, & fazer que a eſſa confiança ſucceda a ruina; & ao ſeu grande deſcanço mayor trabalho: & ſe diga, que aquella fabrica de commodidades levantada ſobre as ſuas colunas, faltou, cahio, & deſappareceo: *Concuſſis fortiter columnis, cécidit domus.*

Judic. 16. 30.

3 Levantemos mais a conſideraçaõ, & ſupponhamos a caſa em pé, & as colunas firmes: o encoſto ſeguro, & a pretençaõ lograda. Ainda aſſim, o q̃ neſſa caſa teve mando, naõ deſcançou livre do trabalho. Taõ inſepara-

veis

veis ſaõ como iſto no mundo deſcanço, & pezo, ainda nos ſeus ſoberanos, & poderoſos: logo começaõ com elles emparelhados. Quãdo vaõ ſubindo para os ſoſſegos do throno, jũtamente começaõ a ſofrer os pezares do mãdo. O Vice-reynado de Joſeph começou a apparecer por ſonhos: Gen 37. 6. & 9. *Audite ſomnium meũ, quod vidi &c. vidi per ſomnium &c.* Supponho ſabida a hiſtoria de hum, & outro ſonho, & por iſſo a naõ eſtendo. E quando os irmãos lhe começàraõ a deſcobrir o mando ainda ſó por figuras ſonhadas; logo ſe lhe oppuzeraõ, & o perſeguiraõ inveIbid. 1 joſos: *Invidebant ei igitur fratres ſui.* A eſtimaçaõ em que Balthaſar teve a Daniel, começou na offerta, que lhe fez da purpura: *Purpurâ veſtiêris.* Dan. 5. 16. E logo ao principio da ſua poſſe o teve tambem a emulaçaõ dos Corteſãos de Dario, que buſcavaõ affectado pretexto: *Quærebant occaſionem,* Dan. 6. 4. para o divertirem da ſua preſença: *Ex latere regis.* Ibid. A fortuna de David começou com a morte do Filiſteo: *Prævaluit adverſùm Philiſthæum.* 1. Reg. 17. 50. E o meſmo valor, que lhe havia grangeado as inclinações de Saul; quando elle depois o ouvio cantado em repetidos córos: *David percuſſit decem millia,* 1. Reg. 18. 7. lhe deo motivo para mais o naõ ver com bons olhos:

Ibid 9. *Non rectis oculis Saul aſpiciebat David à die illa.* De maneyra, que fendo os thronos, & os lugares mais levantados do mundo, invejados aſſentos do deſcanço, aonde os grandes ſaõ adorados, & naõ chegaõ as tribulações dos pequenos; nem por iſſo ſe ſóbe a elles, ſem que os primeyros degraos ſejaõ no meſmo tempo de deſcanço, & de trabalho. Eſcaſſamente ſonha Joſeph, que ha de deſcançar reynando; & o meſmo ſonho o fez Gen 37. 28. ir vendido: *Vendiderũt eum Iſmaelitis.* Veſte Daniel as roupas Reaes promettidas; & a meſma purpura, que lhe prognoſticava o deſcanço da vida, o levou para a leoneyra: Dan. 6. 16. *Miſerunt eum in lacum leonum.* Corta David a cabeça ao Filiſteo; & devendo-ſe à ſua eſpada a paz, & quietaçaõ de todo o Iſrael; a meſma maõ, que a empunhou, provocou contra elle a lança: *Miſit eam Saul,* 1 Reg. 18. 11. *putans quòd configere poſſet David.* E naõ he muyto que ſejaõ os deſcanços dos Grandes aſſim inſeparados dos trabalhos em todos os mandos do mundo; quando o mayor que nelle ſe vio, experimẽtou o meſmo. Eſte foy o de Chriſto, que ainda muyto antes que começaſſe, jà o Profeta lho tinha viſto ſobre o hombro: *Factus eſt* Iſai. 9. 6 *principatus ſuper humerum ejus*; & naõ na cabeça, ou maõ, como repàra

repàra Tertulliano: *Inſigne poteſtatis ſuæ humero præfert, & non aut in capite diadema, aut in manu ſceptrum.* Na cabeça naõ, onde deſcança a ſoberanîa: nas mãos tambem naõ, onde ſe aſſenta a potencia: & no hombro, ſim; onde carrega o mando: onde eſtando o demonſtrativo da Mageſtade repartido por cabeça, & mãos; no meſmo tẽpo péza o mando todo ſobre o hombro: *Principatus ſuper humerum.* Ou, como conſidera Cornelio, o que tem o mando, he o meſmo q̃ hombro. *Principatus geſtatur humero; ut ſignificetur Principem debere eſſe quaſi humerum populi, ut ejus onera inſtar humeri ferat.* Faz o hombro dos que ſe ſugeytaõ ao pezo do mãdo, o meſmo que faz o coraçaõ dos que ſe rendẽ às finezas do amor, & naõ faltaõ aos rendimentos obrigados. Aſſim como neſtes, regulando-ſe pelo exemplar do mayor amor, deve deſvelarſe o coraçaõ, quando deſcança o corpo: *Dormio, cor vigilat;* naquelles, deſcançando a ſoberanîa, & a potencia, ſempre o mando ha de eſtar carregando no hombro: *Super humerum.*

Tertul. lib. contra Jud

Corn. in hic.

Cant. 5. 2.

4 Naõ diremos nòs o meſmo dos trabalhos, que Deos dà, ainda quando ſaõ de mando, & ſoberano imperio. Se ſaõ jugo, tãbem ſaõ ſuavidade: *Jugum meũ ſuave.* Se ſaõ pezo, tam-

Matth. 11. 30.

tambem ſaõ alivio : trabalho : *Omnia poſ-* Ad Phi-
Ibid. *Onus meum leve.* Naõ *ſum in eo, qui me confor-* lip. 4. 13.
poz Chriſto ſobre os *tat.* Naõ naceo o Bau-
hombros de S. Pedro o tiſta para ſofrer as aſ-
edificio da ſua Igreja : perezas do deſerto, & a
Matth. 16.18. *Super hanc petram,* ſem tyrannia do martyrio,
que elle foſſe o que a ſem vir logo do naci-
Ibid. fabricaſſe : *Ædificabo* mento ajudado da maõ
Eccleſiam. S. Pedro ſu- de Deos : *Manus Do-* Luc 1. 66.
geytando os hombros : *mini erat cum illo.* Se
Chriſto levantando o para as ſuas prégações
edificio. Para a parte da penitencia colherẽ
do Diſcipulo carregan- o fruto do ſeu incanſa-
do o pezo : & da parte vel trabalho, haviaõ di-
do Meſtre andando a zer as ſuas palavras cõ
fabrica : *Super hanc pe-* as obras ; naõ dava elle
tram ædificabo. Naõ para o que dizia, as pa-
meteo a S. Paulo nos lavras : *Ego vox,* ſem Ioan. 1. 23
trabalhos, & exaltaçaõ que para o que obrava,
Act. A- poſt. 9. 15. do ſeu nome : *Ut portet* déſſe Deos a maõ : *Ma-*
nomen meum, ſem o pre- *nus Domini cum illo.*
venir com a ſua eley- Moyſes mandado por
Ibid. çaõ : *Vas electionis eſt* Deos com o penoſo
mihi iſte. No meſmo governo do ſeu povo,
nome, em que levava o & trabalhoſo fim da
pezo, tinha as forças ſua liberdade, levava
todas para poder como para ſaber fallar, a pro-

meſſa

meſſa de que tambem elle lhe havia de aſſiſtir: *Perge, & ego ero in ore tuo.* Todo o trabalho deſte mando commettido por Deos a Moyſes havia de vir do obſtinado coraçaõ de Faraò: *Induratum cor Pharaonis.* E para o cuſto do rendimento deſta obſtinaçaõ, igualmente fallava Moyſes, & fallava Deos: *Ero in ore tuo.* David nos muytos, & ſucceſſivos trabalhos, que padeceo depois que reynou; naõ ſó experimentava os ſoccorros da Divina maõ: *Adjutor meus es tu*; mas tambem ſe via emparado dos ſeus braços: *Et ſuſceptor meus.* Para os que padecem no ſerviço de Deos he a ſua acçaõ juntamente trabalho, & pezo; como elle meſmo o reconhece, quando diz: *Venite qui laboratis, & onerati eſtis.* E porque na ſua remuneraçaõ attende a todo o merecimento deſta obra; achava David, que era Deos para elle, *Adjutor, & ſuſceptor.* Para o trabalho pezar menos, *Adjutor*; & para com o pezo naõ trabalhar tanto, *Suſceptor.* Aſſim como diz Genebrardo, que por eſta meſma cõfiſlaõ de David era Deos para elle, *Latebra, & ſcutum; quia docet ſe ſub tutela Dei abſcondi, & defendi.* Em quanto abrigo, *Latebra*; & em quanto defenſa, *Scutum.*

Exod 4. 12.

Exod 7. 13.

Pſ. 118. 114.

Ibid.

Matth. 11. 28.

Genebr. hic.

Traidor,

Traidor.

§. III.

5 POuco diſta de vil traiçaõ, & vileza ſe naõ ſaõ commentos reciprocos; ſaõ ſynonymos conſtruidos. O meſmo foy encaminhar o demonio a Gen. 3. 5. Adam a ſer Deos: *Eritis ſicut dij*; & tambem Ibid. 4. a ſer immortal: *Nequaquam moriemini*, no tempo em que atraiçoado o deſejava ver Gen. 2. 27. morto: *Morte morieris*; & o diſpunha a ſer Gen. 3. 19. em pó desfeyto: *In pulverem revertéris*; ſ̃ abaterſe à vil figura de Ibid. 7. Serpente: *Serpens erat callidior*. Jà hũa vez tinha decido de Anjo do Ceo a ſer Anjo do inferno; quando quiz ſer traidor a Deos, por aſpirar a ſer como elle: *Similis ero Altiſſimo*. E Iſai. 14. outra vez, quando foy 14. traidor ao homem, deceo de Anjo, ainda que do inferno: *Angelus* 2. ad Cor. 12. *Satanæ*, a parecer abatido, & arraſtado animal: *Serpens*. Quem na 7. boca he hum, moſtrando, que deſeja o mayor bem do amigo; & no coraçaõ he outro, fomentando nelle o ſeu mayor mal: o peyto, ſ̃ encobre eſta traiçaõ, anda vilmente arraſtado por terra; como Deos mandou, que andaſſe a Serpente traidora: *Super pectus tuũ* Gen. 3. *gradieris*. E a cabeça, 14. onde a cavillaçaõ ſe fabrîca, he juſto haver quem a traga por debaxo dos pés: *Conteret* Ibid. 15.

caput

caput tuum. Na cabeça, & no peyto do traidor ſe forjaõ as ſuas traições: na cabeça, para ſe diſporem; & no peyto, para ſe encobrirem. E por iſſo eſſas ſaõ as partes, onde a vileza ſe correſponde cõ a traiçaõ: na cabeça ſubmettida ao infimo dos pés: *Conteret caput*; & no peyto abatido por terra: *Super pectus.* Se o traidor olhaſſe para a vileza, a que o rende a ſua traiçaõ, nunca ſeria atraiçoado: a meſma baxeza da diſſimulaçaõ conhecida como tal, o divertiria de ſer fingido. Nunca Saul intentàra alãcear a David, affectando primeyro o agrado de o ter preſente: *Stet David* 1.Reg. 16.22. *in conſpectu meo, invênit enim gratiam in oculis meis*, ſe conſideraſſe, que ficava abatendo de Rey, diſſimulando a averſaõ do vaſſallo. Porèm meteo debaxo dos pés de David a alteza das ſuas idéas, & a nobreza do ſeu peyto, quando o quiz paſſar com a lança: *Niſus eſt* 1.Reg. 19.10. *Saul configere David lanceâ.* Deſta ſorte he abatida a acçaõ do diſſimulado, ainda que ſeja teſta coroada: até as ſuas meſmas armas, que ſaõ honra ſua, quando uſa dellas deſcuberto; quando as move fingido, ſaõ a ſua deshonra. Com as ſuas armas hõrou Saul a David, quãdo o mandava à campanha contra Goliat: *Impoſuit galeam æream* 1.Reg. 17.38. & 39. *ſuper caput ejus, & veſtivit*

ſtivit eum loricâ: accinctus David gladio ejus &c. E aſi meſmo ſe deſauthorizou, quando lhe fez tiro com a lança; quando a encaminhou taõ torcida, quanto o eſtavaõ os olhos, que a guiavaõ: *Non rectis oculis Saul aſpiciebat David.* Quẽ viſſe hontem a David offerecido para ir ao deſafio do Filiſteo; veria honrado a hum vaſſallo com as armas do ſeu Rey. E quem hoje viſſe a Saul deliberado a paſſar com hũa lança a David, depois de o haver vencido; veria a hum Rey deſpindo das ſuas armas aquella honra, com que tinha ennobrecido a hũ vaſſallo. Em ambos eſtes tempos ſahiaõ as armas da maõ de Saul; mas cõ pontarias muyto diverſas. Quando cõ ellas armava a David contra o Gigante; a pontaria era credito da Mageſtade, por ſer cõtra hum inimigo. Porèm quando as queria empregar em David cõ a pontaria contra hum amigo; era abatimento publico da meſma Mageſtade: era ver a hum Saul, *Niſus configere lanceâ David.*

1. Reg. 18. 9.

6 Só reſta entender agora, em que conſiſte eſte abatimento da grãdeza de hum ſugeyto, quando procede fingido. Como ſe póde conſiderar humilde, & abatido o que he aſſim grande, quando obra deſte modo diſſimulado? E podemos dizer, que

que por duas razões: a primeyra, pelo que esta acçaõ tem de furto; & a segunda, pelo que tẽ de temor. Traiçaõ, & furto: medo, & traiçaõ, naõ saõ extremos opposstos, nem desunidos. A ficçaõ, & dolo de Rebecca (prescindindo nòs aqui da permissaõ Divina) foy hũa causa do furto da benGen.27 çaõ de Esaù: *Surripuit* 36. *benedictionem meam.* E na tramoya de Herodes influhio o medo, q̃ elle tinha do Bautista: Marc 6. *Herodes metuebat Joan-* 20. *nem.* E furto, & temor, ainda só considerados em sugeytos de semelhante esfera, saõ desIustre do seu esplendor. Quem quer ser o que os outros saõ; quer tomar para si o que he dos outros; & isto he hum modo de tomar o alheyo, & he furtar por este modo. Em summa o disse Santo Agostinho: *Rapere alterius gloriam, est eam sibi arrogare.* E como todo o furto he traiçaõ; por consequencia a traiçaõ he furto: & aquelle, q̃ dissimuladamente desfaz no bom nome do amigo, acrecentando o seu; quando parece, q̃ lho faz mayor, entaõ lho rouba. Se a honra he de quem a dà; he seu roubador, o que a tira; & por isso vil, abatido, & rasteyro, o que faz estes furtos. Tal ficou o Anjo, querendo para si o ser que he de Deos: *Similis ero Al-* Isai. 14. *tissimo*; & tal fez o demonio ficar ao homẽ, S. Aug. in Ep. ad Phil. infra citand.

per-

perſuadindo-o a que
Gen.3.5 tambem o foſſe: *Eritis ſicut dij*: ambos infieis, & traidores a Deos; & nas ſuas intenções roubadores da ſua Divindade ambos. Naõ foy aſſim, diz S. Paulo, o Filho de Deos, ainda quando depois de feyto Homem, era taõ Deos,
Ad Philip. 2.6. como o Pay: *Non rapinam arbitratus eſt, eſſe ſe æqualem Deo.* Poſto que aſpirar hum a ſer o que he o outro, he hũ modo de furto; ter o Filho de Deos o meſmo ſer do Pay: *Eſſe ſe æqualem Deo*, nem foy furto, nem o podia ſer: *Non rapinam arbitratus eſt.* Furtar, he tomar o alheyo, *invito domino*; & iſto faz aquelle que eſcurece as luzes do outro, para com ellas luzir elle: faz, que quando ſe cuyda, que lhas acende louvando-as; entaõ as apaga, louvando-ſe a ſi, & querendo ſer elle ſó o louvado. Eſte he o que furtando deſte modo, quer luzir com luzes furtadas: *Rapit alterius gloriam.* Porèm o Filho de Deos, nem *invito Patre*, he Deos, nem he Deos por Divindade alheya; ou luz por eſplendor, que deſde que he Deos, naõ ſeja ſeu: *In ſplendoribus genitus*; & por todas eſtas razões, *Non rapinam arbitratus eſt, eſſe ſe æqualem Deo.*

7 Com a vileza do furto ajunta a do temor, o que do modo jà dito he infiel, & traidor ao amigo. Naõ tem animo para viver junto com

com elle; porque o aſſombraõ os ſeus mayores talentos; & os poucos que em ſi reconhece, o acovardaõ para diante delle nem apparecer, nem fallar. O ſeu diſſimular entaõ he temer: tanto tem de atraiçoado, quanto de temeroſo. A todos livre Deos do temor deſte ſeu inimigo; aſſim como David deſejava livrar do temor do ſeu, quando dizia a Deos: *A timore inimici eripe animam meam*: Naõ quizera, Senhor, que o meu inimigo me temeſſe. He commento de Bellarmino ſobre eſta petiçaõ de David: *Petit liberari à timore inimici volentis occidere, tollendo materiam timoris.* Se o meu inimigo teve motivo, para me deſejar a mim a morte, porq̃ lhe dou materia para o ſeu temor; quanto mais me temer, tanto mais ſe ha de animar. Eſta covardia he a que faz aquelles diſſimulados, dos quaes dizemos, nos livre Deos. Se o ſeu animo fingido he *Volentis occidere*, & no amigo deſeja ver mortas aquellas luzes, que ſaõ o motivo do ſeu temor: *Materiam timoris*, taõ certa he a ſua vileza de animo, como o emprego da ſua traiçaõ. A eſtes abatimentos pois de furto, & de temor ſe rendem ainda os mayores do mundo; ſe elevados do que ſaõ, attendem a que os outros naõ ſejaõ; ou a que ſendo os outros mayo-

Pſ. 63. 2.

Bellar. hic.

res do que elles; naõ pareça que elles ſaõ menores. Aquelles, digo, que aſpiraõ, ou a ſerem mayores: ou quando menos, com elles iguaes; ainda que incorraõ em hũa, & outra vileza: na deſte furto, & na deſte temor. E por iſſo acrecentamos nòs à petiçaõ de David: *A furto, & timore inimici eripe animam meam.* Se quiz furtar, ha de fazer traiçaõ; & ha de ſer traidor, ſe temeo. Faz o furto, quando *Rapit, & ſibi arrogat alterius gloriam.* E obra nelle o medo, quando a ſua materia o faz *Volentem occidere.*

Tentaçaõ.

§. IV.

8 TAmbem ſe vence cõ palavras, aſſim como cõ palavras ſe arma. Naõ tomadas no tom da voz, mas na ſignificaçaõ do ſentido; pelo conceyto, & naõ pelo vocabulo. Tentado Chriſto no deſerto, quando o demonio, para o meter no precipicio: *Mitte te deorſùm,* Matth. 4. 6. lhe allegou com o ſeguro de hũa Eſcritura: *Scriptum eſt enim: quia* Ibid. *Angelis ſuis mandavit de te, & in manibus tollent te, ne fortè offendas ad lapidem pedem tuum,* com outra Eſcritura lhe rebateo a tentaçaõ: *Scriptum eſt: non tentabis* Ibid.

tabis Dominum Deum tuum. Se o demonio tentou a Chriſto com hum *Scriptum eſt*, com outro *Scriptum eſt*, lhe encontrou Chriſto a tentaçaõ, & desfez a ſilada: naõ foraõ alli muytas as palavras para a reſiſtencia, como tambem para a tentaçaõ haviaõ ſido poucas. E que boa advertencia, para fazer vitorioſos do demonio, quando elle tenta com palavrinhas, ſenaõ ouvidas, entendidas. Taes, como as da tentaçaõ da ira em Caim para matar a ſeu irmaõ Abel; que devemos ſuppor ſeriaõ eſtas, como ſe póde entender do que nos conta a Eſcritura. Que advertiſſe, lhe diria o Tentador com a ſua eloquencia muda, na deſigualdade de Deos, mais inclinado para ſeu irmaõ, que para elle. Que ſe Abel lhe tinha offertado dos ſeus bens; tambem elle lhe fizera offerta dos ſeus. E que para ſatiſfaçaõ da ſua magoa, naõ convinha que ſeu irmaõ viveſſe: livrando aſſim cõ a ſua morte da perpetua pena, q̃ o atormentaria em toda a vida, vendo diante dos ſeus olhos a quem ſe lhe antepunha mais favorecido dos de Deos. Iſto he o que nos dà a entender a hiſtoria tragica deſtes dous irmãos na ſuſtancia deſtas palavras: *Reſpexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus: ad Cain verò, & ad munera illius non reſpexit:* Gen. 4, 4. 5.

conſurrexit Cain adverſùs fratrem ſuum Abel, & interfecit eum. E ſe Caim ſe valeſſe entaõ, como de eſcudo, do que pouco antes lhe havia dito Deos, quando o vio irado contra Abel: Ibid. 7. *Nonne, ſi malè egeris, ſtatim in foribus peccatũ aderit*; tambem ſem abrir boca, & cõ muyto abbreviada repoſta lhe rebateria a tẽtaçaõ, & triunfaria dos ſeus manhoſos argumentos. Eu naõ devo render-me, lhe poderia reſponder, a eſta tua tentaçaõ: *Non tentabis*; porque ouvi dizer a Deos, que ſe eu fizer algum peccado, logo elle ſe fará manifeſto: *Statim in foribus peccatum aderit.* E ſe eu meſmo me hey de publicar Author deſta morte, que me perſuades; antes naõ ſatisfeyto, que aſſim infamado: naõ quero ver: *In foribus peccatũ meũ.* E he o meſmo que póde ſucceder em todas as tentações do demonio; ou reſiſtindolhe o tẽtado, como fez Chriſto, ou como fez Caim, rendendo-ſe à ſua tentaçaõ. Se podendo o tentado reſiſtirlhe com duas palavras, como pudèra Caim lembrado das que ouvîra dizer a Deos, deyxar de ſe armar com ellas: aſſim como a tentaçaõ venceo a Caim; tambem o vencerà a elle. Serà porèm vencido o Tentador, ſe com outras duas lhe rebater a tentaçaõ, como rebateo Chriſto. Se quando

Gloſ. interl. hic.

o ten-

o tentar de ira, como tentou a Caim; lhe diſſer o que Chriſto diſſe, ſendo delle tentado: *Non tentabis*; porque
Matth. 19.18. eſtà eſcrito: *Scriptum eſt: non homicidium facies.* Se quando o tentar de ſenſualidade, lhe diſſer: *Non tentabis*; porque eſtà eſcrito:
Ibid. *Scriptum eſt: non adulterabis.* Se quando o tẽtar de furto, lhe diſſer: *Non tentabis*; porque
Ibid. eſtà eſcrito: *Scriptum eſt: non facies furtum.* E ſe do meſmo modo ſó com duas palavras lhe reſiſtir a todas as mais tentações, & diſſer: *Non tentabis*; porque quanto eu ſou obrigado a naõ offender a Deos; eſtà eſcrito: *Scriptum eſt.*

9 Com taõ pouco cuſto, como ſó o de duas palavras, póde ſer reſiſtido o demonio; ſendo ditas no ſentido, com que ſe daõ a entẽder, & animadas com a reſoluçaõ, que ſe deve ſuppor. Naõ he entaõ neceſſaria a auſteridade de hum S. Hilariaõ, a aſpereza dos eſpinhos de hum S. Bento, & a ſepultura em vida dos deſterrados pelas Thebaidas, para ſe triunfar do mayor Tentador, & rebater as ſuas mayores tentações. Attẽda qualquer tentado ao formal deſtas palavras (tomemos por exemplo: *Scriptum eſt: non homicidium facies*:) & logo ſe ſentirà armado de conſtancia, & firmeza, para naõ ſe render à tentaçaõ. Advirta, que

he Deos o que as diz, obrigando gravemente a ſer obſervada a ſua ley & entenda, que ſe ella naõ for obedecida; ha de ſer com penas eternas vingada. Animados pois com eſtes eſtimulos, & deſpertadores do que devemos a Deos; & ſendo tudo ſignificado na breve clauſula de hum *Scriptum eſt*; naõ tema o mais perſeguido do demonio ao inferno todo. Deyxe-ſe penetrar de todas eſtas conſiderações na hora da tentaçaõ; & ſentirà em ſua alma a força, que tem taõ poucas palavras: *Scriptum eſt*: *non homicidium facies*; & tem outras taõ abbreviadas, como eſtas, para outras tentações diverſas. E lẽbrando-ſe, que as diſſe Deos; baſtarà eſta cõſideraçaõ, para fazer vitorioſos tiros ao demonio. Só com eſta pedrada, ſem neceſſitar do ferro das armas de Saul: ſó com hũa pedra deſpedida em nome de Deos: *Venio ad te in nomine Domini*, triunfou David do Filiſteo, ou do meſmo Tentador nelle repreſentado: *Prævaluit adverſùm Philiſthæum.* Poderáõ pezar mais as cadeas cingidas ao corpo, attenuar mais os jejuns de todo o anno, & mortificar mais o rigor continuado das diſciplinas; mas naõ ſeguiar mais as vitorias das tentações. Muyto glorioſa a teve o caſto Joſeph da Gitana tentadora, ſó cõ a lem-

1. Reg. 17. 45.

Ibid. 50.

Matth. 19. 18. a lembrança do *Scriptum eſt: non adulterabis.* Tanto triunfou do demonio, & da carne com eſta ſó arma; como com a auſteridade de toda a ſua vida vencia S. Jeronymo ao meſmo Tentador. E ſe entaõ lhe perguntaſſem pelo motivo de ſe armar contra as tentações taõ carregado de aſperezas diria, que o obrigava a ſofrer todas, o que eſtava eſcrito daquella trombeta: *Surgite mortui, venite ad judicium.* Que eſta eſcritura lhe ſoava ſempre aos ouvidos, & penetrandolhe o interior da alma, o fazia aſſim cruel contra o ſeu corpo. De maneyra, que ainda os atormentadores de ſi meſmos, quando ſe armaõ contra as tentações: o que aſſim os empenha para as reſiſtirem, he a eſcritura da ley, a que vivem obrigados: *Scriptum eſt &c.* Eſta ſó eſcritura, ſem pezadas penitẽcias, faz vitorioſos das tentações: & ſe tambem os fazem as penitencias com o ſeu pezo; naõ he ſem o deſpertador do *Scriptum eſt*, ou ſem o brado eſcrito do *Surgite, venite ad judicium.* Iſto meſmo he o que faz a Igreja, lembrandonos o pò que ſomos, & o pò, que havemos de ſer: deſpertanos para a reformaçaõ das vidas, ſó com a breviſſima eſcritura do *Memento, quia pulvis es.* Naõ haverà tentaçaõ algũa das animadas pela

ſoberba, das fomentadas pela vaidade, & das formadas pela preſunçaõ; que naõ ſe poſſa ver enfraquecida, rebatida, & vencida com a breve eſcritura de hum *Memento*. Nem continha mais o conſelho, q̃ Chriſto dava aos reſtituidos à ſaude do corpo, querendo que tambem attendeſſem pela da alma: hũa ſó lembrança do mal de que haviaõ livrado, & do temor de naõ recairem no meſmo mal; era toda a obrigaçaõ, q̃ lhes punha: *Noli peccare*. Só o memento deſtas duas palavras entendidas no ſeu ſentido, baſtava para triunfar todo o tentado: *Noli peccare*. Deſpertem pois agora os que tem dado attençaõ a eſtas verdades; & vejaõ, como ſe facilita a ſua ſalvaçaõ, deyxando-ſe penetrar do ſentido de hum *Scriptũ eſt*. E para que naõ entendaõ, que lhes ſeguramos eſte muyto da ſalvaçaõ da alma no pouco de hũa breve eſcritura, ſem fundamento; ouçaõ ao Apoſtolo S. Joaõ (como pondera S. Jeronymo) ſegurando iſto meſmo na breve liçaõ, que ſempre lhe ouviaõ os ſeus diſcipulos: *Diligite alterutrum*, & lhes dizia, q̃ baſtava ſó a ſua intelligencia, para ſe ſalvarem, por ſer preceyto do Divino Meſtre: *Præceptum Domini eſt; & ſi ſolùm fiat, ſufficit*. E aſſim como o ſentido deſta ſentença, he baſtar aquelle

Joan. 5. 14. Idem 8. 11.

S. Hier. in Cõment. Epiſt. ad Galat. lib. 3. cap. 6.

aquelle amor de huns para outros ; porque eſſe amor naõ póde eſtar ſẽ o amor de Deos, & em ambos: *Univerſa lex pendet* ; tambem baſta a lembrança de qualquer das Eſcrituras aqui inſinuadas, ainda que breves ; porque eſſa Eſcritura bem entendida, naõ eſtà ſem os eſtimulos neceſſarios para a ley ſer obſervada: & entaõ *Suffi-eit hoc Scriptum eſt.*

Matth. 22 40.

Tempo.

§. V.

10 AInda q̃ voa, pàra; ſe o q̃ nelle ſe faz, pàra, & naõ voa. O tempo tomado em quanto medida do que nelle ſe obra; nunca ſe detem, & ſempre corre; mas conſideradas as boas obras, que por elle ſe medem; bem ſe póde dizer prezo, & detido. Como o fruto da boa obra, que por elle ſe mede, fica nas mãos do que a faz ; tambem o tempo fica prezo das ſuas mãos. *Conſerva tempus, & devita à malo*, nos diz o Eſpirito Santo: Naõ obres mal: *Devita à malo*, & deſſe modo tem maõ no tẽpo: *Conſerva tempus*: a tua obra ſerà prizaõ do tempo, ſe for fruto teu. E pelo contrario, ſendo mà a tua obra, & naõ colhendo tu fruto della: aſſim como ſe vay, & deſvanece a obra; naõ pàra, & deſapparece o tempo. *Impijs tempus vadit*, diz hum

Eccli. 4. 23.

Corr. hic

hum Commento deſte lugar: Aos maos foge o tempo: *At pij jubentur tenere tempus*, & os bons ſaõ os que o prendem. Hũa couſa he o tempo, & outra couſa he a obra deſte tempo: hũa couſa he a hora da oraçaõ; & outra a oraçaõ deſſa hora. A hora da oraçaõ, he tempo, q paſſa: & a oraçaõ da hora, he obra, que fica. E ſe a oraçaõ he como a do Fariſeo, que foy a orar ao Templo: toda ſoberba, & deſvanecimento toda, dizendo a Luc. 18. 11. Deos: *Non ſum ſicut cæteri hominum*; entaõ he, que o tempo foge: *Tempus vadit.* Porèm, ſe eſſa hora he como a do Publicano, que orava no meſmo tempo: Ibid. 13 humilde: *Nolebat nec oculos ad cælum levare*; & confuſo na conſideraçaõ de ſuas culpas, ſó dizia: *Deus propitius eſto mihi peccatori*; entaõ he, que ſe prende o tempo: *Jubetur tenere tempus.* E por iſſo hum deſtes dous, & naõ o outro, pode naquella hora ter maõ no tempo; porque teve boa obra, em que ter maõ: *Deſcendit juſtificatus.* Nem ſe póde reparar na fraſe do ter maõ, quando ſe obra bem: jà a vemos uſada nos livros ſagrados. Depois de nos dizer Deos: *Serva legem meã* Guarda os preceytos da minha ley; logo nos mãda, que a tenhamos maõ: *Liga eam in digitis tuis*, naõ te cayaõ por entre os dedos os meus

Ibid.

Prov. 7. 2.

Ibid. 3.

meus preceytos : *Liga in digitis.* E he o meſmo, diz comnoſco outra interpretaçaõ : executa, & obra ſempre a ſua obſervancia : *Exequere, & operare. In digitis ait : in actibus dicit.* Hũa couſa he o tempo em que guardamos eſte, ou aquelle preceyto da Ley de Deos; & outra couſa he o preceyto, que neſſe tempo ſe guarda. E ſe junto com o tempo da obſervãcia do preceyto, que foy hora, que paſſou, a obſervancia tambem paſſou, porque naõ era obra, que ficaſſe ; hũa, & outra couſa ſe vay por entre os dedos : *Non ligatur in digitis.*

Beda apud Cornel. hic.

Tribunaes.

§. VI.

11 HE parecido o da Fé com o de Deos : ſe he de Fé a materia ; naõ ſó Deos no principio do mundo, mas tambem os homens depois lhe formàraõ Tribunal. Fallamos da Fé, que nos obriga a crer em Deos, & a Deos, ſem a qual naõ ha ſalvaçaõ : *Quã niſi quiſque integram inviolatamque ſervaverit, abſque dubio in æternum peribit.* O Tribunal pois da Fé, bem podemos dizer, que a primeyra vez que ſe vio, foy no Paraiſo, depois de creado o homem : logo alli concorrèraõ juntas todas

Symb. S. Athan. init.

as

as circumſtancias para o ſer, & haver no mundo. Alli quiz logo Deos, que o creſſem, quando para obrigar a Adam a naõ comer do fruto, que lhe prohibio: *De ligno ſcientiæ boni & mali ne comedas,* o ameaçou de morte, ſe comeſſe: *In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris:* & Adam o comeo, naõ crendo a Deos; mas antes ao demonio, que lhe ſegurou a vida: *Nequaquam moriemini.* E ainda que a ſoberba foy a ſua fatal ruina, por querer emparelhar com Deos: *Eritis ſicut dij*, todo eſſe mal lhe veyo da ſua incredulidade: *Hoc ipſo, quo Adam credidit diabolo promittenti, quòd non moreretur;* *diſcredidit Deo comminanti: morte morieris.* Já deſde entaõ começou haver homem, que naõ creo, reo que ſe arguhio, culpa que ſe proceſſou, & Juiz que condenou: *In pulverem reverteris.* E tambem digamos, que lhe naõ faltou Miniſtro, que ſervio: & foy aquelle Cherubim eleyto por Deos, para que com eſpada de fogo defendeſſe a entrada do Paraiſo de ſemelhantes tranſgreſſores da Fé: *Collocavit Dominus ante paradiſum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium atque verſatilem, ad cuſtodiendam viam ligni vitæ.* Tomamos fundamento para eſta accommodaçaõ, por ſe dizer, q̃ aquelle Che-

Gen. 1. 17.
Ibid.
Gen. 3. 4.
Ibid. 5.
Cornel cũ pluribus hic.
Gen. 3. 19.
Ibid. 24.

Cherubim naõ havia de conſentir, que entraſſem a profanar o Paraiſo, nem homens, nem demonios: *Ut ejus aditu prohiberet, tùm homines, tùm etiam dæmones.* Nem homens; para que elles naõ peccaſſẽ, como Adam peccou: *Ne ipſi paradiſum ingreſſi, fructum arboris vitæ decerperent.* E nem demonios; para que elles naõ tomaſſem dahi occaſiaõ de offerecerem aos homens hũ fruto, que fazia immortaes: *Quem hominibus offerrent pollicentes immortalitatem*; & por eſſe meyo ſe fazerem delles adorar: *Ut hac ratione ad ſui amorem & cultum pellicerent.* E porque contra demonios, & homens enganados por elles, eſtà o zelo do ſagrado Tribunal da Fé; por iſſo dizemos, q̃ aquelle Cherubim da ordem dos Eſpiritos cientes: *Qui â ſcientia vocantur Cherubim*, como exemplar dos Miniſtros, que o ſervem, & naõ conſentem profanarſe o Paraiſo da Igreja; o vemos armado: *Flammeo gladio.*

S. Aug. S Chryſoſtom. apud Cornel. hic.

Cornel. ibid.

12 Hum deſtes Miniſtros havemos dizer, que ſoy, & ainda hoje he, aquelle grande Prégador da Fé, o Apoſtolo S. Paulo: *Prædicamus Chriſtum crucifixũ,* proteſtando como mẽbro da Igreja, da qual he Chriſto a cabeça, ſer elle ſeu fiel Miniſtro: *Cujus factus ſum ego miniſter.* E digo, que ainda

1. ad Cor. 1. 23.

Ad Coloſſ. 1. 25.

ainda hoje tem a Fé eſte Miniſtro no ſeu Tribunal, ou por elle o ſeu eſpirito; porque ainda hoje nos eſtá enſinando importantes cautelas contra os Prégadores da perfidia: 2. ad Tim. 4. 3. & 4. *Erit tempus, cùm ſanã doctrinam non ſuſtinebunt, ſed ad ſua deſideria coacervabunt ſibi magiſtros, prurientes auribus: & à veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur.* Todas eſtas ſuas advertencias por zelo da prégaçaõ Euangelica, fonte original da pureza da Fé, que elle como ſeu Miniſtro: Ad Coloſſ. 1. 25. *Cujus factus ſum miniſter*, prometteo zelar ſempre: *Ut impleam verbum Dei.* E por imitaçaõ deſte fidelliſſimo Miniſtro da Igreja, os que o ſaõ da Fé na meſma Igreja, purificaõ a prégaçaõ da palavra de Deos no ſeu ſagrado Tribunal, com differença dos Prégadores no pulpito; attendem a que naõ hajaõ Oradores *Prurientes auribus*, nem ouvintes, que *à veritate auditum avertant.* O Prégador da Fé do Euangelho encaminha as ſuas principaes attenções para o bem dos ouvintes; & o ſagrado Tribunal da Fé igualmente as applica à prégaçaõ do Prégador. Zela a palavra de Deos conſiderada como ſemente: *Semen eſt verbum Dei*, nos dous têpos, em que ella póde perigar, naõ ſó ao cair Luc. 8. 11.

da

da ſemente na terra; mas tambem ao ſair da maõ de quem a ſemea: ao ſair (queremos dizer) do Prégador para os ouvintes. Eſta advertencia naõ temos nòs na doutrina da palavra de Deos com ſemelhãças de ſemente; porq̃ nella ſó ſe conſidera eſta myſterioſa ſemeadura ao cair da ſemente na terra, & naõ ao ſair da maõ: *Aliud cécidit &c.* E ao ſair da maõ, ou boca do Prégador, póde ella vir mais nociva: como ſeria a agua, que logo trouxeſſe o veneno da fonte; porq̃ eſta logo traria comſigo a morte. Se aquella ſizania da Parabola, q̃ ſupponho lembrada, & viciou o trigo da ſeàra, foſſe colhida ao ſair da maõ de quem a deyxou ſemeada; naõ poria o trigo em riſco de ſe perder depois de crecido, como advertio o dono da herdade: *Ne fortè colligentes zizania, eradicetis ſimul cum eis & triticum: ſinite utraque creſcere.* E eſte foy o zelo de S. Paulo, & he o do ſagrado Tribunal da Fé: haver ſingular cuydado, quando a palavra de Deos ſe prega, & a ſua ſemente ſahe da maõ do ſemeador; porque entaõ he o tẽpo de ſe poder enſinar doutrina *Non ſana.* Bom he o cuydado ſobre o fruto da doutrina; mas he mais importante o da doutrina do fruto. E he de tanto porte eſte cuydado; que S. Paulo, o Prégador da

Ibid 5. 6. 7. & 9.

Matth. 13. 29. & 30.

Fé,

Fé, que temos tomado por exemplo, ſe retratou da mà doutrina, q̃ elle tinha enſinado, quando era Saulo. Como a mà doutrina, que naõ ſe devia de ouvir para o tempo futuro, era como a que elle tinha ſeguido no paſſado: condenando elle a doutrina, que haviaõ de ſeguir outros; tambem ficou condenando a q̃ elle tinha ſeguido: tanto aquella doutrina paſſada, como a outra futura, era *doctrina non ſana.*

13 E ponderando agora bem eſta noſſa advertencia; que diriaõ a ella os que ainda hoje ſeguiſſem, ou enſinaſſem aquella mà doutrina: os que ainda perſeguiſſem a Chriſto, como elle perſeguio? Primeyramente jà o naõ poderiaõ allegar por Author da ſua; pois jà elle a deyxou reprovada por doutrina naõ ſãa: & implicava, que reprehendido elle por Chriſto, por ſer ſeu perſeguidor: *Saule,* Act. Apoſt. 9. 4. *Saule, quid me perſequeris*, ainda taõ mà doutrina foſſe exẽplo, para tambem outros o perſeguirem. Antes o devem regeytar, como a Author cõtra ſi meſmos. Praticante, que condena a doutrina, q̃ naõ he ſãa: *Erit tempus, cùm ſanam doctrinam &c.* & iſto depois de convencido, por naõ ſer ſãa a que elle praticava: eſtà dizendo, que aquella doutrina, que antes tinha por boa, eſ-

ſa

ſa meſma jà entaõ era mà. E temos exemplo na doutrina de Chriſto, ainda que em ſentido oppoſto. A ſua doutrina, que em algum tempo foy julgada como de prégador do demonio: *Dæmonium habes*, eſſa meſma foy depois aclamada, como de Prégador Filho de Deos: *Verè Filius Dei erat iſte.* E com eſta ſingular advertencia: Naõ diſſeraõ, eſte Prégador, que em toda a ſua vida nos andou enganando, he Filho de Deos, fallando de preſente: diſſeraõ fallando do preterito, era Filho de Deos: *Filius Dei erat.* Como ſe diſſeſſem: A prégaçaõ deſte Prégador, naquelle tempo, em que nòs a reprovamos por diabolica, entaõ meſmo era Divina: era de Filho de Deos: *Filius Dei erat.* Tal o Prégador da Fé S. Paulo em conſideraçaõ oppoſta: a ſua prégaçaõ, que naquelle tempo, em que elle prégava contra Chriſto, era ouvida como doutrina boa; neſſe meſmo por ſentença ſua propria era mà doutrina. A ſua cenſura: *Erit tempus, cùm ſanam doctrinam non ſuſtinebunt*, fallando elle de futuro, tambem comprehendia a doutrina *Non ſanam*, de preterito. Naõ podia ficar approvada a doutrina da perſeguiçaõ de Chriſto do tempo que jà havia ido, no meſmo juizo, que reprovava a do tempo, que ainda

Joan. 7. 20.

Matth. 27. 54.

havia de vir, ſendo ambas doutrinas *Non ſanæ*. Com muyto mayor razaõ, os que depois continuàraõ, ou ainda hoje intentaſſem continuar aquella perſeguiçaõ, olhando para o fundamento de que no tempo em que a zelava Saulo, era juſta, ſanta, & licita; ſempre entaõ a continuàraõ, & continuariaõ hoje com graviſſimo peccado, por aſſim o julgar o meſmo perſeguidor, que a retratou, quando jà era Paulo: quando diſſe, que era doutrina com erro a que divertia as attenções da verdade: *A veritate auditum avertent*; & tanto ſe haviaõ ellas de applicar para o tempo futuro, como no paſſado ſe tinhaõ applicado *ad fabulas*.

14 Como o eſpirito pois de S. Paulo, eſcolhido por Deos para Prégador do Univerſo, coopera o ſagrado Tribunal da Fé tambem eleyto por Deos com poder delegado à ſua Igreja, para o erigir. E ſe diſſermos, para com a meſma delegaçaõ o conſtituir como Corredemptor dos Fieis perſeguidos pelos inimigos da Fé; naõ o faremos ſem fundamẽto. Corredemptor, dizemos, naõ remindo, mas libertando: daquelle modo, com que Moyſes livrando o povo de Deos do cativeyro do Egypto, tambem ſe póde dizer ſeu Corredẽptor, ſem o remir; mas

ſó

ſó libertar. E tanto a hũa corredempçaõ, como à outra: à do ſagrado Tribunal da Fé, & à de Moyſes, bem ſe accõmoda aquella Eſcritura: *Redemiſti in brachio tuo populum tuũ.* Pſalm. 76 16. Tam opprimido eſtava o povo de Deos com as tyranias do Egypto, como previo Chriſto tyranizada a ſua Igreja com as perſeguições de ſeus inimigos, quando como ſeu Redemptor elegeo doze Miniſtros para o ſeu Tribunal Apoſtolico, inſtituhio Sacramentos, & com elles venceo demonios, & ſalvou homens: *In brachio ſuo.* E porque tudo iſto faz o ſagrado Tribunal da Fé conſtituîdo pela Igreja: & tudo faz conſervando o que Chriſto fez edificando; o Redemptor he Chriſto por fundaçaõ, & o Corredẽptor he o ſagrado Tribunal da Fé por conſervaçaõ. Para a conſervaçaõ do mundo creado concorre ſó o braço de Deos ſem cooperaçaõ de algum outro braço: & para à conſervaçaõ do mundo, defendido dos inimigos da Fé, concorre o ſeu Tribunal, como com outro braço. E ſe quando a Igreja he Nao, dorme Chriſto ſoſlegado: *Ipſe dormiebat*; porque nas ſuas tormentas vaõ empunhados os remos pelos Miniſtros Apoſtolicos: tambem, porque os zeloſos Miniſtros da Fé movem as armas, quando a Igreja he Exerci- Matth. 8. 24.

to ; ſeguramente deſcança : *Ipſe dormit.*

15 E eſtas armasnaõ ſó triunfaõ, quando ſaõ offenſivas dos inimigos da Fé; mas ainda quãdo defenſivas, tambem glorioſamẽte triunfaõ. Ainda quando ſe vè ir cativa a ſagrada Arca do Teſtamento por força de armas inimigas : *Arca Dei capta eſt*, he para ruina dos meſmos que a levaõ por preza. *Non maneat arca Dei Iſrael apud nos*, diſſeraõ os vencedores : *quoniam dura eſt manus ejus ſuper nos*; porq a ſua reprezalia foy a noſſa deſtruiçaõ, & a maõ do Deos dos vencidos levantada a vemos contra nòs. Alli temos ao noſſo deos Dagaõ derribado, & deſpedaçado em preſença da Arca : *Ecce Dagon jacebat pronus in terra ante Arcam Domini : caput autem Dagon, & duæ palmæ manuum ejus abſciſſæ erant ſuper limen.* Alli nos eſtaõ conſumindo pragas mortaes : *Ebullierunt villæ & agri, & nati ſunt mures, & facta eſt confuſio mortis magnæ.* E he ſó o remedio cedermos, & rendermos as armas a taõ poderoſa maõ do Deos de Iſrael, reſtituindo-ſe a ſua Arca, & reconduzindo-ſe para os do ſeu povo : *Circamducatur Arca Dei Iſrael.* Quem diſſera aos eſquadrões dos Filiſteos, que na preza da ſagrada Arca lhes hia para ſuas caſas o açoute, &

1. Reg. 4. 11.

1. Reg. 5. 7.

Ibid.

Ibid 3. & 4.

Ibid. 6.

Ibid. 8.

para

para o ſeu Templo a ruína do culto? Tudo o que ſe guardava na ſagrada Arca, & repreſentàraõ nella os vencedores daquella campanha, podemos conſiderar, como prognoſtico da ſua deſgraça no meſmo tempo da ſua felicidade. Guardava-ſe nella a Vara de Araõ, que antes havia florecido: Ad Hebr. 9. 4. *Virga Aaron, quæ fronduerat.* E para ſignificativo de caſtigados no meſmo tempo de vitorioſos, o meſmo inſtrumento, que havia dado flores, era Vara. E Vara taõ milagroſa, que convertida hũa vez em Serpente: *Tulit Aaron virgam coram Pharaone, quæ verſa eſt in colubrum,* devorou as varas dos Egypcios Exod. 7. 10. tambem em Serpentes convertidas: *Projecerunt ſinguli virgas ſuas, quæ verſæ ſunt in dracones: ſed devoravit virga Aaron virgas eorum.* Ibid. 12. E he o que ſe vio repreſentado, quando a meſma Vara foy reprezada na Arca: indo, como parte do deſtroço, que haviaõ feyto os Filiſteos no exercito vencido: *Cæſus eſt Iſrael, & Arca Dei capta eſt;* foy, como elles o lamentàraõ, para eſtrago dos vencedores: 1. Reg. 4. 10. & 11. *Aggravata eſt manus Domini, & demolitus eſt eos.* 1. Reg. 5. 6. Guardavaõſe tãbem na meſma Arca as Taboas da Ley: *Tabulæ teſtamenti.* Ad Hebr. 9. 4. E ir para caſa dos inimigos do povo de Deos, que he o ſupremo Legislador, a

eſcritura dos ſeus preceytos; era entrar nella a juſtiça contra elles, quando pela preza, que haviaõ feyto na Arca, entendiaõ que por elles eſtava a juſtiça. Por ſi entendiaõ tambem, que eſtava a juſtiça, os que foraõ a prender a Chriſto, como reo: & em o levarem prezo, diz Santo Agoſtinho, que levavaõ comſigo ao Juiz, & ſobre elles havia de ir a juſtiça. Conſidera, que foy baſtante hũa ſó voz de Chriſto: Joan. 18.6 *Ego ſum*, para dar por terra com todos os que o hiaõ a fazer priſioneyro: S. Aug. hic. *Una vox turbã ferocem percuſſit, repulit, ſtravit*; & entaõ diſcorre: Se iſto fez, ſendo julgado; ſendo Julgador, que farà? *Quid judicaturus faciet, qui judicandus hoc fecit?* O meſmo, que Deos fez, accommodamos nòs, quando ſendo elle o Author da Ley Divina, na repreſalia, que della fizeraõ os zeladores da humana; porque parecendo alli *Judicatus*, foy viſto *Judicaturus*, & a todos os da ſua prizaõ *Percuſſit, repulit, ſtravit.* Guardava-ſe mais na Arca hũa porçaõ do Mannà, figura muyto ſingular daquelle Sacramento, que todo he myſterio de Fé: *Urna aurea habens manna.* Ad Hebr. 9. 4. E levar vencido por repreſentaçaõ para os arrayaes da vitoria ao Vencedor dos exercitos; era na repreza deſte deſpojo aggravar jà a Deos no Sa-

Sacramento figurado. Era ver jà prognoſticada a ſentença dos q̃ indignamente encerraõ no ſeu peyto o Divino paõ ſacramentado: *Judicium ſibi manducat.* E entaõ, conſiderar alli ao Juiz, como em depoſito de hũa arca, ainda que naõ digna de o ter, como jà foy digna outra: *Ventris ſub arca clauſus*, naõ para depois, mas logo os julgar, & condenar: *Qui manducat indignè, judicium ſibi manducat.*

1. ad Cor. 11. 29.

Hymn.

16 Iſto meſmo que acabamos de diſcorrer por repreſentações, ou ſignificativos; vemos glorioſamente praticado no ſagrado Tribunal da Fé: a inteyreza da juſtiça, para ſer temida: a obſervancia da Ley, que ha de ſer crida: a reverencia do Diviniſſimo Sacramento ſempre devida: & tudo conſiderado na Vara, Taboas da Ley, & Mannà, que junto com a Arca do Teſtamento ficàraõ como deſpojos da guerra. Os Dragões, que a rectidaõ do Tribunal da Fé, qual a Vara de Araõ, naõ teme, (os Dogmatiſtas, os Sectarios, & os Hereſiarcas, queremos dizer) tãbem neſte ſoberano Tribunal ſaõ por elle entimidados, caſtigados, & mediãte a carregada maõ do Altiſſimo, no inferno devorados. Por eſta Vara tambem Deos faz maravilhas: tambem devora Dragões, que ſaõ, como diz comnoſco hum an-

tigo, ainda que com accommodaçaõ ao seu intento: *Omnia crimina, omnes hæreses impiorum Ægypti hujus mundi.* Que outra cousa saõ estes perseguidores da Religiaõ, & os actos da sua perfidia: *Omnes hæreses, omnia crimina,* senaõ Dragões ferozes devorados por imperio da Fé? Essas saõ as Serpentes, que em singular visaõ appresentou Deos a S. Pedro Principe da Igreja, & primeyro fundamento da Fé: *Vas quoddam, in quo erant serpentia terræ,* para serem delle tragadas: *Surge Petre, occide, & manduca.* Peccadores, & peccados eraõ as Serpentes, (& nòs digamos Dragões) nos quaes tragados, & engolidos havia de ser devorada a infidelidade, & triunfar a Fé. *Hæc occisio, & immolatio significabat occidendam esse infidelitatem & vitia, ut viveret fides.* Bẽ dizemos logo, que no Tribunal da Fé a vara da sua justiça, qual a de Araõ: *Versa in colubrum*: traga, & devora Dragões: *Crimina, & hæreses impiorum.* Assim como ha quem interpretando esta Escritura, & comparando a S. Pedro ao Leaõ Rey dos animaes, que elle despedaça, & come: *Cõparat Petrum leoni, qui quasi rex animalium ea mactat, & comedit:* qual a Vara de Araõ, *Versa in colubrum*, Pedro, *In leonem versus*, quer que estas Serpentes: *Crimina,*

Absalon Abbas Serm. 31 de Assumpt. B. Virg.

Cornel. hic.

Exod. 7. 10.

Ad. Apost. 10. 11. & 12

S. Hier. in Thr. cap. 3. apud Corn. in Act. Ap. 10. 13.

Ibid. 13.

na, & hæreſes, elle, como fiel Principe da Republica Chriſtãa: *Occîdat, & comedat.*

17 Eſta he a pratica da juſtiça da Fé por alluſaõ à Vara de Araõ; & a dos preceytos da Ley figurados nas Taboas reprezadas na Arca, he tambem a meſma. Neſte ſagrado Tribunal, onde os Divinos preceytos ſe fazẽ crer, & entender, como decretos de Deos; ſaõ condenadas as ceremonias, & ritos chimericos dos zeladores de toda a pravidade. Como elles naõ attendem ao que enſina a Fé pura: *A veritate auditum avertunt*, o ſeu eſtudo he ſó do fabuloſo, ſonhado, & fingido: *Ad fabulas convertuntur.* Faz pois o ſagrado Tribunal da Fé, quando diz a eſtes enganados, que ſaõ fabulas tudo o que crem; o que fez Daniel explicando a Nabuco, o que dos ſeus ſonhos devia crer: quiz, que entendeſſe ſer fingido, & mentiroſo o que por ventura elle cria. A Nabuco diſſe o Profeta, q̃ elle meſmo era a arvore, & delle meſmo era prognoſtico a eſtatua ſonhada, decifrando contra elle a felicidade, que lhe repreſentava a grandeza da arvore, & o levantado da eſtatua. Suppomos ſabidas as propoſtas, & intelligencias deſtes ſonhos: & accommodamos aos enganados da perfidia, o que lhes dizemos dos ſeus. A eſtes faz ver o

ſeu

ſeu deſengano, que he contra elles tudo o que crem eſtar por elles: quando lhes parece, q̃ vaõ crecendo, & levantando, como a arvore, & eſtatua de Nabuco; entaõ deſapparece a eſtatua, & ſe lhes corta a arvore. E a cauſa he, porque os ſeus meſmos ritos, & ceremonias ſaõ a ſua ruina, vendo nella deſtruidas as ſuas caſas, quando cuydaõ, que as tem augmentadas. E naõ ſuccede iſſo aos doutrinados da Fé de Deos: a obſervancia dos ſeus preceytos, & a ſua firme credibilidade, ainda quando parece, que eſtaõ neſta hora ſem fortuna, na outra os conſerva nella. Tornemos à Arca reprezada, em que hiaõ as Taboas da Ley Divina, & a conſideremos poſta no meſmo Altar do idolo Dagaõ adorado, & crido dos zeladores dos ſeus ritos. As Taboas da Ley de Deos eſtaõ parecendo deſprezadas por ſeus inimigos; pois como triunfo da idolatria, eſtaõ no meſmo altar do idolo; & o altar do idolo eſtà parecendo throno deſta ſua gloria, por ſe verem triunfantes os zeladores dos ſeus ritos, preceytos, ceremonias, & adoraçõis do ſeu culto. E por conſequencia tambem eſtà parecendo, que os obſervantes dos ritos da idolatria, & naõ os dos preceytos da Divina Ley; eſſes ſaõ os ditoſos, & afortunados:

& naõ he aſſim o que parece. A ſagrada Arca, & nella as Taboas da Ley de Deos ſaõ as vencedoras, & triunfantes dos ſeus inimigos: & o altar da idolatria he o deſpojado do ſeu idolo: *Invenerunt Dagon jacentem ſuper faciem ſuam in terra coram arca Domini.* Taes os adoradores da perfidia, & pravidade: quãdo cuydaõ, que nos ſeus ritos, & nas ſuas ceremonias fabuloſas triunfa o ſeu culto, vendo no meſmo tempo em algum caſo opprimidos os do culto, & preceytos Chriſtãos; naõ he o que cuydaõ. Muyto a ſeu pezar temem, ainda ſó as Taboas deſtes preceytos eſcritos, & a maõ, que os eſcreveo: *Dura eſt manus ejus ſuper nos*; & o idolo adorado, & obedecido na obſervancia dos ſeus ritos, là eſtà ſem culto, ſem reſpeyto, & ſem figura: *Dagon ſolus truncus remanſerat in loco ſuo.* E naõ he muyto, que vejaõ eſtes enganados adoradores cõtra ſi meſmos as ſuas adorações: quando as ſuas meſmas penas, cõ que elles em algum tẽpo atormentavaõ aos da adoraçaõ Chriſtãa, eſſas foraõ em outro tempo os ſeus tormentos delles. As algemas, os carceres, & os grilhões, que Saulo ſolicitava contra os ſeguidores de Chriſto: *Spirans minarum & cædis in diſcipulos Domini*, procurando ordẽs para meter

1 Reg. 5. 4.

Ibid. 7.

Ibid. 5.

Act. Apoſt. 9. 1

meter em prizões a quãtos achaſſe daquelles ſeus doutrinados: Ibid. 2. *Vt ſi quos inveniſſet hujus viæ viros, ac mulieres, vinctos perduceret in Jeruſalem*; eſſas meſmas prizões ſe vîraõ depois ſer as penas dos ſeus perſeguidores. O odio, em que elles haviaõ forjado a perſeguiçaõ de Chriſto, eſſe meſmo foy o que já entaõ provocava contra elles as penas deſſa perſeguiçaõ. Tanto contra os outros, como contra ſi meſmos, era o ſeu odio officina daquellas penas: ainda que contra os outros, por influxo do ſeu querer mal; & contra ſi, por caſtigo do ſeu mal querer. Jerem. 2. 19. *Arguet te malitia tua, & averſio tua increpabit te*, diſſe Deos por Jeremias aos que deyxando as aguas da graça: *Me dereliquerunt fontem aquæ vivæ*, buſcaõ as do peccado; aguas corruptas, & de ciſternas rotas: *Foderũt ſibi ciſternas, ciſternas diſſipatas*. E eſtas ciſternas dizem os que commentaõ ao Profeta, que ſaõ as averſões da Fé, & converſaõ para a hereſia daquelles: *Qui purum doctrinæ fidei fontem deſerunt, & fodiũt ciſternas cœnoſas falſorũ dogmatum*. E he o meſmo que nòs imos dizendo, & diz comnoſco quem interpretando o litteral da profecia verte: *Malitia tua caſtigabit te*. Eſſa averſaõ indigna contra os ſeguidores da doutrina da Ibid. 13. Ibid. S. Iren. S. Cypr. S. Athan. apud Corn. hìc.

Fé;

Fé; eſſa meſma dignamente he o açoute, he a prizaõ, he o carcere, & he o grilhaõ dos ſeus perſeguidores: *Arguet te malitia tua: & cauſa erit, ut caſtigeris.* Idem Corn.

18 Reſta para diſcorrer o admiravel zelo com que o ſagrado Tribunal da Fé faz rẽder adorações ao Diviniſſimo Sacramento, repreſentado no Mannà, que tambem hia na Arca reprezado: *Urna aurea habens manna.* Ad Hebr. 9. 4. Naõ ſó a Vara de Araõ *Verſa in colubrum devoravit dracones, id eſt, hæreſes*, & a averſaõ dos zeladores da idolatria excitava contra elles meſmos aquellas penas, com que perſeguiaõ aos obſervantes da Divina Ley, por haverem deyxado as aguas puras da Fé pelas enlodadas: *Falſorũ dogmatum*; mas tambem o Sacramento Sãtiſſimo alli no Mannà figurado: aquelle, quẽ por ſingular veneraçaõ he chamado o Sacramento do Altar; em vingança de o haverem poſto no altar do idolo, era por Deos deſaggravado. Por onde o levavaõ reconduzido na Arca, ſendo a figura do paõ da vida, hia dando morte: *Illis circumducentibus eam, ſiebat manus Domini per ſingulas civitates interfectionis magnæ nimis.* 1 Reg. 5. 9. Todos ſe davaõ por mortos, aſſim como ſe viaõ a ella juntos: *Adduxerunt ad nos* (diziaõ elles) *arcam Dei Iſrael,* Ibid. 10.

ut

ut interficiat nos, & populum noſtrum. E ſe fazer do altar do idolo altar do Sacramento ſó na figura, era darſe Deos por aggravado: certamente ſe deſaggravarà vendo-ſe do meſmo modo offendido, quando figurado. E iſto he o que faz o ſagrado Tribunal da Fé, que imos moſtrando parecido com o de Deos, tomando juſta vingança dos aggravos do Diviniſſimo Sacramento. Naõ referimos exemplos deſte ſingular zelo; porque naõ eſcrevemos Chronicas: leaõſe as Hiſtorias antigas, & tambem modernas; & nellas ſe verà hũa myſterioſa competencia entre o Author deſte Divino Sacramento, & os zeladores da ſua Fé. O Author do Sacramento obrando maravilhas: os zeladores da ſua Fé maravilhoſos nas ſuas obras; & todos os ſeus exemplos manifeſtos ao mundo todo. Quantos ſacrilegos do Diviniſſimo Sacramento tem viſto ſobre ſi a maõ de Deos carregada: *Interfectionis magnæ nimis*; & teráõ já dito com muyto pezar ſeu, que ficàra no mundo eſte Sacramento: *Vt eos interficeret?* E que irreverencias do meſmo Sacramento Sãtiſſimo terà feyto a ſua ouſadia, das quaes o ſagrado Tribunal da Fé ſe naõ doeſſe, & deſacatos, que naõ deſaggravaſſe? Aſſim como o Author do Sacramento

mento, contendendo com os do ſeu amor, naõ ſuſpende as remunerações de amado: tambem na contenda com os da ſua vingãça naõ levanta a maõ dos ſeus caſtigos. A contẽda das remunerações dos ſeus amantes deſcobrio Emiſſeno na liberalidade do paõ repartido entre as turbas do deſerto: *Certamen fuit inter panes, & homines*; & ſe nunca deyxaſſem de haver famintos daquelle paõ, ſempre correſponderia liberal a meſma maõ: *Si homines numquàm manducare ceſſaſſent, panes in infinitum creviſſent.* E a contenda das vinganças do Author do Sacramento cõ os aggravos dos ſeus ſacrilegos, nos deſcreve S. Paulo. Em quanto houver quem aggrave eſte ſagrado paõ, porq̃ *Manducat indignè*, ha de verſe repetida a ſentença do ſeu deſaggravo, porque *Judicium ſibi manducat.*

Emiſſ. in Ioa. 6.

1. ad Cor. 11. 29.

Ibid.

19 Iſto he o que cõſideramos nas contendas do Sacramento cõ as finezas dos ſeus amãtes, & odios dos ſeus ſacrilegos. E as contendas do ſagrado Tribunal da Fé com os do amor, & os da averſaõ do meſmo Sacramento, ſaõ as que vemos. Em quãto viverem no mũdo os Fieis deſte Divino Sacramento, fará o ſagrado Tribunal, que a Fé de todos ſempre viva: nunca ceſſará eſta vida alimentada pelo

pelo zelo da Fé, ſe nũca ceſſarem de querer viver della eſtes ſeus alimentados: eſta Fé a ſer viva; & elles a viver deſta Fé *Vſque ad conſummationem ſæculi.* Matth. 28. 20. Do meſmo modo a cõtenda da Fé do Sacramento com os da averſaõ da meſma Fé: elles a offenderem ao Sacramento; & o Tribunal da Fé a vingar as ſuas offenſas. E naõ ſó, quãdo a ſua infidelidade he publica, mas ainda quãdo he occulta, tãbem entaõ ſe lhes continùa occulta a ſua pena. Eſſa he a myſterioſa vingãça do Tribunal da Fé do Sacramento: ainda que ſeja occulto o aggravo, naõ deyxa de o vingar pena tambem occulta. O meſmo Sacramento, que por fóra he Communhaõ, por dentro he condenaçaõ: *Qui manducat indignè, judicium ſibi manducat.* 1. ad Cor. 11. 29. E ſe he repetida a Cõmunhaõ infiel, parecendo contenda deſta infidelidade; repetida he tambem a vingança da Fé: *Quotieſcumque indignè manducat.* O primeyro ſacrilego da Cõmunhaõ, que houve no mundo, foy Judas; o qual no meſmo tempo o foy tambem do Author da Communhaõ. Foy ſacrilego da Communhaõ; porque indignamente cõmungou o Sacramento; & foy ſacrilego do Author da Communhaõ; porque infiel vendeo a Chriſto. Para o ſacrilegio publico da venda de Chriſto, houve

Matth. 27. 5. houve laço: *Laqueo ſe ſuſpendit*; & para o ſacrilegio occulto da Cõmunhaõ, houve ſentença: *Judicium manducat*. E com hũa advertencia, que faz muyto ao noſſo intento: do ſacrilegio publico da venda de Chriſto, teve elle algum arrependi- Ibid. 4. mento: *Peccavi, tradens ſanguinem juſtum*; & do ſacrilegio occulto da Communhaõ, naõ ſe lhe ouvio arrependimento algum. O ſangue de Chriſto vendido, & o ſãgue de Chriſto commungado, era o meſmo ſangue. E depois de ſe ver Judas cõdenado; entenderia elle, que poſto naõ pagàra em vida mais que o aggravo publico do ſangue vendido, com a pena do laço; là fora pagar no inferno o occulto do ſangue commungado. Naõ cuydẽ logo os odioſos deſte ſangue, que ficaõ livres da pena occulta pelo aggravo do ſangue commungado, ſó com padecerem a publica do laço pelo ſangue vendido. Entendaõ, que certamente tem para padecer a execuçaõ da ſentença pelo ſangue, que bebèraõ: *Qui bibit indignè, judicium bibit.* 1. ad Cor. 11. 29.

20 Ao Tribunal pois da Fé do Sacramento: ou o que he occulto, onde por dentro ſaõ condenados os da averſaõ encuberta do paõ, ou ſangue ſacramentado: ou o que he publico, onde de fóra ſaõ ſentenciados os do odio

publico do meſmo paõ, & do meſmo ſangue; pertencem os proceſſos deſtes ſacrilegios ao Tribunal publico as ſentenças dos laços: Matth. 27. 5. *Laqueo ſe ſuſpendit*; & ao occulto as dos juizos: 1. ad Cor. 11. 29. *Judicium manducat, & bibit.* E cõ hũa ſingular prerogativa do Tribunal publico da Fé do Sacramento: ſem forçarmos a noſſa accommodaçaõ, podemos conſiderar, que a Fé do Tribunal occulto deſte Sacramento vive pela Fé do ſeu Tribunal publico: a Fé viva de hum Tribunal faz viver a Fé do outro. Viver hum pela vida do outro: *Propter aliũ*, he viver pela ſua vida: he participar hum a vida da meſma fonte vital, donde o outro a participa. Aſſim o entendemos de Chriſto, quando nos diz: *Sicut miſit me vivens Pater*: Joan. 6. 58. aſſim como meu Pay vivendo me gerou a mim ſeu Filho: participey eu na ſua Divindade a ſua meſma vida: Ibid. *Ego vivo propter Patrem.* E por iſſo dizemos nòs: *Genuit Deus Deum: vivens viventem*: & S. Cyrillo diz, conſiderando ao Pay luz, & luz tambem ao Filho: *Sicut lumen de lumine, ſic & vita de vita.* S. Cyril. lib 4. cap. 18. A eſta verdade pois, ajuntou logo Chriſto outra, na qual vem a dar a razaõ, porq elle no Sacramento he paõ de vida. *Sicut ego vivo propter Patrem*: aſſim como eu vivo pela vida

vida eſſencial do Eterno Pay: o que come deſte paõ, vive pela vida eſpiritual da graça, que eu no meſmo paõ lhe communico: *Qui manducat me, & ipſe vivet propter me.* E he em ſuſtancia o que diz Santo Agoſtinho: *Gratiam mediatoris oſtendit.* E porque tanto hũa verdade, como outra a de viver Chriſto pela vida do Pay, & a de viver cada hum de nòs por graça pela vida de Chriſto, ſaõ verdades de Fé, & Fé viva; a Fé de vivermos nòs pela vida de Chriſto: *Ipſe vivet propter me*, vive pela Fé de viver Chriſto pela vida do Pay: *Ego vivo propter Patrem.* Cremos, que vive cada hum de nòs pela vida de Chriſto no Sacramento; porque cremos, que no meſmo Sacramento vive Chriſto pela vida do Pay. Aſſim como a Fé da noſſa reſurreyçaõ de tal ſorte vive pela Fé da reſurreyçaõ de Chriſto; que ſenaõ creſſemos, que Chriſto havia reſuſcitado, naõ creriamos nòs, que haviamos de reſuſcitar. E do meſmo modo accommodamos agora: a Fé do Tribunal occulto do Sacramẽto vive pela Fé do ſeu Tribunal publico. Chamamos Tribunal occulto da Fé do Sacramẽto aquelle juizo, com que cremos a ſua verdade, & nelle nos diz Chriſto, que nos dà o ſeu Corpo em comida, & em bebida o

Joan. 6. 58.

S. Aug. tr. 26. in Joan. ſub fin.

ſeu Sangue: & entaõ a Fé interior deſta verdade imperioſamente nos manda crer nella: Joan 6. 56. *Caro mea verè eſt cibus: & ſanguis meus verè eſt potus.* E chamamos Tribunal publico da Fé, ao que com a eſpada da juſtiça, & coacçaõ Catholica obriga a crer na meſma verdade do Divino Sacramento, tomando aquella voz de S. Paulo: 1. ad Cor. 11. 23. *Ego accepi à Domino quod & tradidi vobis.* E he a razaõ, porque dizemos, que o meſmo he entaõ viver a Fé do Sacramento crido pela Fé do meſmo Sacramento mandado crer; que viver hũa Fé por outra: *Ipſe vivit propter me.*

21 Ser a Fé vida, jà o temos entendido daquella ſentença do Apoſtolo: *Juſtus ex fide vivit*; por iſſo a vida da graça, que he a vida do juſto, começa pela Fé, & com a Fé ſe aperfeyçoa: *Incipit à fide, & perficitur fide.* E a vida da Fé, ou a Fé, q̃ he vida, jà ſe vè, que he a vida eſpiritual; porque aſſim como o homem vive corporalmẽte, *ex corde*, por ſer o coraçaõ o principio da vida: tambem, por ſer a Fé a raiz da graça, eſpiritualmente *Vivit ex fide.* Iſto aſſim advertido, accommodamos agora ao noſſo diſcurſo o que diſcorre Santo Agoſtinho ſobre a ſentença do Apoſtolo: *Juſtus ex fide vivit.* Moſtra a hũa Fé vivendo por outra: a Fé dos q̃ ouvem, Ad Roman. 1. 17. Cornel. hic.

ouvem, vivendo pela Fé dos que prégaõ. Como primeyro ha de ter Fê o que prégа, para depois ter Fé o que ouve: o myſterio da Fé, que ſe ha de crer, paſſa da Fé de quem o enſina, para a Fé de quem o aprende: *Ex fide prædicantium in fidem audientium, & credentiũ.* E como entaõ ambos vivem *ex fide*, a vida da Fé daquelle que depois crè o myſterio, he Fé viva; porque vem da Fé viva do que primeyro o creo. Da Fé viva, com que a Igreja crè o que Deos tem revelado; vem a Fé viva, com que nòs cremos o que Deos revelou à Igreja. E iſſo he o que nòs temos diſcorrido: a Fé viva do Divinifſimo Sacramento, com q̃ o faz crer o Tribunal da Fé, vem da viva Fé do meſmo Tribunal: *Ex fide illius imperantis credere*, vem *in fidem credentium.* O grande Bautiſta, aquelle Prégador da Fé mandado por Deos ao mundo, fazia o meſmo q̃ hoje continùa a fazer o ſagrado Tribunal da Fé. Se a prégaçaõ do Bautiſta era, para que por elle creſſem o que prégava: *Ut omnes crederent per illum*; o zelo do ſagrado Tribunal da Fé he, para que ſe crea a prégaçaõ do Bautiſta. Tanto vivia a Fé dos que criaõ ao Bautiſta pela Fé do meſmo Bautiſta; como pela Fé do ſagrado Tribunal vive a Fé do que nelle

S. Aug. lib. de ip. i. & ſtt c. 9.

Joan. 1. 7.

ſe faz crer. Todo o ſeu zelo, toda a ſua coacçaõ he tambem para q̃ por elle, mediante a ſua inteyra juſtiça, *Omnes credant: & juſti ex fide juſtitiæ vivant.*

22 E naõ ſó fallando nòs da Fé do Diviniſſimo Sacramento, do qual entramos a diſcorrer, levados das cõſideraçõeſ do Mannà ſua figura, depoſitado na Arca. Mas tambem da Fè de todos os mais myſterios, & de tudo o que a Igreja nos manda crer, & naõ he crido pelos que naõ ſaõ ſeus filhos: por aquellas Serpentes, & Dragões (queremos dizer) que a Vara de Araõ, ſymbolo da inteyra juſtiça, deſtruhia, desfazia, & engolia: *Verſa in colubrum, dracones devorabat.* E ſe iſto naõ he aſſim, ſupponhamos fechadas as portas da juſtiça deſte ſagrado Tribunal; & logo ſe veráõ abertas as do inferno: & recolhida aquella Vara de Araõ, appareceráõ logo armados aquelles Dragões: *Crimina, & hæreſes impiorum*: que ella em algum tempo *Devorabat.* Supponhamos tambem no meſmo tẽpo prégadas, & de muytos cridas por imperio do Tribunal da Perfidia as ſuas doutrinas, que nelle ſe publicaõ verdades: & logo exercitadas as ſuas liberdades, conſideremos triunfando os ſeus zeloſos Miniſtros. E ſuppoſtas eſtas repreſen-

ſentações : a ſaber , a do Tribunal da verdadeyra Fé ſuſpenſo, & o da fé falſa em exercicio; deſcrevamos preſente à noſſa viſta hum Auto da fé falſa. Alli eſtaõ aſſentados , *pro tribunali* , os ſeus Meſtres,os ſeus Guias , & os ſeus Exemplares: & aos ſeus pès os ſeus criminoſos, os ſeus arguîdos , & ſentenciados : os que por elles foraõ condenados ao patibulo , ou das cataſtas, ou das fogueyras , ou das catanas, ſendo primeyro algemados,encarcerados, & de ferro carregados. E repreſentado aſſim eſte eſpectaculo , havemos de ouvir tambem a hum dos ſeus Predicantes orando nelle em credito,& abono da ſua Fé , o mais douto dos ſeus Dogmatiſtas , o mais verſado nos ſeus Textos , & entre todos o mais eloquente , para que convença com os argumentos das ſuas Seytas, os da Fè da Religiaõ Chriſtãa. Eſte Prégador porèm, nada convencerá , ſe for algũ dos vivos : ha de ſer o q̃ là pedia a Abraham aquelle Rico jà morto, & ſepultado no inferno , quando queria ver convertidos os irmãos, que ainda viviaõ. Nomeavalhe Abraham para Predicantes dos ſeus irmãos , a Moyſes , & outros Profetas : *Habent Moyſen , & Prophetas* , & elle bradando , replicava Naõ ſeráõ eſſes , por mais ciẽtes que ſejaõ , os q̃ haõ Luc. 16. 29.

de fazer eſta converſaõ:
Ibid.30. *Non, pater Abraham.* Se vòs lhes mandares hũ dos que jà ſaõ mortos, & eſtaõ aqui comigo condenados:
Ibid. *Si quis ex mortuis ierit ad eos*, ſó eſſe os poderà converter, para q̃ naõ
Ibid.28. venhaõ *in hunc locum tormentorum.* E admittido eſte requerimento no Tribunal da Fé falſa, que temos repreſentado, devemos entender, que os ſeus zelosos, eſſe he o que querem ſe ouça: hum Prégador dos ſeus vindo do outro mundo, para que a ſua verdade convença aos que elles dizem vivem enganados com a noſſa; & convencidos deyxem de ir ao lugar dos ſeus atormentados: *In illum locum ſuorum tormentorũ.* E ſe obſtarem a eſta propoſta, por ſe naõ crer, que no lugar daquelles jà condenados poſſa haver algum dos ſeus Sectarios por ter enſinado os Artigos da ſua Fé; deſſe engano ſe poderáõ logo tirar, antes de ſer ouvido o Prégador deſte Auto da ſua Fé. Para aquelle lugar naõ ha mais que hum caminho largo, & delicioſo: *Lata porta, & ſpatioſa via eſt, quæ ducit ad perditionem.* Matth. 7. 13. E ſe algũa deſtas Seytas meteria a muytos neſte caminho; iſſo moſtràraõ os exemplos da vida larga, & delicioſa, q̃ elles facilitavaõ, & deſculpavaõ com pretextos, que os faziaõ licitos, & os ſuppomos ſabidos.

bidos. Naõ póde logo haver duvida de que algum deſtes Dogmatiſtas, por enſinarem doutrinas, que encaminhavaõ para eſta eſtrada, indo tambem elle diante, como exemplar de todos; eſteja naquelle lugar de atormentados, & que de là poſſa vir a prégar as verdades, que em vida prègava. O que ſuppoſto, & precedendo primeyro o ſilencio para ſe ouvir hum Sermaõ do outro mundo, & do Auto daquella Fè; ouçamoslhe tomar por thema.

Prov. 14. 12. *Eſt via, quæ videtur homini juſta: noviſſima autem ejus deducunt ad mortem.*

He hũa ſentença dos Proverbios, ditada pelo Eſpirito Santo, & provada com muytas experiencias, das quaes (diz eſte Prègador) faço eu hum exemplo. No lugar, donde eu venho, eſtaõ todos os mais Meſtres daquellas doutrinas profetizadas por S. Paulo: *Erit tempus, cùm ſanam doctrinam non ſuſtinebunt*, as quaes com pouca differença hũas de outras, guiavaõ para eſte caminho largo, & ao parecer juſto: *Via, quæ videtur homini juſta.* Eſtaõ os que enſinavaõ, naõ haver outra vida, mais que a do mundo creado: & era cauſa eſta doutrina de ſe acharem là no outro, todos os que largando as redeas aos ſeus appetites foraõ a ter o fim,

2. ad Tim 4. 3.

fim, que naõ cuydavaõ: *Noviſſima, quæ deducũt ad mortem.* Eſtaõ tambem outros, que naõ criaõ na immortalidade da alma; & como eſta ſua Fè, por entenderem, que acabava a alma com o corpo, os metia no meſmo caminho, onde ſó do ſeu regalo ſe cuyda; agora lamentaõ verem acabados os regalos, & ſerem eternas as penas. Eſtaõ mais outros, que entẽdendo as Eſcrituras a ſeu modo, fugindo das que fallaõ em penas da outra vida, ou bons coſtumes deſta, & ſutilizando argumentos, para ſe naõ obrigarem ao jugo dos Sacramentos da Igreja, com deſprezo do ſeu Author; tãbem caminhavaõ por onde faziaõ neſte mũdo as ſuas vontades, & naõ as q̃ eraõ de Deos. A todos eſtes naõ deyxava de lhes moſtrar a luz natural da razaõ o errado caminho, que levavaõ; porq̃ o amor à ſoltura dos vicios, & o odio ao aperto das virtudes, affectos ambos fomentados pelos ſeus enganoſos Dogmas, eraõ huns brados occultos, que interiormente lhes diziaõ, naõ ſer bom aquelle caminho, ainda que à ſua Fé lhes dizia: *Eſt homini juſta.* Vida taõ larga, naõ he a dos que livraõ de pena, porque viveraõ a eſtreyta: nem a dos que hoje merecem premio por obras juſtas. Mas, como eſtas inſpiraçõeſ, ainda que illuſ-

illuſtradas, naõ chegavaõ a tirar do caminho da perdiçaõ aos q́ nelle tinhaõ entrado, porq́ os cegava a ſua Fè; aſſim enganados foraõ a parar aonde jà lhes naõ valem deſenganos. Eſte blasfema da Seyta, que ſeguio; porque eſtà pagando as delicias, q́ ella lhe falicitou: aquelle brada contra os Predicantes da Religiaõ, que lhe licenciava a vida larga; porq́ ella o ſepultou no mais profundo abiſmo: & todos ſe amaldiçoaõ a ſi meſmos, & aos que lhes perſuadiaõ a obſervãcia dos ſeus Dogmas; porque eſtes com as commodidades venenoſas do corpo, lhes fizeraõ perder a alma. E entre elles, os mais atormẽtados ſaõ aquelles, que ſobre os erros da ſua falſa fè, vivèraõ ſẽpre com entranhavel averſaõ à verdadeyra; porq̃ àlem de os levar ao caminho, em que ſe perdèraõ, o horror do jugo, que os havia de ſalvar; o odio aos que abraçàraõ eſte jugo, lhes faz mais carregadas as penas do ſeu inferno. Ardem nellas por culpas de duas vontades erradas, ou de dous corações malignos: hũa vontade, ou coraçaõ para a Seyta, q́ ſeguiaõ: & outra vontade, ou outro coraçaõ contra os que naõ ſeguiaõ a ſua Seyta. E como as ſuas màs vontades eraõ dobradas, & dobrados os ſeus maos corações; padecem

tor-

tormentos em dobro. Eſte he o fim, aonde levou a tantos deſgraçados o caminho largo, que a elles parecia, & ainda hoje aos que vivem como elles, parece *Via juſta;* & agora os de là jà vem, & iraõ ver os de cà, ſe cõtinuarem o meſmo caminho, como elle *Deducit ad mortem.* Creaõ todos o que me ouvem dizer: & ainda que ha de ſer com fé humana, & eſta entra pelos ouvidos; ha outro motivo mais, para eu ſer agora crido. Porque do modo, que no outro mundo ha olhos; tambem por elles tem entrado o que tenho dito. O que neſte mundo me diziaõ, & eu dizia tambem, todos enganados com a fé, em que criamos; naõ paſſava do ouvir: & o contrario do que me aconſelhavaõ que naõ creſſe, & tambem era conſelho meu; tem paſſado ao ver, & ao experimentar. Eſſes ditoſos encarcerados, degollados, aſſeteados, apedrejados, & queymados pela verdadeyra Fé, ſanta Religiaõ, & Ley Divina: eſſes ſaõ os do caminho eſtreyto, que *Ducit ad vitam.* No ultimo dia do mundo, quando eu hey de tornar a ſer viſto; mas nem eu, nem os outros como eu, havemos de ſer ouvidos, & ſe ha de ver o mais tremendo Auto da Fé; o ſupremo Juiz do ſeu Tribunal fulminarà cõtra nòs aquella ſentẽça Matth. 7. 14

jà

Matth. 25.41. já ameaçada: *Diſcedite à me maledicti.* E entaõ ſe acabará de ver *Illa via, quæ videtur homini juſta;* & o ſeu fim ſerá o do profundo centro daquellas penas, para onde eternamente deſgraçado me volto *In illum locum tormentorũ.*

Theſouro.

§. VII.

23 NEm por ſer mayor, he para ſeu dono a mayor riqueza; ſe o ſenhor do theſouro naõ ſe aproveyta do que nelle tem, naõ vem a ter nada, ainda que nelle tenha muyto. Taõ ſenhor he entaõ o pobre do ſeu theſouro delle, como elle cuyda que he; porq̃ tanto o pobre, como elle, naõ diſpõem da riqueza daquelle theſouro; & nem hũ, nem outro ſe aproveytaõ delle. Quem lhe pergunta: *Quæ paraſti, cujus erunt*, bem eſtá inſinuando eſta incerteza do ſenhor do theſouro; porque faz pôr em duvida, quem he o ſeu poſſuidor: ſe elle, ou outro por elle: *Cujus erunt?* Em quanto as entheſourava, ſuas eraõ as riquezas do theſouro; mas depois de lhes naõ pôr já olhos, nem maõ; de quem ſaõ: *Cujus erunt?* Eſta he a vingança, que Deos toma dos Avarentos: quer que elles naõ tenhaõ o que tem; & delles ſe diga: *Nihil poſſidentes, & omnia habentes*: o contrario do que experimentaõ Luc. 12. 20.

rimentaõ os que naõ tendo nada, tem tudo: 2. ad Cor. 6. 10. *Nihil habentes, & omnia poſſidentes.* Naõ duvidamos do dominio, que o avarento tem no ſeu theſouro, ainda q o enthesourado naõ paſſe a ſer delle gozado. Mas eſſe dominio de que lhe ſerve, ſe elle ſe naõ ſerve do ſeu theſouro? Certamente de nada; porque ſe lhe roubàraõ o theſouro, fica ſem nada, achandoſe ſó com o dominio. Nem ainda entaõ ſe lhe póde accommodar toda aquella ſentença: *Nihil poſſidentes, & omnia habentes*; porque como lhe levàraõ o theſouro, jà ſe naõ póde dizer delle, que tendo tudo, naõ tem nada; pois he tudo nada o que entaõ tem: tendo ſó o dominio, & naõ o theſouro: *Nihil poſſidet.* E nem o ſeu coraçaõ, que elle tinha no theſouro, antes de lho roubarem: *Ubi eſt theſaurus, ibi eſt & cor*, ficarà entaõ tendo, ficando ſó o dominio; porque quem lhe levaſſe o theſouro, tambem lhe roubaria o coraçaõ; & naõ no dominio, mas no theſouro: *Ibi cor.* Iſto he, fallando nòs do theſouro das riquezas do mundo: o theſouro das que ſaõ do eſpirito, ou da alma, naõ he aſſim. Deyxa todas as do mundo, para fazer theſouro das da alma. *Vendit univerſa quæ habet, & emit agrum illum, ubi eſt theſaurus abſconditus.* Empobrece para enriquecer: Matth. 6. 21. Matth. 13. 44.

cer: naõ quer ter, para entheſourar. *Contemptor temporalium* (diz Santo Agoſtinho) *comparat ſibi otium, ut ſit dives cognitione Dei.* Entende Agoſtinho por eſte theſouro a ſagrada Eſcritura, o que tambem entende S. Jeronymo: & aquelle que ſe dà ao eſtudo dos Divinos myſterios, q̃ ſaõ o theſouro eſcondido nas ſagradas Eſcrituras, & eſtas ſaõ as riquezas da alma, & do eſpirito: *Sentit magna latere myſteria;* & entaõ deyxa tudo por eſte theſouro: *Vadit, & vendit omnia ſua, & emit illum.* Theſouro eſte muyto diverſo do outro: do que ainda quando he theſouro, naõ he nada, porque ſe naõ goza; & eſte entaõ ſe goza, quãdo por elle ſe dà tudo: *Vendit omnia, & emit eum.* E outra vez muyto diverſo do outro, q̃ traz ao ſeu dono deſvelado, cançado, & fatigado em entheſourar as riquezas, de que ſe naõ aproveyta: & eſte he de riquezas para deſcanço, ſoſſego, & quietaçaõ do que o goza: *Comparat ſibi otium, ut ſit dives.*

S. Aug. lib. Quæſtion Euang. in Matt. quæſt. 13.

Tribunal.

§. VIII.

24 O Da conſciẽcia propria he hum Paraiſo; & tambem poderà ſer hũ inferno. Chamo Tribunal à conſciencia; porque nella ha julgador, & julgados: & quando hum

hum ſe julga a ſi meſmo, & he no meſmo tempo o julgado, & mais o julgador; entaõ he a propria conſciẽcia o Tribunal: & eſte he Paraiſo, quando o julgador ſe julga ſem amor de ſi, guiado pela razaõ, & naõ pela vontade. Como as ſentenças, q̃ dà, ſaõ em cauſas proprias; cegando-ſe com ellas, julgou a ſeu favor, & jà naõ he Paraiſo a ſua conſciencia; porque póde ficar gravada com peccado. Se o Sol ſe julgaſſe a ſi meſmo, examinando as obrigações, que tem de dar luz; & entaõ ſe levaſſe do amor da luz, que tem, & naõ da obrigaçaõ da luz, que dà; ainda ſendo hum julgador do Ceo, o cegaria a ſua eſtimaçaõ propria, & naõ ſeria recto o Tribunal da ſua conſciencia. Para lhe naõ faltar pois eſta rectidaõ de julgador, naõ ſe havia de cegar com a luz, que tem em ſi: havia de zelar a pontualidade de a dar aos outros: a de luzir como preſidente do dia, & a de dar luz aos luminoſos da noyte. Por eſte julgador, q̃ ſuppomos conſiderado como em Tribunal metaforico da ſua conſciencia; copiamos os que ſaõ juizes da ſua, em Tribunal verdadeyro. E cada hum deſtes deve applicar toda a luz: a da razaõ, & ainda a dos olhos ſobre todas as ſuas acções de luzimento: ſe zelar hũas, & naõ outras, jà naõ

raõ he Sol julgador em Tribunal da conſciencia. Serà hum juiz privado, fugindo da conta deſte Tribunal, & eſcondendo-ſe da luz, q̃ a faz dar clara, & por iſſo julgador cego. E quantos ſaõ os q̃ neſte mundo, ou nacèraõ retratos do Sol, ou pelo Sol os retratou a ſua fortuna, por ſerem nelle luminoſos animados; tantos vem a ſer os juizes, & mais os ſentenciados nos Tribunaes das ſuas conſciencias. Se as ſentenças cõ que a ſi meſmos ſe julgaõ: ou condenando-ſe culpados, ou julgando-ſe innocentes, ſaõ ajuſtadas com a razaõ; o Tribunal da ſua conſciencia he hum Paraiſo. Mas ſe havendo de ſentenciarſe culpados, elles ſe julgaõ innocentes: ou para ſe julgarem innocentes, naõ querem entender, q̃ eſtaõ culpados; he entaõ hũ inferno o Tribunal da ſua conſciencia. Conſideramos, como hũ Paraiſo, ao Tribunal da conſciencia ajuſtada; pelo ſoſſego, paz, & quietaçaõ, em que vive o que aſſim ſe julgou. E he hum inferno parecido o Tribunal da conſciencia embaraçada; porque nem quietaçaõ, nem paz, nem ſoſſego tem os que vivem neſtes embaraços. A cada hum dos primeyros luminoſos, a ſua luz he a claridade do ſeu Paraiſo: & a qualquer dos ſegundos, he o ſeu inferno a ma-

lignidade da sua luz. Ajustar a conta no Tribunal da consciencia, he ser hum Reo no juizo mais rigoroso desta vida: & taõ rigoroso, que ainda naõ a querendo elle dar, a consciencia o obriga a vir ao seu Tribunal, & nelle lha toma. Nisto se parece com o Tribunal de Deos, aonde vaõ, ainda os que naõ quereriaõ là ir. E se lhe houvermos de dar algũa differença; he para que os julgadores de si mesmos temaõ com mais outro temor as sentenças das suas consciencias. Para se ir dar a conta ao Tribunal de Deos; primeyro ha de morrer o que he chamado para a dar: & para a dar no Tribunal da consciencia; ainda vivendo lha tomaõ nelle, & sempre lha estaõ tomando. E que mayor inferno? Ou, que inferno póde haver mayor, que naõ seja este? O inferno, que se segue depois da morte com as duas penas, que chamaõ de dano, & de sentidos; começa depois da morte ter passado: & o inferno destinado no Tribunal da consciencia, jà tem começado nesta vida, & depois vay continuando, & durando a eternidade da outra. Ao inferno da outra vida vaõ todos involuntarios: & ao inferno da mà consciẽcia, que jà nesta vida he inferno, vaõ parar por sua vontade os que là vaõ: & se quizerem, pódem

pódem deyxar de là ir. Do inferno da mà conſciencia, pódem ſair os que jà là tiverem ido: & ſe naõ ſaem, he porq̃ naõ querem. Porèm do inferno da outra vida (do modo, q̃ ſe chama vida) ainda que queyraõ ſair os que là forẽ, nunca ſahiráõ. Tudo ſemelhante (ainda que em ſentido contrario) ao que paſſa no Tribunal da conſciencia, quãdo he Paraiſo: os que vaõ a eſte Paraiſo, vaõ tambem porq̃ querem; & por ſua vontade, tãbem delle naõ querem ſair; mas eſtaõ vivendo ſempre na gloria deſte Paraiſo. Os outros, ſe vaõ ao inferno da mà conſciencia, porque querem; & porq̃ querem, ſe deyxaõ ficar nelle, & nelle vivem; o ſeu querer tem eſta differença. Naõ he, porque querem as penas daquelle inferno: he, porque querem viver nas culpas, que àquelle inferno os levaõ. E perſeverando neſte ſeu fatal querer, fazem com que ainda neſte inferno, que por ſua culpa querem, tambem ſe poſſa dizer, ſe para ſempre nelle ſe deyxarem ficar: *Nulla eſt redemptio.*

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

V

Virtudes.

§. I.

1 MAis ſe obra cõ hũa verdadeyra, que com muytas ſuppoſtas: mais com as proprias, que com as empreſtadas. Chamo virtudes empreſtadas, as que coſtuma arremedar a hypocriſia: aquellas, que ſendo proprias ao ſugeyto que as tem, ſaõ alheyas ao que as finge. Como eſtas fazem parecer virtuoſo a quem o naõ he; ficaõ como tomadas a quem o he: tomadas na apparencia, & naõ na imitaçaõ. Os quatro animaes da viſaõ de Ezechiel, todos tinhaõ azas, que eraõ o ſignificativo da agilidade cõ q̃ caminhavaõ.

Porèm

Porèm a Aguia, que era hum dos quatro, voava ſuperior aos outros: *Deſuper ipſorũ*; ou, como diz hũ Cõmento: *In capite illorũ eminebat.* Naõ voava *à tergo*, como diſſeraõ outros; mas *deſuper*, como diz o Profeta: *Facies aquilæ deſuper ipſorum.* S. Gregorio nas Homilias deſte texto entende pelas azas daquelles animaes as virtudes: *Quæ à terrenis actibus levãt*: & cõ muita propridade. Porq̃ as virtudes, azas ſaõ, q̃ nos levantaõ, & levaõ a Deos: ſaõ as azas, q̃ deſejava David: *Quis dabit mihi pennas, ſicut columbæ: & volabo, & requieſcam?*

Ezech. 1. 10.
Cornel. hic.
Ezech. ibid.
S. Greg. Hom. 2. & 5. hic verſ. 11.
Pſ. 54. 7.

2 Até aqui a accõmodaçaõ do que vio Ezequiel: agora o q̃ nòs accommodamos. As azas ſaõ connaturaes à Aguia: ao Homem, ao Boy, & ao Leaõ, ſaõ improprias. As da Aguia ſaõ ſuas: as dos outros animaes ſaõ alheas; & aſſim haviaõ de voar. A Aguia mais que todos: *Deſuper ipſorum*; porque ſó a Aguia voava com azas proprias; & os outros com azas empreſtadas. Tendo ella ſó menos azas que os tres juntos; porque eraõ azas proprias; excedia aos voos de todos tres: *Deſuper ipſorum.* E ſe attendermos ao litteral da Eſcritura inteyra: *Deſuper ipſorum quatuor*: onde entaõ he a Aguia hum dos quatro excedidos nos voos, & tambem a que excedẽdo-os

Ezech. 1. 10.

a elles, ſe ficava excedendo a ſi; diremos por inferencia, que ſó ſe excedem a ſi meſmos, os que ſaõ Aguias com azas proprias, & naõ cõ as alheas. Naõ voaõ taõ alto, nem taõ ſeguros, os que voaõ com azas ſuppoſtas: os que ſobem com virtudes fingidas. Voaõ para cair, como voou Simaõ o Mago. Parecia, que voava para o Ceo, & cahio precipitado em terra, & pouco depois no inferno. Voava com azas empreſtadas, & pedidas ao demonio; & naõ ſuas proprias, nem por virtude verdadeyra: & a meſma vaidade, que o levava taõ alto, o fez cair taõ baxo. As virtudes, para com azas communicarem a ſua agilidade, haõ de ſer como nacidas, & naõ pegadas: proprias, & não alheas, ou empreſtadas. Hão de ſer, como erão as armas proprias de David, & não como as empreſtadas de Saul, para a contenda de Goliat. As armas proprias de David, erão pedras, & funda; & porque elle nacèra, & ſe creàra entre os exercicios deſtas armas, o fizerão ir para o deſafio voando: *Feſtinavit, & cucurrit ad pugnam.* E as armas de Saul, porque erão alheas, & empreſtadas, nem andar o deyxàrão: *Non poſſum ſic incedere.*

Corn. in Chron. Actuum Apoſt. pag. 7

1. Reg. 17. 48.

Ibid. 39

Validos.

§. II.

3 NAõ ſaõ os mayores, os que mais

mais mandaõ, ſenaõ os que mais obedecem: quanto mais mãdados, mais validos. Eſſes ſaõ os Anjos validos mais chegados a Deos: quãdo mandados, entaõ Anjos; como explicaõ com S. Gregorio, os q̃ diſcorrem a ſua creaçaõ: *Solùm ſunt Angeli, quando per eos aliqua nuntiantur.* Como ſe naõ diſtingue o ſeu valimento do ſeu officio; o meſmo diz o nome, *Angelus*, que o nome *Nuntius*. E entre todos eſtes validos da Corte de Deos; os mayores, que ſaõ os Cherubins: & ainda os muyto mayores, que ſaõ os Serafins; o que menos tem moſtrado, he o mando. Aos Cherubins vio Ezechiel, com azas, & mãos, que ſaõ o repreſentativo do mando, & do valimento; mas cõ as mãos debaxo das azas: *Similitudo manûs hominis ſubtus pennas eorum.* E na conſideraçaõ de hum Expoſitor allegado por outro, repreſentava cada maõ debaxo de cada aza a eſpada embainhada: *Manus ſub pennis, quaſi gladius intra vaginam.* Naõ era eſpada logo nua; mas com promptidaõ para ſe deſpir cõtra Jeruſalem, quando Deos o mandaſſe, dependendo do Divino imperio Validos taõ ſuperiores. Eſpada com azas, ſim; mas ſignificando ſó ameaço, para voar a ſeu tempo: *Ut ſignificetur commination, quæ habeat alas ad*

S. Greg. Homil. 24. in Euang. apud Leur. Beyer. verbo Angelus

Ezech. 10. 8.

Fernãd. viſion. 16. ſect. 1. apud Corn. hic.

celerem executionẽ. Aos Serafins vio Iſaias com ſeis azas: voando porèm ſó com duas: *Duabus volabant.* E ainda eſſes voos naõ eraõ actuaes mandos dos Serafins: eraõ promptidões ſuas para voar mãdados. Eſta poſtura, *Extentis alis*, diz o Commento de Cornelio, *Deſignat eos eſſe paratos ad omne Dei imperium.* E tanto huns, como outros Validos: tanto os Cherubins, como os Serafins, ſaõ os mais immediatos ao Throno de Deos: ſaõ os que mais lhe aſſiſtẽ ao lado; porque ſaõ dos ſeus dous ſupremos Córos. E naõ deyxa hũ Cherubim de ſer do valimento de Deos, trazendo debaxo das azas reprimidas as mãos: trazendo na bainha a eſpada: *Gladius intra vaginam.* Nem tãbem deyxa de o ſer hum Serafim, tendo ſeis azas, & voar ſó com duas. E nem cõ eſſas duas voar ſempre, ainda que mãdado: ſenaõ para ſer a ſeu tempo mandado voar: *Paratos ad omne Dei imperium.* Inculcamos todas eſtas obſervações; naõ, porque naquellas Gerarchias do Ceo ſe attenda a ſemelhantes politicas; mas para que attendendo nòs a ellas, copiemos como por exemplar o acerto dos valimentos nas Reſpublicas da terra. *Manus ſub pennis. Duabus volabãt.*

Iſai. 6. 2.

Corn. hic.

4 Voar com mais, ou menos azas: ter mais,

mais, ou menos maõ neſte, ou naquelle tempo; naõ ha de ſer deliberaçaõ dos Validos: ha de ſer imperio de quem lhes dà o valimento. Haõ de uſar do poder delegado; naõ quando quizerem, ſenaõ quando os mandarem. Quando Joaõ, & Diogo, dous grandes Validos de Chriſto, quizeraõ fazer vir fogo do Ceo ſobre os Samaritanos, por haverem faltado com a devida hoſpitalidade ao Divino Meſtre: *Domine, vis dicimus ut ignis deſcendat de Cælo, & conſumat illos*, foraõ logo reprehendidos, & ſe lhes impedio o mando: *Increpavit illos, dicens: Neſcitis cujus ſpiritus eſtis.* Não acertais agora em querer mandar: eſſe eſpirito vingativo não he para eſte tẽpo. E mais, ſe bem advertimos, elles não querião mandar: *Dicimus ut ignis deſcendat*, ſem primeyro Chriſto querer: *Domine, vis.* Mas porque aquella vingança deceria então do Ceo, tanto por Chriſto querer, como elles mandarem em hũa hora, em que não devião mandar; o ſeu eſpirito, ainda que dependente, era tambem mandante, & por iſſo foy reprehendido: *Increpavit illos.* De ſorte, que o Valido não ha de mandar, ſenão ſubordinado; & nem ainda ſubordinado acerta em mandar ſempre. Nem ha de mãdar cair o rayo, ſó por querer;

Luc. 9. 54.

Ibid 55.

rer ; nem ſempre ha de querer , que o rayo caya. E então, nunca deyxarà de ſer Valido grãde ; porq̃ ſempre obra mandado : naõ ſó ſugeytando o poder que tem ; mas tambem a eleyçaõ da hora , em q̃ manda. Tal ſe vio em Samaria o ſingular Valido do Apoſtolado S. João : naõ abateo do ſeu valimento : por ſe lhe impedir o mando : por ſe lhe dizer , que então nem devia querer, nem tambem mandar : *Neſcitis.* Era eſte prezado Valido , hum Cherubim no entendimento, muyto chegado ao Throno do Altiſſimo , pois ſubio a penetrar o mais alto myſ-
Joan. 1. 1. terio : *In principio erat Verbum , & Verbum erat apud Deum.* E no amor era hum Serafim, muyto do lado de Chriſto ; porque era : *Unus, quem diligebat Jeſus : & qui recubuit ſuper pectus ejus.* E nem deyxou de ſer o Cherubim , q̃ era ; ainda q̃ deſta vez teve debaxo das azas recolhidas as mãos : nẽ deceo de Serafim ; poſto que então não voou com todas as azas : *Neſcitis cujus ſpiritus eſtis.*
Joan. 13. 23. & ap. 21. 20.

Verdade.

§. III.

5 QUando ſe naõ abraça , não he, porque ſe não diz ; nem porque ſe não ouve; nem porq̃ ſe não crè : he , porque ſe não ama. Os que forão conſultar a verdade de

de Chriſto ſobre a contribuição impoſta por Ceſar: *Licet cenſum dare Cæſari, an non:* bem moſtravão, que crião a ſua verdade: *Scimus quia verax es, & viam Dei in veritate doces.* Mas no meſmo tempo não querião, ou não amavão (porq̃ o meſmo he querer, q̃ amar) a verdade, que crião. Eſperavão ouvir outra, q̃ elles querião, & não a que ouvîrão: *Reddite quæ ſunt Cæſaris, Cæſari.* Se elles amaſſem a verdade, que crião; não ſe havião deſcontẽtar com a que ouvîrão, pois era a meſma, que elles louvavão: *Scimus quia verax es &c.* A luz, que he o ſymbolo da verdade, quando a aborrece quem mal obra: *Qui malè agit, odit lucem;* não he, porque ſe não communica; nem, porque ſe não vè; nem, porque ſe não louva: tambem he aborrecida, porque não he amada, ou querida: *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.* Não porq̃ o peccador aborreça o mal que faz, moſtrado pela luz, diz S.Cyrillo: *Non, quia malorum eum pudeat.* Mas, porque a luz lhe moſtra o bem, que não faz, & elle não quer ver: *Sed quia ignorare meliora mavult.* Não lhe peza de ſerem trevas o que mais ama; mas de que a luz lhe dè a ver, que o que mais ama, ſaõ trevas. A mais importante verdade, he a da palavra de Deos repre-

Matth. 22.17.
Ibid.16.
Ibid.21.
Joan.3. 20.
Ibid 19.
S.Cyril. apud Corn. hîc.

representada na semente Euangelica: *Semen est verbum Dei.* E esta verdade, publicamente se diz, frequentemente se ouve, & igualmente se crè; mas, porq̃ nem sempre se ama; tãbem a mysteriosa semente não dà fruto sempre. A semente da palavra de Deos, que cahio no caminho, & fóra da seàra: *Secus viam*, não raceo; porque hũa soy pizada: *Conculcatũ est*; & outra comida: *Volucres Cæli comederunt illud.* A que cahio nas pedras: *Supra petram*, não chegou a dar fruto; porque depois de nacer, seccou: *Natum aruit.* A que cahio nos espinhos: *Inter spinas*, não produzio; porque elles a affogàrão: *Exortæ spinæ suffocaverunt illud.* E só a que cahio em boa terra: *In terram bonam*, essa foy a que frutificou: *Fecit fructum centuplum.* A terra do caminho, onde cahio a primeyra parte da semente, he a alma divertida do que deve ao seu Creador, & empregada no amor das creaturas: estrada aberta para os cuydados do mundo, que como viãdantes a pizão, & como vãos, & volantes pensamentos, lhe levaõ o fruto. A terra de pedras, onde cahio a segunda parte da mesma semente, he a alma fria, & secca por continuação de vicios habituados, affectos nocivos, & respeytos humanos, sem succo de amor licito,

Lũc.8. 11. Ibid.5. Ibid. Ibid.6. Ibid. Ibid.7. Ibid. Ibid.8. Ibid. Icol. Avanim. de vit. & doctr. Christi hic.

cito, & de verdadeyro amor. A terra, q̃ brotou eſpinhos, onde cahio a terceyra parte, he a alma affogada nas ſuas payxões, ſumergida no mar de attenções immoderadas, ſem tratar do ſeu bem, & de reſpeytar a Deos, nem temer a Eternidade. E a terra boa, onde cahio a quarta, he a alma amadora da Divina Bõdade, que ouvindo, & entendendo o que na ſua palavra diz Deos, recebe as celeſtes influencias, para vir com fruto, & eſſe multiplicado. E perdèraõſe deſta terra as tres partes, & ſó a quarta ſe naõ perdeo; porque nas tres naõ ſe amou a verdade da palavra de Deos, & ſó na quarta ſe amou. E he a alma dos que ouvem eſta verdade, a terra, onde a ſua ſemente ſe lança; porque jà David conſiderava como terra a ſua alma: *Anima mea ſicut terra*, quando a ſentia neceſſitada de beneficio, para correſponder à Divina graça com o fruto das ſuas obras: *Anima ſicut terra ſine aqua.* Pſ 142. 6. Ibid.

6 Iſto ſe vio na verdade, que diſſeraõ Elias a Achab, Joaõ a Herodes, Moyſés a Faraò, & Natham a David. Em tres ſe perdeo a ſemente da Divina palavra; & ſó em hum ſe logrou. Perdeo-ſe em Achab; por ſe deyxar prender do amor de Jezabel, & naõ amar a verdade, q̃ lhe intimava Elias. Perdeo-ſe em Herodes rendido

dido às affeyções de Herodias; porque naõ amava a verdade, que lhe prégava Joaõ. Perdeo-se em Faraò; porque o odio, que tinha aos filhos de Israel, o fazia naõ amar a verdade, que lhe mostrava Moysés. E naõ se perdeo em David; porque como homem do coraçaõ de Deos: *Virum* Act. Apostol 13 22. *secundùm cor meum*, amou a verdade, que lhe fallava Natham. Em Achab bem se vio a se- Luc. 8. 5 mente, que cahio *secus viam*. E se a elle o naõ vîraõ pizado por Ibid. homens: *Conculcatum*: bem podemos dizer, q̃ o foy no seu sangue, quando lho bebèraõ os cães, que o trouxeraõ 3 Reg. 22. 38 debaxo dos pés: *Linxerunt canes sanguinem ejus*. E se o naõ comèraõ aves; tambem podemos dizer, que na profecia do seu castigo o comèraõ em representaçaõ, provocadas pelo Profeta: *Comedent eum volucres Cæli*. 3. Reg. 21. 24. Em Herodes bem se vio a semente, que cahio *supra petram*. Posto que naceo; porque elle naõ deyxava de respeytar ao Bautista, como Santo: *Sciens eũ* Luc 8. 6 Marc 6. *virum justum, & sanctum, & audito eo multa faciebat, & libenter eum audiebat*: cõ tudo, assim como a semente da verdade vinha nacendo, hia secando: *Natum arsit*. Em Faraò Luc. 8. 6 bem se vio a semente, q̃ cahio entre espinhos: *Inter spinas*. Naõ o afogaraõ espinhos em Ibid. 7. terra:

terra: no mar, onde elle, & todos os ſeus eſquadrões: *Nec unus quidem ſuperfuit ex eis*: o affogàraõ as ondas: *Suffocaverunt*. E em David bem ſe vio a ſemẽte, que cahio *in terram bonam*. As ſuas lagrimas a rẽgàraõ, o ſeu arrependimento, & penitencia a cultivàraõ; & por iſſo radicou, frutificou, & multiplicou: *Fecit fructum centuplũ*. Deſte modo ſe malogràraõ as tres partes da Divina ſemente; & jũto com ellas ſe perdèraõ as tres ſortes de terra, em que ella cahio: a alma de Achab, a alma de Herodes, & a alma de Faraò. Bom eſpelho, para ſe verem a elle os que ouvem, & deſprezaõ a verdade da palavra de Deos. Para advertirem, que perdida nelles a Divina verdade, elles tambem ficaõ perdidos. Que ſe o ſemeador Euangelico naõ logra o fruto do ſeu trabalho; a terra, que naõ cooperou com elle (a alma queremos dizer) he amaldiçoada no ſeu *Maledicta terra in opere tuo*.

7 Muyto he para ſentir, que a ſemente da Divina palavra naõ venha com fruto, por cahir em terra, que a naõ abraça. Mas ainda he para mayor ſentimento, quando antes de cahir na terra, jà naõ faz fruto, quando jà entaõ ſe naõ anda aquella grande perda da ſemente Euangelica, ve-ſe depois na ſeàra:

os

os que ouvem a verdade da palavra de Deos, & a naõ amaõ; eſſes ſaõ os q̃ a perdem. Porèm eſta ſua perda mayor, vé-ſe antes do meſmo ſemeador da Divina palavra: elle he o que eſperdiça eſta ſemente logo antes da ſemeadura. Se o Prégador Euangelico, quãdo ſe diſpoz a ſahir para ſemear a palavra de Deos: *Exijt qui ſeminat, ſeminare ſemen ſuũ*, jà enraõ amou mais a gloria do applauſo, que o fruto da ſemente; elle foy o primeyro que lhe poz os pés, & enterrou o talento, que lhe foy dado, & de que lhe haõ de pedir conta: *Abſcondit talentum in terra* Como jà enraõ prezou mais a eſtimaçaõ propria, que a cultura da ſeàra; logo elevando-ſe a ſi, a verdade da Divina palavra ficou por baxo: *Conculcatũ*: & antes de beneficiar a lavoura, as aves, ou voadoras attenções da aura popular, lhe coméraõ a ſemẽte: *Comederunt illud*. Se no meſmo tempo levado de ſegundas intenções miſturou com a ſemẽte algũa pedra, para com ella moleſtar; ainda antes de cahir a ſemente na terra, para nacer; logo começou a ſeccar: *Aruit*. Se armado de eſtimulos vingativos, encubrio com a ſemẽte algum eſpinho, para com elle ferir; primeyro que a affogaſſẽ os eſpinhos nacidos, jà a levavão affogada os accom-

Luc.8.5

Matth. 25.25.

Luc.8.5

Ibid.

Ibid.8.

Ibid. 7. accommodados: *Suffocaverunt.* E ſe finalmẽte quiz o ſemeador attender à ſua obrigaçaõ, para que a verdade da ſemente frutificaſſe em boa terra; ainda aſſim naõ deo eſta o fruto pretendido, ſe elle a prégou mais com ſubidas ſutilezas, que com efficazes razões. Como a ſemente, que ſe lança na terra, naõ vay para ſubir, mas para cahir: Ibid. c. 67 &c. *Aliud cécidit, aliud cécidit*, naõ frutifica a ſemente, que por muyto ſutil ficou no ar, & naõ veyo caindo, para vir nacendo. E deſta ſorte, por ſe naõ abraçar a verdade repreſentada na Divina palavra, como ſemente; tanto ſe perde na maõ do ſemeador, como na terra jà ſemeada: tanto antes de cair nella, como depois de ter cahido *ſeccus viam: ſupra petrã:* Ibid. *inter ſpinas: in terram bonam.*

Vingança.

§. IV.

8 TAnto ſatisfaz, como deſacredita: & ſe diſſermos, q̃ mayor he no deſcredito, que na ſatisfaçaõ; naõ ſerà ſem fundamẽto. A vingança contra Caim por matar a ſeu irmaõ Abel, naõ a pedio a Deos a ſua alma, mas o ſeu ſangue: aſſim o advertio Santo Ambroſio: *Non anima ejus,* S. Amb. lib. 1. de Cain cap. 9. *ſed vox ſanguinis accuſat.* Naõ a alma eſpirito nobiliſſimo; mas o ſangue, q̃ he hũa parte

corruptivel do corpo: Gen.4. 10. *Vox ſanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* Naõ he dos eſpiritos generoſos, o vingativo: he dos abatidos,& mais raſteyros : *Clamat de terra.* Nem baſta ter Deos ouvido o clamor do ſangue, & vingado a morte de Abel ; para ſe dizer, que ainda em eſpiritos muyto elevados póde haver vingança ſem deſcredito. Porque, hũa couſa he o credito do vingador ; & outra o credito do vingado. Bem póde eſtar hum ſem o outro ; no vingador póde haver muyto que louvar ; & no vingado naõ faltar que reprehender. Se da parte do vingador juſto, a vingança ſempre tem approvaçaõ; da parte do vingado, nem ſempre a tem. Tal foy a que Deos tomou de Caim invejoſo : foy grande credito da ſua vingativa maõ ; por elle naõ ſofrer, q̃ Deos olhaſſe para os ſacrificios de ſeu irmaõ, & naõ para os ſeus : *Ad munera illius non reſpexit.* Ibid 5. Eſta vingança, ainda que juſta, foy depois de ſe queyxar o ſangue: meteo-ſe em meyo o tempo da queyxa: *Vox ſanguinis clamat* : Ibid.10. o tẽpo do cargo : *Quid feciſti*; Ibid. & o tempo da deſculpa : *Num cuſtos fratris mei ſum ego*, Ibid.9. antes de vingar Deos aquella inveja de Caim : *Maledictus eris ſuper terrã.* Ibid.11. E para vingar a murmuraçaõ de Araõ, & Maria cõtra ſeu irmaõ Moyſés,

Moyſés, naõ eſperou Deos tempo algum. Logo a irmã, que foy a primeyra na murmuraçaõ, ſe vio cuberta de lepra, & juntamente reprehendida com Araõ: *Quare non timuiſtis detrahere ſervo meo Moyſi?* E a preſſa em Deos para hũa vingança, & naõ para a outra; para ſer logo vingado Moyſés, & naõ Abel; foy ſingular credito do vingador. E eſte naõ houve em Abel vingado de ſeu irmaõ; poſto que ſim o houve em Moyſés vingado dos ſeus. Porque a vingança naõ pedida por Moyſes contra ſeus irmãos, he mais para ſe louvar, que a pedida pelo ſangue de Abel contra ſeu irmaõ Caim.

Num. 12.8.

Naõ tem menos authoridade, que a Divina, eſta noſſa conſideraçaõ; quando ouvimos a S. Paulo allegando outra Eſcritura: *Mihi vindicta, & ego retribuam.* Se a vingança he juſta, diz Deos, ſeja eu o vingador: *Mihi vindicta*, para todo o offendido ficar bem vingado: *Ego retribuã.* Como Deos he o Senhor das vinganças: *Deus ultionum Dominus*, naõ ſaõ vinganças de Deos aquellas, de que os homens ſaõ os ſenhores. E por falta de nobreza neſte ſenhorio, naõ acreditaõ as vinganças dos homens; & ſó acreditão as do ſenhorio de Deos *Deus ultionum*. Só quãdo elle he o vingador, acredi-

Ad Roman. 12. 19.

Pſ. 93 1

tão ao vingado: *Mihi vindicta.*

9 Eſtas duas vinganças de Deos cahîrão ſobre as duas culpas de Caim irmão de Abel; & de Maria, & Arão irmãos de Moyſes. Hũa culpa foy inveja, por ver Caim, q̃ Deos olhava mais para
Gen. 4. 4. Abel: *Reſpexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus.* A outra foy murmuraçaõ; porq̃ Maria, & Araõ ſe acreditavaõ de taõ familiares nos colloquios com Deos, como Moyſes.
Num. 12. 2. *Num per ſolum Moyſen* (diziaõ elles) *locutus eſt Dominus?* Por ventura ſó Moyſes he
Ibid. Profeta? *Nonne & nobis ſimiliter eſt locutus?* Nòs tambem não temos jà profetizado? De maneyra, que por Deos olhar mais para Abel, ficou invejoſo Caim. E porque Maria, & Arão entendèrão, q̃ Deos tanto fallava cô elles, como com Moyſes, forão murmuradores ambos. Mas vingando Deos as deſordens deſtes affectos de irmãos contra irmãos; por outra ſingular razão, foy para mayor credito a vingança que defendeo a Moyſes, do que a defenſiva de Abel. Não ſó, porque eſta vingança foy pedida, como temos conſiderado; mas porque a pedio o ſangue de hũ irmão contra outro irmão do meſmo ſangue: *Vox ſanguinis fratris tui clamat ad me.* Gen. 4. 10 Provocar hum irmão, verſe vingado

vingado do ſeu meſmo ſangue, ainda ſendo a vingança juſta; o clamor póde ſer notado. E eſta nota naõ houve em Moyſés, quando ſe vio vingado de ſeus irmãos Maria, & Araõ: naõ ouvio Deos a Moyſés provocar vinganças cõtra os do ſeu ſangue, nem com hũa ſó voz: *Vox clamat.* Eſta differença de vinganças, & preferencia do credito de hũa ao credito de outra, tambem a póde haver em qualquer pay de familias. Se por caſo entre ellas alguns dos irmãos fizerem myſterio de olhar o pay mais para huns, que para outros: de fallar mais com eſtes, que com aquelles; poderà deyxar de correr pelas veas a irmandade do ſangue, procurando hum verſe vingado do outro: poderà haver, *Vox fratris clamat.* Ou poderà o meſmo pay, ainda naõ havẽdo entre elles vingança pedida, ſer elle meſmo o author da vingança, & dizer a alguns: *Quare non timuiſtis detrahere?* E em tal contingẽcia de vinganças, he ſem duvida a que mais acredita; naõ ſó a que naõ he procurada; mas tambem, a que entre os que ſaõ do meſmo ſangue naõ for viſta: *Vox ſanguinis fratris clamat.*

Verdade.

§. V.

10 MAis attenção ha de

ter quem a diz, que quem a ouve. Quem a diz, ha de eſtudar, como ſe deve dizer, & como a haõ de ouvir: & quem a ouve, ſó attende à obrigaçaõ de a crer. Por iſſo chamamos homem de muyta verdade, naõ ao que a ouve, ſenaõ ao que a diz. Da ſua boca ha de ſair; aſſim como a agua ſahe da fonte: pura, & clara: alli he, que a verdade pede as attenções dobradas. Boa repreſentaçaõ temos deſte aſſumpto na vinda do Eſpirito Santo, Divino Meſtre de todas as verdades: *Spiritus veritatis docebit omnem veritatem*, que para as dizer, multiplicou as linguas: *Apparuerunt diſpertitæ linguæ.* E como alguns conſideraõ, tãbem as meſmas linguas eraõ em ſi partidas, & multiplicadas: *Ita ut imaginemur ſingulis incubuiſſe plures partiales linguas.* Naõ porque deyxaſſe de ſer verdade ſumma a do Eſpirito Santo, ainda que a naõ diſſeſſem tãtas linguas. Mas porque foraõ viſtas, quando elle vinha a enſinar verdades; remos fundamento accõmodado, para dizermos, que as verdades aſſim haõ de ſer ditas. E os ſagrados Apoſtolos aſſim as diſſeraõ depois: fallavaõ com as ſuas linguas, & com as do Eſpirito Santo: naõ diziaõ as verdades os Diſcipulos, ſem as dizer o Meſtre: *Ille docebit omnem veritatem.*

Joan. 16.13.

Act. Apoſt. 2.3

Cornel. hic.

Mais

Mais linguas, do que ouvidos, ſaõ neceſſarias para a verdade ſer crida. Nos ouvidos, onde a verdade vay a parar; hũa ſó attençaõ: & na fonte, donde a verdade traz o ſeu nacimento, que he a boca; attençaõ dobrada: linguas ſobre linguas. As do Eſpirito Santo, & as dos
Ibid. Apoſtolos: *Diſpertitæ linguæ ſupra ſingulos eorum.* Daqui podemos inferir, que para ſe apurar hũa verdade, naõ baſta que a diga hũa ſó lingua, nem que a digaõ poucas: he bem, ſ̃ muytas a digaõ. A mayor verdade, que ſe vio no mundo, foy a do Filho de Deos: elle meſmo era a verdade: *Ego*
Joan. 14.6. *ſum veritas.* E para elle ouvir dizer, qual era no mundo eſta verdade; naõ quiz que ſó a diſſeſſe o mundo: *Quem dicunt homines eſſe Filium hominis*; mas tambem que a diſſeſſem os Diſcipulos: *Vos autem quẽ me eſſe dicitis.* E deſta multiplicaçaõ de linguas ſahio a verdade conhecida, como era. Em quanto a diziaõ as linguas do mundo; Chriſto era ſó o Bautiſta: *Alij Joannem Baptiſtam*; era ſó Elias: *Alij autem Eliam*; era ſó Jeremias: *Alij verò Jeremiam*; era ſó hum dos Profetas: *Aut unũ ex Prophetis.* E quando ſe ajuntàraõ para a dizer com as linguas do mundo as dos Apoſtolos; Chriſto foy mais que o Bautiſta, mais ſ̃ Elias, mais que Jere-

Matth. 16. 13.
Ibid 15.
Ibid. 14.
Ibid.
Ibid.
Ibid.

mias ; & mais que Profeta : foy o que era:
Ibid.16. *Filius Dei vivi.*

11 A razaõ do que eſtamos provando, naõ he ſó hũa ; pódem ſer muytas. He, porque fica a verdade mais perſuadida, ſẽdo por muytos dita. Se o Prégador falla com a doutrina,& juntamente com o exemplo , perſuade melhor ; porque entaõ ſaõ dous os que dizem. Diz a lingua da ciencia ; & diz a lingua da vida: ouvemſe a voz do Prégador , & as vozes das ſuas virtudes. Quando o mundo naõ cria a mais pura verdade , & ao melhor Prégador , que entaõ ſe ouvio; para elle a fazer crer , a perſuadia do meſmo modo : tambem multiplicava as vozes. Jà q̃ me naõ querem crer (diſſe em hũa prégaçaõ) os que me ouvẽ ; digaõ as minhas obras o que eu digo : *Si mihi non vultis credere ; operibus credite.* Joan. 10.38. Sejamos mais a dizella : naõ ſó eu ; mas tambem as minhas obras : *Operibus credite.* He tãbem prova do noſſo argumento a repetiçaõ da verdade : quando ſe diz muytas vezes (que tanto monta , como ſe muytos a diſſeſſem) naõ ha ouvidos , que a naõ ouçaõ ; ainda ſendo tartamudo o que a diz , como era Moyſés : *Impeditioris , & tardioris linguæ ſum* , & ſurdo o que a ouve, qual ſe fazia Faraò : *Induratum eſt cor Pharaonis* , & Exod.4. 10. Exod.7. 13.& 21 & 8.19.

non

non audivit. Tantas vezes Moyſés a diſſe, & a dizia da parte de Deos: *Hæc dicit Dominus: dimitte populum meum*, até que Faraò a ouvio: *Vocatis Moyſe, & Aaron, ait: Surgite, egredimini, ite.* O que temos dito da verdade neſte breve diſcurſo, igualmente ſe ha de entender, ou da verdade, que deve ſer temida; ou da verdade, que he para ſer amada. Ha de ſer, ou dita por muytos, ou muytas vezes dita; tanto quando argüe, como quando encaminha. O Bautiſta, que todo era voz: *Ego vox*, & na conſideraçaõ de Cornelio fallava por tantas bocas, quantas eraõ as ſuas virtudes: *Vox omnium virtutum*, depois de repetir, & dizer por vozes de todas a Herodes aquella verdade, que o accuſava de ſuas culpas: *Dicebat Herodi: Non licet tibi habere uxorem fratris tui*, veyo a ſer delle temido: *Herodes metuebat Joannem.* Fez temer a Herodes Joaõ mandado por Deos, dizendo a verdade com voz dobrada: cõ a ſua, & com a de Deos (commentaõ huns) *Vox clamantis, ſcilicèt Dei; Deus enim clamabat per os Joannis.* E Chriſto, que diſpunha a Thomè, para que amaſſe a verdade da ſua reſurreyçaõ; a diſſe com palavras: *Dicit Thomæ*, & a moſtrou nas chagas: *Vide manus meas.* Fallando cõ a ſua boca, & abrindo

Exod. 5. 1. 8. 9. 10. 3.

Exod. 12. 31.

Joan. 1. 23.

Corn. in 11. cap. 40.

Marc. 6. 18.

Ibid. 20

S. Amb. Theophyl. apud or. in Iſai. et ſuprà.

Joan. 20. 27. Ibid.

do juntamente a do la-
Ibid. do: *Aſſer manum tuã, & mitte in latus meũ*; multiplicou as vozes, & a ſua verdade foy crida, & amada do amãte diſcipulo, que aſſim a confeſſou todo rendi-
Ibid. 28. do: *Dominus meus, & Deus meus.* Sejaõ pois dobradas as vozes, que dizem a verdade, & ſerà promptamente crida. Naõ deyxarà de ſe temer, ou amar, ſe a diſſerem todos os que pódem fallar. Se em nòs fallarẽ as noſſas obras, como em Chriſto fallavaõ as ſuas chagas; & ſe as noſſas virtudes forem todas vozes, como eraõ todas as do Bautiſta; logo entaõ a verdade ſerà temida dos que a aborrecem: *Herodes metuebat Joannem*; & abraçada no coraçaõ dos q̃ a amaõ: *Dominus meus, & Deus meus.*

Vocaçaõ.

§. VI.

12 A Que he de Deos, conhece-ſe pelo que ſe deyxa; ou em deyxar hum o que tem, ou em deſejar ter, para deyxar: ou em deyxar, & ter: ou em naõ ter, & deyxar. Os Diſcipulos de Chriſto deyxàraõ o que tinhaõ: *Reliquimus omnia*, quando Matth. 19. 27. foraõ por elle chamados. E em S. Pedro o principal deſta vocaçaõ ſe vîraõ purificadas as condiçõẽs, com que hum ha de deyxar o q̃ tem, quando Deos o chama:

chama: ha de deyxar o herdado, & o acquirido. Deyxar o herdado, he deyxar o que veyo por direyto do ſangue das veas: & deyxar o acquirido, he deyxar o que cuſtou o ſuor do roſto. E hũa, & outra couſa ſe vio na vocaçaõ de S. Pedro: deyxou barcos, & redes, q̃ eraõ os ſeus bens herdados; & deyxou-os em occaſiaõ, que tinha os barcos cheyos de peyxe: Luc. 5. 7 *Impleverunt ambas naviculas*, que eraõ os bẽs acquiridos. Aſſim os q̃ lhe vieraõ com o ſangue hereditario, como os que grangeou com o trabalho do braço. *Omnia*. Outros porèm ſaõ os bens herdados, & outros os acquiridos, q̃ os imitadores de S. Pedro devem deyxar chamados por Deos. Naõ ſó haõ de deyxar os herdados dos ſegundos pays; mas tambem o que herdàraõ dos primeyros, Adam, & Heva: o amor proprio, a eſtimaçaõ da peſſoa, as inclinações deſordenadas, & outros ſemelhantes affectos, que ſaõ a herança dos filhos de Adam. Nem ſó haõ de deyxar os bens acquiridos por induſtria, ou por fortuna; mas tambem os que acquirîraõ por coſtumes, & habitos das payxões naturaes, que ſaõ os lucros daquella herança. E entaõ poderáõ dizer com verdade os que deyxarem eſtes bens: *Reliquimus omnia*, deyxamos todo o herdado,

& todo o acquirido. Digo todo o herdado, & todo o acquirido; porq̃ na conſideraçaõ de S. Gregorio, & S. Bernardo, os que ſaõ chamados por Deos, haõ de deyxar tanto, quanto naõ deyxaõ os que naõ ſaõ chamados. *A' ſequentibus Chriſtum tanta relicta ſunt, quanta à non ſequentibus deſiderari potuerunt.* E ſe a medida do deyxar de huns, ha de ſer o naõ deyxar de outros; naõ deyxou tudo, quem ainda ficou com algũa couſa, ou herdada, ou acquirida. Principalmente herdada por deſcendencia de Adam, & acquirida por habitos da natureza infecta cõ aquellas inclinações, q̃ atê em S. Pedro, & nos mais da vocaçaõ do Apoſtolado ſe conſervàraõ por tempo, ainda depois de chamados. Deyxando os móveis das peſcarias, & os aſſentos dos barcos; o deſejo de valer mais, & ambiçaõ de mayores lugares naõ deyxàraõ. Em quanto naõ foraõ aſſiſtidos do Eſpirito Santo, huns aſpiràraõ aos primeyros aſſentos do lado de Chriſto: *Dic ut ſedeant, unus ad dexteram, & unus ad ſiniſtram*; & todos entre ſi pleyteàrão ſobre as mayorias peſſoaes no ſeu Reyno: *Facta eſt contentio inter eos, quis eorum videretur eſſe maior.* Depois de deyxados os bens do mundo, ainda poderáõ ir com os chamados por Deos

S Greg. S. Bern. apud Corn. hìc.

Matth. 10. 21.

Luc. 22. 24.

Deos os bens avinculados à natureza; ſe elles não deyxarem tãto, quanto os não chamados naõ deyxão: ſe elles não encherem as medidas do deyxar. E para eſtas ſe naõ encherem, não he neceſſario que os chamados levem comſigo tudo aquillo que fica com os não chamados: baſta, que deyxando hum barcos, & redes, ainda leve, & não deyxe os deſejos de ſer mais, que peſcador: *Unus ad dexteram, unus ad ſiniſtram.* Baſta diſputar as medidas da mayoria: *Quis videretur maior*, para não acertar com as da vocação: *A ſequẽtibus Chriſtum tanta relicta, quanta a non ſequentibus deſiderata.* E he iſto o que eſperão todos os da Divina vocação? Vivem ainda abraçados com huns bens, que pelo mal, que fazem, não ſão bens? Amãoſe ainda a ſi meſmos? Eſtudão ainda como ſeráõ eſtimados? Deſejão ainda o luſtre popular, o eſplendor da honra, os melhores commodos, & as mayores conveniencias? E finalmẽte, quando morrèraõ ao mundo, teſtàraõ de todos eſtes bens? *Omnia?*

13 Se he muyto grãde a fineza dos q̃ deyxaõ o que tem, ſendo a vocaçaõ de Deos: não he menor a dos q̃ não tem que deyxar; & para deyxar, deſejão ter. Eſtes chamados por Deos eſtão deſobrigados da fineza dó deyxar, porque

porque não tem: & deſejando ter que deyxar; o ſeu deſejo os obriga à meſma fineza dos que deyxaõ, porque tem. Tal ſeria a fineza daquelle que eſtiveſſe deſobrigado da guarda de algum preceyto; ſe pediſſe a quem o poz, que o obrigaſſe a guardar. Eſte deſejoſo de obſervar o preceyto, a q̃ não eſtava obrigado, faria a meſma fineza, que faz o que deſeja ter para deyxar, eſtando jà deſobrigado de deyxar, por não ter. Quem faz o que póde, não he obrigado a mais; diz a vulgar ſentẽça dos antigos. E quem deſeja fazer mais do que póde, faz o que ainda póde, que he deſejar eſſe poder. Se paraſſe neſſe não poder, & para poder mais, não deſejaſſe; ſatisfaria ſó à obrigação do que podia, mas não à fineza do deſejo do poder. Em morrer Chriſto para remir os homens, fez a mayor fineza, que podia. Porèm, porque ainda lhe faltava obrar a fineza de repetir eſſa morte; fez hum Sacramento, em que ainda pudeſſe morrer depois de morto: *Quotieſcumque mãducabitis panem hunc, mortem Domini annuntiabitis.* A morte da Cruz foy ſatisfação do preceyto de morrer: a morte do Sacramento foy a fineza de renovar eſſa ſatisfação. Tanto em hũa morte, como em outra: *Oblatus eſt, quia ipſe voluit*, ambas forão

1. ad Cor. 11. 26.

Iſai. 53. 7.

forão finezas da vontade. Mas a primeyra, foy fineza com preceyto; & a que jà eſtava feyta; & a ſegunda, não ſuppoz preceyto para ſer fineza; & a que ainda depois ſe pode fazer. Em quãto o amor de Chriſto pode apurar as ſuas finezas, não deyxou fineza por fazer: ſendo grande fineza o deſejo, que teve de morrer por nòs; o deſejo deſſe deſejo, que tambem podia ter, ainda foy fineza, que fez: *Deſiderio deſideravi hoc paſcha mãducare vobiſcum, antequàm patiar.* Dous deſejos deſcobrîrão neſte texto Hugo, & Sylveira: *Alterum propter veteris hominis conſumptionem: alterum propter novi hominis reparationẽ.*

Luc. 22. 15.

Hugo Card & Silveir. hic.

E como ambos eſtes deſejos tiveraõ o meſmo fim, que era a morte deſejada: *Deſiderio deſideravi, antequàm patiar*, hum delles foy deſejo do outro deſejo: do que havia tido, o q̃ ainda pode ter: deſejando o morrer, & deſejando eſſe meſmo deſejo: *Deſiderio deſideravi.* Aſſim correſpondèraõ as duas mortes de Chriſto, a da Cruz, & a do Sacramento, aos dous deſejos antecedẽtes à meſma morte: ao deſejo de morrer, & ao deſejo deſſe deſejo. E ſempre *propter veteris hominis conſumptionem, & novi hominis reparationem.* Nas duas mortes, o homem remido, & o homem reparado: & os dous deſejos, para re-

redempção, & reparação do meſmo homem. Tão poderoſos ſaõ como iſto os grandes deſejos: não ſó fazem dobrar as finezas, que ſe pódem fazer; mas ainda para os que ſe não pódem fazer por obra; fazem que haja o poder no deſejo. Fazem que aquelle que naõ tem para deyxar; ſó com o deſejo de ter, chegue a deyxar não tendo. Funda-ſe o exceſſo deſta fineza em dous cõſelhos de Chriſto, que perſuadem o deſejar ter, para deyxar. Quando nos diz, que peçamos para ter: *Petite, & accipietis*, quer que deſejemos o que pedimos. E quando nos aconſelha, que deyxemos o que temos: *Vendite, & date*, perſuadenos, que demos o que deſejamos: *Petite*: eis-ahi o deſejo de ter: ninguem pede ſem deſejar. *Date*: eiſ-ahi o conſelho de deyxar: quem deyxou o q̃ pedio, deo o que deſejou. De maneyra, que na eſcola de Chriſto não ſe enſina a deſejar para ter: para deyxar, ſaõ muytas as lições, q̃ o Divino Meſtre deo aos ſeus chamados. Reprehendeo a Joaõ, & a Diogo: *Neſcitis quid petatis*, porque para terem os dous primeyros lugares do valimento, explicàraõ os ſeus deſejos: *Dic ut ſedeant, unus ad dexteram tuã, & unus ad ſiniſtram in Regno tuo.* Naõ ſó ha de deyxar os bens, que tem, aquelle que me quizer

Joan. 16. 24.

Luc. 12. 33.

Matth. 20. 22.

Ibid. 21.

quizer ſeguir; mas de nenhum modo ſe ha de deſejar ter a ſi, o que me quizer, como eu quero: *Abneget ſemetipſum, & ſequatur me.* E he o que diz S. Gregorio, commentando eſte conſelho de Chriſto: *Non ſufficit noſtra relinquere, niſi relinquamus & nos.* De nenhũ modo nos havemos de ter a nòs, & de todo o modo nos havemos de negar, ſe perfeytamente quizermos ſeguir: *Niſi relinquamus & nos.* E iſto naõ fizeraõ aquelles dous chamados para ſeguirem: naõ ſe negàraõ ter a ſi, deſejando para ſi aquelles aſſentos para ter: *Dic ut ſedeant.*

Matth. 16.24.

S.Greg. Homil. 5². in Evang.

14 Deyxar, & ter, he outra fineza dos chamados para ſeguir: he concordar no meſmo tempo os dous extremos taõ diſcordes do ter, & deyxar. Tudo faz o amor de ſeguir, & o deſamor do ter: quem ſegue a Deos, porque o ama, & naõ ama quanto tem, porque o ſegue; no meſmo tempo deyxa, & tem. Aſſim como o deſejo de ter para deyxar, faz deyxar ſem ter; a deſaffeyçaõ do que ſe tem, faz ter, & deyxar. E he o que achou S. Paulo, o mais ſingular dos chamados de Deos, quando diſſe, que naõ implicava no meſmo tẽpo ter, & naõ ter: *Nihil habentes, & omnia poſſidentes.* Deyxar os bens do mundo, para ſeguir a Deos, quando

2.ª ad Cor 6. 10.

elle chama, naõ conſiſte ſó no deſpojo deſſes bens: tambem o ſegue aquelle, q̃ na poſſe actual dos ſeus bens, de tal ſorte os tem, como ſe os naõ tiveſſe. Senhor de tudo: *Omnia poſſidentes*, & ſem couſa algũa de que ſer ſenhor: *Nihil habentes*. E por naõ ficar advertencia algũa, que facilitaſſe eſte impoſſivel; deſcobrio o Apoſtolico ſeguidor de Chriſto S. Paulo outro modo de ter, & naõ ter no meſmo tempo de ſeguir. Diz, que tambem ſe entende eſte ſeu diſcurſo ainda dos bens havidos por compra, & que ſaõ entre todos, os poſſuidos com mayor cuſto: ſaõ os que ſe acquirem dando hũ preço por outro. E deſtes diz elle, que no meſmo tẽpo pódem os ſeus compradores deyxar de ſer ſeus poſſuidores: *Qui emunt, tamquàm non poſſidentes*. 1. ad Cor. 7. 30. Naõ deyxãdo o que compràraõ; mas conſervando o cõprado ſem affeyçaõ do poſſuido. Como naõ he impoſſivel a quem ſegue a Deos, que o chama, deyxar de amar o que tem; a meſma hora deſte ter, he para elles, como hora de naõ poſſuir: *Tamquàm non poſſidentes*. Nem o cuſtoſo deſta deyxa, ter, & deyxar, impede a fineza de ter, & naõ ter, quando Deos chama a quem o ha de ſeguir. O meſmo Apoſtolo nos deo logo hum exẽplo, para com elle confirmarmos

marmos o que dizemos. Muyto mais cuſta o que faz deſatar as lagrimas, do que deſiſtir da poſſe de muytos bens. As lagrimas correm contra vontade de quem as chora: da poſſe dos bens pódem deſiſtir todos por ſua vontade. E o que mais corta pela vontade, he o que mais cuſta. As lagrimas ſaõ o ſangue da alma; & os bens deſta vida, quando muyto, ſaõ o ſangue do corpo. E naõ ha cuſtos, que ſe poſſaõ comparar com os da alma. E com tudo achou S. Paulo, que no meſmo tempo do que tanto cuſta, póde iſſo deyxar de cuſtar: no meſmo tempo, em que correm as lagrimas, pódem ellas naõ correr: *Qui flent, tamquàm non flentes.* [Ibid.] E iſto he muyto mais, do que ter o comprado, & no meſmo tempo naõ ſer poſſuido: *Qui emunt, tamquàm non poſſidẽtes.* Mais he, do q̃ no meſmo tempo ter, & naõ ter, ou ter, & deyxar; ſendo a vontade de ſeguir a Deos, quando chama, a authora da uniaõ deſtes extremos: ſendo o amor deſtes chamados por Deos, o que faz naõ amarem elles os bens que tem. No meſmo tempo de ter todos: *Omnia habent*, nenhuns tem: *Nihil poſſident.*

15 Ainda he muyto mayor a fineza de naõ ter, & deyxar, aquelle que he chamado por Deos para o ſeguir.

Os extremos do deyxar no meſmo tempo do ter, póde os unir a vontade, naõ ſendo os bens amados, quando poſſuidos. Porèm naõ ter, & ainda deyxar, ou deyxar ſem ter, he oppoſiçaõ, que neceſſita de mayor amor, porq̃ he mayor fineza. He deyxar o chamado por Deos a eſperança do q̃ podia ter; & ainda eſte he mayor deyxar. Naõ diremos nòs com certeza (ainda que por conſideraçaõ bem o puderamos dizer) que por iſſo naõ chamou Chriſto a S. Pedro, quãdo depois de malogrados os lanços de toda hũa noyte, eſperava com tudo o lanço de ter mais; porque entaõ ainda tinha q̃ deyxar, que era a eſperãça daquelle lanço: *In verbo tuo laxabo rete.* Mas naõ ſe ha de entender o que dizemos ſó daquelle, que tem algũa eſperança de bens, & a deyxa chamado por Deos; porque entaõ jà tem que deyxar, ſe elle deyxa aquella eſperança. Ha de entenderſe tambem do que naõ tẽ eſperança algũa de ter; & eſſe meſmo naõ ter eſperança, he o que ſacrifica, & o que deyxa. A fineza mayor do ſeguir a Chriſto quando chama, naõ ha de ſuppor ter algum, nem ainda por negaçaõ: até o naõ ter ha de ſacrificar. E excede tanto o deyxar ſem ter, ao ter, & deyxar; quanto he mais o chamar Deos para Luc. 5. 5.

para ſeu ſerviço aos que naõ tem que deyxar, do que aos que deyxaõ o que tem. Eſta he hũa das razões, porq̃ podemos dizer, que o Bautiſta foy o mayor chamado; aſſim como foy o mayor nacido: Matth. 11. 11. *Non ſurrexit maior.* Porque foy chamado antes de ter que deyxar; & em tempo, em que o naõ podia ter: Iſai. 49. 1. *Dominus ab utero vocavit me.* Eſta vocaçaõ naõ foy como a de todos: foy a de hum chamado mayor que elles: *Non ſurrexit maior.* Os mais chamados jà tiveraõ, ou bens, que deyxàraõ, ou a eſperança deſſes bens: & eſte chamado, naõ ſó naõ tinha bens que deyxar; mas no lugar, onde eſtava, & dode era chamado, nem ainda a ſua eſperança tinha *ab utero.* A differença, que ha entre a eſperança, & naõ eſperança do ter; he ſer a eſperança hũa quaſi poſſe do bem eſperado: & a naõ eſperança deſſe bem, de nenhum modo he ſua poſſe. E o chamado por Deos deſte modo, he o *maior inter natos mulierum*; he o que melhor naõ teve, & deyxou. Nem teve bẽs que deyxar; nem para os deyxar, deſejou ter; nem no meſmo tempo os deyxou, & teve; nẽ em tempo algum os eſperou ter; & eſſe meſmo naõ ter, foy o ſeu deyxar; & o ſeu naõ eſperar, a mayor fineza para ſeguir. Mas *quis eſt hic, & laudabimus eum?* Eccli. 31. 9.

eum? Quem ha, que naõ eſpere ter, & que eſſa naõ eſperança ſeja a fineza da ſua deyxa, quando Deos o chame? Que eſte foſſe o Bautiſta antes de nacer; naõ foy maravilha: naõ foy muyto, que elle ainda no vẽtre da mãy naõ eſperaſſe ter; ſendo a eſperança dos bẽs hum affecto dos jà nacidos, & depois de muyto crecidos. Naõ he eſte o argumento, que lhe dà direyto àquelle elogio: *Fecit mirabilia in vita ſua.* Se naõ podia ter, por conſequẽcia naõ podia eſperar: & muyto menos deſta naõ eſperança fazer ſacrificio. Mais foy iſto maravilha de quem o chamou; do que delle, que foy o chamado. Aſſim he: porèm quando parece que naõ haverà algum dos chamados de Deos, que para o ſeguir, do ſeu naõ eſperar faça o ſeu ſacrificar; eſtamos vendo, que todos os que Deos chama, deſte modo o pódem ſeguir. A todos diz Deos, que deſte modo o ſigaõ a elle, quando lhes diz, que ſe neguem a ſi, para o ſeguirem: *Si quis vult poſt me venire, abneget ſemetipſum, & ſequatur me.* Quem me houver de ſeguir, todo ſe ha de negar: & naõ ſe nega todo, o que ainda tem a vontade abraçada com a eſperança do que poderà ter; & até a naõ eſperança de tudo me naõ ſacrificar. Iſſo quer dizer o negarſe

Ibid.

Matth. 16.24.

garſe hum a ſi meſmo. Nada lhe ha de ficar do que he, diz Cornelio: *Abneget ſemetipſum: ut homo abeat à ſe, & fiat alienus à ſe; imò deſinat eſſe, quod eſt.* Nada ha de ter, de que naõ faça a Deos ſacrificio: & até de naõ eſperar ter, ſe ha de negar, havendo deſer cõ total negaçaõ de ſi: *Deſinat eſſe, quod eſt.* Se hum ſe negar a ſi, tendo ainda bens ſeus; naõ ſe nega todo, porque ainda lhe falta negarſe, eſperando ter bens. E ſe ſe negar, eſperando ter bens; tambem ſe naõ nega todo; porque ainda lhe falta negarſe, naõ os eſperando. Os bens do mũdo, ou ſe conſideraõ poſſuidos, ou eſperados, ou tambem naõ eſperados. E quem por ſeguir a Deos naõ tem que deyxar, mais q̃ o naõ eſperar ter; deſſa meſma naõ eſperança lhe ha de fazer ſacrificio; porque he ſó o q̃ tem, & a mayor fineza com que de todo ſe póde negar: *Abneget ſemetipſum.*

Corn. hic.

Vingativo.

§. VII.

16 QUem o pudeſſe ſer cõ razaõ, mais razaõ teria para o naõ ſer. Melhor faria, antepondo hũa razaõ à outra: a razaõ de naõ ſe vingar, à que tiveſſe de vingarſe. Fallo das vinganças dos homens, & naõ das vinganças de

Deos, que he o Senhor
Pſ.93.1. de todas: *Deus ultionũ Dominus*, & naõ obra aſſi coartado, quãdo ſe vinga. Por iſſo diz Da=
Ibid. vid: *Deus ultionum liberè egit*; & Bellarmi=
Bellar. in Pſal. hic. no acrecenta: *Liberrimè ultionẽ facit.* Só nos homens tem lugar eſtas medidas, ſó elles tem as mãos atadas para o uſo das vinganças. E quando por algum grande motivo tiverem razaõ para vingarſe, & levados de outro mayor deyxarem de ſe vingar; ſe naõ forem condenados pelo primeyro, pelo ſegundo ſeráõ muyto louvados. Deos naõ condenou os clamores do ſangue de Abel, ou os de Abel dados pelo ſeu ſangue cõ=
Gen.4. 10. tra Caim: *Vox ſanguinis fratris tui clamat ad me.* Mas antes ficou approvando o motivo da vingança; pois elle meſmo quiz por Abel
Ibid. 11. ſer o vingador: *Maledictus eris ſuper terram, quæ ſuſcepit ſanguinem fratris tui.* Se aquelle ſangue ſe callaſſe, & naõ clamaſſe pela vingança; ſem lhe condenarem o querer ſer vingativo, ſeria muyto louvado, ſe o naõ quizeſſe ſer: ſe aſſim como naõ tinha boca para fallar, naõ levantaſſe a voz para ſe vingar. No Ceo vingou logo Deos a ouſadia do Anjo, por querer ſer como elle: *Similis ero Altiſſimo.* E
Iſai. 14. 14. no deſerto naõ ſe vingou delle Deos, ſendo alli taõ ouſado, como jà o tinha ſido; pois intentou,

tentou que Deos o adorasse: *Si cadens adoraveris me.* E posto que taõ glorioso ficou Deos quando vingado logo no Ceo, como quando naõ vingado no deserto; se quizermos medir hũa, & outra gloria, bem podemos admittir entre ambas algũa diferença. Digamos pois, para louvor dos que pódem vingarse, & se naõ vingaõ: que esta gloria do deserto, por naõ ser gloria de vingança, foy mais singular, que a do Ceo; porque de hũa vingança, ainda que justa, resultou aquella gloria. Naõ dizemos isto, consideradas estas glorias em Deos para Deos; mas consideradas em Deos para nòs. Porque ainda que taõ justo foy Deos vingando-se no Ceo, como naõ se vingando no deserto: tendo nòs as Escrituras cheas do rigor das suas vinganças, antes de se fazer Homem: & depois de feyto Homem, tãbem cheas das suas misericordias; tomamos para nòs de todos estes exemplos seus, os que nos pódem servir de liçaõ para mais sermos misericordiosos, que vingativos: para naõ sermos taõ senhores das nossas vinganças, como Deos o he das suas: *Deus ultionũ Dominus.*

Matth. 4.9.

17 Duas circumstancias temos mais para ponderar neste exẽplo do deserto, que nos perluadẽ a naõ sermos vingativos, ainda quãdo

do o pudeſſemos ſer. Hũa he, terſe jà Deos vingado do ſoberbo Anjo hũa vez; & deyxar de ſe vingar outra. E ainda que eſta ſegunda vingança naõ poderia ſer mayor que a primeyra, por ter ſido de pena eterna: repetindoſe ſegunda vez a ſentença da meſma pena, era vingarſe Deos outra vez do meſmo ſentenciado. Os que jà hoje eſtaõ condenados ao inferno em juizo particular, ſegunda vez o haõ de ſer no univerſal: & ſem mais pena de dano no ſegundo juizo, que o jà ſentenciado no primeyro. Naõ fazem aſſim os que ſe naõ daõ por ſatisfeytos, ſendo hũa vez vingados: ou no deſejo da cõplacẽcia de o terẽ ſido, ou no deſejo de o tornarem a ſer. Ou tãbem (& ainda iſto he mais) quãdo de qualquer dano do noſſo inimigo, fazemos materia para a noſſa vingança, julgãdolhe por bẽ empregada toda a pena cõ que o vemos afflito. E obramos entaõ, como ſe foſſemos imitadores do Senhor das vinganças, que ſó teve juſto poder, para ſe vingar da Serpẽte enganadora de Adam, condenando a por ſentença a arraſtar o peyto, que jà por deſeyto da natureza arraſtava: *Super pectus tuum gradieris.* Gen. 3. 14. Vemos ao noſſo inimigo andar arraſtado por algũa deſgraça da ſua fortuna: & he tal a noſſa vingãça, que lhe approvamos por

por bem julgado o ſeu trabalho, como por ſẽtença noſſa: *Super pectus tuum gradieris.* E iſto he o que commentaõ S. Baſilio, Cornelio, & outros, fallando da condenaçaõ da Serpente: a ſua vileza natural lhe foy conſignada por caſtigo merecido. *Quæ priùs ei erant naturalia, jam eidem confirmata ſunt in pœnam.* A outra circumſtancia do meſmo exẽplo, que agora diſcorremos, he, naõ ſe vingar alli Chriſto do demonio, ainda depois de tres vezes em tres tentações com aſtucia provocado. *Dic, ut lapides iſti panes fiant: mitte te deorſùm: hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me.* Tantas ouſadias taõ manifeſtas, & naõ vingadas convencem de iniquamente vingativos aos que naõ ſó hũa vez, mas muytas, de qualquer imaginaçaõ de aggravo, logo appellaõ para a vingança: aos que lhes baſta hũa injuria ſómẽte ſonhada, para acordarem logo com os olhos na ſatisfaçaõ. Naõ o fez aſſim Joſeph depois de acordado, ainda vendo que os ſeus ſonhos o fizeraõ ir vendido. As meſmas mãos, que o vendèraõ, & recebèraõ o preço da vẽda, foraõ depois largamente por elle remuneradas. E os meſmos braços, que por odio o tinhaõ deſatado da ſua companhia, apertou Joſeph com o laço

S. Baſil. apud Corn. hic.

Matth. 4. 3. 6. & 9.

laço dos ſeus, ligando a huns com outros o ſeu amor. O que chega a fazer a vingança! Sonha Joſeph a ſua exaltaçaõ: & nella ſonhàraõ os irmãos o ſeu abatimento: *Numquid Rex noſter eris?* Baſtou ſonhar elle, que ſeus irmãos o haviaõ de adorar; para que até por ſonhos alheyos ſe deſſem elles por deſprezados, & acordaſſem entre ſi todos o ſerem vingativos: *Vendiderũt eum.*

Geneſ. 37. 8.

Ibid. 28

Vicios.

§. VIII.

18 AInda que a preſença de Deos ſempre os eſtà arguindo; nem por iſſo os ſeus authores os emendaõ ſempre. Boa doutrina eſta para ſe entender, que ſó o viver mais chegado a Deos, naõ convence aos vicioſos do mundo: & que naõ haõ de confiar ſô na Divina preſença, para ſe eſquecerem da emenda. O diſcipulo, que vendeo a Chriſto, era hum dos que elle ſempre tinha preſentes: & com tudo, a ſua ambiçaõ naõ deyxou de o induzir a lhe buſcar compradores. Naõ baſta viver hum mais perto de Deos em algũa Communidade; ſe no meſmo tempo anda fóra della viciada a ſua vida: ſe quando aquelle diſcipulo de Chriſto lhe confeſſa fiel amizade, naõ ſe deſcuyda de lhe negociar a traiçaõ:

Matth. 26.15. traiçaõ : *Quid vultis mihi dare, & ego vobis eum tradam.* Por dous modos eſteve Judas na preſença de Chriſto cõ os mais Apoſtolos; preſente por viſta, & aſſiſtencia da ſua cõpanhia; & preſente por fé, & communhaõ do ſeu Corpo. Mas com vida taõ viciada na primeyra, como na ſegunda preſença : em ambas ambicioſo, & traidor em ambas. Como naõ cuydava na emenda; taõ vendido eſtava o Divino Meſtre, quando viſto, como quando ſacramentado. Nem a preſença de Deos converte aos vicioſos, ſe elles naõ querem a ſua converſaõ. Eſtava Chriſto arguindo, & acuſãdo de traidor a hũ dos chegados à ſua preſença : *Qui intingit mecum manum in paropſide, hic me tradet : væ homini illi, per quem Filius hominis tradetur*; & o ambicioſo da venda ſem deſiſtir da traiçaõ, foy a concluir a entrega : *Quemcumque oſculatus fuero, ipſe eſt, tenete eum.* Ibid. 23 & 24. Ibid. 48.

19 Que lhe importou a Geſtas eſtar na preſença de Chriſto crucificado no Calvario, ſe no meſmo lugar o blaſfemava : *Blaſphemabat eum*, & lhe foy advertido, que o naõ temia : *Neque tu times Deum?* Eſtar hum chegado a Chriſto na Cruz (ou chegar para ſi a Chriſto crucificado) ſem o amar, & temer; naõ baſta para ſalvar. Luc. 23. 39. Ibid 40.

Iſto

Iſto foy o que cuydou Geſtas junto a Chriſto crucificado: queria ſalvarſe, quando blasfemava, & o naõ temia; ſó porque o conſideraIbid. 39. va Salvador: *Si tu es Chriſtus, ſalvum fac temetipſum, & nos*: Se quem eſtà neſſa Cruz, he o que ſalva a todos; ſalvo elle, tambem eu ſerey ſalvo. E ainda que elle naõ fallava da ſalvaçaõ da alma; porq̃ ſó queria ſalvar o corpo dos tormentos da cruz; ficou para exẽplo de muytos eſte ſeu mao exemplo: para repreſentaçaõ dos que ſem merecimentos deſejaõ ſalvar a alma, aquelle deſejo de ſalvar o corpo: querer ſalvar, & naõ merecer: ou eſperar ſer ſalvo, ſó por eſtar junto do Salvador. Iſto ſe vè naquelles, q̃ ſaõ vicioſos em vida, como elle; & na hora da morte ſe abraçaõ cõ Chriſto crucificado, & ſem o verdadeyro arrependimento das ſuas culpas, deſejaõ ſalvar a alma. Se eſtes naõ dizẽ entaõ aquella blasfemia de Geſtas: *Si tu es Chriſtus, ſalvum fac te, & nos*; bem podemos dizer, que em ſuſtancia fazem a meſma blasfemia, quando por terẽ junto a ſi a Chriſto na Cruz, ſem o amarem, nem temerem, querem que os ſalve: *Salvos fac nos*. E naõ he para muyto reparo haver blasfemia feyta por obra, ſem a dizer a boca dos homens; ſe tãbem a ſ̃percebèraõ os ouvidos

dos dos homens, ſem a dizer a boca de Chriſto, que ainda he mais: ſe quando em caſa de Caifaz naõ houve blaſfemia dita, & foy ella ouvida: ſe Chriſto naõ blasfemou; & Caifaz o ouvio blasfemar: *Audiſtis blasphemiam.* Matth. 26.65.

20 Naõ he ſó a preſença, que faz a companhia de Deos, a que não baſta para emendar vicioſos; nem tãbem a que elle faz aos ſeus mais chegados, he a q̃ não baſta, para os converter: como vimos em Judas no Apoſtolado em cõpanhia de Chriſto; & em Geſtas no Calvario crucificado junto delle. Ainda ha outra preſença de Deos, que ſó, & ſem haver da parte dos vicioſos na vida o eſtudo da emenda, não baſta para ſe ver nelles reſórma. Eſta he aquella preſença, q̃ nos faz chegar a Deos na oração: tambem ſó o orar, ainda que faz eſtar preſente, naõ faz ſer emendado. O Fariſeo da Parabola, que junto com o Publicano foy ao Templo a orar, na preſença de Deos eſtava: *Aſcenderunt in templum, ut orarent.* Luc. 18. 10. E advertindo nòs no que diz o Euangeliſta; o Fariſeo he o que eſtava mais perto, & mais chegado a Deos, ou ao lugar da ſua preſença. Aſſim o havemos de entender com Cornelio, que o conſiderava eſtar *prope altare*: ſuppoſto Corn. hic. eſtar o Publicano mais longe: *Publicanus à* Luc. 18. 13. *longè*

longè ſtans; & por iſſo
Idem Corn. *procul ab altari*, como diz o meſmo Cõmento. E havendo de ſer a ſua oraçaõ hũa confiſſaõ de ſuas culpas; era hum memorial dos actos da ſua ſoberba:
Luc. 18. 11. *Non ſum ſicut cæteri hominum: raptores, injuſti, adulteri &c.* Tão dominado eſtava delles ainda na Divina preſença; que no meſmo tẽpo, em que queria orar a Deos: *Aſcendit in templum, ut oraret*, orava de ſi:
Ibid. *Apud ſe orabat: non ſum ſicut cæteri.* Tão longe de ſe confundir na preſença de
S. Aug. S. Bern. S. Greg. apud Cornel. hic. Deos; que *Non orabat Deum*, dizem muytos; mas *Laudabat ſe, dicẽs: Non ſum ſicut cæteri.* Do que até aqui temos diſcorrido, vimos a cõcluir, que a preſença de Deos ſó, não baſta para emendar vicios, ſe os vicioſos ſe não querem emendar. Não baſta viver com Deos entre as paredes da clauſura; como não baſtou àquelle, que fóra della lhe contratava a venda: *Quid vultis mihi dare, & ego vobis eum tradã.* Não baſta eſtar crucificado junto a Deos; como não baſtou ao outro do Calvario, que no meſmo tempo o não temia: *Neque tu times Deum.* Não baſta orar na preſença de Deos; como não baſtou ao Fariſeo da Parabola, q então ſe gloriava todo na ſua vicioſa vida: *Non ſum ſicut cæteri.*

Vaidade.

§. IX.

21 O Mayor inimigo, & o da mayor amizade. O mayor inimigo; porque nos faz a mayor guerra: & o da mayor amizade; porque com elle queremos nòs ter a mayor paz. Quem ha, q naõ experimente as lãçadas deſte inimigo? Quando falla, quando olha, & quando ouve, quando anda, quando veſte, & em outros actos com eſtes parecidos? Quando falla, ſe he com a dependencia de agrados dos ouvintes, vicîa a vaidade a pratica. Quando olha, ſe he com attençaõ nas complacencias das viſtas, cega a vaidade os olhos. Quando ouve: ſe attrahe a adulaçaõ, & a liſonja, deſcompõem a vaidade os ouvidos. Quando anda: ſe he com eſplendor affectado, enreda a vaidade os paſſos. E quando veſte: ſe he com curioſidade eſtudada, profana a vaidade a compoſtura. Tudo iſto, *Vana opera, & riſu digna*, como diz o Profeta, quando conſidera o artefacto de hũa Eſtatua, que tendo boca, olhos, ouvidos, & pés, he vãa a boca, ſaõ vãos os olhos, ſaõ vãos os ouvidos, ſaõ vãos os pés, & he vãa toda aquella figura; porque tudo ſaõ obras ſem eſpirito, que as anîme: *Nec eſt ſpiritus in eis.* E ſaõ obras ſem eſpirito, accommo-

Jerem. 51. 18.

Ib d. 17.

damos nòs; porque todas saõ vaidades: *Omnia vanitas.* E porque o mesmo Profeta passa a considerar confusão no Artifice da estatua, por ser tudo obra vãa, & sẽ espirito: *Confusus est omnis conflator in sculptili,* descobrimos nòs tãbem a mesma, ou mayor confusão nos que tendo espirito se rendem a estas vaidades. E isto com hũa differẽça, que faz muyto mayor a sua confusão. A do Artifice da estatua, fica da parte do Artifice: *Confusus conflator*; & a outra fica da parte da estatua. Estatura, ou estatua, pouco differẽ: & estatura vemos chamar àquella Alma, que toda he espirito: *Statura tua assimilata est palmæ.* E não só, por estar a confusaõ da parte da estatua, (da alma, queremos dizer) & a do Artifice da parte do Estatuario, he aquella confusaõ mayor que esta. Mas tambem, porq̃ o Estatuario não desconhece, nem vè a sua obra differente do que sahio das suas mãos. E a alma, aquella estatua, ou estatura, poderà naõ parecer a mesma obra, que Deos fez com as suas: & perguntarà o seu Author; *Cujus est imago hæc:* ainda sabendo que he sua, porq̃ a fez a si semelhante: *Ad similitudinem nostrã.* Assim como Christo, sabendo que era de Cesar a imagem, que estava esculpida na sua moeda tributaria: como se

Eccles. 1. 2.

Jerem 51. 17.

Cant. 7. 7.

Matth. 22. 20.

Gen. 1. 26

ſe o não ſoubeſſe, perguntou de quem era: *Cujus eſt.* E damos ainda outra terceyra razaõ, para ſer mayor a confuſaõ da alma viva, que temos chamado eſtatua, ou eſtatura; do que a da eſtatua morta obra do Eſtatuario. E he, porque ſuppondo-ſe a alma, obra das mãos da Divina Omnipotẽcia, manchada com as ſuas vaidades: a imagem, que ſe havia de parecer com Deos, ficaria parecida com a eſtatua, que fizeraõ os homens; porque em ambas ſe viaõ *Vana opera.*

22 Eſta he a guerra, que nos faz a vaidade; & por iſſo he o noſſo mayor inimigo: faz, que ſendo nòs imagem de Deos, nos pareçamos com as dos eſcultores: a alma, imagem immortal, com a eſtatua, imagem morta. E com toda eſta ſua inimizade contra nòs, nòs com muyta amizade com elle: quanto nos levanta, tanto nos precipita; & cõ a meſma amizade nos faz a guerra. E nem por ſer occulta, & feyta dẽtro de nòs, a devemos por iſſo temer menos: porque ainda que as vaidades ſaõ affectos interiores; logo ſaem fóra aos noſſos exteriores, & entaõ nos fazẽ a guerra mayor. Que mayor amizade com Adam, q̃ a daquella vaidade, que o levantava a ſer como Deos: *Eritis ſicut dij?* Gen 3. 5. E que guerra lhe não moveo eſſa vaidade?

Por dentro, era o amor do ſubir: *Sicut dij*; & por fóra, veyo ao eſtrago do morrer: *In pulverem revertêris.* E não deyxemos de dizer, que por dentro era tãbem amor da ciencia: *Eritis ſicut dij, ſcientes*: hum dos grandes deſvanecimentos dos homens: & por fóra veyo a publicarſe ignorancia. Aquella, q̃ Santo Thomàs, por entender, que ſó he ciencia o amor de Deos, conſidera nos que não tem eſta cien-cia: *Stultus à ſcientia Dei propter elationem.* Aſſim como Jeremias conſidera ao Artifice, *Stultus à ſcientia ſua propter confuſionem.* Quem diſſera a Adam, que aquelle ſeu amor cõ a vaidade, ou aquelle ſeu amor vaidoſo de ſer, ou ſaber tanto como Deos, lhe havia ſer a cauſa da ſua morte: *In pulverem revertêris*; & do manifeſto da ſua ignorancia: *Stultus à ſcientia ſua?* Tanto como iſto deve ſer temida a guerra interior da vaidade, ainda na ſua mayor amizade: naõ move as batarias de dẽtro, ſem paſſar às de fóra. Em grande paz, & ſoſſego eſtava Nabuco, quando a ſua eſtatua ſonhada lhe deyxou na fanteſia eſpiritos para levantar hũa de ouro verdadeyra: não chegou a querer ſer adorado neſta eſtatua de fóra, ſem primeyro a levantar por dentro nas idéas da ſua ſoberanîa. E tão alta eſta, que tendo a

Ibid. 19

Ibid. 5.

S. Tho. apud Corn.

de

de fóra medida certa:
Dan. 3. 1. *Altitudine cubitorum ſexaginta*, a de dentro era taõ deſmedida, que emparelhava com as divindades da ſua idolatria. Arguindo aos ſeus condenados ao incẽdio das fornalhas, por lhe negarem o culto da ſua eſtatua; no meſmo throno da ſua adoraçaõ poz
Ibid. 14. as dos ſeus deoſes: *Deos meos non colitis, & ſtatuam auream, quam cõſtitui, non adoratis.* Quẽ olhava para a ſua eſtatua de fóra no artefacto do eſtatuario, via a ſemelhança de hum homem: *Statuam auream*; & quem lhe conſideraſſe a ſua eſtatua de dentro, veria ſer parecida com hum Deos: *Deos meos.*

Viſtas.

§. X.

23 TAmbem dizem as verdades; & naõ ſe crem as verdades, que ellas dizem: quando hum naõ crè na verdade da viſta, he porque naõ crè a ſua verdade. Crer a verdade, he crer o q̃ ella diz: & naõ crer na verdade, he naõ crer o que ella he. Como havia de crer Pilatos o q̃ a verdade de Chriſto lhe dizia, ſe elle naõ cria o que a verdade de Chriſto era? Se elle eſtando vendo a ſumma Verdade, pois em Chriſto a tinha diante de ſi: *Ego ſum veritas,* Joan. 14. 6. ainda ignorava, q̃ couſa era verdade: *Quid eſt* Joan. 18. 38. *veritas?*

veritas? Eſtava vendo em Chriſto, como em eſpelho, qual o conſiderou Drogo: *Feciſti nobis, Domine, de corpore tuo ſpeculum*, o que lhe dizia a verdade da ſua innocencia: *Ego nullam invenio in eo cauſam*; & naõ cria o que aquella verdade lhe dizia; porque naõ cria o que a meſma verdade era. Porèm fez o q̃ faz aquelle que naõ crè as manchas da ſua fealdade, q̃ fielmente lhe repreſenta o eſpelho. Tambem eſte, porque naõ crè o que a ſua fealdade he; naõ crè o que ella lhe diz; porque naõ crè entaõ o que he o ſeu roſto afeado; naõ crè no que lhe dizem as maculas da fealdade no roſto. E haverà quem naõ crea o que lhe dizem eſtas viſtas; porq̃ naõ crè o que eſtas viſtas ſaõ? Naõ he aſſim o que eſtamos perſuadindo? Deyxem agora de ver no criſtal do eſpelho, como os afeaõ as manchas, & maculas do roſto: & ſem tirarẽ os olhos do Corpo de Chriſto chagado, vejão neſte eſpelho, ſe trazẽ afeada a alma; ſe lhes falla verdade aquelle corpo, *Nobis factum ſpeculum*. Foy coroa de afrontas, a que neſte mundo o repreſentou Rey, taõ tecida de eſpinhos, como acclamada de zombarias: deſtas lhe cortàraõ a purpura, enriquecèraõ o ſceptro, & authorizàraõ a Mageſtade. E quem naõ crè o que eſtas verdades dizem;

Drog. Oſtienſ. apud Juglar. in Dog.

Joan. 18. 38.

dizẽ; entenda, q̃ he a razaõ, porq̃ naõ crè o que ellas ſaõ: naõ crè, que as afrontas poſſaõ coroar, nem as zombarias ennobrecer. Outras ſaõ as verdades, q̃ nos diz eſte meſmo eſpelho, conſiderando ao meſmo corpo pendente da Cruz: & tãbem, porque naõ cremos o que ſaõ, naõ cremos o que dizem. He verdade, que as mãos da Omnipotencia, que nos fizeraõ, eſſas ſaõ as que ſe crucificàraõ: & quem ſaindo daquellas mãos obra perfeyta, por ſuas culpas a deſmancha; moſtra que naõ crè a verdade, que ellas eſtaõ dizendo. Dizem ao homem, q̃ o ſeu Author o fez a ſi ſemelhante: & que naõ crè o que niſto lhe dizem; porq̃ havendo de ſer ſempre obra parecida cõ quem a fez, os ſeus deſmanchos a naõ trazem com elle parecida. Eſtas viſtas do eſpelho aſſim repreſentado, ſaõ de eſpelho ſem cortinas, porque o vem os noſſos olhos: paſſemos agora a ver o meſmo eſpelho, corridas as cortinas do Sacramento, que o tem encuberto. A verdade, que alli nos diz eſte eſpelho, he ſer aquelle Corpo comida, & tambem bebida aquelle ſãgue: *Caro mea verè eſt cibus, & ſanguis meus verè eſt potus*: & q̃ he ſentenciado à morte aquelle ſacrilego, que o come: *Qui manducat, & bibit indignè, judiciũ ſibi manducat, & bibit.* Joan. 6. 56. 1. ad Cor 11. 29.

E certamente não crè o que eſta verdade diz, quem não crè o que he eſta verdade; porque crendo, que ha de morrer daquelle bocado, ſe indignamente o come; moſtra que quiz perder a vida da ſua alma; porque não creo a verdade, que lhe diſſerão da ſua morte. O indigno deſta comida, por não crer o que ella era; não creo o que o eſpelho daquelle corpo lhe
Ibid 27 dizia: *Quicumque manducaverit indignè, reus erit Corporis Domini.*

24 Novas viſtas ſaõ agora neceſſarias nos noſſos olhos, para outras viſtas tambem novas daquelle eſpelho. Jà não ſão viſtas nem do Corpo de Chriſto chagado, nem crucificado, nem ſacramentado: ſaõ do Corpo de Chriſto retratado. No quadro, que na ſepultura nos deyxou, temos copiado o ſeu corpo delineado com o ſeu ſangue: & tambem como eſpelho, que nos diz outras verdades. Para os noſſos corações nos deyxou o ſeu Corpo no Sacramento: & neſte retrato o quiz deyxar para os noſſos olhos. No Sacramento dizendonos, ſer aquelle o ſeu Corpo, & o ſeu Sangue: & neſte retrato dizendonos tambem, ſer eſte o Sangue do ſeu Corpo: & hũa, & outra verdade cridas no que dizem, porque cridas o q̃ ſaõ. Aſſim foy, & aſſim he verdadeyra a coroaçaõ de eſpinhos, que nos re-

repreſenta eſta enſanguentada imagem : & crendo nòs o que eſta verdade nos diz , cremos o q̃ ella foy. Cremos , que ſó quem lhe ſofreo as feridas, as podia deyxar aſſim retratadas: cremos, que nos dizem , ſer o amor o q̃ abrio aquellas feridas ; & que ſaõ hoje ſinaes vivos do meſmo amor, que as abrio. Se as chagas do lado , mãos , & pês , diſſeraõ a verdade da reſurreyçaõ a quem por algum tempo a naõ creo : naõ ha quem naõ crea na verdade , de ſer o ſangue das meſmas chagas o que ao corpo morto aqui eſtampou. Cremos, que o meſmo amor, que na Cruz o ſuſpendeo pelos braços , eſſe o moſtra hoje com elles ſoltos neſte quadro : como quem chama para o perdaõ com o ſeu abraço Naõ ſobre nòs, mas por nòs pedimos a Deos o ſangue deſte Corpo : & como todo o retrato he de ſangue , & eſte de preço infinito ; infinitamente cuſtoſo foy o retrato. Para podermos dizer, que lhe cuſtàraõ lagrimas de ſangue as deſordenadas viſtas de noſſos olhos ; com ſangue vemos retratados os ſeus. E com o meſmo ſãgue expreſſas as mãos, & pés ; para entendermos o cuſto do mal , q̃ obramos , & dos errados caminhos , que andamos. E nem com todas eſtas razões de ofendido das noſſas culpas, clama contra os q̃

adoptou

adoptou por ſeus irmãos; mas antes, ainda depois de morto, nos diz neſta copia do ſeu ſangue, q̃ o derramou por todos. Para eſtar comnoſco no Sacramẽto do ſeu Sangue; nos manda, que façamos nòs o Sacramento: & para ſe nos deyxar no ſangue deſte quadro; elle ſó, & ſem nòs foy o Author da pintura. A obra do mayor cuſto, qual foy a deſte quadro, toda ſua: & a que naõ nos cuſta, como a da conſagraçaõ do Sacramento, toda noſſa: Luc. 22. 19. *Hoc facite in meam cõmemorationem.* Tudo iſto, Eterno Deos, he o que nos dizem eſtas verdades: & nòs cremos tudo o que ellas ſaõ. Bem podemos conſiderar, que agora nos repetîs aquella voſſa antiga verdade, de ſer eſte o voſſo amado Filho, nacido entre eſplendores: & naõ de menos agrado voſſo, quando entaõ gerado entre luzes, do q̃ hoje morto por noſſo amor, entre as ſombras deſta pintura retratado. Ainda podemos dizer com elle, que todos os que aſſim o vem: *Qui videt me*, tambem vos eſtaõ vendo a Vòs: *Videt & Patrem*, daquelle modo, que nos eſtaõ dizendo, que o vejamos nòs: *Reſpice in faciem Chriſti tui.* Vendo-o a elle dando por nòs o ſangue, conſideramos, que vos vemos a Vós mandando-o a elle, para no lo dar. Se he ſangue

Ioan. 14. 9. Ibid. Pſalm. 83. 10.

gue dado por elle, porque lhe ſahio das veas: he ſangue dado por Vòs, porque vos ſahio do coraçaõ: *Sic dilexiſti, ut Filium dares.* Tambem Vòs, Puriſſima Virgem, vos haveis de ver neſte eſpelho: porque tambem he de Filho voſſo o corpo, que nelle vemos; & he do Filho, que ſeu Eterno Pay nos deo, para ſer noſſo. E ſe nòs cremos o que eſtas verdades dizem; porque o que eſtas verdades ſaõ, tambem cremos: naõ menos haveis de crer Vòs, que o ſangue deſta pintura he juntamẽte ſeu, & mais voſſo: ſangue ſeu; porque ſahio do ſeu corpo: & porque Vòs lhe déſtes o corpo; tambem ſangue voſſo. E por conſequencia tambem foraõ de ambos, os cuſtos deſte quadro: foraõ ſeus; porque lhe cuſtou o ſangue: & foraõ voſſos; porque o ſangue, que lhe cuſtou, tambem foy ſangue, q̃ Vòs déſtes. Aquella grande dôr, q̃ tiveſtes, quando em vida o perdeſtes de viſta: *Quid feciſtis nobis ſic*; agora na perda deſta viſta por ſua morte, ha de ſer mayor a dôr, por ſer a perda mayor: & ſuppomos, que eſtais dizendo: *Quid fecerunt tibi ſic?* E ſe a repoſta là foy: por ſer aquella a vontade do Pay: a repoſta cà deve ſer: por ſer eſte o amor da Mãy. Demos tambem viſta deſte quadro, & deſte Luc. 2. 48.

eſpelho

eſpelho tãbem ao Anjo confortador Gabriel, por ſer elle o que animou a quem deo por nòs o ſangue, para que aſſim confortado o déſſe. Eſta imagem he daquelle Senhor, a quem là lhe começou logo a cuſtar o ſuor do ſangue a pintura deſte quadro. Aſſim como cremos o que nos diz a verdade do conforto, que entaõ lhe déſtes; cremos na verdade do muyto, que o animou eſte conforto. E naõ he eſte o roſto, que no Horto o cobrio o ſeu ſangue: & o que no Ceo deſejais ver ſempre deſcuberto:

1 Pet. 1. 12. *In quem deſideras proſpicere?* Attendamos finalmente (ouçaõ agora os homens, depois de nos ouvirem os Anjos) para as ultimas viſtas deſte corpo, & verdades ultimas deſte eſpelho. As viſtas deſtas coſtas, (queremos dizer) cujas chagas ainda hoje fallaõ; & ainda hoje ſe ouvem no centro dos corações, que dellas ſe doem, os açoutes, que as fizeraõ. Eſtes as abrîraõ, & lhes deraõ bocas, para nos dizerem as verdades que ouvimos, & as q̃ cremos. Saõ as ſuas chagas declamadoras do amor, que as conſentio · & ſaõ brados mudos contra a ingratidaõ, que naõ as correſponde. Para lhe naõ voltarmos as noſſas coſtas, quando buſcamos as occaſiões de muytas culpas; nos dà elle neſte retrato das ſuas hũa viſta de mais

finezas.

finezas. Naõ nos volta as ſuas coſtas, por nos querer voltar o ſeu roſto; mas para que nòs lhe voltemos o noſſo roſto, quer que às ſuas offenſas voltemos as coſtas, promettendo-nos entaõ voltar o roſto: *Convertimini ad me, & convertar ad vos.* E naõ o fazendo nòs aſſim, indo como himos com as coſtas para o ſeu roſto: tambem para o noſſo terà voltadas as coſtas. E entaõ chegando nòs ao Tribunal das verdades, para onde eſtamos de caminho; entenderemos muyto à noſſo pezar, que por naõ crermos o q̃ eſtas verdades eraõ, naõ criamos o que ellas nos diziaõ. Naõ ſerà aſſim, Divino Amante de noſſas almas: naõ ſerà aſſim. Daynos a viſta do voſſo roſto: & nòs abraçados com eſtas chagas, regando-as cõ as noſſas lagrimas, & adorando eſte retrato; nos noſſos coraçõeſ ficaràõ impreſſas as verdades, que temos viſto neſte eſpelho: *Feciſti nobis, Domine, de corpore tuo ſpeculum.*

Zach. 1. 3.

PA-

PALAVRA DE DEOS Desatada.

Zelo.

§. I.

1 PUro, & verdadeyro só he cuſtoſo ao zelador, & naõ ao zelado: eſte goza o bem do zelo; & aquelle padece pelo ſeu bem. Aſſim explica David o zelo de Chriſto, fallando com Deos, quando em ſeu nome diz: *Zelus domûs tuæ comédit me.* O comido do zelo he Chriſto: *Zelus comêdit me*; & a que logra o bem zelado, he a caſa de Deos: *Zelus domûs tuæ.* A caſa de Deos, diſcorre Bellarmino, ou he a corporal, ou a eſpiritual. Ou o ſeu Templo, quando foy profanado pelos negociantes: *Domûs Dei,* Pſal. 68. 10.

Bellar. in Pſal. hic.

Dei, ideſt, templi, quod profanabant Judæi negotiationibus. Ou o gremio Chriſtaõ viciado com as ſuas culpas: *Domûs Dei, ideſt, congregationis fidelium, quã vitijs inquinabant.* E tãto de hũa caſa, como da outra, ſe ha de entẽder o Profeta: ſempre o Divino Zelador pagava as cuſtas do zelo; & a caſa de Deos gozava o bem zelado. Lançou Chriſto do Templo aos que o profanavaõ; & elles, diz Cornelio, o perſeguiraõ cõ as ſuas indignações: *Indignati ſunt; quia ægrè ferebant ſuas nundinationes, & lucra è templo ejecta.* Aos que o ouviraõ zeloſo da honra de Deos, arguhia das ſuas culpas; & elles, advertio Bellarmino, o calumniaraõ com afrontas: *Eum blaſphemabant, eique convicitabantur dicentes: Samaritanus es tu: dæmonium habes.* Porèm aos cuſtos do ſeu zelo correſpondia a honra da caſa de Deos: ſofrendo as penſões de zelador, conſeguia o bem zelado. Quando purificou o Templo, caſa corporal de Deos, da ambiçaõ dos negociadores; fez reſtituir àquella caſa a honra do ſeu culto entaõ deſprezada, na lembrança deſta divida: *Domus mea, domus orationis eſt.* E quando reprehẽdia aos tranſgreſſores da Ley de Deos, & zelava o bem da ſua caſa eſpiritual; contrapunha a honra deſta caſa aos

Corn in Matth. 21. 15.

Bellar. ſuprà.

Matth. 21. 13.

rec-

peccados dos que a violavaõ nas razões do ſeu aggravo: *Ego honorifico Patrem meum, & vos inhonoraſtis me.* De maneyra, que o zelo deſte unico exemplar de zeloſos, era hum vinculo de dous extremos: de hũa parte a mortificaçaõ do zelador; & da outra o bem zelado. Hum extremo, o zelador, a quem comia o zelo: *Zelus comêdit:* outro extremo, a honra de Deos, que era da ſua caſa o bem zelado: *Zelus domûs tuæ.*

Joan. 8. 49.

2 Naõ he muytas vezes, como eſte, o noſſo zelo; ainda que tambem parece uniaõ dos meſmos extremos. Como naõ he puro zelo, tem os extremos trocados. O zelador, que havia de ſer o comido do zelo: *Zelus comêdit me,* he o que come, & roe ao ſugeyto do bem zelado. E o ſugeyto, cujo bem havia de ſer o zelado: *Zelus domûs tuæ,* he o roîdo, & o comido do zelador. Eſtando logo aſſim trocados eſtes extremos; tãbem a explicaçaõ de zelo taõ deſordenado, ha de ter troca nos termos. Naõ ſe ha de dizer: *Zelus domûs comêdit me,* comome de zelo pelo bẽ da caſa alhea. Ha de dizerſe: *Zelus meus comêdit domum,* a caſa alhea he a comida pelo meu zelo. He tanta eſta differença, quanto vay do comer a ſer comido: do comer o zelo ao zelador, ao ſer comido o ſugeyto zelado pelo author

thor do zelo. Na primeyra comida, a boca do zelo, quando elle come, eſtà virada para o zelador: *Zelus comedit me.* E na ſegunda, virase a ſua boca para o ſugeyto zelado: *Zelus cõedit domum tuam.* A Vara de Moyſés, jà Serpente, jà Vara: *Verſa eſt in colubrum: verſa eſt in virgam*, bẽ podia ſervir de emblema accõmodado ao zelo, quãdo ſe conſidera com boca para comer. Era eſta Vara, diz Cornelio, a que Moyſés tinha como Paſtor, quando Deos lhe perſuadia o zelo para libertar, & governar o ſeu povo: *Virga paſtoralis, quâ oves regebat.* E quem tẽ vara de governo, & ſubditos que governar; o zelo ſe lhe ha de diviſar na vara: zelo, que ſó o coma a elle, & naõ aos outros: & iſto ſe via na Vara de Moyſes, inſignia do ſeu zelo. Quando Serpente com boca, para comer, virada para elle: *Verſa eſt in colubrum, ita ut fugeret Moyſes.* E quando tomada pela cauda eſta Serpente, como Deos mandou a Moyſés, que a tomaſſe: *Apprehende caudam ejus*, jà entaõ zelo ſem boca, para comer alguem, ainda que vara de zelo: *Verſa eſt in virgam.* Todo o zelo tem principio, & tem fim: aſſim como aquella Serpente neſta noſſa accommodaçaõ tinha cabeça, & cauda. O principio do zelo eſtà no zelador: eſtà onde

Exod. 4. 3. & 4.

Cornel.

Exod 4. 3.

Ibid. 4.

Ibid.

elle começa. E o ſeu fim eſtà no zelado: eſtà onde elle acaba. E quando o zelo he bem ordenado, ainda q̃ com viſos de Serpente para comer, guarda eſta poſtura. O principio, ou cabeça da Serpente fica da parte do zelador; & ahi come o zelo. E o ſeu fim, ou cauda da Serpẽte fica para a parte do zelado; & alli o zelo naõ come. Mas, ſe o zelo teve deſordem na poſtura: ſe o principio foy para o fim, voltando a Serpente a cabeça para o zelado; naõ come o zelo ao zelador, & ſó ao zelado come. Deſordena-ſe aſſim o zelo, indo o ſeu principio para o fim, & voltando a Serpente a cabeça para o zelado; quando o ſer comido o zelado, he o fim do zelador. Quando naõ diz: *Zelus domûs comedit me*: & ſó deve dizer: *Zelus comedit domum.*

3 A cauſa deſta deſordem no zelo, he o cuydado dos zeladores, quãdo elles o tem mais ſobre as caſas alheyas, que ſobre as ſuas caſas. Se elles olhaſſem para o puriſſimo zelo de Chriſto, ſó das ſuas caſas haviaõ de ſer os ſeus zelos. Aſſim como do Templo, caſa ſua, ſó teve Chriſto o ſeu, quando delle lãçou aos negociantes: *Domus mea, domus orationis vocabitur: vos autem feciſtis illam ſpeluncam latronum.* A minha caſa he para o ſanto trato com Deos na frequẽcia Matth. 21. 13.

da

da oraçaõ; & naõ para os contratos illicitos dos homens nas ſuas compras, & vendas. Eſte zelo naõ ſahia da caſa do zelador: *Domus mea*, & ſó ao meſmo zelador comia: *Comedit me*. Naõ era aſſim o zelo daquelles, que parecendo tãbem tratantes com Deos em muyta oraçaõ propria: *Orationes longas orantes*, Chriſto os repreMatth. 23. 14. hendeo por hypocritas, & comedores das caſas alheas: *Væ vobis hypocritæ: quia comeditis domos viduarum*. Ibid. Pareceis zeladores das caſas de viuvas deſemparadas, porque orais por ellas: *Orationes orantes*. Porèm, porq̃ a vòs naõ vos come o voſſo zelo; comeis as meſmas caſas, que zelais: *Comeditis domos viduarum*.

4 E ainda eſte naõ he o zelo mais nocivo, por ſer comedor das caſas zeladas, quando lhes come os bens. Aquelle zelo, que as come, quãdo lhes morde, & roe as honras; eſſe he o mais abominavel zelo. Naõ he neceſſario buſcar nas Eſcrituras, nem ler nas Hiſtorias os exemplos deſte zelo: baſtaõ, ou ſobejaõ os que ſe daõ a ver nas experiencias. Comer a boa opiniaõ com boca de zelo fingido, he como correr na praça a moeda falſa entre a verdadeyra. E com eſta moeda corrente, que aſſim podemos chamar a ſemelhante zelo, ſe vendẽ,

& compraõ a reputaçaõ, & bom nome de muytos, quando elle tem boca para comer aos zelados, & naõ aos zeladores. E o remedio para matar eſta fome, naõ he tapar a boca a eſte zelo: he fazer o que podemos aconſelhar decifrando de todo o emblema, com q̃ o repreſentamos. He tomar a eſta Serpente pela cauda; aſſim como Deos mandou a Moyſés, que tomaſſe aquella: *Apprehende caudam ejus.* Seguindo-ſe eſte conſelho; logo a que era Serpente, fica vara: *Verſa eſt in virgam*; & jà naõ tem boca para comer. Conſiderem os comidos deſte zelo, ou deſta Serpente; que a ſua cauda naõ morde, nem come. Ponhaõ os olhos no ſeu fim: & vendo, que ſe ha de acabar, jà a naõ devem temer: *Apprehendant caudã ejus.* Muyto menos mal he o do zelo, que come os bens da vida; que o do zelo comedor dos bens da honra. E com tudo, vemos a Chriſto inſinuar aos mordidos deſte zelo, para remedio do ſeu mal a lembrança do ſeu fim: *Quia comeditis domos viduarum: propter hoc amplius accipietis judicium.* Eſte voſſo zelo, que agora vos dà de comer; depois que ſe vos acabar, vereis quanto vos faz pagar: *Amplius accipietis judicium.* Outros vertem: *Maiorem condemnationem: judicium ſupremũ.*

Exod 4. 4.

Ibid.

Matth. 23. 4.

Cornel. hîc.

Com

Com eſta conſideraçaõ pois, vendo-os comidos de outro zelo muyto mais venenoſo, que elle ha de ter fim, & ſer condenado em mais rigoroſo juizo: *Amplius judicium*: entendaõ, que poſto ſeja agora por breve tẽpo, zelo Serpente: *Verſa in colubrum*: para toda a eternidade ha de ſer zelo vara: *Verſa in virgam.*

§. II.

5 ASſim como no zelo comedor póde haver bom, & mao zelo: no zelo irado, que agora tomamos por materia para outro diſcurſo; os affectos, q̃ o movem, pódem tambem ſer maos, & bons. Naquella pergunta, q̃ Deos fez a Jonas, & tambem reprehenſaõ, que nella lhe deo: *Putaſne benè iraſceris tu*: quando o vio irado, por elle naõ ver a Ninive ſubvertida: *Afflictus eſt afflictione magna, & iratus eſt*: bem ſe entẽde ter Jonas o mao, pois lhe manda q̃ veja, ſe tem o bom: *Putas benè iraſceris.* E iſto meſmo he o que nòs vemos no conſelho de S.Paulo, quando nos diz: *Iraſcimini, & nolite peccare.* Porq̃ bem póde haver bõ, & mao zelo; aſſim como póde haver boa, & mà ira: a ira mà, he quando ella ſe acha com peccado: & quando eſtà ſem peccado, & muyto melhor quando he contra o meſ-

Jon.4.4. Ibid.1. Ad Epheſ.4. 26.

meſmo peccado, entaõ he boa a ira. Tal a reconhece David em Deos, quando depois de lhe
Pſ. 77. dizer: *Exurge Domine in ira tua*, tambem diz
Ibid. 10. logo: *Conſumetur nequitia peccatorum.* Naõ falla o Profeta daquella ira, interpreta S. Chryſoſtomo, que nos homens he contra os ini-
S. Chryſoſtom. hic. migos: *Non ut ſumat pœnas de inimicis*; porq eſſa he ira vicioſa. Mas da outra, que conſumindo os peccados, & naõ os peccadores; faz que os peccadores ſe emẽdem dos peccados: *Sed ut inimici ceſſent ab improbitate.* Com eſta modificaçaõ pois, bem póde a ira ſer boa, & tambem ſer bom o zelo: & ſem ella nem o zelo póde ſer bom, nẽ boa a ira. Qual he a ira, ou zelo, que Chriſto condena por ſentença, ſendo ira de huns irmãos contra outros: *Omnis, qui iraſcitur fratri ſuo, reus erit judicio.* Matth. 5. 22. A ira, que mais he para mal do irmaõ, do que para bem da correcçaõ: mais contra o peccador, que contra o peccado; nem he boa ira, nem zelo bom. He zelo, que deſte modo vicioſo, & aſſim irado contra o irmaõ, faz ao zelador *Reus judicio.* Taõ cruel he, como iſto, a tal ira com capa de zelo: nem de hum irmaõ para outro, ainda que com roſto de bom zelo, deyxa de ſer mà ira. Sendo que exẽplo havia, & eſſe dado là no inferno, que poderia per-

perſuadir o contrario: que moveria a querer bem, ainda em tempo do querer mal. Dominando naquelle lugar a ira infernal (que he a mayor ira) ſobre todos ſeus atormentados, houve entre elles hum taõ lembrado do amor fraterno, que orou por cinco irmãos, que tinha no mundo, pedindo a Abraham, que os deſviaſſe de ir a padecer, o
Luc. 16. 28. que elle padecia: *Ne & ipſi veniant in hunc locum tormentorum.* Naõ ſe eſqueceo do amor de irmaõ, ainda eſtando em lugar onde ninguẽ ama. E he para grande ſentimento, ver quantas vezes neſte mundo naõ ſe lembraõ deſte amor os da uniaõ fraterna; naõ padecendo nelle taes penas, que os façaõ eſquecidos deſte amor. Exemplo he eſte do atormentado no inferno, para perſuadir a naõ haver zelo irado entre irmãos: & o naõ foy o outro da reprehenſaõ de Jonas, por elle ter zelo com ira contra os Ninivitas. Reprehenſões como a de Jonas, & ſó reprehenſões de zelo, que he ira, naõ emendaõ, nem difficultaõ o vicio de ſemelhãtes affectos; mas antes facilitaõ o exercicio do meſmo zelo. Quando Chriſto o ſentenciou, naõ o deyxou reprehendido, ſem o moſtrar condenado: *Qui iraſcitur fratri, reus erit.* E zelo cõ amor dos irmãos, como o daquelle atormẽtado

no inferno, faz cobrir o roſto de pejo aos que o naõ imitaõ no mundo. O exemplo deſte zelo he o que perſuade as finezas daquelle amor; & argûe de grãde vicio aos eſquecidos da ſua imitaçaõ. Que hum condenado do inferno zele o bem dos ſeus irmãos: & q̃ ſeja contra eſte bem o que por naõ ter aquelle zelo, vive já neſte mundo ſentenciado: *Reus erit judicio*; he culpa, q̃ merece pena, & naõ ſe purga ſó com reprehenſaõ: *Putaſne benè iraſceris tu.*

6 O zelo irado, ainda quando naõ he de irmaõ contra irmãos, (o que ſó trouxemos por exemplo, para ſe conhecer a malignidade do zelo com ira) ſempre deve ſer reprehendido, & nunca diſſimulado, ainda no zeloſo mais exacto: como fez Deos reprehendendo a Jonas, que ainda depois de ver aos Ninivitas penitentes, os deſejava ſumergidos: com zelo, ſim; mas cõ ira, naõ. Nem deſculpa a ſemelhantes zeloſos a obſervancia de algũa ley quebrantada, por zelarem a ſua inteyreza. Mandado por Deos era o meſmo Jonas a zelar a ſua honra offendida, & a intimar a penitencia das ſuas offenſas: & mais foy reprehendido o ſeu zelo: *Putaſne benè iraſceris tu.* Os dous Boanerges, ou filhos do trovaõ, Joaõ, & Diogo, quando zelàraõ

Jon. 4. 4

zelàraõ o reſpeyto de Chriſto aggravado pelos Samaritanos, querendo fazer vir ſobre elles o fogo do Ceo: Luc. 9. 54. *Vis dicimus, ut ignis deſcendat de Cælo, & conſumat illos*, naõ livràraõ de reprehendidos, por ter aquelle zelo ſua porçaõ de irado: Ibid. 55. *Neſcitis cujus ſpiritus eſtis.* Zelem embora a inteyreza das leys os obrigados por eſte bom zelo, intimando a ſua obſervancia; mas ſem trovaõ, nem fogo. Imitem ao grande Bautiſta, ſingular zelador da prégaçaõ cõtra os peccados do mundo; & ſẽ Matth. 3. 2. paſſar do *Pœnitentiam agite*: *appropinquavit enim Regnũ Cælorũ.* Naõ ſe offenda a obſervãcia: mande-ſe pôr os olhos naquelle premio prometido aos que a amaõ: *Regnum Cælorum*, ainda quando ſe lhes falla na penitencia: *Pœnitentiam agite.* E principalmente, quando o tranſgreſſor da ley confeſſando as ſuas offenſas naõ recuſa a penitencia, mas antes a pede. Os zeladores deſta obſervancia, ainda ſendo a dos preceytos de Deos, como era S. Pedro, haõ de comer os peccados, & naõ parecer, que querem comer os peccadores, quando lhos deſcobrem no Tribunal da Confiſſaõ. Haõ de fazer o que do Ceo ſe mandou dizer ao ſeu primeyro Miniſtro, & ſe lhe repreſentàraõ os peccados em diverſas fórmas de animaes:

maes : aos peccados,& naõ aos peccadores,lhe mandáraõ comer: *Occîde,& manduca.* E he o meſmo q̃ tẽ acõſelhado. Chryſoſtomo:eſte zelo ha de ſer,naõ como quẽ ſe ira cõtra os culpados: *Non ut ſumat pœnas de inimicis*; mas para naõ haver mais culpas : *Sed ut inimici ceſſent ab improbitate.*

Act. Apoſt.10, 13.

Chryſoſtom. ſuprà.

7 Tudo iſto he,fallando nòs do zelo,quãdo ſe lhe deſcobre a ira: & quando a ira naõ apparece, & ſó parece zelo por fóra , o que he ira por dentro ; entaõ he peyor o zelo : he fogo da mina, que ſe encaminha a fazer o mayor mal. Mayor mal porèm he o do zelador, como de author da mina: porque eſte ſempre contra ſi diſpõem a mina , & arma a oppreſſaõ. Sendo a ira occulta, he ira em theſouro, ou theſouro da ira eſcondido : & eſſe ſemelhãte ao da ira de Deos, que nos ſeus peccados entheſouraõ os homẽs: *Theſaurizas tibi iram*, para ſe abrir no dia da ira *In die iræ*, que he o do juizo ; porque entaõ : *Deus omnem ſuam iram effundet.* E aſſim como os theſouros dos bens deſta vida ſaõ para proveyto dos donos dos theſouros ; os theſouros dos ſeus males (o do mal da ira , individuamos agora)he para mal do q̃ a tem em theſouro, por ſer elle o ſeu dono. A ira de Saul contra David : *Iratus eſt Saul nimis*, quando depois

Ad Roman.2.

Ibid.

Cornel. hic.

depois de morto por elle o Filiſteo, vio mais decantada a ſua gloria, do que celebrados os applauſos do author da guerra, & empenhado na empreza, irando-ſe
Ibid.7. por ouvir dizer: *Percuſſit Saul mille, & David decem millia*, foy ira occulta, & por iſſo como enthefourada: *Theſaurizavit ſibi iram ſuam.* Eſtava, & andava muyto irado contra David, & o naõ parecia, deſde o dia, & hora, em que concebeo con-
Ibid.9. tra elle eſta ira: *A die illa, & deinceps.* Conſentia, que lhe andaſſe na preſença; mas naõ o olhava cõ bons olhos, como faz o zelador irado à viſta do zelado:
Ibid. *Non rectis oculis Saul aſpiciebat David.* E tirando em bem mà hora hũa lança do theſouro da ſua ira (do ſeu coraçaõ, queremos dizer) onde elle tinha eſte theſouro, ou theſouro, onde entaõ tinha o coraçaõ: ainda que moſtrava agrado em o ver, & ouvirlhe o eſtromẽto: *Davit pſallebat manu ſua, ſicut per ſingulos dies*, com ella lhe quiz tirar a vida: *Miſit eam, putans quòd cõfigere poſſet David cum pariete.* Naõ empregãdo porèm Saul, como deſejava, eſta primeyra lança da ſua occulta ira; tratou de encobrir mais o ſeu theſouro, reſervando para outro tẽpo outra lançada. Fez a David Cabo das ſuas milicias: *Fecit eum Tribunum ſuper mille viros:*
Ibid.10.
Ibid.11.
Ibid.13.
offe-

offerecialhe hũa filha
Ibid.17. para mulher: *Ecce filia mea maior Merob, ipſam dabo tibi uxorem:* & deolhe a Michol ſua filha tambem, deſejada
Ibid.21. de David: *Dabo eam illi.* E as liberalidades deſtas merces, parecendo effeytos do zelo para gloria das armas de Saul, & para honras de David; eraõ todas para ſuas ruinas. A merce da honra militar, que parecia vinda da maõ Real, era para pòr a vida de David nas mãos
Ibid.17 dos Filiſteos: *Non ſit manus mea in eum; ſed ſit ſuper eum manus Philiſthinorum.* E a merce de genro ſeu, era para David ter o meſmo
Ibid.21. fim: *Ut fiat ei in ſcandalum, & ſit ſuper eũ manus Philiſthinorum.* E finalmente tantos haviaõ ſido os dias deſte bom roſto, quantos foraõ os daquella mà ira: *Factuſque eſt Saul* Ibid.29. *inimicus David cunctis diebus.* E como o theſouro daquelle mal da ira de Saul naõ eſtava exhauſto, ainda que eſcondido com todas eſtas diſſimulações de zelo particular do bem de David, & commum do bem do Reyno; teve a ſegunda lança, que delle tirou, & com ella fez tiro a David: *Niſus eſt Saul con-* 1.Reg.19.10. *figere David lancea in pariete.* Fez o coraçaõ de Saul, o que faz todo o coraçaõ irado: *Eſto ad tempus melle* Cornel. hic. *amoris oblinatur: illicò, eo evaporante, ad felleas iras inolitas revertitur.*

Porèm

Porèm naõ em David, mas na parede do palacio de Saul teve emprego a lança: *Lançea autem caſſo vulnere perlata eſt in parietem*: & David, que havia declinado a lançada: *Declinavit David a facie Saul*, livrou com vida: *Fugit, & ſalvatus eſt.* Eſtendemos mais do q̃ coſtumamos, eſte tragico ſucceſſo; para melhor apparecer nas ſuas ſcenas o muyto, que fulmina a ira enthefourada, naõ ſendo ainda a a de Deos, mas ſó a dos homens. Contra os ſeus meſmos donos ſe tira dos ſeus theſouros o ſeu mal. No dia do juizo, contra os do theſouro da ira de Deos, a lança da maõ de Deos. E no dia, em que Saul tira do theſouro da ſua ira a lança contra David; he contra elle meſmo a lança da ſua maõ: *Perlata eſt in parietem.* Mais contra ſi, como preſagio, podemos conſiderar, da ruina da ſua caſa, & provocada por ſua meſma maõ: do q̃ contra David, a quem a lança naõ chegou a tocar, foy o tiro daquella lançada: *Perlata eſt in parietem.*

Ibid. Ibid. Ibid.

§. III.

8 AO zelo irado he ſemelhante o vingativo: já o temos advertido na reprehenſaõ dos dous irmãos Joaõ, & Diogo: *Neſcitis cujus ſpiritus eſtis.* E ainda que naõ podemos julgar peccado Luc. 9. 55.

do aquelle ſeu zelo: Ibid. 54. *Vis dicimus, ut ignis deſcendat de Cælo, & cõſumat illos*, naõ deyxou de ſe entender vingativo: Cornel. hic. *Zelus vindictæ*; & por iſſo foy reprehendido: *Neſcitis cujus ſpiritus eſtis.* Zelo, he acto de amor: & aſſim como eſte ſe ſuppõem no zelador, por ſer o amãte; tambem no zelado ſe deve ſuppor, por ſer o amado. Quanto tem de amor, tem de uniaõ entre os dous extremos zelador, & zelado. Aſſim como o ſervir, quando he amar, como era o de Jacob a Rachel; tambem por conſequẽcia he unir os dous extremos daquelle ſerviço: a Jacob, que era o que ſervia; & a Rachel, que era a ſervida: *Serviam pro Rachel.* E ſe no amor do q̃ ſerve naõ póde haver legitimo ſerviço para dous ſenhores: *Nemo poteſt duobus dominis ſervire*; porque para ambos naõ póde haver amor legitimo: *Aut enim unum odio habebit, & alterum diliget*: com mayor difficuldade ainda póde haver no meſmo coraçaõ zelo puro para hũ meſmo zelado, ſe delle meſmo ſe vinga, quãdo o zela: ſe no meſmo tempo he vingança o q̃ parece zelo. E ſe por caſo o zelador, & o zelado ſaõ irmãos; paſſa a difficuldade a ſer impoſſivel: zelo puro no coraçaõ do amor fraterno, & no meſmo tẽpo vingança do irmaõ, he impoſſivel. Bẽ podemos Gen. 29. 18. Matth. 6. 24. Ibid.

mos chamar dous irmãos às duas plantas ſizania, & trigo daquella ſeàra do Euangelho, por ſerem filhos de hũa meſma mãy: da terra, que os concebeo, & os produzio, queremos dizer. E remedio, para ſe conſervarem ambas eſtas plantas, ou eſtes irmãos nos braços da mãy, ſem hum fazer mal ao outro; naõ o achou o Senhor da ſeàra: de neceſſidade veyo a ter odio à ſizania, & a ſentenciou para o fogo: *Colligite zizania ad comburendum;* & a ter amor ao trigo, que mandou recolher no celleyro: *Triticum autem congregate in horreum meum.* E no entretanto do tempo deſta reſoluçaõ, o irmaõ repreſentado na ſizania, parecia eſtar em braços com o irmaõ repreſentado no trigo: parecia (bem podemos ſazer eſta conſideraçaõ) hũa figura de emblema para o zelo, amor, & uniaõ fraterna, & naõ era aſſim; por eſtar viciada aquella irmandade da parte da ſizania, & naõ ſer o ſeu abraço puro, por ſer *Semen impurum, ſegetem vitians.* Tal he pois o zelo viciado cõ vingança: neceſſariamente ha de fazer mal, ſe o zelado naõ conhecer o animo do zelador, para ſe acautelar contra o ſeu zelo. A bebida deſte fel, ſe lha quizerem dar com titulo de conſorto, neceſſariamente lhe ha de amargar, ſe lhe chegar à boca.

March 13. 30.

Ibid.

Cornel. cũ multis hic.

à boca. Coſtume era dos zeloſos da caridade, para confortar aos condenados à morte, aliviarlhes a pena com hũa porçaõ de vinho: Corn. & alij in Matth. 27.34. *Reis damnatis ad confortationem vinum dari ſolebat*: porèm para Chriſto o zelo daquelle conforto era tormẽto: *Ad tormentum vinum felle amaricarunt, & corruperunt.* Era caridade, & odio no meſmo tempo: era zelo corrupto: Matth. 27.34. *Vinum cũ felle miſtum.* Nem diremos contra a verdade, ſe entendermos, que a vingança era a corrupçaõ daquelle zelo. Como era zelo dos que ſe vingavaõ de Chriſto, arguîdos muytas vezes de culpados nas doutrinas, que lhe ouviaõ: aſſim como aquella bebida parecia charidade, & era tormento; era vingança, & parecia zelo. E naõ deyxemos paſſar ſem reparo, ſofrer Chriſto todos os mais tormentos publicos, que lhe deraõ eſtes vingativos; & ſó o do fel encuberto com a diſſimulaçaõ daquelle zelo *Noluit bibere.* Ibid.

9 Aſſim he abominavel, & monſtruoſa a vingança com roſto de zelo: & he iſto o que agora advertimos, para que deyxe de ſer monſtro o zelador vingativo, parecendo que ama no meſmo tempo, que o ſeu zelo naõ he amor. Coſtumamos chamar monſtro aos que nacèraõ de partos deſordenados da natureza: ſupponha-

ponhamos a hum, que trouxeſſe do ſeu nacimento dous roſtos em hũa ſó cabeça: como jà ſe viraõ outros mais disformes; por naõ cõcorrer a natureza com toda a materia neceſſaria, para ſahirem a luz dous corpos perfeytos. E a mayor monſtruoſidade do que agora ſuppomos, era ouvillo fallar por duas bocas: ainda mayor que a fingida de Jano; porque eſta ſó era, a de olhar elle para dous termos oppoſtos, mas ſem enganar no que diſſeſſe que via: ſempre dizia verdade, ſe diſſeſſe no meſmo tempo, que eſtava olhando para o Norte, & mais para o Sul. A monſtruoſidade porèm do que fallaſſe por duas bocas encontradas, como tambem ſe ha de ſuppor no monſtro ſuppoſto; dizendo hũa ſim, & outra naõ, & enganando tanto a do naõ, como a do ſim; ſeria a mayor monſtruoſidade, & por iſſo a mais abominavel. A qual chimera aſſim ſuppoſta, com o exemplo tomado das que ſuppõem os Artiſtas Filoſofos nos ſeus argumentos: a de homem, & juntamẽte leaõ: *Homo leo*; & a de Pedro no meſmo tẽpo pedra *Petrus lapis*: iſto meſmo ſe vè no zelador vingativo. Parecendo homem no zelo com que falla; & ſendo no meſmo tempo leaõ na vingança, que diſſimula: no brãdo das palavras, todo

humano ; & na inhumanidade,com que entaõ obra , todo de pedra : com manſidaõ no zelo ; com pedras para o zelado. E por outra razaõ mais,ainda ſendo mais temido eſte zelador vingativo, do que ſeria aquelle monſtro ſuppoſto. Porque eſte enganaria fallando por duas bocas : & o zelador, de que fallamos, o faz por hũa ; & por iſſo no ſeu zelo logra a ſua vingança. Como a ſua boca he vingativa no meſmo tempo , em que ſe ouve zeloſo; naõ o pódem tomar pelo beyço. Só livraria de taes zeladores o que tiveſſe advertencia ſemelhante à que Chriſto moſtrou,quando em duas occaſiões o queriaõ tomar pela palavra : quando lhe apreſentàraõ a Adultera cõ a tranſgreſſaõ da ley no ſeu peccado : & quando lhe propuzeraõ a queſtaõ do tributo de Ceſar , affectando duvidas na contribuiçaõ do impoſto Real. Em ambas hiaõ eſtes zeladores a vingarſe de Chriſto , como inimigos ſeus encubertos , quando ſe moſtravaõ zeloſos publicos. Porque ſe diſſeſſe , que a Adultera naõ foſſe apedrejada ; a ſua repoſta era tranſgreſſaõ de hũa ley : *In lege Moyſes mandavit nobis hujuſmodi lapidare*; & entaõ das ſuas meſmas palavras lhe faziaõ prova para o accuſarem : *Quaſi Moyſi , & legi* con- Joan 8. 5. Cornel. hic.

contrarium. E ſe a repoſta foſſe approvaçaõ da ley; della lhe fariaõ crime, para armarem a ſua vingança, moſtrando a todos, que elle naõ era de taõ bom coraçaõ, como ſe fazia : *Ut ipſum ad populum traducerent quaſi rigidum, & immitem, qui ſummè volebat haberi clemens.* E ſe na queſtaõ do tributo impoſto por Ceſar, reſpondeſſe Chriſto a favor dos zeloſos, que lhe pediaõ o conſelho, dizendo, que naõ havia obrigaçaõ para contribuir com aquelle impoſto; era tambem eſta repoſta hũa deſobediencia de outra ley : & jà do ſeu meſmo dito faziaõ argumento, para o accuſarem de infiel à Coroa, & o moſtrarem Reo da pena competente : *Fraudulentâ ſimulatione volebãt Romanis necandum objicere.* De maneyra, que ou a naõ reſponder Chriſto, ou a ficar preſo na repoſta, & a conſeguirem a ſua vingança, armavaõ eſtes zeloſos as ſuas perguntas. E ſó Chriſto, que lhes conhecia a vingança, & mais o zelo, lhes ſeparou o zelo da vingança; & nas ſuas repoſtas lhes mandou guardar hũa, & outra ley. Aos zeloſos da ley das pedradas, diſſe que ſe guardaſſe a ley, & foſſe apedrejada a Adultera : mas naõ pelos que merecem ſer apedrejados pelas leys, que elles naõ guardaõ : *Sed non punienda à punièdis,*

Idem Corn. ibid.

Cornel. in Matt. 22.

S. Aug. apud Corn. in Joan. 8. 7

diz Santo Agoſtinho. Naõ por vòs, que naõ concordais o voſſo zelo com os voſſos peccados: & ſenaõ trazeis diſcordes eſtes extremos, ſeja o voſſo zelo, o que vos meta as pedras na maõ: *Qui ſine peccato eſt veſtrûm, primus in illam lapidem mittat.* E he o que entendeo Santo Ambroſio: *Is peccata puniat, qui ſine peccato eſt.* E aos eſcrupuloſos do tributo de Ceſar, reſpondeo que foſſe obedecido o ſeu decreto: *Reddite quæ ſunt Cæſaris, Cæſari.* Mas, para que viſſem, que a diſſimulaçaõ do ſeu zelo bem ſe deyxava conhecer: *Simulatis vos amicos religionis, ac bonæ conſciëtiæ ſtudioſos,* lhes dava a ſaber, que deviaõ tambem guardar a Ley de Deos, como primeyra regra de ſe guardarem as dos homens, quando ſaõ juſtas, & tal ſe devia ſuppor aquella de Ceſar: *Ut ſciatis quid rectè, & juſtè ex lege Dei in hoc caſu agere debeatis.* O voſſo zelo he hypocriſia: *Quid me tentatis hypocritæ?* No meſmo tempo em que me conſultais zeloſos, até de mim ſois vingativos: *Cùm ſitis inimici mei æquè ac Dei, & meum ſanguinem ſitiatis, eumque fraudulenter, & dolosè extorquere ſatagatis.* Eſte pois poderà ſer o remedio, para os zelados livrarem das vinganças dos ſeus zeladores: pedir a Deos, que quando ſe virem aſſim

Joan. 8. 7.

Idem Corn. ibid.

Matth. 22. 18.

S. Amb. epiſt. 76. apud Corn. ibid.

Matth. 22. 21.

Cornel. ibid.

Cornel. ibid.

aſſim tentados por eſtes *Amicos religionis*, *ac bonæ conſcientiæ ſtudioſos*, ſendo no meſmo tempo *Inimici*, *fraudulenter & dolosè ſanguinem extorquentes*; os faça entender, que pódem ſer conhecidos os ſeus enganoſos zelos na ſua tentadora hypocriſia, & haver quem lhes diga: *Quid tentatis hypocritæ.*

§. IV.

10 DO zelo vingativo paſſemos ao invejoſo, naõ menos nocivo hum, q̃ o outro: & ſe diſſermos, que o invejoſo excede ao vingativo, fundamento temos, para dar eſta differença entre ambos. A vingança algũa vez póde ſer juſta: como he a q̃ Deos promette aos juſtamente queyxoſos: *Mihi vindicta, & ego retribuam*; & a que tomou de Caim invejoſo de Abel, attendendo aos brados do ſeu ſangue, que lhe pedia o vingaſſe da ſua morte: *Vox ſanguinis fratris tui clamat ad me.* Inveja porèm juſta, & muyto menos em Deos, nunca a póde haver: & he a razaõ de ſer mais execrando o zelo invejoſo, que o vingativo: como affecto mais venenoſo, & que naõ he facil o ſeu antidoto. Jà deſde o principio do mundo havia ſido o demonio o ſeu author, por invejar ao homem, que via eſtar em hum

Ad Roman. 12. 19. Ad Hebr. 10. 30

Gen. 4. 10.

delicioſo Paraiſo, & do qual poderia ſubir ao outro, que elle tinha perdido: *Quia vidit ſibi, ſuiſque in Cælo theatris à Deo ſubrogari hominem.* E aſſim, invejandolhe eſta gloria: *Illi invidit hanc gloriã*, com zelo fingido o fez morrer: *Eum ad peccatum, indeque ad mortem ſolicitavit, & impulit:* quando moſtrava, que o queria eternizar: *Nequaquã moriemini: eritis ſicut dij.* Quem o encaminhava ao gozo de taõ grandes bens, Divindade, & ciencia: *Eritis ſicut dij, ſcientes*, bem dava a entender, q̃ lhe deſejava todos, & que para elle os zelava. O deſejo do bem do zelado, nenhũa outra couſa he, ſenaõ o zelo do ſeu bem: & a differença, que faz ſer, ou naõ ſer o zelo verdadeyro, eſtà em ſer, ou naõ ſer verdadeyro eſte deſejo. E quantas vezes neſte mundo, quando parece que ſe eſtaõ deſejando para hum os applauſos da ciencia, juntamente lhos eſtaõ invejando! *Sicut dij ſcientes*, parece que ſe lhes ouve dizer no louvor publico; & logo alli *Illi invident gloriam*; & naõ levaõ bẽ, que nos theatros da aura popular *Sibi ſubrogetur homo.* O mixto deſtes affectos: o que parece zelo no meſmo tempo que he inveja, he hum compoſto de dous deſejos oppoſtos: hum publico, do bem que o zelador deſeja ao zela-

Cornel. In Sap. cap. 3.

Gen. 3. 4. & 5.

Ibid. 5

zelado; & eſte he fingido: outro occulto, & do meſmo bem, quando o zelador invejoſo o deſeja para ſi; & eſte he verdadeyro. Quando Rebecca (ſuppoſto permittir Deos, que o irmaõ menor foſſe preferido ao mayor) armava a Jacob com apparencias de Eſaù, tudo obrava com eſtes dous deſejos: o publico, & fingido, era o que reveſtia a Jacob das ſemelhanças de Eſaù nos veſtidos, & nas mãos, como quem queria para Eſaù a bençaõ de ſeu pay Iſaac: & o occulto, & verdadeyro, era o da meſma bençaõ para Jacob debaxo das ficções de Eſaù. E quem entaõ a viſſe taõ ſolicita do bem de Jacob por dentro, & do bem de Eſaù por fóra: ainda q̃ a julgaria zeloſa do bẽ dos filhos, tambem a veria obrar com zelos encontrados. O fingido por fóra, & por dentro o verdadeyro, & tudo por deſejar, & tambem por ſeu modo invejar o bem de hum para outro: a bençaõ de Eſaù para Jacob. Suppomos ſabidas as induſtrias deſte zelo aſſim invejoſo, & por iſſo naõ as eſcrevemos; mas advertimos por fim, o muyto que faz eſte zelo, ainda quando a inveja do zelador naõ he de bem, que elle deſeja para ſi; & ſó baſta que ſeja para outro. Leve Jacob a bençaõ (diz elle, como dizia Rebeca) ainda q̃ ſobre mim

Gen. 27. 13. venha a maldiçaõ: *In me ſit iſta maledictio.*

11 Muyto teve de furto (mas antes foy furto todo) eſte zelo invejoſo de Rebecca: & nelle deſcobrimos nòs outra razaõ, para mais ſe abominar aquelle zelo: mais que o vingativo, & mais que o irado. Nem o que ſe vinga toma para ſi couſa algũa, ainda que o ſeu zelo ſeja vingança; nem a toma o que ſe ira, ainda que ſeja ira o ſeu zelo. Tanto hum zelador, como o outro, nada tomaõ para ſi do zelado; ainda que ſejaõ contra elle a vingança, & a ira de ambos. Porèm o que inveja, toma para ſi, do modo que o póde tomar, o bem invejado: & iſto he furto, porque *eſt ablatio rei alienæ invito domino*; & por ſeu modo quer ter algum direyto no bem alheyo; & eſte he uſurpado ſem lho dar a juſtiça, que ſempre *Dat unicuique ſuum*. O zelo oppoſto ao invejoſo, qual he o charitativo (porque quem ama, zela o bem do amado para o meſmo amado; & quem inveja, quer para ſi o bem do zelado) eſſe zelo, he o que dà direyto ao bem alheyo, ſem haver furto, nem deverſe reſtituiçaõ. O zelo da ſalvaçaõ de hũa alma, he neſte mundo o ſeu mayor bem: & quem lhe zela a ſua ſalvaçaõ, tem direyto a eſte bem, por ſer fruto do ſeu zelo. *Omnia ſuſtineo*

2. ad Tim. 2. 10.

ſtineo propter electos, dizia S. Paulo, ſingulariſſimo zelador da ſalvaçaõ das almas. E aſſim como o ſeu zelo era todo para ellas conſeguirem o bem da ſua ſalvaçaõ: *Ut & ipſi ſalutem conſequantur*; tambem era, para elle intereſſar para ſi, & ter parte neſſe meſmo bem dellas: *Ut plures lucrifacerem.* Jà David tinha moſtrado eſte direyto ao bem alheyo, quando em nome de Deos, ou Deos por ſua boca delle o promette a Chriſto por herança: *Poſtula à me, & dabo tibi gentes hæreditatem tuam.* E ſe Chriſto o Redemptor, & Salvador das almas, pede a Deos eſte bem dellas, como herança ſua delle; pede-o com direyto herdado a eſte bem: *Poſtula, & dabo hæreditatem.* E naõ ſó pelo direyto de herança, mas tambem pelo de compra tem o noſſo Redemptor outro titulo, para intereſſar no bem da noſſa ſalvaçaõ: como o entende o Apoſtolo, & faz, que o entendamos nòs: *Empti enim eſtis pretio magno.* Todo o comprador tẽ direyto ao que compra: & ſe por taõ grande preço, qual foy o do valor do ſeu ſangue, nos tem comprado o Salvador das almas de todos; tem neſte noſſo bem todo o direyto da ſua compra: *Empti eſtis.* O meſmo he o direyto acquirido por contrato: tambem por eſſe

Ibid.

1. ad Cor. 9. 19.

Pſ. 2. 8.

1. ad Cor. 6. 20.

eſte titulo tem Deos poſſe no bem da noſſa alma. Quando elle nos
Matth. 16. 26. diz: *Quam dabit homo commutationem pro anima ſua*, que he o meſmo, que propornos, qual he o tanto, que darà o homem, pelo tanto que lhe derem da ſua ſalvaçaõ; entaõ nos offerece Deos eſte contrato, & ſe ajuſta na mutua promeſſa de hum tanto por outro. E poſto que lhe naõ podemos dar eſte tanto da alma, depois della perdida: nem entaõ nos póde Deos dar o tanto da ſua gloria no tanto da noſſa ſalvaçaõ; antes da alma ſe perder, temos nella que dar a Deos, & tem Deos que nos dar por ella. E aſſim o faz Deos nas occaſiões de lhe darmos eſte noſſo tanto pelo ſeu: como quando no perdaõ, que nòs damos aos noſſos inimigos, elle nos dà o perdaõ a nòs ſeus offenſores: & he o que lemos naquelle *Dimitte nobis*: Perdoaynos, pois jà nos temos perdoado: *Sicut & nos dimittimus*. Entaõ lhe damos a alma, porque a ſalvamos no noſſo perdaõ, dado a quem nos aggrava: & Deos nos dà a gloria, & ſalvaçaõ da alma no ſeu perdaõ dado a nòs, que o offendemos. Eſte he o contrato, pelo qual Deos tem direyto ao bem da noſſa alma: & ſendo eſte bem proprio para nòs, fica ſendo como alheyo para Deos; & nelle aſſim alheyo

Matth. 6. 12.

Ibid.

para

para elle, tem o direyto deſte tanto. E direyto taõ valioſo, que ſe lhe faltamos com eſte bem, naõ dando a Deos a alma; por juſtiça nos condena, pois faltamos a eſte contrato. Se elle he taõ valioſo, por ſer reciproco entre Deos, & nòs, que podemos (como diz Chryſologo) demandar a Deos pelo ſeu perdaõ, ſe nòs tivermos dado aos noſſos inimigos o noſſo: *Homo, in te eſt indulgentiæ jus*; porq̃ quando perdoaſte: *Tu tibi remiſſionis author es conſtitutus*; com muyto mayor razaõ, por força do meſmo contrato tem Deos direyto ao bem da noſſa alma; por ſer o tanto da commutaçaõ contratada *pro anima*. Por todos eſtes titulos de herança, de compra, & de contrato tem Deos direyto ao bem proprio da noſſa alma, ainda ſendo como alheyo para elle; porque o zelo, que tem da ſalvaçaõ das almas, he caritativo, & naõ invejoſo: he de amor, ſem ſer de furto. E he de furto, & naõ de amor o zelo, que he invejoſo; porque naõ he caritativo. Nem nos reparem neſta noſſa ponderaçaõ, por moſtrarmos a Deos com direyto ao bem proprio da noſſa alma, ſem por iſſo parecer, que lhe faz furto. Porque S. Paulo iſto meſmo quer moſtrar, quando conſidera a Chriſto com direyto à Divindade: ainda con-

Chryſoſom. Ser. 71.

consíderada no Pay, & nessa consideraçaõ tomada, como alhea para si, nos diz entaõ, q̃ naõ lha rouba: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo.* E sem buscarmos exemplo taõ alto em mysterio taõ profundo; entre nòs temos muytos, quando huns Santos imitaõ as virtudes dos outros, parecendo que lhas tomaõ por imitaçaõ, sem aquelle tomar parecer roubar; porque o amor de huns a outros he zeloso do bem de todos, & o de todos he de cada hum. He aquelle amor, & aquella zelosa caridade com que S. Paulo dizia a todos, que lhe tomassem por imitaçaõ a sua santidade todos: *Imitatores mei estote.* O zelador porèm invejoso do bem alheyo, como este seu affecto naõ he amor, mas antes he inveja; ainda quando por hypocrisia quer imitar a virtude, que inveja, naõ a imita sem a furtar; porque naõ he sua, he alhea. Isto he, querendo elle fazer este furto; que de ordinario os invejosos dos talentos alheyos, quando no mesmo tempo parece que os zelaõ, & os estaõ invejando, satisfazem a sua inveja com os tirar ao zelado, sem os tomarem para si: bastalhes parecer, q̃ jà ficaõ sem elles. E deste modo sem direyto nenhum a elles lhos tiraõ; & entaõ naõ se lhes póde dizer com ver-

Ad Philip. 2. 6.

1. ad Cor. 4. 16.

verdade : *Homo, in te boni alieni eſt jus.*

§. V.

12 TOdos eſtes zelos até aqui diſcorridos, por ſerem maos, ſaõ odiados; mas tambem ha zelos odiados, porque ſaõ bons. Hũa couſa he o odioſo, & outra couſa he o odiado: o odioſo, he o que tem odio; aſſim como o que tem a inveja, he o invejoſo: & o odiado, he a quem ſe tem o odio; aſſim como a quem ſe tem a inveja, eſſe he o invejado. Os zelos odiados, porque ſaõ maos; ſaõ aquelles, que aborrecem os juſtos: aſſim como abominaõ as trevas os amantes da luz. E os zelos, que por ſerem bons, ſaõ odiados, ſaõ aquelles, que os peccadores aborrecem: aſſim como abominaõ a luz os amantes das trevas: *Qui malè agit, odit lucem.* Dos zelos pois, por eſte modo odiados, he agora o noſſo diſcurſo: daquelle, contra o qual ſe indignàraõ os profanadores do Templo de Deos, quando Chriſto os lançou fóra: *Auferte iſta hinc, & nolite facere domum Patris mei domũ negotiationis.* Logo ſe moſtràraõ aborrecedores do ſanto zelo com que Chriſto os arguhia: *Hos enim pungebat, & urebat Chriſti animoſitas;* & elles, como dando-ſe por afrontados da luz, que os def-

Joan. 3. 20.

Joan. 2. 16.

Cornel. hic.

descobria criminosos: *Quòd ab eo publicâ ignominiâ notati forent*, lhe examinàraõ, estranhàraõ, & condenàraõ o zelo, naõ o suppondo de tanto poder, como o que mostrava: *Quod signum ostendis nobis quia hæc facis.* E he o primeyro impeto dos accusados do bom zelo: logo lhe medem ao zelador o que faz com o que póde fazer; & duvidaõ da pureza do seu zelo, se o naõ vem milagroso: *Signũ quia hæc facit.* Como, se sem milagres naõ fosse bom o zelo de Joseph, denunciando aos irmãos *Crimine pessimo.* Ou bastasse ser Christo zelador milagroso; para os zelados, ou arguîdos dos seus crimes naõ odiarem o seu zelo: *Oderunt me.* Antes, he tal o odio do bom zelo, que chegaõ os seus authores a odiar até os pays do zelador: *Oderunt me, & Patrem meum*, disse Christo no mesmo tempo, em que se lembrou dos odiosos do seu zelo. E naõ fazem isto, nem os que com ira, vingança, ou inveja dissimulada com zelo ferem aos seus zelados. Paraõ nelles os seus zelos, ainda que odiosos; & naõ passaõ a se irar, vingar, & invejar as suas gerações. Porèm os odiados por terem bom zelo: ainda que de zelo taõ santo, como o de Christo; naõ só a si, mas tambem aos seus vem aborrecidos: *Me, & Patrem*

Idem Cornel. ibid.

Joan. 2. 18.

Genes. 37. 2.

Joan. 15 24.

Ibid.

trem meum. Se algum invejado ſe podia queyxar, & ter odio naõ ſó ao ſeu invejoſo, mas tambem a ſeus pays, era Eſaù; tomando por fundamento do ſeu odio, & da ſua queyxa, a culpa, que podia pôr a Iſaac, por naõ examinar bem os enganos de Jacob, a quem ſem eſta exacçaõ deo a bençaõ, que era ſua: & mais dizendolhe o fingido Eſaù, que era Jacob *Vox quidem, vox Jacob eſt.* E ainda com mayor fundamento teria odio a Rebecca ſua mãy, por ſer a authora deſte furto, como ſuppondo conſtaria a Eſaù. E com tudo, ſem elle fallar nos deſcuydos do pay, nem nas induſtrias da mãy, naõ paſſou o ſeu odio do roubo de Jacob: *Surripuit benedictionem meam.* Eſta he a deſgraça do zelo odiado, mais que qualquer outro zelo. Zela Eſaù a razaõ da ſua juſtiça contra a inveja de Jacob; & naõ paſſa de Jacob o ſeu odio, como a roubador do que era ſeu: *Benedictionem meã;* & zelaõ contra Chriſto os odioſos do ſeu ſanto zelo, por os arguir das ſuas depravadas culpas; & o meſmo affecto odioſo do filho, he odioſo do pay: *Oderunt me, & patrem meũ.* Sendo, que para elles darem algũa cor ao ſeu mao affecto, ou zelo affectado, poderiaõ ſó queyxarſe das muytas reprehenſões, que tinhaõ ouvido a Chriſto: ſem

Gen. 27. 22.

Ibid. 36.

ſem ſubirem com o ſeu odio a queyxarſe do pay, de quem nunca foraõ reprehendidos. Armemſe pois de muyta paciencia os que de algum modo ſaõ pays: porque ſe algum foy odiado, por ſer zeloſo; poderáõ naõ livrar elles do ſeu odio. Naõ cuydem, que por zelarem o bem dos filhos, ficaõ livres de ſerem odiados de algum; ſe foy ſanto o ſeu zelo: *Oderunt & patrem.*

§. VI.

13 NEm ſó de tudo ſe póde ter, ou bom, ou mao zelo; mas tambem de nada ſe póde ter, ou mao, ou bom. Se o nada, que ſe zela, he defeyto alheyo, & naõ ſe zela o nada, que he defeyto proprio: deyxa de haver o bom zelo do nada, qual era o do defeyto proprio; & ha o zelo mao, qual he o do nada do defeyto alheyo. Naõ fallamos aqui do zelo, que attende ao nada do argueyro dos olhos alheyos: *Sine ejiciam feſtucam de oculo tuo;* Luc. 6. 41. havendo o muyto da trave nos proprios, a que ſe deyxa de attender: *Trabem, quæ in oculo tuo eſt, non conſideras;* ibid. 41. porque entaõ, aſſim o zelo, que deyxa de haver do muyto dos olhos proprios, como o que ha do nada dos alheyos; ambos ſaõ zelos peſſimos. O noſſo aſſumpto he do zelo, que he bom,

bom, por ſer de hum argueyro, ou proprio, ou alheyo: & he mao o que naõ he do argueyro alheyo, nem do proprio: o que naõ he dos defeytos minimos, que o bom zelador ha de emendar em ſi: & deyxa de ſer dos que o bom zelo póde fazer emendar nos outros. Deſtes dous nadas devem fazer muyto caſo os verdadeyros zeladores: do nada dos outros, aquelles que tem obrigaçaõ de zelar o ſeu bem: & todos do ſeu nada; porque a zelar o ſeu bem, ſaõ obrigados todos. Para ſe acertar com o bem deſtes dous nadas, ſaõ neceſſarias as conſideraçõeſ de outros dous: a do nada, que ſomos; & a do nada, que obramos. Quem mais attende ao que he, & ao que obra, acerta melhor com o muyto bem deſtes dous nadas. Vamos primeyro com o nada, que cada hum he; & deſte nos faz lembrar a Igreja, quando nos diz o que ſomos no nada do pò, que nos lembra: *Memento, quia pulvis es.* Naõ ſó quer a Igreja, que zelemos a lembrança de ſermos pò; mas tambem a de ſermos nada. Entre o ſer pò, & o ſer nada, ha eſta differença: o ſer pò, he ſer algũa couſa; & iſto ficou ſendo o homem depois de creado: *Pulvis es*; & o ſer nada, ainda he ſer menos que pò. E para formar- Geneſ. 3. 19.

mos o noſſo verdadey= ro conhecimento pro= prio, naõ baſta o do pò, que ſomos; he tã= bem neceſſario o do nada que ſomos, por ſermos pò: he neceſſa= rio o conhecimento do noſſo minimo ſer, o do nada que ſomos. Eſte he ſem duvida o que tem dado à Republica Chriſtãa, & nella faz ſer adorados nos Tem= plos ſagrados aos ma= yores Exemplares da humildade. O outro conhecimento: o do pò que ſomos: *Pul= vis es*, naõ baſtou vir lembrado deſde o Pa= raiſo ao noſſo primey= ro pò, (a Adam, que= remos dizer) para que os ſeus deſcendentes deyxem de render as armas ao imperio da ſo= berba. Deſde entaõ vie= raõ, & vaõ indo os in= numeraveis rendidos a eſte dominante affecto da natureza humana; & mais todos elles ſabem, que ſaõ pò, & ſempre ſe lhes lembra, que o ſaõ: *Memento homo, quia pulvis es.* E qual ſerà a razaõ? Diga= mos eſta: he, por ſer a ſoberba hum affecto de odio, & fazer que o vencido delle naõ ame aos que ſaõ vencidos do meſmo affecto. Sendo taõ verdadeyra aquella ſentença: Todos amaõ aos ſeus ſemelhantes; amar hum ſoberbo a outro, naõ he poſſivel. Cada hum delles quer ſer mais que outro, & ſe querem mal ambos: emparelhaõ nelles as mayorîas fomentadas

por

por ſoberba, & odio. He tambem outra razaõ, porque o meſmo affecto da ſoberba de ſua natureza he deſprezador, & gera no dominado por elle hum deſamor, & deſaffeyçaõ da humildade. De maneyra, que ou faz ter odio, ou faz naõ haver amor: & tudo, porque impede o conhecimento verdadeyro do que elle he. Se os ſugeytos a eſte odio, & a eſte deſamor, ſe deyxaſſem penetrar do conhecimento do nada que ſaõ; naõ fariaõ a eſtimaçaõ, que fazem, do muyto que cuydaõ ſer. Oh quanto bem faria no mundo hum memento deſte *Nihil*!

14 Antes de haver mundo, & nelle haver honras, & homens, naõ haviaõ affectos de ſoberba, odio, & deſamor: nem vencidos, & dominados deſtes affectos; porque era nada o que havia: naõ havia couſa algũa, que ſe pudeſſe querer; nem homens, que a quizeſſem. E ſe agora, que ha mundo, ſe entendeſſe bem, que he nada tudo o que nelle ha; deyxariaõ os affectos de deſamor, & odio, todos aquelles, que conheceſſem bem eſte nada. Diſcorraõ agora os que chegaõ a ler eſte breve periodo, por todos os vicios do mundo: & façaõ entender aos dominados dos ſeus affectos, que naõ ſó tudo o que tem

nos ſeus vicios ; mas tambem elles meſmos os vicioſos, ſaõ nada. Se os que ouvirem eſtas verdades, pezarem bem a importancia deſte nada ; viveráõ em hum mundo, como o que era antes de elle ſer : em hum mundo, que era nada. Aſſim viviaõ, os que ſe enterràraõ em vida pelos deſertos do mundo, que houve, & vay havendo, depois de ter o ſer que tem. Como ſe elles naõ foſſem couſa algũa neſte mundo : & como ſe no mundo jà naõ houveſſe couſa, que tiveſſe ſer, jà viviaõ enterrados, jà como ſem mundo. E do meſmo modo vivèraõ depois, & vivem ainda hoje, os que deyxàraõ o mundo, poſto que nelle naõ eſtavaõ, nem eſtaõ deſterrados, nem enterrados. Tambem eſtes vivéraõ, & vivem naquelle mundo imaginario antes de haver o mundo creado : como que nem ſaõ couſa algũa no mundo, nem no mundo haja couſa, que no ſeu conhecimẽto tenha ſer. Nem façaõ argumento contra eſta noſſa conſideraçaõ, que diſtingue hũ mundo imaginario do verdadeyro ; por ſer impoſſivel o viver no verdadeyro, como ſe foſſe no imaginario. Haver no verdadeyro tudo o que tem ſer : aſſim homens, como o mais que ſe vè neſte mundo creado ; & fazerem os homens conceyto,

ceyto, que nem elles, nem o mais que nelle tem ſer, ſaõ nada. Naõ ſe nos opponhaõ, digo, com eſte argumento à noſſa conſideraçaõ: porque S. Paulo nos perſuade tambem a outro conceyto, como eſte, quando nos diz, que nem elle he nada, nem he nada tudo o que ſe faz no mundo; ſe obrar, como quem he, & fizer obras, como quem naõ he. Se no que eu digo for Anjo: *Si linguis Angelorum loquar*; ſe for illuſtrado com a luz de todas as profecias, & de todas as ciencias: *Si habuero prophetiam, & noverim myſteria omnia, & omnem ſcientiam*; ſe crer com toda a inteyreza da Fé, & de tal ſorte, que faça com que os montes mudem de lugar: *Si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam*; & naõ tiver caridade: *Charitatem autem non habuero*, naõ ſou couſa algũa, ſou nada: *Nihil ſum*. Eiſ-ahi a hum homem vivendo neſte mundo, & hum homem de tanto ſer: & perſuadindonos no meſmo tempo, em que he tudo iſto; que as ſuas conſiderações o pódem fazer ſer nada: *Nihil*. Bem pódem logo viver neſte mundo homens de muyto ſer; & mais conhecerem-ſe, como que naõ ſaõ de algum: homens, que em hũas ſuas conſiderações ſaõ tanto, como ſe ſuppunha ſer

1. ad Cor. 13. 1.

Ibid. 2.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

hum S. Paulo ; & juntamente em outras tãbem ſuas ſerem o nada, que elle dizia que era : *Nihil ſum.* Zelem pois muyto eſte nada , os que conhecem bem , quanto elle importa : ſejaõ embora tudo o que ſaõ & no ſeu conhecimento proprio entendaõ , que ſaõ nada. Façaõ na ſua imaginaçaõ hum mundo antecedente ao da creaçaõ deſte , quando naõ havia nada ; & ſupponhaõ , que vivem nelle. Naõ tenhaõ odio a Grandes , nem deſaffeyçaõ a pequenos : amem a todos. E ajuſtados com a conſideraçaõ de S. Paulo , ſeráõ tudo aquillo , que elle ſe ſuppunha ſer , ainda ſendo nada. Naõ o nada , que ſaõ os que perdem tudo , porque naõ amaõ ; mas o nada, que todos os que ſe amaõ ficaõ ſendo , porque zelaõ muyto eſte nada : os que ainda ſendo muyto , naõ perdem o muyto que ſaõ, conhecendo , que ſaõ nada : *Nihil ſumus.*

15 Até aqui o zelo do nada , que ſomos: agora o zelo do nada, que obramos. E eſte ainda ſe divide em outros dous nadas : hum he o nada do que he bom ; & outro he o nada do que he mao. Nem ſe ha de deyxar de obrar bem , ainda que a obra ſeja taõ minima , que nos pareça nada: nem ainda que a mà obra, que por minima que ſeja , nos pareça nada ;

nada, ſe ha de fazer eſſa obra. E a razaõ he; porque todas eſſas obras ſaõ examinadas pelo zelo de Deos, ou ouvindoas, ou vendoas. *Auris zeli*, diz o Eſpirito Santo, o ouvido do zelo: *Audit omnia*, tudo ouve, tudo vay aos ouvidos do zelo. E eſte ouvido zelador he o entendimento de Deos; porque tudo comprehende: *Mens Dei eſt auris zeli, quia omnia ad vivum reſecat, permeat, & penetrat.* E porque o meſmo entendimento, aſſim como tudo ouve, tambem vè tudo: *Vocatur auris, & oculus*; do meſmo modo, que o conſideramos zelo ouvindo: *Auris zeli*, devemos tambem entender, que he zelo vendo: *Oculus zeli.* E iſto meſmo devemos nòs accommodar ao noſſo zelo: tambem elle tem ouvidos, & olhos, para ouvir, & ver as noſſas obras; & por iſſo, tanto devemos zelar hũas, como outras: aſſim ouvindo o que ellas dizem, como vendo o que ellas fazem. Nem he para ſe duvidar, poderem as obras dizer; pois fallaõ: porque jà nos conſta, que ſe pódem crer; pois dizem, & com vozes taõ vivas, que entendendo Chriſto em hũa occaſiaõ, que lhe naõ criaõ o que elle dizia, mandou, que creſſem o que diziaõ as obras: *Operibus credite.* E com hũa

Sap. 11 10.

Cornel hic.

Idem Corn. ibid.

Ioan. 10.38.

advertencia muyto neceſſaria : entendendo tambem, que os ouvidos, & olhos do noſſo zelo, naõ haõ de ouvir, nem olhar para fóra de nòs ; para as obras dos outros, queremos dizer, quando ſaõ màs, & naõ for com o zelo de que ſejaõ boas. Só para dentro de nòs, & para as noſſas obras haõ de olhar, & ouvir : aſſim para q̃ ſejaõ boas as que ſaõ más ; como para que ſejaõ melhores as que ſaõ boas. E nunca deyxar de examinar as que ſe repreſentaõ ſer minimas : as que cuydamos ſer nada. Porque ſe o noſſo zelo for cego, & ſurdo para as noſſas obras, là eſtà o Tribunal do zelo de Deos, aonde o noſſo ha de ir a ſer julgado, & nelle nada ha de deyxar de ſe ouvir, & ver : *Omnia reſecat, permeat, & penetrat.*

16 Nelle ſe haõ de examinar os ſegredos dos ouvidos, & olhos do noſſo zelo ; aſſim como os do noſſo coraçaõ. Porque do meſmo modo, que os ſegredos ſaõ do que paſſa do coraçaõ para dentro : tãbem os ſegredos do noſſo zelo ſaõ do que ſe ouve, ou vè, dentro dos ſeus ouvidos, & dos ſeus olhos : & de todos eſtes ſegredos ha de ſer Deos o Julgador. Todos os nadas deſtes ſegredos ha de pezar, medir, & contar, para premiar os bons zeladores, & caſtigar os que

forem

forem maos. Nem ſe nos diga, que implica ſer nada, & pezarſe o que he nada: ſer nada, & medirſe o que he nada: ſer nada, & contarſe o que he nada. Porque eſtes nadas naõ ſe haõ de pezar, medir, & contar pelo que ſaõ: haõ de contarſe, medirſe, & pezarſe pelo que ſe deyxou de ſer. O nada do odio pelo que ſe deyxou de amor: & o nada da deſaffeyçaõ pelo que ſe deyxou de caridade: & eſte exemplo nos baſte, para por elle darmos a ſaber como ſe pezaõ, medem, & contaõ todos os mais nadas de todos os zelos. E ſirvanos de prova deſte nada do que obramos, a meſma que jà nos ſervio do nada que ſomos: & a devemos a S. Paulo, quando diſcorre ſobre o nada, que elle ficava ſendo, ſenaõ tiveſſe caridade, ainda que foſſe muytas vezes prodigioſo: *Si linguis Angelorum loquar &c.* 1. ad Cor. 13. 1. Depois de nos dizer, que ainda ſendo tanto, naõ ſeria nada; diz, q̃ tambem naõ teria feyto nada, ainda que foſſe muyto o que fizeſſe. Se eu der aos pobres todos os bens, que tenho: *Si diſtribuero in cibos pauperum omnes facultates meas*: ſe ſacrificar o meu corpo, fazendo delle holocauſto no mayor incendio: *Si tradidero corpus meum, ita ut ardeam*; & ainda com todas eſtas obras taõ heroycas, naõ tiver eu a da caridade: Ibid. 3. Ibid.

Cha-

Ibid. *Charitatem autem non habuero*, tudo virà a ſer
Ibid. nada : *Nihil mihi prodeſt.* Mayor zelo que eſte, para naõ ſe ter odio a ninguem, & para ſe amar a todos, naõ ſe poderà achar : he parecido com o outro jà definido, & julgado : *Maiorem charitatem nemo habet, quàm ut animam ſuam ponat quis pro amicis ſuis.* E todo elle ſerá ſem fruto algum, ſe o zelador de taõ boas obras naõ attender ao nada, que ſeráõ todas, ſó por lhes faltar hũa. Seja pois o zelo deſtes dous nadas : do nada, que ſomos, & do nada que obramos ; para ſer ſempre bom o noſſo zelo. Mas ſempre com a advertencia, que até aqui nos tem guiado : aſſim do nada, quando he bom, por ſer para noſſo bem ; qual he o que nos faz pôr os olhos no que ſomos : *Nihil ſum* ; cómo o nada, que tãbem he bom, por nos deſviar do que póde ſer noſſo mal ; qual he o que devemos temer, para naõ perdermos o q̃ obramos: *Nihil prodeſt.*

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

FINIS.

TUDO

TUDO QUANTO SE contèm neſte Livro ſeja para honra, & gloria de Deos N. Senhor.



IN=



INDEX
LOCORVM
SACRÆ SCRIPTURÆ

Prima nota oſtendit literam Alphabeti.
ſecunda numerum.

Ex Libro Geneſis.

Cap. 1. 1. IN *principio creavit Deus, &c. M. 3.*
4. *Dividant lucem à tenebris. P. 5.*
5. & 8. *Factum eſt veſpere & manè, dies unus: factum eſt veſpere & manè, dies ſecundus, &c. Q. 12.*
6. *Fiat firmamentum in medio aquarum, & dividat aquas ab aquis. S. 24.*
7. *Erant ſub firmamento. ibid.*
Erant ſuper firmamentum. ibid.
11. *Juxta genus ſuum. Q. 6.*
16. *Luminare majus. S. 19. Luminare minus. ibid.*
26. *Faciamus hominem. Q. 12.*
Faciamus hominem ad imaginem & ſimilitudinem noſtram. S. 20.
Faciamus hominem ad ſimilitudinem noſtram. O. 6. S. 19.
Ad imaginem & ſimilitudinem noſtram. Q. 12. R. 23.
Ad ſimilitudinem noſtram. v. 21
Faciamus homiñem: & præſit univerſæ terræ. N. 3.
28. *Replete terram, & ſubjicite eam, & dominamini univerſis animantibus. O. 19.*
Replete terram, & ſubjicite eam, & dominamini piſcibus maris, & volatilibus cæli, & univerſis animantibus, quæ moventur ſuper terram. Q. 16.
Replete terram, & ſubjicite eam, & dominamini univerſis animantibus, quæ moventur ſuper terram. R. 17.
Subjicite eam, & dominamini

universis animantibus. N. 3.
Dominamini universis animantibus, quæ moventur super terram. S.2.
29. *Dedi vobis omnem herbam afferentem semen, & universa ligna, quæ habent sementem generis sui, ut sint vobis in escam.* N.3.
Ecce dedi vobis universa ligna, ut sint vobis in escam. S.13.
31. *Vidit Deus cuncta, quæ fecerat.* Q.12.
Cuncta, quæ fecerat, erant valdè bona. Q.7.
Erant valdè bona. Q.12.
Cap.2.16. *Ex omni ligno paradisi comede.* M.3. S.3. & 13.
17. *De ligno autem scientiæ boni & mali ne comedas.* M.3. S.3. T.11.
In quocumque die comederis ex eo, morte morieris. N.3. Q.22. & 24. R.6. S.13. T.11.
Morte morieris. M.3. & 10. Q.24. R.21. T.5.
19. *Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea.* S.1.
24. *Duo in carne una.* R.11.
Cap.3.1 *Serpens erat callidior.* T.5
Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis. Q 22.
3. *Præcepit nobis Deus, ne comederemus, &c.* Q. 22. S.18.
4. *Nequaquam morte moriemini.* M.21. Q.22.24. & 26.R.21. T.5. & 11.
4. & 5. *Nequaquam moriemini: eritis sicut dij.* S.13. Z.10.
5. *Aperientur oculi vestri.* Q.23
Eritis sicut dij. N.9. & 22. O.19. Q. 12.22.23. & 24. S.13. T.5.6. & 11. V.22.
Eritis sicut dij, scientes. Q 26. V.22. Z.10.
6. *Bonum ad vescendum.* N.3. Q.16. & 26. S.13. & 18.
Pulchrum oculis, aspectuque delectabile, N.3. Q.26. S.18.
Tulit, & comêdit. P.20.
Dedit viro suo, qui comêdit, Q.16.
7. *Aperti sunt oculi amborum.* Q.23.
Consuerunt folia ficûs, & fecerunt sibi perizomata. N.5.
8. *Abscondit se à facie Domini.* P.15. Q.10. & 19. R.6.
9. *Ubi est* Q.25.
10. *Timui eò quòd nudus essem,* Q.15. & 19.
Timui eò quòd nudus essem, & abscondi me. Q.25.
11. *Quis indicavit tibi, quòd nudus esses; nisi quòd ex ligno, de quo præceperam tibi ne comederes, comedisti?* Q.15. & 19.
12. *Mulier, quam dedisti mihi sociam.* O.15. Q.26.
Mulier, quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, & comedi. Q.6.
13. *Serpens decepit me.* Q. 26.
Serpens decepit me, & comedi. Q.6.
14. *Super pectus tuum gradieris.* T.5. V.17.
15. *Conteret caput tuum.* T.5.

17. Quia

17. *Quia audiſti vocem uxoris tuæ. C.15.*
Maledicta terra in opere tuo V.6.
17. & 19. *Maledicta terra in opere tua: in laboribus comedes ex ea: in ſudore vultus tui veſceris pane. Q.16.*
18. *Spinas, & tribulos. N.4.*
Spinas germinabit tibi. N.3.
19. *In ſudore vultus tui veſceris pane. N.3. S. 13.*
Pulvis es. R.21. S.19. Z.13.
Pulvis es, & in pulverem reverteris. D.5. & 6,
In pulverem reverteris. N.22. O. 15. & 19. P. 15. & 17. Q.6.12. & 16. R.21. S. 13. & 19. T.5. & 11. V. 22.
23. *Emiſit eum Dominus de paradiſo. Q.12.*
24. *Collocavit Dominus ante paradiſum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium atque verſatilem, ad cuſtodiendam viam ligni vitæ. T.11.*
Cap.4.4. *Reſpexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus. V.9.*
4.5. & 8. *Reſpexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus: ad Cain verò, & ad munera illius non reſpexit: conſurrexit Cain adverſus fratrem ſuum Abel, & interfecit eum. T.8.*
5. *Ad munera illius non reſpexit. V.8.*
6. *Cur concidit facies tua? S.10.*
7. *Nonne, ſi male egeris, ſtatim in foribus peccatum aderit? S.11. T.8.*
8. *Conſurrexit Cain adverſus fratrem ſuum Abel, & interfecit eum. O.27.*
Interfecit eum. N.16.
9. *Num cuſtos fratris mei ſum ego? N.16. V.8.*
10. *Quid feciſti? V.8.*
Vox ſanguinis fratris tui clamat ad me de terra. P.21. V.8,9. & 16. Z.10.
11. *Maledictus eris ſuper terram. V.8.*
Maledictus eris ſuper terram, quæ ſuſcepit ſanguinem fratris tui. V.16.
Cap.6.14. *Manſiunculas in arca facies. N.10.*
Cap.7.4. *Ego pluam ſuper terram quadraginta diebus, & quadraginta noctibus. T.2.*
Cap.11.8. *Ceſſaverunt ædificare. R.22.*
Cap.19.17. *Salva animam tuam: noli reſpicere poſt tergum. Q.9.*
26. *Verſa eſt in ſtatuam ſalis. ib.*
Cap.21.10. *Ejice ancillam hanc, & filium ejus; non enim erit heres filius ancillæ cum filio meo Iſaac. M.3.*
16. *Abiit, ſeditque è regione procul. S.25.*
Non videbo morientem puerum. ibid.
Cap.22.2. *Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis, Iſaac, & offeres eum in holocauſtum. Q.6.*
12. *Non extendas manum tuam ſuper puerum. ibid.*
16. & 17. *Quia feciſti hanc rem,*

multiplicabo ſemen tuum. ibid.
17. *Multiplicabo ſemen tuum ſicut ſtellas cæli. ibid.*
Cap.25.22. *Collidebantur in utero ejus. O.27.*
Cap.27.13. *In me ſit iſta maledictio. Z.10.*
20. *Quomodò tam citò invenire potuiſti, fili mi? T.1.*
22. *Vox quidem, vox Jacob eſt. T.1. Z.12.*
Manus ſunt Eſau. T.1.
27. *Ecce odor filij mei. ibid.*
35. *Fraudulenter. P.20.*
36. *Surripuit benedictionem meam. P.20. T.6. Z.12.*
Cap.29.18. *Serviam tibi pro Rachel. N.2. Z.8.*
Cap.32.24. *Luctabatur cum eo uſque manè. S.25.*
26. *Non dimittam te. S.23. & 25.*
30 *Vidi Deum facie ad faciem. S.21.*
Cap.33.10. *Vidi faciem tuam, quaſi viderim vultum Dei. ibid.*
Cap.37.2. *Crimine peſſimo Z.12.*
3. *Diligebat Joſeph ſuper omnes filios ſuos. O.27.*
6. & 9. *Audite ſomnium meum, quod vidi &c. vidi per ſomnium &c. T.3.*
7. *Putabam veſtros manipulos adorare manipulum meum. O.27 P.16. R.28.*
8. *Numquid rex noſter eris? P.16. R.5. V.17.*
9. *Vidi per ſomnium, quaſi ſolem, & lunam, & ſtellas adorare me. R.28.*
Vidi per ſomnium, quaſi ſtellas undecim adorare me. R.5. S.19.
11. *Invidebant ei igitur fratres ſui. T.3.*
19. & 20. *Ecce ſomniator venit: venite, occidamus eum. R.5.*
26. & 27. *Quid nobis prodeſt, ſi occiderimus fratrem noſtrum, & celaverimus ſanguinem ipſius? Manus noſtræ non polluantur. N.13.*
28. *Vendiderunt eum Ismaelitis. M.16. & 24. T.3. V.17.*
31. *Tulerunt tunicam ejus, & in ſanguine hœdi, quem occiderant, tinxerunt, N.13.*
35. *Noluit conſolationem accipere. S.25.*
Deſcendam lugens in infernum. S.23. & 25.
Cap.39.12. *Relicto pallio, fugit. M.10. O 15.*
Cap.41.20. *Devoratis prioribus. N.12.*
21. *Simili macie torpebant. ibid.*
Cap.43.26. *Adoraverunt proni in terram. R.5.*
Cap.49.26. *Deſiderium collium æternorum. P.6.*

Ex Libro Exodi.

Cap.2.10. *Adoptavit in locum filij. M.11.*
Cap.3.6. *Deus Abraham, Deus Iſaac, & Deus Jacob. R.29.*
Cap.4.3. *Verſa eſt in colubrum, ita ut fugeret Moyſes. Z.2.*
4. *Apprehende caudam ejus. Z.2. & 4.*
Verſa eſt in virgam. Z.2. & 4.
10. *Im-*

10. *Impeditioris, & tardioris linguæ ſum. V.11.*

12. *Perge, & ego ero in ore tuo. T.4.*

Cap.5.1. *Hæc dicit Dominus: dimitte populum meum. V.11.*

Cap.7.1. *Conſtitui te Deum Pharaonis. M.27.O.18.R.29.*

10. *Tulit Aaron virgam coram Pharaone, quæ verſa eſt in colubrum. T.15.*

Verſa in colubrum. T.16.

12. *Projecerunt ſinguli virgas ſuas, quæ verſæ ſunt in dracones: ſed devoravit virga Aaron virgas eorum. T.15.*

13. *Induratum cor Pharaonis. T.4.*

13. & 22. *Induratum eſt cor Pharaonis, & non audivit. V.11.*

Cap.8.1. *Hæc dicit Dominus: dimitte populum meum. ibid.*

19. *Induratum eſt cor Pharaonis, & non audivit. ibid.*

Cap.10.3. *Hæc dicit Dominus: dimitte populum meum. ibid.*

Cap.12.31. *Vocatis Moyſe, & Aaron, ait: ſurgite, egredimini, etc. ibid.*

Cap.13.5. *Terram fluentem lacte, & melle. O.3.*

21. *Præcedebat eos, ut dux eſſet itineris. O.4.*

Per diem in columna nubis, & per noctem in columna ignis. Ib.

Cap.14.28. *Nec unus quidem ſuperfuit ex eis. V.6.*

Cap.20.12. *Honora patrem tuum, & matrem tuam. O.18.& 19.*

Cap.32.1. *Fac nobis deos, qui nos præcedant. M.22.P.16.*

2. & 4. *Tollite inaures aureas, &c. quas formavit opere fuſorio &c. M.22.*

Inaures aureas. M.23.

4. *Fecit vitulum conflatilem. Ib.*

Hi ſunt dij tui Iſrael. ibid.

Hi ſunt dij tui, qui te eduxerunt de terra Ægypti. P.16.

5. *Ædificavit Aaron altare coram eo. M.23.*

Solemnitas Domini eſt. ibid.

20. *Moyſes arripiens vitulum, combuſſit, & contrivit uſque ad pulverem, quem ſparſit in aquã, & dedit ex eo potum filijs Iſrael. M.21.*

22. *Tu noſti populum iſtum, quòd pronus ſit ad malum. M.23*

24. *Projeci illud in ignem, egreſſusque eſt hic vitulus. ibid.*

Egreſſus eſt vitulus. P.16.

Ex Libro Numerorum.

Cap.12.2. *NUm per ſolum Moyſen locutus eſt Dominus? V.9.*

Nonne & nobis ſimiliter eſt locutus? ibid.

8. *Quare non timuiſtis detrahere ſervo meo Moyſi? V.8.*

Cap.13.3. *Mitte viros, qui conſiderent terram. O.3. & 4.*

18. *Miſit eos Moyſes ad conſiderandam terram. O.4.*

Ex Libro Deuteronomij.

Cap.21.23. *MAledictus eſt, qui pendet in ligno. Q.6.*

Ex Libro Judicum.

Cap.7.5. QUi linguâ lambuerint aquas.S.7 *Qui curvatis genibus biberint. ibid.*

6. *Fuit numerus eorum, qui manu ad os projiciente lambuerant aquas, trecenti viri. ibid.*

Cap.16.21. *Eruerunt oculos ejus. O.16.*

Duxerunt vinctum catenis. ibid.

30. *Concuſſis fortiter columnis, cécidit domus. T.2.*

Ex Libro 1. Regum.

Cap.2.6. DEducit ad inferos. P.14. *Et reducit. ibid.*

Cap.4.10. & 11. *Cæſus eſt Iſrael, & arca Dei capta eſt. T.15.*

10. *Ceciderunt de Iſrael triginta millia. N.8.*

Cap.5.3. & 4. *Ecce Dagon jacebat pronus in terra ante arcam Domini: caput autem Dagon, & duæ palmæ manuum ejus abſciſſæ erant ſuper limen. T.15.*

4. *Invenerunt Dagon jacentem ſuper faciem ſuam in terra coram arca Domini. T.17.*

5. *Dagon ſolus truncus remanſerat in loco ſuo. ibid.*

6. *Aggravata eſt manus Domini, & demolitus eſt eos. T.15. Ebullierunt villæ & agri, & nati ſunt mures, & facta eſt confuſio mortis magnæ. ibid.*

7. *Non maneat arca Dei Iſrael apud nos: quoniam dura eſt manus ejus ſuper nos. ibid. Dura eſt manus ejus ſuper nos. T.17.*

8. *Circumducatur arca Dei Iſrael. T.15.*

9. *Illis circumducentibus eam, fiebat manus Domini per ſingulas civitates interfectionis magnæ nimis. T.18.*

10. *Adduxerunt ad nos arcam Dei Iſrael, ut interficiat nos, & populum noſtrum. ibid.*

Cap.10.6. *Prophetabis cum eis. N.3.*

24. *Vivat Rex. R.14.*

Cap.15.28. *Scidit Dominus regnum Iſrael à te. R.39.*

Cap.16.22. *Stet David in conſpectu meo; invênit enim gratiam in oculis meis. T.5.*

Cap.17.4. *Altitudinis ſex cubitorum, & palmi. M.7.*

5.6. & 7. *Caſſis ærea ſuper caput ejus, lorica ſquamata induebatur, clypeus æreus tegebat humeros ejus, ferrum haſtæ ejus ſexcentos ſiclos habebat ferri. ib.*

38. & 39. *Impoſuit galeam æream ſuper caput ejus, & veſtivit eum loricâ: accinctus David gladio ejus &c. T.5.*

39. *Non poſſum ſic incedere. V.2.*

45. *Venio ad te in nomine Domini. S.2.I.9.*

46. & 51. *Percutiam te, & auferam caput tuum: interfecit eum, præciditque caput ejus. S.2.*

48. *Feſtinavit, & cucurrit ad pugnam. V.2.*

50. *Prævaluit adverſùm Philiſthæum. M.9. T.3. & 9.*

Cap.18.1. *Anima Jonathæ conglutinata eſt animæ David. R.19. S.5.*

7. *Percuſſit mille. S.2.*
Percuſſit Saul mille, & David decem millia. Z.7.
David percuſſit decem millia. S.2. T.3.

8. *Iratus eſt Saul nimis. Z.7.*

9. *Non rectis oculis Saul aſpiciebat David. R.2. T.3. & 5. Z.7.*
A die illa, & deinceps. Z.7.

10. *David pſallebat manu ſuâ, ſicut per ſingulos dies. ibid.*

11. *Miſit eam Saul, putans quòd configere poſſet David. T.3. Z.7.*

13. *Fecit eum tribunum ſuper mille viros. Z.7.*

17. *Ecce filia mea maior Merob, ipſam dabo tibi uxorem. ibid.*
Non ſit manus mea in eum; ſed ſit ſuper eum manus Philiſthinorum. ibid.

21. *Dabo eam illi. ibid.*
Ut ſiat in ſcandalum, & ſit ſuper eum manus Philiſthinorum ibid.

29. *Factuſque eſt Saul inimicus David cunctis diebus. ibid.*

Cap.19.4. & 5. *Ne pecces, Rex, in ſervum tuum David, quia non peccavit tibi, & opera ejus bona ſunt tibi valdè: & poſuit animam ſuam in manu ſua, & percuſſit Philiſthæum, & fecit Dominus ſalutem magnam univerſo Iſraeli: vidiſti, & lætatus es. R.2.*

5. *Ergo peccas in ſanguine innoxio, interficiens David, qui eſt abſque culpa. ibid.*

6. *Quod cùm audiſſet Saul, placatus voce Jonathæ, juravit: Vivit Dominus, quia non occidetur. ibid.*

10. *Niſus eſt Saul configere David lanceâ in pariete. T.5. Z.7.*
Declinavit David à facie Saul. Z.7.
Lancea autem caſſo vulnere perlata eſt in parietem. ibid.
Fugit, & ſalvatus eſt. ibid.

Cap.20.32. *Quare morietur? Quid fecit? R.2.*

33. *Arripuit Saul lanceam, ut percuteret eum. ibid.*

Ex Libro 2. Regum.

Cap.11.15. *Ponite Uriam ex adverſo belli, ubi fortiſſimum eſt prælium, & derelinquite eum, ut percuſſus intereat. Q.24.*

Cap.12.13. *Peccavi. P.15. S.11.*
Dominus tranſtulit peccatum tuum. P.15.

Cap.15.10. *Statim ut audieritis clangorem buccinæ, dicite: regnavit Abſalom. R.5.*
Dicite: regnavit Abſalom. O.19.

Cap.18.14. *Tulit tres lanceas in manu ſua, & infixit eas in corde Abſalom. R.5.*

Ex Libro 3. Regum.

Cap.1.25. & 39. *Vivat Rex. R.14.*

Cap.3.12. *Dedi tibi cor ſapiens & intelligens: in tantum, ut nullus ante te ſimilis tui fuerit, nec poſt te ſurrecturus ſit.* R.24.
13. *Dedi tibi divitias, ut nemo fuerit ſimilis tui in regibus.ib.*
Cap.10.1. *Auditâ famâ Salomonis, venit tentare eum in ænigmatibus.* R.26.
7. *Maior eſt ſapientia tua, quàm rumor, quem audivi. ibid.*
15. *Excepto eo, quod afferebant viri, qui ſuper vectigalia erant, & negotiatores, univerſique ſcruta vendentes.* R.24.
22. *Aurum, & argentum, & dentes elephantorum &c. ibid.*
Cap.11.4. *Depravatum eſt cor ejus, ut ſequeretur deos alienos. ibid.*
4.5.& 7. *Depravatum eſt cor ejus per mulieres, ut ſequeretur deos alienos: colebat Aſtarthen deam Sidoniorum, & Moloch idolum Ammonitarum: ædificavit fanum Chamos idolo Moab, & Moloch idolo filiorum Ammon.* O.19.
11. *Diſrumpens ſcindam regnum tuum.* R.39.
Cap.14.7.& 8. *Exaltavi te, & dedi te ducem ſuper populum meum Iſrael: & ſcidi regnum domûs David, & dedi illud tibi.* R.15.
9. *Operatus es mala ſuper omnes, qui fuerunt ante te. ibid.*
10. *Idcirco ecce ego inducam mala ſuper domum Jeroboam. ibid.*
Cap.17.12. *Non habeo panem, niſi quantum pugillus capere poteſt farinæ.* S.3.
15. *Comêdit ipſe, & illa, & domus ejus. ibid.*
Cap.19.4. *Petivit animæ ſuæ, ut moreretur.* S.23.& 25.
Cap.21.24. *Comedent eum volucres cæli.* V.6.
Cap.22.38. *Linxerunt canes ſanguinem ejus. ibid.*

Ex Libro 4. Regum.

Cap.1.9.& 11. *Homo Dei.* S.2.
10 & 12. *Si homo Dei ſum. ib.*
10.& 12. *Deſcendat ignis de cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos. ibid.*
10.& 12. *Deſcendit ignis, & devoravit. ibid.*
Cap.2.11 *Ecce currus igneus, & aſcendit Elias in cælum. ibid.*
Cap.11.12. *Vivat Rex.* R.14.
Cap.17.2. *Fecit malum coram Domino: ſed non ſicut reges Iſrael, qui ante eum fuerant.* R.15.
3. *Factus eſt ei ſervus, reddebatque illi tributa ibid.*
4. *Et vinctum miſit in carcerem. ibid.*

Ex Libro Tobiæ.

Cap.10.4. *Flebat mater ejus irremediabilibus lacrymis.* R.25.S.25.
Lumen oculorum noſtrorum.S.25

Ex Libro Judith.

Cap.13.10. *Percuſſit bis in cervicem ejus, & abſcidit caput ejus.* R.1.

Cap.

Cap. 14. 7. *Suſpenderunt ſuper muros caput Holoſernis. ibid.*

10. *Nullus audebat cubiculum pulſando, aut intrando aperire. ibid.*

Ex Libro Job.

Cap. 1. 8. *Quòd non ſit ei ſimilis. R. 29. S. 20.*

12. *Ecce, univerſa quæ habet, in manu tua ſunt. M. 10. N 22.*

21. *Nudus egreſſus ſum. P. 17.*

Cap. 2. 4. *Cuncta, quæ habet homo, dabit pro anima ſua. P. 18.*

5. *Tange carnem ejus. ibid.*
Et tunc videbis. ibid.

6. *Verumtamen animam illius ſerva. N. 22. P. 18.*

Cap. 3. 3. *Pereat nox, in qua dictum eſt: conceptus eſt homo. N. 23.*

13. & 14. *Nunc requieſcerem cum regibus, qui ædificant ſibi ſolitudines. S. 4. & 22.*

14. *Reges ædificant ſolitudines. P. 4.*

Cap. 4. 18. *Ecce qui ſerviunt ei ſnon ſunt ſtabiles, & in Angelis ſuis reperit pravitatem. R. 12.*

Cap. 6 6. *Poteſt aliquis guſtare, quod guſtatum affert mortem? Q. 8. S. 24.*

7. *Quæ priùs nolebat tangere anima mea; nunc, præ anguſtia, cibi mei ſunt. Q. 8. S. 22.*
Cibi mei ſunt. S. 25.

Cap. 7. 7. *Memento, quia, ventus eſt vita mea. M. 6.*

12. *Numquid mare ego ſum, quia circumdediſti me carcere? N. 10.*

Cap. 9. 20. *Si juſtificare me voluero, os meum condemnabit me S. 10.*

Cap. 10 3. *Numquid bonum tibi videtur, ſi calumnieris me, & opprimas me opus manuum tuarum? Q. 7. & 9.*

4. *Numquid oculi carnei tibi ſunt: aut ſicut videt homo, & tu videbis? Q. 10.*

5. *Numquid ſicut dies hominis dies tui, & anni tui ſicut humana ſunt tempora? Q. 11.*

7. *Cùm ſit nemo, qui de manu tua poſſit eruere. M. 10.*

22. *Ubi nullus ordo inhabitat. N. 14.*

Cap. 13. 5. *Utinam taceretis. S. 22. & 25.*

Cap. 15 16. *Abominabilis homo bibit quaſi aquam iniquitatem. N 16.*

21. *Sonitus terroris ſemper in auribus illius. R. 27.*
Et cùm pax ſit. ibid.
Ille ſemper inſidias ſuſpicatur. ibid.

22. *Non credit quòd reverti poſſit de tenebris ad lucem. ibid.*
Circumſpectans undique gladium. ibid.

23. *Cùm ſe moverit ad quarendum panem. ibid.*
Novit quòd paratus ſit in manu ejus tenebrarum dies. ibid.

Cap. 17. 3. *Pone me juxta te, & cujuſvis manus pugnet contra me. M. 10. O. 28.*

11. *Cogitationes meæ diſſipatæ ſunt,*

ſunt, torquentes cor meum. N.15.
12. Poſt tenebras. Q.11.
Spero lucem. ibid.
13. Si ſuſtinuero. N.14.
Infernus domus mea eſt. ibid.
Cap.19.9. Spoliavit me gloria mea. P.17.
21. Manus Domini tetigit me. M.10.
Cap.21.5. Superponite digitum ori veſtro. S.22.
Cap.23.16. Deus mollivit cor meum. M.10.Q.10.
Cap.42.4. Audi, & ego loquar: interrogabo te, & reſponde mihi. Q.29.

Ex Libro Pſalmorum.

Pſalm.2.7. EGo hodie genui te. N.5.
8. Poſtula à me, & dabo tibi gentes. R.37.
Poſtula à me, & dabo tibi gentes hereditatem tuam. Z.11.
Pſal.4.9. In pace. P.8.
In idipſum dormiam, & requieſcam. P.8.R.27.S.22. & 25.
10. Quoniam ſingulariter conſtituiſti me. S.22.
Pſal.6.7. Laboravi in gemitu meo. O.25.
Pſal.7.7. Exurge Domine in ira tua. Z.5.
10. Conſumetur nequitia peccatorum. ibid.
15. Concepit dolorem, & peperit iniquitatem. P.3.
Pſal.8.6. Minuiſti eum paulò minùs ab Angelis. R.28.
Pſal.10.5. Palpebræ ejus interrogant filios hominum. M.10.
7. Pluet ſuper peccatores laqueos: ignis, & ſulphur, & ſpiritus procellarum, pars calicis eorum. Q.8.
Pſal.11.9. In circuitu impij ambulant. M.9.P.11.
Pſal.12.2. Quamdiu ponam conſilia in anima mea. R.23.
Pſal.13.3. Sepulchrum patens eſt guttur eorum. P.22.
Linguis ſuis doloſe agebant. ibid
Venenum aſpidum ſub labijs eorum. ibid.
Quorum os maledictione & amaritudine plenum eſt. P.20.
Veloces pedes eorum ad effundendum ſanguinem. ibid.
Viam pacis non cognoverunt. ibid.
5. Illic trepidaverunt timore, ubi non erat timor. R.6.
Pſal.15.5. Dominus pars hereditatis meæ, & calicis mei. Q.8.
Pſal.16.8. Cuſtodi me, ut pupillam oculi. Q.10.R.3.
15. Satiabor, cùm apparuerit gloria tua. S.14.
Pſal.17.6. Dolores inferni circumdederunt me. N.15.
Pſal.18.2. Enarrant gloriam Dei. P.5.
3. Dies diei eructat verbum. P.10.
Et nox nocti indicat ſcientiam. ibid.
5. In omnem terram exivit ſonus eorum. P.5.

Pſal.24.7. *Ignorantias meas ne memineris.* Q.6.

Pſal.28.2. *Aſſerte Domino gloriam, & honorem.* O.18.

Pſal.30.13. *Oblivioni datus ſum, tamquam mortuus à corde.* S.5.

Pſal. 36. 31. *Supplantabuntur greſſus ejus.* S.11.

Pſal. 37.5. *Iniquitates meæ ſupergreſſæ ſunt caput meum, & ſicut onus grave gravatæ ſunt ſuper me.* P.8.

12. *Amici mei, & proximi mei.* N.21.

13. *Qui juxta me erant. ibid. De longè ſteterunt: adverſùm me. ibid.*

Pſal.41.4. *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes die ac nocte.* S.22.

8. *Abyſſus abyſſum invocat.* P.10.

Pſal.43.16. *Confuſio faciei meæ cooperuit me.* P.15.

23. & 24. *Exurge, quare obdormis Domine? Quare faciem tuam avertis? Quare obliviſceris inopiæ noſtræ?* Q.13.

24. *Quare obliviſceris inopiæ noſtræ, & tribulationis noſtræ?* Q.15.

Pſal.44.11. *Audi filia, & inclina aurem tuam.* R.31.

Pſal.47.11. *Juſtitiâ plena eſt dextera tua.* M.10.

Pſal.50.3.4. & 9. *Dele iniquitatem meam: amplius lava me ab iniquitate mea: à peccato meo munda me: lavabis me, & ſuper nivem dealbabor.* N.12.

5. *Peccatum meum contra me.* N.15.

Peccatum meum contra me eſt ſemper. M.8.

6. *Peccavi.* P.12.

11. *Averte faciem tuam.* Q.10.

Averte faciem tuam à peccatis meis. M.10.

16. *Libera me de ſanguinibus Deus.* P.21.

Pſal.54.7. *Quis dabit mihi pennas, ſicut columbæ: & volabo, & requieſcam.* V.1.

8 *Elongavi fugiens, & manſi in ſolitudine.* S.22.

Fugiens manſi in ſolitudine. S.25

Pſal.62.9. *Adhæſit anima mea poſte.* O.29.

Me ſuſcepit dextera tua. O.30.

Pſal.63.2. *A timore inimici eripe animam meam.* T.7.

Pſal.67.35. *Magnificentia ejus in nubibus.* N.21.

36. *Mirabilis Deus in Sanctis ſuis.* R.29.

Pſal.68.2. *Salvum me fac Deus: quoniam intraverunt aquæ uſque ad animam meam.* N.10.

3. *Infixus ſum in limo profundi: veni in altitudinem maris, & tempeſtas demerſit me. ibid.*

Tempeſtas demerſit me. P.14.

10. *Zelus domûs tuæ comedit me.* Z.1.

16. *Non abſorbeat me profundum neque urgeat ſuper me puteus os ſuum.* P.14.

Pſal.74.1. *In finem ne corrumpas.* O.1. & 2.

3. *Cùm accepero tempus, ego juſtitias judicabo.* O.2.Q.5.
Pſal.76.16. *Redemiſti in brachio tuo populum tuam.* T.14.
Pſal.83.10. *Reſpice in faciem Chriſti tui.* O.24.
Pſal.87.3 *Intret in conſpectu tuo oratio mea.* R.31.
Pſal.89.4. *Mille ani ante oculos tuos, tamquàm dies heſterna, quæ præteriit.* Q.17.
Pſal.93.1. *Deus ultionum Dominus.* V.8. & 16.
Deus ultionum liberè egit. V.16.
Pſal.96.3. *Ignis ante ipſum præcedet, & inflammabit in circuitu inimicos ejus.* R.6.
4. *Illuxerunt fulgura ejus orbi terræ. ibid.*
Pſal.101.3. *In quacumque die invocavero te, velociter exaudi me.* R.3.
8. *Factus ſum ſicut paſſer ſolitarius in tecto.* S.4.
Pſal.109.4. *Tu es Sacerdos in æternum.* N.6.
Pſal.110.4. *Memoriam fecit mirabilium ſuorum.* S.15.
5. *Eſcam dedit timentibus ſe.* S.13.
Pſal.113.3. *Mare vidit, & fugit.* O.25.
5. *Quid eſt tibi mare, quod fugiſti? ibid.*
Pſal.118.1. *Beati immaculati in via.* N.17.
39. *Amputa opprobrium meum, quod ſuſpicatus ſum.* N.14.
114. *Adjutor meus es tu.* T.4.
Et ſuſceptor meus. ibid.
131. *Os meum aperui.* M.17.
Et attraxi ſpiritum. ibid.
Pſal.129.1. *De profundis clamavi ad te Domine.* P.8.
Pſal.140.3. *Pone Domine cuſtodiam ori meo: & oſtium circumſtantiæ labijs meis.* R.26.
Pſal.142.6. *Anima mea ſicut terra.* V.5.
Pſal.144.15. & 16. *Tu das eſcam illorum: aperis tu manum tuam, & imples benedictione.* Q.8.

Ex Libro Proverbiorum

Cap.7.2. *Serva legem meam.* T.10.
3. *Liga eam in digitis tuis. ibid.*
Cap.8.17. *Ego diligentes me diligo.* N.2.
Cap.14.12. *Eſt via, quæ videtur homini juſta; noviſſima autem ejus deducunt ad mortem.* S.16. T.22.
Cap.18.3. *Impius, cùm in profundum venerit peccatorum, contemnit.* P.8.
21. *Mors in manu linguæ.* M.16.
Cap.31.10. *Mulierem fortem quis inveniet?* R.22.
13. *Quæſivit lanam & linum, & operata eſt conſilio manuum ſuarum. ibid.*
14. *Facta eſt quaſi navis inſtitoris, de longè portans panem ſuum. ibid.*

Ex Libro Eccleſiaſtæ.

Cap.1.2. *Omnia vanitas.* Q.16.V.21.

Cap.

Cap.2.11. *Cùm me convertiſſem ad univerſa opera, quæ fecerant manus meæ; vidi in omnibus vanitatem.* N.18.

15. *Locutus cum mente mea, animadverti quòd hoc quoque eſſet vanitas.* ibid.

Ex Cantico Canticorum.

Cap.1.3. *TRahe me: poſt te curremus.* M.14.

Cap.2.14. *Sonet vox tua in auribus meis.* R.31.

Cap.3.1. *In lectulo meo per noctes quæſivi quem diligit anima mea.* S.17.

4. *Inveni quem diligit anima mea.* P.6.

Tenui eum. ibid.

Nec dimittam. ibid.

Cap. 5. 2. *Ego dormio.* M. 14. S.9.

Ego dormio, & cor meum vigilat. P.6.T.3.

Cor meum vigilat. M.14.S.9.

Cap.7.7. *Statura tua aſſimilata eſt palmæ.* S.10.V.21.

Cap.8.6. *Ut ſignaculum ſuper cor.* S.6.

Ut ſignaculum ſuper brachium. ibid.

14. *Fuge dilecte mi.* M.14.

Ex Libro Sapientiæ.

Cap.1.10. *AUris zeli audit omnia.* Z. 15.

Cap.11.21. *Omnia in menſura, & numero, & pondere diſpoſuiſti.* Q.7.

Cap.15.7. *Figulus mollem terram premens, laborioſè de luto fingit quæ munda ſunt.* O.9.& 10.

Cap.18.14. *Cùm quietum ſilentium contineret omnia, & nox in ſuo curſu medium iter haberet.* S.17.

Ex Libro Eccleſiaſtici.

Cap.4.23. *COnſerva tempus, & de vita à malo.* Q.5.T.10.

Cap.7.33. *Honora Deum ex tota anima tua.* O.18.& 19.

Cap.31.9. *Quis eſt hic, & laudabimus eum?* V.15.

Quis eſt hic, qui fecit hæc mirabilia in vita ſua? O.14.

Fecit mirabilia in vita ſua. V 15.

Cap.41.15. *Curam habe in bono nomine.* O.18.

Cap.44.20. *Non eſt inventus ſimilis illi: qui conſervavit legem Excelſi.* R.23.S.20.

Ex Prophetia Iſaiæ.

Cap.6.2. *DUabus velabant faciem.* P.6.

Duabus velabant pedes. ibid.

Duabus volabant. P.6.V.3.

3. *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* R.36.

5. *Væ mihi, quia tacui.* M. 17.

Cap.9.2. *Populus, qui ambulabat in tenebris.* M.8.

6. *Factus eſt principatus ſuper humerum ejus.* T.3.

Cap.14.12. *Lucifer, qui manè oriebaris.* O.20.

13. *Super aſtra Dei.* ibid.

14. *Aſcendam ſuper altitudinem nubium.* N.11.

Similis ero Altiſſimo. N. 11.
Q. 12. & 22. S. 19. T. 5 V. 16.
15. *In profundum laci.* O. 20.
Q. 12. 6. & 22. S. 19.
Cap. 35. 6. *Sciſſæ ſunt in deſerto aquæ, & torrentes in ſolitudine.* S. 24. & 25.
Cap. 49. 1. *Dominus ab utero vocavit me.* V. 15.
Cap. 53. 6. *Omnes nos, quaſi oves, erravimus: unuſquiſque in viam ſuam declinavit.* Q. 26.
7. *Oblatus eſt, quia ipſe voluit.* V. 13.
Cap. 57. 20. *Impij quaſi mare fervens.* N. 8.

Ex Prophetia Jeremiæ.

Cap. 2. 13. *ME dereliquerunt fontem aquæ vivæ.* T. 17.
Foderunt ſibi ciſternas, ciſternas diſſipatas. ibid.
19. *Arguet te malitia tua, & averſio tua increpabit te.* ibid.
Cap. 51. 17. *Confuſus eſt omnis conflator in ſculptili.* V. 21.
In ſculptili. R. 18.
Mendax eſt conflatio eorum, nec eſt ſpiritus in eis. ibid.
Nec eſt ſpiritus in eis. V. 21.
18. *Vana opera, & riſu digna.* ibid.

Ex Threnis Jeremiæ.

Cap. 1. 1. *QUomodo ſedet ſola.* S. 4. & 6.
Solas civitas, plena populo. S. 4.
12. *Attendite, & videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus.* S. 4. & 5.
Cap. 2. 13. *Cui comparabo te, vel cui aſſimilabo te, filia Sion?* S. 4.
Quis medebitur tui? ibid.
Cap. 5. 16. *Cecidit corona capitis noſtri.* R. 35.

Ex Prophetia Ezechielis.

Cap. 1. 10. *FAcies aquilæ deſuper ipſorum.* V. 1.
Deſuper ipſorum quatuor. V. 2.
Cap. 10. 8. *Similitudo manûs hominis ſubtus pennas eorum.* V. 3.

Ex Prophetia Danielis.

Cap. 2. 1. *VIdit Nabuchodonoſor ſomnium &c.* R. 19.
31. *Statua grandis, magna, & ſtatura ſublimis.* R. 22.
32. *Caput ex auro.* S. 12.
33. *Pedum quædam pars erat fictilis.* ibid.
34. *Abſciſſus eſt lapis ſine manibus.* R. 22.
35. *Redacta quaſi in favillam æſtivæ aræ.* R. 20. & 22. S. 12.
37. *Tu rex regum es.* R. 20.
Cap. 3. 1. *Fecit ſtatuam auream.* ibid.
Altitudine cubitorum ſexaginta. V. 22.
14. *Deos meos non colitis, & ſtatuam auream, quam conſtitui, non adoratis?* ibid.
Statuam auream, quam conſtitui. R. 20.
49. *Angelus Domini deſcendit in fornacem, & excuſſit flammam ignis.* O. 7.
92. *Species quarti ſimilis Filio Dei.* ibid.

Similis Filio Dei. S.21.

Cap.4 8. *Proceritas ejus contingens cælum. S.10.*

17. & 19. *Arborem quam vidiſti ſublimem, tu es rex. ibid.*

24. *Peccata tua eleemoſynis redime. R.25.*

28. *Regnum tuum tranſibit à te. R.39.*

Cap.5.5. *In eâdem hora apparuerunt digiti, quaſi manus hominis ſcribentis contra candelabrum. R.7.*

6. *Cogitationes ejus conturbabant eum, & genua ejus ad ſe invicem collidebantur. ibid.*

16. *Purpurâ veſtiêris. T.3.*

25. *Mane, Thecel, Phares. R. 7.*

26. & 28. *Mane: numeravit Deus regnum tuum Phares: diviſum eſt regnum tuum, & datum eſt Medis & Perſis. R.16.*

27. *Inventus es minus habens. O.24.*

28. *Phares. R. 14.*

Diviſum eſt regnum tuum. R.39.

Diviſum eſt regnum tuum, & datum eſt Medis & Perſis. R. 14.

30. *Eâdem nocte interfectus eſt Baltaſſar. Q 8. R.14. & 16.*

Cap. 6.4. *Quærebant occaſionem. T.3.*

Ex latere regis. ibid.

16. *Miſerunt eum in lacum leonum ibid.*

Deus tuus liberabit te. P.2.

17. *Quem obſignavit rex annulo ſuo, & annulo optimatum ſuorum. ibid.*

Ne quid fieret contra Danielem. ibid.

22. *Concluſit Deus ora leonum. ibid.*

24. *Omnia oſſa eorum comminuerunt. ibid.*

Cap.14.5. *Non vides quanta comedat, & bibat quotidie? M.21.*

12. *Fecerant ſub menſa abſconditum introitum, & per illum ingrediebantur ſemper, & devorabant ea. ibid.*

14. *Ingreſſi ſunt nocte, & comederunt. S.11.*

18. *Animadverte cujus veſtigia ſint hæc. ibid.*

Ex Prophetia Oſee.

Cap.2.14. *Ducam eam in ſolitudinem. S. 17.*

Ducam eam in ſolitudinem, & loquar ad cor ejus. R.31.

Loquar ad cor ejus. S.17.

Cap.13.14. *Ero mors tua, ô mors. R.16.*

Ex Prophetia Jonæ.

Cap.1.4. *Navis periclitabatur cæteri. T.2.*

5. *Dormiebat ſopore gravi. ibid.*

7. *Cecidit ſors ſuper Jonam. S.8. & 10.*

9. *Dominum Deum cæli ego timeo, qui fecit mare & aridam. S.10.*

10. *Cognoverunt viri quòd à facie Domini fugeret, quia indicaverat eis. ibid.*

Cognoverunt viri, quia indicaverat eis. S.8.

Quòd à facie Domini fugeret. ib.

15. *Tu-*

15. *Tulerunt Jonam, & miſerunt in mare.* S.8.T.2.
Cap.2.11. *Evomuit Jonam in aridam.* T.2.
Cap.3.4. *Nineve ſubvertetur.* M. 19.
5. *Crediderunt viri Ninivitæ in Deum: & veſtiti ſunt ſaccis à maiore uſque ad minorem.* ibid.
Cap.4.1. *Aſſ ictus eſt afflictione magna, & iratus eſt.* Z.5.
4. *Putaſne benè iraſceris tu?* Z. 5. & 6.

Ex Prophetia Habacuc.

Cap.1.16. *Cibus ejus electus.* M.21.

Ex Prophetia Aggæi.

Cap.2.8. *Deſideratus cunctis gentibus.* P. 6.

Ex Prophetia Zachariæ.

Cap.1.3. *Convertimini ad me, & convertar ad vos.* Q.14.V.24.
Cap.13.6. *His plagatus ſum.* N. 12.

Ex Prophetia Malachiæ.

Cap.1.2. & 3. *Dilexi Iacob, Eſau autem odio habui.* O.27.

Ex Libro 1. Machabæorum.

Cap.6.12. *Nunc reminiſcor.* R.8. *Malorum, quæ feci.* ibid.

Ex Euangelio D. Matthæi.

Cap.1.20. *Quod in ea natum eſt, de Spiritu Sancto eſt.* M.11.
Cap.2.2. *Ubi eſt qui natus eſt rex?* R.5.14. & 32. *Natus eſt rex.* P.4.R.37. *Venimus adorare eum.* R.5.
3. *Audiens Herodes rex.* ibid.
11. *Invenerunt puerum cum Maria matre ejus: & procidentes adoraverunt eum.* R.32.
13. *Futurum eſt, ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum.* R.14. *Ad perdendum eum.* R.5.
Cap.3.2. *Pœnitentiam agite.* R.26. *Pœnitentiam agite: appropinquavit enim regnum cælorum.* Z.6.
3. *Vos clamantis.* R.26.
Cap.4.3. *Dic ut lapides iſti panes fiant.* O.15.S.16
3.6. & 9. *Dic ut lapides iſti panes fiant: mitte te deorſum: hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me.* V.17.
4. *Non in ſolo pane vivit homo.* O.15.S.16.
6. *Si Filius Dei es.* N.11. *Si Filius Dei es, mitte te deorſum. Scriptum eſt enim: quia Angelis ſuis mandavit de te, & in manibus tollent te, ne fortè offendas ad lapidem pedem tuũ.* O.10. *Mitte te deorſum.* N.11.T.8. *Mitte te deorſum: Angelis ſuis mandavit de te.* S.16. *Scriptum eſt enim: quia Angelis ſuis mandavit de te, & in manibus tollent te, ne fortè offendas ad lapidem pedem tuum.* T.8.
7. *Scriptum eſt: non tentabis Dominum Deum tuum.* ibid.
8. *Oſtendit ei omnia regna mundi.* Q.23.

8.

8. & 9. *Oſtendit ei omnia regna mundi: hæc omnia tibi dabo.* R. 9.
9. *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me.* S. 16.
Si cadens adoraveris me. Q. 23. R. 9 V. 16.
16. *Populus, qui ſedebat in tenebris.* M. 8.
Cap. 5. 3. & 10. *Ipſorum eſt regnum cælorum.* R. 29.
13. *Vos eſtis ſal terræ.* N. 8.
14. *Vos eſtis lux mundi.* O. 19. S. 19.
16. *Ut videant opera veſtra bona.* O. 21. P. 5.
20. *Non intrabitis in regnum cælorum.* P. 4.
22. *Omnis, qui iraſcitur fratri ſuo, reus erit judicio.* Z. 5.
29. *Si oculus ſcandalizat, erue eum.* S. 18.
48. *Eſtote vos perfecti, ſicut & Pater veſter cæleſtis perfectus eſt.* S. 20.
Cap. 6. 3. *Neſciat ſiniſtra tua quid faciat dextera tua.* R. 25.
9. *Sic vos orabitis: Pater noſter &c.* O. 28.
9. & 10. *Sic vos orabitis: Pater noſter: adveniat regnum tuum.* R. 38.
9. *Pater noſter.* O. 29. & 30. R. 31. & 38.
Pater noſter, qui es in cælis. M. 12. R. 37.
10. *Adveniat regnum tuum.* R. 29. & 38.
Fiat voluntas tua. N. 5.
11. *Panem noſtrum da nobis.* ib.
12. *Dimitte nobis, ſicut & nos dimittimus.* O. 30 R. 37. Z. 11.
21. *Ubi eſt theſaurus, ibi eſt & cor.* T. 23.
22. *Lucerna corporis eſt oculus.* N. 18.
Si oculus fuerit ſimplex. ibid.
Corpus lucidum. ibid.
23. *Si lumen, quod in te eſt, tenebræ ſunt: ipſæ tenebræ quantæ erunt?* ibid.
24. *Nemo poteſt duobus dominis ſervire.* Z. 8.
Aut enim unum odio habebit, & alterum diliget. ibid.
34. *Nolite ſoliciti eſſe in craſtinum: ſufficit diei malitia ſua.* P. 10.
Cap. 7. 4. *Sine ejiciam feſtucam de oculo tuo.* N. 12.
7. *Petite, & dabitur vobis: quærite, & invenietis: pulſate, & aperietur vobis.* M. 27.
9. *Si petierint panem, lapidem porriget eis.* S. 16.
13. *Lata porta, & ſpatioſa via eſt, quæ ducit ad perditionem.* T. 22.
Spatioſa via. S. 16.
Quæ ducit ad perditionem. ibidem.
14. *Arcta via.* R. 9. S. 16.
Quæ ducit ad vitam. R. 9. S. 16.
Ducit ad vitam. T. 22.
21. *Sed qui facit voluntatem Dei.* R. 33.
Cap. 8. 8. *Tantùm dic verbo.* O. 11
9. *Dico huic, vade; & vadit:*

& alij, veni; & venit. ibid.
10. *Non inveni tantam fidem in Iſrael. O.12.*
13. *Sanatus eſt puer. O.11.*
24. *Ipſe verò dormiebat. T. 2. & 14.*
25. *Domine ſalva nos, perimus. Q.13.T.2.*
Cap.10.13. *Pax veſtra revertetur ad vos. P.21.*
17. *Cavete ab hominibus. N. 9.*
39. *Qui perdiderit animam ſuam. N.22.*
Inveniet eam. ibid.
Cap.11.9. *Prophetam, & pluſquàm prophetam. O.21.*
11. *Inter natos mulierum non ſurrexit maior. M.27.*
Non ſurrexit maior. O. 18. & 21.R.29.V.15.
12. *Regnum cælorum vim patitur. P.4.*
Vim patitur. R.29.
28. *Venite ad me omnes, qui laboratis, & ego reficiam vos. P. 4.*
Venite qui laboratis, & onerati eſtis. T.4.
30. *Jugum meum ſuave ibid.*
Onus meum leve. ibid.
Cap.12.34. *Ex abundantia cordis os loquitur. S.18.*
47. *Ecce mater tua, & fratres tui foris ſtant quærentes te. R. 9.*
49. *Ecce fratres mei. M.12.*
50. *Quicumque fecerit voluntatem Patris ℞i. R.9.*
Ipſe meus frater, & ſoror, & mater eſt. ibid.
Cap.13.25. *Cùm dormirent homines, venit inimicus ejus, & ſuperſeminavit zizania. P. 20. & 22.*
26. *Cùm creviſſet herba. P. 20.*
28. *Vis imus, & colligimus ea? M.2.*
29. & 30. *Ne fortè colligentes zizania, eradicetis ſimul cum eis & triticum: ſinite utraque creſcere. M.1.P.22.T.12.*
30. *Sinite creſcere. P. 15.*
Colligite zizania ad comburendum. M. 1. P.15. & 23. Z. 8.
Colligite zizania ad comburendum: triticum congregate in horreum. M.2.
Triticum autem congregate in horreum meum. Z.8.
44. *Simile eſt regnum cælorum theſauro abſcondito in agro: quem qui invenit homo &c. R.29.*
Vendit univerſa quæ habet, & emit agrum illum. T.23.
45. *Simile eſt regnum cælorum homini negotiatori &c. R. 29.*
Homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. R.13.
46. *Vendidit omnia quæ habuit, & emit eam. ibid.*
Cap.14.10. *Decollavit Joannem. O.17 Q.22.*
28. *Jube me ad te venire ſuper aquas. O.22.*

29. *Ambulabat ſuper aquam. ibid.*

30. *Cùm cœpiſſet mergi. O. 25.*
Domine, ſalvum me fac. ibid.

31. *Extendens manum, apprehendit eum. M.10. N.8. O.25. R.3.*
Modicæ fidei. M.10.
Modicæ fidei, quare dubitaſti? N.8. O.22. R.3.

Cap.15.11. *Procedit ex ore, coinquinat hominem. P.19.*

18. *Quæ procedunt de ore, de corde exeunt, & ea coinquinant hominem. P.20.*

19. *Exeunt cogitationes malæ, homicidia, adulteria &c. ibidem.*

22. *Miſerere mei: filia mea malè à dæmonio vexatur. O, 12.*

25. *Domine, adjuva me. ibid.*

26. *Non eſt bonum ſumere panem filiorum, & mittere canibus. ibid.*
Panem filiorum. S.16.

27. *Etiam Domine: nam & catelli edunt de micis, quæ cadunt de menſa dominorum ſuorum. O.12. S.16.*

28. *Magna eſt fides tua: fiat tibi, ſicut vis. O.12.*

Cap.16.13. *Quem dicunt homines eſſe Filium hominis? R.4. V.10.*

14. *Alij Joannem Baptiſtam. R.4. V.10.*
Alij autem Eliam. V.10.
Alij verò Jeremiam. ibid.
Aut unum ex Prophetis. ibidem.

15. *Vos autem quem me eſſe dicitis? R.4. V.10.*

16. *Tu es Chriſtus Filius Dei vivi. R.4. & 36.*
Filius Dei vivi. V.10.

17. *Pater meus revelavit tibi. R.4.*

18. *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus. ibid.*
Tu es Petrus, & ſuper hanc petram ædificabo Eccleſiam meam. ibid.
Super hanc petram. T.4.
Ædificabo Eccleſiam. ibid.
Super hanc petram ædificabo Eccleſiam meam. N.4. O.19. R.36.
Portæ inferi non prævalebunt. R.35.

19. *Tibi dabo claves regni cælorum. O.19. P.4. R.4. & 36.*
Tibi dabo claves regni cælorum: quodcumque ligaveris, erit ligatum: quodcumque ſolveris, erit ſolutum. N.6.
Quodcumque ligaveris: quodcumque ſolveris. N.4.
Quodcumque ligaveris ſuper terram, erit ligatum & in cælis: & quodcumque ſolveris ſuper terram, erit ſolutum & in cælis. R.36.

24. *Si quis vult poſt me venire, abneget ſemetipſum, & tollat crucem ſuam, & ſequatur me. R.*

Si quis vult poſt me venire, abneget ſemetipſum, & ſequatur me. V.15.
Abneget ſemetipſum. O. 24. P.14.
Et ſequatur me. O.24.
Abneget ſemetipſum, & ſequatur me. V.13.
26. *Quid prodeſt homini, ſi mundum univerſum lucretur, animæ verò ſuæ detrimentum patiatur? O.13. Q.16. & 17. R.30.*
Quam dabit homo commutationem pro anima ſua? O.13. & 23. Z.11.
27. *Filius hominis venturus eſt, &c. Q.10.*
Reddet unicuique ſecundùm opera ejus. ibid.
Cap. 17. 15. *Obtuli eum diſcipulis tuis, & non potuerunt curare eum. S.1.*
Non potuerunt curare eum. M. 18.
17. *Increpavit illum Ieſus, & exijt ab eo dæmonium. S.1.*
Exijt dæmonium. M.18.
18. *Quare nos non potuimus ejicere illum? S.1.*
19. *Propter incredulitatem veſtram. ibid.*
Cap.18. 3. *Non intrabitis in regnum cælorum. P.4.*
7. *Neceſſe eſt, ut veniant ſcandala. S.8.*
Verumtamen væ homini illi. ibid.
Scandalum venit. ibid.
8. *Si manus tua, vel pes tuus ſcandalizat te, abſcide eum, & projice abs te. N.22.*
9. *Si oculus tuus ſcandalizat te, erue eum. ibid.*
Si oculus tuus ſcandalizat te, erue eum, & projice abs te. R.10.
Cap.19.12. *Qui poteſt capere, capiat. M.17.*
16. *Quid boni faciam, ut habeam vitam æternam? O.14.*
18. *Non homicidium facies. T.8.*
Non adulterabis. T.8. & 9.
Non facies furtum. T.8.
20. *Omnia hæc cuſtodivi à juventute mea. O.14.*
21. *Si vis perfectus eſſe, vade, vende quæ habes, & da pauperibus. ibid.*
Vade, vende quæ habes. Q. 18.
22. *Abijt triſtis. O.14. Q.18.*
Habens multas poſſeſſiones. O. 14.
24. *Facilius eſt camelum per foramen acûs tranſire, quàm divitem intrare in regnum cælorum. O.14.*
27. *Ecce nos reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te. O. 19. & 23.*
Reliquimus omnia. N.19. Q.16. R.12. V.12.
Omnia. Q.16.
Secuti ſumus te. R.12.
Reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te: quid ergo erit nobis? O.7.
28. *Vos, qui ſecuti eſtis me, ſedebitis,*

bitis judicantes. O.23.
Cùm ſederit Filius hominis & vos. O.7.
Sedebitis judicantes duodecim tribus Iſrael. R.12.& 36.
29. Omnis, qui reliquerit fratres, aut ſoroves, aut patrem, aut matrem. R.9.
Domum, aut agros propter nomen meum. ibid.
Centuplum accipiet. R.10.
Vitam æternam poſſidebit. R.9.
Cap.20.9. & 10. Acceperunt ſingulos denarios. Q.27.
Singulos denarios. Q.27.S.20.
11. & 12. Murmurabant adverſùs patremfamilias, dicentes: pares illos nobis feciſti. S.20.
11. & 12. Murmurabant: pares illos nobis feciſti. Q.27.
15. An oculus tuus nequam eſt, quia ego bonus ſum? ibid.
21. Dic ut ſedeant &c. R.3.
Dic ut ſedeant, unus ad dexteram, & unus ad ſiniſtram. V.12. & 13.
Unus ad dexteram, & unus ad ſiniſtram. O.23.S.20.
22. Neſcitis quid petatis. M.10. O.23.R.3.V.13.
Poteſtis bibere calicem, quem ego bibiturus ſum? O.7.Q.8.
Poſſumus. O.7.
23. Calicem quidem bibetis. ibid.
Non eſt meum dare vobis. P.4.
Cap.21.13. Domus mea, domus orationis vocabitur. Z.1.
Domus mea, domus orationis vocabitur: vos autem feciſtis illam ſpeluncam latronum. Z.3.
19. Numquàm ex te fructus naſcatur in ſempiternum. Q.6.S.8.
Cap.22.2. Qui fecit nuptias filio ſuo. O.5.
12. Quomodò hùc intraſti, non habens veſtem nuptialem? P.4 R.31.
13. Ligatis manibus, & pedibus ejus, mittite eum in tenebras exteriores. R.12.
16. Scimus quia verax es, & viam Dei in veritate doces. V.5.
Viam Dei in veritate doces. O.21
17. Licet cenſum dare Cæſari, an non? O.21.V.5.
18. Quid me tentatis hypocritæ? Z.9.
20. Cujus eſt imago hæc? V.21.
21. Reddite quæ ſunt Cæſaris, Cæſari. V.5.Z.9.
40. Univerſa lex pendet. T.9.
Cap.23.14. Væ vobis hypocritæ: quia comeditis domos viduarum. Z.3.
Orationes longas orantes. ibid.
Quia comeditis domos viduarum: propter hoc amplius accipietis judicium. Z.4.
Cap.24.27. Sicut fulgur, ita erit & adventus Filij hominis. R.6.
Cap.25.1. Simile erit regnum cælorum decem virginibus &c. R.29.
3. Non ſumpſerunt oleum ſecum. N.6.O.1.
7. Surrexerunt omnes. O.1.
Ornaverunt lampades ſuas. ibid.
8. Date nobis de oleo veſtro. ibid.

10. *Dum irent emere. ibid.*
Intravervnt cum eo ad nuptias. N.6.O.1.R.11.
Clauſa eſt janua. N.6. & 7. O. 1.R.11.
11. *Novìſſi nè verò veniunt.O.1.*
Domine, aperi nobis. N.6.
Aperi nobis. O.1.
12. *Neſcio vos.* R.11.
13. *Quia neſcitis.* N.6. & 7.
15. *Vni dedit quinque talenta.* N.22.
Secundùm propriam virtutem. Q.6.
20. *Quinque talenta tradidiſti.* O.20.
Quinque talenta tradidiſti mihi: ecce alia quinque ſuperlucratus ſum. R.10.
Alia quinque ſuperlucratus ſum. O.20.
21. *Serve bone, intra in gaudium domini tui.* R.10.
21. & 23. *Quia ſuper pauca fuiſti fidelis, ſuper multa te conſtituam.* N.19.
Super multa te conſtituam.N.22
24. & 25. *Scio quia homo durus es: abſcondi talentum.Q.20*
25. *Abſcondi talentum in terra.* V.7.
34. *Venite benedicti Patris mei.* M.12Q.6.
Venite, poſſidete paratum vobis regnum. R.29. & 34.
Poſſidete paratum vobis regnum. M.12.
34.35. & 36. *Venite benedicti, poſſidete paratum vobis regnum: eſurivi enim, & dediſtis mihi manducare: nudus eram, & cooperuiſtis me.* N.7.
35. *Quia dediſtis manducare &c.* M.12.
35. & 36. *Dediſtis mihi manducare: dediſtis mihi bibere: cooperuiſtis me.* R.34.
37. & 38. *Quando te vidimus eſurientem, & pavimus te: aut nudum, & cooperuimus te?N.7.*
41. *Diſcedite à me.* Q.15.
Diſcedite à me maledicti. Q.6. R.6. & 11.T.27.
In ignem æternum. R.6.
Diſcede à me in ignem æternum, qui paratus eſt diabolo. Q.15.
41. & 42. *Diſcedite à me: eſurivi enim, & non dediſtis mihi manducare.* Q.14.S.16.
41.42. & 43. *Diſcedite à me maledicti in ignem æternum: eſurivi enim, & non dediſtis mihi manducare: nudus eram, & non cooperuiſtis me.* N. 7.
42. *Eſurivi enim,& non dediſtis mihi manducare: ſitivi, & non dediſtis mihi potum.* Q.6.
43. *Nudus eram, & non cooperuiſtis me.* Q.15.
44. *Quando te vidimus eſurientem, aut ſitientem, & non miniſtravimus tibi?* Q.6.
Quando te vidimus eſurientem, aut nudum, & non miniſtravimus tibi? N.7.
Cap.26.10. *Opus bonum operata eſt.* O.15.
15. *Quid vultis mihi dare?* M.13

Quid

Quid vultis mihi dare, & ego vobis eum tradam? O.18.V.18.
Ego vobis eum tradam. O.19.
23. *Qui intingit mecum manum in paropſide, hic me tradet. M.21 R.13.*
23. & 24. *Qui intingit mecum manum in paropſide, hic me tradet: væ homini illi, per quem Filius hominis tradetur. V.18.*
26. *Hoc eſt corpus meum. Q.3.*
28. *Sanguis, qui pro multis effundetur. S.12.*
34. *Antequam gallus cantet, ter me negabis. M.22.R.13.*
48. *Quemcumque oſculatus fuero, ipſe eſt, tenete eum. V.18.*
52. *Omnes, qui acceperint gladium, gladio peribunt. P.21. Q.26.*
58. *Sequebatur eum à longè. M.22.N.8.O.23.*
65. *Blaſphemavit. R.27.*
Quid adhuc egemus teſtibus? Ecce nunc audiſtis blaſphemiam. R.26.
Audiſtis blaſphemiam. V.19.
70. *Negavit coram omnibus. O.19. & 23.*
Neſcio quid dicis. N.8.O.19.
72. *Negavit cum juramento. M. 22.N.8.*

Cap.27.4. *Peccavi, tradens ſanguinem juſtum. T.19.*
Tradens ſanguinem juſtum. Q.10
5. *Laqueo ſe ſuſpendit. M.7. O.1. & 19. Q.18.S.11.T.19.*
6. *Non licet mittere in corbonam. M.24.*
Quia pretium ſanguinis eſt. ibid
7. *Emerunt ex illis agrum figuli, in ſepulturam peregrinorum. ibid*
25. *Sanguis ejus ſuper nos. N. 13.P.21.*
34. *Vinum cum felle miſtum. Z.8.*
Noluit bibere. ibid.
37. *Impoſuerunt ſuper caput ejus cauſam ipſius ſcriptam. R.5.*
Cauſam ipſius ſcriptam. R.32.
Hic eſt Jeſus Rex. R.5. & 32.
40. *Si Filius Dei es. N.11.*
Deſcende de cruce. ibid.
54. *Verè Filius Dei erat iſte. N.23.S.21.T.13.*

C p.28.19. *Docete omnes gentes, baptizantes eos &c. S.16.*
20. *Vobiſcum ſum. M.14.S.5.*
Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi. P.6.S.46.& 16.
Uſque ad conſummationem ſæculi. T.19.

Ex Euangelio D. Marci.

Cap.3.15. *Dedit illis poteſtatem curandi infirmitates, & ejiciendi dæmonia. O.19.*
Dedit illis poteſtatem ejiciendi dæmonia. M.18.
Cap.4.39. *Tace, obmutesce. M.20*
Et facta eſt tranquillitas magna. ibid.
Cap.6.17. *Propter Herodiadem. O.17.*
18. *Dicebat Herodi: non licet tibi habere uxorem fratris tui. V.11.*

Non licet tibi habere uxorem fratris tui. Q.22.R.2.
20. *Herodes metuebat Ioannem.* O.17.T.6.V.11.
Sciens eum virum juſtum, & ſanctum. O.17.
Sciens eum virum juſtum, & ſanctum: & audito eo multa faciebat, & libenter eum audiebat. V.6.
Audito eo multa faciebat. O.17.
Libenter eum audiebat. ibid.
27. *Miſſo ſpiculatore, præcepit afferri caput ejus in diſco* R.2.
Decollavit eum. ibid.
Cap.9.22. *Si potes credere, omnia poſſibilia ſunt credenti.* S.1.
Omnia poſſibilia ſunt credenti. O.12.
24. *Comminatus eſt ſpiritui, dicens: ego præcipio tibi, exi ab eo.* M.18.
Surde, & mute ſpiritus: ego præcipio tibi, exi ab eo. R.25.
Mute ſpiritus, M.20.
Mute ſpiritus, ego præcipio tibi &c. M.18.
25. *Multùm diſcerpens eum, exijt ab eo.* R.25.
27. *Non potuimus ejicere eum.* ib.
28. *Hoc genus in nullo poteſt exire, niſi in oratione, & jejunio.* M. 18.
Cap.14.4. & 5. *Ut quid perditio iſta; poterat enim unguentum iſtud venumdari.* M.7.

Ex Euangelio D. Lucæ.

Cap.1.28. *Ave gratia plena.* R.31. & 35.
Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus. R.35.
Benedicta tu in mulieribus. R.36
31. *Concipies.* S.6.
Concipies in utero, & paries filium. R.35.
Paries filium. S.6.
31. & 32. *Paries filium: & dabit illi Dominus Deus ſedem David patris ejus.* R.32.
32 *Regnabit in domo Iacob.* R.35 & 36.
32. & 33. *Regnabit, & regni ejus non erit finis.* R.37.
33. *Regni ejus non erit finis.* R.35.
35. *Virtus Altiſſimi obumbrabit tibi.* R.32.
43. *Unde hoc mihi, ut veniat mater Domini mei ad me?* ibid.
45, *Perficientur ea, quæ dicta ſunt tibi à Domino.* S.6.
66. *Manus Domini erat cum illo.* T.4.
79. *In umbra mortis ſedent.* P.16.
Cap.2.11. & 12. *Natus eſt vobis Salvator: invenietis infantem.* P.4.
21. *Ut circumcideretur, vocatum eſt nomen Ieſus.* N.1.
22. *Tulerunt illum, ut ſiſterent eum Domino.* R.32.
48. *Fili, quid feciſti nobis ſic?* ibid.
Quid feciſti nobis ſic? V.24.
51. *Erat ſubditus illis.* R. 32.
Cap.5.5. *Per totam noctem laborantes, nihil cepimus.* S.3.
In verbo tuo laxabo rete. S.3.V. 6.Piſ-
15.

6. *Piſcium multitudinem copioſam. S.3.*
7. *Impleverunt ambas naviculas. V.12.*
Impleverunt ambas naviculas, ita ut penè mergerentur. S.3.
Cap.6.36. *Eſtote miſericordes, ſicut Pater veſter miſericors eſt. M.11.*
39. *Cæcus cæcum ducit. N.9.*
Ambo in foveam cadunt. ibid.
41. *Trabem, quæ in oculo tuo eſt, non conſideras. Z.12.*
42. *Sine ejiciam feſtucam de oculo tuo. ibid.*
Cap.7.37. *Mulier, quæ erat in civitate peccatrix. O.15.*
Ut cognovit quòd accubuiſſet in domo Phariſæi. O.16.
Attulit alabaſtrum unguenti. ibid.
38. *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus. ibid.*
39. *Mulier, quæ tangit eum, peccatrix eſt. O.15.*
Cap.8.5. *Exijt qui ſeminat, ſeminare ſemen ſuum. V.7.*
5.6. & 7. *Aliud cécidit ſecus viam: aliud cécidit ſupra petram: aliud cécidit inter ſpinas. P.19.*
5.6.7. & 8. *Aliud cécidit &c. T.12.V.7.*
5. *Secus viam. V.5.6. & 7.*
Conculcatum eſt. O.26.V.5.6. & 7.
Volucres cæli comederunt illud. V.5.
Comederunt illud. V.7.
6. *Supra petram. V.5.6. & 7.*
Natum aruit V.5. & 6.
Aruit. O.26.V.7.
Natum aruit, quia non habebat humorem. P.19.
7. *Inter ſpinas. V.5.6. & 7.*
Exortæ ſpinæ ſuffocaverunt illud. P.19 V.5.
Suffocaverunt illud. O.26.
8. *In terram bonam. V.5.6. & 7.*
Fecit fructum centuplum. P.19. V.5. & 6.
11. *Semen eſt verbum Dei. P.19. T.12.V.5.*
24 *Suſcitaverunt eum. M.20.*
Cap.9.54. *Domine, vis dicimus ut ignis deſcendat de cælo, & conſumat illos? R.3. V.4. Z.6. & 8.*
55. *Increpavit illos, dicens: neſcitis cujus ſpiritus eſtis. V.4.*
Neſcitis cujus ſpiritus eſtis. M. 10.R.3. Z.6. & 8.
Cap.10.18. *Videbam ſatanam ſicut fulgur de cælo cadentem. R.6*
30. *Semivivo. Q.10.*
31. *Viſo illo præterivit. ibid.*
32. *Cùm videret eum, pertranſijt. ibid.*
Cap.11.27. *Beatus venter, qui te portavit. M.11.*
Et ubera, quæ ſuxiſti. ibid.
28. *Qui audiunt, & cuſtodiunt illud. N.11.*
Cap.12.19. *Dicam animæ meæ. P.18.R.19.*
Anima, habes multa bona. R.11.
Anima, habes multa bona poſita in annos plurimos. Q.11 & 17.

Habes multa bona. ℣ *O.24. S.3.*
Habes multa bona poſita in annos plurimos. ℣ *O.24.*
Anima, habes multa bona: comede, bibe, epulare. N.22.
Anima, comede, bibe, epulare. M.21.Q.5.R.21.S.3.
Comede, bibe, epulare. O.24. P.17. & 18.R.11. & 19.
20. *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt à te. M.5.P.17.*
Hac nocte animam tuam repetunt à te. N.22. O.24. P.18. Q.5. & 20.R.11.S.3.
Animam tuam repetunt à te. Q.17.
Quæ autem paraſti, cujus erunt? M.24.T.23.
33. *Vendite, & date. V.13.*
35. *Lucernæ ardentes in manibus. O.21. P.5.*
Cap.14.16. *Fecit cœnam magnam. O.5.*
18. *Villam emi. ibid.*
18. & 19. *Habe me excuſatum. ibid.*
19. *Iuga boum emi. ibid.*
20. *Uxorem duxi. ibid.*
21. & 23. *Exi citò in plateas, & vicos: in vias, & ſepes: ac debiles, & cæcos introduc hùc: compelle intrare. ibid.*
23. *Ut impleatur domus mea. ibid.*
24. *Nemo illorum, qui vocati ſunt, guſtabit cœnam meam. ib.*
31. *Si poſſit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad ſe. R.39.*
32. *Rogat ea, quæ pacis ſunt. ib.*
Cap.15.4. & 5. *Vadit ad illam, donec inveniat eam: & cùm invenerit eam, imponit in humeros ſuos. P.7.*
In humeros ſuos. P.4.
12. ℣ *Da mihi portionem ſubſtantiæ, quæ me contingit. O.19. Q.16.S.3.*
13. *Profectus eſt in regionem longinquam. O.19.*
17. *In ſe reverſus. Q.16.*
Quanti mercenarij in domo patris mei abundant panibus! ibid.
Fame pereo. Q.16.S.3.
17. & 18. *Quanti mercenarij in domo patris mei abundant panibus! Surgam, & ibo ad patrem meum. S.3.*
18. *Surgam, & ibo ad patrem, & dicam ei: peccavi in cælum. T.9.*
30. *Devoravit ſubſtantiam ſuam cum meretricibus. O.15.*
32. *Mortuus erat: perierat. S.3. Revixit: inventus eſt. ibid.* ℣
Cap.16.2. *Redde rationem villicationis tuæ. P.23.*
3. *Dominus aufert villicationem. Q.21.*
6. & 7. ℣ *Centum cados olei: centum coros tritici ibid.*
6. *Accipe cautionem tuam &c. P.23.*
6. & 7. *Scribe quinquaginta: ſcribe octoginta. Q.21.*
8. *Laudavit dominus* ℣ *villicum iniquitatis. P.23.Q.21.*
19. *Dives, qui epulabatur quotidie*

tidie ſplendidè. S.3.
20. & 21. Quidam mendicus, cupiens ſaturari de micis, quæ cadebant de menſa divitis. ibid.
22. Portatus ab Angelis in Sinum Abrahæ. ibid.
Mortuus eſt dives, & ſepultus eſt in inferno. ibid.
Sepultus in inferno. P.9. R.21.
23. In ſinu Abrahæ. P.9.
24. Pater Abraham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti ſui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma. P.8. & 9.S.3.
25. Recepiſti bona in vita tua. P.9.
Et Lazarus ſimiliter mala. ibid.
26. Inter nos & vos chaos magnum firmatum eſt. ibid.
Hi, qui volunt hinc tranſire ad vos, non poſſunt. ibid.
Neque inde hùc tranſmeare. ib.
28. Ne & ipſi veniant in hunc locum tormentorum. P.8.7.5.
In hunc locum tormentorum. T. 22.
29. Habent Moyſen, & prophetas. ibid.
30. Non, pater Abraham. ibid.
Si quis ex mortuis ierit ad eos. ibid.
Cap.17.21. Regnum Dei intra vos eſt. R.18.
Cap.18.10. Aſcenderunt in templum, ut orarent. V.20.
11. Stans apud ſe. R.9.
Apud ſe orabat: Non ſum ſicut cæteri. V.20.
Non ſum ſicut cæteri hominum. R.9.T.10.
Non ſum ſicut cæteri hominum: raptores, injuſti, adulteri. N.12. V.20.
Non ſum ſicut raptores. Q.28.
Non ſum ſicut adulteri. ibid.
Non ſum velut hic publicanus. N.11.Q.28.
13. Publicanus à longè ſtans. V.20.
Nolebat nec oculos ad cælum levare. T.10.
Deus propitius eſto mihi peccatori. ibid.
14. Deſcendit juſtificatus. N.12 T.10.
Juſtificatus. R.9.
Cap.19.8. Dimidium bonorum meorum do pauperibus. Q.21.
Si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum. ibid.
9. Hodie ſalus domui huic facta eſt. ibid.
22. De ore tuo te judico. P.23.
Cap.21.9. Oportet primùm hæc fieri. S.8.
Sed nondum ſtatim finis. ibid.
19. In patientia veſtra poſſidebitis animas veſtras. P. 8.
24. Cadent in ore gladij. P.21.
Cap.22.15. Deſiderio deſideravi hoc paſcha manducare vobiſcum, antequam patiar. V.13.
19. Hoc eſt corpus meum: hoc facite in meam commemorationem. O.30.S.6.
Hoc facite. O.29.
Hoc facite in meam commemo-

rationem. S.16.V.24.
24. *Facta eſt contentio inter eos. quis eorum videretur eſſe maior.* V.12.
Quis eorum videretur eſſe maior. S.20.
32. *Ego rogavi pro te, ut non deficiat fides tua.* R.37.
61. *Reſpexit Petrum.* P.7.R.3.
62. *Flevit amarè.* P.7.
Cap.23.21. *Crucifige, crucifige eum.* Q.1.
34. *Pater, dimitte illis.* S.21.
39. *Blaſphemabat eum.* P.18. V.19.
Si tu es Chriſtus, ſalvum fac temetipſum, & nos. V.19.
40. *Neque tu times Deum.* Q.5. & 6. V.19.
In eâdem damnatione es. Q.6.
41. *Hic nihil mali geſſit.* P.18.
42. *Memento mei, cùm veneris in regnum tuum.* N.6.P.4. & 18.
43. *Hodie mecum eris in paradiſo.* N.6.O.1.P.18.S.21.
Eris in paradiſo. R.37.
Cap.24.15. *Ieſus appropinquans ibat cum illis.* M.10.
25. *O ſtulti, & tardi corde ad credendum!* M.10.R.3.
31. *Cognoverunt eum.* R.3.

Ex Euangelio D. Joannis.

Cap.1.1. IN *principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum.* P.5.V.4.
7. *Ut omnes crederent per illum.* T.21.
9. *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem.* P.5.
14. *Verbum caro factum.* S.21.
21. *Elias es tu?* S.20.
Non ſum. O.21.
Propheta es tu? S.20.
23. *Ego vox.* O.21. P.5. T.4. V.11.
29. *Ecce Agnus Dei: ecce qui tollit peccatum mundi.* P.5.
Cap.2.16. *Auferte iſta hinc, & nolite facere domum Patris mei domum negotiationis.* Z.12.
18. *Quod ſignum oſtendis nobis quia hæc facis?* ibid.
Cap.3.16. *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret.* O.6.
19. *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.* V.5.
20. *Qui malè agit, odit lucem.* Q.22.R.8.V.5 Z.12.
30. *Illum oportet creſcere.* N.19
Me autem minui. ibid.
Cap.5.3. *Multitudo cæcorum, claudorum, aridorum.* M.18.
14 *Jam noli peccare.* P.12.
Noli peccare. T.9.
35. *Lucerna ardens.* Q.22.
Lucerna ardens, & lucens. P.5.
Cap.6.35. *Ego ſum panis vitæ: qui venit ad me, non eſuriet.* S.14.
49. *Manducaverunt manna, & mortui ſunt.* S.15.
53. *Quomodò poteſt hic nobis carnem ſuam dare ad manducandum?* S.16.
55. *Qui manducat meam carnem, ego reſuſcitabo eum in noviſ-*

viſſimo die. S.15.
56. Caro mea verè eſt cibus. S.13.
Caro mea verè eſt cibus: & ſanguis meus verè eſt potus. T.1.& 20.V.23.
57. In me manet, & ego in illo. O.29.Q.4.R.29.S.5. & 6.
58. Sicut miſit me vivens Pater. T.20.
Ego vivo propter Patrem. ibid.
Qui manducat me, & ipſe vivet propter me. S.5. & 14. T.20.
Ipſe vivet propter me. S.15.
59. Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit. S.16
Panis qui de cælo deſcendit. S.15
Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. S.13. & 16.
Cap.7.20. Dæmonium habes. N.23.T.13.
Cap.8.4. Deprehenſa in adulterio. O.17.
5. In lege Moyſes mandavit nobis hujuſmodi lapidare. O.10. P.1. Z.9.
6. Digito ſcribebat in terra. N.17.O.10.P.1.
7. Qui ſine peccato eſt veſtrûm, primus in illam lapidem mittat. O.10.P.1.Z.9.
9. Unus poſt unum exibant. N.7. P.1.
11. Jam ampliùs noli peccare. O.17.
Noli peccare. T.9.
12. Ego ſum lux mundi. S.19.
21. Quæretis me. O.5.
In peccato veſtro moriemini. ib.
44. Vos ex patre diabolo eſtis. Q.25.
46. Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi? Q.22.25. & 26.
49. Ego honorifico Patrem meum, & vos inhonoraſtis me. Z.1.
Cap.9.2. Quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus naſceretur? P.3.S.11.
3. Neque hic peccavit, neque parentes ejus: ſed ut manifeſtentur opera Dei in illo. M.19.
5. Lux ſum mundi. O.8.
6. Expuit in terram, & fecit lutum ex ſputo. O.9.
6. & 7. Fecit lutum: linivit ſuper oculos ejus: venit videns. N.17.
Linivit lutum ſuper oculos ejus: venit videns. O.8.
7. Vade, lava in natatoria. O.9.
16. Non eſt hic homo à Deo, qui ſabbatum non cuſtodit. O.8.
Cap.10.11. Sum Paſtor bonus. P.4.
Bonus paſtor animam ſuam dat pro ovibus ſuis. ibid.
14. Cognoſco oves meas. P.7.
Cognoſcunt me meæ. ibid.
38. Si mihi non vultis credere, operibus credite. V.11.
Operibus credite. Z.15.
Cap.11.11. Lazarus amicus noſter dormit. M.19.
Lazarus dormit. Q.13.
Vado, ut à ſomno excitem eum. ibid.
39. Jam fœtet, quatriduanus eſt enim. M.13.
43. Lazare, veni foràs. M.19.

Veni foràs. Q.13.
44. *Prodijt, qui fuerat mortuus.* Q.13.R.21.
Cap.12.9. *Ut viderent quem ſuſcitavit à mortuis.* M.4.
10. *Cogitaverunt, ut & Lazarum interficerent. ibid.*
19. *Nihil proficimus. ibid.*
Ecce mundus totus poſt eum abijt. ibid.
Cap.13.1. *Sciens quia venit hora ejus.* M.14.
Sciens quia venit hora, ut tranſeat ex hoc mundo. P.6.
Ut tranſeat ex hoc mundo. M.14.
Sciens quia venit hora: in finem dilexit. M.15.
2. *Cùm diabolus jam miſiſſet in cor.* M.21.
5. *Cœpit lavare pedes diſcipulorum.* M.14.
23. *Unus, quem diligebat Jeſus.* V.4.
27. *Quod facis, fac citiùs.* Q.10. R.13.
Cap.14.6. *Ego ſum via, & veritas.* O.21.
Ego ſum veritas. O.26. V.10. & 23.
9. *Qui videt me.* V.24.
Videt & Patrem. ibid.
26. *Ille vos docebit.* P.5.
28. *Vado ad Patrem.* M.14.
Cap.15.15. *Iam non dicam vos ſervos: vos autem dixi amicos.* O.19.R.29.
24. *Oderunt me.* Z.12.
Oderunt me, & Patrem meum. ibid.
Cap.16.13. *Spiritus veritatis docebit omnem veritatem.* V.10.
24. *Petite, & accipietis.* O.30. V.13.
Cap.18.4. *Quem quæritis?* Q.1.
5. *Ieſum Nazarenum.* Q.1. & 4.
Ego ſum. Q.1. & 3. T.15.
6. *Abierunt retrorſùm, & ceciderunt in terram.* Q.1.
7. *Iterùm interrogavit eos: quem quæritis? ibid.*
Ieſum Nazarenum. ibid.
11. *Calicem quem dedit mihi Pater, non bibam illum?* Q.8.
12. *Comprehenderunt Ieſum, & ligaverunt eum.* Q.1. & 4.
33. *Tu es Rex Iudæorum?* R.32.
37. *Ergo Rex es tu. ibid.*
38. *Quid eſt veritas?* V.23.
Ego nullam invenio in eo cauſam. ibid.
Cap.19.6. *Crucifige, crucifige eum.* Q.1.
19. *Ieſus Nazarenus Rex.* R.37.
21 *Noli ſcribere, Rex Iudæorum,* R.5.
26. *Dicit Ieſus matri ſuæ: ecce filius tuus.* M.21.
27. *Ecce mater tua.* R.38. & 39.
34. *Lanceâ latus ejus aperuit.* S.21.
Cap.20.13. *Tulerunt Dominum meum.* S.4.
26. *Poſt dies octo.* R.3.
27. *Dicit Thomæ.* V.11.
Vide manus meas. ibid.
Affer manum tuam, & mitte in

laeus meum. R.3.V.11.
Noli eſſe incredulus, ſed fidelis. R.3.
28. *Dominus meus, & Deus meus. V.11.*
Cap.21.7. *Diſcipulus ille, quem diligebat Ieſus. R.38.*
15.16.& 17. *Tu ſcis, quia amo te. N.2.R.4.*
17. *Simon Ioannis, amas me? Domine, tu ſcis quia amo te. R. 37.*
Paſce oves meas. N.2.R.4.
20. *Qui recubuit ſuper pectus ejus. R.3.V.4.*
Recubuit ſuper pectus. M. 10.

Ex Actibus Apoſtolorum.

Cap.1.14. *ERant perſeverantes unanimiter in oratione. O.29.*
Cap.2.3. *Apparuerunt diſpertitæ linguæ. V.10.*
Diſpertitæ linguæ ſupra ſingulos eorum. ibid.
Linguæ tamquam ignis. P.5.
4. *Prout Spiritus Sanctus dabat eloqui illis. ibid.*
Cap.5.3. *Cur tentavit ſatanas cor tuum, mentiri te Spiritui Sancto, & fraudare de pretio agri? Q.19.*
4. *Quare poſuiſti in corde tuo? Q.20.*
15. *Ut, veniente Petro, ſaltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, & liberarentur ab infirmitatibus ſuis. O.11.*
16. *Concurrebat multitudo civitatum, afferentes ægros &c. O. 12.*
Cap.7.59. *Obdormivit in Domino. Q.13.*
Cap.9.1. *Spirans minarum. O.20.*
Spirans minarum, & cædis in diſcipulos Domini. T.17.
2. *Ut ſi quos inveniſſet hujus viæ viros, ac mulieres, vinctos perduceret in Ieruſalem. ibid.*
4. *Saule, Saule, quid me perſequeris? T.13.*
5. *Ego ſum Ieſus, quem tu perſequeris. O.29.*
6. *Domine, quid me vis facere? ibid.*
15. *Vas electionis eſt mihi iſte. M.27.R.29.T.4.*
Vas electionis, ut portet nomen meum. N.1 O.20.
Ut portet nomen meum. T.4.
15.& 16. *Vas electionis: oſtendam illi, quanta oporteat eum pro nomine meo pati. P.18.*
16. *Oſtendam illi, quanta oporteat eum pro nomine meo pati. N.1.O.18.*
Cap.10.10. *Cùm eſuriret. N.4.*
11.12.& 13. *Cælum apertum, & deſcendens vas quoddam, velut linteum magnum, in quo erant omnia quadrupedia, & ſerpentia terræ, & volatilia cæli. Et facta eſt vox: ſurge Petre, occîde, & manduca. ibid.*
11.& 12. *Vas quoddam, velut linteum magnum, in quo erant omnia quadrupedia, & ſerpentia terræ, & volatilia cæli. P.15.*
11.& 12. *Vas quoddam, in quo erant ſerpentia terræ. T.16.*

13. *Sur-*

13. *Surge Petre, occîde, & manduca.* P. 15. T. 16.
Occîde, & manduca. M. 18. Z. 6.
Cap. 13. 22. *Inveni David, virum ſecundùm cor meum.* O. 18.
Virum ſecundùm cor meum. R. 29 V. 6.
Cap. 20. 19. *Serviens Domino cum tentationibus, quæ mihi acciderunt.* N. 17.
Ex Epiſtola ad Romanos.
Cap. 1. 17. IUſtus ex fide vivit. R. 23. T. 21.
Cap. 2. 5. *Theſaurizas tibi iram.* P. 15. Z. 7.
In die iræ. Z. 7.
Cap. 8. 17. *Si enim filij.* M. 12.
Heredes Dei, coheredes Chriſti. *ibid.*
Cap. 10. 17. *Fides ex auditu.* T. 1.
Cap. 12. 19. *Mihi vindicta, ego retribuam.* V. 8. Z. 10.
Cap. 13. 11. *Hora eſt jam te de ſomno ſurgere.* P. 15.
Ex Epiſtola 1. ad Corinthios.
Cap. 1. 23. PRædicamus Chriſtum crucifixum. T. 12.
Cap. 2. 9. *Oculus non vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis aſcendit.* O. 4.
Nec in cor hominis aſcendit. O. 29. S. 9.
Cap. 3. 2. *Lac vobis potum dedi.* M. 11.
Cap. 4 3. *Mihi pro minimo eſt, ut judicer ab humano die.* M. 13.
12. & 13. *Maledicimur, & benedicimus: blaſphemamur, & obſecramus.* P. 18.
16. *Imitatores mei eſtote.* N. 12.
S. 20. Z. 11.
Cap. 6. 15. *Corpora veſtra membra ſunt Chriſti.* Q. 4.
20. *Empti eſtis pretio magno.* O. 13. P. 18. R. 13. Z. 11.
Cap. 7. 30. *Qui flent, tamquam non flentes.* S. 24. V. 14.
Qui emunt, tamquam non poſſidentes. V. 14.
Cap. 9. 19. *Ut plures lucrifacerem.* P. 18. Z. 11.
Cap. 11. 23. *Ego accepi à Domino, quod & tradidi vobis.* T. 20.
26. *Quotieſcumque manducabitis panem hunc, mortem Domini annuntiabitis.* V. 13.
27. *Quicumque manducaverit panem hunc indignè, reus erit corporis Domini.* Q. 2. S. 13. V. 23.
29. *Qui manducat indignè, judicium ſibi manducat.* Q. 3. S. 13 & 15. T. 19.
Qui manducat, & bibit indignè, judicium ſibi manducat, & bibit. V. 23.
Manducat indigne. T. 18.
Iudicium ſibi manducat. T. 15. & 18.
Qui bibit indignè, judicium bibit. T. 19.
Iudicium manducat, & bibit. T. 20.

Non

Non dijudicantes corpus Domini. S. 13.

Cap. 13. 1. *Si linguis Angelorum loquar. Z.* 14. *&* 16.

2. *Si habuero prophetiam, & noverim myſteria omnia, & omnem ſcientiam. Z.* 14.

Si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam. ibid.

Charitatem autem non habuero. ibid.

Nihil ſum. O. 22. *Z.* 14.

3. *Si diſtribuero in cibos pauperum omnes facultates meas. Z.* 16.

Si tradidero corpus meum, ita ut ardeam. ibid.

Charitatem autem non habuero. ibid.

Si charitatem non habuero, nihil mihi prodeſt. O. 22.

Nihil mihi prodeſt. Z. 16.

12. *Nunc in ænigmate. R.* 9.

In ænigmate. S. 21.

Facie ad faciem. R 9.

Cap. 15. 10. *Abundantiùs omnibus laboravi. O.* 18.

52. *In ictu oculi. S.* 9.

Ex Epiſtola 2. ad Corinthios.

Cap. 6. 10. *Nihil habentes, & omnia poſſidentes, T.* 23. *V.* 14.

Cap. 12. 3. *Sive in corpore, ſive extra corpus, neſcio. O.* 29.

Deus ſcit. ibid.

4. *Audivit arcana verba, quæ non licet homini loqui. S.* 9.

7. *Datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ angelus ſatanæ, qui me colaphizet. N.* 17.

Angelus ſatanæ. T. 5.

Ex Epiſtola ad Galatas.

Cap. 2. 20. *Vivo autem. R* 9.

Vivo autem, jam non ego. R. 10.

Iam non ego. R 9.

Vivit in me Chriſtus. R. 9. *O.* 29. *S.* 5.

Cap 4. 19. *Filioli mei, quos iterùm parturio. M.* 11.

Cap. 6. 10. *Dum tempus habemus, operemur bonum. O.* 2. *Q* 5.

14. *Crucifixus mundo. M.* 10. *&* 13 *Q.* 16 *R.* 9.

Ex Epiſtola ad Epheſios.

Cap. 4. 26. *Iraſcimini, & nolite peccare. Z.* 5.

Cap. 5. 16. *Redimentes tempus, quoniam dies mali ſunt. Q.* 5.

Cap. 6. 14. 16. *&* 17. *Lorica juſtitiæ, ſcutum fidei galea ſalutis, gladius ſpiritûs. D.* 8.

Ex Epiſtola ad Philippenſes.

Cap. 2. 6. *Non rapinam arbitratus eſt eſſe ſe æqualem Deo. T* 6 *Z.* 11.

7. *Formam ſervi accipiens. N.* 2.

9. *Nomen ſuper omne nomen. N.* 1.

10. *Ut in nomine Ieſu omne genu flectatur cæleſtium, terreſtrium, & infernorum. R.* 36.

Omne genu flectatur cæleſtium, terreſtrium, & infernorum. N. 1.

Cap. 3. 19. *Quorum deus venter eſt. M.* 21.

Cap. 4. 1. *Fratres mei, corona mea. R.* 35.

13. *Omnia poſſum in eo, qui me conſortat. T.4.*

Ex Epiſtola ad Coloſſenſes.

Cap.1.24. *Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionum Chriſti, in carne mea. Q.4.*

25. *Cujus factus ſum miniſter. T.12.*

Ut impleam verbum Dei. ibid.

Ex Epiſtola 1. ad Timotheum.

Cap.1.13. *Miſericordiã Dei conſecutus ſum, quia ignorans feci. Q.6.*

Cap.2.4. *Omnes homines vult ſalvos fieri. R.3.*

Cap.6.9. *Qui volunt divites fieri. O.14.*

Incidunt in tentationem, & in laqueum diaboli. ibid.

Qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, & in laqueum diaboli, & deſideria multa inutilia, & nociva, quæ mergunt homines in interitum & perditionem. Q.18.

Deſideria inutilia. P.10.

Mergunt in interitum. ibid.

Ex Epiſtola 2. ad Timotheum.

Cap.2.10. *Omnia ſuſtineo. P. 18.*

Omnia ſuſtineo propter electos. Z. 11.

Omnia ſuſtineo propter electos, ut & ipſi ſalutem conſequantur. N.1

Propter electos, ut & ipſi ſalutem conſequantur. P.18.

Ut & ipſi ſalutem conſequantur. Z.11.

Cap.4.3. *Erit tempus, cùm ſanam doctrinam non ſuſtinebunt. T.22*

3. & 4. *Erit tempus, cùm ſanam doctrinam non ſuſtinebunt, ſed ad ſua deſideria coacervabunt ſibi magiſtros prurientes auribus: & à veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. T.12.*

7. *Curſum conſummavi. N.17.*

Curſum conſummavi, fidem ſervavi. M.27.

Fidem ſervavi. N.17.

8 *Repoſita eſt mihi corona juſtitiæ. M.27. O.18.*

Ex Epiſtola ad Hebræos.

Cap.9.4. *Urna aurea habens manna. T.15. & 18.*

Virga Aaron, quæ fronduerat. T.15.

Tabulæ teſtamenti. ibid.

Cap.10.30. *Mihi vindicta, & ego retribuam. Z.10.*

Ex Epiſtola B. Jacobi Apoſtoli.

Cap.1.14. *Unuſquiſque tentatur à concupiſcentia ſua abſtractus, & illectus. N.11 R.19.*

A concupiſcentia ſua abſtractus, & illectus. P.14.

15. *Concupiſcentia parit peccatum. P.3.*

Cap.2.26. *Fides mortua. R.20.*

Ex Epiſtola 1. B. Petri Apoſtoli.

Cap.1.12. *In quem deſideras proſpicere. V.24.*

Cap.3.20. *Octo animæ ſalvæ factæ ſunt. N.8. & 10.*

Cap.

Cap.5.8. *Diabolus tamquàm leo rugiens circuit, quærens quem devoret. P.11.*
Rugiens circuit, quærens quem devoret. P.4.

Ex Epiſtola 1. B. Joannis Apoſt.

Cap.5.16. *SI peccatum eſt ad mortem. P.9.*
Non roget quis. ibid.

Ex Apocalypſi.

Cap.2.2. *SCio opera tua. R.25.*
Scio opera tua, & laborem, & patientiam tuam. O.22.
Scio, quia non potes ſuſtinere malos. ibid.
3. *Suſtinuiſti propter nomen meum. ibid.*
Et non deſeciſti. ibid.
4. *Sed habeo adverſùm te, quòd charitatem tuam primam reliquiſti. O.22. R.25.*
5. *Memor eſto unde excideris. O.22.*
Prima opera fac. ibid.
Sin autem, movebo candelabrum tuum de loco ſuo. ibid.
19. *Novi opera tua. O.17.*
Fidem, & charitatem tuam, & patientiam tuam. ibid.
Et opera tua noviſſima plura prioribus. ibid.
20. *Sed habeo adverſùs te pauca: quia permittis mulierem Iezabel ſeducere ſervos meos. ibid.*
21. *Dedi illi tempus, ut pœnitentiam ageret. ibid.*
Et non vult pœnitere. ibid.
Cap.3.1. *Scio opera tua. O.2.*
3. *Veniam ad te tamquàm fur. ibid.*
8. *Scio opera tua: ſervaſti verbum meum, & non negaſti nomen meum. O.24.*
11. *Tene quod habes. O.24. P.6.*
19. *Ego quos amo, caſtigo. Q.7.*
Cap.6.8. *Ecce equus pallidus: & qui ſedebat ſuper eum, nomen illi Mors. R.21.*
Cap.7.2. & 3. *Vidi alterum Angelum habentem ſignum Dei vivi: & clamavit quatuor Angelis, dicens: Nolite nocere terræ, quoadùſque ſignemus ſervos Dei noſtri in frontibus eorum. R.10.*
3. *Signemus ſervos Dei noſtri in frontibus eorum. R.34.*
Cap.12.1. *Signum magnum apparuit in cælo. R.35.*
Signum magnum: mulier &c. ibid.
In capite ejus corona ſtellarum. ibid.
Corona ſtellarum duodecim. ibid.
4. *Draco ſtetit ante mulierem, ut cùm peperiſſet, filium ejus devoraret. ibid.*

INDICE
DOS PENSAMENTOS.

A primeyra nota aponta a letra do Alfabeto: a ſegunda o numero.

Abatimento. ANO ſeu meſmo tempo póde o que hę grande decer muyto da ſua grandeza, ſe nelle obrou com fingimento. T.6.

Abnegaçaõ. Qual he o final da predeſtinaçaõ: ſe a de negarſe hum o que he: ſe a de negarſe do que tem. R.9. & 10

Abraço. O que he deſcanço na meſma hora do tormento; dobra o tormento na meſma hora do deſcanço. S.25.

Abundancia. Tambem a demaſiada póde matar: & tal vez privar do melhor viver. S.3.

Accuſador. O do innocente, tem na ſua meſma acculaçaõ a ſua merecida pena. P.2.

Acredores. Naõ o haõ de ſer das merces, como de dividas, ſenaõ como de liberalidades. M.26.

Adopçaõ. A das mãys adoptivas ha de parecerſe com a das naturaes. M.11. & deinceps.

Adorações. As da idolatria ſaõ armas contra os meſmos Idolatras. T.17. & 18.

Advertencias. Quantas devem de ter os que ſaõ Meſtres do eſpirito. M.2.

Afrontas. Tambem o podem ſer as merces. M.25. & ulteriùs. E tambem podem ſer prezadas por virtude do afrontado. N.12. A ſi meſmo as faz, quem as quer fazer aos outros. N.14.

Agua. Com a meſma facilidade de ella ſe beber, he parecida a do mal para ſe ſuſpeytar. N.16.

Ali-

Alivio. Nem ſempre o dá a companhia de muytos ao que padece por eſtar ſó. S.4. & 5. O que daõ as lagrimas, tem o amargor de pirolas, & o goſto do remedio. S.24. Os trabalhos da maõ de Deos, ſaõ alivios da meſma maõ. T.4.

Alma. Quaes ſaõ os ſeus perigos. M.5. Tanto importa o temor da ſua morte futura, como o da paſſada. M. 5. & deinceps. Como he difficultoſa a cura das ſuas enfermidades: & como eſtas ſe devem curar. M. 17. & 18. Tambem tem correyos da ſua morte: aſſim como da ſua os tem o corpo. M. 22. & 23. He navegante deſta vida, & qual he o mar, que navega. N.10. Tambem intereſſa, quando perde. N.22. As boas obras, que ella tem de preſente na hora da conta, ſaõ as que a ſalvaõ: & naõ as que teve de preterito, ſe naquella hora as naõ tem. O. 24. Qual he a ſua poſſe. P.17. Quanto pèza a alma em peccado. Q. 16. He a Fé a alma do Reyno Chriſtaõ. R.18. & deinceps. E ſem ella, he cadaver o Reyno. R.20. & ulteriùs. E do Reyno Politico, he o commercio a alma. R.18. & deinceps. E ſem elle, he cadaver. R.20. & ulteriùs. Tanto mal faz a falta de hũa preſença, como a de hũa alma. S.5. A meſma pena, tanto ſe póde padecer nos olhos, como na alma. S.6. Repreſentaſe de muytos modos na palavra de Deos. V.5. & 6.

Amantes. O ſignificado do ſeu nome he a obrigaçaõ do ſeu cuſto. N. 2. Como ſe correſpondem o Sacramento, & os ſeus amantes. T.18.

Amigos. Em ſendo eſquecidos, logo ſaõ ingratos. N.21.

Amor, & mais o odio, ſaõ dous extremos lembrados no Sacramento. Q.4. Emparelha hum com o outro. R. 2. He prova do mayor amor, a reprehenſaõ, que ſe dá logo. R. 3. Amar, & pedir, naõ he abater, ainda ſendo Rey o que pede. R.37. He o amor o verdadeyro pratico do verdadeyro ſilencio. S. 17. Faz que o ſolitario ſinta a dor da ſua ſoledade, & ache deſafogo no ſeu meſmo ſentimento. S 24. A falta do que ſe deve á verdade, he a cauſa della ſe naõ abraçar. V. 5. & ulteriùs. He mais apurado o que faz deſejar os deſejos. V.13. O do ſeguir naõ diſcorda do deſamor do ter. V.14. Que guerra he a que faz o vaidoſo. V.22.

Anjos. Naõ ſó elles, mas juntos com elles os homens, fazem ſer mayor o Reynado da Mãy de Deos. R.28. E tambem o

meſmo Reynado de Deos. R.29. Deyxaõ de ſer Anjos, os que ſe abatem a ſer traydores. T.5. O ſeu valimento, he a ſua obediencia. V.3.

Annos. Mais importa o numero dos que eſtaõ por vir, do que o do que já vieraõ. N.22. & ulteriùs. Ainda depois de paſſados muytos em peccado, ha de ter confiança de ſair delles todo o peccador. P.14. Os annos de Deos podem ſer os meſmos, & parecer diverſos. Q.11.

Appetites. Os que ſe rendem aos do corpo, naõ ſe deſculpaõ bem com a ſua fraqueza. O.15 Nem com a falta do neceſſario. ibid. Nem com a força, que lhes faz a occaſiaõ. ibid.

Ar. Tanto corrompe o do mundo aos mortos nelle, como aos que para elle ſaõ mortos. M.13. & ulteriùs.

Arca. He o corpo para a alma: aſſim como era a de Noè para os corpos. N.10.

Argumentos. Os da liberal maõ de Deos para os benemeritos do Sacramento: & os do caſtigo da meſma maõ, para os ſeus ingratos. S.16.

Armas. Haõ de prevenirſe as das virtudes contra as dos peccados. M.7. & 8. As do inferno naõ haõ de prevalecer contra o Reynado da Mãy de Deos. R.35. Os devotos do ſeu Roſario ſaõ ſoccorridos com armas de dous Reynos. R.38. & 39. Tambem pode n deſacreditar ao meſmo, que chegaõ a honrar. T.5. As da Fé tanto triunfaõ ſendo offenſivas, como defenſivas. T. 15. & ulteriùs.

Attenções. As do que poderà ſucceder, ſaõ os deſvios para que iſſo naõ ſucceda. M.22.

Azas. Quanto differem os que voaõ com as proprias dos que voaõ com as alheas. V.1. & 2. Tambem ſe vio com ellas a eſpada. V.3.

B

Bayxos. PAra naõ ſe naufragar nelles, mais ſe haõ de ſuppor viſtos, que encubertos. N.8.

Balança. Qual he a que péza o tudo, & mais o nada. N.19. & deinceps. E qual a em que ſe péza o tanto que Deos dà, pelo tanto que lhe damos para ſalvaçaõ da alma. O.13. Como ſe péza nella a perda da alma pelos intereſſes do mundo. Q.16.

Bem. Póde o ſer da ſaude, ſendo enfermidade. M.17. Póde acabar mal, quem começa bem; & quem começa mal, póde acabar bem. O.1. O que parece bem obrado, póde ſer má obra. O.22. O que ſó ſe ſabe que he bem, mas naõ, que

què bem he; he effeyto da oraçaõ, & fruto de quem enſina a orar. O.29. O jà poſſuido, ainda ha de ſer deſejado. P.6. Naõ he bem, que para ſer hum bom, haja quem para elle queyra ſer mao. Q. 27. & ulteriùs. Para ſe ouvir, & crer o bem, a voz ha de ſer de pregàõ. R.26.

Benemeritos. Os mais illuſtres naõ vendem merecimentos, nem compraõ merces. M.26.

Bens. Naõ os haõ de tornar a ter, os que os deyxàraõ, depois de os haverem tido. O. 24. Quaes ſaõ os herdados, & os acquiridos do corpo. P. 17. Quaes ſaõ os que devem deyxar os homens, para ſeguirem a Deos. V.12.

Blaſfemia. He certa no que ſe quer falar ſem merecer. V. 19. E ſe entaõ naõ he a que ſe diz, he a que ſe faz. ibid.

Boca. A do que cura enfermidades da alma, mais as ha de callar, que deſcobrir. M. 19. & ulteriùs. Aſſim como he productiva de vocabulos; tambem nelles he de muyto màs ſementes. P. 19. & ulteriùs. Quando he boca inteyra, & quando he meya boca. R. 26. Hum ſó bocado póde matar? & muytos naõ ajudar a viver. S.3. Sem que a boca diga os ſegredos do coraçaõ, podem elles ſer deſcubertos. S.9. & 10. E ſahio do coraçaõ pela boca, o que pelos olhos ſey ao coraçaõ. S. 18. Quem falla por duas bocas, cuyda que tambem lhe fallaõ a elle com outras tantas. Z.9.

C

Cadaver. HEo Reyno ſem Fé, & ſem commercio. R.21. & deinceps.

Cara. Depois de viſta a do peccado mortal, naõ ſe ha de tornar a ver. M.7.

Caſtigo. He merecido do Delator, ſendo a ſua delaçaõ malicia. P.1. & ulteriùs. Quando parece, que caſtiga Deos a quem naõ tem culpa. Q.7. & ulteriùs. A ſoberba occulta naõ póde fugir ao caſtigo, ou occulto, ou publico. S. 12. Bem o póde ſer, o que o naõ he. V.17.

Cauſa. A da condenaçaõ, & ſalvaçaõ dos Reys. R.15.

Cautela. A que parece ſegredo do mal, póde ſer o ſeu indice. M.18.

Cegos. Os da payxaõ, ainda que vejaõ fazer milagres, naõ tem olhos para os ver, ter do lingua para os murmurar. O.8. Os do peccado preſente podem trazer a ſua cauſa de preterito. P.3. Os da ſua inclinaçaõ louvaõ tanto aquelles, por quem cegaõ; que chegaõ atè o impoſſivel, ou mila-

groſo do louvor. P. 16. O cego do odio mais ſofre a viſta da razaõ, do que a razaõ da cegueyra. R. 2. O ſilenciario ha de ſer cego. S. 18.

Cegueyra. Tambem a faz a luz, ainda que faça ver. N. 11. Faz naõ crer a verdade, por ſer luz. Q. 22.

Ceo. Para ſe entrar pelas ſuas portas, he neceſſario ſaber, como ſe abrem, & como ſe fechaõ. N. 6.

Charidade. Quanto tiver de zeloſa, tanto terà de direyto ao bem zelado, ainda ſendo alheyo. Z. 11.

Circulo. Qual, & como he o que faz o peccador, & como nelle ſe move. P. 11. & ulteriùs.

Comida. Qual he a do zelo. Z. 1. & deinceps. E como elle hade comer aos peccadores, & naõ aos peccadores. Z. 7.

Commercio. He a alma do Reyno Politico. R. 20. & deinceps. E ſem elle, he o Reyno cadaver. R. 21. & ulteriùs.

Compra. Muytas vezes naõ aproveyta a quem a fez; nem a quem, para ella ſe fazer, fez venda. M. 24. Naõ ſe ha de fazer da merce, fazendoſe do merecimento moeda. M. 26. Celebra Deos com o homem a compra, que faz da ſua alma. O. 13.

Conceyçaõ. O entendimento, que a fez da culpa ſuſpeytada nos outros, nelle a deyxa cõcebida. N. 14.

Conceytos. Os do ſuſpeytoſo das culpas dos outros, ſaõ para elle meſmo tormentos parecidos com os do inferno. N. 15.

Concurſo. Naõ baſta o de Deos, & he neceſſario tambem o noſſo, para o ſeguro do noſſo bom fim. O. 4.

Conferencia do valor das noſſas obras com o do premio por ellas merecido. O. 22.

Confiança. Sempre a ha de ter o peccador de ſe ver livre das prizões dos ſeus peccados. P. 12. & deinceps.

Confiſſaõ. A de muytos peccadores, he hum ſó pejo: & ſaõ muytos pejos, o ſegredo de hum ſó, que ſe naõ confeſſa. P. 15.

Conhecimento. O da nobreza propria he o mayor perigo do ſojeyto ennobrecido. N. 11. O da honra, naõ ſe paga com o do amor: pagaſe com outro de honra. R. 4.

Conſciencia. Tambem no ſeu Tribunal ſaõ ouvidos, & naõ ouvidos os rumores. R. 26. & 27.

Conſelho. Tambem he Rey. R. 23. & 24. E tambem remedio do remedio. R. 26.

Conſervaçaõ. He neceſſaria, para ſe ter o que jà ſe tem. P. 6.

Conſideraçoes. Fazem ſer nada o tudo do mundo: & o nada do mundo ſer tudo. N. 19.

Conta. He para ſer muyto temida a das noſſas obras para a cõmutaçaõ pelo ſeu premio. O.21. & ulteriùs. E naõ menos a de erros na medida, & pezo do que perde a alma pelos intereſſes do mundo. Q.16 uſque ad 21.

Contenda. A do Sacramento com os ſeus amantes, he como a dos ſeus caſtigos com os aggravos dos ſacrilegos. T.17.& 18.

Contingencia. A da morte da alma eſtà no deſprezo do ſeu perigo. M.22.

Coraçaõ. He centro dos peccados: & quaes ſaõ as linhas da ſua circumferencia. P. 11. & deinceps. Aſſim como ſe póde morrer de dor de coraçaõ; tambem de dor de alma ſe póde morrer. S.5. Os ſeus ſegredos mais depreſſa ſe podem ſaber fechados nelle, que deſcubertos pela boca. S. 9 O que dos olhos foy ao coraçaõ, ſahio do coraçaõ pela boca. S.18.

Coroa. He o Roſario da Mãy de Deos. R.35. He coroa do julgador, a ſentença dada com juſtiça. S 2.

Corpo. Naõ he menos neceſſaria a lembrança do ſeu ſer, do que a conſideraçaõ do ſer da alma. M. 5. & deinceps. Os ſeus mudos naõ ſe doem, porque ſe callaõ: mas porque naõ fallaõ, quando ſe oúvem, he a ſua dor. M. 17. He embarcaçaõ da alma. N.10. Os que lucraõ, & negoceaõ para elle, perdem no que negoceaõ, & lucraõ. N. 22. Qual he o deſpojo do corpo, & a ſua poſſe. P. 17. Naõ he verdadeyro paciente, o que naõ vè ao ſeu corpo deſpojado dos ſeus bẽs. P.18.

Coſtume. He o profundo das culpas, & o centro dos peccadores. P.10. & deinceps.

Credito. Póde darſe no vingador, & naõ no vingado. V.8.

Cruz. A preſença de Chriſto nella, ſem ſe amar, nem temer, naõ baſta para ſalvar. V.19.

Culpa. Tanto mal he para quem a vè, como para quem a faz. M.1. As ondas do mar das culpas por ſi meſmas amanſaõ; aſſim como por ſi meſmas ſe levantaõ. O.25. O profundo das culpas, & mais o ſeu centro, he o coſtume do culpado. P.10. & ulteriùs. Quãto ſe devem temer as culpas, que Deos ſabe de nós, & nós ignoramos. Q.6.

Cura. Póde ſer enfermidade, parecendo medicina. M.18.

Cuſtos. Ainda ſó repreſentados, ſaõ de Deos apremiados. O.7. Quaes ſaõ os do zelo. Z.1.

Deſeytos. DEſfazer nos alheyos, tambem he deſfazer os proprios: & ſaõ muyto poucos os que iſto fazem. N. 12. & 13.

Degredos. Tambem os ha do Reyno da May de Deos. R. 33

Deyxa. Sempre ha de ſer do que faz mal, tanto no tempo do ter, como no de naõ deyxar. O. 24. A dos bens, que hum tem, por ſeguir a Deos, ha de ſer dos herdados, & dos acquiridos. V. 12. E qual ha de ſer a dos bens deſejados, para Deos ter ſeguido. V. 13.

Demonio. Qual he o mais difficultoſo de ſe lançar fóra. M. 18. Quaes ſaõ os ſeus mantimentos. M. 21. & deinceps. Tambem foy examinador da paciencia. P. 18. Como falla myſterioſo, quando he enganador. Q. 22. 23. & 24. Só quem naõ crer, que ha Demonio, deyxará de crer na Fé do Sacramento. S. 16.

Deos. Os mais chegados à ſua maõ, tanto haõ de temer os ſeus caſtigos, como eſperar os ſeus favores. M. 10. Os ſeus filhos adoptivos mais eſpeciaes, ſaõ os miſericordioſos. M. 12. Tanto bate à porta do corpo, como à porta da alma. M. 22. As merces da ſua maõ ſaõ muyto diverſas das que faz a maõ dos homẽs. M. 27. Alguma vez nos parece, que Deos não tem agora o tempo, que ha de ter depois. O. 2. A ſua ſemelhança he o noſſo mayor premio. O. 6. Quantos, & quaes ſaõ os riſcos do culto, que ſe lhe faz pelo premio, que por elle dà. O. 19. Quando ſe pede a Deos, tambem o obrar das mãos ha de ſer pedir. O. 25. O bem da ſua poſſe ha de ſer deſejado, ainda depois de poſſuido. P. 6. A meſma hora de o termos, he a de o deſejarmos ter. ibid. Pelo noſſo ſegredo podemos deſcobrir o de Deos. P. 9. & ulteriùs. Ha tempo, que Deos toma para ſi: & tempo, que nós tomamos para nós. Q. 5. Quanto ſe devem temer as culpas, que Deos ſabe de nós, & nós ignoramos Q. 6. Como parece que Deos caſtiga, quando perdoa: & que perdoa, quando caſtiga. Q. 7. & deinceps. Os mais favorecidos da ſua mão, devem temer ſer delle caſtigados. Q. 9. Quaes ſaõ os deſcuydos, que podem parecer de Deos a reſpeyto dos homens. Q. 13. & deinceps. A conta do que ſe deve a Deos, ha de ſer do todo, & não ſó da ſua ametade. Q. 21. Não duvida, quando pergunta. Q. 25. Os trabalhos, que Deos dà, ſe ſaõ jugo, tambem ſaõ

ſão ſuavidade. T.4. He parecido com o Tribunal de Deos, o da Fè T.11. & deinceps. Os ſeus validos ſão os que mais obedecem. V.3. Os ſeus chamados devem deyxar pelo ſeguir, os bens herdados dos ſegundos Pays, & os dos primeiros. V. 12. Hão de deyxar tanto, quanto não deyxão os que não ſão chamados. ibidem.

Deſcanço. Na pena da ſoledade, o meſmo deſcanço he a mayor pena. S. 22. & deinceps. Menos proveytoſos ſão os deſcanços, que nós tomamos: & muyto mais o ſão os trabalhos, que Deos nos dà. T. 2. Tam perigoſo he o deſcanço, que he deſcuydo; como o que he confiança. ibid.

Deſcuydos. Como os conſiderão em Deos, os homens. Q. 13. & ulteriùs. Pelos dos homens deyxa de ſer mais illuſtre o Reynado da May de Deos. R. 30.

Deſculpas. Nenhũa póde haver, que faça ſer a obra boa, ſe ella conhecidamente he mà. O. 15. Não he ſó hum o fundamento, para ſe deſconfiar de todas. Q. 6.

Deſprezo. Quanto pèza o dos peccados: & quanto importa tomarlhe bem o pezo. P. 1. & ulteriùs.

Deſejos. Quam nocivas ſão as ſuas medidas. Q. 18. Qual he a medida dos deſejos, he a fome dos alimẽtados do Sacramento. S. 14. Quanto podem os que ſão grandes. V. 13.

Dias. Quando falla hum com outro: & tambem huma noyte com outra noyte. P. 10. Os dias de Deos podem ſer os meſmos, & parecer diverſos. Q. 11. & 12. O pouco pão dà muytas vezes mais dias de vida, do que os dà o muyto. S. 3.

Differença, entre mortos & enterrados no mundo, & mortos & enterrados para o mundo. M. 13. Entre mudos do corpo, & mudos do eſpirito. M. 17. Entre os dous fins, mao. & bom. O. 2. Entre o fazerſe o meſmo, que jà ſe fez, & o fazerſe, como ſe fazia. O. 22. Entre o deyxarſe a ſi, & deyxar o ſeu. O. 24. Como differem, o não ver, & não querer ver. Q. 10. Como differem, o que dà vendendo, & o que ſem vender dà. R. 13. Entre os mortos na Fé, & os mortos no corpo. R. 21. Como ſão differentes a murmuração deſcuberta, & a occulta. R. 26. E tambem o bom rumor, & o mao. ibid. São differentes ſolidão, & ſolitario. S. 4. Como ſão diverſos, o eſtar comigo, & o eſtar junto de mim. S. 6. Que differen-

ça ha entre a eſperança, & não eſperança do ter. V.15 E entre o pó, & o nada. Z.13.

Difficuldade. Quanta he a da continuação das boas obras, para ſe não deſmerecerem os ſeus premios. O.22.

Dinheyro. O das compras,& vendas, muytas vezes não he de proveyto ao comprador, nem ao vendedor. M. 24.

Diſcurſo. Qual he o do ſuſpeytoſo, quando ſe deſengana das ſuas ſuſpeytas. N. 18 Como diſcorre o ſolitario a pena da ſolidão, & o tormento do eſtar ſó. S.23.

Diſtancia. Quanta vay do peccador ſahir do mar das culpas, ao que nelle eſtá ſubmergido. P.9.

Dividas. Quem as paga, não faz merces. M.25. & ulteriùs.

Divorcio. Qual ſeria o da Eſpoſa, que foſſe infiel ao Eſpoſo. R.11.

Dotes. Tambem fazem ſeu mar tormentoſo, & poſto que nelle poſſa haver naufragados; nem ſempre eſtes faõ nelle perdidos. N.10. Póde a dor de dentro ſer mayor que a de fóra. S. 4. Dor ſem ſemelhante. S.5. Sobre o abraço da dor deſcança a pena do tormento. S.23.

Doutrina. Quem a enſina, com tantos olhos deve de andar ſobre a boa, como ſobre a mà. M.2. As boas obras tanto hão de ter de doutrina, como de myſterio. Q.6. Bom he o cuydado ſobre o fruto da doutrina: mas he mais importante o da doutrina do fruto. T.12.

E

Eclipſes. TAmbem os padecem as boas obras. O.20. E quanto mais eclipſadas das ſombras, mais ſujeytas ao rigor da conta. ib.

Eloquencia. Póde ſer mudez: aſſim como a mudez póde ſer eloquencia. M.18.

Emenda. A dos peccados ha de ſer largo, & ha de ſer toda. O. 16. & 17. E nunca hão de deſeſperar da emenda os da frequencia das culpas. P. 12. & ulteriùs.

Empreſtimo. Tambem o faz a hypocriſia. V.1. & 12.

Enfermidade. Póde ſer ſaude: aſſim como a ſaude enfermidade. M.17. & 18. Ha de curarſe, como mal do enfermo, & não deſcobrirſe o enfermo do mal. M 19. & ulteriùs.

Engano. He muyto commum o que faz parecer, que ſe livra da nodoa propria, quando ſe intenta fazer a alhea. N. 13. Pouco diſta de myſterio na boca do enganador. Q.24.

Entendimento. Póde ſer neſta vida

vida hum inferno, & ainda com mayor deſordem de tormentos, do que a dos tormentos da outra. N. 14. & ulteriùs. Como he rigoroſa a conta do talento, quando he entendimento. Q. 20. & 21.

Enterro. Tambem o tem os vivos do mundo, como o tem os que ſaõ para o mundo mortos. M. 13. & deinceps.

Erros. Quaes ſaõ os da conta, que dão perda à alma. Q. 19. & 20. Tambem quando parece, que o não ſaõ, não deyxão de o ſer. Q. 21.

Eſcola. Na de Chriſto não ſe enſina a deſejar, para ter, ſenão para deyxar. V. 13.

Eſcritura. Se he ſagrada, ainda que ſeja muyto breve, vence muyto grandes tentaçoens. T. 8. & 9.

Eſpada. Já ſe vio com azas: mas não para voar ſem re. V. 3.

Eſpelho. No da conſciencia póde hum ver, quanto diſta elle em peccado de ſi meſmo em graça. P. 10. Eſpelho he o corpo de Chriſto retratado. V. 24

Eſperança. Para ſe ſ goir a Deos, não ſó ſe ha de deyxar a de ter, mas tambem o não ter eſperança. V. 15.

Eſpirito. Ha de lembrarſe à alma, como o he aſſim como ſe lembra ao corpo, como he ſó. M. 6. Quaes ſaõ os mudos do eſpirito, & os do corpo. M. 17 Dos que ſaõ de mayores eſpiritos ſe eſperão mais illuſtres obras. O. 20. Havendo eſpirito ſanto, ha muytos ſemelhantes entre ſi, & não faltão ſemelhantes a Deos. S. 21. Com o eſpirito de S. Paulo coopera, quem tem o meſmo eſpirito. T. 14. O vingativo não he para todo o tempo. V. 4. Não he do generoſo o ſer vingativo. V. 8.

Eſpoſa. Sendo divorciada do Eſpoſo; qual ſeria o ſeu divorcio. R. 11.

Eſquecimentos. Os que nos parece ter Deos de nós, ſuppoem os que em nós ha de Deos. Q. 14. & 15.

Exemplo. O que he mao, de tanto dano he para quem o dà, como para quem o toma. M. 1. O da obediencia, não ſó he ſanto: he milagroſo. O. 11. E ainda muyto mais, quando ſobre ſer exemplo, tem de mais ſer fé. O. 12. O de huma queda ha de ſervir, para ſe não darem outras. Q. 2.

Extremos. Quaes ſaõ os do mayor amor. M. 14. Os dous, Deos, & o homem, ſaõ os que a oração faz mais unidos. O. 29. E tanto da parte de hum delles, como da do outro, ha quem tem o que tem. P. 6. Quaes ſaõ os extremos do memorial do Sacramento. Q. 4. Como concordão o do ter,

& o de deyxar. V. 14. Etambem o do não ter, & ainda deyxar: ou o do deyxar ſem ter. V. 15. Quaes ſaõ os do zelo. Z. 1. & ulteriùs.

Fama. O Mal, que faz á ſua, & á dos outros, o detrahente da alhea. P. 21. & 22.

Fé. A dos exemplos da obediencia, aſſim como faz crer os preceytos, faz obrar milagres. O. 11. & 12. He a Fé a alma do Reyno Chriſtão. R. 18. & ulteriùs. Só quem não crer, que ha Demonio, deyxará de crer na Fé do Sacramento. S. 16. As armas da Fé tanto vencem, ſendo offenſivas, como defenſivas. T. 15. & ulteriùs. Qual he a contenda da Fé do Sacramento com os da averſaõ da meſma Fé. T. 19. & 20.

Figuras. He muyto propria á que ſe vé nas nuvens, do que devem ſer os grandes do mundo. N. 21. & deinceps. E a da predeſtinação, que ſe vé no Religioſo, diz que elle não ha de ſer ſó eſta figura, ſem obrar para ter o figurado. R. 9.

Filhos. Os de Adão hão de ter mais vida, que prazeres. M. 3. Como ſe concebem, & gerão os adoptivos. M. 11. Qual he o peyor filho da melhor Máy. O. 26.

Fim. Logo ſe vê nas màs obras do principio. O. 1. & ulteriùs. Tanto ſe lembra Deos das noſſas do principio, como das do fim. O. 3. O Reynado da Máy de Deos tambem ha de ſer ſem fim. R. 35. Devem temerſe muyto os finaes viſtos, & os fins não eſperados. S. 8.

Fineza. Qual foy a mayor de Deos nas duas ſemelhanças, que nos deo. O. 6. & 7. Nem a do deyxar, ſem a do ſeguir: nem a do ſeguir, ſem a do deyxar, baſta para o ſeu merecer. O. 23. & 24. Quantos ſaõ os ingratos das finezas do Sacramento. S. 13. & deinceps.

Fogo. He a ſuſpeyta da culpa alhea: & aſſim como tem a ſua actividade para queymar, tambem tem a de tinar. N. 16. As obras incapazes de ſofrer pena de fogo, ſuppoem capazes della aos ſeus obradores. P. 22.

Fome. Não ſó ella mata: mas tambem póde matar a fartura. S. 3. Os famintos do Sacramento não matão eſta fome, & vivem della. S. 14.

Fortuna. Q em inveja a de muitos, tanto morde a de todos, como a de cada hum. Q. 27. O invejoſo não quer ver ſemelhantes ſeus, nem no eſplendor da luz, nem no luzimento da fortuna. S. 19. & 20.

Fruto. Quam peſſimo he o da ſemeadura da mà palavra do homem, comparado com o bom da palavra de Deos. P. 20 & ulterius.

Furtos. Tambem os faz a inveja. Z. 11.

Futuro. Tanto he para ſer temido o da alma, como o do corpo. M. 6. Ha de preverſe, para ſe evitar. M. 22.

G

Geraçaõ. Adoptiva ha de parecerſe com a natural. M. 11. A mà ſemente da palavra do homem tambem tem conceição, & geração muito mà. P. 19. & 20.

Gloria. Quaes ſaõ os eſcolhidos para ella, ainda antes de a gozarem. R. 9. & 10. Mas não com certeza individual: ſó com a commua. R. 12. E o não ſer certa por infallibilidade, he confirmalla por certeza poſſivel. R. 13. Com a gloria do Reyno de Deos, he parecida a do Reyno de ſua ſantiſſima Mãy. R. 33. E tam ſingular he eſta gloria da Mãy de Deos, como he ſingular a devoção do ſeu Rotario. R. 35.

Goſto. Menos o conſente o mundo, que a vida. M. 4.

Graça. A dos homens ha de ſer mais eſtimada, que a dos Anjos. R. 28. Conſerva a Mãy de Deos a graça dos homens nos devotos do ſeu Rotario. R. 39.

Guerra. Tambem a faz a ſi meſmo, aquelle, que a faz aos outros. P. 20. & 21. Qual he, a que faz a vaidade. V. 22.

Gula. São os ſeus pratos, os melhores manjares do demonio. M. 21.

H

Herança. Qual he a dos filhos de Adam. M 3. & 4. Aos que herdárão mais eſplendor de nobreza, ſe ha de pedir mais eſtreyta conta do ſeu luzimento. O. 20. Quando ſão amargoras as heranças. Q. 8. Dà bens aos homens, que ſe devem deixar, por ſe ſeguir a Deos. V. 12.

Homem. Aſſim como ſe lhe lembra, que he pó, tambem ſe lhe deve lembrar, que he alma. M. 6. Quem o procura, para lhe fazer dar a merce, buſca-o para vender o merecimento. M. 26. No mar das culpas he hum homem a onda do outro: & ambos naufragão no meſmo bayxo. N. 9. Como ſe parece com Deos. O. 6. O que lhe diz Deos, quando lhe compra a alma. O. 13. E o que dizem os homens, quando aſſim celebrão eſta compra com Deos. O. 18. & 19. A ſua pas

palavra tambem he ſemente, aſſim como he a de Deos: mas não tam boa. P. 19. & deinceps. Quando podem parecer os olhos de Deos, olhos dos homens. Q. 10. & ulteriùs. E quando para o homens ſe podem reputar deſcuydos em Deos. Q. 13. & deinceps. Fazem ſer mayor o Reyno da Mãy de Deos, do que ſe foſſe ſó de Anjos. R. 28. E tambem o Reynado de Deos. R. 29. O ſeu exterior deſcobre o que paſſa no ſeu interior. S. 9. & 10. Dormem ſobre o ſoffrego, & acordão para o traballho. T. 2.

Honra. He inſeparavel do pezo. N. 1. O que dizem os ſeus amadores, quando conſiderão as ſuas obras, como commutação das ſuas almas pelo bem da ſua gloria. O. 18. A ſua melhor medida, he a razão. R. 4. Tambem a mede a boca toda, ou a meya boca. R. 26.

Hora. A do deſvelo, tambem póde ſer de deſcanço. M. 14. & ulteriùs. Não ſe louve a hora das boas obras: louvemſe as boas obras da hora. O. 24. Ha horas, que Deos toma para ſi: & horas, que para ſi tomão os homens. Q. 5.

Humildade. Quando ſe desfaz na alhea, não ſe faz a propria. N. 12.

Idade. NA primeyra de Chriſto, foy de gozo o Reynado da Mãy de Deos: nos annos da ſegunda, de dor: & nos dias depois da ſua Reſurreyção, de gloria. R. 32. & 33.

Idolatras. Saõ duas as ſuas claſſes, que faz o juizo dos homens. Q. 29.

Ignorancias. Ha huma do que ſe faz, & outra do que ſe fez: & quanto importa ſaberſe quaes ſaõ. Q. 6.

Igualdade. Huma he, a que querem os murmuradores: & outra he, a que não querem. Q. 27.

Igrejas. Quaes ſaõ as principaes da meza do Demonio. M. 21.

Imaginação. A de menos amado, faz morrer de dor de coraçaõ. S. 5. Nos vingativos, ſó ella baſta para a vingança. V. 17.

Inclinação. A de cada hum he o myſterio da ſua tentação. Q. 26.

Inferno. Tambem o entendimento o póde ſer. N. 14. & ulteriùs. Qual he o inferno, do qual ainda ſe póde ſair. P. 9. As armas do inferno não hão de prevalecer contra o Reynado da Mãy de Deos: aſſim como contra o Reyno de Deos ellas não prevalecem. R. 35.

R.35. Confirmão os Prègadores do inferno o que prègaõ os da Igreja. T.22. Tambem o Tribunal da conſciencia propria póde ſer hum inferno, aſſim como póde ſer hum paraiſo. T.24.

Ingratos. Retratados nas nuvens contra a terra. N.21. Os das finezas do Sacramento moſtrados nas ſuas figuras. S. 13. & ulteriùs.

Inimigo. Quando o he a vaidade, ninguem livra das ſuas lançadas. V.21.

Innocencia. Quando he accuſada, a pena do accuſador he a ſua meſma accuſaçaõ. P.1. & 2.

Inveja. A zeladora, he a mais perniciosa. Z. 10. & ulteriùs.

Ira. Tambem ha boa,& mà ira: aſſim como ha bom, & mao zelo. Z.5. & deinceps.

Irmãos. Os da Miſericordia ſaõ os verdadeyros filhos adoptivos da Mãy de Deos. M. 12. Mataõſe huns aos outros, quãdo huns aos outros ſe não guardaõ. M.16. O inimigo do melhor Irmaõ, he filho da melhor Mãy. O.26. & 27. Nos verdadeyros implica haver ſangue, & mais vingança. V.9. A ſua ira não he bem caſtigada, ſendo ſó reprehendida. Z.5.

Juizo. Quando he o dos mortos, & enterrados para o mundo: & como ſe ha de temer hum, & mais outro. M.13. No ultimo do mundo ſe ſaberà, como na terra ſe abrem, & fechaõ as portas do Ceo. N. 7. Como ajuizaõ os homens as obras de Deos. Q.7. Quantos ſaõ os modos dos juizos dos homens. Q.27. & deinceps. Que juizos ha de cõdenar cada hum em ſi meſmo, para o naõ condenarem os outros. Q. 28.

Julgador. Mais neceſſita de ſaber bem julgar, do que o Reo de ſaber ſer bem julgado. N. 6. & 7. Tambem ſe julgaõ rumores:& he bem que ſe entenda, qual he o ſeu juizo. R. 26. & 27.

Juſtiça. Faz coroar aos julgadores com as ſuas meſmas ſentenças, ſendo ellas ajuſtadas. S.2.

L

Lagrimas. NAõ ſaõ remedio do remedio. R. 25. O amor as faz verter, & deſcançar ſobre ellas vertidas. S.24.

Lanças. Quaes ſaõ as da vaidade. V.21.

Ley. Ainda com a ſua luz ſe cegaõ os apayxonados do odio. O.9. O milagroſo, que naõ guarda os ſens preceytos, naõ póde fazer milagres na meſma hora,em que os naõ guarda. O. 10. Só quem conhece

aos tranſgreſſores das leys, livra do mal, que elles fazem, com a ſua obſervancia. Z. 9.

Lembrança. Tambem a alma a deve ter do que ella he: aſſim como do que elle he, a tem o corpo. M. 5. & ulteriùs.

Liberalidade. A do mundo dà mais annos, que goſtos. M. 4. A merce ha de ſer liberalidade, & naõ obrigaçaõ. M. 25. & ulteriùs. A mais ſoberana liberalidade da maõ de Deos, foy a da ſua ſemelhança na creaçaõ do homem. O. 6. Quanto mais comem do paõ da liberalidade do Sacramento, mais o deſejaõ comer os mortos da ſua fome. S. 14.

Liçaõ. He neceſſaria a dos muytos modos de ver ao eſpelho: aſſim como a da muyta diverſidade de viſtas de olhos. N. 11. He muyto importante a que faz obrigados à obediencia. O. 5. A da oraçaõ he mayor obſequio para Deos, do que he a meſma oraçaõ. O. 28. & ulteriùs.

Lida. Póde parecer deſcanço: & a luta abraço. S. 23.

Lingua. Sem que ella, nem a boca fallem; os peccados occultos ouvem-ſe. S. 11. Mais linguas do que ouvidos, ſaõ neceſſarias, para a verdade ſer crida. V. 10.

Linhas. Quaes ſaõ as da circumferencia das culpas para o ſeu centro: & as do centro para a ſua circumferencia. P. 11.

Longes. Os do peccado, tanto ſe devem temer, como os pertos. M. 7. & 8. No deſprezo dos ſeus longes eſtaõ os ſeus pertos. M 22 Quam ponco diſtaõ às vezes dos pertos eſtes longes. N. 8. Os cegos do peccado podem ter a ſua culpa perto, & a cauſa vir de longe. P. 3.

Lucro. Aſſim como o ha no ganho, tambem o póde haver na perda. N. 22.

Lugar. Quanto he eſtendido o do peccado. M. 8. E tambem quanto he comprida a ſua medida, ibid. Lugar de alivio, póde-o ter a ſolidaõ, & naõ o ſolitario. S. 4. & ulteriùs.

Luz. Tambem tira a viſta, ainda que faça ver. N. 11. Tanto ſe acha no ſangue, como na virtude. O. 20. & 21. E tanto importaõ para a conta as obras luzidas por ſangue, como por virtude outras. ibid. Para a prègaçaõ tirar fruto, a eloquencia ha de ſer luz. P. 5. Naõ ſe crè a verdade, por cegar com a ſua meſma luz. Q. 22. Os peccados, que ſe fazem à ſua viſta, ſaõ mayores, que os feytos antes, ou depois de ella os dar a ver. R. 8. Bem podem luzir muytos no meſmo tempo, & mais naõ terem todos a meſma luz. S. 19. He

o meſmo, que verdade: ou a verdade o meſmo, que luz. V. 5.

M

Mãy. NAõ póde ſer adoptiva, a que naõ ſe parecer com a natural. M.11. & deinceps. A de Deos, mais he adoptiva dos homens pelo titulo da Miſericordia, do que por outros muytos titulos. ib. Qual he a de dous filhos, hum inimigo do outro. O. 26. & 27. Naõ ſeria tam grande o Imperio da Mãy de Deos, ſe foſſe ſó de Anjos, & naõ de homens. R. 28. & ulteriùs. E quanto eſta ſoberana Rainha tem de Mãy, tanto tem de miſericordioſa. R. 37.

Mal. O da culpa taõ nocivo he depois de crecido, como em quanto vay crecendo. M. 1. Tambem ſe deſcobre, fazendo bem. M. 18. Debaxo da ſua contingencia eſtà o ſeu dano certo. M. 22. & 23. Os que querem mal, vem como querem. O. 8 & ulteriùs. Póde ſer mal obrado, o que parece boa obra. O. 22. De nenhum medo ſe ha de ter como bem, o q̃ em todo o tempo faz mal. O. 24. Naõ ha mal, a que ſe naõ tome o pezo. Q. 16 Naõ he neceſſario ſer hum mao, para outro ſer bom. Q. 28. Aos que vivem deſencaminhados, naõ ha quem lhes diga o mal, que fazem, & o bem, que perdem. R. 1.

Manchas. Quem as poem nos outros, em ſi meſmo as poem. N. 13. & 14.

Mandato. Do amor deſvelado, & no meſmo tempo deſcançado. M. 14. & deinceps.

Mando. O ſeu meſmo tempo, he o dos ſeus pezares. T. 3. O dos validos ha de ſer ſubordenado. V. 4. E nem por obrarem reprimidos, deyxa elle de ſer grande. ibid.

Mantimentos. Os do Demonio, ou ſaõ os de que elle come: ou os que outros comem por elle: ou os que elle de ſi meſmo faz, para ſe dar a comer a outros. M. 21. & ulteriùs. Se os Pays faltaõ com elles aos filhos, ſaõ indignos do ſeu nome. N. 5.

Mãos. A de Deos tanto ha de ſer temida dos ſeus favorecidos, como dos ſeus caſtigados. M. 10. & ulteriùs. Nem ſempre as muyto poderoſas obraõ com todo o ſeu pode. M. 18. Naõ as tem milagroſas, o que naõ guarda a ley quando obra. O. 10. Tambem haõ de obrar as mãos, quando ſe pede a Deos o concurſo da boa obra. O. 25. Quem enſina a levantar as mãos para orar, eſſe he o que faz a oraçaõ. O. 28. Como ſe póde ter maõ no tempo. Q. 5.

Os mais favorecidos das mãos de Deos, devem ainda temer ſer delle caſtigados. Q. 9.

Mar. Do das culpas, ſaõ as ondas os meſmos culpados. N. 8. No das virtudes naõ perigaõ os que o navegaõ. N. 10. E no das dores poderàõ haver naufragados, mas naõ perdidos. ibid. As ondas do mar das culpas por ſi meſmas amanſaõ, naõ parando as mãos, que as cortem. O. 25. Menos riſco correm os ſeus navegantes na ſua navegaçaõ, do que ſobre a ancora. P. 8. & ulteriùs. Do das culpas, ainda os ſeus naufragados podem ſair delle ſalvos. P. 9.

Medicina. Póde ſer para morte contingente, ſendo preparada para remedio certo. M. 22. & deinceps.

Medida. Como ſe mede a perda da alma pelos intereſſes do mundo. Q. 17. Quam nocivas ſaõ as medidas dos noſſos deſejos, ainda quando a couſa deſejada parece, que as faz cheas. Q. 18. E as dos murmuradores, como ſaõ erradas, ainda parecendo juſtas. Q. 27. Como ſe enchem as do deſejar, & ſeguir a Deos. V. 12. Só nos homens, & naõ em Deos, tem lugar as da vingança. V. 16.

Mentiras. Quando fazem olhar para as verdades. Q. 22. & 23.

Mercancia. Muytas vezes naõ he de muyto preço; ainda ſendo a couſa comprada muyto preciosa. M. 24. Qual he a que ſe faz entre Deos, & o homem. O. 13.

Merces. As que devem ſer mais eſtimadas, ſaõ as que ſe naõ devem. M. 25. & deinceps. Pede-as por juſtiça, quem com fé as pede. O 12.

Merecimento. Quanto diſta o alivio deſejado, do merecimento do deſejoſo. P. 9.

Meſtre. Melhor he a liçaõ do que enſina a orar, do que a do que diz, como ſe ha de crer; & do que a liçaõ do prégar. O. 29.

Meza. Ainda os forçados a vir à de Deos, podem ſer dignos della. O. 5.

Milagres. Como parece, que ſaõ cridos os que fazem os louvadores apayxonados. P. 16. Tambem os ſubditos os fazem, ſe os fazem os Superiores. S. 1.

Milagroſos. Parece, que o querem ſer os obſervantes da ley no meſmo tempo, em que o naõ ſaõ. O. 10. E tanto o ſaõ os obedientes, como os ſeus exemplos. O. 11. & deinceps.

Myſterios. Os do engano com capa da verdade. Q. 23. & 24. Os dos enganados com a tentaçaõ. Q. 26.

Modos. Tantos ſaõ os de ver ao eſpelho, como os da diverſidade

de de olhos, que a elle ſe vem. N. 11. Aſſim como ſaõ diverſos os de fazer cegueyras pondo nodoas nos que as naõ tem. N. 12. & ulteriùs. Por quantos modos ſe conſidera o valor da honra. O. 18. & 19. Dous ſaõ, os de hum ſer mao comparado cõ quem he bom. Q. 27. Como he poſſivel o deter, & o de naõ ter no meſmo tempo. V. 14. Quaes, & quãtos ſaõ os de hum ſe vingar, depois de ſe ter vingado. V. 17

Moedas. Saõ as boas obras na terra, para ſe fazerem as compras do Ceo. O. 13. & ulteriùs. Podem eſtas ſer adulteradas, parecendo legitimas. O. 14.

Monſtro. O do peccado mortal tanto ſe deve temer ao longe, como ao perto. M. 7. & deinceps. Por quantas razões he monſtro. M. 8. & 9. Quantas vezes he monſtruoſo o parto do odio, quando he filho da verdade. O. 26. Tambem a vingança he monſtro. Z. 9.

Morte. A lembrança da que eſtà por vir, naõ he menos importante, que a memoria da que jà veyo. M. 5. & ulteriùs. Tanto a dà, quem tira a vida, como quem a naõ guarda. M. 16 & deinceps. Tantos ſaõ os aviſos da ſua certeza, como os correyos da ſua vinda. M. 23. Só depois da morte ſe labe o muyto, que pèza o nada; & o pouco, que péza o tudo. N. 20. Tambem os peccados morrem, & vivem: & de que modo. P. 15. Como ſaõ ſonos as mortes dos peccadores: & ſaõ mortes os ſeus ſonos. Q. 13. Quantas ſaõ as màs inclinações dos homens, tantas ſaõ as ſuas mortes. Q. 26. Melhõr he o temor da morte, ſendo antes, que depois. R. 7. & 8. Huma ſemelhança da morte, he o Reyno, ainda quando vivo. R. 14. & ulteriùs. E o Rey padece duas mortes. R. 16. Tambem a fartura póde matar, aſſim como a fome mata. S. 3. Qual he a morte dos ingratos do Sacramento, tendo nelle para ſi vida. S. 15. A morte de Chriſto no Sacramento apurou mais a fineza da morte na Cruz. V. 13. E tambem o deſejo daquella afinou o deſejo deſta. ibid.

Mortos. Os que jà o ſaõ para o mundo, tambem para elle devem ſer enterrados. M. 13. & deinceps. Como o ſão, ou não ſão os peccados. P. 15. Os corpos antes de mortos, ſão ſepulturas das almas. R. 21.

Movimento. Qual he, ou não he, o do peccador no profundo das ſuas culpas, que o detèm nelle. P. 10. & 11.

Mudez. He enfermidade, & pó-

de ſer ſande. M. 17. & ulteriùs. Hũa couſa he o não fallar,& outra couſa he o emmudecer. S.17. Tambem os mudos dizem verdades, & as ouvem os ſurdos. V.11.

Mundo. He mais liberal para a vida, que para o goſto. M. 3. & 4. Aſſim como ha nelle mortos, & enterrados, tambem os ha para elle. M.13. & ulteriùs. Ha nelle mar das culpas, aſſim como ha mar das ondas: & quam pouco ſe temem os bayxos, ondas, & naufragios do mar, que fazem as culpas. N. 8. & 9. O que dizem aquelles, que deyxàráo o mundo, para commutarem as ſuas obras pelo ſeu premio. O.12. Como haõ de ter o que tem, os que no mundo deyxàrão de ter. O.24. Quanto pezáo o mundo, & mais a alma. Q.16. Quaes ſaõ os pedaços do mundo, ſeparados do ſeu todo. ibid. Naõ baſtaõ as ſuas linguas, para a verdade ſer conhecida. V.10.

Murmuradores. Tanta guerra ſe fazem a ſi, como aos murmurados: & tanto ſangue nelles, como em ſi. P.21. & 22. Tambem tem olhos de medir no ſeu mao ver. Q.27.

Naſcimento. NDE quam longe vem o do mar das culpas. N. 9. Os de grãde naſcimento haõ de ſer, & não haõ de ſer nuvens. N. 21.

Nada. No meſmo tempo he tudo, & o que he tudo, he nada. N. 19. & ulteriùs. Quanto pèza o nada do mundo todo, & o muyto da alma ſó. Q.16. Tambem do nada ha zelo. Z. 13. & ulteriùs.

Natureza. Os ſeus cegos, ainda vem mais que os do odio. O. 8. O que dizem os herdeyros do ſeu eſplendor, conferindo o preço das ſuas obras com o do ſeu premio. O. 20. He muyto arriſcada a conta dos dotes da natureza, ainda ſendo certos os ſeus dotes. Q.21.

Naufragios. Como livraõ delles os que navegão o mar das paixoẽs. M.20. Dos improviſos tanto ſe livra, quanto ſe temem. N. 8. & ulteriùs. Não os fazem, os que navegaõ o mar das virtudes: aſſim como os fazem os navegantes do mar das culpas. N.10.

Negaçaõ. A de ſi meſmo, de todo o modo a ha de ter, quem de nenhum modo ſe quer ter a ſi meſmo. V. 13. Até a do ter ha de ſacrificar, quem a Deos quizer ſeguir. V.15.

Negociaçaõ. Tambem traz lucro na perda. N.22. & ulteriùs. Qual, & como he a celebrada entre Deos, & o homem. O.

13. Reyno ſem negocio, he Reyno morto, & mais cadaver. R.20. & ulteriùs.

Nobreza. Quanto mais alta, mais arriſcada. N. 11. & ulteriùs.

Nodoas. Aſſim como fazem cegueyra, tambem dão viſta. N. 12. & ulteriùs. E não ſó quãdo ſe poem os olhos nas proprias, mas tambem nas alheas. N.17. & deinceps.

Noyte. Como falla huma com outra: & tambem hum dia com outro dia. P.10.

Nome. Quanto mais grande, mais cuſtoſo. N. 1. & deinceps. Nem ſempre o nome de Jeſus val a quem o toma na boca; porque o não tem no coração. Q. 2. O de Rey, he muytas vezes mais cuſtoſo, que venerado. R.5.

Nomeaçaõ. A de miſericordioſos, he a que paſſa a Máy de Deos lhe faz os verdadeyros filhos adoptivos. M. 11. & 12. Cada hum dos nomeados no mundo, ha de obrar conforme o ſignificado do ſeu nome. N.1. & ulteriùs.

Numeros. He mais importante o dos annos futuros, que o dos paſſados. N. 23. & deinceps. Quanto importa ſabermos, ſe ſomos do numero das ovelhas não buſcadas, depois de perdidas. P. 7. Como ſe faz de hum dou-. P. 16. Podem parecer ajuſtados, ſendo errados. O. 21. O numero dos Reys condenados, & o dos ſalvos. R. 15.

Nuvens. Taes hão de ſer, & não hão de ſer os grandes do mundo. N.21. & deinceps.

O

Obediencia. DEyxar de a fazer cumprir, he o mais rigoroſo modo de caſtigar. O.5. Tanto perſuade ſendo exemplo, como preceyto. O.11. & deinceps.

Obras. A conſideração das chegadas à morte, he a que melhor ordena as da vida. O.1. & ulteriùs. Sendo muytas, & não boas todas; não dão valor à virtude, ainda que o pareça. O.13. & deinceps. E tambem ſendo hũa ſó, & não de todo boa. ibid. Nem ſempre ſaõ boas, as que o parecem. O.17. Como deyxaõ de ſer as que jà foraõ. O. 22. As de Chriſto tanto tinhão de doutrina, como de myſterio. Q 6. Naõ livrão do juizo dos homens, nem ainda as obras de Deos. Q 7. Se ſaõ boas, prendem o tempo: & voa, não ſendo boas. T. 10.

Obrigaçaõ. A que ſe faz a Deos, he mais apremiada, que cuſtoſa. O. 6. & deinceps. He obrigação obrar milagres, ſe a fé os pede ao milagroſo. O. 12.

Ocio. No meſmo tempo o tem, & o não tem o peccador. M.8. Bem póde eſtar juntamente com o desvelo. M.15.

Odio. Os ſeus cegos nem ainda com a verdade authorizão a ſua cegueyra. O. 9. & 10. He filho de boa Máy, & inimigo do melhor Irmaõ. O.26. & deinceps. Elle, & mais o amor, ſaõ dous extremos, que no Sacramento, tam lembrado he hum, como outro. Q. 4. Os cegos do odio mais ſofrem a viſta da razão, que a razão da cegueyra. R.2.

Offenſa. A ninguem offende aquelle luminoſo, q̃ não quer luzir mais do que luz. S.19.

Olhos. Tambem ſe cegaõ com a luz. N.11. Revelão os ſegredos do coraçaõ. N.15. & 16. Os do inimigo ſaõ no meſmo tempo cegos, & lynces. O. 8. & deinceps. Como haõ de olhar, & deyxar de olhar, os que ſem legitimo zelo querem zelar. O.10. Quando podem parecer, que ſão de homens os olhos de Deos. Q. 10. & deinceps. Porque nós não pomos os olhos em Deos; os não poem Deos em nós. Q.14. Como ſaõ parecidas a cegueyra, que vem da luz para os olhos, & a que vay dos olhos para a verdade. Q.22. A ganancia delles fechados, conſiſte em não ſe ver, ainda não deyxando de haver viſtas. R.10. Hũa couſa he o não olhar, & outra couſa he o não ver. S. 17. Ha lagrimas, que afogão os olhos: & lagrimas, que elles vertem para ſeu deſafogo. S. 24. Mais lhes cuſta deſatar as lagrimas, que perder de viſta os bens. V.14.

Ondas. As do mar moſtrão como ſe hão de curar as do animo. M.20. As do mar dos peccados ſaõ os meſmos peccadores. N.8. Levão para o baxo do ſeu mar aos Adoẽs, & Evas, que nelle naufragão. N.9. Das do mar das culpas tambem não livrão os que não nadão. O.25. & ulteriùs.

Opiniaõ. He a melhor, a que ſe tem da merce, que não he divida. M.26.

Oraçaõ. Grande obſequio para Deos: mas a ſua lição, ainda mayor obſequio. O.28. & deinceps. O que ſe intereſſa com a oração da Ave Maria. R.31 & deinceps. Poſto que faz eſtar preſente a Deos, não baſta para a emenda do vicioſo. V. 20.

Ouvidos. Fecha-os aos aviſos da morte, quem não attende aos ſeus correyos. M. 23. Tam claro a elles, como aos olhos, ha de fallar o Prègador aos que o vèm, & aos que o ouvem. P.5. Qual he o rumor, que mais ſoa, & que menos ſe

guve.

ouve. R.27. Ouvemſe os peccados, ainda ſem ſe dizerem. S.11.

P

Paciencia. ASſim como he deſpojo do corpo, he poſſe da alma. P. 17. & ulteriùs.

Paga. Naõ a faz o pagador, como merce; ſe deve o que paga. M.26.

Pay. Desdizem do ſeu nome, os que nâo fazem o que elle diz. N.5. Quanto Deos tem de Pay, tanto tem de miſericordioſo. R. 37. No de familias tambem póde haver vinganças. V.9.

Payxões. Como ſe haõ de curar as do animo. M. 20. Saõ a tormenta do mar das culpas. N.8. Tanto ſe condena a demaſiada do louvor, como a dò vituperio não demaſiada. P. 16. Com a do odio faz parelha a do amor. R.2.

Palavra. A de Deos, quando he ſemente, póde conſiderarſe como boa Máy de mao filho. O.26. Ha de dar a ver a Deos, & tambem luz, para que ſe veja. P.5. He vocabulo da oraçaõ, & nella produ&tivo de outros vocabulos. P. 19. & ulteriùs. A mà ſemente da palavra do homem nunca cae em terra boa. P. 19. Poucas palavras podem vencer muytas tentações. T.8. & 9. A palavra de Deos depende de certa terra, para dar fruto. V 5. 6. & 7.

Partos. Os da inveja, & os do odio, já tem começado deſde o tempo das ſuas conceyções. P.3.

Paſtor. O mais vigilante, he o que não perde a ovelha, ainda depois de perdida. P.7.

Peccadores. O profundo das ſuas culpas, he o ſeu coſtume. P.10 & ulteriùs. Nunca hão de deſeſperar da ſua emenda, ainda que lha não promettão os ſeus peccados. P.12. & deinceps. Os ſeus annos, & os ſeus dias podem parecer bons, & ſer maos: ou ſer bons, & parecer maos. Q.12. Como ſaõ os ſeus ſonos mortes, & as ſuas mortes ſonos. Q.13. He o peccador a alma de ſi meſmo. R.19.

Peccados. O mortal, como, & quando ſe ha de medir, para melhor ſe temer. M.7. E tambem como, & quando ſe ha de pezar. M.8. Como anda, & como pàra. ibid. Fazem o mar das culpas, & tambem as ſuas ondas, os ſeus bayxos, as ſuas tormentas, & os ſeus naufragios. N.8. Como ſe diz ſer nada o muyto, que he o peccado. N. 20. E quando eſte parece caſual, ainda póde ter cauſa. P.3. Sendo o mar dos peccados tam tormentoſo, daõ nelle

le fundo os ſeus navegantes muyto ſoſſegados. P. 8. & deinceps. E ſe eſtes naufragarem, bem poderão ſaber, ſe ainda ſahirão ſalvos. P. 9. Qual he o centro dos peccados: & quanto póde a força do ſeu coſtume. P. 10. & ulteriùs. Os eſcondidos na Confiſſaõ, ficão manifeſtos: & os que nella ſe manifeſtaõ, ficão eſcondidos. P. 15. Os que ſe fazem à viſta da luz, que os deſcobre, ſao peyores, que os feytos antes, ou depois de os deſcobrir a luz. R. 8. Saõ ouvidos os peccados, ſem o peccador os dizer. S. 11.

Pejo. O peccador, que livra de hum, por ſe não confeſſar; padece a confuſaõ de muytos, ainda que ſe não confeſſe. P. 15.

Pena. A do Delator malevolo, he a ſua meſma maldade. P. 1. & deinceps. A meſma pena do julgado, he gloria do julgador. S. 2. He tormento mayor, padecer a pena à viſta do alivio. S. 4. A meſma pena tanto ſe póde padecer nos olhos, como na alma. S. 6. A pena da ſoledade faz deſcançar ſobre a meſma pena. S 22 & deinceps. Póde-ſe ter por caſtigo a pena, que o não he. V. 17.

Perda. A que já teve a alma, ainda a póde tornar a ter. M. 6. Tambem nella póde a alma intereſſar ganhos. N. 22. Mede-ſe a perda da alma pelos intereſſes do mundo. Q. 17. E qual he tambem a dos erros da ſua conta, quando parece, que nella ſe intereſſa. Q. 19. & 20.

Perdaõ. Quando parece, que ſaõ perdoens os caſtigos da mão de Deos: & caſtigos os ſeus perdoẽs. Q. 8. & deinceps.

Perigo. Quanto menos temido, mais certo. M. 22. Quem livrou do primeyro, ha de temer o não livrar do ſegundo. N. 8. Naõ póde deyxar de o ter a nobreza, ainda que poſſa livrar delle. N. 11. & deinceps. No tempo da tribulação, não eſtá o mayor perigo em dormir o atribulado. T. 2.

Petiçaõ. A da merce com fé, leva por obrigação o deſpacho. O. 12.

Pezo. No meſmo tempo o tem, & não tem o peccado. M. 9. Qual he o do nada, & o do tudo. N. 19. & ulteriùs. Quanto pèza o deſprezo dos peccados. P. 1. & deinceps. A todo o mal ſe póde tomar o pezo. Q. 16. Quam inſeparaveis ſaõ no mundo, deſcanço, & pezo. T. 3.

Pò. Os que no mundo o hão de ter, devem lembrar-ſe dos que

que já nelle o foraõ. M. 5. & ulteriùs.

Pobreza. Como ſendo a noſſa tam grande, Deos ſe eſquece tanto de nós. Q. 15.

Portas. Para ſe entrar pelas do Ceo, he neceſſario ſaber bater a ellas cá na terra. N. 6.

Poſſe. Ainda depois de lograda, ha de ſer apetecida. P. 6. & ulteriùs. A da alma he a paciencia. P. 17. & 18.

Pratos. Quaes ſaõ os da meſa do Demonio, & os de que elle poem aos homens a meſa. M. 21. & ulteriùs.

Preceytos. Quem não guarda os da ley, não faz milagres na meſma hora, em que os não guarda. O. 10. Tanto perſuade a obediencia ſendo exemplo, como ſendo preceyto. O. 11. & ulteriùs.

Predeſtinaçaõ. He ſua figura o Religioſo, conſiderado como ao mundo morto. R. 9. & deinceps. Em menos final, que ſignificado, podem ſer diviſados reprobos, & predeſtinados. S. 7. & 8.

Prègador. O ſeu Sermão, aſſim como for alto, ha de ſer claro. P. 5 Tanto póde perigar o fruto da prègação nos ouvintes, como no Prègador. T. 12. & 13. Pela Fé do Prégador vive a Fé dos que ouvem a prégação. T. 20. & 21. E o meſmo ſe póde dizer, quando o Prègador he do inferno, & os ouvintes ſaõ da Igreja. T. 22. Primeyro nelle, que nos ouvintes, ſe eſperdiça a ſemente da palavra de Deos. V. 7. Quando perſuade melhor. V. 11.

Prelados. Em zelar merecimentos, devem ſer promptos: & em os premiar, vagarоſos. P. 4.

Premio. He de muyto cuſto, o que Deos dà por obrigações cuſtoſas. O. 7.

Preſença. A ſua falta, he parecida com a da alma. S. 5. A de Deos não converte aos que não querem a converſaõ. V. 18. & 19.

Principe. O ſignificado do ſeu nome he o cuſto da ſua obrigação. N. 4. Deve de o ſer o Prelado da Igreja no meſmo tempo que he Paſtor das ſuas ovelhas. P 4.

Principio. Se não he bom, logo diſpoem para o mao fim. O. 1. & deinceps. Tanto nos importão as obras do fim, como as do principio. O. 3.

Q

Quareſma. O Melhor, & o peyor tempo do anno. Q. 5.

Queda. Depois de previſta, ha de ſer divertida. M. 22. E quem ſe levanta da primeyra, ha de fugir de dar ſegunda, ſe

ſe quizer livrar de moytas. Q. 1. Como caem os ſacrilegos do Sacramento: & cahirão os da prizão de Chriſto. Q. 3.

Queyxas. Saõ reprovadas as que ſe fazem por falta de merces, que ſaõ dividas. M. 26. & ulteriùs. Amor queyxoſo. S. 13. & deinceps.

Queſtaõ. Das deſculpas dos peccados dadas a Deos. Q. 6. & ulteriùs. Do que Deos obra. Q. 7. & deinceps. Dos que parecem deſcuydos de Deos. Q. 13. & ulteriùs. Do preço da alma. Q. 16. & deinceps. Da verdade de Deos, & incredulidade dos homens. Q. 22. & ulteriùs. Dos juizos dos homens. Q. 27. & deinceps.

R

Rainha. A Santiſſima, & ſoberaniſſima dos Anjos, não ſeria tam grande, ſe o não foſſe tambem dos homens. R. 28. & deinceps. A Oração da Ave Maria a conſtitue Rainha. R. 32. Tanto defende aos do Reyno, quanto nelle reynão. R. 37.

Rayo. Temeſe, quando ſe não ha de temer. R. 6. & deinceps.

Razaõ. Mais a admitte o odio, quando viſta, do que quando examinada. R. 2. He a melhor medida da honra. R. 4. A de hum ſe não vingar, he mayor, que a de vingarſe. V. 16. & 17.

Redempçaõ. Tanto monta, como remedio. R. 25.

Redemptor. Quanto cuſtou, & pezou ao dos peccadores o peccado dos homens. M. 9. & ulteriùs.

Rey. Ha de ſer Profeta do caſtigo, & mais do premio. N. 3. Nome muytas vezes mais cuſtoſo, que venerado. R. 5. O Rey ha de viver, como reynar; & reynar como vive. R. 15. Vive ſujeyto a padecer duas mortes. R. 16. Será ditoſo, ſenão for o ſeu Reyno morto. R. 23. Se Rey, & pedir, não he abater, ſe entreveyo o amor. R. 37.

Reyno. He huma ſemelhança da vida, & mais da morte. R. 14. & ulteriùs. E tambem do corpo, & do cadaver. R. 21. 22. & deinceps. Tanto monta, não ſer do Reyno de Maria Santiſſima, como não ſer do Reyno de Deos. R. 30. O da Mãy de Deos não ha de ter fim. R. 35. E qual he o Reyno, que lhe pedem os devotos do ſeu Roſario. R. 38.

Religioſo. He figura propria do predeſtinado, quando para o mundo morto. R. 9. & ulteriùs. Mas não com ſignificativo infallivel, ainda que com o certo. R. 12. E poder não ſer certa a ſua predeſtinação individuada;

dividuada ; he confirmalla na commua. R. 13.

Remedio. O da enfermidade da alma he o ſeu ſegredo. M. 19. Tambẽ ſe ſegura cõ hum o outro. R. 25. Póde-o ter no caſtigo o ſoberbo deſcuberto. S. 12

Renovaçaõ. Faz, que torne a ſer o que jà foy. O. 22.

Reprehenſoens. As de Deos, no meſmo tempo, em que ſaõ caſtigos, tambem ſaõ favores. R. 3. Saõ bem merecidas as do zelador irado. Z. 6.

Repreſentações. As do entendimento ſuſpeytoſo das culpas imaginadas nos outros, ſaõ tormentos de hum inferno ſeu. N. 14. & 15.

Requerimentos. Os da fé, deſpachaõſe por obrigaçaõ. O. 12.

Reſpeyto. Nem por ſer muyto grande, he ſempre por iſſo o melhor. R. 1.

Reſurreyçaõ. A que he para haver nova vida, não he ſegurança para não haver nova morte. M. 4. Quanto he mais difficultoſa a da morte do peccado para a graça, que a da morte do corpo para a vida. M. 13.

Retrato. Quando, & como o he o homem de Deos. O. 6. Retrato do Reyno na vida. R. 15. E na morte. R. 16. & 17. E na alma. R. 18. O retrato mais proprio de cada hum de nós, he a alma de cada hum. R. 18. O do Reyno, no corpo. R. 21. & ulteriùs. O Reyno he o do Rey : & o Rey he do Reyno. R. 23. Retrato do corpo de Chriſto. V. 24.

Ricos. O que dizem a Deos, para lhes dar a gloria pelo que elles lhe dão. O. 14. De quãtos modos ſaõ as medidas dos deſejos laços dos ricos. Q. 18.

Riſcos. O que dizem a Deos os que vivem arriſcados a perder a alma, por ſe renderem aos apretites do corpo. O. 15. Quaes ſaõ os da commutação do valor da honra pelo valor do premio. O. 19. Quantos tem o ajuſtar a fineza do deyxar com a do ſeguir, nos que deyxaraõ o mundo, para ſervir a Deos. O. 23. & 24.

Roſario. Os ſeus devotos, ſaõ os eſcolhidos do Reyno da Mãy de Deos. R. 33. E diſcorreſe ſempre com as conſiderações de Rainha em todos os quinze Myſterios do ſeu Roſario. ibid. Os devotos do Roſario coroão com elle a ſua Rainha Santiſſima, & ſe confeſſaõ Vaſſallos ſeus. R. 35. Pedem os devotos do Roſario à ſua Rainha, ſer do ſeu Reyno; aſſim como pedem a Deos, ſer do ſeu. R. 38. Quanto podem vencer os Terços do ſeu Roſario. R. 39.

Rumor. Mata ſem ſer ſentido. R. 26. & ulteriù.

Sacerdotes. QUaes ſaõ as obrigações do ſeu nome. N.6.

Sacramento. Dirige para hum novo, quem enſina a ter oração. O.29. & 30. No meſmo tempo, em que nelle temos a Deos, neſſe o eſtamos deſejando ter. P.6. O ſacrilegio da Communhão Sacramental, não ſó he atrevimento: tambem he queda. Q.3. Os ſacrilegos do Sacramento tambem ſopprem o que faltou na payxaõ de Chriſto. Q. 4. Theatro do amor queyxoſo. S.13. & ulteriùs. Os ſacrilegos do Sacramento, tanto pagàraõ o ſacrilegio occulto, como o publico. T.21.

Sangue. Os detrahentes o fazem em ſi, & mais nos outros. P. 21. & 22.

Santidade Não he o meſmo deſfazer na alhea, que fazer a propria. N.12.

Saude. Tambem ſe acha na enfermidade. M.17. & ulteriùs.

Segredo. Parecendo cubertura do mal, póde ſer a ſua revelação. M. 18. Mais depreſſa ſe póde ſaber fechado no coração, do que proferido pela boca. S.9. & 10.

Seguimento. O de Deos faz deſejar ter, para por elle ſe deyxar. V.13. Nem a ſi ſe hade deſejar ter, quem nelle quizer andar. ibid.

Semelhança. Quando Deos nos dà a ſua, nos faz nella o noſſo mayor premio. O.6. Tanto monta ſer ſemelhante ao Reyno do Ceo, como ſer o eſcolhido para elle. R.10. & ulteriùs. A alma de cada hum de nós he a couſa mais parecida comnoſco. R.18. & 19. Dor ſem ſemelhante. S.5. A mais nobre, he a mais cõmunicada. S.19. & ulteriùs.

Semente. He tambem a palavra do homem: & muyto mà ſemente. P.19. & ulteriùs. A da palavra de Deos tambem ſe perde, & por muytos modos. V.5. & 6. E tambem ſe perde, antes de ſe lançar onde ſe ha de perder. V.7.

Sentença. Dada com juſtiça, he coroa de quem a deo. S.2.

Sentidos. Tanto ſe póde intereſſar, como perder na ſua negociação: como ſe vè na perda, & ganho na negociação dos talentos. N.22.

Sepulturas. Tambem o ſaõ das almas, os corpos. R.21. E principalmente os corpos dos ſolitarios. S.22.

Serviços. Não ſe haõ de dizer remunerados com aquellas merces, que ſe conſideraõ pagas. M.26. O ſeu ſignificado he obrigação de amantes. N.2.

Silen-

Silencio. Tambem póde ſer culpa: aſſim como a ſua falta póde ſer virtude. M. 17. Ha de fazer cegos, para que faça ſilenciarios mudos. S. 17. & deinceps.

Sinaes. Saõ apontadores por fóra dos peccados de dentro. N. 15. & 16. E quaes podem ſer dos predeſtinados. R. 9. & ulteriùs. Podem ſignificar menos do que dizem: & ſer mayor o ſignificado, que o ſinal. S. 7. & 8.

Soberba. O primeyro bayxo do mar das culpas, & do primeyro naufragio dos que o navegàraõ. N. 9. Os ſoberbos occultos não podem fugir ao caſtigo: & os deſcubertos podem ter no caſtigo remedio. S. 12. Não he poſſivel, que hum ſoberbo ame a outro ſoberbo. Z. 13.

Solidaõ. Póde haver para ella alivio, & não para o ſolitario. S. 4. & deinceps. Deſcanção os ſolitarios ſobre a pena da ſolidaõ. S. 22.

Sombras. As do eſplendor da nobreza, tanto o ſeguem, como perſeguem. N. 11. & deinceps. As da obediencia ſó por ſombras, qual he o exemplo do obediente, ſaõ tam milagroſas, como elle he. O. 11. & 12. Nem toda a ſombra he boa. P. 16. Quando a da mentira faz olhar para a verdade. Q. 22.

Sonho. O do aggravo ſó baſta para a vingança. V. 17. E não ſó o proprio, mas ainda o alheyo. ibid.

Sono. Tambem o tem Deos para nós: aſſim como nós o temos para Deos. Q. 13. & ulteriùs. Em dormir o atribulador, tem o ſeu mayor perigo o atribulado. T. 2.

Superiores. O ſeu nome no meſmo tempo diz quanto honra, & quanto péza. N. 3. Haõ de eſperar dos ſubditos o exercicio das ſuas virtudes, & hão de ajudallos com as ſuas. S. 1.

Suſpeyta. A das culpas alhea he conceyção das proprias. N. 14 He parecida com o inferno: & ainda com mayor deſordem nas penas deſte, do que a deſo dem das penas do outro. N. 14.

Suſtento. Tambem o demonio o faz de ſi meſmo, para o dar em mantimento a outros. M. 21. O da mais nobre meza, he o do mais levantado cuſto. N. 4. Tanto dano póde fazer o demaſiado, como o diminuto. S. 3.

T

Temor. TAnto ſe ha de ter da morte paſſada, como da futura. M. 5. E de qual ſe ha de ter mais lembrança. M. 6. Ha de ſer o do peccado, como de monſtro.

M. 7.

M. 7. & 8. E não ha de ſer mayor o dos caſtigos da mão de Deos, que o dos ſeus favorecidos. M. 10. & ulteriùs. Quanto deve ſer o temor dos que deyxàraõ o mundo, para ajuſtarem o válor das ſuas obras com o do ſeu premio. O. 22. & 23. Quanto ſe devem temer as culpas, que Deos ſabe de nós, & nós ignoramos. Q. 6. Temeſe o rayo, quando ſe não ha de temer. R. 6. & ulteriùs. Não tem que temer armas de inimigos, os que no Roſario da Mãy de Deos tem em ſua defenſa os ſeus Terços. R. 39. O inimigo tanto tem de atreyçoado, quanto de temeroſo. T. 7. Quanto ſe deve ter da verdade, quando ella argûe. V. 11.

Tempo. O do ſilencio póde ſer o da culpa. M. 17. O meſmo, em que ſe poem nodoas alheas, he o em que ſe encobrem as proprias. N. 12. No meſmo he nada, o que parecia ſer tudo. N. 19. & ulteriùs. Hum toma Deos para ſi, & nós tomamos outro para nós. O. 2. Tres ſaõ os tempos, em que o peccador ſe póde ver livre das prizões das ſuas culpas. P. 12. & deinceps. Qual he o melhor, & o peyor do anno. Q. 5. Foge, & prendeſe. ibid. Todo o tempo, que tarda a reprehenſaõ, he detença do perdão. R. 3. Tanto o rayo, como a morte, hão de temerſe a ſeu tempo: & não depois do ſeu tempo paſſado. R. 7. E tambem o temor do peccado, he melhor o de antes, que o de depois. R. 8. Ainda que voa, pára; ſe o que nelle ſe faz, pára, & não voa. T. 10. A ſua eleyção, para obrar o Valido, não ha de depender ſó da ſua deliberação. V. 4. No meſmo tempo bem ſe póde deyxar, & ter. V. 14. E tambem não ter, & deyxar. V. 15.

Tentação. Com ella ſe tenta a ſi o meſmo tentador: aſſim como alguns ſe cegão a ſi meſmos com a ſua meſma viſta. N. 11. Tambem póde ſervir, para hum não ſer tentado. N. 17. Cada tentação tem ſeu myſterio. Q. 26. Tambem ſe vencem com palavras. T. 8.

Terra. Tambem tem ſuas nuvẽs: aſſim como o Ceo tem as ſuas. N. 21.

Teſtemunhas. Naõ ſaõ as de melhor prova, as do mayor numero. T. 1. Tambem os vicios ſaõ teſtemunhas. Q. 28.

Theſouro. Nem por ſer mayor, he para ſeu dono mayor a riqueza. T. 23. Qual he o theſouro da ira. Z. 7.

Titulo. Mais o da Miſericordia, q̃ outros muytos, faz à Mãy de Deos May adotiva dos homẽs. M. 11.

M. 11. & ulteriùs. O de Rey, he muytas vezes mais cuſtoſo, que venerado. R. 5.

Tormentos. Tambem o ſaõ as ideas do entendimẽto de hum ſuſpeytoſo das culpas ſuſpeytadas. N. 14. & 15.

Trabalhos. Mais proveytoſos ſaõ os que Deos dà; do que os deſcãços, que nós tomamos. T. 2.

Traydor. Pouco diſta de vil: & a vileza da trayção. T. 5. & deinceps.

Tratos. Os illicitos ſaõ os guizados da meſa do demonio. M. 21

Tribulaçaõ. O ſeu mayor perigo não eſtà em dormir o atribulado. T. 2.

Tribunal. Como ſe ha de ir ao da Máy de Deos. R. 31. O da Fé he parecido com o de Deos. T. 11. & ulteriùs. Quantas, & quaes ſaõ as contendas do Tribunal da Fé com os que nelle contendem. T. 19. & deinceps. Tambem a perfidia tem ſeu Tribunal: & os que a elle vaõ, ſuas ſentenças. T. 20. & ulteriùs. O Tribunal da conſciencia propria pôde ſer paraiſo, & tambem inferno. T. 24.

V

Vaidade. O Mayor inimigo, & o da mayor amizade. V. 21. & ulteriùs.

Validos. Não ſaõ os mayores, os que mais mandão, ſe não os que mais obedecem. V. 3. Não ha de ſer deliberação ſua, ter mais, ou menos maõ para mandar. V. 4. Não haõ de mandar, ſenão ſubordenados. ibid. E não deyxão de ſer o que ſaõ, ainda quando obraõ reprimidos. ibid.

Venda. Tambem o he a murmuração: & como. M. 16. Muytas vezes não aproveyta a quem a fez, nem a quẽ para ella ſe fazer, comprou. M. 24.

Veneno. He o mayor, o que faz mal ao meſmo, que o dà para mal dos outros. P. 20. & 21. Pareceſe com o rumor, quãdo he murmuração. R. 26.

Verdade. Não ſe crè, por ſer clara. Q. 22. E chega a parecer crida, quando a reveſte algũa mentira diſfarçada. ib. Tambem ſe não cre: porque o engano, com que ſe encobre, do demonio ſe participa. Q. 24. Quando ſe não abraça, não, he, porque ſe não diz: nem, porque ſe não ouve: nem, por que ſe não crè: he, porque ſe não ama. V. 5. & ulteriùs. Mais attençaõ ha de ter quem a diz, que quem a ouve. V. 10 & deinceps. Como ſe crè a ella: & como nella ſe não cre. V. 23.

Vicios. Naõ os emenda ſó o viver mais chegado a Deos, faltando a emẽda dos homẽs. V. 18. & 19.

Vida. No tempo da receyta do ſeu goſto, vem tambem eceitado

tada a ſua pena. M. 4. Tambem ha memento para os que ainda a tem. M. 6. Tanto a tira quem mata, como quem a não guarda. M. 16. & ulteriùs. As obras do ſeu tépo podem emẽdarſe cõ o tempo: & as do tempo da morte, poderãõ não ter tempo para ſe emendarem. O. 1. Os meſmos reſpeytos da vida, ſaõ às vezes os que trazem a morte. R. 1. Da morte, & mais da vida, he o Reyno hũa ſemelhança. R. 14. & deinceps. Tambem os Reynos vivem, & morrem. R. 16. & 17. Qual he a vida dos alimẽtados do Sacramento, & a morte dos ſeus ingratos. S. 15. Como vive hum pela vida do outro. T. 20. & 21.

Vileza. Aonde ella ſe achou, não deyxaõ de eſtar o infiel, & mais o traydor. T. 7.

Vingança, Qual he o melhor remedio do ſeu mal. M. 20. Tan o ſatisfaz, como deſacredita. V. 8. & ulteriùs. E mayor he no credito, que na ſatisfaçaõ. ibid. A menos apreſſada ſó póde ſer louvada. ibid. E naõ a que foy pedida. ibid. E a de hum Irmão para outro, ſempre he reprovada. V. 9. Como he monſtruoſa a vingança com roſto de zelo. Z. 9.

Vingativo. Quem o pudeſſe ſer com razaõ, mais razaõ teria, para o naõ ſer. V. 16. E ſeria mayor a ſua gloria; ſe o naõ foſſe, ainda que o pudeſſe ſer. ibid. Melhores ſaõ as razões, para nós o não ſermos. V. 17. Naõ póde haver amor de Irmãos, onde elle he vingativo. Z. 8.

Virtudes. Como, & qual ha de ſer o ſeu uſo contra os peccados. M. 7. & 8. Nem ſempre as milagroſas obraõ quanto podem. M. 17. 18. Tambem fazem ſeu mal, aſſim como os peccados fazem o ſeu. N. 10. Tambem ha quem as quer tirar aos outros, para as pór em ſi. N. 12 Naõ lhes daõ todo o valor as obras, que não ſaõ de todo boas. O. 13. & ulteriùs. Não ſó hão de moſtrar o que ſão os virtuoſos: mas tambem o que dizem as ſuas obras. O. 21 As dos ſubditos hão de ſer ajudadas pelas dos Superiores. S. 1. As do interior do homem deſcobre o ſeu exterior. S. 10. Mais ſe obra com huma verdadeyra, que com muytas ſuppoſtas. V. 1. Mais com as proprias, que com as empreſtadas. ibid.

Viſtas. Bem as podem dar as nodoas. N. 12. & deinceps. Não as podem ter as ceguey-ras, ainda ajudadas com a verdade. O. 10. Como differem, o não ver, & o não querer ver. Q. 10. A ganancia eſpiritual dos olhos fechados, cor-

ſiſte em não ſe ver, ainda não deyxando de haver viſtas. R. 10. Saõ para muyto temidos, os ſinaes viſtos, & os fins não eſperados. S. 8. Tambem dizẽ as verdades: & não ſe crem as verdades, que ellas dizem. V. 23. Quaes ſaõ as viſtas do corpo de Chriſto retratado. V. 24

Uniaõ. A que faz unir cõ Deos, & não ſó a que faz chegar a elle, eſſa he a que faz mais ſeus favorecidos. M. 10. Faz unir a alma com Deos, quem enſina a fazerlhe Oração. O. 29.

Vocaçaõ. A que he de Deos, conheceſe pelo que ſe deyxa. V. 12. Ou em deyxar hum o que tem. ibid. Ou em deſejar ter, para deyxar. V. 13. Ou em deyxar, & ter. V. 14. Ou em não ter, & deyxar. V. 15.

Voos. Quanto excedem os verdadeyros aos fingidos. V. 2. Os mais oprimidos ſão a Deos os mais agradaveis. ibid.

Vozes. Com as que ſe não ouvem, ſe deſcobrem ſegredos occultos. N. 15. & 16. As da verdade, até os mudos as formão. V. 11. E os ſurdos as ouvem. ibid.

Z

Zelador. BEm o póde ſer, tendo mudo: & deyxar de o ſer, fallando. M. 17. Ha de comer o mal, que zela. M. 18. Se tem filhos, he indigno de ſer Pay, ſe não zelar as duas obrigaçẽs do ſeu nome. N. 5. E ſe for Sacerdote, he neceſſario ſaber, como ſe abrem, & fechão as portas do Ceo, quando ſe conſidera ſer ſeu porteyro, para ſer bom o ſeu zelo. N. 6. Se quer mal, & zela o bem; nem tem olhos para ver o bem, nem para ver o mal. O. 8.

Zelo. Como vem os ſeus lynces, & os ſeus cegos. O. 10. Perſuade com milagres o zelo exemplar do obediente. O. 11. & deinceps. O puro, & verdadeyro, ſó he cuſtoſo ao zelador, & não ao zelado. Z. 1. De q̃ modo he comedor o zelo. ib. & deinc. Aſſim como no zelo comedor póde haver bõ, & mao zelo; tambem o póde haver no zelo irado. Z. 5. & ulteriùs. Ao zelo irado he ſemelhante o vingativo. Z. 8. & deinceps. E não menos, ou mais nocivo he o invejoſo, q̃ o vingativo. Z. 10. & ulteriùs. Tambem ha zelos odiados, porq̃ ſão bons. Z. 12. E tambem do nada póde haver bom, ou mao zelo. Z. 13. & deinceps.

FIM.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA